

CADERNO DE ANAIS

Título: XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra. Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver: redes de lutas antirracistas no século XXI

Número ISBN: 978-65-88329-15-3

Tipo de Suporte: Digital (eBook)

Locais: Evento Virtual

REALIZAÇÃO

Núcleo de Estudos em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais – NEGRER –

Departamento de Educação – URCA

Grupo de Valorização Negra do Cariri – GRUNEC

Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri – PROCULT/UFCA

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena do Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia – NEABI/IFCE/Juazeiro do Norte

Associação Libertária de Desenvolvimento e Educação Interativa Ambientamente

Sustentável – ALDEIAS

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

PARCERIAS

Pró-Reitoria de Extensão da URCA

Revista África e Africanidades

Núcleo de Estudos em Educação, História, Diversidade, Raça, Etnia e Movimentos Sociais –
NEEHDREM-IFE/UFCA

Movimento de Arte e Cultura do Sopé e Serra do Araripe – MOACPÉS

Cáritas Diocesana de Crato

Departamento de Tecnologia da Informação da URCA

Coletivo Camaradas

Grupo de Pesquisa Novos Ziriguiduns Internacionais e Nacionais Gerados nas Artes Visuais
– NZINGA/Curso de Artes Visuais/URCA

Núcleo de Descolonização do Saber – NEDESA/Curso de História/URCA

Mestrado Profissional em Educação

Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará – UFC

Universidade do Tennessee

Fórum Itinerante de Cinema Negro

Núcleo de História Oral, Tradições e Diversidades – NHISTAL

Mestrado Profissional em Ensino de História/URCA

Núcleo de História e Cultura Afro-Indígena e Africana/NIAFRO/URCA

Grupo de Estudo e Pesquisa de História, Cultura e Ensino Afro-Brasileiro, Americano e
Africano/GEPAFRO – URCA

Núcleo de Estudos Comparados em Corporeidades, Alteridade, Ancestralidades, Gênero e
Gerações/UFCA

Centro de Formação de Professores/Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Frente de Mulheres do Cariri

Núcleo de Acessibilidade – NUARC/URCA

Blog Negro Nicolau

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Laboratório de Imagem e Estéticas Comunicacionais – Limbo/UFCA

Programa de Pós-Graduação em Letras/URCA

Núcleo de Pesquisas em Raças, Gêneros e Performances – Coletivo Erês – Mensageiras do
Vento – Belo Horizonte-MG

Grupo Interdisciplinar de Estudo em Pesquisa em Etnomatemática – GIEPEm/UNILAB
Escola Livre Balé Baião/UECE/Itapipoca-CE

Grupo de Estudos Discurso, Identidades, Raça e Gênero – GEDIRG, Mestrado Acadêmico
Interdisciplinar em História e Letras – MIHL/UECE, Mestrado Acadêmico Intercampi em
Educação e Ensino – MAIE/UECE

Laboratório de Espaço, Memória e Cultura Aplicadas à Educação – LEMCAE/URCA

Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Estado do Ceará – ADUFC

GT de Políticas de Classe e Raça da ADUFC

GT de Políticas de Gênero e Diversidade Sexual da ADUFC

Sistema Fecomércio Ceará – Serviço Social do Comércio (SESC) Ceará e SESC Juazeiro do
Norte

Comissão Organizadora do XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra

Alexandre Lucas

Alexsandro Batista de Oliveira

Ana Paula dos Santos

Antônio Carlos Dias de Oliveira

Cicera Nunes

Cicero Joaquim dos Santos

Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro

Dawn Alexis Duke

Elane Abreu de Oliveira

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Eliana Amorim

Eliana Barbosa Amorim

Emanuel Marcondes de Souza Torquato

Fernanda Veloso

Flávia Cristina da Silva

Francisco Joedson da Silva Nascimento

Francisco José da Silva

Francisco Orismídio Duarte da Silva

Gustavo Ramos Ferreira

Henrique Cunha Júnior

Itacir Marques da Luz

Jean Alex Silva de Alencar

Jéssika Bezerra Oliveira Leite

Joquebede Alencar Torres

Joubert de Albuquerque Arrais

Kássia Mota de Sousa

Leidiane dos Santos Pereira

Livia Maria Nascimento Silva

Luciano Barbosa Apolinário

Luciano das Neves Carvalho

Luiz Carlos Carvalho Siqueira

Manoel Leandro do Nascimento

Maria de Fátima Gomes dos Santos

Maria Dias de Menezes

Maria Macedo Alves

Maria Raiane Felix Bezerra

Marla Vieira Moreira de Oliveira

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Meryelle Macedo da Silva
Miscilane Costa Silva
Pâmela Mariana Queiroz Santana
Rafael Ferreira da Silva
Reginaldo Ferreira Domingos
Renata Aparecida Felinto dos Santos
Ricardo Alves
Ridalvo Félix Araújo
Rosane Gueudeville dos Santos
Samuel Moraes Silva
Thiago de Abreu e Lima Florêncio
Túlio Henrique Pereira
Valéria Gercina das Neves Carvalho
Verônica Neuma das Neves Carvalho

Comissão Científica e Coordenação dos Simpósios Temáticos do XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra

Alexsandro Batista de Oliveira - Educação Básica/Juazeiro do Norte
Ana Paula dos Santos - URCA
Andy Monroy Osorio - UECE
Antônio Carlos de Oliveira Dias - URCA
Assis Anderson Ribeiro da Silva - UNILAB
Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira - UFCA
Carlos Jefferson Silva Dantas - URCA
Cicera Águida Barbosa Marcelino - URCA
Cicera Nunes - URCA
Cíntia Cardoso - UFPR

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Danielle de Farias Tavares Ferreira - UFPE
Edilvan Moraes Luna - UFBA
Elane Abreu de Oliveira - UFCA
Eliane Costa Santos - UNILAB
Emanuel Marcondes Torquato - UFCA
Eric Silva dos Santos - UECE
Francisco Joedson da Silva Nascimento - UFG
Francisco José da Silva - UFCA
Gabriela Santos Cavalcante Santana - UFPE/UNIRIO
Gerson Carlos Matias de Sousa - Escola Livre Balé Baião/UECE/Itapipoca-CE
Hayanne Mateus Silva Gomes - URCA
Henrique Cunha Junior- UFC
Isna Gabriel Sai - UNILAB
Itacir Marques da Luz - UNILAB
João Leandro Neto – Educação Básica/Araripe/Ceará
Joubert de Albuquerque Arrais - UFCA/UFBA
Karina Carla da Silva - UFPE
Kássia Mota de Sousa - UFCG
Larissa Oliveira e Gabarra - UNILAB
Leidiane dos Santos Pereira - URCA
Livia Maria Nascimento Silva - UFPB
Lourenço Cardoso - UNILAB
Luiz Carlos Carvalho Siqueira - URCA
Luiz Felipe de Arruda Moura - UFPE
Marcele Almeida Santos - UNILAB
Márcia Kelma Alencar Abreu - URCA
Marco Antonio Lima do Bonfim - UECE

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Maria Claudineide Alves Macêdo - URCA
Maria Telma Pedro - UNILAB
Marla Vieira Moreira de Oliveira - URCA
Marleide Nascimento - UNILAB
Meryelle Macedo da Silva - URCA
Miguel Melo Ifadireó - UNILEÃO
Miscilane Costa Silva - UFCG
Orismídio Duarte da Silva - URCA
Otília Aparecida Silva Souza - URCA
Pétrus Eduardo Feliciano de Sá - URCA
Pingrewaoga Bema Abdoul Hadi Savadogo - UFPE
Rafael Ferreira da Silva - URCA
Raphael Alves da Silva - UFPE
Renata Felinto - URCA
Ridalvo Félix Araújo – Coletivo Erês
Roberto Marques - URCA
Rosana Meira Lima de Souza - UFPE
Rosane Gueudeville dos Santos - URCA
Rosane Lorena de Brito - UNILAB
Sâmia Paula dos Santos Silva - UFC
Samuel Moraes Silva – Educação Básica/Crato/Ceará
Sislândia Maria Ferreira Brito - URCA
Stephanie Lima - UNICAMP
Thiago de Abreu e Lima Florêncio - URCA
Túlio Henrique Pereira - URCA
Yohana Maria Monteiro Augusto de Alencar – UNILEÃO

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Coordenação do Caderno de Anais do XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra

Cicera Nunes

Joubert de Albuquerque Arrais

Kássia Mota de Sousa

Diagramação do Caderno de Anais do XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra

Pedro Jácome de Carvalho

Título: XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra. *Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver: redes de lutas antirracistas no século XXI*

Número ISBN: 978-65-88329-15-3

Tipo de Suporte: Digital (eBook)

“A revisão (textual e ortográfica) é de responsabilidade das pessoas autoras, bem como atender as Normas da ABNT, conforme recomendação da convocatória para a publicação deste caderno de anais.”

Dados internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

C749c Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra (11. : 2020 : Juazeiro do Norte, CE).
XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra. *Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver: redes de lutas antirracistas no século XXI, 21 de setembro a 02 de outubro de 2020 / Coordenação do Caderno de Anais Cicera Nunes, Joubert de Albuquerque Arrais, Kássia Mota de Sousa, diagramação Pedro Jácome de Carvalho. – Juazeiro do Norte: UFCA, 2020.*
835 p. ; E-pub.
ISBN 978-65-88329-15-3

Universidade Regional do Cariri - URCA
Universidade Federal do Cariri - UFCA
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

1. Artefatos da Cultura Negra. 2. Lutas antirracistas. 3. Equidade racial. I.Nunes, Cicera. II.Arrais, Joubert de Albuquerque. III. Sousa, Kássia Mota de. IV. Carvalho, Pedro Jácome de.

CDD 305.896

Bibliotecária: Glacínésia Leal Mendonça – CRB 3/925

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

SUMÁRIO

Apresentação.....	18
Simpósio Temático 01 – Arquitetura e Urbanismo Africano.....	20
DA “PORTEIRA PARA FORA”: A FESTA DE RUA ENQUANTO EXTENSÃO DO TERREIRO DE SANTO.....	
O ESQUECIMENTO DAS CONQUISTAS NEGRAS: UMA ANÁLISE DA INCONFIDÊNCIA BAIANA A PARTIR DO MODELO DE EDUCAÇÃO COLONIAL E A IMPORTÂNCIA DA LEI 10.639/03.....	
ORGANIZAÇÃO DA VIDA EM BAIROS: REDES E SOCIABILIDADES NA COMUNIDADE ROSALINA, FORTALEZA-CE.....	
PÉS NO CHÃO: DECOLONIZAÇÃO EM COMPAIXÃO DE TONI MORRISON.....	
Simpósio Temático 02 – Racismo Religioso e Educação.....	42
NA AULA DE HOJE VEREMOS EXU: CORPO-BRINCADEIRA EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS.....	
O RACISMO NA ICONOGRAFIA DA ORIXÁ YEMOJÁ.....	
RACISMO VIRTUAL: VAMOS FALAR SOBRE O TEMA?.....	
RELIGIÕES AFRO-AMERÍNDIAS E SUA REPRESENTATIVIDADE NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS.....	
REPRESENTAÇÕES DE EXU E RESSIGNIFICAÇÕES DE UM IMAGINÁRIO ESTIGMATIZANTE.....	
“VIM AVISAR QUE MEU PAI É OGUM, OGUNHÊ, MINHA MÃE É OXUM, ORA IÊ IÊ”: REPRESENTAÇÃO DO CANDOMBLÉ EM MALHAÇÃO: VIDAS BRASILEIRAS.....	
Simpósio Temático 03 – Memória, Tradição Oral e Patrimônio Afro-brasileiro.....	67
A PESQUISA AFRODESCENDENTE E O TRAJETO METODOLÓGICO: A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE ABORDAGEM.....	
SIMBOLOGIA DO BERIMBAU.....	
A TRAJETÓRIA DE ENFRENTAMENTO SOCIAL DO PROJETO CAPOEIRA NAS ESCOLAS: CAMPINA GRANDE-PB.....	
AFRO-MEMÓRIAS DE FORTALEZA: O CURRÍCULO EM DIÁLOGO COM A CIDADE.....	
AXÉ <i>AJEUN</i> : ANCESTRALIDADE, COMIDA DE SANTO E O ENSINO DE CIÊNCIAS.....	
COLONIALISMO QUE PASSA, COLONIALIDADE QUE FICA: LUTAS ANTICOLONIAIS BRASILEIRAS EM TORNO DA MEMÓRIA.....	
CORPO, PERFORMANCE, ORALIDADE E ANUNCIAÇÃO: O FAZER E O ENUNCIAR COMO MATERIALIZAÇÃO DO SAGRADO NAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA.....	

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ENEGRECENDO OS ESPAÇOS MUSEAIS: PROCESSOS EPISTÊMICOS CONTRA-COLONIAIS NAS LINGUAGENS MUSEOLÓGICAS.....	
MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE RESISTÊNCIA: A CAPOEIRA COMO EDUCAÇÃO INFORMAL (2003-2017).....	
MUSEUS E COMUNICAÇÃO DO PATRIMÔNIO AFRICANO: EXPERIÊNCIAS DO MAFRO/UFBA.....	
O POPULAR NA CULTURA DE CIPÓ: PARA ALÉM DO LUXO, FRACASSO E DESCASO PÚBLICO.....	
PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO AFRODESCENDENTE: A PRESENÇA NEGRA NO LIVRO DO TOMBO ARQUEOLÓGICO, ETNOGRÁFICO E PAISAGÍSTICO.....	
SILENCIAMENTOS NA POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO PELO IPHAN.....	
“NUNCA É TARDE PARA VOLTAR E APANHAR O QUE FICOU PARA TRÁS” – INVESTIGAÇÃO SOBRE POSSÍVEIS REGISTROS ADINKRAS NA ARQUITETURA BRASILEIRA.....	
Simpósio Temático 04 – Educação e quilombo: territorialidades e práticas pedagógicas. 144	
A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS COM RELEVÂNCIA HISTÓRICO-CULTURAL DA COMUNIDADE CARCARÁ NA ESCOLA E.E.F.M. MENEZES PIMENTEL POTENGI-CE.....	
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA E A ETNOMATEMÁTICA EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA: MOMENTOS DA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE.....	
PRÁTICAS DO BEM VIVER NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÍTIO ARRUDA EM ARARIPE-CE.....	
QUANDO A DEBULHA DO FEIJÃO TORNA-SE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA.....	
“ABC QUILOMBOLA”: UMA PROPOSTA ANTIRRACISTA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE (CE).....	
Simpósio Temático 05 – Ações afirmativas: cotas e implementação das Leis nº. 10.639/03 e nº. 11.645/08.....165	
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC.....	
A CULTURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003.....	
A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE PARA O TRABALHO COM AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA DA UFC.....	
A POLÍTICA DE COTAS RACIAIS: A UNIVERSIDADE EM DEBATE.....	

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

AÇÕES AFIRMATIVAS NA UENP: A RELAÇÃO COM O SABER ESCOLAR DE ALUNOS NEGROS COTISTAS.....	
AS CANTIGAS DE CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA IMPLEMENTAÇÃO DAS LEIS Nº. 10.639/03 E Nº. 11.645/08.....	
COTAS COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA DO MOVIMENTO NEGRO: UM DEBATE NECESSÁRIO.....	
CULTURA AFRICANA: COMO ENSINAR O QUE NÃO ME FOI ENSINADO? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ENSINO DE HISTÓRIA: TENSÕES E DESAFIOS PARA O COTIDIANO DA ESCOLA.....	
EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O RACISMO NOSSO DE CADA DIA NO COTIDIANO ESCOLAR.....	
“ENCONTRO PRECIOSO”: DIÁLOGOS ENTRE NEGRITUDE, FORMAÇÃO E METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA.....	
ENROLADO, CACHEADO, CRESPO: COMO TRABALHAR O RESPEITO À DIVERSIDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	
ENSINO DE HISTÓRIA E A TEMÁTICA INDÍGENA: O USO DA MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO.....	
ESTABELECENDO UM DIÁLOGO: LEI 10.639/2003 NO ENSINO BÁSICO E UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	
EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTANDO A HISTÓRIA DA BONECA ABAYOMI NO CONTEXTO ESCOLAR.....	
HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO PEDAGÓGICO.....	
IMPLEMENTAÇÕES DAS LEIS Nº 10.639/03 E Nº 11.645/08 E SEUS IMPACTOS NAS ESTRUTURAS LEGAIS DE ENSINO.....	
LEI 10.639/2003: A FORMAÇÃO CONTINUADA, AS MÍDIAS E O IMAGÉTICO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.....	
O COMBATE À FRAUDE DAS COTAS RACIAIS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS: FISCALIZAR OU CRIMINALIZAR?.....	
PENSANDO O ENSINO DE CIÊNCIA ANTIRRACISTA: UMA ANÁLISE SOBRE A ICONOGRAFIA EM MEIO AOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO SÉTIMO ANO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE JAGUARIBE.....	
POLÍTICA DE COTAS RACIAIS NO BRASIL: CONSTRUÇÃO E DESAFIOS.....	
PROJETO IDENTIDADE NEGRA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA ANTIRRACISTA EM UMA ESCOLA DE JAGUARIBE-CE.....	
PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS E A LEI 10.639/03 NAS ESCOLAS DA REGIÃO BREJO-SANTENSE.....	
“EXÚ NAS ESCOLAS”: A PERCEPÇÃO DO ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

“O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA” – UMA ANÁLISE CRÍTICA DO
CURRÍCULO ACADÊMICO DOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO.....

Simpósio Temático 06 – Etnomatemática: saberes tradicionais, educação intercultural dentro e fora da Escola.....270

A CULTURA AFRICANA COMO ELO ENTRE A HISTÓRIA E A MATEMÁTICA.....
A IMPORTÂNCIA DA ETNOMATEMÁTICA NA FORMAÇÃO DO/A PEDAGOGO/A:
UM RELATO SOBRE MINHA EXPERIÊNCIA NA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA...
ARTEFATOS E MENTEFACTOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MONTE
RECÔNCAVO EM SALA DE AULA: UMA INTERVENÇÃO ETNOMATEMÁTICA
COM BASE NA CARTOGRAFIA CULTURAL.....
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA: PERCEPÇÕES DE
ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB.....
JOGO IGBA-ITA: SABERES AFRICANOS NO CHÃO DA SALA DE AULA DE
MATEMÁTICA.....
JOGOS DE ORIGEM AFRICANA E ETNOMATEMÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA
EXTENSIONISTA EM MEIO A PANDEMIA.....
O SLAM DE POESIA E SUAS VISÕES LÍRICAS DECOLONIAIS: UM ESPAÇO DE
CONSTRUÇÃO POLÍTICA.....
OS DISCURSOS INSURGENTES NAS BATALHAS DE RAP: O DIÁLOGO
POSSÍVEL ENTRE A PEDAGOGIA GRÍO E A POÉTICA DAS RUAS.....
RESGATANDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A IMPORTÂNCIA DA
ETNOMATEMÁTICA.....

Simpósio Temático 07 – Narrativas Negras: imagens (enquanto recurso narrativo), oralidades e palavra escrita.....310

CÍRCULO DE LEITURA DE ESCRITORAS AFRICANAS E AFRODESCENDENTES:
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO ANTIRRACISTA NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG.....
“TV, TV MINHA, SERÁ QUE COMO EU, EXISTE UMA RAINHA?”: O OLHAR
SOBRE A REPRESENTATIVIDADE NEGRA EM DESENHOS ANIMADOS.....
A FOME DO QUARTO DE DESPEJO - UMA REFLEXÃO SOBRE RACISMO, FOME
E POBREZA NA LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS.....
AS AVENTURAS DE NGUNGA: ANÁLISE DO LIVRO NA CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA DE UMA NAÇÃO.....
ESCRITAS MATRIPOENTES COMO PARIDORAS DE CRIATIVIDADE.....
FEMINISMO, LITERATURA E NEGRITUDE: PONTOS DE UM DIÁLOGO.....
IDENTIDADE, NEGRITUDE E SAÚDE MENTAL: NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA YOUTUBER.....
LITERATURA E DIÁSPORA: OS DESLOCAMENTOS DE UMA AMERICANAH.....
MARC FERREZ: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS.....

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DOS CÍRCULOS DE LEITURAS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIADORES LITERÁRIOS
O IMPACTO DA CINEMATOGRAFIA NEGRA EM AÇÕES ANTIRRACISTAS EM PROJETO DE ENSINO E EXTENSÃO.....
O NEGRO COMO SUJEITO COMUNICANTE: INTERLOCUÇÕES ACERCA DA ANÁLISE MIDIÁTICA DA SÉRIE “CARA GENTE BRANCA”.....
O SARAU DA PERIFERIA E O LUGAR DO SENSÍVEL.....
OLHOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM OLHOS D’ÁGUA: O DESAFIO DE LER E FAZER HISTÓRIA.....
PARTILHAS EPISTÊMICAS ENTRE STELLA DO PATROCÍNIO E DONA ZÔL.....
PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA NO CONTEXTO DA GUERRA CIVIL ANGOLANA.....
REFLEXÕES ACERCA DA LEITURA DE AUTORAS AFRO-BRASILEIRAS NAS ESCOLAS.....
RELIGIÃO E IDENTIDADE EM UM ROMANCE AFRO-BRASILEIRO.....
“DUZU-QUERENÇA”: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA INTERSECCIONAL...
Simpósio Temático 08 – Justiça Racial e Movimentos Negros na Luta por Direitos.....403
FRANTZ FANON, RACISMO CULTURAL E A INAPTIDÃO DO DIREITO PENAL NO COMBATE AO RACISMO.....
A COVID-19 E A PANDEMIA DE COR: RACISMO ESTRUTURAL E DESIGUALDADES RACIAIS EXPOSTAS.....
A PANDEMIA DA DESIGUALDADE E A ARTICULAÇÃO QUILOMBOLA NA COMUNIDADE DO ARROJADO, RIO GRANDE DO NORTE: DESAFIOS ANTIGOS EM UM QUADRO AGRAVADO.....
A REVOLTA DOS MALÊS: ARTICULAÇÃO NEGRA COMO FATOR DE RESISTÊNCIA.....
DE DOMITILA BARRIOS DE CHUNGARA A CAROLINA MARIA DE JESUS: VOZES DA PERIFERIA DO CAPITALISMO PARA CONSTRUÇÃO DE UMA AMÉRICA LATINA DECOLONIAL.....
SISTEMA JURÍDICO ESCRAVISTA VERSUS MOVIMENTOS ABOLICIONISTAS NOS SÉCULOS XVIII E XIX, NO BRASIL.....
ENCARCERAMENTO FEMININO NO CARIRI CEARENSE.....
EPISTEMICÍDIO E A QUESTÃO RACIAL.....
JUSTIÇA RACIAL E RESPONSABILIDADE SOCIAL: A SOCIEDADE COMO ENTE RESPONSÁVEL POR SUA HISTÓRIA.....
JUSTIÇA SOCIAL AFRODIASPÓRIA: A LUTA DO GRUPO DE VALORIZAÇÃO NEGRA DO CARIRI PELO BEM VIVER.....
MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA: TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES NEGRAS PARA FINS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL.....
NECROPOLÍTICA E ESTADO DE EXCEÇÃO: UMA ANÁLISE DA INFÂNCIA NEGRA PERIFÉRICA BRASILEIRA FRENTE AO COVID-19.....

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

NOTAS SOBRE A LEI ANTICRIME E O RECRUDESCIMENTO DA SELETIVIDADE PENAL.....	
RACISMO ESTRUTURAL NA PANDEMIA DA COVID-19: LETALIDADE DE GESTANTES NEGRAS COMPARADO COM GESTANTES BRANCAS.....	
SAÚDE E JUSTIÇA: PARA QUEM SERVE?.....	
Simpósio Temático 09 – Arte Africana, Afro-diaspórica.....	474
A DUPLA CONCEPÇÃO DE BELEZA NA ESTÉTICA KEMÉTICA.....	
A IMAGEM COMO INSTRUMENTO EPISTEMOLÓGICO: UM ESTUDO SOBRE ALGUNS ADINKRAS.....	
ÁGUA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE: O CORPO COMO POSSIBILIDADE DE CONEXÃO E CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIA NA ENCRUZILHADA DA PERFORMANCE COROAÇÃO DE MARIANA MAIA.....	
ARTE E DEVOÇÃO POPULAR: A CIRCULAÇÃO DA IMAGEM DE ANASTÁCIA.....	
LE CARREFOUR DE KOSSI EFOUI: UM EBÓ ARRIADO NA ENCRUZILHADA.....	
O PENSAMENTO POLÍTICO DE AMÍLCAR CABRAL: A REAFRICANIZAÇÃO SOCIOCULTURAL E POLÍTICA COMO ARMA IDEOLÓGICA.....	
PEDAGOGIAS CULTURAIS, PRÁTICAS ARTÍSTICAS E EXPRESSÕES ANTIRRACISTAS NO BOI TIRA TEIMA DE CARUARU-PE.....	
PENSAR A ESCOLA COMO ESPAÇO DE (TRANS)FORMAÇÃO ESTÉTICA ATRAVÉS DAS ARTES AFRICANAS: DIÁLOGOS ITINERANTES.....	
Simpósio Temático 10 – Filosofia Africana e Afro-brasileira.....	511
XIRÊ, POTENCIALIDADE ÉTICA: EXPERIMENTO CONCEITUAL AFRICANO-BRASILEIRO PARA CRIAR MUNDOS POSSÍVEIS.....	
Simpósio Temático 11 – Corporeidades Negras nas Artes da Cena e da Imagem.....	517
A PESSOA NEGRA NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO: UM ESTUDO DE CASO DO JORNALISMO DA TV GLOBO.....	
AS CORPOREIDADES DO SAMBA DE CABOCLO EM PROCESSOS ARTÍSTICOS NAS DANÇAS NEGRAS BAIANA.....	
CONCERTO EM 5 ATOS: DESCOLONIZANDO A HISTÓRIA BRASILEIRA POR MEIO DA ARTE.....	
DA PRÓPRIA PELE, NÃO HÁ QUEM FUJA: O XIRÊ COMO ÉTICA NOS CORPOS NEGROS QUE DANÇAM SUAS DANÇAS.....	
NARRATIVAS DRAMÁTICAS DOS CORPOS NEGROS ANÔNIMOS DANÇANDO NA RUA.....	
NOIRBLUE, CORPO-ALFORRIA.....	
O MOVIMENTO NEGRO GAÚCHO NA CENA DA DANÇA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE COLETIVOS ARTÍSTICOS.....	
OBSERVAÇÕES SOBRE A PRESENÇA DA PESSOA NEGRA NA TELENOVELA BRASILEIRA.....	
PAISAGENS AFRODIASPÓRICAS: MEMÓRIAS E RITUALIDADE EM JOGO.....	

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

TRANSNEGRIR: CORPOREIDADES DESOBEDENTES E PEDAGOGIAS
ANTICOLONIAIS NAS ARTES CÊNICAS.....
“SEGURA O COCO”: ESTÉTICA DA DIÁSPORA NO COCO DE RODA NOVO
QUILOMBO.....

Simpósio Temático 12 – História, Memória e Ancestralidade Indígena.....569

A RESISTÊNCIA INDÍGENA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: UM ESTUDO
NARRATIVO ACERCA DA PERSISTÊNCIA INDÍGENA NA COLONIZAÇÃO.....
DIREITO À MEMÓRIA E À VERDADE: O RELATÓRIO FIGUEIREDO E AS
VIOLAÇÕES DE DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL.....
PERCEPÇÕES DO EXTERMÍNIO NO CATACLISMO BIOLÓGICO: O COVID-19 E
OS POVOS INDÍGENAS.....
RESISTÊNCIA POLÍTICA E A EDUCAÇÃO DO HOMEM BRANCO NA OBRA “A
QUEDA DO CÉU” DE DAVI KOPENAWA YANOMAMI.....
VESTÍGIOS HISTÓRICOS DA PRESENÇA INDÍGENA EM TRAIRI, LITORAL
OESTE CEARENSE.....

Simpósio Temático 13 – A branquidade, a branquitude acrítica, a branquitude na educação e outros conflitos étnico-raciais e suas intersecções vividas no Atlântico Sul 593

A COVID-19 E SEUS IMPACTOS NA POPULAÇÃO NEGRA E INDÍGENA:
DIALOGANDO COM BASE EM FOUCAULT, FANON E MBEMBE.....
A REPRESENTATIVIDADE DO CORPO NEGRO NO ÂMBITO EDUCACIONAL EM
MEIO A NEGAÇÃO DO RACISMO.....
FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: SABERES E PRÁTICAS IMPORTADAS.....
O REFLEXO DA BRANQUITUDE NO ESPELHO DA PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO NO BRASIL.....
ONDE VOCÊ GUARDA O SEU RACISMO? OS (DES)LIMITES DAS DISCUSSÕES
RACIAIS DENTRO DO AMBIENTE ACADÊMICO.....
PROFESSORES BRANCOS: APONTAMENTOS SOBRE O DITO E O NÃO-DITO DA
BRANQUITUDE NOS DISCURSOS DO COTIDIANO.....
“A PELE ESQUECIDA”: CONSIDERAÇÕES A CERCA DA INVISIBILIDADE DA
PELE NEGRA NOS LIVROS DE DERMATOLOGIA MÉDICA.....
A BRANQUITUDE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC: IMPLICAÇÃO NA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE SUJEITO COMO
ENRAIZAMENTO DO RACISMO.....

Simpósio Temático 14 – A pessoa com deficiência, Acessibilidade e Racismo.....633

EDUCAÇÃO BRASILEIRA: A INCLUSÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E
SEUS AVANÇOS NO SÉCULO XXI.....
EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SEUS DESAFIOS: UM OLHAR SOB A PRÁTICA E
FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE.....
EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS.....

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM CONTEXTOS DE
PRECONCEITO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.....
O(A) ESTUDANTE NEGRO(A) COM DEFICIÊNCIA NA UNIVERSIDADE: O QUE
REVELAM AS PESQUISAS?.....
REFLEXÕES ACERCA DA INVISIBILIDADE DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS
SOBRE PESSOAS NEGRAS E COM DEFICIÊNCIA.....
SURDEZ, RACISMO E ACESSIBILIDADE: O ESTADO DA ARTE NO BRASIL (2010-
2020).....

**Simpósio Temático 15 – Linguagem, Gênero e Educação: perspectivas antirracistas,
antiLGBTQIA+fóbicas e descolonizadores.....682**

A DECOLONIALIDADE DE RAÇA E GÊNERO DO SAMBA DE COCO “IRMÃS
LOPES” DE ARCOVERDE-PE.....
AÇÕES GOVERNAMENTAIS E REAÇÕES SOCIAIS À INVIABILIZAÇÃO DE
ACESSO DE PESSOAS TRANS E NEGRAS À UNIVERSIDADE PÚBLICA.....
COLONIALIDADE DE PODER, DE SABER E DE SER: O EMPREENDIMENTO
COLONIAL NA MARCAÇÃO DAS MASCULINIDADES DO SUL.....
DISCURSO-MITO: ENTRE O FAZER RIR E O FAZER MORRER.....
EXPERIMENTO ARTÍSTICO CORPOS BIXA-DOSS: VISIBILIZANDO
TRAJETÓRIAS LGBTQI+ NOS BLOCOS AFROS DE SALVADOR.....
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS(ES) PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:
PERSPECTIVAS PARA O CURRÍCULO DA FORMAÇÃO INICIAL.....
O PROTAGONISMO FEMININO NA AGRICULTURA FAMILIAR NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO SÍTIO ARRUDA NA REGIÃO DO CARIRI
CEARENSE.....
PEDAGOPRETA: MULHER-NEGRA-EDUCADORA UMA ESCRIVÊNCIA ETNO
PEDAGÓGICA.....
POR UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL: UMA ANÁLISE DE NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS DE DOCENTES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA
BASE EM PACAJUS-CE.....
TRAJETÓRIA CAPILAR E EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO IDENTIDADES NO
ESPAÇO ESCOLAR.....
UNIVERSIDADE COMO AMBIENTE MULTICULTURAL E DE DEBATE LGBTQI+...

**Simpósio Temático 16 – África e Africanidades: experiências, saberes e
abordagens.....728**

A REALIDADE SOCIOCULTURAL DO RACISMO EM ROMANCE DE PEPETELA:
ENTRE LEITURAS O OBJETO E MILITÂNCIA.....
AFROETNORELAÇÕES: TRIGONOMETRIA KAIROLÓGICA EM ESPAÇOS
MANICOMIAIS.....
CONSTRUINDO REDES AFETIVAS E TEÓRICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE O PROJETO MULHERES NEGRAS RESISTEM.....

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

MULHERISMO AFRICANA NA DIÁSPORA: UMA ANÁLISE IDEOLÓGICA DO PAN-AFRICANISMO NAS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS.....

O FIO E AS MISSANGAS: A LITERATURA AFRICANA DE MIA COUTO EM SALA DE AULA.....

O FORTALECIMENTO DA MÚSICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA.....

O NEABI COMO ESPAÇO DIALÓGICO DAS QUESTÕES ÉTNICO RACIAIS NO IFCE CAMPUS JAGUARIBE.....

REFLEXÕES SOBRE A TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA BNCC DE GEOGRAFIA.....

TAPETES PROVERBIAIS COMO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO.....

TECNOLOGIA SOCIAL E O SISTEMA DE PRODUÇÃO DO NÚCLEO DE OSTRA EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA.....

Simpósio Temático 17 – Movimentos Sociais e Intersecção de Diferenças: dinâmicas a partir dos marcadores de raça, gênero, sexualidade, origem social e geração776

RACISMO POR OMISSÃO: RELATOS DA TRAJETÓRIA DE UMA MULHER NEGRA CARIRIENSE NO PARTIDO DOS TRABALHADORES-PT.....

CEARÁ NEGRO: ESCRITAS E APONTAMENTOS DO IMOPEC (1988-2015).....

DE DONA DE CASA À ATIVISTA: A ATUAÇÃO DE MÃES NA PROMOÇÃO DE DIREITOS HUMANOS NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO CEARENSE.....

IDENTIDADE ÉTICA E ESTÉTICA DAS MULHERES NEGRAS EM JUAZEIRO DO NORTE: NOVAS PERSPECTIVAS.....

Simpósio Temático 18 – Movimentos Sociais e relações de raça, gênero e sexualidade.....794

A HISTÓRIA DO DIREITO E AS CATEGORIAS GÊNERO, CLASSE E RAÇA: INTEGRANDO TENSÕES, CONFLITOS E DISPUTAS.....

A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E O ESTEREÓTIPO DA MULHER NEGRA “QUE TUDO SUPORTA”.....

CONTRASTE E COVID-19: AS IMPLICAÇÕES DA DESIGUALDADE NA SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA.....

DITADURA MILITAR E GÊNERO: O CARÁTER PARTICULAR DAS VIOLAÇÕES SOFRIDAS POR MULHERES NO REGIME DE EXCEÇÃO BRASILEIRO.....

ESCRavidão: O PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NA RESISTÊNCIA FRENTE A ESTRUTURA SÓCIO JURÍDICA BRASILEIRA.....

FONTES DE INFORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....

TEREZA DE BENGUELA: UMA LIDERANÇA FEMININA NEGRA NA LUTA CONTRA A ESCRAVIDÃO.....

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Apresentação

O Artefatos da Cultura Negra é um congresso de caráter internacional e multidisciplinar que busca criar um território de conhecimentos e de promoção de uma educação antirracista entre universidades, ativistas dos movimentos sociais, escolas de educação básica e comunidades tradicionais, ao tempo em que se constitui enquanto espaço importante de proposição de políticas públicas antirracistas.

As discussões propostas na sua décima primeira edição aconteceram no período de 21 de setembro a 02 de outubro de 2020, oportunizando uma (re)conexão com o contexto africano através de uma releitura das realidades sociais, políticas e culturais da população negra na diáspora. Nesta edição, diante do cenário nacional da COVID-19 em que vivemos uma série de retrocessos e que marcou o ano de 2020, colocamo-nos ainda mais em diálogo permanente com as ações de enfrentamento as ideologias racistas, fascistas, sexistas, classistas, lgbtfóbicas e na defesa da ampliação das políticas de ações afirmativas enquanto estratégia importante de promoção da equidade racial.

Com uma programação ampla envolvendo mesas redondas, rodas de conversa, feiras culturais, terreiradas culturais, exposições artísticas, mostra de cinema, lançamento de livros, comunicações científicas, o evento teve lugar no Cariri cearense e estabeleceu ricos diálogos com pessoas pesquisadoras e ativistas de vários estados brasileiros e também de outros países.

São objetivos do evento:

- 1** Dialogar com instituições de ensino superior do Estado do Ceará, movimentos negros, estudantes, pessoas professoras da educação básica e pessoas pesquisadoras

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

vinculadas às questões da população negra no Brasil e em outros países sobre a produção do conhecimento africano e afro-diaspórico;

- 2 Promover discussões no campo da formação dos profissionais da educação, voltadas para a implantação da obrigatoriedade da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, Lei N°. 10.639/03, Lei N°. 11.645/08, da Educação Escolar Quilombola, (DCN's, 2012) e das políticas de ações afirmativas;
- 3 Fortalecer os elos ancestrais que nos unem e assegurar uma agenda que sinalize o fortalecimento da luta antirracista no Brasil;
- 4 Promover a discussão acerca de temas e políticas destinadas a população negra como Saúde Mental e Política Nacional de Saúde Integral da População Negra;
- 5 Promover diálogos voltados aos impactos que a COVID-19 está causando a população negra;
- 6 Dar visibilidade a migração e refúgio no Cariri cearense e as ações que estão sendo realizadas;
- 7 Fomentar o protagonismo de grupos populares em eventos técnico-científicos artísticos e culturais da região;
- 8 Fortalecer o diálogo da academia com os espaços informais de educação como os terreiros e quilombos;
- 9 Viabilizar a interação entre diferentes grupos e linguagens artístico-culturais na região do Cariri cearense;
- 10 Realizar formação de educadores formais e educadores populares nas comunidades quilombolas;
- 11 Dar visibilidade à mulher como protagonista nas manifestações da cultura afro-brasileira;
- 12 Oportunizar o intercâmbio e troca de saberes entre mestres, grupos e artistas de diferentes linguagens;
- 13 Promover acessibilidade do grande público à arte de matriz afro-brasileira produzida no Cariri cearense.

Comissão de Organização

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Simpósio Temático 01 – Arquitetura e Urbanismo Africano

Coordenadores(as)

Me. Meryelle Macedo da Silva (NEGRER/URCA)

Dr. Henrique Cunha Junior (UFC)

Rafael Ferreira da Silva (NEGRER/URCA)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A MÚSICA DE RINCON SAPIÊNCIA NO PROCESSO DE AUTOCONHECIMENTO DE UMA JOVEM NEGRA

Joice da Silva Lima¹
Joanice Conceição²

RESUMO

A musicalidade é um dos valores civilizatórios africanos para expressar alegria e resistência de um povo que trouxe sua cultura na memória. A presente comunicação tem como objetivo analisar os impactos da música “A coisa tá preta” de Rincon Sapiência na construção da identidade racial e como pode auxiliar essa ferramenta no processo de autoconhecimento de uma jovem negra do município de Guaiúba. Para alcançar o objetivo proposto faremos uso do método qualitativo, com a técnica de estudo de caso. Dialogando com os seguintes autores: Munanga (1988), Hooks (2019), e outros.

Palavras-chave: Música; Cultura; Identidade; autoconhecimento.

O AFRO REP CRUZANDO FRONTEIRAS

O presente texto tem como objetivo analisar os impactos da música “A coisa tá preta” de Rincon Sapiência na construção da identidade racial de uma jovem negra do município de Guaiúba. O referido artista da cena musical brasileira, nomeia seu próprio estilo musical como *afro rep*. Sua música “a coisa tá preta” foi single do seu primeiro álbum, Galanga livre, lançado em 2017 e que lhe rendeu várias premiações. O alcance de sua obra cruzou fronteiras e ela foi ouvida no estado do Ceará, especificamente na região metropolitana, no município de Guaiúba, lugar onde reside a jovem negra já citada. Está por sua vez terá sua identidade preservada e será chamada apenas de Maria. A hipótese central deste estudo é que a

-
- 1 Graduada no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. joyce8797@gmail.com
 - 2 Professora Doutora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. joanconceicao@unilab.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

musicalidade como valor civilizatório africana, produzida por negros e negras pode contribuir de modo positivo na construção da negritude de jovens negros espalhados pelo mundo, mas sobretudo localizados nas periferias. E também de como a música pode ser uma ferramenta potente no processo de conhecer um pouco suas raízes e a si mesmo. Processo esse que reflete diretamente em como se enxerga o outro, e neste caso, o outro semelhante. Esta constitui nossa segunda hipótese. Nesta perspectiva, buscamos colocar em relevo o valor positivo da música de cantores e compositores negros no cotidiano da juventude.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo proposto faremos uso do método qualitativo, com a técnica de estudo de caso. Com dados colhidos a partir de entrevista aberta, com a referida jovem já mencionada, junto a análise da música “A coisa tá preta”.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O que pode ser percebido é que essa música possibilitou o acesso a uma nova perspectiva sobre a história do povo negro, pois nesse caso não é contada a partir da óptica branca racista, que sempre está baseada na inferiorização do negro. Fanon (2006) discorre sobre como os brancos se dirigem aos negros “comporta-se exatamente como um adulto com um menino, usa a mímica, fala sussurrando, cheio de gentilezas e amabilidades artificiosas.” Daí a importância de contarmos a nossa própria história, e circularmos cada vez mais e mais o conhecimento sobre os nossos entre nós. A música agregou na vida de Maria novas referências, referências que são positivas e que antes nunca fora visto por ela, nem mesmo no seu período escolar ou em qualquer outro lugar. Na música “a coisa ta preta” os negros não são associadas a estereótipos racistas como os que são amplamente divulgados e reforçados

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

pelos mais variados canais de comunicação existentes. Assim, Maria também teve a oportunidade de conhecer outras pessoas importantes na luta em prol da emancipação do povo negro, como por exemplo a rainha Nzinga, que até então era desconhecida por ela. Pois foi ali, em contato com aquele conteúdo cantado em meio as batidas ritmadas, ela teve acesso a uma narrativa que fala do povo negro sem reduzir toda sua história ao período escravocrata. Bell Hooks (2019) fala a respeito da fascinação que os brancos tem em ver o auto-ódio dos negros. Este que é mais um dos danos ocasionados pelo racismo, e também uma das armas da supremacia branca para nos enfraquecer e dominar.

Por isso não é por acaso que as informações diárias ao qual somos expostos contenham mensagens que criam e fortalecem a todo momento a noção de inferioridade dos negros, principalmente nessa sociedade que é hierarquizada racialmente, mas que insiste em promover o falacioso discurso da democracia racial. Portanto, a música incita a Maria a evocar o orgulho em ser quem ela é, pela sua história e de seu povo, alterando completamente a imagem que tem de si, movimentação que reverbera em como vemos nosso semelhante, alterando também nossa ação coletiva. Vale ressaltar também a ressignificação da expressão “a coisa tá preta” fortemente utilizada para expressar descontentamento em relação a algo ou alguma situação, apontado que algo esteja muito ruim. Na música o cantor inverte essa lógica e usa a expressão para se referir a algo que é bom. Cabe ainda maiores discussões, mas, no momento nos limitamos ao que foi exposto.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Dito isto, o que consigo perceber é que tanto a movimentação de Maria, como a do cantor/compositor Rincon e de outras pessoas negras, buscam o resgate da nossa identidade, celebrando-a e afirmando-a cada vez mais. Essa movimentação gera a criação de redes entre pessoas negras, que trocam informações, experiências e conhecimento, fortalecendo individualmente esse processo que logo repercute no coletivo. Munanga (1988) pontua que só

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

com essa movimentação coletiva em que podemos reafirmar o orgulho a nossa negritude poderemos continuar trilhando juntos a emancipação da população negra. Então, o que possível observar até aqui é que esse processo não tem fim, e que até hoje essa obra influencia Maria de forma positiva e foi responsável a levá-la a um mundo desconhecido, não sendo possível mensurar com exatidão tudo que o significou tê-la presente na sua vida, e o que esse contato ainda pode gerar. Mas podendo perceber que a música trouxe grandes benefícios em todo o processo descrito acima.

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**. Frantz Fanon; Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, B. Amando a negritude como resistência política. In: _____. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019. p. 44-63.

MUNANGA, K. **Negritude. Usos e sentidos**. 2. ed. Ática, 1988.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DA “PORTEIRA PARA FORA”: A FESTA DE RUA ENQUANTO EXTENSÃO DO TERREIRO DE SANTO³

Flávio Cardoso dos Santos Junior⁴
Fabio Macedo Velame⁵
Any Brito Leal Ivo⁶

RESUMO

Analisa-se o processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização das Casas de Santo no cenário urbano, ou seja, como esses lugares se estabeleceram em solo soteropolitano, de que forma transcendem seus muros⁷ e manifestam-se no calendário festivo da cidade. Trata-se de trabalho Etnográfico, via Observação Participante, que lança mão de imagens, filmagens, depoimentos e consulta à periódicos. Apesar de serem eventos de certa forma espetacularizados ao ir às ruas o Candomblé conquista espaços outrora negados, sem abandonar a sacralidade.

Palavras-chave: Festas Populares; Religião Afro-brasileira; Pertença Étnica; Patrimônio Imaterial.

INTRODUÇÃO

Trata-se de uma discussão realizada a partir de dois estudos. O primeiro, em nível de mestrado acadêmico, que versou sobre as danças do Orixá Iemanjá. O segundo trabalho é tese

3 Este estudo conta com apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

4 Doutorando no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/UFBA e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. E-mail: professorfaviocardoso@gmail.com.

5 Coorientador: Professor Adjunto IV da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – UFBA e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/UFBA. Líder do grupo de Extensão e Pesquisa EtniCidades. E-mail: velame.fabio@gmail.com.

6 Orientadora: Professora Adjunta IV da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – UFBA e Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/UFBA. E-mail: anyivo@gmail.com.

7 Denominado no título como porteira.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

de doutorado, em curso, que se debruça sobre uma festa de Iemanjá na Orla Marítima de Salvador. Ou seja, duas pesquisas: uma “intra” e outra “extra” muros. Lançando uso da linguagem corriqueira dos adeptos da religião em questão: da “porteira para dentro” e “da porteira para fora”. O que se propõe a discutir nessa análise é se existem interferências de um evento promovido pelo poder público em parceria com o capital privado que se rende a uma espetacularização com fins lucrativos, por ventura possam “contaminar” os ritos e rituais sagrados que “ganham” aqueles espaços-momento das ruas.

METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho de aproximação Etnográfica, que se materializa via Observação Participante e faz uso de imagens, filmagens, depoimentos e consulta a periódicos. Desde 2008 estamos a estudar as principais festas populares soteropolitanas. Nessa direção, durante os anos de 2014 e 2015 frequentamos quatro Terreiros de Candomblé da cidade de Salvador, capital baiana, a fim de analisar a linguagem dos corpos e com isso descobrir os desenhos e enunciados corpóreos das danças circulares de Iemanjá e que gerou a publicação do livro: “Odoiá, minha Mãe!”: Desenhando as danças de Iemanjá.

Da mesma forma, em 2019 iniciamos a escrita da tese intitulada, inicialmente, como: As (re)significações que a Festa de Iemanjá expressa ao bairro do Rio Vermelho: Os entretempos do espaço urbano, que acontece anualmente dia 2 de fevereiro no bairro do Rio Vermelho e tem como objetivo maior investigar e analisar as possíveis diferenças/mudanças, de ordem espacial e material existentes no bairro do Rio Vermelho no momento e após da referida festa a partir do ano de 2008.

A partir dessas duas experiências no campo empírico exercitamos o ato de sentir, ouvir e observar os elementos da cultura e religião de origem afro é que escrevemos essa investigação.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A fundação da cidade de Salvador surge em função da chegada do colonizador europeu que aqui estabeleceu a primeira capital em 1549 (RISÉRIO, 2004). Após dizimar gradativamente a população indígena local os dominadores importaram a mão de obra africana escravizada para ser explorada no plantio da cana de açúcar. Aportam no Brasil, os negros de África e junto com eles suas memórias, costumes e crenças trazidos na Diáspora Atlântica (GILROY, 2001).

No curso da história os negros africanos e seus descendentes estabelecem linhas de fuga de sobrevivência perante o sistema escravocrata. Surgem os quilombos e demais lugares marginais à cidade onde se potencializam suas práticas rituais religiosas e culturais como a Capoeira, o Samba e o Candomblé que foram até a metade do século XX perseguidos e “controlados” pelo Estado. Vilson Caetano aponta que na década de 1970, o crescimento urbano soteropolitano gira em função dos Terreiros, pois, “[...] o número de Candomblés que funcionavam sem a permissão do Serviço de Censura e Controle de Diversões Públicas crescia com a cidade de Salvador.” (SOUZA JÚNIOR, 2018, p.127). Há um espriamento dessas, chamadas roças, na cidade.

Paralelo a isso, nessa mesma década, a Bahia vivencia um processo de “valorização” da cultura, onde o Governo promove nacionalmente uma campanha de fomento ao turismo cultural, onde há uma mercantilização da religião afro-brasileira, na qual se folcloriza e faz de vitrine elementos da pertença étnica do Candomblé e demais religiões de matrizes africanas.

O calendário de festas populares se torna cartão-postal da cidade e se torna fonte de lucro da iniciativa privada como as marcas de cerveja e rede hoteleira, por exemplo, banalizando tais manifestações culturais.

Em contrapartida, as práticas que acima citamos como a capoeira, o samba de roda e os rituais do Candomblé que outrora foram motivos de perseguição policial agora têm oportunidade de se fazerem presentes no espaço público, agora com papel de protagonismo nos eventos festivos.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a cidade os Terreiros foram, e ainda são, expressão de vida presentes em seus movimentos e significados. Eles reafirmam a cultura e a identidade de seus indivíduos e também contribuem para a formação da cidade que tanto insiste em excluí-los.

Salvador se dilatou urbanisticamente em função do “espraçamento” das casas de santo e durante muito tempo o Terreiro foi limitado em seu território, porém, com o passar do tempo, suas praticas “ganham” as ruas e o Candomblé se potencializa enquanto prática religiosa outrora marginalizada pelo poder hegemônico. Ao sair dos portões com seus ritos, os adeptos da religião corroboram com a resistência e insistência na conquista dos espaços que sempre foi negado ao povo negro historicamente sem banalizar os rituais sagrados.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: um século. Rio de Janeiro: 2002.

CASTRO JUNIOR, Luís Victor Castro (Org.). **Festa e corpo**: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas Salvador: Edufba, 2014.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

RISÉRIO. Antônio. **Uma História da Cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SANTOS JUNIOR, Flávio Cardoso dos. **“Odoiá, minha mãe!”**: Desenhando as danças de Iemanjá. Curitiba: Apris, 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** (do pensamento único à consciência universal). Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. **Corujebó**: Candomblé e Polícia de Costumes (1938-1976), Salvador: EDUFBA, 2018.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**O ESQUECIMENTO DAS CONQUISTAS NEGRAS:
UMA ANÁLISE DA INCONFIDÊNCIA BAIANA A PARTIR DO MODELO DE
EDUCAÇÃO COLONIAL E A IMPORTÂNCIA DA LEI 10.639/03**

Alesca Batista de Araújo⁸
Natália Viana Nogueira⁹

RESUMO

O Brasil é um país de forte herança colonizadora da cultura. Na educação não seria diferente. O modelo educacional de ensino reflete o histórico de esquecimento das conquistas pretas. A inconfidência baiana é um exemplo: uma revolução originada da população negra e pobre. A luta negra não ganhou a visibilidade merecida, diferente do que ocorreu com a inconfidência mineira, que também foi uma revolta, mas feita pela elite econômica, fruto do modelo eurocêntrico de educação. A Lei 10.639/03 nos traz a possibilidade de enfrentar essa ocultação.

Palavras-chave: Inconfidência baiana; Inconfidência mineira; Conquistas Negras; Lei 10.639/03.

INTRODUÇÃO

O Brasil é o segundo país com a maior população declarada negra no mundo. Mesmo assim, verifica-se ausência de políticas públicas que deem visibilidade a história desta significativa parcela da população. No campo educacional a omissão é ainda mais grave, sendo fruto da herança colonial de cunho eminentemente eurocêntrico.

8 Alesca Batista de Araújo, Graduada em Direito pelo Centro Universitário Leão Sampaio – UNILEÃO. alescabatista@gmail.com

9 Bacharela em Direito pelo Centro Universitário Paraíso – UniFAP, pós-graduanda em docência do ensino superior e advogada. nataliavianaadv@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Exemplo disso é a revolta popular conhecida como inconfidência baiana, que até hoje é ignorada no ensino básico, em contraponto a inconfidência mineira, que também foi uma revolta social, mas promovido pelas elites locais.

O epistemicídio negro, isto é, o seu apagamento sistemático de obras e conhecimento, é mais uma forma de esquecimento gerado pela herança de embranquecimento das narrativas, na esperança de se aproximar o máximo possível do modelo europeu.

Para o enfrentamento desta realidade, surge a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que determinou que as instituições públicas e privadas de ensino fundamental e médio apresentassem ensino que estabelecesse diretrizes e bases na educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa de cunho revisional bibliográfico, a partir de análise documental e legislativa.

HISTÓRICO COLONIAL EDUCACIONAL NO BRASIL E MOVIMENTOS SEPARATISTAS

A colonização ainda marca o ensino brasileiro. Gera um histórico segregacionista e racista, predominantemente estrutural (ALMEIDA, 2019). Após anos da nomeada data da abolição, a estrutura escravagista ainda é forte. O modelo educacional de origem europeia gera mais impacto na sociedade, privilegiando aqueles que mais se aproximam do padrão eurocêntrico.

Os traços das narrativas coloniais delimitam claramente na mente dos educandos as figuras dos guerreiros e malfeitores, dos heróis e criminosos. Assim, a negritude continua a

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ser menosprezada em todas as instituições, uma escravidão moderna e disfarçada que doutrina as gerações para um futuro racista (RIBEIRO, 2019).

Dessa forma, as crianças são colocadas nesse sistema de esquecimento, marginalizando-as, não sendo repassada uma representatividade de vitória. Reforça assim a estagnação do ensino brasileiro, pois deixa de evidenciar a importância histórica desse povo.

As lutas de caráter emancipacionista marcaram consideravelmente a história. Dentre elas, a que local de destaque é a inconfidência baiana, também chamada de Revolta dos Alfaiates, que possui vertente de luta pautada na busca por melhores condições de vida, fim do preconceito e na liberdade.

Historicamente, sabe-se que a revolta não eclodiu, mas o poder simbólico desse movimento é incontestável. Ainda assim, não é uma realidade no ensino, o que reforça o déficit de representatividade que impacta principalmente nas crianças negras (ARTINS, 2017).

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003

A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, objetivando instituir novas Diretrizes e Bases para a Educação Nacional para incluir na rede de ensino a obrigatoriedade do trabalhar a temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

A partir dessa iniciativa legislativa, a fim de fomentar uma política pública inclusiva, nota-se o reconhecimento da falta de abordagem de diversas temáticas no âmbito educacional, dentre elas, as que dizem respeito à cultura Afro-Brasileira (PEREIRA *et al.*, 2019).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Nesse contexto, embora importante, sozinha a Lei é incapaz de enfrentar o racismo estrutural que atravessa os campos institucionais de poder. Ela é capaz de iniciar o debate

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

sobre essa pauta indispensável na escola para que lutas negras sejam contadas de forma real, capaz de possibilitar o sentimento de reconhecimento e orgulho das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARTINS, Leandra Rajczuk. **Discussão racial deve ser iniciada na Educação Infantil**. 2017. Disponível em: <https://paineira.usp.br/aun/index.php/2017/04/27/discussao-racial-deve-ser-iniciada-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 30 set. 2020.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; GOMES, Daniel Pinto; CARMO, Klertianny Teixeira do; SILVA, Eduardo Vinicius Mota E. **Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de educação física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza-CE**. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892019000400412&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 30 set. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Schwarcz S.A., 2019.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ORGANIZAÇÃO DA VIDA EM BAIROS: REDES E SOCIABILIDADES NA COMUNIDADE ROSALINA, FORTALEZA-CE

Tiago Souza de Jesus¹⁰
Henrique Antunes Cunha Junior¹¹

RESUMO

A presente comunicação oral busca dialogar com o Simpósio Temático nº 01: Arquitetura e urbanismo africano, em uma perspectiva da sociabilidade dos bairros negros da cidade de Fortaleza-CE. Especificamente, abordaremos, do ponto de vista histórico, as redes e sociabilidades da comunidade Rosalina. Demarcador da territorialidade na cidade, a forma urbana negra incide diretamente em uma organização étnica própria do bairro negro, tendo como centralizador da sociabilidade uma rede formada pelas relações familiares, as reciclagens, as igrejas e os terreiros. Buscamos compreender, a partir de um pensamento de base africana, as formas de vida afrodescendente na comunidade Rosalina. Para isso, dialogamos com Sanzio (2009; 2010) Cunha Junior (2001; 2007; 2017; 2019a; 2019b), Antunes (2015), Silva (2018), para compreender as formas de vida dos moradores.

Palavras-chave: Sociabilidade; Bairros Negros; Ancestralidade; Comunidade; Formas Negras Urbanas.

UM PROCESSO HISTÓRICO

A formação histórica das cidades brasileiras está ancorada num processo de políticas higienistas de estado aplicadas ao longo dos séculos 19 e 20. Para compreender a formação histórica das redes e sociabilidades da comunidade Rosalina, é necessário recorrermos, ainda

10 Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana pela Universidade Federal de Goiás (2018), licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal de São Paulo (2017). Foi avaliador de política pública (MinC/MEC). Atualmente é professor na rede pública estadual do Ceará, membro do grupo ÉtnicoLeituras e pesquisa sobre populações negras, história e cultura afrodescendente, espaços urbanos, bairros negros e educação. tiagounifesp@gmail.com

11 Pesquisador sobre Populações Negras, História da Tecnológica Africana e Urbanismo Africano. Professor titular da área de engenharia elétrica. Tem formação em engenharia (EESC-USP) e sociologia (UNESP-Araraquara), mestrados em engenharia e em história. Doutor em Engenharia pelo Instituto Politécnico de Lorraine – França 1983. Livre Docência pela USP (1993). Orientou e coorientou 25 trabalhos de doutoramento e 46 de mestrados. hcunha@ufc.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

que de forma breve, ao processo de transformação do espaço urbano e da vida na capital cearense e como esse processo influenciou no surgimento das redes e na sociabilidade da própria comunidade Rosalina.

A cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, seguiu um movimento de expansão territorial semelhante ao acontecido em centros urbanos das cidades brasileiras, como relata Vêras (2000) e Silva (2006) em relação a São Paulo e Almeida (2013) em relação o Rio de Janeiro. Entre o século XIX e XX, os casebres e cortiços das regiões centrais da cidade de Fortaleza eram, naquele dado momento histórico, a opção possível para moradia dos afrodescendentes e pessoas pobres. Àquela altura, o centro da cidade apresentava duas fortes características: o centro era heterogêneo e detinha alta concentração de pessoas.

A segunda metade do século XX, especificamente após 1960¹², a segregação espacial dá forma aos bairros José Walter e Conjunto Palmeiras, que vieram a surgir com propostas para habitar dois públicos com condições econômicas distintas. (MATIAS, 2019) Enquanto o primeiro oferecia condições básicas de habitação, tais como água e energia elétrica e moradias de alvenaria, o segundo não oferecia qualquer condição.

O contingente populacional desabitado surgiu do deficit habitacional da década de 1990 (Polis, 2009, p. 11) da cidade de Fortaleza, construiu comunidades no início da década de 1990, em muitas ocupações de terrenos desabitados. Uma delas foi a comunidade Rosalina, surgida por volta do ano de 1992, nos limites dos bairros Parque Dois Irmãos e Passaré. Os processos de ocupação da comunidade Rosalina são importantes para entendermos que no processo de construção da comunidade reside sentimentos que moveram famílias em um bem comum: a conquista da moradia. Nesse processo, laços familiares, redes de vizinhanças e a sociabilidade já não distinguem o público do privado. A vida acontece no limite entre o público e o privado.

12 Entre 1940 e 1960 acontece um movimento de ocupação de bairros mais distantes do centro da cidade de Fortaleza, como o Jacarecanga, construído especificamente para abrigar populações com maior poder aquisitivo que desejavam viver distantes do centro heterogêneo e com grande volume de pessoas. Após essa data, o movimento é inverso: reocupação do centro pela população com maior poder aquisitivo e consequente desabitação dos afrodescendentes e pobres de bairros mais próximos da praia.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

METODOLOGIA

O pesquisador da afrodescendência atua em um campo de questionar sua própria realidade. Pesquisar as redes e sociabilidades do seu bairro é uma tarefa difícil, pois implica descrever textualmente sua vida cotidiana no bairro. Isso significa olhar sua própria realidade, mas com o olhar de pesquisador.

Os percursos urbanos realizados sistematicamente dentro da comunidade, permitem o pesquisador-morador da comunidade apreender o cotidiano, história e fazer parte dos processos de sociabilidade. Contribui para compreensão do funcionamento das redes. Entendemos os percursos urbanos como metodologia de pesquisa que permite o pesquisador a “experiência de caminhar e olhar na qual o pesquisador procura não apenas descrever, mas interpretar a realidade” e com isso, “podemos alcançar a consciência espacial das experiências sociais materializadas.” (SILVA, CUNHA JUNIOR, 2019, p. 213) É uma constante revisitação à sua própria casa.

A ORGANIZAÇÃO URBANA NEGRA EM BAIRROS

O processo histórico de formação de um bairro negro como a Rosalina, “[...] é marcada por um processo histórico das várias expressões de culturas negras que configuram diferentes sociabilidades e espacialidades” (RAMOS, 2013, p. 195), entre as quais, a solidariedade é um dado qualitativo fortemente presente nos afrodescendentes que vivem nos bairros. Essa é a marca profunda que encontramos quando remontamos a história de um bairro negro.

A cultura negra imprime nos bairros sua marca e dinamiza o espaço. Por espaço, compreendemos como um conjunto de objetos e as relações que são realizadas sobre estes objetos (SANTOS, 1993). O bairro negro é, portanto, “aquele que predomina a cultura negra”

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

(RAMOS, 2013, p.194). As redes presentes na comunidade Rosalina dividem-se em dois grupos. As formais: Associação de Moradores, o depósito de reciclagens, os espaços religiosos (terreiros e igrejas), gestores e professores da instituição de ensino formal Centro de Educação Infantil Infante Rosalina e o grupo de capoeira. E as redes informais: redes de vizinhanças e parentescos, as quitandas e líderes de times de futebol.

Os becos, as ruas e os cantos da Rosalina são transformações urbanas que representam a vida vivida em coletivo na comunidade. Neste sentido, Maria Estela Ramos aponta que “a casa e a rua não são opostas e sim, complementares” (Ramos; Cunha Jr, 2007, p. 12) Essa estrutura aproxima-se do com que Sommer vai chamar de *kraal* africano (Sommer, 2005). As relações de compadrio e vizinhança, nesse sentido, atuam em um sistema de ajuda mútua e compartilhamento de bens e materiais. Os meios de transportes particulares, o cuidar das crianças da comunidade, o compartilhamento de comida e panelas entre as redes formam estratégias de vida diante de adversidades impostas pelo próprio cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A solidariedade, como componente de sociabilidade cotidiana na Comunidade Rosalina, construiu em sua gênese o bairro. As moradias construídas a partir desse componente na comunidade Rosalina é mais que um espaço físico, é a possibilidade de afrodescendentes acessarem os “meios de vida, à água, a toda infraestrutura, à educação, à saúde.” (ROLNIK, 2011, p. 38).

Os sistemas de ajuda mútua, o fato de um comprador de reciclados arredondar para cima o valor a ser pago pela mercadoria, pagando um pouco mais do que os papelões e os alumínio custam, os trabalhos das igrejas, o compartilhar xícaras de açúcar, café e meio quilo de arroz entre os vizinhos são empatias, solidariedades e amor (JESUS, 1993) que encontramos presente nas redes e sociabilidades da Rosalina.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. 1a ed, São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MATIAS, Emanuela Ferreira. **Deus Criou o Mundo e Nós Construimos o Conjunto Palmeiras: Quilombismo Urbano de Populações Afrodescendentes em Fortaleza- Ceará**. 2019. 127f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza(CE), 2019.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Bairros negros: Uma lacuna nos estudos urbanísticos - Um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)**. Tese (Doutorado), Versão Provisória - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 2013, 283 f.

_____. CUNHA Jr. Henrique. Liberdade: Território de Maioria Afrodescendente; Cultura, autoconstrução e espaço urbano. XII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Disponível em:
<http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1252>. Acesso em: 30/10/2020.

ROLNIK, Raquel. **Moradia é mais que um objeto físico de quatro paredes**. São Paulo. (Entrevista). Revista E-metropolis, nº 05, ano 2, junho de 2011.

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. 2a ed. São Paulo: Nobel, 1993.

SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade: segregação espacial e urbana em São Paulo**. 1a ed. Brasília, Fundação Cultural Palmares. 2006, 232 p.

SILVA, Meryelle Macedo da; CUNHA Jr, Henrique. **Percursos urbanos como forma de pesquisar o patrimônio afrocratense**. GeoTextos, vol. 15, n. 2, dezembro 2019. M. Silva, H. Junior. 199-215.

SOMMER, M. F. **Kraal: no DNA das cidades brasileiras? Metodologias para apreensão espacial da territorialidade negra urbana em áreas remanescentes de quilombos**. In: Anais XI Encontro Nacional ANPUR. Salvador: UFBA, 2005.

UEMURA, M. M.; KOHARA, L.; FERRO, M. C. T. **Projeto Moradia é Central - lutas, desafios e estratégias**. São Paulo: Centro Gaspar Garcia, 2012 (Material para Formação de Movimentos de Moradia). Instituto Polis.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

PÉS NO CHÃO: DECOLONIZAÇÃO EM COMPAIXÃO DE TONI MORRISON

Natalino da Silva de Oliveira¹³

RESUMO

O objetivo deste artigo é estudar o desenvolvimento da personalidade de Florens (personagem de *Compaixão* de Toni Morrison) visando analisar a *personalidade*, a *performance* e a identidade decolonial. A pesquisa se amparou nos pensamentos de Bell Hooks (1995), Mignolo (2003), Quijano (2005) e Boaventura de Sousa Santos (2009). Todas estas leituras foram feitas seguindo as transformações sofridas pela protagonista de *Compaixão*, avaliando sua trajetória e a construção de Morrison em aspectos estilísticos que possibilitaram a leitura de *Compaixão* como uma narrativa decolonial.

Palavras-chave: Decolonial; Bildungsroman; Romance; Toni Morrison.

INTRODUÇÃO

O artigo que se apresenta almeja analisar o romance *Compaixão* de Toni Morrison buscando retirar as lentes que configuram o meu olhar de pesquisador; tentando apropriar-me da escrita de Morrison como quem escuta a história de alguém de meu convívio. Só desta forma, conseguirei fazer a leitura decolonial que me proponho a realizar. Não farei isso sozinho, convidei para a roda Bell Hooks (1995), Mignolo (2003), Quijano (2005), Boaventura de Sousa Santos (2009) e Grosfoguel (2012).

METODOLOGIA

A metodologia empregada é de cunho bibliográfico tomando por base a análise do discurso literário com elementos de literatura comparada; não como forma de comparar

13 Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais – IFSEMG, natalinolettras@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

diferentes textos narrativos, mas sim para revisar a teoria literária a partir de características demandadas pelo romance de Morrison. A leitura caminhará pelo sendeiro da epistemologia decolonial, por isso será essencial convidar para a roda a companhia de Bell Hooks (1995), Mignolo (2003), Quijano (2005), Boaventura de Sousa Santos (2009) e Grosfoguel (2012).

DE PÉS CALÇADOS

Como guia para seguir a caminhada de leitura decolonial de *Compaixão*, serão seguidos os passos da protagonista da narrativa. O romance nos apresenta Florens como uma menina que inicia sua trajetória calçando os sapatos que eram de outra pessoa e que não se encaixavam bem em seus pés. Esses calçados inadequados são aqueles que são impostos pela colonização e que obrigam com que as pessoas *subalternizadas* caminhem sem qualquer segurança e de forma totalmente desajeita. Os pés artificialmente e forçosamente calçados representam o indivíduo que é forçado a adquirir toda uma complexidade de costumes que sempre o colocarão em situação de extrema desvantagem: língua, cultura, religião.

Compaixão é um romance lançado em 2008 e com ele, Toni Morrison retoma o tema da escravidão apresentado em *Amada*. É interessante observar que os dois títulos trazem um significado positivo com as palavras utilizadas. Porém, há uma triste ironia nos dois, pois o contexto apresentado em ambas narrativas acaba contradizendo as noções apresentadas nos títulos. E isso pode ser observado com nitidez em *Compaixão*. O romance retrata o ano de 1960, a pequena Florens, uma garotinha negra de sete ou oito anos que não consegue andar sem usar sapatos, é entregue como forma de quitar uma dívida de seu antigo proprietário para com o senhor Jacob Vaark. Ela é oferecida pela própria mãe com forma de proteger o bebê que ainda estava carregando no colo. Sendo assim, ela é afastada do amor materno e vive com a incômoda sensação de ter sido rejeitada.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

OS PÉS NO CHÃO

Florens foi acompanhada por esta pesquisa do início ao fim da narrativa. Assim, foi possível buscar relações entre aspectos da vida da protagonista e conceitos próprios de epistemologias suleadas e decoloniais. Observando elementos de estilo e conteúdo narrativo, é visível que o romance de Toni Morrison se nega a permitir que o esquecimento apague as mazelas que demonstram que humanidade em diversos momentos se perdeu. É um dos textos que faz parte daqueles que “(...) teimam em opor-se à hipocrisia de uma reconciliação amnésica que pretende calar o que, de qualquer modo, já se sabe” (SARLO, 1997, p. 32).

É a voz fortalecida de Florens ao final da narrativa de suas perambulações rumo ao verdadeiro esclarecimento, com seus pés no chão, que ouvimos a canção decolonial: “Está vendo? Você está certo. A minha mãe também. Eu virei fúria mas também sou Florens. (...) Mãe, você pode ter prazer agora porque as solas dos meus pés estão duras feito madeira de cipreste” (Morrison, 2008, p. 151). É no giro da personagem que esta pesquisa observa e analisa também a gira epistemológica encontrando indícios, ferramentas e estratégias para que o subalternizado possa, enfim, falar.

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Negras**. Trad. Renato da Silveira. Editora da UFBA: Salvador, 2008 [1968].

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra? In: **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p.317-333.

HOOKS, B. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, ano 03, n. 2 - Dossiê: Mulheres Negras. Florianópolis, p. 464-478, jun/dez 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 25 maio 2020.

_____. Mulheres negras: moldando a teoria feminista (Black women: shaping feminist theory). **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

_____. **Olhares Negros: raça e representação.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante. 2019 [1992].

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Tradução de Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019 [2008].

_____. “O racismo é uma problemática branca” diz Grada Kilomba. [Entrevista concedida a Djamila Ribeiro]. **Carta Capital.** 30 de março de 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/2016coracismo-e-uma-problematica-branca2016d-uma-conversa-com-gradakilomba/>. Acesso em: 25 maio 2020.

MORRISON, Toni. **Compaixão.** Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura.** Tradução: Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

QUIJANO, A. *Colonialidad y Modernidad-racionalidad.* In H. Bonillo (Org.), **Los conquistados.** Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, PP.437-449.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez 2010.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação.** São Paulo: EDUSP, 1997.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Simpósio Temático 02 – Racismo religioso e educação

Coordenadores(as)

Cícera Águida Barbosa Marcelino (MPEDU/URCA)

Profª Dra. Kássia Mota de Sousa (CFP/UFCEG)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

NA AULA DE HOJE VEREMOS EXU: CORPO-BRINCADEIRA EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS

Wilame da Silva Junior¹⁴
Linonly Jesus Alencar Pereira¹⁵

RESUMO

A presente pesquisa do projeto Encruzilhadas (PIBIC/CNPq), tem como objetivo apontar a partir de Exu como fundamento conceitual e epistemológico, possibilidades de práticas pedagógicas que situem as brincadeiras no seu potencial de ensino-aprendizagem e desenvolvimento cognitivo para crianças da educação básica. Reinventar práticas pedagógicas que possam colaborar no combate ao racismo, vem sendo o principal desafio da educação brasileira desde a homologação da LEI 10.639/03. Destacamos que as brincadeiras dinamizam o espaço educacional à ter o corpo enquanto fonte motriz de possibilidades educativas. A partir da metodologia de pesquisa participativa no terreiro de candomblé Ilê Asè Oba Oladeji, evidenciamos Exu nas dimensões de corpo, brincadeira e educação, energizando outros parâmetros de práticas pedagógicas antirracistas.

Palavras-chave: Exu; corpo; brincadeira; práticas pedagógicas antirracistas.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apontar a partir de Exu como fundamento conceitual e epistemológico, possibilidades de práticas pedagógicas que situem as brincadeiras no seu potencial de ensino-aprendizagem e desenvolvimento cognitivo para crianças da educação básica. Reinventar práticas pedagógicas que possam colaborar no combate ao racismo, vem

14 Graduando do IV semestre no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela UNILAB-CE. Bolsista PIBIC/CNPq pelo Projeto Encruzilhadas (10/19 - 10/20), vinculado ao grupo de pesquisa PerformArte - Núcleo de Estudos das performances culturais e do patrimônio cultural imaterial, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Artista de multilinguagens. wilame666junior@gmail.com

15 Professor e Babalorixá. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e em Licenciatura em Física pela UFC. Desenvolve sua atuação profissional na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB-CE, no Instituto de Humanidades, curso de Pedagogia. linonly@unilab.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

sendo o principal desafio da educação brasileira desde a homologação da LEI 10.639/03. Destacamos, as brincadeiras no seu potencial de ensino-aprendizagem dinamizam o espaço educacional à pôr em centro o corpo enquanto fonte motriz de possibilidades educativas. A partir de Exu, fundamentado em conceitos e epistemologias, as dimensões de corpo, brincadeira e educação, energizam-se nos parâmetros de práticas pedagógicas antirracistas.

Dessa forma, vamos adentrar no jogo da ginga conceitual e epistêmica de Exu, buscando problematizar o sistema educacional público no Brasil, que tanto impede a presença dos fundamentos filosóficos e valores civilizatórios africanos nas práticas pedagógicas do cotidiano, como impossibilita que os corpos tenham potências pedagógicas a partir das brincadeiras. A escola e o agir sobre os corpos: pode Exu brincar? O centro dessa encruzilhada é justamente esse, desafiar a escola a repensar o lugar de potencialização das brincadeiras, tendo aqui Exu como agente dinâmico dessas práticas pedagógicas.

Após essas questões serem implicadas neste artigo, apontaremos práticas pedagógicas com brincadeiras, a partir de conceitos e epistemologias de terreiro, onde está Exu assentado nessa proposta. As brincadeiras com Exu: possibilidades de aprender brincando. Entendendo, que com a institucionalização do racismo na educação pública, ao buscarmos na figura de Exu fundamentos de outras práticas pedagógicas de enfrentamento ao racismo e reação civilizatória a colonização, faz desse artigo uma verdadeira arma de combate às injustiças cognitivas (RUFINO, 2019) ultrajadas pela branquitude. As brincadeiras são pedagógicas, assim como Exu o foi na luta de resistência às correntes da escravidão: colocando o corpo pra jogo. Gingar, cantar, dançar, batucar, ouvir, contar, pular, girar, serão empreendidos nas práticas pedagógicas antirracistas propostas neste artigo.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa parte da experiência com o Projeto Encruzilhadas (PIBIC/CNPq), a partir da vivência do trânsito entre a UNILAB,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

especificamente na Pedagogia e Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, com o terreiro de candomblé Ilê Asè Oba Oladeji, localizado em Maracanaú - CE. Desse modo, temos na pesquisa participativa o caminho metodológico para os resultados alcançados e explanados na escrita deste artigo. Situando a partir de Exu, que esse trânsito de diálogo - terreiro e universidade -, vem sendo operado como uma verdadeira encruzilhada epistêmica, que neste trabalho desemboca para escola.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A partir da noção que Exu nos desperta sobre os domínios do corpo, as potências da corporalidade em movimento, o invocamos para trabalhar em nossa pesquisa seus fundamentos filosóficos e epistemológicos, voltado para as práticas pedagógicas antirracistas. Desse modo, compreendemos que o corpo na escola não vem a ser trabalhado em seu potencial pedagógico pleno, pois as amarras da colonialidade operam na escola métodos educativos voltados para as demandas do sistema capitalista, daí que a “educação bancária”, que a eles serve, jamais possa orientar-se no sentido da conscientização dos educandos (FREIRE, 1987, p. 39). Entendemos que a conscientização plena envolve diretamente a tomada de uma consciência corporal no processo pedagógico.

Ao trazer Exu para a encruzilhada da sala de aula, o Orixá vem a ser o fundamento de uma pedagogia alegre, onde as brincadeiras sejam exploradas no seu potencial de ensino-aprendizagem e no reposicionamento das epistemologias africanas na educação. Através do livro *Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural* (CUNHA, 2016), selecionamos nove brincadeiras de países diferentes e interligamos as inteligências múltiplas de desenvolvidas pelo psicólogo cognitivo e educacional estado-unidense Howard Gardner, apresentadas nesse artigo a partir da encruzilhada operacionada por Exu. Sendo-os:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

INTELIGÊNCIA MÚLTIPLA	BRINCADEIRA AFRICANA	PAÍS
Lógico-matemática	Tarumbeta	Tanzânia
Linguístico verbal	Telefone sem Fio ¹⁶	Brasil*
Corporal cinestésico	Nyaga Nyaga Nya	Moçambique
Musical	L'abe igi orombo	Nigéria
Visual espacial	Meu Querido Bebê	Nigéria
Interpessoal	Comboio	Botswana
Intrapessoal	O Silêncio é Ouro	Egito
Naturalista	Pilolo	Gana
Existencial	Dosu	Benin

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Pedimos licença por aqui, ao Orixá mensageiro, para que possamos trabalhar com os seus poderes cosmológicos, conceituais e pedagógicos. Nosso intuito é que a elucidação de caminhos partindo desses tensionamentos, possa nos proporcionar o alcance de novas perspectivas de práticas pedagógicas que situem as brincadeiras no seu potencial de ensino-aprendizagem e desenvolvimento cognitivo para crianças da educação básica. Situadas dentro de um perigoso campo de batalha, onde sistêmicas operações elaboradas a partir da colonização europeia, acarretaram em injustiças cognitivas contra os povos africanos e afro-brasileiros. Buscamos por esses caminhos na educação, o rompimento do colonialismo, a emancipação humana contra o racismo, engrossando as frentes de combate com ações

16 Brincadeira brasileira que não está presente no livro *Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural*, de Débora Alfaia da Cunha.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

epistemológicas contra coloniais (SANTOS, 2015), em específico neste trabalho, as epistemologias de terreiros. E Exu é o nosso guia.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas** / Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação - 2017.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: 2015.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Múltiplas Inteligências na Prática Escolar** / Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 1999.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

O RACISMO NA ICONOGRAFIA DA ORIXÁ YEMOJÁ

Inah Irenam¹⁷

RESUMO

O branqueamento da iconografia da orixá Yemojá na diáspora e as consequências para os adeptos das religiões de matrizes africanas tem sido pauta após a recuperação das histórias dos antepassados escravizados e o pertencimento das experiências étnico racial. Ressoam em nossos corpos até hoje os mais de trezentos anos de traslado atlântico escravocrata, e nessa perspectiva, as reivindicações pelos reparos socioculturais contribuem para o entendimento de aspectos da formação educacional na afro diáspora, essa que transmuta a estética negra, como lábios grossos, olhos grandes, narizes largos, cabelos crespos para traços europeus que reforçam a estrutura racista e machista, principalmente no Brasil, amparados no ideal da mulher branca, magra, de longos cabelos lisos, com ar pueril reproduzida pelo catolicismo, artes e mídias.

Palavras-chave: Yemojá; iconografia; estética negra; racismo religioso; educação museal.

INTRODUÇÃO

Yemojá, divindade cultuada em diversas partes do Brasil e países da afro diáspora, sendo reverenciada e conhecida também pelos nomes Rainha do Mar, Mãe das Águas, Rainha de Aiocá, Mãe de todos os Orixás, Janaína, Inaê, Sereia do Mar, Marabô, Caiala, tem seu culto originário à beira do Rio Lákásà, afluente do rio Ògùn, na cidade africana de Ibará, distrito de Abéòkúta, sendo seu nome a junção das palavras yèyè (mãezinha) + omo (filho) + eja (peixe), significando “A Mãe dos Filhos Peixes”.

17 Intérprete Criadora, Gestora, Curadora e Produtora Cultural. Bacharela em Artes pela UFBA, com concentração em cinema e audiovisual. Graduanda em Museologia pela UFBA e Mestranda em Dança pelo PRODAN/UFBA. Idealizadora do EPA! Encontro Periférico de Artes e da Batalha de Pagode Baiano. Pesquisadora das corporeidades do Samba de Caboclo e do Pagode Baiano. Orientadora: Daniela Maria Amoroso. E-mail: inahios@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Ali, as mulheres levavam seus filhos para serem banhados nas águas sagradas, buscando a cura de enfermidades e a prevenção contra a morte prematura, problemas comuns no Continente africano desde aquela era. Yemoja, era associada aos rios, à fertilidade das mulheres, à maternidade. (...). Sua imagem era representada por uma escultura de mulher gorda, de seios fartos apoiados nas mãos. (...). No convívio entre os negros e os brancos, as culturas, as crenças e os ritos foram se entrelaçando, no processo de sincretismo. Yemojá, a grande mãe africana, foi naturalmente associada a Nossa Senhora (a grande mãe dos católicos). Assim, seu aspecto, seu mito, seu culto, e até sua personalidade seriam adaptados ao novo continente. Desta forma, nascia no Brasil a mais popular devoção: o amor a Mãe Yemojá (JAGUN, 2017, p. 192).

DE ÁFRICA, ORIXÁS E INQUICES APORTAM NO CAIS DE SALVADOR: ODOYÁ!

Em diversas religiões politeístas, que cultuam diversas deusas e deuses, santas e santos, a materialização da representação das divindades em formatos artísticos distintos, entre eles imagens, esculturas, fotografias é uma característica consoante de participantes da comunidade de devotos. E são através dessas iconografias ou representações que alcançam a memória e a replicação dos conteúdos nos segmentos sociais descendentes.

Através da dança, canto, escritos, pinturas, esculturas e mídia os intelectuais ou adeptos das religiões afro-brasileiras imprimem imagens, marcando de forma visível os contornos e acontecimentos da vida e memória. Segundo Abreu e Lima (2005, p.40) “o objeto, portanto, fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida”.

O branqueamento da representação visual do orixá Yemojá na afro diáspora e suas consequências em torno da perpetuação icônica tem sido debatido nos últimos anos após aberturas políticas. Após mais de trezentos anos de traslado escravocrata de etnias africanas pelo Oceano Atlântico para as Américas, as reivindicações pelos reparos sócios culturais vem contribuindo para o entendimento de aspectos da formação da afro diáspora.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A passagem de Iemanjá da África para o Brasil provocou alterações significativas em sua simbologia e na forma que ela é representada junto às religiões afro-brasileiras. A sua imagem sofreu uma verdadeira transmutação, de uma divindade do rio Ogum, negra, corpulenta, de seios fartos e desnudos e que é representada numa atitude ritualizada, para uma mulher jovem, branca, de corpo escultural que anda sobre as águas do mar, seu novo domínio. No Brasil, a imagem de Iemanjá pode ser vista por todos e em todos os lugares: em algumas praias e praças, pintada nas paredes de lojas comerciais, shopping, etc (DAMASCENO, 2015, p.107).

A transmutação que Damasceno reflete é percebida nas Américas de forma contundente e, ao visitar museus etnográficos os quais têm em seu acervo obras de arte em tipos diferenciados de materiais, ou uma simples passagem em espaços de comercialização de objetos religiosos, feiras populares, lojas de artesanatos, livrarias, nos deparamos com uma representação totalmente diferente do complexo cultural da divindade, ou seja, de África. Somos instruídos a observar e compreender uma figura distorcida como símbolo da deidade Yemojá. Ao longo dos séculos, traços da estética negra, como lábios grossos, olhos grandes, narizes largos, cabelos crespos foram usurpadas em detrimentos de traços eurocêntricos, pela ideologia do branqueamento para eliminar os corpos negros, corroborando a estrutura racista e sexista, principalmente no Brasil, amparados na estética da figura da mulher branca, magra, de longos cabelos lisos, com ar pueril reproduzida pelo catolicismo, arte e mídias.

Images requerem mídias para que assumam uma presença física como imagens. [...]. Nesse sentido, as imagens originam e otimizam a maneira como e o que as pessoas imaginam em um mundo específico de experiência vivida. Gostaria de enfatizar que essa é uma questão de poder. Imagens autorizadas que são examinadas e abordadas no contexto de práticas políticas e estéticas estabelecidas são centrais para a criação e manutenção de imaginações e imaginários compartilhados. Por outro lado, novas imagens têm o potencial de perturbar essas imaginações e imaginários compartilhados e de se tornarem precursoras de novas perspectivas, regimes visuais e modos de ser (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p.222-223).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES

Finalizo essa escrita de semanas após um vídeo ser divulgado na internet e ter ampla repercussão. Nele, uma criança branca de pouco mais de sete anos de idade ganha uma boneca negra de presente de Natal. A menina após desembulhar o presente e deparar-se com o objeto atira-a para longe numa reação de enfurecimento e susto. Os pais, que filmam toda a ação, riem em tom debochado do descontrole da criança, que chora compulsivamente.

O racismo é perpetuado também em imagens, fotos, vídeos, objetos. São representações imagéticas de perspectivas vivenciadas ou desejáveis para a manutenção do controle dos corpos. Para a manutenção do racismo, as imagens são manipuladas desde a propaganda da família branca na televisão até as transfigurações dos elementos construtivos de religiosidades. Para combater o racismo religioso é preciso a reeducação de nossos corpos e subjetividades.

REFERÊNCIAS

ABREU da Silveira F. L. e LIMA Filho M. F. **Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma das coisas” e a coisificação do objeto.** Horizontes Antropológicos 11(23): 37-50; 2005.

DAMASCENO, Tatiana Maria. **NAS ÁGUAS DE IEMANJÁ: um estudo das práticas performativas no candomblé e na festa à beira-mar.** Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Centro de Letras e Artes. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. Disponível em <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11185/TESE%20-%20TATIANA%20DAMASCENO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 29 de dez. 2019

GIUMBELLI E., RICKLI J. E., TONIOL R. (Org.). **Como as coisas importam. Uma abordagem material da religião: Textos de Birgit Meter.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2019.

JAGUN, Márcio de. **Yorubá: vocabulário temático do candomblé/pp.** 1240; 1 ed. - Rio de Janeiro : Litteris, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** 5ª ed. rev. amp.; 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e identidades).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

RACISMO VIRTUAL: VAMOS FALAR SOBRE O TEMA?

Cleberon Vieira de Araújo¹⁸
Lucas de Sousa Ferreira¹⁹
Mariana Soares de Farias²⁰

RESUMO

A vida em sociedade coloca a prova comportamentos e atitudes de convivência mútua e pacífica, mesmo aquelas consideradas mais simples. Porém, com o advento da tecnologia e o crescente uso das redes sociais, comportamentos antes tidos como inaceitáveis voltam à discussão, são as práticas racistas (de cunho religioso), veladas ou não, que geram tantos problemas para quem os sofre, tornando a discussão extremamente importante e atual. Logo, esse trabalho tem por objetivo discutir o racismo atrelado ao mundo virtual, em especial nas redes sociais. Enquanto metodologia faz-se uma abordagem qualitativa ao adotar enquanto aporte teórico autores como Berleze e Pereira (2017) e Trindade (2018).

Palavras-chave: Racismo; Preconceito; Redes sociais.

INTRODUÇÃO

A vida em sociedade apresenta muitos dilemas complexos, entre tantos o da aceitação do outro como ele é a partir do cumprimento das Leis vigentes.

Nesse sentido, a vida em sociedade também pressupõe a aceitação do outro, ou ainda, o respeito as suas escolhas desde que essas respeitem as Leis vigentes e a vida em sociedade.

No que tange a comportamentos e escolhas, há uma diversidade de opções que vão desde comportamentos culturais, musicais e mesmo religiosos (dado o grande preconceito em relação às religiões de matriz africana).

18 SEECT – PB, E-mail: cleberon.historiador@gmail.com

19 IFPB, E-mail: lucas.pb59@hotmail.com

20 IFPB, E-mail: mariana.sl@outlook.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A tecnologia tornou a diversidade como parte de um cardápio escolhas diferenciadas a serem feitas e agora, divulgadas em suas redes sociais que fazem com que outros vejam e mesmo discorde dessas escolhas e opções, o que pode ser considerado como sendo uma prática preconceituosa.

Nas redes sociais nunca foi tão presente casos e situações de racismo de forma aberta já que para alguns a internet, e em especial as redes sociais funcionam como terra de ninguém.

Assim, a temática se faz importante dada a sua atualidade e necessidade de debate aberto, bem como enfrentamento.

Logo, esse breve trabalho tem como objetivo geral discutir sobre o racismo atrelado ao mundo virtual, em especial nas redes sociais.

Quanto a Metodologia faz-se uma abordagem qualitativa ao adotar enquanto aporte teóricos autores como Berleze e Pereira (2017) e Trindade (2018).

DO RACISMO AO RACISMO VIRTUAL

Um tema muito discutido, principalmente nas ciências humanas e sociais, o racismo parece que sempre vem a tona com novos casos que muito assustam a sociedade que tende a acreditar que ele não mais exista. Assim, vale salientar que,

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem. (ALMEIDA, 2018, p. 25).

Existem aqueles que repetem temas, brincadeiras e até músicas, mesmo sem saber que esses representam racismo e passam adiante a diminuição de um determinado grupo frente a outro sem dar-se conta de que isso também é racismo.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Se o racismo está no cotidiano, ate mesmo nas redes sociais com o advento da democratização da internet, essa não fica restrita a palavras ou a diminuição conceitual, que já traria grande desgaste e sofrimento para quem o sofre, indo ate mesmo a vias de fato com ataques físicos.

A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça. (ALMEIDA, 2018, p. 25).

Assim, esse preconceito que sempre esteve presente no cotidiano, mesmo depois do processo de escravidão, ganhou as redes sociais e passou a fazer vítimas em todas as partes do mundo.

As redes sociais espelham este preconceito e as pessoas negras e pardas são continuamente xingadas, ofendidas, humilhadas pelos seus pares, constituindo-se a injúria racial, apesar de ser crime, um lado perverso de uma sociedade que se democratiza a cada dia. (BERLEZE; PEREIRA, 2017, p.13).

Mas, o racismo não fica restrito a pessoas negras, o que já seria muito, ele também se espalha na direção das minorias (como mulheres e homossexuais) que sofrem ataques diariamente, seja de forma direta ou mesmo com brincadeiras que são apontadas como inofensivas para quem as fazem.

Para o racista, a raça não é unicamente um grupo definido pelos traços físicos, mas sim, um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, dentre outros, o qual, naturalmente, ele considera inferiores ao grupo a qual ele pertence. (CASTRO et al., 2017, p. 6).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Os comentários e brincadeiras se espalham também pelas redes e o que parecia inofensivo agora faz vítimas, destroem famílias, reputações, trabalhos, estudos e até mesmo a fé das pessoas passam a ser questionadas como válidas ou não nas redes, onde o racismo passou a adotar uma face nunca antes vista dado o seu alcance.

No cenário virtual, também é possível verificar que as questões sobre raça e racismo ainda persistem e se apresentam a partir de formas novas e exclusivas para a internet, pois a possibilidade de comentar notícias on-line favoreceu uma transformação significativa da aparência discursiva do racismo, ainda que este continue ocorrendo juntamente com as formas tradicionais do racismo aberto. (FARIAS et al., 2017, p. 121).

Portanto, o racismo persiste, e deve ser duramente enfrentado, com advento do mundo virtual cada vez mais democratizado, os problemas se acentuaram e a sociedade do conhecimento tem que enfrentar esse problema que parecia vencido, mas que nas redes sociais ganharam fôlego e hoje parece mais viva que nunca, porém com um novo formato e potencializada pelas redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade da tecnologia e da virtualidade passou a viver na velocidade da internet e levaram para esse mundo da velocidade quase tudo que já existe também no mundo real, inclusive o racismo.

Debater esse tema e discutir a real finalidade das redes sociais, para o bem ou para o mal, é fundamental para combater a prática do racismo, que é um crime mesmo no mundo virtual.

O desrespeito não tem limite e atinge tudo até mesmo a individualidade da escolha da religiosidade, e os seguidores de religiões de matriz africana são aqueles que mais sofrem com essas práticas.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Mas, o desejado é o respeito e a convivência com a diversidade o que aponta para um longo caminho a ser percorrido pela humanidade.

Portanto, o racismo ainda é uma marca da sociedade e o mundo virtual só demonstrou o seu potencial destrutivo e a necessidade de Leis mais dura para coibir tais praticas e tudo isso certamente deve passar por um debate apurado da sociedade e importante papel da educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?.** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BERLEZE, Michele; PEREIRA, Silva Pereira. **O racismo nas redes sociais: O preconceito real assumido na vida virtual.** 2017. Disponível em:
<http://www.ufsm.br/congressodireito/anais>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

CASTRO, M. M.; CASTRO, M. A.; CASTRO, M. B. M. E. **O crime de racismo praticado na internet.** Revista Científica Semana Acadêmica, v. 01, p. 01-15, 2017.

FARIAS, J. W. F.; SOUSA, R. S.; LIMA, T. J. S.; SANTOS, W. S.; FERREIRA, S. C. **Racismo e julgamento social na internet: crianças e jovens negros como alvos.** Revista de Psicologia da UFC, v. 8, p. 119, 2017.

TRINDADE, Luiz Valério P.. **Formas contemporâneas de racismo e intolerância nas redes sociais.** 2018. Disponível em:
https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2018/07/FormasContemporaneasRacismo_Po rtuguese-final.pdf. Acesso em: 20 de set. de 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

RELIGIÕES AFRO-AMERÍNDIAS E SUA REPRESENTATIVIDADE NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

Andecieli Ferreira Martins²¹
Gabriela do Nascimento Lemos²²

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo as Escolas de Ensino Médio Governador Aduato Bezerra e E.E.M.T.I. Prefeito Raimundo Coelho Bezerra de Farias, situadas na região Sul do Estado do Ceará. Analisar e problematizar em que medida as mesmas trabalham as questões das Religiões Afro-Ameríndias em processo dialógico com educandos e o corpo docente. Refletimos a partir das vivências e atuação nos programas do PIBID e Residência Pedagógica, sobre a forma com a qual as instituições de ensino ajudam a tencionar ou manter os discursos homogêneos, intolerantes e desiguais sobre as religiões periféricas presentes no Estado Brasileiro. A abordagem do tema surge a partir da carência da inclusão destes conhecimentos na tentativa de colaborar para formas de saberes dos educandos dentro de Estado declarado laico.

Palavras-chave: Ensino Médio; Religiões de Matrizes Africanas; Discursos; Etnocentrismo; Pluralidade Religiosa.

INICIAÇÃO A DOCÊNCIA: UMA DESCONSTRUÇÃO DE MUROS ENTRE PRÁTICA E TEORIA

Iniciar a prática da docência no âmbito escolar é um desafio que nos possibilita uma formação pedagógica continuada. Com foco nas concepções de inserir temas relevantes ao ensino de religiosidades afro-centradas e ameríndias, tivemos o desafio de identificar a vigência de práticas que necessitavam a reformulação em como a relação dialógica no corpo docente vinham desenvolvendo os temas sobre as relações étnico raciais, nas quais abordamos

21 Discente de Licenciatura em Ciências Sociais – URCA, cielicio@gmail.com

22 Discente de Licenciatura em Ciências Sociais – URCA, gabrielapreta88@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

a religiosidade em sua pluralidade híbrida é recorrente no cotidiano dos educandos das escolas em que foi possível a realização dos estágios nos presentes programas PIBID e Residência Pedagógica. Dessa maneira, a pesquisa nos possibilitou relativizar as experiências entre as escolas e como traziam para o ensino as implicações referente as identidades negra e não negra. Entendendo esse espaço escolar como um lugar de desconstrução de conceitos ainda atrelados a métodos de ensino pautados em padrões recorrentes ao longo da história tradicional da educação, o que nos moveu para uma observação participante com contribuições em diálogos sociológicos. Contudo perceber a necessidade de reformulação de projetos pedagógicos no âmbito do calendário escolar em que ainda se faz necessário a inclusão do ensino de cultura africana e afro brasileira, nos possibilitou o perceber a sociabilidade, bem como o aprofundamento na compreensão de perspectiva de vida profissional dos professores e alunos, os seus comportamentos e exploratório e explicativo frente a temas que iam de encontro as suas elaborações positivas ou não de identidade.

DO CHÃO DE IGREJA, PARA O TETO DA ESCOLA

Ao iniciar as atividades no espaço escolar nos deparamos com o corpo docente e sua organização ainda pautada em antigos hábitos cotidianos regular em se cumpre o calendário de reuniões e atividades a serem desenvolvidas no período letivo. Dessa forma, logo percebemos que nossa atuação exigia algo inovador dentro do tempo de estágio a ser cumprido. Pois uma urgente reformulação do modo em que os temas sobre as religiões afro ameríndias eram inseridas no contexto escolar pedia a desconstrução social em que traziam a nos estagiárias a partir da escuta de narrativas sobre o que foi construído no imaginário social dos atores que ali compõem o corpo docente. Logo as atividades empregadas sobre temas da cultura local e voltada a discursos Inter- religiosos, sinalizava uma metodologia habituada em comparar o incomparável, de forma em que as percepções dos estudantes ficassem isoladas e reduzidas apenas a um “evento” datado para a abrangência dos temas transversais sobre o

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ensino religioso dentro dos parâmetros curricular anual em que a escola vinha a cumprir. Não obstante colocamos a relativização entre as práticas religiosas mais frequentes advindas do cotidiano dos estudantes ,para assim relacionar com as religiões que são estigmatizadas como “não formais” pelas grandes instituições no campo religioso. Assim foi interessante levantar caminhos onde o olhar plural dos educandos e dos professores desnaturalizassem metodologicamente a abordagem comparativa entre os temas relevantes sobre a integração de crenças, práticas e afirmação da existência das religiões afro-ameríndias, como um fenômeno social também representativo da cultura local.

REFLEXÕES SOBRE O SILENCIAMENTO SOBRE O ENSINO DAS RELIGIOSIDADES

Elucidando a forma em que a educação e a ciência podem enveredar para discursos abrangentes tendo como primórdio a atuação dos discentes em programa de iniciação científica como o PIBID e programa residência pedagógica, é necessário primeiramente o exercício de distanciar-se das linearidades e hierarquização social de culturas presente em um domínio de realidade sobre outra dentro do parâmetro escolar, haja vista que é presente o hibridismo no fenômeno religioso social dentro de seus diferentes segmentos. Sendo possível através da inserção dos temas nas práticas educacionais no que se refere a pesquisas e abordagem dessa temática como um agrupamento de questões em que se funda o trabalho comparativo. Trazer as transversalidades no âmbito das religiosidades no ensino,é um inicio de concretizar com totalidade cidadã esse ensino perpassando as áreas humanas de forma ampla e não limitada apenas por seu lugar de representatividade . Então voltamos para pensar de onde bebemos as informações que norteiam o desenvolvimento de nossas cognições sobre o que se refere ao estudo das diferentes religiosidades em uma analogia e fato a ser agravado em variados campos de formação docente no país. Sendo esta, uma provocação para maior integração entre instituição educacional e comunidade no que diz respeito a levantar diálogos

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

sobre religiosidades ainda pouco expressivas nos parâmetros curriculares como as Ameríndias e Matriz Africana. Fiscalizar para além de uma ferramenta didática ou exemplificativa aos estudantes e pesquisadores, onde ocorra também a atenção em como estes elementos didáticos como livros, cartilhas, e tantos outros recursos materiais estejam sendo manejados em sua elaboração para o fomento de acesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos a consciência do quão é necessário rever a implementação do ensino sobre religiosidades diante do cenário caótico e hostil social em que vivemos diariamente a cada relato de violência decorrente da intolerância e racismo religioso. Que se estende a um longo período de ausência de políticas públicas e educacionais que ocultaram as discrepâncias sobre o tema e que por fim provoca-se em que medida a falta inoportuna nos parâmetros didáticos colabora para uma organização de especificidades? E nesse contexto é possível promover a consciência coletiva sobre o problema através de uma abordagem sociológica, onde não é permitido falar de intolerância e racismo religioso, quando não há a compressão que o próprio país desconhece a sua história?

REFERÊNCIAS

SANTOS, C. A. I. et al. (Org.). **Intolerância religiosa no Brasil. Relatório e Balanço.** Rio de Janeiro: Kline, 2018.

SILVA, A. M. S. **A escola como objeto de estudo: A construção do diagnóstico institucional como possibilidade metodológica da pesquisa.** In: Domingos Sávio Cordeiro. (Org.). *Experiências com Educação em Sociologia: Atividades Curriculares e Socioeducativas.* 1ed. Fortaleza: Gráfica e Editora Iris, 2013, v. 3, p. 9-172.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões Afro- Brasileiras- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006 (1ª.reimpressão).**

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

REPRESENTAÇÕES DE EXU E RESSIGNIFICAÇÕES DE UM IMAGINÁRIO ESTIGMATIZANTE

Claudia Regina Alexandre²³
Graça Teixeira²⁴

RESUMO

Esta comunicação faz uma breve análise da Exposição Exu Outras Faces, realizada em 2013 e 2018, no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (Salvador), observando-a como uma narrativa socioeducativa que objetivou provocar reflexões sobre as qualidades de um dos mais conhecidos orixás do panteão afro-brasileiro, apartadas de estereótipos imputados pelo sistema colonial cristão. Assim propomos uma discussão sobre práticas que contribuem para a luta contra a intolerância religiosa e o racismo religioso, tencionando o imaginário construído sobre essa divindade. Desta forma problematizamos alguns dados sobre violências no campo religioso brasileiro, principalmente, provocadas por segmentos de tradições judaico-cristãs, notadamente neopentecostais. De acordo com levantamento divulgado pelo Ministério da Justiça (2019), um terreiro afro-religioso foi alvo de algum tipo de ataque a cada 15 horas no país.

Palavras-chave: Exposição. Exu. Candomblés. Umbandas. Racismo Religioso.

INTRODUÇÃO

A exposição “Exu Outras Faces” foi um projeto com caráter de curadoria participativa e colaborativa que integrou a pauta de ações de combate a intolerância religiosa do Museu Afro-Brasileiro da UFBA. Porém, importa informar que essa foi uma demanda advinda da comunidade negra e teve a sua primeira edição aberta ao público em 21 de janeiro de 2013, dia do combate a intolerância religiosa.

Ao propor como ponto de reflexão a exposição “Exu Outras Faces”, diante de uma sociedade que demoniza as práticas das religiões de matrizes africanas e todo um sistema de

23 PUC – SP, claudiaalexandre.jornalista@gmail.com

24 Universidade Federal da Bahia, mgteixeir@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

crenças. Chamamos atenção para outras representações do sagrado e os possíveis diálogos com a arte e a religião, propostas no referido projeto expositivo.

METODOLOGIA

Utilizamos a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Como procedimentos técnicos, usamos a análise documental e audiovisuais, visitas a sites de instituições governamentais, além rodas de conversa com a equipe do museu e colaboradores externos.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Possibilitar o conhecimento e reconhecimento do Outro, do diferente, se apresenta como uma atitude necessária na luta de povos e comunidades de terreiro contra o aumento da intolerância religiosa, já que tem atingido os seguidores das religiões de matrizes africanas, que são de maioria negra. Silva (2017, p. 102), ao analisar o resultado do Censo 2000 afirma que o Candomblé “é a religião mais preta do Brasil” com 29,2%, seguido da Umbanda (17,4%) e das religiões pentecostais (8,5%) e católica (7.5%).

No entanto, ainda que se ressintam de políticas públicas que ajudem no combate às violências e ataques por conta da confissão religiosa, há de se destacar alguns avanços como o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa do Estado da Bahia, que foi criado e outorgado pela Lei de n. 13182 de 06 de junho de 2014. Um balanço do Disque 100, do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, mostra que no primeiro semestre de 2019 houve um crescimento de 56% no número de denúncias de intolerância religiosa. A maior parte dos registros foram feitos por seguidores da Umbanda e do Candomblé.

É nesse contexto que se situa o MAFRO/UFBA, ao assumir seu papel social realizando exposição “Exu: outas faces”. Para construção da narrativa foram utilizados representações, símbolos e objetos, como as cores vermelho e preto, correspondente ao orixá, peças do acervo e obras produzidas para a exposição que compõe os núcleos temáticos *Corpo, Escrita, Língua, Arte, Tecnologia, Caminhos e Continuidades*.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Para ampliar o debate da narrativa expositiva, foram programadas *Rodas de Conversas* que contaram com a equipe curatorial, comunidade escolar, pesquisadores, sacerdotes e sacerdotisas e seguidores das religiões de matrizes africanas, além de representantes das Secretarias Estaduais de Promoção da Igualdade Racial e Direitos Humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na exposição o orixá Exu conhecido por ser o controverso dono das encruzilhadas é deslocado da representação do diabo, da concepção judaico-cristã, e ganha centralidade de forma ao ter evidenciadas as qualidades humanas, assim como é compreendido nos espaços afro-religiosos brasileiros. O que reforça a importância da existência de espaços comprometidos com a educação, arte e cultura, que atuem no enfrentamento as várias facetas do racismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Balanco Disque 100**. Dados Primeiro Semestre (janeiro a junho). Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. Brasília (DF): MMFDH, 2019.

CUNHA, M. B.; FREITAS, J. M. Reflexões sobre a exposição temporária do MAFRO/UFBA - Exu: outras faces. **Revista Museologia e Patrimônio**, V.7 N.1, Rio de Janeiro, 2014.

ORO, A. P. **Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?** Debates do NER, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/2686/1502>. Acesso em: 24/10/2020.

SILVA, V. G. **Religião e Identidade Cultural Negra: Afro-brasileiros, católicos e evangélicos**. Revista Afro-Ásia, núm. 56, p. 102. Salvador: UFBA - Universidade Federal da Bahia, 2017.

TEIXEIRA, M. G. S. **Museologia Social e Educação: Relato de experiências de extensão museológica no Museu Afro Brasileiro da Universidade Federal da Bahia**. Anais do II SEBRAMUS, Recife, 2015 p.105-119.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**“VIM AVISAR QUE MEU PAI É OGUM, OGUNHÊ, MINHA MÃE É OXUM, ORA IÊ
IÊ”: REPRESENTAÇÃO DO CANDOMBLÉ EM MALHAÇÃO: VIDAS
BRASILEIRAS**

Victor Adriano Ramos²⁵

RESUMO

Desde de filmes a telenovelas, as manifestações religiosas trazidas para o Brasil pelos negros escravizados ocupam lugar de destaque nas produções audiovisuais. Mas qual seria o papel que essas representações desempenham? Utilizando o conceito de representação e identidade, proposto por Stuart Hall, a partir dos Estudos Culturais, pretendemos analisar de que maneira o uso do candomblé aparece na narrativa de *Malhação: Vidas Brasileiras* exibido entre 2018 e 2019 pela Rede Globo, comparando também com outras telenovelas da mesma emissora. Entendemos que *Malhação* por ser um produto voltado para a faixa etária juvenil ajuda a levantar debates necessários sobre racismo religioso entre a juventude e a estabelecer a formação de opiniões críticas sobre o tema, por isso a importância da discussão temática no simpósio de racismo religioso e educação

Palavras-chave: Narrativas Seriadas; Religiosidade; Candomblé; Representação.

INTRODUÇÃO

Pesquisa em desenvolvimento pelo programa de mestrado Interdisciplinar em cinema pela Universidade Federal de Sergipe, onde pretendemos analisar a narrativa da telenovela *Malhação: Vidas Brasileiras* (2018), para entender como acontece a representação do candomblé a partir de noções da narrativa, e entender se essas imagens ajudam a desmistificar noções preconceituosas desta expressão religiosa, ou se contribuem para o apagamento das mesmas. Com o objetivo geral de compreender a composição dessas representações,

25 Graduado em Comunicação Social com habilitação para audiovisual pela Universidade Federal de Sergipe - UFS e mestrando no programa Interdisciplinar em Cinema – PPGCINE pela mesma instituição, onde estuda as relações de representação do candomblé na telenovela *Malhação: Vidas Brasileiras*. Orientadora: Tatianna Guenava Aneas, adrianovctr92@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

identificaremos e analisaremos as cenas envolvendo o candomblé e suas relações com outros elementos da narrativa.

É fundamental o estudo e análise das telenovelas entendendo a importância que elas possuem dentro da sociedade brasileira, mantendo grande relevância social, mesmo com o surgimento de novos produtos e plataformas de exibição audiovisual. Através da metodologia de análise fílmica proposta por Bordwell e Thompson (2014), pretende-se delimitar as noções de narrativa dessa produção, além do método de análise proposto por Gomes (2004), “análise poética do filme”, combinando com o método, proposto por Diane Rose (2002), de análise de imagens em movimentos, buscaremos entender o que essa narrativa nos apresenta.

METODOLOGIA

Serão utilizados métodos que abarcam a compreensão televisiva, adaptando quando necessário para as especificidades desta análise. Assim, optaremos para primeira fase de análise o método proposto por Bordwell e Thompson (2014), referente a análise fílmica. Será utilizado como método complementar ainda na primeira fase o sistema de análise de imagens em movimento, proposto pela pesquisadora Diane Rose (2002). A terceira etapa será empregado o método proposto por Gomes (2004), referente a “poética”. A primeira coisa que devemos extrair da poética é pensar que a obra está estruturada na sua destinação (GOMES, 2004, P.42). Ou seja, a obra somente alcançará o estado de obra finalizada, quando ela for lida por alguém, quando um outro olhar poder ser direcionado dentro da obra revelando a suas intenções a partir dos meios que o produto utiliza para criar sentidos.

O CANDOMBLÉ NAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS

Dentro do quadro de programação da Rede Globo encontramos “Malhação”, segmento narrativo voltado ao público jovem. Malhação foi criada com o intuito de educar a audiência mais jovem para continuar apreciando as produções folhetinescas da Rede Globo exibidas após o programa. Teve sua estreia em Abril de 1995 ocupando a faixa horária das 17:30h.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

As religiões de matriz africana vêm sendo abordadas dentro das narrativas audiovisuais desde os primeiros anos da história da televisão. Em 1985 a minissérie “Tenda dos Milagres” alcançou grande sucesso de público, sendo a primeira grande produção a representar os costumes afro-religiosos dentro do seu enredo e a ter um grande alcance de audiência. Já em 1990 outro grande sucesso vai ao ar pela TV Manchete a minissérie “Mãe de Santo”, produção que girava em torno da vida de uma mãe de santo do candomblé, interpretada por Zezé Motta, ajudando a construção de narrativas positivas em relação a essa expressão religiosa.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Por ser ainda uma pesquisa em desenvolvimento não podemos determinar os resultados finais da análise que será empreendida. Apontamos algumas relações que esperamos corroborar, ou não, a partir dos resultados finais da análise. Entendemos que Malhação, por ser um produto audiovisual voltado a um público jovem, e por pertencer a uma narrativa capaz de gerar discussões dentro da sociedade de uma forma geral, não deixando de ser pertinente o espaço escolar, por isso torna-se de extrema importância levar essas discussões para esses espaços.

REFERÊNCIAS

- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin: **A arte do cinema: uma introdução**. 1ª edição. São Paulo: EDUSP, 2014.
- GOMES, W. S. La poética del cine e la cuestión del método en el análisis fílmico. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, 31(21): 85-105. São Paulo: Annablue. 2004.
- _____. **Princípios de Poética (com ênfase na Poética do Cinema)**. In M. Pereira, R. Gomes & V. Figueiredo (Org.), *Comunica* (pp.93-125). 2004.
- ROSE, D. **Análise de Imagens em Movimento**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (org.): **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Simpósio Temático 03 – Memória, Tradição Oral e Patrimônio Afro-brasileiro

Coordenadores(as)

Profª Drª Cicera Nunes (URCA)

Luiz Carlos Carvalho Siqueira (URCA)

Orismídio Duarte da Silva (MPEDU/URCA)

Dr. Ridalvo Félix Araújo (NUPERGEPE/Coletivo Erês - Mensageiras do Vento)

Karina Carla da Silva (UFPE)

Raphael Alves da Silva (UFPE)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**A PESQUISA AFRODESCENDENTE E O TRAJETO METODOLÓGICO:
A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE ABORDAGEM**

Francisco Anderson Varela Bezerra²⁶
Kássia Mota de Sousa²⁷

RESUMO

O presente artigo objetiva expor discussões acerca do trajeto metodológico de uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso realizada no âmbito da Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras, na qual a temática investigada foi as relações étnico-raciais enfatizando a trajetória de vida de docentes negros/negras. Para a realização do trajeto metodológico do referido trabalho optamos por utilizar conceitos que buscaram englobar as especificidades da população negra no Brasil, a exemplo do conceito sobre afrodescendência. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado a entrevista semiestruturada com ênfase nas histórias de vidas dos sujeitos entrevistados, desta forma, possibilitando compreender os contextos socioculturais e econômicos dos docentes. A história oral aliada a perspectiva afrodescendente fora de suma importância nesta empreitada científica, na qual os docentes negros/negras puderam recriar e contar suas histórias a partir das suas vivências.

Palavras-chave: Afrodescendência; Identidade negra; Metodologia; História de vida.

**INTRODUÇÃO: POR QUE O CONCEITO AFRODESCENDENTE? RUPTURA
EPISTEMOLÓGICA DOS SABERES E IDENTIDADE NEGRA**

A ruptura epistemológica dos saberes que se constituem a partir dos conhecimentos aceitos socialmente têm implicações diretas no que diz respeito à constituição identitária dos povos escravizados no Brasil, a afirmação ou autoafirmação da identidade da população negra ainda é um dos grandes empecilhos para os descendentes de africanos no país, pois

26 Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, anderson-varela@hotmail.com

27 Professora da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, kassia.mota@professor.ufcg.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

historicamente a imposição e aculturamento dos costumes europeus foi o que predominou de modo geral. Nas culturas híbridas a força dos dominadores, no caso em questão a dos europeus, foi a que prevaleceu nas relações interpessoais e também nas mais diversas esferas e instâncias sociais (SILVA, 2000).

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu através da utilização de novos conceitos idealizados a partir da perspectiva afrodescendente, como afirma a autora Sousa (2010, p. 18) esse método “permite que o negro antes considerado apenas objeto de estudo, possa agora tornar-se pesquisador da sua própria realidade”, assim, contribuindo na ruptura epistemológica dos saberes impostos ao longo da história e recriando novos conceitos e conhecimentos. Para nós, negros, que somos expropriados de nossa própria identidade, é de suma importância o resgate e apropriação das nossas histórias pessoais (SOUSA, 2010).

Enfatizando os aspectos supracitados, partindo do pressuposto de novos conceitos e conhecimentos criados por nós, afrodescendentes, é relevante referenciar as contribuições do autor Henrique Cunha Junior, uma das referências no país sobre a pesquisa na perspectiva afro centrada. Nos seus estudos o autor buscou definir os conceitos que englobam as especificidades da população negra no país, com base na sua realidade e vivências advindas dos ancestrais do continente africano, a exemplo do conceito sobre afrodescendência:

O conceito de Afrodescendências toma em consideração esta necessidade de complexidade e de territorialidade vinda do pensamento africano. No entanto pensa com base na experiência dos descendentes de africanos escravizados na sociedade brasileira. Processa a existência conceitual de um grupo social cujas experiências comuns são as origens africanas e a passagem pelo escravismo criminoso (CUNHA JUNIOR, 2013, p. 4).

Pelo fato do conceito tratar exatamente das especificidades dos descendentes de africanos escravizados no Brasil, foi imprescindível a sua utilização ao longo de toda essa pesquisa, pois trabalhando a questão dos processos identitários juntamente com as vivências e experiências dos sujeitos da pesquisa, foi possível relacioná-los ao modo como a identidade

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

e/ou autoafirmação se constitui, levando em consideração todos os aspectos históricos e sociais imbricados ao cerne da questão, que é a afirmação ou assunção da identidade negra.

METODOLOGIA: A PESQUISA QUALITATIVA E HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE ABORDAGEM

O método de abordagem da referida pesquisa caracterizou-se a partir da História Oral com ênfase nas histórias de vidas dos sujeitos entrevistados. Segundo Meihy (2017) é a metodologia de pesquisa qualitativa que envolve as narrativas usadas através de meios eletrônicos buscando recolher testemunhos de determinados grupos sociais. Como severa Thompson (2002, p. 13) a pesquisa em História Oral “abrange tanto a compreensão e a interpretação das vidas individuais, quanto a análise das sociedades mais amplas. Em outras palavras, ela une, ao mesmo tempo, a evidência da pesquisa qualitativa e quantitativa”.

No processo metodológico com base na História Oral e com ênfase nas histórias de vida, se faz necessário para a investigação pelo fato de que:

O método de história de vida possibilita que os indivíduos apresentem suas histórias, falem de si, recorram a sua memória, suas lembranças e suas testemunhas. Ou seja, as pessoas não apenas contam histórias, elas contam histórias para decretar algo de si mesmas e de sua comunidade (MACCALI *et al.*, 2013, p. 2-3).

Deste modo, a relevância do uso da pesquisa em História Oral, com ênfase nas histórias de vidas tornou-se um dos fatores centrais na busca do entendimento das trajetórias de vidas dos sujeitos colaboradores desta empreitada científica, pois o método possibilita que haja a produção das suas respectivas memórias.

Nesse sentido, a pesquisa contou com o estudo de campo exploratório, na Universidade Federal de Campina Grande - campus Cajazeiras, buscando sanar as dúvidas e problemáticas, atrelados aos objetivos traçados no trabalho. De modo a buscar compreender

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

através da memória dos sujeitos entrevistados, como ocorre(u) a afirmação ou construção dos processos identitários por meio das suas vivências escolares, tendo como base os sujeitos autodeclarados pretos/pardos, assim, investigando as suas trajetórias de vida nos quesitos socioeconômico, cultural, educacional e histórico, analisando também como se constitui(u) a identidade negra dos sujeitos na Universidade, e, por fim, averiguando como os processos identitários influenciam nas suas práticas pedagógicas e posicionamentos políticos.

Deste modo, recriando as suas histórias na perspectiva afrodescendente, na busca de uma ruptura epistemológica dos saberes, em que os negros/as recriam e recontam suas histórias a partir das suas vivências, rompendo com a visão hegemônica que perdurou por séculos, na qual as histórias dos afrodescendentes eram contadas a partir da visão do europeu, os colonizadores. Segundo Sousa (2010) é de extrema relevância para os afrodescendentes se apropriarem das suas histórias e conseqüentemente da sua identidade, que foi negada e rejeitada historicamente.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Nesta breve exposição com relação à pesquisa na perspectiva afrodescendente, é possível compreender a relevância das narrativas afrodescendentes a partir dela mesma enquanto protagonista na produção de saberes, sendo assim, a História Oral como metodologia de pesquisa através do uso das fontes orais, torna-se um dos fatores imprescindíveis para a realização de trabalhos neste viés, pois através da sua utilização é possível entender as narrativas dos docentes negros através das suas óticas e vivências.

A partir do reconhecimento identitário racial dos docentes, foi constatado que o ser negro/a reflete incisivamente nas práticas pedagógicas, como também nos posicionamentos políticos dentro da universidade. O fazer docente alia-se as suas experiências vivenciadas ao longo das suas trajetórias enquanto negros/as, assim, permitindo que os docentes tenham um

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

olhar sensível quando se trata de discutir as relações raciais no âmbito universitário, a exemplo, da efetivação de Lei 10.639/03 nas suas aulas.

Deste modo, sendo possível construir saberes científicos de modo descentralizado e contra hegemônicos, sendo que, o modo como a história foi contada através da visão dos colonizadores, deixa a margem o processo de produção cultural e saberes idealizados pelos afrodescendentes, neste sentido, descentralizar a produção de conhecimentos contribui de forma única na ruptura epistemológica e antológica de visões eurocêntricas.

REFERÊNCIAS

CUNHA JUNIOR, H. **Afrodescendência e africanidades:** um dentre os diversos enfoques possíveis sobre população negra no Brasil. *Interfaces de Saberes*, v. 13, n. 1, 2013.

MACCALI, N.; MINGHINI, L.; WALGER, C. S.; ROGLIO, K. S. **História de vida:** uma possibilidade metodológica de pesquisar os aspectos subjetivos no processo de tomada de decisão. *In: XXXVIII Encontro da ANPAD*. Rio de Janeiro. Anais. 2013.

MEIHY, J. C. S. B. **História Oral: como fazer, como pensar.** - 2. ed., 5ª reimpressão. - São Paulo. 2017.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

SOUSA, K M. **Entre a escola e a religião:** desafios para as crianças de Candomblé em Juazeiro do Norte. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) - Faculdade de Educação- FAGED-UFC, Fortaleza-CE, 2010.

THOMPSON, P. **História oral e contemporaneidade.** [S.l.: s.n.]. 2002.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

SIMBOLOGIA DO BERIMBAU

Denilson Fiuza²⁸
Keila de Freitas da Silva²⁹

RESUMO

O intuito desse trabalho é trazer uma discussão sobre a simbologia do berimbau, a partir de três perspectivas, a saber: abordagem sobre a vida de Mestres de Capoeira no Brasil; importância dos seus discípulos; musicalidade e tradição. Igualmente, este estudo tem como objetivo, apresentar os diálogos de capoeiristas, percepções autorais junto ao Capoeirista e Artesão Monge Branco em um evento de Capoeira no Centro de Referência da Juventude (CRJ) em Belo Horizonte em 2015. Nesse sentido, fruto dessa experiência será apresentado a representatividade dos Mestres, o alcance da capoeira no mundo como um todo, historiografia da capoeira com relatos a partir de experiências empíricas e como Monge Branco virou o especialista na musicalidade e registros iconográficos. Para a obtenção destes, foi utilizado como método: revisão bibliográfica, pesquisa-ação pesquisa de campo e qualitativa.

Palavras-chave: Capoeira; Berimbau; Mestres; Tradição; Musicalidade.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho nasce com objetivo de abordar a simbologia do berimbau a partir de relatos do Mestre Artesão Monge Branco. Desse modo, esse artigo é resultado de uma

28 Membro da associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN, formado em curso Superior Tecnologia em Logística e estudante de Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora, capoeirista profissional formado pela Escola Abada Capoeira, reconhecida pelo MEC como inovação e criatividade na educação básica. Educador sociocultural desenvolvendo atividades na perspectiva de implementação da lei 10 639/03 focado nos valores civilizatórios da Capoeira. Universidade Federal de Juiz de Fora, marliabatistafiuza@hotmail.com

29 Orientadora: Pós-graduanda em Políticas Culturais de Base Comunitária pela Facultad Latinoamericana de Ciencias – FLACSO, Sede Argentina (2020), Turismóloga pela UFMG (2015). Técnica Social, Arte-Educadora, Profissional da dança e pesquisadora sobre cultura popular e saberes tradicionais. keilartetur@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

pesquisa extensa, da qual reúne a vida e mestria do mesmo. Para tanto, neste se encontra um breve descritivo compilado em dados sobre a notoriedade do Mestre e seus conhecimentos da capoeira, dos quais revelam a simbologia do berimbau em tamanha exclusividade. Na qualidade deste, foi possível evidenciar outros Mestres capoeiristas e especialistas em tradição popular que trouxeram contributos para que a capoeira seja uma formação, diante dos contextos marginalizados de onde adveio. Assim lança-se a pergunta norteadora: “O que é berimbau? É o arame, a cabaça e um pedaço de pau³⁰”. Segundo a cantiga de domínio público, o Mestre Artesão Monge Branco relata que berimbau é um instrumento monocórdio de percussão e de origem africana. Quanto ao nome do objeto, ele apresenta:

“Forçando muito uma corruptela de M'burubumba, até teria um sentido. Porém ficamos com a opção do nome da madeira, biriba. Comum na região subsaariana, com diversos formatos e variados tamanhos. Porém, independente da forma como se apresenta, é inegavelmente um instrumento musical africano” (Monge Branco, 2020)

Mirian Aprígio Pereira³¹ nos traz um diferenciado contributo para a simbologia do berimbau e seus fundamentos. Em suas discussões, sobretudo acerca das vergas do instrumento, afirma que “independente de religião, é importante pedir licença ao entrar na mata, especialmente se for para extrair algo ou realizar algum tipo de prática, pois, as formas de vida distintas, ou seja, mineral, vegetal e animal, são regidas por vidas espirituais.” (APRÍGIO, 2020).

No que diz respeito à musicalidade do berimbau, o professor Ricardo Veríssimo, contextualiza que os três berimbaus não são obrigatórios, tudo dependerá da intencionalidade, contexto e linhagem do Mestre. A utilização dos três berimbaus é o mais moderno na capoeira (VERÍSSIMO, 2020). Além das contribuições desses mestres e estudiosos, destaca-se o Mestre Moraes com legado de representatividade na musicalidade da capoeira. Sendo seu

30 Música de domínio público disponível em: <https://www.letras.com.br/capoeira/o-que-e-berimbau>.

31 Historiadora, professora e palestrante dentro da temática quilombola. Disponível em: <https://www.saberestracionais.org/miriam-aprigio-pereira/>.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

trabalho indicado ao Grammy Latino como melhor álbum de música tradicional do mundo³².

Do qual projetou o berimbau para o mundo.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesse estudo constou pela a revisão bibliográfica, investigação in loco por meio de vivências e pesquisa-ação, oportunizadas pelo diálogo com Mestre Artesão Monge Branco, em meio a encontros presenciais, no evento de capoeira no Centro de Referência da Juventude (CRJ) em BH/ 2015, além de encontros virtuais, para alcance dos registros orais.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Para o Mestre Artesão Monge Branco, o berimbau é sagrado, não sendo apenas uma peça de reposição. Para ele, “berimbau bom é berimbau vozeiro, aquele que fala, fala muito”. Essa é a melhor definição. É aquele que fala o certo na hora certa. Fala sempre o que é preciso ouvir e quando se cala, faz refletir. O berimbau bem tocado dita o ritmo e o que fazer na roda da capoeira e nos treinos. Ele é o fio condutor. Fato relatado também por Mestre Nestor em diálogo com Muniz Sodré e a ligação com a religião, como podemos comprovar segundo a obra OS FUNDAMENTOS DA MALÍCIA (1999):

Após estes exemplos, Muniz Sodré concluiu: “Então, eu não acho que existiu um centro único irradiador de capoeira.” Eu perguntei, então, se ele achava que a capoeira tinha ”pipocado espontaneamente aqui e ali”, com formas diferentes, e lembrei que no Rio de Janeiro – no começo deste século – a capoeira tinha características completamente diferentes das que ele citara: longe de ter conotação

32 CD Capoeira Angola - Brincando Na Roda. Disponível em:
<https://www.grammy.com/grammys/artists/mestre-moraes>.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

religiosa, era arma de ataque – com uso de punhal, navalha e porrete além das cabeçadas, pernadas e rasteiras – usada por malandros, marginais e também elementos da sociedade que trafegavam na boemia carioca. Não tinha acompanhamento musical, e quando muito se aproveitava de alguma batucada na época de carnaval. (NETO, 1999, p. 39)

A simbologia do berimbau é também atribuída aos saberes do Mestre, bem como sua história de vida e como se concebeu seu saber e mestria enquanto capoeira. Assim, como todo símbolo é carregado de sentidos e códigos, a simbologia do berimbau como código é o Mestre, pois é ele quem detém o saber sobre o fazer do berimbau. Assim como, a vida do Mestre Monge Branco, do qual perpassou por um saber, ainda que negado em sua infância, mas que ao longo de sua trajetória, obteve o recebimento, aceite e engajamento de uma vida dedicada à capoeira e ao saber fazer do berimbau, cujos conhecimentos transversalizaram nos sentidos da tradição junto à religiosidade, herança africana, adaptações culturais brasileiras e musicalidade.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Para tecer apontamentos sobre o berimbau, é necessário imergir no universo da capoeira e isso só foi possível neste trabalho por um olhar, do qual ocupo dentro da cultura popular e na sociedade, como capoeirista discípulo de Mestre Camisa, educador físico, pela herança minha Bisavó Dona Joaquina Fiuza³³ e como pesquisador. Nesse estudo, as reflexões propostas a partir da oralidade de Mestres, diálogos com capoeiristas e registros de outros pesquisadores são necessárias para que seja possível abrir caminhos e desmistificar lacunas sobre a capoeira e sua simbologia na nossa contemporaneidade.

33 Matriarca Baiana. Fundadora da Guarda de Nossa Senhora do Rosário do Bairro Padre Eustáquio (antiga Vila Celeste Império em Belo horizonte), na década de 30 e Folia de Reis de São Sebastião.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ACERVO O GLOBO. **Lei de 1941 considera ociosidade crime e pune ‘vadiagem’ com prisão de 3 meses.** Rio de Janeiro-RJ. Publicado: 04/12/14 - 14h 16min - Atualizado: 30/09/16 - 22h 10min. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/lei-de-1941-considera-ociosidade-crime-pune-vadiagem-com-prisao-de-3-meses-14738298#ixzz6UgrGYKXf>. Acesso em: 12 de julho de 2020.

HALL, S.P. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte. Editora UFMG. 2003.

IPHAN. **Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira.** In: Dossiê Capoeira. Brasília. Distrito Federal. 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieCapoeiraWeb.pdf>. Acesso em: 10 de Junho de 2020.

NETO, N. S. **Capoeira: Os fundamentos da malícia.** Rio de Janeiro. Editora Record. 1999.

NIANE, D. T. **Sundjata ou A Epopeia Mandinga.** São Paulo. Editora África S. A. 1982. 126p.

RIZZI, C. A. **Investigações sobre a construção do fitônimo. CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística indígenas.** TradTerm - Revista USP, São Paulo, v. 19, novembro/2012, p. 214-247 Disponível em: <http://tradterm.vitis.uspnet.usp.br>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

SALOMÃO, S. **Mosaico Negro Brasileiro.** mosaiconegrobras.blogspot.com. São Paulo. Junho. 2011. Disponível em: <https://mosaiconegrobras.blogspot.com/2011/06/o-ultimo-capoeira.html>. Acesso: 8 de Agosto de 2020.

SANTOS, M. **Milton Santos - 31/03/1997 - Roda Viva.** Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPfkiR34law&t=4382s>. Acesso em 15 de Agosto de 2020. (1h26min23seg)

SILVA, R. A. **Negros Católicos ou Catolicismo Negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado Mineiro.** Belo Horizonte. Editora Nandyala. 2010.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N.; VARJAL, E. & FILHO, L. C. Coletivo de Autores:
Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: CORTEZ EDITORA. 1992.

TRINDADE, A. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil.** In: Programa Educação Infantil e Diversidade Étnico-Racial. Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades - CEERT. São Paulo. SP. Brasil. s/d.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A TRAJETÓRIA DE ENFRENTAMENTO SOCIAL DO PROJETO CAPOEIRA NAS ESCOLAS: CAMPINA GRANDE-PB

Thiago Melo Duarte³⁴

RESUMO

A capoeira vem contribuindo para a construção da identidade social de crianças, jovens e adultos por meio da inclusão. Este resumo propõe apresentar por meio de uma discussão o Projeto Capoeira nas Escolas desenvolvido na rede municipal de Campina Grande-PB, que a 14 anos vêm trabalhando com alunos. Onde as aulas de capoeira são o vetor de transmissão dos ensinamentos da cultura afro brasileira, desta forma também vivenciam o maculelê, o samba de roda e outras manifestações. Nesta perspectiva pretendo apresentar fragmentos do trabalho desenvolvido na cidade referida. Assim este projeto com a capoeira busca combater o racismo, a violência escolar, disseminando por meio da oralidade os ensinamentos da cultura afro brasileira. Desta forma pretendo apresentar a trajetória de resultados alcançados com a transmissão da capoeira.

Palavra-chave: identidade, escolas, ensinamentos, projeto.

INTRODUÇÃO

O Projeto Capoeira nas Escola difundido em Campina Grande desenvolve um programa com atividades voltadas para a capoeira e outras manifestações culturais com vivências práticas com a capoeira, maculelê, samba de roda, ciranda, coco de roda. Atendendo assim aos parâmetros da Lei 10.639/03 para uma educação das relações étnico-raciais a para o ensino de História Afro-Brasileira e Africana. No qual a cultura participa da transformação de

³⁴ Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, e-mail: thiagohistoria.duarte@gmail.com, Professor de Capoeira pela Associação de Capoeira Terra Firme.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

uma realidade social, onde a oralidade desempenha o papel de transmissão de um conhecimento popular.

O papel deste programa com a capoeira nas escolas trabalha com intuito de transmitir para crianças e jovens a história do povo africano no Brasil, suas tradições e culturas como a contribuição deste povo na formação social do país. Desta forma a cultura nos remete a “um campo de significação e um terreno de luta, nos quais os processos de identificação se dão de acordo com as necessidades históricas dos sujeitos” (Abib, 2004, p. 27). Demonstrando dessa forma o saber popular da Capoeira inserido no ambiente escolar e contribuindo para a formação social de crianças e jovens.

A participação nas atividades da capoeira tem demonstrado que o trabalho realizado nas escolas passa a ser de inclusão possibilitando resultados na qualidade social dos alunos, que passam a ter um contato com a musicalidade, os instrumentos e o jogo lúdico da Capoeira. Assim a “Capoeira é [...] de uma riqueza sem precedentes para ajudar na formação integral do aluno. Ela atua de maneira direta e indireta sobre [...] os aspectos cognitivo, afetivo e motor” (Campos, 2001, p. 23).

METODOLOGIA

Por meio da autora Sandra Jatahy Pesavento (2008) na sua obra sobre História e História cultural podemos identificar os significados de expressividade das tradições afro-brasileiras. A partir desta obra observamos a prática da Capoeira nas escolas que continua sendo desenvolvida por meio dos movimentos de resistência e transmissão da oralidade uma maneira pedagógica de formação social dentro do ambiente escolar.

A participação nas atividades da capoeira tem demonstrado que o trabalho realizado nas escolas passa a ser de inclusão³⁵ possibilitando resultados na qualidade social dos alunos.

35 A Capoeira representa para crianças/jovens uma maneira em que eles “ampliem suas referências sobre o mundo a partir desse ‘mergulho’ na cultura, onde começam a perceber seu próprio potencial criador, sua capacidade de expressão, de reflexão crítica, de interpretação sobre as mais variadas formas e expressões

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Desta forma a capoeira tem sido disseminada nas escolas para enriquecer bem como ampliar as experiências históricas e culturais dos alunos com uma arte considerada patrimônio imaterial³⁶ brasileiro. Mantendo assim uma linha de contato do passado com presente, de uma arte surgida no período da escravidão e que hoje passa a ser desempenhada nas escolas da rede municipal de Campina Grande de maneira mais ampla com oportunidade de aprendizado para os alunos.

DISCUSSÃO

O trabalho que vem sendo desempenhado nas escolas possui resultados significativos para as crianças/jovens, como a transformações sociais e os avanços pedagógicos por meio do conhecimento transmitido nas aulas de capoeira. Desta forma o projeto capoeira nas escolas de Campina Grande-PB vem sendo efetivada como uma política pública, assim políticas públicas efetivas na manutenção deste saber popular, assim “políticas de reparações e de reconhecimento formarão programas de ações afirmativas, isto é, conjuntos de ações políticas dirigidas à correção de desigualdades raciais e sociais” (DCNs, 2013, p. 499).

Através do processo pedagógico o sujeito absorve o conhecimento relevante para constituição da sua identidade, logo “a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa” (DCN, 2013, p. 501). Nesse processo de transmissão do conhecimento a Capoeira tem proporcionado valoroso preceito de disciplina e reconhecimento com a identidade negra de crianças e jovens.

artísticas, a reconstrução de sua identidade a partir desses novos referenciais e valores, e sobretudo pela ênfase na valorização dos elementos multiculturais, onde se destaca a cultura afro-brasileira” (Abib, 2006, p. 60)

36 Registro da capoeira em 2008 como bem da cultura imaterial do Brasil, por indicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão do Ministério da Cultura – IPHAN/MinC.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura afro-brasileira faz parte da identidade social e histórica do Brasil, assim temos uma sociedade repleta de nuances construídas a partir dos saberes populares. No qual temos diversas influências vindas da diáspora africana, nesta perspectiva temos um segmento significativo que vem demonstrando resultados na nossa sociedade sendo configurada como Capoeira. Desta forma esta expressividade corporal tem apresentado suas influências sobre a história, a cultural bem como a formação social de crianças/jovens.

Portanto o povo africano trazido para o Brasil nos trouxe uma dimensão de rituais e tradições, culinária e religiosidades, que foram sendo inseridas na sociedade brasileira. Neste ponto a Capoeira foi sendo constituída como forma de luta e resistência, no período contemporâneo esta arte tem sido introduzida nos ambientes educacionais e contribuindo no processo pedagógico de ensino/aprendizagem de crianças/jovens.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, 2004.

_____. **Cultura popular, educação e lazer: uma abordagem sobre a capoeira e o samba**. Práxis Educativa. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 58-66, jan.-jun 2006.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador. Editora: EDUFBA, 2001.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ª ed. Belo Horizonte. Editora: Autentica, 2012.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

AFRO-MEMÓRIAS DE FORTALEZA: O CURRÍCULO EM DIÁLOGO COM A CIDADE

Patrícia Pereira de Matos³⁷

RESUMO

Esse artigo explicita possibilidades de efetivação das Leis 10.639/2003 e a 11.645/2010 no currículo escolar através da formação de professores e gestores ocorrida no ano de 2019, a partir de uma cooperação técnica entre a Coordenadoria Especial de Igualdade Racial - COPPIR e a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza-SME. Explicitaremos as ações e os resultados da formação, assim como as considerações sobre a urgência dos conhecimentos teóricos e práticos para uma educação antirracista na cidade de Fortaleza, de forma lúdica, melódica, literária e corporal, valorizando, positivando o estudo teórico e vivencial do legado africano no cotidiano fortalezense e cearense

Palavras-chave: Formação de professores; memória; africanidades; currículo.

ONDE ESTÃO AS AFRICANIDADES DE FORTALEZA?

Maracatus, afoxés, hip hop, funk, escolas de samba, umbanda e candomblés. esses são alguns exemplos, entre tantos outros, que pulsam africanamente no cotidiano de Fortaleza: manifestações culturais, palavras, comidas. Dragão do Mar, Nzinga Mbandi, a rainha coroada do maracatu como nos diz o cantor e compositor Pingo de Fortaleza (2015) diz que “nossa rainha Nzinga, quem Ginga somos todos nós, o seu cortejo é um tesouro, Az de Ouro tem vez nossa voz. Angola é o nosso terreiro, guerreiro defende o quintal. Brincante de maracatu és um ser Nzinga atual.” Revelando a presença da grande rainha do Ndongo (Congo/Angola) no cotidiano da cidade, inclusive quando os fortalezenses gingam para pagar as contas do mês. Visto que o termo Ginga vem de Nzinga e, além de ser título régio também é título para

37 Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial – COPPIR, Pretagoga, pesquisadora do Núcleo das Africanidades Cearenses/NACE, patriciamatos_ce@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

denominar ‘mãe de santo’ nas casas de candomblé da Nação Angola. Janote Pires Marques (2009) que havia “uma circularidade dos sujeitos presentes nos congos, sambas, maracatus e coroações de reis negros na Irmandade do Rosário” Segue explicitando sua pesquisa histórica sobre os territórios negros da cidade de Fortaleza de forma mais detalhada

Nos últimos anos do século XX, essas manifestações existiam em Fortaleza enquanto práticas culturais absorvidas pela população em geral, particularmente na época do carnaval, período em que desfilavam grupos de maracatus advindos dos “subúrbios” intensificavam reuniões em sambas e, ainda quando apareciam brincantes “fantasiados” de personagens do congo.” (MARQUES; 2009; p: 29)

POR UM CURRÍCULO AFROREFERENCIADO

Essa formação continuada de professores e gestores teve como princípio basilar revelar as africanidades na cidade assim como dialogar sobre como efetivar no currículo esses conhecimentos que pulsam na cidade , mas as escolas não os com possibilidades de abordagens pedagógicas para efetivação do estudo da história e da cultura africana e afro-brasileira. Oportunizando aos alunos o estudo, de forma lúdica, melódica, literária e corporal, do legado africano em nosso dia a dia combatendo assim o racismo no seio da sociedade fortalezense.

Partindo dessa premissa mergulhamos nas afro memórias, sempre valorizando o patrimônio material e imaterial negro da cidade. Afinal, como nos diz a Professora Vanda Machado (2017) “Para compreender o mundo é preciso compreender a nós mesmos e nossas vivências individuais e coletivas.” Precisamos saber quem somos, quem são nossos ancestrais, como eles contribuíram nos territórios em que vivemos. Pois sempre há contribuições, legados e narrativas históricas. escritas em nossos corpos, através de vivências organizadas e mantidas individual e coletivamente. Sandra Petit (2015) diz que devemos nos apropriar da ancestralidade, pois fazemos parte de linhagens que envolvem os antepassados[...]

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

(PETIT:122). E esses antepassados nos repassaram saberes que ainda estão entre nós, mantendo a memória viva.

METODOLOGIA



Fonte: Arquivo pessoal.

Podemos observar pelas imagens o envolvimento, a leveza e a produção didática das participantes do curso que utilizou a metodologia da vivencial-afroreferenciada a partir de embasamento teórico-metodológicos da Pretagogia “que se ampara em um modo particular de ser e estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmos, ou seja, uma cosmovisão africana.” (PETIT, 2015, p.120) Os participantes dialogaram, sentiram, cantaram, tocaram instrumentos e produziram saberes, deixando fruir o que aprenderam com seus antepassados a partir de suas negras memórias. Percebendo, de forma encantadora, ancestralidades reveladas ao abrimos o baú de nossas memórias. A música, a imagem, o cheiro, o gosto através do paladar, possibilitam re-sentir sem ressentimentos. O sentido afetivo e efetivo do coletivo para aprender a SER.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O curso foi inicialmente planejado para atender a um público de 250 professores da rede municipal de Fortaleza, sendo por adesão das escolas e dos professores. Tendo adesão de 25 professores. A partir desses números analisamos, mas sem ter resultados ainda mais profundos, quais os problemas de um número tão reduzido de adesão? Falta de divulgação? Falta de liberação e incentivo das instituições escolares, visto que a SME já havia liberado para a participação no curso no dia referente ao planejamento? Essas problematizações são para um outro momento.

Mesmo diante desse baixo índice de adesão o curso atendeu diretamente a 25 professores e indiretamente a 5.139 estudantes. Para o ano de 2020 pretendíamos ampliar esse número de atendimento a fim de efetivar o currículo antirracista promovendo uma cultura de paz, eliminando o racismo estrutural que permeia as relações raciais na sociedade, contudo nos deparamos com a pandemia mundial, causada pelo COVID-19.

(IN) CONCLUSÕES

É urgente a efetivação de um currículo afroreferenciado, que dialogue com a cidade, reconhecendo, valorizando, estimulando a fruição, produção e transformação da sociedade fortalezense a partir de seu pertencimento afro ancestral. A Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial se compromete a fortalecer a política pública antirracista de forma incessante para o bem estar coletivo e uma sociedade saudável que inclui a todos e todas.

REFERÊNCIAS

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

MACHADO, Vanda. **Prosa de Nagô**: educando pela cultura. 2ª edição. Edufba.2017.

MARQUES, Janote Pires. **Festas de negros em Fortaleza**: territórios, sociabilidades e reelaborações (1871 -1900) / Janote Pires Marques; apresentação Franck Ribard. - Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa. Pretagogia: Referencial Teórico- Metodológico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes. In: **Artefatos da Cultura Negra no Ceará**. CUNHA Jr, Henrique, SILVA, Joselina da e NUNES, Cícera (org.) - Fortaleza: Edições UFC,2011.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento corpo-dança afroancestral e tradição oral, contribuições para a implementação da Lei 10.639/2003**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

_____. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professores e Professoras - contribuições do legado africano para a implementação da Lei 10.639/2003**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes. 1988.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

AXÉ AJEUN: ANCESTRALIDADE, COMIDA DE SANTO E O ENSINO DE CIÊNCIAS

Francisco Ginueldo da Silva Pereira³⁸
Cristiane Sousa da Sousa³⁹

RESUMO

O presente trabalho objetivou propor aulas de Ciências e Biologia no Ensino Médio, por meio da culinária de terreiro, contribuindo para implementação da Lei 10.639/03. A pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa e surge da necessidade de realizar um levantamento bibliográfico sobre que tipo de Ciências estamos ensinando e aprendendo na educação básica, e de que forma podemos contribuir na construção de uma educação científica antirracista que estructurem abordagens decoloniais, a partir da culinária de terreiro. Propomos neste trabalho e visto a ausência do diálogo sobre as comidas de santo e a ciência, plano de aulas voltados para a culinária das religiões de matriz africana e afro-brasileira para que os professores do ensino básico possam aplicar nas suas aulas, relacionando-os a Lei 10.639/03 no ensino de Ciências. O processo de ensinar Ciências a partir da cozinha de santo, da história, cultura e resistência dos povos africanos e afro-brasileiros, nos coloca frente a problemática da realidade do contexto atual, onde a discriminação racial e o racismo religioso se aliam aos paradigmas sociais, habituando o ensino de Ciências exclusivamente aos laboratórios formais. Buscar alternativas que possibilitem o desenvolvimento de aulas teóricas e práticas que possam ser inseridas nos currículos de Ciências e Biologia a partir da aplicabilidade da lei 10.639/03, traz para a narrativa escolar as cozinhas de santo como um lugar sagrado rico em saberes científicos.

Palavras-chave: Ensino de Ciências. Educação científica antirracista; Relações étnico-raciais; Ciências e religiosidade. Culinária afro-brasileira

38 Instituto Federal do Ceará – IFCE, *Campus Jaguaribe*, ginueldosilva@gmail.com

39 Prof. Dra. no Instituto Federal do Ceará – IFCE, *Campus Jaguaribe*, cristiane.silva@ifce.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

O autor Verrangia (2016) ressalta que a aprovação da Lei 10.639/2003, trouxe um importante desafio à educação brasileira: combater todas as formas de discriminação étnico-racial e abordar de forma adequada a história e cultura africana e afro-brasileira.

O estudo debruçou-se sobre a ideia de entender como a ciência por trás da culinária de terreiro pode ser propagada no ensino de ciências, discutindo sobre as questões étnico-raciais que devem estar presentes também na educação científica.

METODOLOGIA

Com enfoque acerca dos conhecimentos sobre a educação para as relações étnico-raciais, trouxemos uma abordagem de como a ciência e as comidas de santo podem juntas contribuir para implementação da Lei 10.639/03 no Ensino Médio.

DISCUSSÃO

O campo das Ciências Naturais abre margem para que os/as profissionais docentes possam pensar em práticas pedagógicas que possibilitem estudos acerca da história e cultura africana e afro-brasileira, mesmo caindo no silenciamento da “transversalidade” ou no desenvolvimento de práticas para a promoção de conhecimentos sobre a construção da educação para as relações étnico-raciais a partir de um olhar da cultura africana.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho tem como perspectiva inspirar outros pesquisadores e contribuir para a publicação científica e promover o fortalecimento da educação científica antirracista, com as aulas que podem ser planejadas a partir da óptica de descolonização dos currículos junto a Lei 10.639/03.

REFERÊNCIAS

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista Odontologia Universidade**. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

VERRANGIA, Douglas. Criações docentes e o papel do ensino de Ciências no combate ao racismo e a discriminações. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 21 n. 1, p. 79-103 mar. 2016 / jun. 2016.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**COLONIALISMO QUE PASSA, COLONIALIDADE QUE FICA:
LUTAS ANTICOLONIAIS BRASILEIRAS EM TORNO DA MEMÓRIA**

Nuncia Gabriele Guimarães Escobar⁴⁰
Mariana Selister Gomes⁴¹

RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão sobre as disputas em torno do Simbólico, sobretudo ao que se refere aos patrimônios culturais coloniais – debate amplamente divulgado devido à repercussão mundial do movimento Vidas Negras Importam, em 2020, mas que acontece no Brasil há muitos anos. Alguns exemplos das lutas antirracistas pela descolonização do universo simbólico no Brasil são: o Teatro Experimental do Negro, de 1944-1961; a inclusão do Imaterial no âmbito do Patrimônio Cultural, na Constituição de 1988; a Lei 10.639/2003; a definição do Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares. Por outro lado, há uma força brutal da colonialidade mantendo patrimônios culturais eurocêntricos e racistas. Neste sentido, apontamos alguns discursos brasileiros em disputa pela memória, bem como, seus efeitos no imaginário social.

Palavras-chave: decolonialidade; memória; racismo; patrimônio; discurso.

INTRODUÇÃO

O sistema imperialista colonial deixou marcas profundas que são observáveis na contemporaneidade. No Brasil, a invasão portuguesa provocou massacres de povos que são

40 Mestranda e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria, pesquisadora do projeto: Narrativas Patrimoniais e Turísticas em Cidades Históricas: (des)(re)construções do luso-tropicalismo no Brasil e em Portugal. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, nunciage@gmail.com

41 Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Lisboa, docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, coordenadora do projeto de pesquisa: Narrativas Patrimoniais e Turísticas em Cidades Históricas: (des)(re)construções do luso-tropicalismo no Brasil e em Portugal. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, mariana.gomes@ufsm.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

perseguidos e marginalizados ainda hoje, como revelam os índices de condições de vida da população negra e dos povos indígenas (IPEA, 2018). Essa mesma invasão é denominada, de acordo com a perspectiva eurocêntrica, como “descobrimientos”, os quais são celebrados em Portugal até os dias de hoje, com museus especialmente dedicados ao tema (Gomes, 2019).

A Colonialidade (Quijano, 2005) se manifesta na política, na economia, na cultura e nas subjetividades. No âmbito cultural, destacam-se os Patrimônios Culturais que (re)produzem memórias coletivas, inseridos em relações de poder.

O debate em torno dos Patrimônios Culturais Coloniais ganhou repercussão mundial com o movimento Vidas Negras Importam, em 2020, com derrocada de estátuas e revolta contra os imaginários histórico-sociais hegemônicos. A geopolítica privilegia a atenção sobre Estados Unidos e Europa, contudo, há de se evidenciar que as lutas por descolonização do simbólico estão intensamente organizadas, há muito tempo, tanto em América Latina quanto em África.

O presente trabalho apresenta a discussão teórico-metodológica crítica em torno da Memória Coletiva como parte da sustentação do poder dominante, discorre sobre exemplos de práticas decoloniais no âmbito cultural na sociedade brasileira, e finaliza com reflexões acerca da persistência da colonialidade e da importância de resistência.

A MEMÓRIA É UMA DISPUTA

Os estudos de Maurice Halbwachs (2006) definem Memória como algo que pertence ao indivíduo, mas que não é apenas seu, pois não existe lembrança apartada da sociedade. A memória é coletiva e individual, simultaneamente. Neste sentido, a memória de indivíduos e de grupos é influenciada pelas instituições. Todo o ato de lembrar, implica em seu oposto: o ato de esquecer. A memória é, portanto, seletiva (Pollak, 1992), logo, há um gerenciamento e adequação do que deve ser lembrado, por parte daqueles que exercem o poder hegemônico e dominam as instituições.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

No entanto, apesar desse gerenciamento estrutural da memória, também há resistência. A memória é compreendida neste trabalho como palco amplo de disputas, sobretudo no embate colonizador e colonizado. É algo fortemente ambicionado que integra mecanismos de controle e dominação – como o Memoricídio (Baez, 2010), uma arma colonial que configura a desqualificação e eliminação total do Patrimônio Cultural de um povo, seja tangível ou intangível. A colonização, deste modo, reflete-se no apagamento da história negra e indígena no Brasil.

As narrativas compreendem um campo vivo de lutas sociais, por isso, a reivindicação em torno do cultural é necessária e tão cara às lutas sociais anticoloniais. A influência imperialista do passado, influencia o presente. As práticas narrativas atuam na (re)configuração do imaginário social e no fortalecimento ou invisibilidade de determinadas formas de existir. Como argumenta Stuart Hall (1997, p. 20), as lutas pelo poder são, cada vez mais, simbólicas e discursivas.

A racialização é o elemento intrínseco da colonialidade e diz respeito aos discursos históricos e corporificados a partir da ideia de Raça. Os impactos práticos e simbólicos da racialização se dão nas subjetividades, bem como, nas instituições sociais. De acordo com Frantz Fanon (2011), a cultura está inscrita no corpo e submetida aos parâmetros dominantes [brancos, estadunidenses, europeus], sendo assim, o racismo é “sem sombra de dúvida um elemento cultural” (Idem, p. 274).

LUTA ANTICOLONIAL ATRAVÉS DO SIMBÓLICO NO BRASIL

No Brasil, há uma força brutal da colonialidade mantendo patrimônios culturais eurocêntricos e racistas, a exemplo de senzalas, pelourinhos e casas grandes que são celebradas como atrativos turísticos – conforme destacamos em trabalhos anteriores (Gomes, 2017; Guimarães, 2019). Como forma de resistência, a luta contra a colonialidade se manifesta, entre muitos aspectos, através da Cultura Afro-brasileira.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Alguns exemplos das lutas antirracistas pela descolonização do universo simbólico no Brasil são: (1) o Teatro Experimental do Negro, de 1944-1961, o qual, sob a liderança de Abdias do Nascimento, debateu a temática racial, com protagonismo de atores/atrizes negros/as (muitos/as trabalhadores/as); (2) a inclusão do Imaterial no âmbito do Patrimônio Cultural, na Constituição de 1988, a qual passou a valorizar elementos culturais de origem afro-brasileira, como a música e a dança, sendo que, até então, apenas o Patrimônio Material era reconhecido, sobretudo Igrejas Católicas e Casas da elite branca; (3) a Lei 10.639/2003, que dispõe sobre o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas; (4) a definição do Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares, celebrando a resistência quilombola.

Através de um contradiscurso, a descolonização implica a reinvenção de um suposto corpo colonial para sua efetiva humanidade, através de uma narrativa negra sobre o negro. A memória passa a ser reconstruída e neste processo há um “[...] olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca.” (Souza, 1983, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Colonialismo histórico passou; mas a colonialidade permaneceu, através da perpetuação de uma memória colonialista e racista. No entanto, a luta anticolonialidade, no âmbito cultural, já obteve muitas conquistas ao longo do século XX e no início do XXI, no Brasil. Essa luta vem se fortalecendo a cada dia, em uma rede internacional de protestos contra o racismo e contra a memória colonial, e pela de valorização das Vidas Negras.

REFERÊNCIAS

BAEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina**. Rio de Janeiro:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Nova Fronteira, 2010.

FANON, Frantz. Racismo e Cultura. In: SANCHES, M. R. (Org.). **Malhas que os Impérios tecem**. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Portugal: Lugar da história. 2011.

GOMES, Mariana S. Narrativas Patrimoniais e Turísticas em Cidades Históricas: (des) (re)construções do luso-tropicalismo no Brasil e em Portugal. In: **Anais do 18º Congresso Brasileiro de Sociologia - SBS**. Brasília, 2017.

_____. Dos Museus dos Descobrimentos às Exposições do Império: o corpo colonial em Portugal. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, dez. 2019.

GUIMARÃES, Nuncia. Análise de discurso e relações de poder: a Rota das Charqueadas em Pelotas-RS e o peso colonial. **Biblioteca digital da UFSM**, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, nº. 2, jul/dez, 1997.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina”, In: LANDER, Edgardo (org.) **A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: Colección Sur Sur / CLACSO, 2005.

SOUZA, Neusa. **Tornar-se negro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**CORPO, PERFORMANCE, ORALIDADE E ANUNCIAÇÃO:
O FAZER E O ENUNCIAR COMO MATERIALIZAÇÃO DO SAGRADO NAS
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

Sandro Alves de Moura⁴²
Aline Alves de Lima⁴³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivos, discutir as formas de relações entre adeptos e divindades nos terreiros de candomblé e nos seus desdobramentos a partir de suas experiências; o aspecto imagético, representativo e do ser sagrado; o comportamento e performance atuante dos sujeitos como exemplaridade para manutenção da cultura e religiosidade ancestral; analisar o discurso como elemento criador e performático do invisível no aspecto da crença comunitária; discutir o poder da palavra falada como elemento criador e regulador das relações entre os participantes das comunidades nas religiões de matriz africana no Brasil, como inerência à manutenção dos seus cultos, destacando a importância das narrativas orais, fator expressivo no modo de criação/recriação das formas de perpetuação do saber sobre o poder atuante e divinatório dos deuses do panteão africano, justificado no *locus* criador e receptor de tais práticas, concebidas como verdades no seu mundo, não podendo ser refutada ou menosprezada por teorias tecnicistas, quantitativas, sistemáticas, cartesianas, reguladoras e qualificadoras no modelo padrão/homogêneo da lógica europeia. Abre-se assim, no transcorrer deste trabalho, uma discussão importante acerca do pesquisador e sua posição em relação ao referido campo de pesquisa.

Palavras-chave: Oralidade. Memória. Candomblé. Umbanda. Discurso. Oralitura.

42 Pesquisador, graduado em Letras/Língua portuguesa, Universidade Regional do Cariri – URCA, pós-graduando em Docência do Ensino Superior, Faculdade Estratego, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Faculdade Faveni, sandromoura.41@gmail.com

43 Pesquisadora, graduanda em Ciência Sociais, Universidade Regional do Cariri – URCA. alinecoranulegi@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

Este trabalho dedica-se a discutir sujeito, performance, enunciação e oralidade como formas materializantes do sagrado nas religiões de matriz africana no Brasil, no contexto de origem dessa pesquisa, analisando as vozes e atuação a partir do seu protagonismo, saberes e fazeres no contato com a ancestralidade e, para adentrarmos aos conceitos que serão discutidos aqui, pontuaremos o papel do pesquisador em relação ao material pesquisado, por este fazer, prestar um serviço ou não ao campo de estudo em questão, sem sair do foco central proposto pelo título, levando em consideração que, o candomblé e tudo o que envolve este universo, tem sido objetos largamente explorado pela comunidade acadêmica. As contribuições desses estudos podem ser observadas por duas lentes. De um lado, há pesquisadores que tomam as vozes desses sujeitos, com finalidade de “corrigi-las”; elucidar fatos; criar teorias; trazer soluções sob a óptica eurocêntrica descontextualizada que, trata o saber produzido nestes espaços como primitivo. É a visão de fora sobre o que não se conhece por dentro, sem a escuta necessária gerando “achismos”, estereótipos e marginalização do conhecimento destes povos, onde percebemos que há negação da racionalidade e intelectualidade em culturas “populares” que não comungam deste modelo ou que não encontram suas razões em métodos dessa sistemática. A procura por erradicar as lacunas entre saber “popular” e o científico, de forma tendenciosa, tende a estabelecer um parâmetro de poder do científico sobre o “popular”; a razão atrelada a ciência erudita e o primitivo, sem valor, ao “popular”.

Outro grupo de pesquisadores, não raramente envolvidos em movimentos de resistência e/ou pertencentes a estas comunidades, buscam ouvidos para as vozes que nunca se calaram nestes espaços a partir de um discurso protagonista, sem coisificar, objetificar ou levar a luz do saber onde já se produz saberes. São grupos compromissados com a ética da escuta e cientes da contribuição desses saberes para entendimento da história, cultura, religiosidade, filosofia, antropologia, sociedades e política. No capítulo da introdução do livro

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

“*Os nagô e a morte*”, fruto de pesquisa de tese de doutorado, Juana Elbein dos Santos, aborda pontos sobre esta relação do pesquisador com os seus pesquisados.

O etnólogo, com raras exceções, não tem desenvolvimento iniciático, não convive suficientemente com o grupo, suas observações, na maioria das vezes, efetuadas “desde fora”, vistas através do seu próprio quadro de referências; raramente ele fala a língua dos seus pesquisados e frequentemente recebe informações por intermédio de tradutores que, por sua vez, conhecem mal a língua do etnólogo (SANTOS, Juana Elbein, 1989, p.18).

Tal discussão é um ponto importante quando se trata de um campo de pesquisa tão plural e fundamentado na sua própria forma de existir e resistir. O nosso papel enquanto pesquisadores diante do “objeto” pesquisado – que não são só material ou objeto, mas produtores de conhecimento bem estruturado e fundamentado - e seus saberes, é sermos antes de mais nada, ouvintes, para tratá-los como sujeitos. Valdina Pinto (1943-2019), também chamada Makota Valdina, professora e pertencente ao candomblé, diz que:

“Eu me dei conta de que nós éramos objeto de pesquisa, alguém falava sobre nós. Então, foi intencional empunhar essa bandeira religiosa para desconstruir uma série de estereótipos e teorias desenvolvidas sobre nós e que eu considero inverdades. É preciso que cada vez mais sejamos sujeitos de nossa fala, nossa escrita, nossa história. É preciso parar de ser objeto” (PINTO, 2013).

O pesquisador em sua relação com o pesquisado, sobretudo, quando se trata de culturas tradicionais, deve se despir de teorias preconizadas para entender a ética existente no campo em que está imergindo. Não há como fazer um estudo comparativo entre “popular” e erudito porque nessas relações há elementos que não encontram fundamentos experimentais que denotem sua veracidade. faz-se necessária uma reflexão sobre a própria definição de “cultura popular” e o tratamento social e acadêmico atribuído a ele. É importante que o pesquisador seja um ouvinte:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

a) abandonar a tradicional arrogância do erudito, aprender a ouvir discursos concebidos em diferentes sintaxes culturais, e adotar a humildade dos que realmente querem aprender e descobrir; b) romper com a assimetria das relações sociais geralmente impostas entre o entrevistador e o entrevistado; e (c) incorporar pessoas das bases sociais como indivíduos ativos e pensantes nos esforços de pesquisa. (BORDA, 1981, p. 55)

Neste sentido, a posição do sujeito que fala, é de extrema relevância para os efeitos significantes e materializantes destas vozes na sociedade, contudo, isto não significa que necessariamente precisa estar inserido nesta forma de cosmogonia religiosa, mas que, deve existir um olhar crítico, analítico e comprometido com as experiências vividas pelos sujeitos destas comunidades.

Além da autora mencionada acima, para enaltecer estes estudos expansionistas e grandiosamente importantes para as religiões de matriz africana no Brasil, citamos âmbito desta discussão: Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxóssi, Odé Kayodé “*In memorian*”, Iyalorixá do Ilê Axé Opó Afonjá, voz expressiva para propagar a força do seu culto e o direito de professá-lo; os estudos de Pierre Verger (1902-1996) sobre o uso das plantas na sociedade iorubá, dentro do aspecto funcional e materializador da palavra oralizada; *Um defeito de cor*, obra da autora Ana Maria Gonçalves; *Candomblé e Umbanda*, Vagner Gonçalves da Silva; *Mitologia dos orixás*, Reginaldo Prandi; *Entre o oral e o escrito: A criação de uma oralitura* (2011), Margarete Nascimento. Outras literaturas usadas, constarão nas referências deste artigo.

SER E REPRESENTAR

No candomblé e para o candomblé, existem dois olhares diferentes que são intrínsecos a posição e ao local de fala do sujeito no momento em que enuncia: a) fato do *ser* b) ideia do *representar*. Ambos possuem significados e efeitos materializantes diferentes.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Não existe nessa cosmogonia para os sujeitos, algo que represente, como objetificação à parte, mas, em termos de materialização, este elemento é o ser sagrado. Oxum e Azirí, deusas da fertilidade; compreendidas por outros, como as deusas do amor; da beleza, por exemplo, não estão representadas nos elementos da natureza – rios, cachoeiras, gestação, fertilidade da terra, da mulher, movimento caudaloso dos rios e cachoeiras – elas são tudo isso, estão em tudo. Não há uma representação metafórica dos deuses, mas uma compreensão de que, eles são justamente aquilo; Ossaim e Agué, senhores detentores do poder sagrado das ervas, são o próprio corpo herbáceo e o seu poder manifestado através dos *ofós* de encantamento. Vagner Gonçalves da Silva define esse elemento da natureza da seguinte maneira:

OSSAIM é o deus das folhas, das ervas e dos medicamentos feitos a partir delas. Seu domínio é o mesmo de *Oxossi*, a mata. Pela importância litúrgica que tem as folhas no candomblé (na louvação dos orixás, na preparação de banhos rituais, etc.) e pelos seus poderes medicinais, o culto a Ossaim desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do candomblé. [...] No rito angola o inquite das folhas é chamado de Catendê e no rito jeje Agué. (SILVA, 2005, p.76)

É importante salientar, que muitas vezes por questões ligadas à linguagem, alguns discursos que partem desses espaços podem denotar a ideia do *representar*, mas que na prática, o tratamento dado é o do *ser*. Isso pode ser facilmente identificado na fala Mãe Beata de Yemonjá, *In memorian*, no documentário *A boca do mundo: Exú no candomblé (2011)*, no qual ela diz: “Agora, se eu fosse dizer quem é Exú? Exú sou com 78 anos. Nasci em 1931, em uma encruzilhada, ao meio-dia de uma terça-feira (...). Então, já nasci. Eu sou Exú”. Podemos perceber que nada está no à parte, mas no próprio ser, nas próprias coisas, na essência e na relação entre sujeitos e ancestralidade. Essa percepção, contribui para o fazer ritual do sagrado e sua manifestação no mundo material. Exú e Legba, encruzilhada, meio-dia, meia-noite são símbolos de um mesmo sagrado. Eles são senhores dos caminhos, do dinamismo, os princípios que se manifestam em dois momentos do dia - meio-dia e meia-

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

noite – para seus cultos nos quais seus poderes e atuação se materializam. As bocas que comunicam, enunciam as mensagens do *òrun* ao *àiyé*; o recado dos deuses. Aqueles a quem se reverencia primeiro para que eles tragam segurança ao culto.

Não é raro, escutarmos expressões do tipo: “Ogun e Gú estão representados nos caminhos; nas guerras; nas vitórias. Yemonjá e Aziri Tobossi estão representadas no mar; na maternidade”. Essa ideia do *representar* é uma visão externa, que não está incorreta para a compreensão dos mais leigos, porém, a aplicação do termo, não preenche satisfatoriamente o significado e materialidade da relação dos adeptos com as divindades porque isto, implica numa conjuntura íntima, complexa, e dotada de sentido no convívio comunitário e na atuação dos sujeitos a partir de suas práticas e vivências, indo além da mera expressividade dos símbolos. Esse conceito é fragmentado e denota a ideia daquilo que não é o todo, mas lembra, faz parte, está contido. Diferentemente da visão do *ser*, que colabora para uma noção do todo, como algo que está ali o tempo todo, sendo estrutura essencial, que assegura o equilíbrio do culto, que é necessário e não ilustrativo. Isto é perceptível, na ordem do *siré/xirê e dorozan*, cânticos e danças, em que se prestam reverências à ancestralidade em atos performáticos e ritualísticos, revivendo memórias das divindades obedecendo uma sequência narrativa, iniciam e terminam suas cerimônias, numa conjuntura em que Exú é o início e Oxalá é o fim para o candomblé ketu; Legba e Mawú Lissá, para o candomblé jeje, Pambunijila/Nzila e Zâmbi, para o candomblé de nação Angola . Nestas nomenclaturas, uns não substituem os outros, mas pertencem a regiões diferentes em África. Cada orixá, cada vodun, nkisi, é um elemento ou vários elementos na natureza que atuam juntos para o equilíbrio da vida, do espaço, do tempo.

O “*ser*” está para os praticantes como valor e significado do sagrado nas suas vidas, onde os indivíduos se percebem na ancestralidade; é a forma de unir a vida dos elementos para criar sua materialidade e expressão nos cultos; nas suas liturgias; enquanto o *representar*, é uma visão de fora para dentro, partindo de uma ordem fragmentada do sagrado; uma

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

explicação mais didática e comparativa, menos sensível, distante de uma realidade comunitária.

MATERIALIDADE, ORALIDADE, PERFORMANCE

A materialidade do sagrado no candomblé se dá através do dinamismo entre adeptos e ancestralidade e, para entendermos o que chamamos aqui de materialização do sagrado, iremos audaciosamente tentar definir este conceito no campo sacro dessa forma de religiosidade.

As simbologias e tudo o que acontece, impulsionado pela força da crença nos deuses e deusas do panteão africano, é uma forma de comunicar-se com a ancestralidade em um despertar mútuo do poder chamado *axé/àse*. É esse poder que está contido em tudo na visão dos sujeitos. O despertar dessa força, depende do conjunto, do entendimento sobre este conjunto e do pensamento coletivo, que através da oralidade, mecanismo de transmissão do saber, constitui o princípio da construção do sentido dado ao que em primeira instância, encontra-se nos próprios indivíduos, ou seja, o sagrado ancestral que se manifesta nos sujeitos como parte fundamental e constitutiva destes. A materialidade do sagrado, pode ser entendida assim, como uma busca através dos rituais, de conectar-se com o invisível perdido em algum momento do processo de colonização. Isto se dá por meio das danças, das cores, do toque dos atabaques, das vestimentas e/ou paramentas, dos cânticos, da imantação de símbolos por meio dos sacrifícios, da atuação dos adeptos no meio comunitário, como tentativa de retorno à *Mãe África*. O corpo é de tal importância como veículo de *àse*, que é chamado de morada dos deuses e deusas, o que nessa cosmogonia, torna as divindades e os sujeitos, partículas elementares mútuas, inseparáveis, que se complementam no universo exterior; o divino acessível, não próximo, mas contido, aquilo que está dentro, se manifesta de dentro para fora; de fora para dentro, o que faz Mãe Beata de Yemonjá, citada no início, afirmar que ela é Exú. Essa afirmativa, parte do processo de autoconhecimento; da projeção do sujeito como parte

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

importante do sagrado. Neste sentido, podemos compreender que esta relação, sujeito-sagrado, sagrado-sujeito, se dá de forma antropofágica porque há uma ligação ancestral entre ambos.

Enunciar algo através da oralidade num terreiro é o princípio do sentir sacro, pois este mecanismo de transmissão do saber está presente neste espaço fazendo parte da performance atuante dos indivíduos em todos os momentos das suas experiências com o sagrado. É importante deixarmos evidente que as religiões de matriz africana, não abominam a escrita como forma de perpetuação e visibilidade da religião, mas que o saber e a transmissão deste, se dá por meio da oralidade nos terreiros. A oralidade e sua representação como, produção escrita, sobretudo, pelos próprios povos de terreiro, representa um ganho significativo na propagação do conhecimento e proteção desse legado para futuras gerações, constituindo um campo linguístico chamado *oralitura*.

Em um artigo *Entre o oral e o escrito: A criação de uma oralitura* (2011), Margarete Nascimento diz que essa relação entre o oral e o escrito é a saída da condição de literatura oral para o escrito e vice-versa. Nesse sentido, se cria uma forma de manutenção e promoção do pensamento ancestral historicamente marginalizados e negados pelo pensamento eurocêntrico, que se fez modelo padronizado para o mundo e suas relações. Na sociedade contemporânea, o texto escrito, é o que valida a herança social, cultural e histórica e que se contrapõe às práticas de epistemicídio (CARNEIRO, 2005). O postulado da filosofia nos coloca frente ao fato de que, a aniquilação de uma população marginalizada se dá em primeira instância, eliminando e negando sua capacidade de produzir conhecimento.

A Yalorixá, Stella de Oxossi (1925-2018), em um documentário chamado *Folhas encantadas* (2016), tece uma posição importante sobre a escrita como instrumento de valorização da própria religião, pois como ela mesma postula: “*o que não é registrado o vento leva*”, uma alusão ao conhecimento perdido através do tempo pela ausência de registro escrito. A sacerdotisa reconhece a importância da escrita e da tecnologia como a internet, mas ressalta que pode ser uma faca de “dois gumes” em se tratando do conhecimento transmitido

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

por esses veículos que não conduz energia, axé. Para o povo de terreiro, segundo ela, a palavra tem muito valor, mesmo porque tem axé (STELLA, 2016). A palavra possui assim, uma eficácia através das narrativas que se configura como um conjunto de sintomas, resultando na percepção integrada em relação ao sagrado e ao àse conduzido e transferido a tudo e a todos nesta cosmogonia religiosa. Sobre a importância da palavra oral como veículo de axé, Pierre Verger afirma que:

A transmissão oral do conhecimento é considerada na tradição iorubá como veículo do axé, o poder, a força das palavras, que permanece sem efeito em um texto escrito. As palavras, para que possam agir, precisam ser pronunciadas. O conhecimento transmitido oralmente tem valor de uma iniciação pelo verbo atuante, uma iniciação que não está no nível mental da compreensão, porém na dinâmica do comportamento. É baseada mais em reflexos que no raciocínio, reflexos esses induzidos por impulsos oriundos do fundamento cultural da sociedade. (VERGER, 1995, p.15).

Isso significa que, não há uma preocupação com explicações fora do contexto ritualístico e sensitivo do modo de vivenciar o sagrado. As narrativas orais são importantes para a manutenção da memória ancestral coletiva, isto garante o dinamismo do saber nos terreiros. As diferenças de versões não anulam o saber de um membro em relação ao outro, mas agrega formas de compreensão e interpretação diferentes sobre um mesmo ponto, ingrediente importante nos processos de vivência entre sujeito e sagrado.

Para Juana Santos Elbein, a tradição oral indica no Brasil, relacionamento direto com a herança cultural africana. Então, ato de contar, enunciar algo por meio da tradição oral, é um mecanismo que reflete na performance dos sujeitos, no modo como lidam com a comunidade, com o seu sagrado. Um itan, por exemplo, contado por um sacerdote é um meio importante de fazer com que o neófito entenda o seu sagrado, se compreenda enquanto parte desse sagrado fazendo associações psicológicas e comportamentais dos indivíduos com as divindades. O que se denomina como arquétipos por estudiosos e arquétipos/naturezas por adeptos-pesquisadores. A forma como se narra algo sobre uma determinada divindade, faz os adeptos

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

se espelharem em aspectos dos deuses, não como algo mimético, mas como uma forma de compreender sua própria personalidade, sem estereótipos e, para compreender esses processos de percepção da força ancestral no mundo material, é preciso conhecer os componente ritualísticos que fazem parte de um conjunto de ações que intermediam as relações com o divino.

Orikis, adurás, dorozans são narrativas em formas de cânticos, invocações que contam os feitos e aspectos importantes dos deuses/deusas, que através das suas danças e atos ao som dos atabaques, reproduzem nos terreiros seus feitos épicos usando vestimentas, paramentas específicas em cores e formas para cada divindade. Tudo isso é importante para a materialização do sagrado.

Outro aspecto importante no processo de materialidade sacra são as oferendas, específicas e preferível por cada deus/deusa e executada pelos sujeitos obedecendo regras importantes de comportamento entre eles e o divino. O òrìsà, segundo Juana Elbein (1989), se “está nutrindo” com a combinação de substâncias liberadas das oferendas, que lhe restitui se àse específico. Todas essas ações são direcionadas e acompanhadas pelos adeptos nos terreiros. Verger (1997), sobre o terreiro e esses comportamentos rituais, escreve:

(...) os últimos lugares onde as regras de bom tom reinam soberanamente... as questões de etiqueta, de primazias, de prosternação, de ajoelhamento são observadas, discutidas e criticadas apaixonadamente; neste mundo onde o beija mão, as curvaturas, as diferentes inclinações de cabeça, as mãos ligeiramente balançadas em gestos abençoadores, representam um papel tão minucioso e docilmente praticado (...)

Podemos entender que, a projeção e a representação do corpo como templo ritualísticos, condutor e receptor de àse através de sua performance. O corpo está em constante comunicação com o meio religioso nos terreiros de umbanda e candomblé. A performance dos indivíduos comunica algo sobre eles nestes espaços em suas relações com entidades e divindades. O comportamento é uma forma enunciativa e, fala antes mesmo, que

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

as palavras com o sagrado, com o meio comunitário. Isso constitui uma das formas de viver o sagrado que é sentido no íntimo e personalidade dos adeptos, traduzido para o meio de suas ações. Essas ações estão diretamente ligadas à busca por reviver a ancestralidade e a memória coletiva. Neste sentido o corpo e a performance dos indivíduos, comunicam para fora algo sobre sua cultura, religiosidade e serve como forma de resistência e poder, sendo, no contexto da memória ancestral, instrumento potencializador das lutas e materialidade da presença ancestral ou negação da mesma por meio do racismo manifestado em seus mais diversos campos. O corpo opera mecanismos de informações culturais, memórias afetivas e coletivas que colocam o indivíduo, por meio das narrativas, em contato e conectado as divindades, se reconhecendo como parte inerente dos deuses e deusas.

As heranças africanas foram constituindo-se como heranças cravadas no corpo, memória da ancestralidade., através da tradição oral e gestual. Passando o corpo a falar, a traduzir a memória de um grupo através de modulações gestuais que fazem referências às maneiras de vida no tempo e no espaço de sua origem. O corpo passa a constituir o saber desta comunidade, fazendo-se como um arquivo vivo, fortalecido em uma sabedoria corporal. (TAVARES, 1997, p. 6)

O sujeito e o seu corpo fazem parte de todo o fazer ritualístico e representa uma estrutura social, religiosa, cultural, política e ideológica, sendo instrumento do fazer, do enunciar e do comunicar-se com a ancestralidade. É seu corpo, pois, uma estrutura poética, oracular, sagrada, dotada de força, poder e axé.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho é de extrema relevância para as religiões de matriz africana, uma vez que, propõe um estudo levando em consideração o protagonismo dos sujeitos, sua atuação e performance no modo de lidar com a ancestralidade; discute o papel do pesquisador e o seu olhar sobre o campo em questão; faz um apanhado bibliográfico de estudiosos e personalidades que são pesquisadores comprometidos em uma abordagem diferenciada, respeitando e fomentando discussões a partir de outras já lançadas sobre a religiosidade e culto aos deuses do panteão africano presentes no Brasil pela forma religiosa denominada candomblé; não embasamos este trabalho em teorias linguísticas ou outros métodos experimentais de base eurocêntrica. A materialidade definida neste estudo, não é explicada por conceitos ou métodos cartesianos, sistemáticos, mas se configura no modo de apresentar como o sagrado faz-se presente na vida e na visão de mundo dos adeptos através de suas ritualísticas próprias, fundamentadas em seus contextos.

Foram necessários esforços para tornar a linguagem o mais objetiva e explicativa possível, visto que, o assunto requer um cuidado para ser entendido quanto às nomenclaturas próprias da religião.

É importante salientar ainda que, nós, autores deste trabalho, somos pesquisadores e iniciados no candomblé, fato que torna este estudo mais sensível, justificando assim, conceitos concebidos em nossas próprias experiências com o sagrado.

REFERÊNCIAS

A BOCA DO MUNDO - Exu no Candomblé. Direção: Eliane Coster. Canal: Ok Comunicações, 2011. (00:25:45). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tcO7fN_19kY. Acesso em 22 de setembro 2020.

BORDA, Orlando Fasli. **Aspectos teóricos da pesquisa participante**. In BRANDÃO, Carlos

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Rodrigues. (org). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser com fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em filosofia da educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-comonc3a3o-do-outro-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 20 de setembro 2020.

FATUMBI, Pierre Verger. **Ewé: o uso das plantas na sociedade Iorubá**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda 1995.

FOLHAS encantadas. Direção: Antonello Veneri e Stefano Barbi. Produção: Alessadra Caramori. Canal: Tradições culturais brasileiras, 2016. (25 min). Disponível em: <https://youtu.be/aT-Ng2Yw6QM>. Acesso em: 02 de setembro 2020.

MACHADO, I.M. 'É preciso ser sujeito e não objeto'. G1, BA, 2013. Disponível: <http://g1.globo.com/bahia/flica/2013/noticia/2013/10/e-preciso-ser-sujeito-e-nao-objeto-dizmakota-valdina-sobre-o-candomble.html> Acesso em: 15 de agosto 2020.

PRANDI, Reginaldo, **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Juana Elbein dos. Capítulo II - O Complexo Cultural Nagô. In: SANTOS, J. E. dos. **Os Nagô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia**; 13. ed. - Petrópolis, Vozes, 2008.

SANTOS, Margarete Nascimento dos. **Entre o oral e o escrito: A criação de uma oralitura**. BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras n.01, dezembro de 2011.

SILVA, Vagner G - **Candomblé e Umbanda - Caminhos da Devoção Brasileira**. São Paulo, Selo Negro, 2005, 5 . ed.

“Nós não habitamos no mistério da ancestralidade, somos o próprio mistério”

Sandro Moura

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ENEGRECENDO OS ESPAÇOS MUSEAIS: PROCESSOS EPISTÊMICOS CONTRA-COLONIAIS NAS LINGUAGENS MUSEOLÓGICAS

Marina Silva Pinheiro⁴⁴
Carolina Rocha Teixeira⁴⁵

RESUMO

O presente artigo visa os resultados parciais da pesquisa com a Rede de Museologia Kilombola, por meio de uma abordagem antirracista para a construção de uma análise epistemológica a partir das inquietações oriundas do movimento “Black Lives Matter”, como também a observação da ausência da museologia enquanto campo disciplinar e científico ao abordar os atravessamentos que permeiam os membros da Rede, isto é, a não racialização dos discursos. A metodologia de discussão utilizada foi por intermédio das lives na plataforma Instagram na qual procura discutir a relação entre a musealização da memória negra dentro das instituições museais e as ausências de protagonismo desse grupo na construção de suas próprias narrativas. Buscamos perpassar a constituição dos museus enquanto espaços de disputas mnemônicas e a neutralidade de suas linguagens.

Palavras-chave: musealização; contra-colonialidade; memória; patrimônio.

INTRODUÇÃO

No Movimento Negro, o processo de ressignificação carrega a ideia de constituir novas interpretações para conceitos produzidos na História do Brasil, que fazem parte da estrutura do racismo enquanto instrumento de desvalorização de crenças, negação de espaços, imposição de ideais, retirada de direitos e políticas de perecimento da população negra. Resignificar é antes de tudo dar um novo sentido a uma palavra, atribuição no qual modifica

44 Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO, marinadasilvapinheiro@gmail.com

45 Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, carolina_rocha95@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

os sentidos pejorativos das nomenclaturas, termos e significados. Entretanto, quando levamos o mesmo termo para o contexto dos espaços museológicos, vemos que o mesmo carrega ambiguidade. Segundo o Dicionário de Conceitos-Chaves de Museologia, musealizar é

“[...] a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em musealium ou museália, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal. (DESVALLÉES; MAIRESSE 2013, p. 56)

Ou seja, musealizar é tirar o objeto de seu espaço de origem e dar-lhe uma “vida” dentro das paredes e espaços expográficos museais, é muitas vezes dar-lhe um novo significado de acordo com o contexto que é inserido. E a problemática disso é exatamente quando esses objetos passam por esse processo de seleção. Os museus não são neutros, a curadoria de uma exposição traz o poder da escolha de narrativas sobre os objetos a serem expostos, e ressignificar então nesse cenário é tirar de determinados acervos seu valor.

A partir das décadas 1970 e 1980 novas museologias emergiram e conceitualmente foram incorporadas em âmbito do comitê internacional como museu integral (Cerávolo, 2004). É nesse contexto de insurgência dessa nova museologia que hoje propomos a Rede Museologia Kilombola, uma articulação que se propõem a partir das inquietações dos Afrodiaspóricos presentes na academia. Assim convoca a todos a repensar novos olhares sobre a relação de poder com a finalidade de construir uma epistemologia contra colonial, pois não visamos a continuidade do modelo vigente no campo científico da museologia, que abarque as questões da comunidade afrodiaspórica.

METODOLOGIA

A partir da ressurgência do movimento *Black Lives Matter*, por conta do assassinato do afro-americano George Flyod por um policial branco, as inquietações dos membros da Rede

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

de Museologia Kilombola emergiram e foi pensado um debate extramuros. Com momento atual da pandemia do COVID-19 e as medidas de distanciamento social, utilizamos a plataforma do *Instagram*. As *Lives*, iniciadas em julho, se propuseram a debater o antirracismo dentro do campo museal e sociedade. Assim nasceu o projeto Museologia Kilombola em Rede: Museologia, antirracismo afins com a finalidade de discutir assuntos que permeiam aos povos afrodiáspóricos.

Convidamos personalidades que tratassem de questões raciais de dentro e de fora da museologia. Os membros da rede citaram nomes sendo disparados os convites que inicialmente seriam para um único mês de evento e que por conta do número de aceites, passam a três meses. Esquematizamos os dias das semanas e horários (terças e sextas feira) analisados a partir de um pré-estudo de engajamento, e cada membro esboçou o desejo de mediar um convidado de acordo com suas preferências.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Se foi o tempo em que os museus eram vistos como espaços estáticos, espaços onde a memória era apenas colocada dentro de objetos a serem contemplados. Os museus são espaços de disputa pela memória, e existe silenciamento por parte das gestões das instituições em discussões que perpassam a racialidade; e não só silenciamento, mas também uma contribuição para a produção e reprodução de imagens pautadas e voltadas para as perspectivas hegemônicas de dominação.

Nila Barbosa (2012, p.164) traz que os museus procurando conchamar à etnicidade, respondem de forma tímida a possível demanda social de uma representação mais ampla de atores sociais, dando a impressão de que esses espaços só poderão ser ocupados com o aval de dessa hegemonia.

A série de *lives* da Rede Museologia Kilombola vem trazer questionamentos que perpassam a discussão dessas disputas pela memória e principalmente o silenciamento de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

gestões de instituições sobre a racialização das temáticas dos museus, e para além disso, como eles podem se tornar espaços democráticos que trabalhem não só a representação da população negra e toda sua história, mas também os incluam na construção da representação de suas identidades. A contra colonialidade que tratamos em nosso movimento, é segundo BISPO (2015, p. 48) “todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios”. A pesquisa está por meio das Redes Sociais, construindo um diálogo com as comunidades negras e toda a cosmologia museológica, um fenômeno museal que se proponha a ser racializado, uma maneira de resistência auto-organizada e contra colonial.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A pesquisa da Rede segue em andamento, as *Lives* terminam em outubro, após isso analisaremos os resultados das discussões a fim de dar continuidade os estudos. A ideia é que com esse material possamos elaborar estudos relacionados ao antirracismo no campo museal abrangendo e desenvolvendo os termos contra-colonialidade, patrimônio e cultura da população afrodiáspórica, assim como uma produção epistemológica que abarque os nossos processos peculiares que não estão dentro do campo disciplinar da museologia. Entendendo que os museus fazem parte da educação não formal e precisam tratar, divulgar, comunicar e acima de tudo descolonizar o olhar e ações dos acervos pretos contidos nos espaços.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Nila Rodrigues. **Museus e etnicidade - o negro no pensamento museal**: Sphan - Museu da Inconidência - Museu do Ouro. Minas Gerais, 2012.

CERÁVOLO, Suely - **Delineamentos para uma teoria Museológica**. Anais do Museu

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Paulista, vol 12 nº012, São Paulo, 2004 p. 261.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François; SOARES, Bruno Brulon; CURY, Marília Xavier. **Conceitos-chave de Museologia**. [S.l: s.n.], 2013.p 55-58.

SANTOS, Antonio Bispo. **Colonização, Quilombos**. Modos e Significações. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE RESISTÊNCIA:
A CAPOEIRA COMO EDUCAÇÃO INFORMAL (2003-2017)**

Thiago Melo Duarte⁴⁶

RESUMO

A construção da história afro-brasileira perpassa por antagonismos sociais e a capoeira se manifesta como enfrentamento as desigualdades. Ao longo de sua trajetória de perseguição as tradições africanas se tornaram presentes no Brasil. No entanto, a discussão deste resumo busca ressaltar a educação informal da capoeira, que passa a ser transmitida por meio de seus fundamentos. Assim a oralidade sendo a forma de transmissão destes ensinamentos. Nesta perspectiva de ações afirmativas a valorização e preservação da História do povo africano tem contribuído para a formação dos sujeitos. Este resumo apresenta parcialmente uma apreciação sobre o trabalho da capoeira, onde realizei numa pesquisa de TCC, as minhas percepções acadêmicas sobre a educação informal no ambiente educacional da capoeira.

Palavra-chave: História; educação; ensinamentos; oralidade; capoeira.

INTRODUÇÃO

A Capoeira como símbolo de resistência contra a opressão no período colonial passa a ser desenvolvida nas camadas populares transmitido pela oralidade, desta maneira ela “foi uma resposta marcante e duradoura dada pelo negro ao sistema escravagista” (Amaral, 2015, p. 57). Assim a cultura africana foi sendo construída no Brasil, formando o que conhecemos como cultura afrodescendente brasileira. Na trajetória de enfrentamento social a Capoeira vai de arte marginalizada a cultura desenvolvida em espaços sociais/educacionais.

46 Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, e-mail: thiagohistoria.duarte@gmail.com, Professor de Capoeira pela Associação de Capoeira Terra Firme.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A formação social de crianças/jovens vem sendo transformada por meio dos ensinamentos produzidos através do saber popular que a cultura afro-brasileira possui. Nesta perspectiva a Capoeira está inserida em parâmetros de uma educação informal⁴⁷ transmitindo um conhecimento transformador para pessoas incluídas nesta atividade. O jogo-luta-dança⁴⁸ constituído pelo povo africano surgiu como mecanismo de resistência e luta na sociedade, vem desempenhando um papel relevante nas práticas sociais, assim a “Capoeira é luta. Jogo e dança. Brincadeira de movimentos perigosos executados com graça, malícia e muitos rituais” (Souza, 2016, p. 12).

Neste breve artigo apresento parte da pesquisa⁴⁹ que teve como aspecto norteador investigar sobre a cultura afro-brasileira por meio do projeto *Capoeira inclusiva* na comunidade Jardim Continental em Campina Grande-PB. A proposta destas atividades educativas com a cultura afrodescendente brasileira colabora para constituição da identidade social e étnica dos moradores desta comunidade. Contudo, a partir deste projeto que inclui ações educativas vem contribuindo na inclusão educacional de crianças/jovens numa formação social na perspectiva da educação informal⁵⁰ para as relações étnico raciais.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica desenvolvida na pesquisa é centrada na História oral temática que trabalhamos por meio de entrevistas semiestruturadas. Desta maneira a construção das memórias reconstituídos no presente passam a ser registros da oralidade e fazem parte desta nova perspectiva de escrita historiográfica. No entanto, a História oral

47 Podemos identificar no artigo de Biesdorf (2011) que a educação informal norteia o processo de construção dos relacionamentos pessoais dentro de uma sociedade, com o intuito de formar nos indivíduos comportamentos para seu convívio social.

48 Termo utilizado para definir a Capoeira.

49 Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito final de obtenção do título de graduação de Licenciatura em História.

50 Nesse processo de transmissão do conhecimento a educação informal atua como parte da formação do sujeito para a compreensão da realidade social ao qual se encontra inserido (Biesdorf, 2011).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

“centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido” (Matos; Senna, 2011, p. 96), como método de pesquisa pode subsidiar uma possibilidade de aproximação com o objeto de estudo por meio da coleta de conteúdo.

A História oral⁵¹ como um referencial teórico-metodológico tem sido utilizada como fonte historiográfica para auxiliar no confronto com outras fontes. Nesta metodologia de pesquisa procurei observar as vozes dos sujeitos colocados à margem na História resgatando suas memórias individuais que fazem parte do coletivo, para obter conteúdo suficiente de apreciação das práticas educativas com as atividades da Capoeira inclusiva, possibilitando a investigação sobre os símbolos e significados que envolvem o desempenho desta cultura.

DISCUSSÃO

O trabalho com capoeira inclusiva⁵² nesta comunidade tem sido desenvolvida na Sociedade de Amigos do Bairro (SAB) no Jardim Continental. As atividades nesta comunidade vem sendo desenvolvidas desde 5 de março de 2003 tendo como seu responsável o Rosenberg Alves Pequeno (Mestre Pequeno). Buscando transmitir para os alunos fundamentos e tradições da cultura afro-brasileira, por meio de uma educação informal e contribuindo para salvaguarda⁵³ da Capoeira.

As atividades desenvolvidas através da Capoeira têm possibilitado ações concretas valorizando e preservando a História do povo africano na diáspora brasileira. No qual os espaços sociais constituem o ambiente onde passa a ser produzido a transmissão do saber popular, onde a educação informal contribui significativamente na educação e formação dos

51 No livro Manual de História Oral de Verena Alberti (2005), fornece um aporte teórico e metodológico para a utilização da oralidade por meio das memórias vividas pelos sujeitos.

52 A inclusão dos sujeitos na Capoeira desenvolve-se pelo fato destes ter uma identificação com essa arte que outrora passou pela criminalização, assim “um processo educativo envolvendo sujeitos pertencentes às camadas excluídas da população, que têm a possibilidade de uma maior identificação com a abordagem educativa”, com a Capoeira (Abib, 2004, p. 60).

53 Ver o documento Inventário para registro e salvaguarda da Capoeira (2007), que aborda sobre o processo de preservação desta cultura.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

alunos. Assim a formação social de crianças e jovens envolve o processo de construção do conhecimento abrangendo as expressividades culturais constituindo um saber que aborda processos educativos dentro e fora das escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto o professor de Capoeira utiliza-se do saber popular, adquirido através da oralidade, para transmitir o conhecimento a outros sujeitos. Este espaço de ensino informal obtém um papel de promover um ambiente social de produção dos aprendizados educativos no intuito da construção identitária da sociedade brasileira.

Pelo seu valor educativo e de conscientização os ensinamentos da Capoeira tem transmitido aos sujeitos princípios relevantes para a sua formação social. Desta forma a proposta de ensino da cultura afro-brasileira na comunidade do Jardim Continental tem a concepção de envolver crianças, jovens e adultos de todas as idades para uma educação inclusiva e identitária.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 3ª ed. 2005.

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, 2004.

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. **Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 54-73, dez. 2015.

BIESDORF, Rosane Kloh. **O papel da educação forma e informal: educação na escola e na sociedade**. Revista eletrônica itinerarius do curso de Pedagogia do Campus Jataí - UFG. Vol. 1, n. 10, 2011.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil.
Brasília. 2007. Governo Federal e Iphan.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História oral como fonte problemas e métodos.** Historiæ, Rio Grande do Sul, 2011.

SOUZA, Walce. **Arte mágica.** Goiânia: Editora. 2016.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**MUSEUS E COMUNICAÇÃO DO PATRIMÔNIO AFRICANO:
EXPERIÊNCIAS DO MAFRO/UFBA**

Maria das Graças de Souza Teixeira⁵⁴
Judite Primo⁵⁵
Lucival Fraga dos Santos⁵⁶

RESUMO

O presente texto discute sobre o patrimônio cultural e sua articulação com a educação no museu, reconhecendo a importância do patrimônio e da memória nas relações de pertencimento e constituição de identidade (s). Desse modo, buscamos refletir sobre o papel do museu na comunicação do patrimônio afro-diaspórico nos circuitos expositivos, composto por parte do acervo africano, a partir da experiência na atividade de mediação cultural desenvolvida no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO/UFBA) junto ao público estudantil, no período de setembro 2011 a setembro de 2018. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e o relato de experiência.

Palavras-chave: Acervo. Exposição. Comunicação. Mediação cultural.

INTRODUÇÃO

Comunicar o patrimônio no contexto da mediação cultural no espaço museológico, pressupõe entre outras questões apreender a articulação entre memória-identidade e educação-patrimônio. “O processo museológico é um processo educativo e de comunicação, capaz de contribuir para que o cidadão possa ver a realidade e expressar essa realidade, qualificada

54 Universidade Federal da Bahia, mgteixeir@hotmail.com

55 Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, juditeprimo@gmail.com

56 Universidade Federal da Bahia, lucival28santos@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

como patrimônio cultural” (SANTOS, 2011 p.9). Desse modo, o museu se constitui como espaço de salvaguarda do patrimônio material, entendido por nós como suportes de registros de memória.

A comunicação do patrimônio no Museu é feita a partir de narrativas, utilizando diferentes meios e/ou mídias, especialmente das exposições. A construção das narrativas se dá na articulação de um conjunto de elementos (textos, luz, cor texturas suportes expográficos), que buscam identificar o lugar social e político de produção dos objetos. Assim sendo, “o museu não é apenas o lugar de guarda de registros de memória, da exposição destes registros, de lazer, de entretenimento, mas é também lugar de poder e conflito, de resistência, é, sobretudo, o lugar do reencontro de histórias de testemunhos” (TEIXEIRA, 2015, p.113). Portanto, espaço de disputa.

Partindo desse pressuposto, abordamos sobre nossas experiências na proposta de comunicação do patrimônio africano na mediação do “Setor África”, último setor, da exposição permanente do MAFRO/UFBA que esteve aberto ao público até julho de 2018.

METODOLOGIA

Para desenvolvimento do estudo, adotamos a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e o relato de experiência. Como procedimentos técnicos foram utilizados a análise documental, registros fotográficos e observação participante durante o acompanhamento da mediação realizada à época.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O “Setor África” era composto por um conjunto de objetos africanos que compõe o acervo do MAFRO/UFBA. Os diferentes objetos representavam a diversidade do continente

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

africano, organizadas em núcleos temáticos que por um lado, narram a evolução tecnológica (cerâmica, metalurgia, manufatura) e, por outro, a diversidade cultural. São diversas esculturas em madeira, mascaradas Geledés, instrumentos musicais, tapetes proverbiais, objetos ritualísticos (pilão e machado de Xangô, espada de Gu), entre outros.

Grande parte do acervo fazia referência à cultura Yorubá, sobretudo da Nigéria e Benin. Mas também, faz referência a outros países da África Ocidental, (Congo, Togo, Senegal). Do ponto de vista da narrativa histórica, os núcleos temáticos abordam uma perspectiva da narrativa historiográfica, utilizando como taxonomias: África Pré-Colonial, Tráfico transatlântico e Colonização das Américas e África Contemporânea.

Durante a mediação cultural, buscamos evidenciar na narrativa a diversidade cultural, ética e política do continente africano, bem como a importância do patrimônio material do acervo. Quando a produção do discurso político e socioeducativo procuramos desconstruir visões estereotipadas do continente e dos africanos, forjadas para justificar no primeiro momento a escravização no processo de colonização das Américas e, posteriormente das teorias racialistas para colonização africana.

Também procuramos explorar a partir dos objetos, novas possibilidades de interpretação do processo de escravização, desconstruindo a visão simplista de exploração da força física dos africanos. É sabido que houve a exploração e apropriação de saberes e tecnologias africanas nas várias áreas do conhecimento, a exemplo da mineração, da arquitetura, agricultura, metalurgia, engenharia, domínio do poder de cura das plantas, dentre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhadores das instituições museológicas devem estar atentos para não perpetrar discursos do poder hegemônico, legitimando estereótipos sobre a África e os africanos, que acabam por não contribuir para o fortalecimento de identidades, e muito mais para

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

instrumentalizar preconceitos que estruturam o racismo. Portanto, é necessário conhecer o patrimônio para reconhecer seu papel nas relações de pertencimento, assim como da memória no desenvolvimento da consciência histórica.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. **Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil**. Marseille: Open Edition Press, 2015.

GOMES, A. O.; OLIVEIRA, A. A. R. A construção social da memória e o processo de ressignificação dos objetos no espaço museológico. **Museologia e Patrimônio** - V.3 n.2 - jul/dez de 2010. p. 42-55.

SANTOS, M. C. M. **Museu e Educação: conceitos e métodos**. Disponível em <https://bibliotextos.files.wordpress.com/2011/12/museu-e-educac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 20/08/2020.

TEIXEIRA, M. G. S. **Museologia Social e Educação: Relato de experiências de extensão museológica no Museu Afro Brasileiro da Universidade Federal da Bahia**. Anais do II SEBRAMUS, Recife, 2015 p.105-119.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O POPULAR NA CULTURA DE CIPÓ: PARA ALÉM DO LUXO, FRACASSO E DESCASO PÚBLICO

Talbert Igor Santana de Oliveira⁵⁷

RESUMO

Esse projeto busca fazer uma investigação a respeito do desenvolvimento da cidade de Cipó-Bahia a partir da sua perspectiva cultural fundante em relação à cena atual, analisando a formação municipal de caráter turístico exploratório do passado, com a falta de incentivo de seus bens culturais e sociais no presente. A pesquisa sugere um olhar para a concepção identitária e racial do seu povo, com a valoração das suas manifestações culturais. Além da dissertação, propomos um redimensionamento narrativo, através da linguagem fotográfica em um inventário analítico no formato de livro-objeto.

Palavras-chave: Cipó-Bahia; Cultura Popular; Desenvolvimento Turístico Exploratório; Linguagem Fotográfica; Memória Coletiva.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa é voltada para a compreensão sobre o desenvolvimento da cidade de Cipó, localizada no sertão baiano, que teve na sua formação ações pautadas na exploração das águas termais por meio do turismo elitista. Essas ações resultaram na retirada da população local, majoritariamente negra e trabalhadora rural, do centro das fontes, marginalizando-as simbolicamente, geograficamente e silenciando suas narrativas.

O investimento do turismo exploratório que ocorreu no município foi ocasionado através da parceria público-privado do médico Genésio Salles, que havia ganhado do Estado a concessão para explorar as águas termais. O termalismo cipoense buscou atender as elites

⁵⁷ Dados Curriculares: Mestrando em Cultura e Sociedade pelo Pós-Cult/UFBA, graduando em Comunicação e Produção Cultural pela FACOM/UFBA, Bacharel em Artes com formação em Cinema e Audiovisual pelo IHAC/UFBA. Artista visual, fotógrafo e cineasta. Mediador em artes visuais, fotografia, cinema, audiovisual e saúde mental. talbert.igor@gmail.com. Orientadora: Annamaria da Rocha Jatobá Palacios.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

brasileiras através de construções de hotéis luxuosos, cassinos, balneário termal etc. Fatos históricos como a proibição dos jogos de azar no Brasil, em 1946, e o avanço da medicina moderna, que substituiu a hidroterapia, ocasionaram a decaída da estrutura turística termal de Cipó na década de 1960, levando ao seu completo abandono nas décadas seguintes (SANTOS NETO, 2013).

Na atualidade, permanece um sentimento de nostalgia na população cipoense em relação ao passado luxuoso que a cidade vivenciou. Há no anseio coletivo a crença de que o turismo voltaria se as construções históricas fossem restauradas, melhorando a qualidade de vida e o desenvolvimento do município. Ao mesmo tempo existe um hiato em relação às riquezas imateriais presentes nas manifestações populares do município. Não há subsídios e investimentos públicos efetivos, bem como valoração local e reconhecimento tanto das pluralidades, quantos dos seus agentes culturais.

DESDOBRAMENTOS E DISCUSSÕES

A pesquisa nasceu de uma produção fotográfica autoral tanto das construções abandonadas, quanto das manifestações e produtos que representam a riqueza cultural do município. A partir da percepção de uma contradição expressa no sentimento dos moradores da cidade, na nostalgia sobre os monumentos abandonados, na pouca valoração de uma cultura popular não subsidiada, econômica e simbolicamente. Ao mesmo tempo em que, seus agentes culturais deslocados territorialmente para as margens do município, ao passo que a atenção dos investimentos públicos não voltada a atendê-los, houve a necessidade de remontar essa história para compreendê-la e analisá-la. Nesse sentido, a pesquisa também tem se munido de vasto material etnográfico, acervo fotográfico e documentações que têm demonstrado as marcas de uma fundação exclusivista, demarcada pelo acesso privilegiado aos bens da cidade, em termos de classe e raça, que refletem na contemporaneidade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Através da linguagem fotográfica dos registros realizados, haverá a produção de um livro-objeto que corrobore com a valoração da cultura popular e da memória coletiva presentes no território cipoense.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, TEÓRICOS E ANALÍTICOS

A pesquisa utiliza de uma metodologia qualitativa, análise etnográfica, imagens fotográficas de acervos e produção autoral, levantamento bibliográfico, reportagens em jornais e revistas sobre a cidade de Cipó. A discussão teórica aborda raça (ALMEIDA, 2019), memória (LE GOFF, 1990), desenvolvimento urbano (DEBORD, 2003), turismo/ termalismo (SANTOS NETO, 2013); (SALLES, 1932), cultura popular (ORTIZ, 1986) e fotografia (FLUSSER, 1985).

A partir desse mapeamento, tem sido possível desenvolver crítica e analiticamente um arcabouço temático, ético e estético de uma pesquisa que busca a valoração das manifestações populares existentes no município.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A nível de mestrado, essa pesquisa se iniciou em 2020, porém traz como base anterior trabalhos fotográficos desenvolvidos desde 2016, no município de Cipó, sobre as manifestações populares, seus agentes culturais, arquitetura histórica, geografias urbanas e rurais.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Coletivo Periferia, 2003.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma Futura Filosofia da Fotografia**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

MIRANDA, Luís Henrique Nobre de. **Livros-Objeto, Fala-Forma**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1986.

SALLES, Genésio. **Impressões de Uma Viagem às Caldas do Cipó**. In: *Gazeta Médica da Bahia*. v. 54. n. 3. Salvador: Bahia - Estabelecimento dos Dois Mundos. 1923. p. 319-335.

SANTOS NETO, Edson Fernandes D'Oliveira. **Estância Hidromineral de Cipó: Um Balneário no Sertão da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2013.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO AFRODESCENDENTE: A PRESENÇA NEGRA NO LIVRO DO TOMBO ARQUEOLÓGICO, ETNOGRÁFICO E PAISAGÍSTICO

Flávia Cristina Costa Vieira⁵⁸
Sura Souza Carmo⁵⁹

RESUMO

O patrimônio arqueológico é um testemunho material da presença humana, desde tempos remotos até os mais recentes, e se destaca pela importância enquanto remanescente dos diversos grupos humanos que constituíram (e constituem) a formação da identidade cultural de determinado local, região ou país. Este artigo pretende analisar como está representado o patrimônio arqueológico afrodescendente brasileiro na Lista de Bens Arqueológicos Tombados, sendo 11 sítios arqueológicos dispersos por todo o território nacional e 6 coleções em museus. O objetivo é verificar qual a representatividade dessa categoria de patrimônio frente às outras. A metodologia de análise é quantitativa e qualitativa, a partir da Lista de Bens Arqueológicos Tombados do Centro Nacional de Arqueologia do IPHAN.

Palavras-chave: Afrodescendente; Sítio Arqueológico; IPHAN; Livro do Tombo; Tombamento.

INTRODUÇÃO

O Patrimônio Arqueológico é constituído pelos vestígios materiais e imateriais que impliquem em indícios da presença ou da atividade humana, assim, diferentes grupos

58 Graduada em Arqueologia e em Antropologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e mestranda em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Tem interesse nas temáticas relacionadas ao patrimônio material e imaterial, principalmente em relação a atuação do Estado e a restituição de bens. flaviacostavieira@yahoo.com.br

59 Docente do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Têm desenvolvido pesquisas relacionadas a patrimônios e objetos museológicos afrodiáspóricos, sobretudo, no estudo dos balangandãs. suracarmo@yahoo.com.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

humanos tendem a imprimir na cultura material, diferentes características. No Brasil, o patrimônio histórico e artístico nacional está contemplado pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 (IPHAN, 2004), que instituiu o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). De acordo com esse Decreto-Lei patrimônio histórico é o “conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”.

Nesse sentido, o instrumento que o IPHAN para proteger e salvaguardar o patrimônio material nacional é o Tombamento, que se dá por meio da inscrição do bem cultural num dos quatro livros do tomo: Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Histórico; Belas-Artes; e Artes Aplicadas. A proteção ao Patrimônio Arqueológico brasileiro, por sua vez, está contemplada também na denominada Lei de Arqueologia: a Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Ela dispõe sobre monumentos arqueológicos e históricos localizados em solo brasileiro, classifica os tipos de bens que são considerados arqueológicos, identifica os procedimentos que devem ser adotados e as implicações legais envolvidas na posse, comercialização ou destruição dos mesmos (IPHAN, 2004). A Constituição Federal de 1988 também reconhece o patrimônio arqueológico como bem da União, englobado no conjunto do Patrimônio Cultural brasileiro. Sendo que os artigos nº 20, 23, 30 e 216 tratam do patrimônio histórico e/ou cultural e, ao longo do texto, também mencionam o patrimônio arqueológico. E define que a destruição, a mutilação e a inutilização física do patrimônio cultural são infrações puníveis por lei.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a análise qualitativa e quantitativa dos bens arqueológicos tombados no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do Instituto de Patrimônio

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2020), traçando um comparativo com a quantidade de pesquisas científicas que vem sendo desenvolvidas no âmbito da Arqueologia, voltadas para lugares de representação e bens afrodiáspóricos.

DISCUSSÃO

O Brasil possui um total de 18 bens arqueológicos tombados, sendo 11 sítios arqueológicos e 6 coleções em museus. Nosso objetivo de verificar a representatividade do patrimônio arqueológico afrodiáspórico consistiu num exercício trágico de constatação da ausência dessa categoria. Ressaltamos que, do ponto de vista científico, os primeiros trabalhos relativos a sítios arqueológicos voltados para a temática da diáspora africana no país remetem à década de 1970. Desde então vem sendo estudados sistematicamente quilombos, senzalas, portos, cemitérios e outros espaços com presença negra. Então, uma reflexão possível sobre a ausência dessa categoria de patrimônio nos registros do Livro Do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico pode ser direcionada para as questões relativas ao racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) que permeia a sociedade brasileira e aos processos de invisibilidade e silenciamento promovidos pelos grupos hegemônicos secularmente detentores dos meios de dominação e subjugação de grupos afrodescendentes.

A Serra da Barriga, localizada no município de União dos Palmares (Alagoas) foi tombada como Patrimônio Natural, em 1986, e não como Quilombo dos Palmares relegando a segundo plano sua significação material e simbólica enquanto lugar de memória diretamente associado à resistência e à auto-organização dos quilombolas ex-escravizados, além disso, o local é considerado a origem de dois grandes ícones da luta de afrodescendentes contra o racismo e outras formas de opressão na contemporaneidade: Dandara e Zumbi. Ou seja, não

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

foi em virtude de sua relevância internacionalmente reconhecida⁶⁰ e nem pela grande quantidade de estudos⁶¹ que vem sendo produzidos sobre ele.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O Brasil possui hoje cerca 30 mil sítios arqueológicos registrados na plataforma do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), mantida pelo Centro Nacional de Arqueologia (CNA) vinculado ao IPHAN, de todo este quantitativo uma parte considerável é relativa à presença ou à atividade humana de afrodescendentes no território nacional. Os dados constatados apontam a emergência da renovação dos debates acerca da importância dada a esse patrimônio pelo órgão, que nitidamente vem sendo pautada por uma lógica excludente e de invisibilização.

Apesar do horizonte desafiante que se descortina diante destes dados, a prática arqueológica vem sendo marcada pela emergência do protagonismo de grupos anteriormente silenciados e marginalizados, o que tem resultado em práticas orientadas a partir de valores não colonizadores e contra hegemônicos. Com efeito, essa reviravolta ontológica tende a alargar e intensificar os questionamentos acerca de representatividade e representação no campo do patrimônio histórico e cultural, o que conseqüentemente irá reverberar nos bens arqueológicos.

60 O Mercosul solicitou propostas para que se fizessem Tombamentos de Bens Culturais comuns aos países do bloco que representassem em alguma medida a resistência à escravidão nestes países. O Brasil sugeriu a Serra da Barriga, e na *14ª Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural*, realizada em 2017, na Argentina, ela foi oficialmente reconhecida como Patrimônio Cultural do Mercosul.

61 ALLEN, 1998; 2000; 2001; 2006; CARVALHO, 2005; COSTA, 2010; FUNARI, 1995; 1996; 1999; 2001; 2005; 2007; ORSER, 1996 ORSER & FUNARI, 1992; SILVA, 2010; TENÓRIO, 2010.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ALLEN, S. J. A 'Cultural Mosaic' At Palmares? Grappling With The Historical Archaeology Of A Seventeenth-Century Brazilian Quilombo, In FUNARI, Pedro (Org.) **Cultura Material E Arqueologia Histórica**. Campinas: Unicamp, Pp. 141-178. 1998.

_____. Identidades em jogo: negros, índios e a arqueologia da Serra da Barriga, in Galindo, M., Silva, E., de Almeida, L. S., & Elias, J. L. (org.) **Índios do Nordeste: temas e problemas: 500 anos** (Vol. 2). EDUFAL, pp. 245-275. 2000.

_____. **Zumbi nunca vai morrer: history, the practice of archaeology, and race politics in Brazil**. Providence, Rhode Island: Thesis, Doctor of Philosophy, Department of Anthropology Brown University. 2001.

_____. As vozes do passado e do presente: arqueologia, política cultural e o público na Serra da Barriga. **Clio**, 20, 81-101. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/246881/35822>. Acessado: 1 Setembro 2020.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

CARVALHO, A. V. **Palmares como espaço de sonhos: análise dos discursos arqueológicos sobre a Serra da Barriga**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Campinas, UNICAMP. 2005.

COSTA, L. R. **Os grupos ceramistas da Serra da Barriga: caracterização da tecnologia cerâmica no contexto da Tradição Aratu**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. 2010.

FUNARI, P. P. A "República de Palmares" e a arqueologia da Serra da Barriga. **Revista USP**, n.28, dez/fev, 1995/1996, pp.6-13. 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p6-13>. Acessado: 1 Setembro 2020.

_____. A arqueologia de Palmares, in: REIS, J.; Gomes, F. (org.), **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 26-51. 1996.

_____. Etnicidad, identidad y cultura material: un estudio del cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII, in: Andrés Zarankin e Félix Acuto (org.), **Sed non satiata: teoria social en la arqueología latinoamericana contemporânea**. Buenos Aires: Tridente, pp. 77-96. 1999.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

_____. Heterogeneidade e conflito na interpretação do Quilombo dos Palmares. In: **Revista de História Regional** 6 (1) p. 11-38. 2001. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2117>. Acessado: 1 Setembro 2020.

_____. **Palmares ontem e hoje**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2005.

_____. The Archaeological Study of African Diaspora in Brazil, in: Ogundiram, A. & Falola, T. (org.) **Archaeology of Atlantic Africa and the African Diaspora**. Bloomington: Indiana University, pp. 355-71. 2007.

IPHAN. **Cartas Patrimoniais**. 3ª ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

_____. **Lista de bens tombados**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 16 jul. de 2020.

ORSER, C. **A Historical Archaeology of the Modern World**. New York: Plenum. 1996.

ORSER, C.; FUNARI, P. P. Pesquisa arqueológica inicial em Palmares. **Estudos Ibero-Americanos**, n. 18, pp. 53-69. 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1992.2.29225>. Acessado: 1 Setembro 2020.

SILVA, S. L. **Contexto Comunitário e Educação Patrimonial: Um Estudo de Caso em União do Palmares-AL**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPB. 2010.

TENÓRIO, L. Q. **Aspectos da Organização Social: um estudo cerâmico e espacial dos sítios Rosa e dos Teto, Serra da Barriga, União dos Palmares, Alagoas**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPB. 2010.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

SILENCIAMENTOS NA POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO PELO IPHAN

Sura Souza Carmo⁶²
Flávia Cristina Costa Vieira⁶³

RESUMO

O presente artigo busca discutir as ações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) relacionadas ao tombamento e registro do patrimônio afro-brasileiro. As primeiras décadas de ação do órgão foram marcadas pelo tombamento de edificações de caráter luso-brasileira, sem valorizar a matriz africana na identidade nacional. A mudança iniciou-se, a partir dos anos 1980, através das ações do movimento negro, com o tombamento do primeiro terreiro. Posteriormente, nos anos 2000, a política de patrimônio imaterial debruçou um novo olhar para o patrimônio brasileiro em que manifestações afro-brasileiras foram valorizadas em diversas regiões do país. A metodologia adotada foi de análise quantitativa e qualitativa a partir da lista de bens tombados e registrados pelo IPHAN.

Palavras-chave: Afro-brasileiro; Patrimônio; IPHAN; Tombamento; Registro.]

INTRODUÇÃO

Através do engajamento de diversos intelectuais em publicações de textos jornalísticos e propostas de legislação, iniciaram-se as discussões a respeito das políticas patrimoniais no

62 Docente do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Têm desenvolvido pesquisas relacionadas a patrimônios e objetos museológicos afrodiáspóricos, sobretudo, no estudo dos balangandãs. suracarmo@yahoo.com.br

63 Graduada em Arqueologia e em Antropologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e mestrandia em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Tem interesse nas temáticas relacionadas ao patrimônio material e imaterial, principalmente em relação a atuação do Estado e a restituição de bens. flaviacostavieira@yahoo.com.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Brasil. A partir da Era Vargas, motivado pela busca de uma ideia de nação, foi criada a Inspeção dos Monumentos Nacionais (1934-1937), e posteriormente, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e promulgado o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 (FONSECA 2005; CHUVA, 2009). Contudo, apesar da existência da legislação de quatro Livros de Tombo, durante décadas se negligenciou o patrimônio afrodiaspórico no Brasil resultando em uma exclusão da representatividade histórica na formação do patrimônio brasileiro.

As políticas patrimoniais por muitos anos foram voltadas para o enaltecimento da história da nação através do uso de aspectos monumentais do patrimônio para legitimar uma história determinada do Brasil seguindo padrões europeus de legitimação. As edificações relacionadas à cultura africana não foram inventariadas pelas políticas patrimoniais até os anos de 1980, sendo o único bem tombado pelo SPHAN, na gestão de Rodrigo Melo Franco de Andrade, um conjunto de objetos resultado de apreensões policiais que recebeu a denominação estigmatizante de Museu da Magia Negra e que não havia sido publicizada a essa ação de tombamento.

A partir de um alargamento da noção de patrimônio, nos anos 1970, com a gestão de Aloísio Magalhães, houve o deslocamento dos bens que se impunham por sua “monumentalidade” e “por sua riqueza” para o “peso simbólico”, na “atribuição de sentidos e valores” ao patrimônio (COSTA, 2012, p. 32). As ações de valorização do Patrimônio Afrodiaspórico no Brasil só ocorreram a partir dos anos 1980 e se intensificaram, sobretudo, a partir dos anos 2000 com o instrumento de Registro do Patrimônio Imaterial. Tais ações de valorização resultam do Movimento Negro que lutou por equidade em diversas esferas sociais, dentre elas, inclusive o patrimônio.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a análise qualitativa e quantitativa dos bens tombados e registrados pelo IPHAN desde o início das ações do órgão (1938) até a atualidade.

DISCUSSÃO

Apesar do tombamento dos objetos sacros denominados pejorativamente de Museu da Magia Negra terem sido tombados em 1938, considera-se no corpo deste estudo, o tombamento do terreiro Casa Branca em Salvador, em 1984, como sendo a primeira ação efetiva do IPHAN em prol da valorização da herança afro no Brasil. Salienta-se que entre os anos de 1938 e 1985 foram tombados 182 bens relacionados ao catolicismo, tais como igrejas, conventos e orfanatos, demarcando, de forma quantitativa, a ausência de Tombamentos de espaços sagrados para as religiões de matriz africana. Segundo Marcos Olender o tombamento do terreiro Casa Branca traçou o caminho para outros terreiros (OLENDER, 2017). Na discussão dos critérios para o inventário dos terreiros e quilombos, observa-se a preponderância dos aspectos simbólicos em detrimento do arquitetônico/estilístico no tombamento e da relação materialidade/imaterialidade nos usos do espaço em uma relação profunda entre natureza e território.

Até o ano de 2019 houve o tombamento dos seguintes terreiros: na Bahia, Casa Branca (1984), Ilê Axé Opô Afonjá (2000), do Gantois (2005), Alaketo (2008), do Bate-Folha (2005), Ilê Axé Oxumaré (2014), Tumba Junsara (2018), Roça do Ventura (2015) e Omo Ilê Agbôulá (2015); em Pernambuco, Terreiro Obá Ogunté de Pai Adão; no Maranhão, o Terreiro Casa das Minas Jeje (2005). Em relação aos quilombos, só foi tombada a Serra da Barriga (1986),

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

como Patrimônio Natural, demonstrando um distanciamento entre as políticas patrimoniais do IPHAN e as discussões no campo da História, Antropologia e Arqueologia. Estão em Processo de Instrução, dezoito terreiros e dez quilombos (IPHAN, 2020). Todos os terreiros tombados se localizam no Nordeste e com predominância da Bahia, demonstrando uma visão deturpada de se pensar a existência de terreiros de importância simbólica apenas na Bahia, em busca de um purismo no culto, e da pouca valorização dos terreiros de Umbanda, inclusive em outras localidades.

Em relação ao registro, ocorridos desde 2004, são 48 bens registrados, 17 relacionados à cultura afrodiáspórica, indicando um crescimento na valorização e uma ação diversificada no território nacional, com destaque para os estados de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro – locais com grande número de afrodescendentes.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Entendemos que o Tombamento e registro de bens relacionados à herança africana no Brasil estão relacionados ao alargamento da noção de patrimônio e às ações das comunidades e do Movimento Negro em busca por representatividade. Compreendemos que há ainda uma grande discrepância nas políticas patrimoniais no Brasil no que se refere à representação da matriz africana na formação do povo brasileiro e uma letargia no andamento dos processos de tombamento pelo IPHAN. Destacamos que é necessário equidade nas ações de Tombamento a fim de representar todos os grupos étnicos formadores do Brasil, e salientamos a expressividade das ações de registro na valorização do patrimônio afrodiáspórico.

REFERÊNCIAS

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de**

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

COSTA, Amanda Gabrielle de Queiroz. Os projetos do Centro Nacional de Referência Cultural: referenciamento da cultura brasileira. Disponível em www.eeh.anpuh-rs.org.br/resources/. Acesso em 2 de set. 2020.

FONSECA, Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. RIO de Janeiro: UERJ, 2005.

IPHAN. **Lista de bens tombados**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 16 jul. de 2020.

_____. **Lista de bens registrados**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 16 jul. de 2020.

OLENDER, Marcos. O afetivo efetivo. Sobre afetos, movimentos sociais e preservação do patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 35, p.321-341, Brasília-DF, 2017.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**“NUNCA É TARDE PARA VOLTAR E APANHAR O QUE FICOU PARA TRÁS” –
INVESTIGAÇÃO SOBRE POSSÍVEIS REGISTROS ADINKRAS NA
ARQUITETURA BRASILEIRA**

Francisca Andréa Brito Furtado⁶⁴
Fernanda Rocha de Oliveira⁶⁵

RESUMO

O campo do patrimônio é espaço de disputa de narrativas. Historicamente a narrativa dos colonizadores europeus teve destaque no que tange aos elementos que seriam relevantes enquanto constituintes da nossa identidade cultural, fossem eles materiais ou imateriais. Nosso estudo pretende seguir as pistas de contribuições negras, mais especificamente dos povos akhan, através de possíveis mensagens deixadas pelos negros escravizados por meio do antigo sistema de escrita adinkra. Pretendemos lançar hipóteses de aproximação entre elementos presentes na arquitetura brasileira e esse sistema de escrita, a saber cobogós, portões e grades de ferro, por exemplo. Os símbolos adinkras carregam consigo saberes antigos, filosofia e ensinamentos preciosos para o povo akhan e seu registro na cultura afrobrasileira potencialmente pode fortalecer nossos laços com a nossa ancestralidade.

Palavras-chave: Adinkra, Patrimônio, Cultura afro-brasileira.

64 Mestre em Filosofia na linha de Ética e Política pela UFC (2017), bacharela em Filosofia pela UFCA (2015) e Pedagoga pela URCA (2008). Coordenadora do NECABI Unijuazeiro e membra da Frente de Mulheres do Cariri. Docente dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Direito da Unijuazeiro desde 2015. andreafurtadoufc@gmail.com

65 Arquiteta e Urbanista pela UFPB (2011) e mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo IPHAN (2015). Foi membro da Rede Paulista de Educação Patrimonial – REPEP (2016) e consultora em patrimônio junto à prefeitura de Natal (2016). No IPHAEP, foi Coordenadora de Arquitetura e Ecologia (2015) e Coordenadora-Adjunta da CPDCHJP (2011-2013). Docente no ensino superior desde 2017. fernanda-arq@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

O imaginário popular sobre o continente africano é comumente associado a símbolos que estigmatizam esse povo, uma herança do eurocentrismo. Por isso, convém lançarmos novos olhares sobre narrativas e práticas que integram nosso cotidiano para desfazer hierarquias que diminuem socioculturalmente alguns grupos sociais.

Historicamente, o campo do Patrimônio e o ensino de Arquitetura e Urbanismo no Brasil foram marcados pela não valorização de elementos de origem africana em mesma medida que outros de origem europeia e norte americana, gerando uma sub-representatividade cultural de elementos de origem negra frente àqueles de outros povos.

É objetivo deste trabalho ampliar o debate sobre necessárias visibilidades em relação aos povos africanos no Brasil, apresentando, como recorte de investigação, a busca por evidências de símbolos africanos denominados adinkras em construções brasileiras. Para tanto, utilizamos pesquisas bibliográficas e investigações fotográficas (esta última realizada tanto em livros e artigos quanto em sites de imagens).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendemos que os conceitos de colonialidade e colonialismo fazem parte de um projeto de poder eurocêntrico que historicamente alimentou o estigma de uma África animalizada e, portanto, inferior. Se o colonialismo se referiria ao domínio objetivo de um povo/cultura sobre outro povo/cultura, a colonialidade transcende essa dimensão objetiva da dominação e perdura após o fim do colonialismo histórico. (QUIJANO, 2010).

Entre os impactos decorrentes da Modernidade colonial estão as dicotomias hierárquicas que ela gerou e que favoreciam o homem colonizador ocidental: homem branco e

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

européu, cristão e heterossexual, o agente apto a decisões na vida pública; por outro lado, africano(a)s escravizado(a)s nem eram considerados espécie humana. (LUGONES, 2014).

Considerando que a escravidão ainda hoje apresenta reflexos em nossa sociedade por meio das relações raciais, desigualdades sociais e culturais (AMIM; REIS, 2020), nos coadunamos com a corrente historiográfica da “História Vista de Baixo”, confrontando a visão eurocêntrica por meio de reformulações conceituais, como têm feito cada vez mais pesquisadores e militantes (CUNHA, 2012).

Numa perspectiva decolonial afirmamos outras Áfricas possíveis, chamando atenção para a potência da diáspora africana no que tange às contribuições que esses povos legaram ao Brasil. E dentre estas Áfricas que merecem aprofundamento investigativo apresentamos elementos presentes na arquitetura brasileira (em especial grades de ferro, elementos vazados e pisos) que entendemos como pistas adinkras.

Cabe o registro de que alguns estudos já vêm sendo desenvolvidos sobre esses novos territórios negros e mesmo sobre as contribuições dos africanos escravizados no Brasil. O arquiteto e pesquisador gaúcho Günter Weimer é um dos estudiosos que vêm realizando estudos para ajudar a entender a relação das produções brasileiras com as características culturais (construtivas e urbanísticas) africanas.

Na esteira das investigações ainda necessárias, lançamos um olhar especial sobre adinkras, uma simbologia muito específica africana. Ela pode ser compreendida como um sistema de escrita de valor cultural dos povos africanos antigos, cujos significados remetem a elementos imateriais, abstratos e filosóficos.

Essa simbologia está relacionada aos povos Akan, que habitavam a África Ocidental e que hoje estão situados em Gana, possuindo uma história relacionada aos povos asante e de Gyaaman – região da Costa do Marfim (NASCIMENTO, 2008).

Embora os adinkras sejam mais conhecidos por sua aplicação em roupas (integram rituais fúnebres como símbolos de "adeus"), também foram aplicados em outros suportes, incluindo edifícios e pisos.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) inseriu edifícios tradicionais Asante na Lista do Patrimônio Mundial, por serem os últimos testemunhos remanescentes da grande civilização Asante. Eles são decorados com “representações de animais, pássaros e plantas, ligados aos símbolos tradicionais ‘Adinkra’”. (UNESCO, s/d).

No Brasil esses elementos também têm sido investigados. Merecem destaques as pesquisas de Castro (2007), Souza (2018), Cerqueira (2016), Moreira e Lopes (2017) e Martins (2015). Como grupos africanos chegados ao Brasil trouxeram, consigo, contribuições importantes – dentre elas, suas tecnologias voltadas para fundição de ferro e para fabricação de cerâmica (CAMPOS, 2009) – gradis de balcões e portões têm sido mais estudados (sobretudo relacionados ao adinkra sankofa). Mas é possível ver exemplos de calçadas cujos símbolos compostos em seu piso remetem a essa simbologia. (MARTINS, 2015).

CONCLUSÃO

É possível fazermos correlações de esquadrias e gradis de ferro desenhados por José Wash Rodrigues (1979) com alguns símbolos adinkras: *sankofa*, *sankofa dua*, *osram ne nsoromma*, *ananse ntontan* e *dwennimmen*. Embora não sejam garantias de que se tratam de adinkras, são aproximações que entendemos necessárias para organizar caminhos de pesquisa e aprofundamento a trilhar.

É esperado, a partir desse trabalho, que não apenas sensibilizemos o olhar para esses possíveis vestígios que integram nossas construções e, por conseguinte, nossa identidade, mas que esse movimento gere um repensar do patrimônio através de um viés decolonial, fundamental para que possamos reconhecer as diversas contribuições que recebemos e que merecem ser vistas como legado cultural brasileiro. Afinal, como diz Grada Kilomba (2019): é urgente descolonizar o pensamento.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

- AMIM, Valéria. REIS, Lismar Lucas Santos dos. Resistências, conflitos e costumes na Bahia escravista, sob o olhar da história social. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. Ano XIII, N°XXIII, abril/2020.
- CASTRO, Jacqueline A. G. F. de. **Design com identidade**: por meio de estudos socioculturais e dos signos. Programa de Pós-Graduação em Desenho Industrial - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP. 2007.
- CERQUEIRA, Jéssica. Memórias da África em ferro: A mensagem subliminar esculpida em antigos portões. In: **Todos Negros do Mundo** [Portal da Internet]. 21 mai. 2016. Disponível em: <https://todosnegrosdomundo.com.br/memorias-da-africa-em-ferro-a-mensagem-subliminar-esculpida-em-antigos-portoes/>. Acesso em: 13 set. 2020.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**. V. 22, n. 3. Florianópolis. set.-dez., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 30 set. 2020.
- MARTINS, Erenay. **Espacotempo & Ancestralidade de matriz africana em terras caboclas**. (dissertação). Programa de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/83747029-Espacotempo-ancestralidade-de-matriz-africana-em-terras-caboclas.html>. Acesso em: 30 set. 2020.
- MOREIRA, Eduardo F. R.; LOPES, José A. V. Resistência africana na arquitetura maranhense: os gradis de ferro nas varandas da arquitetura luso-brasileira. **Revista Científica do CEDS**, n. 6, jan-jul 2017.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: significado e intenções. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008. P. 29.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina, 2010. p. 73-116.
- RODRIGUES, José Wash (1891-1957). **Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil**. 3ª. Edição. (Reconquista do Brasil; Nova série; v. 1). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020*

Cariri – Ceará – Brasil

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

SOUZA, Tatiane Pereira de. **Permanências africanas no congado brasileiro**. 2018. Tese - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2018.

UNESCO. *Asante Traditional Buildings*. In: Unesco [portal da internet], s/d. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/35/>. Acesso em: 30 set. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Simpósio Temático 04 – Educação e quilombo: territorialidades e práticas pedagógicas

Coordenadores(as)

Ana Paula dos Santos (URCA/UFC)

Me. Samuel Morais Silva (Educação básica/NEGRER/URCA)

Sâmia Paula dos Santos Silva (UFC)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS COM
RELEVÂNCIA HISTÓRICO-CULTURAL DA COMUNIDADE CARCARÁ NA
ESCOLA E.E.F.M. MENEZES PIMENTEL POTENGI-CE**

Ramon Sampaio Pereira⁶⁶

RESUMO

Este trabalho possui por escopo, uma investigação sobre as práticas pedagógicas utilizadas na a escola estadual para jovens e adultos E.E.F.M. Menezes Pimentel, concernente à comunidade quilombola no sítio Carcará, localizada no município de Potengi, convergindo para proporcionar um diálogo interativo com a realidade sociocultural do quilombo Carcará, e seus conhecimentos e práticas logo serem incluídos na conjuntura pedagógica escolar.

Palavras-chave: Educação quilombola; Práticas Educativas; Comunidade Carcará.

INTRODUÇÃO

O teor referente ao estudo concerne a questão da valorização da cultura e constituição histórica do povo brasileiro no âmbito escolar, deste feito torna-se imprescindível a compreensão dos sujeitos integrantes da sociedade na construção sociocultural do processo histórico da sociedade brasileira.

Tendo por características a formação econômica, social e cultural representado em suas relações sociais, com isso as práticas educativas realizadas em inter-relação com a realidade sociocultural da comunidade quilombola tornam-se essenciais para o debate, por

66 Pós-graduado em Direito Constitucional pela Universidade Regional do Cariri – URCA,
ramon_sampaiojua@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

serem integradas por grupos sociais identificados por elementos sociais, históricos e culturais sobrepostos nas relações de sociabilidade representadas por seus hábitos e costumes.

Esses debates, possuem o condão de levantar subsídios para a produção acadêmica concernente a educação quilombola do Cariri, relacionadas ao contexto histórico dos sujeitos que compõem esse território.

O cenário para esse estudo é a comunidade quilombola no sítio Carcará, localizada no município de Potengi, situada no Cariri Cearense à 96 Km de Juazeiro do Norte-CE, e a escola estadual para jovens e adultos E.E.F.M. Menezes Pimentel, localizada na rua: Severino paulino, nº 230, bairro: São Francisco.

A problematização deste trabalho traz o seguinte questionamento: Como as práticas educativas realizadas na educação de jovens e adultos proporcionam um diálogo interativo com a realidade sociocultural do quilombo Carcará em Potengi-CE?

Foram levantados dois questionamentos sobre a problemática: Qual a percepção dos professores integrantes da escola sobre a inter-relação das suas práticas com a realidade sociocultural? Quais métodos têm sido utilizados nas práticas educativas com vista a valorização sociocultural dessa comunidade?

METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolve a partir de um processo investigativo de abordagem qualitativa, que segundo Minayo e Sanches (1993) admite que essa abordagem realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatias aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. E a investigação sendo fundamentada nesse pressuposto, este contempla sujeito/objeto inseridos socialmente e historicamente.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Dentre os resultados esperados, encontra-se a expectativa, do presente trabalho ter o intuito de discutir a respeito da inter-relação dos saberes culturais das populações quilombolas com as práticas educativas em seu espaço escolar, sendo este um ambiente de cultura, cujo processo educacional busque abordar o contexto histórico de suas raízes, evidenciando o valor da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na sala de aula, a fim de demonstrar como essa temática dever ser explorada no espaço escolar quilombola.

Sendo necessário trabalhar visões sobre as raízes histórico-culturais referentes ao povo quilombola. E por meio deste estudo, buscar ainda evidenciar como os elementos associados à cultura, educação e identidade precisam ser relacionados as matrizes africanas em sala e aula, no sentido de contribuir na formação dos sujeitos.

Contribuindo ainda na relevante consideração de adversidades dos professores, detectando possíveis ações para aperfeiçoamento de suas práticas educativas no âmbito da escola.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Deste feito, podemos inferir que esse estudo corrobora para uma aproximação da realidade das demais escolas, com a cultura e saberes desenvolvidos pela comunidade quilombola Carcará, de modo a manter suas tradições e práticas sempre em relevância.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.

FERNANDES (Florestan) . — *A integração do Negro na sociedade de classes*. Dominus Editora. São Paulo, 2 vols. 655 págs., 1965. 19 Vol. "O legado da raça branca" . 29 Vol. "No limiar de uma nova era" .

SANTOS, Antônio Carlos Banzato Afonso. **Educação estética e formação inicial de professores da educação básica**: um estudo hermenêutico do projeto político pedagógico, na modalidade de educação à distância. (Dissertação de Mestrado). Universidade da Cidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SOUZA, Cleonice de Fátima de. **Inclusão da História da África nos currículos das Escolas Públicas do Paraná**. Disponível em www.isapg.com.br/2010/ciepg/download.php?id=175. Acesso em 02/02/2020.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 2003.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM
MATEMÁTICA E A ETNOMATEMÁTICA EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA:
MOMENTOS DA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE**

Núbia Pereira Santana⁶⁷
Januária Araújo Bertani⁶⁸

RESUMO

A pesquisa objetivou correlacionar, em uma escola quilombola, a Etnomatemática com as atividades de estágio supervisionado. O intuito, traçar alguma resposta para a questão: No Colégio Estadual, denominado como quilombola, como são abordados os conceitos de matemática? Nosso estudo foi do tipo pesquisa formação. A pesquisa foi realizada em dois momentos; Dentre os resultados, destacamos a importância de uma formação que possibilite a articulação de conceitos matemáticos e práticas sociais, destacando o sentimento de pertencimento de uma cultura e a importância de uma formação docente contínua.

Palavras-chave: Estágios Supervisionados; Formação de professores de Matemática; Etnomatemática.

INTRODUÇÃO

Esse resumo propicia pensarmos o estágio e a formação docente do professor de matemática, pensando a articulação de práticas dos docentes e dos futuros professores.

METODOLOGIA

A nossa pesquisa foi qualitativa, quanto ao tipo, deu-se ênfase a pesquisa formação que nos possibilita observar as mudanças das práticas dos sujeitos em formação e em estudo.

67 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, nubiapsantana@gmail.com

68 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, bertani.januaria@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Desse modo, “a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação”. (NÓVOA, 2004, p.15).

Desta forma, nesta pesquisa, a pesquisadora foi um sujeito de ocorrências nesse contexto de pesquisa e de prática pedagógica, sendo o estudo caracterizado como um processo de construção do conhecimento acerca de problemas vividos pelo sujeito (pesquisadora) em sua ação docente, discente, cultural e social.

A pesquisa aconteceu em dois momentos, primeiramente no período do estágio quando eu, era a estagiária da turma, nessa fase a turma estava no 6º ano. Depois, retorno à escola quando a turma estava no 8º ano. Agora só com o papel de investigar como estavam ocorrendo as aulas de matemática. Nosso local de intervenção e investigação foi um Colégio Estadual, situado na zona periférica do município de Jequié.

Durante a intervenção pude compartilhar de muitos momentos em sala de aula, dentre tantos verifiquei que a classe não discutia assuntos relacionados ao que viviam diariamente, pois no bairro onde a escola está situada existe uma feira livre e uma grande parte daquela comunidade trabalha nesta feira, a partir dessa observação começamos a discutir em sala problemas relacionados com o dia a dia dos alunos envolvendo situações com frutas, lanches, trocos, dentre outros.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

MEU ESTÁGIO

Após a leitura do PPP analisamos, em tese, a preocupação de respeitar e valorizar a cultura afro. Neste sentido, o PPP (2013, p.05) do Colégio destaca que “A condição de escola quilombola trouxe para a comunidade escolar e do seu entorno, o sentimento de pertencimento com a cultura negra, culminando na valorização e preservação da sua história”. No entanto, conversando e questionando os alunos sobre moradia e pertencimento, a maioria

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

dos alunos não se declara negro e nem morador da comunidade do Barro Preto. Contudo, encontramos depoimentos de alunos que gostam de morar em uma comunidade quilombola “porque tem muitas histórias de lutas e esperanças comoventes da sobrevivência”. Desta forma, a valorização destas histórias poderia ser uma oportunidade para se trabalhar a Etnomatemática.

Pensando a Etnomatemática, para este grupo, ir a uma feira pode ser uma situação inicialmente interessante para promover situações de compra e venda. No entanto, esta atividade considerada corriqueira só tem relevância quando o professor faz relação com seu ensino, ou seja, quando relaciona com o sistema monetário e com as operações fundamentais da matemática. Esta situação, pode ser um ponto de partida para coletar dados, para registrar preços, direcionando para o desenvolvimento de atividades que envolvam a estatística, sendo uma possibilidade para sistematizar o conhecimento em sala de aula. Precisamos compreender que em determinadas práticas o aluno aprende conceitos de uma forma prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifiquei durante meu estágio que em meio a tantas dificuldades é sim possível desenvolver atividade de Etnomatemática, mas que não seria possível dar continuidade desta proposta pela falta de conhecimento da metodologia de ensino pela professora regente. Observei o quanto o estágio é importante para nós aluno da graduação, contribuindo para a nossa formação.

E por fim o quanto é interessante, prazeroso e enriquecedor para os alunos. No entanto, o que o estagiário leva de contribuição parece ser muito maior do que o que deixa na escola. Pois, apesar do reconhecimento de todos do quanto é bom a presença do estagiário para inovar e intensificar as atividades desenvolvidas, ao concluir o estágio muitas vezes tudo na Escola volta “ao normal”, o professor retorna com sua velha metodologia.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática** - elo entre as tradições e a modernidade/Ubiratan D'Ambrosio - 2. ed. 1ª reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um Apanhado Teórico-Conceitual Sobre a Pesquisa Qualitativa: Tipos, Técnicas e Características. **Revista Travessias**, vol. 3, n. 3, p. ed 04, ISSN 1982 - 5935. Disponível em:
<http://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122/2459>; Acesso em 20 set. 2020.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO-DIREC 13-JEQUIÉ-BA. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Doutor Milton Santos**. Jequié, BA, 2013.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

PRÁTICAS DO BEM VIVER NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÍTIO ARRUDA EM ARARIPE-CE

João Leandro Neto⁶⁹
Tayronne de Almeida Rodrigues⁷⁰
Francisca Laudeci Martins Souza⁷¹

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar quais as relações que se pode estabelecer entre as práticas comunitárias quilombolas no Sítio Arruda, Araripe-CE, e o que se preconiza como experiências-vivências de Bem Viver. A pesquisa é de natureza bibliográfica e documental, sendo que a primeira vertente se refere à construção dos marcadores conceituais que apontam para experiências-vivências de Bem Viver e a segunda diz respeito ao levantamento da empiria exercida nas experiências comunitárias no Sítio arruda. O Bem Viver é uma proposta de desenvolvimento onde o centro das atenções é o ser humano vivendo em comunidade e em harmonia com a Natureza. Trata-se de opor-se a exploração da mão de obra e da defesa da vida contra esquemas antropocêntricos de organização produtiva, causadores da destruição do planeta. Assim, podemos afirmar a comunidade estudada como praticante de Bem Viver, uma vez que é notório o processo de construção de uma harmonia com a sociedade e com natureza, bem como a luta por direitos, relacionados ao território e a seguridade social.

Palavras-chave: Bem Viver; Comunidade Quilombola; Araripe.

INTRODUÇÃO

A Comunidade do Quilombo Sítio Arruda foi certificada em 05 de maio de 2009 pela Fundação Palmares. Localiza-se no município de Araripe-CE, na região do Cariri, próximo da divisa do Ceará com o Estado de Pernambuco. Apresenta um histórico de relações territoriais

69 Graduado em filosofia e pedagogia, professor da Escola Santa Verônica na Comunidade Quilombola do Sítio Arruda em Araripe-CE, SEMEC, e-mail: joaoleandro@gmail.com

70 Mestrando em Desenvolvimento Regional Sustentável, Proder/UFCA, e-mail: tayronnealmeid@gmail.com

71 Professora do Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri – Proder/UFCA, e-mail: laudecimartins@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

específicas com a terra, tradições e práticas culturais. É uma comunidade que luta para conquistar seu espaço, implantar direitos conquistados e busca efetivar seus valores, repassar seus costumes e construir sua identidade (SILVA, 2017, p.58).

Os moradores da Comunidade se reconhecem como descendentes dos antigos remanescentes de quilombo e como “herdeiros legítimos” das terras onde viveram e trabalharam seus ancestrais, sejam como escravizados ou como alforriados. A base da comunidade é a agricultura familiar, principalmente na plantação da mandioca, uma das culturas mais importantes para a economia e alimentação das famílias na comunidade (BISPO, 2017). Possuem costumes e tradições próprias passadas de geração em geração e formas particulares de preservação e uso dos recursos de biodiversidade que contribuiu para um equilíbrio entre a comunidade e o meio ambiente (SOUSA; FERNANDEZ, 2016).

O Bem Viver aposta numa construção de relações de produção, de intercâmbio e de cooperação que propiciem suficiência, sustentada na solidariedade. O centro das atenções é o ser humano vivendo em comunidade e em harmonia com a Natureza. Trata-se de opor-se a exploração da mão de obra e da defesa da vida contra esquemas antropocêntricos de organização produtiva, causadores da destruição do planeta (ACOSTA, 2016).

Neste contexto de relações empírico-conceituais, o objetivo desta pesquisa foi analisar quais as relações que se pode estabelecer entre as práticas comunitárias quilombolas no Sítio Arruda e o que se preconiza como experiências-vivências de Bem Viver.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza bibliográfica e documental, sendo que a primeira vertente diz respeito à construção dos marcadores conceituais que apontam para experiências-vivências de Bem Viver e a segunda se refere ao levantamento da empiria exercida nas experiências comunitárias no Sítio arruda.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O Bem Viver é uma categoria em permanente construção e reprodução, constitui-se como uma categoria central da filosofia de vida das sociedades indígenas. De acordo com Acosta o Bem Viver é uma tarefa descolonizadora e para cumpri-la é necessário um processo de descolonização intelectual nos âmbitos político, social, econômico e cultural (2016, p.72). Desse modo, no contexto do Bem Viver e das perspectivas socioambientais, destacamos a Comunidade Quilombola Sítio Arruda, na Cidade de Araripe, e suas relações com a terra e com o meio ambiente, pautadas na preocupação com o equilíbrio entre o homem e o meio.

Os membros da Comunidade operam pela lógica de solidariedade e sustentabilidade, com um modo de vida preocupado com as necessidades que precisam superar, com modelos, ideias e saberes de seus ancestrais. A base da comunidade é a agricultura familiar, praticada em seus próprios quintais. As curandeiras possuem um papel importante dentro da comunidade, o que justifica o grande conhecimento empírico sobre plantas medicinais (BISPO, 2017) e a preocupação em manter a plantação de chás e ervas, que auxiliam os doentes, que num primeiro são tratados dentro da própria comunidade.

A preocupação com o meio ambiente está pautada nas raízes da comunidade, na sua ancestralidade, que vê a terra muito mais do que um patrimônio, mas como algo que invoca e auxilia na construção da própria identidade. Destacamos o Bem Viver na Comunidade Quilombola Sítio Arruda devido a construção de uma harmonia que a sociedade pratica com relação a natureza. Os estudos sobre o Bem Viver demonstram a importância da mudança de paradigma e que a riqueza não consiste na acumulação de bens, mas sim no fato de conseguir um equilíbrio entre as necessidades da humanidade e dos recursos disponíveis.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca do Bem Viver no território rico em recursos naturais e significados que a Comunidade Quilombola segue sua luta para a melhoria de suas vidas, com dignidade e reconhecimento, exaltando a força de suas ancestralidades e a importância de sua cultura, na forma de viver e de ver o mundo, a sociedade e principalmente o meio ambiente. Para a Comunidade a terra não é apenas um bem patrimonial, mas componente da identidade do grupo, pois é nessa relação que a Comunidade mantém com a terra e a natureza que se constrói a identidade, devido aos modos de fazer e de se relacionar com o meio ambiente. Assim, podemos afirmar esta comunidade como praticante de Bem Viver a partir de marcadores empíricos como: a construção de uma harmonia com a sociedade e com a natureza e a luta pelos seus direitos, tanto relacionados ao território, como os de assistência básica e seguridade social.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

BISPO, Geane. **Plantas medicinais na comunidade quilombola Arruda, Araripe-CE: conhecimento e sustentabilidade.** 2017. Dissertação. Departamento de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SILVA, Maria Edvânia da. **História, Memória e Identidade Quilombola no Cariri cearense: Comunidades Sítio Arruda - Araripe e Carcará-Potengi.** 2017. Tese - Departamento Acadêmico de História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SOUSA, Gilmara; FERNANDES, George. Caracterização Geomanial da Comunidade Quilombola Sítio Arruda em Araripe-CE. **Caderno de Estudos Geomaniais**, v.7, n.01, 2016, p.45-55.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

QUANDO A DEBULHA DO FEIJÃO TORNA-SE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA

Francisca Tainara Eugenio da Silva⁷²
Joanice Santos Conceição⁷³

RESUMO

A presente comunicação tem como objetivo analisar de que maneira a debulha do feijão pode ser uma prática pedagógica no fortalecimento da identidade do Quilombo Sítio Veiga - Ceará. Para alcançar êxito na proposição utilizaremos o método qualitativo, com suporte da história oral. A fundamentação teórica dialogará com os seguintes: Vera Candau (2016), Jean-Claude Forquin (1993), Jacque Le Gof (1994), dentre outros. Espera-se que com a realização desta pesquisa as práticas pedagógicas passem a considerar, como parte integrante do currículo escolar, os saberes tradicionais existentes no cotidiano do quilombo Sítio Veiga.

Palavras-chave: Tradição, Saberes, Práticas Escolares.

INTRODUÇÃO

Educar não está restrito apenas ao espaço escolar. Contrariamente, se desenvolve por meio de outros olhares, perspectivas e possibilidades educativas em diferentes contextos sociais. Nesta direção, as práticas escolares são importantes no processo de formação dos indivíduos. Contudo, ainda hoje nos territórios quilombolas as práticas escolares não consideram os saberes existentes nas comunidades, mesmo que seus habitantes tenham vastos

72 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB,
tainara.africahere@gmail.com

73 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB,
joanconceicao@unilab.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

conhecimentos, transmitidos por ações educativas informais. Tais ações podem dialogar com o cotidiano dos discentes com vista a fortalecer as identidades dos moradores do Quilombo Sítio Veiga.

O Quilombo Sítio Veiga é uma comunidade rural, situada no Distrito de Dom Maurício, há 25 km de Quixadá-Ceará. Atualmente a comunidade é formada por 46 famílias, que tem como principal fonte de renda a agricultura familiar de subsistência. É importante salientar que a comunidade não possui uma estrutura escolar dentro do território. Os alunos precisam se deslocando 3 km para acessar o sistema educacional. Como diz Milton Santos (1994) o território constitui quem somos, o sujeito se alimenta do território e torna-se território, gerando conhecimentos, resistência e novas práticas de acordo com o dinamismo do lugar⁷⁴, como é o caso da debulha do feijão, que passo a narrar:

A debulha do feijão é o processo de retirada ou separação dos grãos da vagem, realizada com adultos e crianças, normalmente a noite, com todos em círculo ao redor do feijão. Durante a atividade há contações de histórias, piadas, lendas e músicas. Segundo Le Goff (1990) a memória coletiva se constitui basicamente por duas etapas: a transmissão oral e a transmissão escrita. No quilombo Sítio Veiga, a roda é um espaço de todos, lugar onde se constrói afetos, cooperativismo e aprendizagem. A nossa hipótese é que a debulha do feijão pode ser inserida na prática pedagógica de forma curricular.

METODOLOGIA

Para alcançar êxito na proposição utilizaremos a pesquisa qualitativa, com um estudo de caso, com suporte da história oral, para tanto, ouviremos pessoas mais velhas sobre a prática da debulha do feijão, com objetivo de compreender de que maneira essa prática pode integrar as propostas pedagógicas curriculares da escola que atende os alunos quilombolas.

74 O lugar é um espaço do acontecer experiências, valores, costumes, crenças, economia, saberes, resistência, comunicação, troca e convívio.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCUSSÃO E RESULTADOS

É preciso construir e implementar práticas didáticas voltadas a cultura quilombola contextualizadas com a realidade e experiências do dia a dia do aluno para que ele possa vivenciar o processo de ensinar e aprender.

Para Brandão (1981) situações de aprendizagem estão relacionadas ao modo de ser, fazer e viver em comunidade, essa troca de saberes pode ser notada na socialização das praticas realizadas no Quilombo Veiga.

Segundo Candau (2012) potencializar os processos de aprendizagem é reconhecer e valorizar as diferentes perspectivas e contextos culturais, tal como teoriza D' Ambrósio (2005) ao falar sobre etnomatemática. As perspectivas dos autores a cima tratam de uma educação inclusiva, na medida em que o currículo deve dialogar com o lugar, onde tais praticas são desenvolvidas.

É possível aprender e ensinar com as ações do dia a dia, nos valores, crenças e tradições, então a educação do território é motivada pela cultura que carrega um conjunto de praticas pedagógica que ao longo da vivência informa, transforma, constrói e fortalece o sujeito gerando saberes e fazeres, modos e significados do ser quilombola que necessita sair do quilombo á escola por meio das práticas pedagógicas quilombolas. (ALTO,2012,p.91)

A debulha do feijão adentra a escola por meio da etnomatemática, ao pensar outros caminhos a partir da cartografia social do roçado para aprender sobre formas geométricas e sistemas de medidas, como espaçamento entre plantas, dimensões de curvas, largura e comprimento dos roçados, tabuada, classificação e conjunto numérico. A matemática é rica de oportunidades de aprendizagem, pode-se pensar também propostas de jogos e brincadeiras para o seu ensino.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Espera-se que essa pesquisa possibilite pensar novas práticas pedagógicas, a partir do contexto quilombola. De igual modo, espera-se que os dados gerados contribuam para fortalecer não apenas os sujeitos, como também o território e o acervo acadêmico sobre o mesmo. É de extrema importância pensar outras perspectivas de ensinar e aprender através de um currículo diferenciado que dialogue com o jeito de ser e viver dos quilombolas. Onde a debulha do feijão possa ser uma prática trabalhada na escola não somente no ensino da matemática, como também na educação ambiental, na geografia e no português, pela contação de história e narrativas quilombolas, referenciando a memória dos sujeitos, articulando a circularidade, oralidade, musicalidade e até a ludicidade, construindo modos de interação e aprendizado a partir da debulha do feijão.

REFERÊNCIAS

- ALTO, Rosana Lacerda Monte. SABERES E FAZERES QUILOMBOLAS: diálogos com a Educação do Campo. 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 1, p. 99-120, 2005.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Artes Médicas, 1993.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- SANTOS, Milton et al. O retorno do território. **Território: globalização e fragmentação**, v. 4, p. 15-20, 1994.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**“ABC QUILOMBOLA”: UMA PROPOSTA ANTIRRACISTA PARA
A EDUCAÇÃO INFANTIL NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE (CE)**

Antonio Jeovane da Silva Ferreira⁷⁵
Francisca Marleide do Nascimento⁷⁶
Tatiana Ramalho da Silva⁷⁷

RESUMO

Mesmo diante dos avanços frente à implementação da Educação Escolar Quilombola no Brasil, múltiplos desafios ainda ofuscam sua efetivação, exigindo o fortalecimento das lutas e o protagonismo quilombola. Neste sentido, este trabalho apresenta um relato de experiência sobre o projeto “ABC Quilombola”, que encontra-se em fase germinal, que tem como objetivo a construção, de forma coletiva, de um alfabeto que valorize os elementos da identidade e do território quilombola, servindo enquanto uma proposta didático metodológica e antirracista para a alfabetização de crianças quilombolas e não quilombolas, atendidas no centro de educação infantil localizado na comunidade de Alto Alegre, município de Horizonte-CE.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola; Identidade; Território; Alto Alegre.

INTRODUÇÃO

“A” de Avião, “D” de Dinossauro”, “E” de Elefante e “Z” de Zebra. A aproximadamente 20 ou 30 anos atrás essas palavras fizeram parte do nosso processo de alfabetização e mesmo passando tanto tempo elas ainda continuam sendo fortemente difundidas nos espaços dedicados à educação infantil. Se observarmos de relance não

75 Mestrando pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia – UFC/UNILAB. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, jeovanesilvaferreira@gmail.com

76 Graduanda em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, marleidenascimento25@gmail.com

77 Graduanda em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, tatianaguerreira2012@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

encontraremos nenhuma contrariedade quanto a sua utilização, no entanto, há um detalhe que merece atenção, pois em nada elas traduziram a nossa realidade, muito menos a fariam se pensarmos sua aplicação em contextos étnico-raciais, como no caso das comunidades quilombolas.

Diante dessa problemática este trabalho reflete as possibilidades de inovação didático metodológicas para se efetivar uma educação contextualizada enquanto uma ferramenta de luta antirracista para assegurar o reconhecimento das especificidades étnico-raciais e culturais da comunidade Quilombola de Alto Alegre, localizada no município de Horizonte, região metropolitana de Fortaleza-CE. Tal perspectiva justifica-se, pois, consideramos que os processos educativos devem ter como pauta o reconhecimento da pluralidade de sujeitos que os acessam, de maneira que se estabeleçam trocas de saberes em estreita relação de diálogo entre diferentes povos e culturas, realidade esta que se encontra ainda longínqua.

Neste sentido, como parte constitutiva dessa luta em âmbito local, trazemos à baila um relato de experiência que se alinha a esta perspectiva e que diz respeito ao projeto “ABC Quilombola”, cujo objetivo central é construir, coletivamente, um alfabeto que valorize a identidade e os elementos do território quilombola de Alto Alegre. Esta é uma proposta didático metodológica cuja idealização parte da própria comunidade, pensando mudanças necessárias quanto à alfabetização de crianças quilombolas, e não quilombolas, atendidas no centro de educação infantil localizado em seu território.

METODOLOGIA

Mesmo estando em fase de desenvolvimento, para a construção dessa proposta traçamos alguns pressupostos metodológicos. Primeiramente, realizamos uma reunião para debate onde convidamos lideranças e principalmente professores/as quilombolas com foco de atuação na educação infantil. Por conseguinte, abrimos um espaço para uma “chuva de ideias” de forma que pudéssemos ter nesse primeiro momento uma diversidade de palavras

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

associadas à elementos da identidade e do território quilombola. Concluído esse primeiro momento, os próximos passos – que foram interrompidos pela pandemia ainda vigente – serão a aproximação com o centro de educação infantil, com destaque especial para o diálogo com os professores/as, em sua maioria não quilombolas, e a Gestão Escolar, da análise do alfabeto atualmente utilizado e a reflexão crítica sobre ele, e ao final, a escolha coletiva das palavras, a criação de um *design* e, por fim, sua materialização em formato impresso/digital e utilização em sala de aula.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, circunstância em que pela primeira vez na história do Brasil os direitos quilombolas foram efetivamente reconhecidos nos dispositivos legais, especialmente quanto ao reconhecimento da identidade e dos territórios ancestrais, as comunidades quilombolas têm maximizado uma luta que tem alcançado, mesmo que paulatinamente, todos os espaços que se relacionam à sua realidade e dentre estes está a educação. Esta luta tem emergido em meio a um cenário de enfrentamento à invisibilidade dos modos de viver, pensar, de se relacionar, dentre outros, confrontando a lógica racista fundante deste país e que tem produzido um fosso de desigualdade e exclusão.

Como fruto disso, em 20 de novembro de 2012 foi promulgada a Resolução nº 08/2012 do Conselho Nacional de Educação (CNE) que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Essa resolução é uma conquista da luta quilombola em âmbito nacional ao reivindicar uma educação contextualizada que leve o Quilombo, suas experiências e singularidades para dentro da sala de aula e do ambiente escolar como um todo. Às vésperas de completar 08 anos desde sua promulgação, o que temos visto – assim como a Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade da inserção da “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” no currículo oficial das escolas – é que sua real efetivação está equidistante, enfrentando múltiplas barreiras sendo estas construídas tanto

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

pelas negativas por parte das secretarias de educação e do poder público municipal, como também pelos próprios gestores e professores/as dessas escolas, sendo estes em sua grande maioria não quilombolas, que não reconhecem as lutas e demandas neste âmbito, como ocorrido no Quilombo de Alto Alegre.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

“A” de “África” ou “Atabaque”, “C” de “Cazuza” ou “Cirino” e dentre outras palavras. Estas foram algumas das principais referências que preliminarmente conseguimos estabelecer. Isso mostra que há uma ampla diversidade de elementos que fazem relação direta com a realidade das crianças quilombolas e não quilombolas que vivem no Quilombo de Alto Alegre, de forma que estes podem fazer parte do seu processo formativo, aprofundando a percepção do território ancestral, histórico e disputado em que estão inseridos. Assim, vemos por meio de iniciativas como esta, tensionadas de dentro para dentro e de dentro para fora, uma maneira de se fazer reconhecer as especificidades e a efetivação de uma Educação Escolar Quilombola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Resolução CNE/CBE nº 08, de 20 de novembro de 2012.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/diretrizes_nacionais_educacao_escolar_quilombola.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

_____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 25 out. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**Simpósio Temático 05 – Ações afirmativas: cotas e implementação das
Leis nº. 10.639/03 e nº. 11.645/08**

Coordenadores(as)

Me. Edilvan Moraes Luna (UFBA)

Profª Drª Márcia Kelma Alencar Abreu (URCA)

João Leandro Neto (Escola Santa Verônica/SEMEC/Araripe-CE/Quilombo do Sítio Arruda)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E LITERATURA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO
OBRIGATÓRIO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC**

Juliana de Sousa Barbosa⁷⁸
Suelen Amorim Ferreira⁷⁹

RESUMO

O presente trabalho direciona-se ao simpósio temático *05 - Ações afirmativas: cotas e implementação das leis n.º. 10.639/03 e n.º. 11.645/08* e trata de um relato de experiência desenvolvido em um Núcleo de Educação Infantil Municipal de Florianópolis, através do Estágio Supervisionado na Educação Infantil do Curso de Pedagogia da UFSC. Com base na Lei 10.639/03 e na literatura infantil afro-brasileira, abordamos sobre a construção da identidade, destacando as questões étnico-raciais. Objetivando a valorização dos traços da identidade, propomos o desfile de cabelos. Ao longo das propostas, observamos elevação na autoestima das crianças negras. Por isso, destacamos a importância de tratar das questões étnico-raciais, ainda na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação das Relações Étnico-raciais; Lei 10.639/03; Literatura Infantil; Estágio Supervisionado na Educação infantil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência com base na ação desenvolvida em um Núcleo de Educação Infantil Municipal de Florianópolis, através do Estágio supervisionado na Educação Infantil do Curso de Pedagogia da UFSC. Que teve por objetivo trazer a Educação das Relações Étnico Raciais como possibilidade de ampliação da discussão da temática nas práticas pedagógicas cotidianas. Diante da pluralidade das crianças

78 Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, jusbarbosa@gmail.com

79 Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, suferreiraufsc@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

e com base na Lei 10.639/03, destacamos a importância da Literatura Afro-brasileira nas práticas docentes, no sentido de valorizar as identidades étnicas e raciais existentes no grupo.

PERCURSO METODOLÓGICO

Inicialmente, apresentamos a literatura *Os mil cabelos de Ritinha* de Paloma Monteiro e Daniel Gnattali, que apresenta na narrativa, as possibilidades de cabelos feitos pela protagonista; Em seguida, produzimos os penteados das crianças, com o foco na valorização dos cabelos e da autoimagem positiva; Por fim, propomos o desfile de cabelos, a fim de que as crianças percebessem seus traços estéticos e raciais representados na personagem do livro.

As propostas tiveram a literatura infantil como eixo norteador, que baseia a imaginação e a capacidade de criação das crianças. Como afirma Debus e Vasques (2009, p. 133) “além de [...] um dos caminhos para o entendimento e a consciência acerca da pluralidade cultural está também na apropriação da leitura literária produtora de identidade e inclusão social”. De acordo com Gomes (2003, p. 173), sobre a construção da identidade, o cabelo crespo é um “forte ícone identitário”, e influencia na maneira como a criança negra se vê e como ela é vista pelo outro. Nesse sentido, a autora reafirma a necessidade de construção de estratégias com objetivo de superar a reprodução de estereótipos presentes nos espaços educacionais.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A proposta de utilização da literatura afro-brasileira possibilitou que as crianças ampliassem o repertório cultural e representativo negro. Percebemos nesse processo da interação entre professoras e crianças, a tentativa de quebrar alguns paradigmas construídos socialmente a partir do cabelo. A partir desse importante elemento de identidade dos sujeitos,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

pode se pensar a problemática dos conflitos raciais entre as crianças e o pertencimento identitário racial negro, fragilizado por parte delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a ação realizada junto ao grupo, destacamos a importância do olhar crítico e sensível para com a diversidade identitária das crianças que estão em formação. Entende-se a literatura de temática como importante ferramenta que, diante das proposições de trabalhar a autoestima das crianças, pode contribuir com a superação de estereótipos amplamente difundidos. Destaca-se ainda, a importância da continuidade do trabalho docente com a temática étnico-racial, centralizando a pluralidade cultural e a valorização das identidades existentes nas unidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2004, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "**História e Cultura Afro-Brasileira**", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

DEBUS, Eliane Santana Dias e VASQUES, Margarida Cristina. **A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola**. Ver. Conjectura, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GNATTALI, Daniel e MONTEIRO, Paloma. **Os Mil cabelos de Ritinha**. Editora Semente, 2ª ed. 2019, 24 p. ISBN: 9788563546425.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A CULTURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003

Andressa Ribeiro Silva⁸⁰
Reginaldo Ferreira Domingos⁸¹

RESUMO

A cultura perpassa diferentes aspectos a sociedade dentre eles a escola. Assim, se faz necessário uma reflexão a respeito das preocupações da cultura no ambiente escolar e suas implicações. O presente trabalho traz ao diálogo o projeto “A Cultura na prática docente e a formação continuada: Lei 10.639/2003 e o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira” que surge a partir dos resultados de um Projeto de Pesquisa, ambos alocados na UFCA. O projeto ora apresentado coloca a Cultura como aspecto relevante desse processo de implementação da legislação e tem como metodologia formação de professores através de ambientes virtuais. Objetivamos contribuir, pelo viés da Cultura, na formação continuada de professores da rede básica. No atual cenário, as atividades estão limitadas aos encontros virtuais com o corpo docente.

Palavras-chaves: Lei 10.639/2003; Cultura; Formação Continuada.

INTRODUÇÃO

Compreender Cultura nos faz perceber as diferenças, logo, nos permite ter relações interpessoais sem preconceitos (SANTOS, 1987), assim essa compreensão permite que ideias estereotipadas sobre determinadas culturas não influenciem sobre a forma como nos relacionamos e vivemos em nossa sociedade. É no ambiente escolar, que temos nossas primeiras vivências e devemos aprender a respeita as diferentes culturas.

80 Graduanda da Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática na Universidade Federal do Cariri – UFCA, bolsista de cultura vinculada a Pró-Cultura/UFCA. andressa.silva@aluno.ufca.edu.br

81 Professor Adjunto pela Universidade Federal do Cariri – UFCA/IFE, atuando nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e da Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática. reginaldo.domingos@ufca.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A escola é um espaço diverso em termos culturais. No entanto, como espaço diverso ainda é demasiadamente ignorado. O projeto “A Cultura na prática docente e a formação continuada: Lei 10.639/2003 e o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira” busca contribuir na formação continuada de professores, tanto conceito de Cultura, quanto dialogar acerca da prática docente, cultura e as matrizes africanas e afro-brasileiras.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Faz-se necessário entender o conceito Cultura, uma vez que há diferentes compreensões sobre o conceito. Segundo Santos (1987) não há superioridade ou inferioridade entres as culturas, mas há diferentes processos históricos vividos. Tendo essa dimensão é que podemos reconhecer as diferenças entres cada cultura e trabalhar na formação continuada dos professores no que se refere da Lei 10.639/03 e as matrizes culturais africana da referida Lei. Sendo assim, ao olharmos para a sala de aula, não existe precedente que nos faça uniformizá-la, logo cada indivíduo tem uma formação cultural distinta e é preciso que essa seja considerada.

METODOLOGIA

O projeto buscou o diálogo com a Secretária Municipal de Educação para as formações com os professores. Foi elaborada em uma atividade com os docentes. No minicurso houve 18 professoras/es inscritas/os. Realizado de maneira virtual e prezando pelo diálogo. Durante atividade foram feitos questionamentos como: “O que você entende sobre Cultura?”, “Você acha pertinente conversar sobre Cultura? Por que?”; “Diante da discussão aqui feita, vocês acham que os conceitos aqui estudados podem influenciar na sua formação? De que maneira”. Em seguida, foram feitas outras indagações acerca do Quilombo: “Você

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

sabe o que é quilombo?"; "Conhece algum quilombo?" e "Já visitou algum quilombo?", visto que haverá outros momentos de formação em que abordaremos o tema.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A compreensão do conceito inicial de cultura que faz de grande relevância uma vez que levamos as/os professoras/es a pensar suas salas de aula como espaço de existências de diferentes culturas e eles externam ter a ciências que a esses espaços aloca grande diversidade cultural. A partir da discussão realizada obtivemos algumas respostas: 1: "Ajuda-nos a nortear a condução de nossas aulas, através de uma perspectiva diferente, abertas". 2: "Isso tudo acaba repercutindo na sala de aula, pois nossa percepção do tema vai sendo ressignificada. Cultura é uma das dimensões mais importantes, pois é uma forma de aprendermos sobre o passado e pensar nossa relação com o futuro". 3: "Nos ajudou bastante uma vez que em sala de aula nos deparamos com culturas diferentes". Diante das falas dos professores percebemos como a discussão sobre Cultura pode contribuir para a forma como ministram suas aulas e como ressignificar o olhar para a sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade realizada com o corpo docente, a partir do projeto apresentado, coloca a Cultura como aspecto relevante para o processo de implementação da legislação. A cultura tem se mostrado importante na formação continuada das/os professoras/es, assim a discussão sobre o tema no âmbito da implementação da Lei se faz necessário, visto que existem equívocos cotidianos.

REFERÊNCIAS

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CHAUI, Marilena. A cultura. In: _____. (org). **Convite à filosofia**. São Paulo. Ática, 2000.
p. 367-378.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar,
1997.

SANTOS, Luíz José dos. **O que é cultura?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Brasiliense,
1987, v. 11.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE PARA O TRABALHO COM AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA DA UFC

Bárbara Rainara Maia Silva⁸²
Sílvia Helena Vieira Cruz⁸³

RESUMO

Este trabalho deriva de uma dissertação de mestrado e se destina ao Simpósio “Ações Afirmativas: cotas e implementação das leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08”. O objetivo é entender as contribuições do curso presencial de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, para o trabalho com as relações étnico-raciais na Educação Infantil, utilizando uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Foram feitas entrevistas com estudantes, docentes e egressos/as do referido curso. Foi possível constatar que, apesar de haver um movimento de inclusão da temática racial na instituição, o trabalho com esse assunto ainda é escasso e deixa lacunas em relação às especificidades da Educação Infantil, tanto no aspecto teórico quanto prático, carecendo de maior intencionalidade por parte dos/as docentes, de modo que perpassa todo o currículo.

Palavras-chave: Racismo; Educação Infantil; Formação docente.

INTRODUÇÃO

As Relações Étnico-Raciais – RER no Brasil são marcadas desigualdades. Isso decorre do racismo estrutural, um sistema estrategicamente projetado para promover relações de dominação de grupos raciais brancos sobre negros (ALMEIDA, 2019).

Essas desigualdades se iniciam em tenra idade. Crianças negras acessam instituições educacionais de pior qualidade, isto é, quando esse acesso não lhes é negado de pronto. Além disso, elas têm sua autoimagem prejudicada pela discriminação já na Educação Infantil – EI

82 Universidade Federal do Ceará – UFC, rainaraxd@gmail.com

83 Orientadora. Universidade Federal do Ceará – UFC, silviavc@uol.com.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

(CAVALLEIRO, 1998), e pela ausência de narrativas que atestem positivamente a presença negra e indígena e seu legado, o que se dá principalmente através do epistemicídio⁸⁴.

Esse contexto exige um trabalho acerca das RER nas instituições educacionais⁸⁵, desde a EI, espaço de construção de sociabilidades, vivências, aprendizagens. Para isso, é necessária uma formação docente que contemple a discussão étnico-racial com foco nessa etapa da educação.

Este trabalho objetivou entender as contribuições do curso presencial de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC diurno e noturno, para a formação inicial docente visando o trabalho com as RER na EI, na visão de estudantes, docentes e egressos/as. A hipótese é que o trato com as RER na EI [na formação docente] tem sido dificultado pelo racismo estrutural.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada é qualitativa, pois enfoca significados e elaborações humanas (MINAYO, 2011). Esta pesquisa configura um estudo de caso, visando compreender um caso específico em sua complexidade: as contribuições do curso de Pedagogia da UFC para o trabalho com as RER na EI, na visão de estudantes, docentes e egressos/as do referido curso.

A maioria das entrevistas individuais, realizadas de setembro a novembro de 2019, foi presencial, mas, por questões de acessibilidade, duas delas ocorreram por Skype.

Foram entrevistados/as: cinco docentes, cinco estudantes e três egressos/as do curso presencial de Pedagogia da UFC diurno e noturno. Duas pessoas entrevistadas do grupo de

84 O epistemicídio se refere às duras e constantes tentativas de apagamento dos conhecimentos produzidos por grupos historicamente subalternizados (SANTOS, apud. RIBEIRO, 2019).

85 A lei nº 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas instituições educacionais, e a lei nº 11.645 amplia essa obrigatoriedade para incluir a História e Cultura indígena.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

docentes lecionam disciplinas obrigatórias com foco na EI, enquanto as demais lecionam disciplinas optativas que tratam mais diretamente das RER.

Os/as estudantes e egressos/as entrevistados/as tiveram ao menos uma experiência prática em contextos de EI, seja em estágio curricular obrigatório, extracurricular ou na própria docência. Por outro lado, nem todos/as cursaram disciplinas optativas que tratam da temática étnico-racial, nem tiveram experiências práticas com esse tema em contextos de EI.

DISCUSSÃO E RESULTADOS PARCIAIS

O curso de Pedagogia vem favorecendo a construção de um olhar crítico para questões de raça, comumente silenciadas na sociedade. Importa destacar a influência das conquistas históricas dos movimentos negros nesse processo. Devido sua forte atuação, conhecimentos sobre as RER hoje fazem parte das preocupações teóricas das Ciências Humanas e Sociais, recebendo valor epistemológico e político (GOMES, 2017).

Apesar de haver um movimento de inclusão da temática racial na instituição, segundo os/as entrevistados/as, o trabalho em torno desse assunto é escasso, pois fica restrito a algumas disciplinas optativas, as quais nem sempre os/as estudantes têm acesso, já que podem não ser ofertadas semestralmente e às vezes se chocam com os horários das disciplinas obrigatórias. Já nas disciplinas obrigatórias, essa abordagem depende de uma disposição individual dos/as docentes ou mesmo de haver uma demanda explícita dos/as próprios/as estudantes.

O curso parece contribuir para a construção de conhecimentos teóricos acerca das RER, mas deixa lacunas em relação aos conhecimentos específicos sobre esse tema no que tange à EI, tanto no aspecto teórico, quanto prático. Além disso, a abordagem desse assunto com foco nessa etapa da educação carece de maior intencionalidade por parte de docentes, tanto os/as que atuam no campo da EI, quanto os/as que trabalham mais diretamente com as RER.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

CONSIDERAÇÕES

O curso de Pedagogia da UFC precisa avançar em alguns aspectos para contribuir melhor com a formação inicial visando o trabalho bem fundamentado com a temática racial na EI. É necessário um diálogo maior entre EI e RER, de modo que haja uma relação de reciprocidade entre ambos os campos. Há também a urgência de uma formação que contemple os/as futuros/as pedagogos/as em sua integralidade, de modo que os conhecimentos práticos, atitudinais, deontológicos e relacionais sejam tão favorecidos quanto os conhecimentos teóricos (FORMOSINHO, 2009). Por fim, é preciso que a pauta antirracista seja acolhida por todo o corpo docente, o que demandaria mais conhecimentos e experiências em relação à temática racial com foco na EI, e a inclusão de epistemologias negras e indígenas nas disciplinas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1998.
- FORMOSINHO, João. **Formação de Professores Aprendizagem Profissional e Ação Docente**. Portugal: Porto Editora, 2009.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A POLÍTICA DE COTAS RACIAIS: A UNIVERSIDADE EM DEBATE

Milena Oliveira Pires⁸⁶

RESUMO

As ações afirmativas imersas no contexto de políticas públicas, tem como finalidade cessar qualquer exclusão, seja ela – social, política ou econômica. Portanto, considera-se a intencionalidade política da ação e sua resposta ao problema que se julga público. Objetivamos aqui, expor sobre o sistema de cotas raciais, utilizando como principal referencial teórico a autora Marina Velasco em sua obra publicada em 2009 intitulada “*O que é justiça? O justo e o injusto na pesquisa filosófica. Um exemplo: As cotas raciais universitárias*”. Ademais, objetiva-se trabalhar esse processo que desde sua implantação vem sendo alvo de inúmeras discussões, principalmente no quesito de sua relevância dentro da conjuntura social. Por fim, visamos defender a importância das cotas raciais e como ela beneficia a visibilidade dos negros dentro dos espaços públicos.

Palavras-chave: Ações Afirmativas; Políticas Públicas; Cotas Raciais.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o propósito de expor algumas considerações apresentando argumentos que suscitam o debate acerca das chamadas *cotas*, em especial, as *cotas raciais*, inseridas dentro do contexto de políticas públicas onde há um conjunto de ações direcionadas a uma sociedade, tratando-se de dois elementos essenciais: a intencionalidade política da ação e sua resposta ao problema que se julga público. Sendo assim, consideram-se suas particularidades orientadas para impulsionar as *ações positivas* ou *afirmativas* que servem para cessar qualquer exclusão, seja ela – social, política ou econômica. O surgimento das

86 Discente do curso de Filosofia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID nos anos de 2018 à 2020. Atualmente pesquisadora-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. E-mail convencional: milenaoliveirapires@hotmail.com; E-mail institucional: milenapires@aluno.uema.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

mesmas se deu a partir do movimento negro nos Estados Unidos, em meados da década de 1960, com o intuito de combater as desigualdades e as segregações raciais. A princípio, essa medida foi unicamente servida para a população negra, por conseguinte, houve uma expansão que pôde contemplar todos os grupos menos favorecidos diante de um corpo social de vários países.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracteriza-se por ser de cunho bibliográfico. Para tanto, faz-se necessário, utilizar da obra “*O que é justiça? O justo e o injusto na pesquisa filosófica. Um exemplo: As cotas raciais universitárias*” publicada em 2009, da teórica Marina Velasco – na qual a mesma faz um panorama acerca das cotas, trazendo por último o exemplo da universidade.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

No Brasil, a *Lei de Cotas n° 12.711* entrou em vigência no dia 29 de agosto de 2012, onde 50% das vagas foram atribuídas para admissão de pessoas de origem negra, parda e indígena, sendo distribuídas da seguinte maneira: alunos de escolas públicas; alunos de escolas públicas e baixa renda; alunos pretos, pardos e indígenas de escolas públicas e baixa renda. Ademais, os outros 50% foram designados para ampla concorrência. Além disso, destaca-se “A palavra *discriminação* não tem por que ter uma conotação negativa. Muitas vezes adquire essa conotação por referência às discriminações consideradas injustas, mas nem toda discriminação é injusta” (2009, p. 117-118, grifo da autora). Todas essas informações serviram para que pudesse ser visto com mais precisão como se dá o oferecimento e a distribuição de cotas nas instituições educacionais. Um ponto interessante que a autora traz é

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

sobre o conceito de *discriminação* utilizado no seu sentido original de estabelecer que, de fato, serve para designar a separação de um grupo de outro, sem necessariamente se ater a questão racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Disto isso, pretendeu-se trabalhar o *sistema de cotas raciais* que, desde sua implantação vem sendo alvo de inúmeras discussões, principalmente no quesito de sua relevância dentro da conjuntura social. Além disso, utilizou-se o termo *discriminação* no sentido de enfatizar que nem toda *discriminação* é injusta, mas o resultado dessa compreensão se deve ao fato de que sua conotação, por vezes, é utilizada de forma negativa. Por fim, visamos defender o porquê de sermos a favor das *cotas raciais* e como ela beneficia a visibilidade dos negros dentro dos espaços públicos, utilizando argumentos favoráveis e argumentos contras, avaliando as condições necessárias para que sejam validados ou não. Como a própria autora destaca “[...] Ora, dentre todas as políticas públicas que um governo pode implantar, existem algumas que estão especificamente dirigidas para *promover a igualdade fatural* ou *material* entre os cidadãos, são chamadas *ações positivas* ou *afirmativas*” (VELASCO, 2009, p. 116-117, grifos da autora). Resumindo, até aqui, dentro do contexto de políticas públicas há um conjunto de ações direcionadas a(s) sociedade(s), tratando-se de dois elementos essenciais: a intencionalidade política da ação e sua resposta ao problema que se julga público.

REFERÊNCIAS

VELASCO, Marina. *O Que é Justiça? O Justo e o Injusto na Pesquisa Filosófica. Um exemplo: as cotas raciais universitárias*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

AÇÕES AFIRMATIVAS NA UENP: A RELAÇÃO COM O SABER ESCOLAR DE ALUNOS NEGROS COTISTAS

Rosiney Aparecida Lopes do Vale⁸⁷
Gabriel Gustavo dos Santos⁸⁸

RESUMO

O presente trabalho buscou, por meio de uma pesquisa qualitativa/quantitativa, analisar de que forma os alunos negros que ingressaram na Universidade Estadual do Norte do Paraná via cotas sociorraciais, em 2018 e 2019, se relacionam com o conhecimento escolar. Para isso, utilizamos os estudos de Charlot (2000) sobre o sujeito e a relação com o saber. Participaram da pesquisa 21 estudantes negros que responderam a um questionário semiestruturado, cujas respostas revelaram que a maioria deles construiu uma relação com o saber escolar calcada no desejo de ascender pessoal e socialmente, transpondo, assim, a condição social estigmatizada em que nasceram.

Palavras-chave: Relação com o saber; cotas sociorraciais; racismo; UENP.

INTRODUÇÃO

A relação que um sujeito estabelece com o saber escolar ocorre de maneira subjetiva, dependendo da forma como ele interpreta sua posição social objetiva. Diante disso, esta pesquisa qualitativa buscou analisar de que forma os alunos negros, que ingressaram na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* de Jacarezinho, via cotas sociorraciais em 2018 e 2019, se relacionam com o conhecimento escolar. Participaram da pesquisa 21 estudantes negros que responderam a um questionário semiestruturado e suas respostas revelaram que a maioria deles construiu uma relação com o saber escolar calcada no

87 Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, rosineyvale@uenp.edu.br

88 Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, gabrielsantosps50@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

desejo de ascender pessoal e socialmente, como forma de transpor a condição social objetiva estigmatizada em que nasceram.

METODOLOGIA

No que concerne à metodologia empregada, elaboramos um questionário semiestruturado com 10 perguntas objetivas e 6 questões abertas. O documento foi feito por meio da plataforma Formulários *Google* e encaminhado no dia 20 de julho de 2019 ao e-mail de 142 dos 154⁸⁹ alunos negros de todos os cursos oferecidos pelo campus de Jacarezinho que ingressaram na UENP em 2018 e 2019 por cotas sociorraciais, convidando-os a participarem da pesquisa. Dos 142 estudantes contatados, apenas 21 responderam ao formulário⁹⁰. Apesar do número exíguo de participação, pensamos que os resultados poderiam, mesmo assim, nos guiar diante do objetivo proposto. Por outro lado, nos leva a alguns questionamentos das motivações da baixa adesão diante de uma pesquisa que está relacionada ao campo de interesses e lutas por inclusão social e democratização do espaço universitário por parte dos negros no país. É oportuno ressaltar que o processo de preenchimento do questionário era realizado anonimamente, de modo a não identificar o aluno, para que ele pudesse ter mais liberdade e segurança ao responder as perguntas. Encerrada a coleta de dados, à luz da teoria do sujeito e a relação com o saber escolar, de Bernard Charlot (2000), articulada a outros referenciais, analisamos e discutimos as respostas do questionário.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Em virtude da limitação de caracteres, não será possível discutir sobre todo o questionário, de modo que focaremos nas perguntas principais da pesquisa. Em relação ao

89 Doze alunos não foram contatados, pois na lista mencionada não constavam os seus e-mails.

90 O acesso à lista de cotistas e seus respectivos e-mails foram possibilitados pela Divisão Acadêmica da Universidade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

tipo de relação com o saber escolar que mais representava a que eles possuíam durante os Ensinos Fundamental e Médio, disponibilizamos quatro opções de respostas, baseadas em Charlot (2000): A) relação com o saber escolar fundamentada no desejo de ascender social e/ou pessoalmente; B) fundamentada no prazer, satisfação em aprender; C) no medo, no receio de fracassar; D) no desejo de passar de ano ou em alguma prova. Dentre as respostas, a maioria, 52,4% (11), marcou a alternativa A; 33,3% (7) a alternativa B; 9,5% (2) marcou a letra C; 4,8% (1) não marcou nenhuma das outras alternativas. Seguindo com o questionário, perguntamos se a forma como eles se relacionam com o saber escolar no Ensino Superior hoje é diferente do modo como eles se relacionavam na Educação básica: 66,7% (14) responderam que sim, 23,8% (5) que não; e 8,6% (2) não marcaram nenhuma dessas opções. Também foram feitas quatro perguntas com o intuito de observar o modo como eles se relacionavam com a identidade negra. Essas perguntas são importantes, pois, como mostra Charlot (2000), o modo como a condição social é interpretada influencia na relação que o sujeito estabelece com o conhecimento escolar. Elas questionavam quais tinham sido suas referências de beleza e inteligência enquanto crianças. No que diz respeito ao modelo de beleza perguntamos se entre essas referências haviam pessoas negras, em 71,4% dos casos (15) a resposta foi afirmativa, e em 28,6% (6) disseram que não. Já sobre o exemplo de inteligência, 76,2% (16) afirmaram que sim e 23,8% (5) que não. Quando questionados se essas referências continuam as mesmas, 33,3% (7) dos entrevistados afirmaram que elas permanecem iguais, em contrapartida, para 66,6% (14) elas mudaram. Entre estes, o principal argumento utilizado foi a alteração nos parâmetros de beleza.

CONCLUSÃO

Com base nas respostas obtidas pelo questionário, é possível afirmar que a maioria dos alunos cotistas sociorraciais da UENP que participou da pesquisa estabeleceu uma relação com o saber escolar calcada no objetivo de ascender social e pessoalmente. Considerando os exemplos de inteligência e beleza citados, é possível inferir que tais exemplos, que envolviam

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

peças negras, possam ter favorecido uma interpretação positiva de suas condições sociais/raciais objetivas, impulsionando-os positivamente na busca por aprimorar seus conhecimentos. Nesse sentido, a universidade, entendida por muitos deles como etapa essencial para se ter um futuro financeiro melhor, foi o local encontrado para a conquista de tais objetivos. A política de cotas, dessa forma, por estar inserida em um contexto capitalista, funciona, necessariamente, com base em seus princípios, como instrumento que torna possível a inserção dos grupos sociais menos favorecidos ao mercado competitivo de trabalho. E está aí uma questão que merece, sem dúvida, uma reflexão mais aprofundada por parte de todos nós.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

AS CANTIGAS DE CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA IMPLEMENTAÇÃO DAS LEIS Nº. 10.639/03 E Nº. 11.645/08

Joel Alves Bezerra⁹¹
José Olímpio Ferreira Neto⁹²
Robson Carlos da Silva⁹³

RESUMO

As cantigas de capoeira refletem todo um imaginário de acontecimentos relacionados ao processo de resistência da cultura africana e afro-brasileira. Por meio do uso da musicalidade, no qual o tema da abolição está presente, propõem-se a elaboração de material didático referenciado entre as áreas do conhecimento para a implementação das leis nº. 10.639/03 e nº. 11.645/08. Faz-se aqui a apresentação, contextualização e análise dos registros sonoros: *Hoje é Dia do Negro Lutar*, de autoria de Paulo dos Santos Limão (Mestre Limão) e *A História nos Engana*, de Pedro Moraes Trindade (Mestre Moraes).

Palavras-chave: Capoeira, Cantigas, Musicalidade, Lei nº. 10.639/03, Lei nº. 11.645/08.

INTRODUÇÃO

A Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres são bens culturais que foram registrados como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Dentro deste rico universo um dos elementos mais fortes são as cantigas de capoeira que refletem todo um imaginário de acontecimentos, em especial aqueles relacionados ao processo de resistência da cultura africana e afro-brasileira. Por meio do uso da musicalidade da capoeira, no qual o tema da abolição se faz presente, propõem-se a

91 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB,
joel.alvesbezerra@gmail.com

92 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB,
jolimpioneto@hotmail.com

93 Universidade Estadual do Piauí – UESPI, robsonuespi64@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

elaboração de material didático referenciado entre diversas áreas do conhecimento para a implementação das leis nº. 10.639/03 e nº. 11.645/08.

METODOLOGIA

Essa proposta foi pensada no projeto *A Capoeira na Escola*, que ocorre em um estabelecimento de ensino do município de Fortaleza (BEZERRA; FERREIRA NETO, 2019). A atividade constitui-se de uma dinâmica com a apresentação das cantigas a partir das fontes (LP e CD) e das ferramentas específicas (toca disco e aparelho de CD), da disponibilização das letras, e posteriormente, de uma roda de debates sobre o(s) tema(s) apresentados nas letras, das aproximações entre os registros e de seus distanciamentos.

Durante a atividade, propõe-se uma breve apresentação da biografia de cada autor e do contexto cultural, social e político em que cada obra foi produzida, para um melhor entendimento do discurso de cada registro.

Hoje É Dia do Negro Lutar

Hoje cheguei na avenida
Pra ver o nego lutar
Hoje cheguei na avenida
Pra ver o nego lutar

Para pá Para pá
Hoje é o dia do nego lutar
Para pá Para pá
Hoje é dia do nego lutar (coro)

Eram trazidos de longe
Para esse negro torrão
Salve a raça que deu
A vinda da colonização

(coro)

Trabalhava na agricultura

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Pecuária e mineração
Os índios tavam no Quilombo
Querendo se libertar

(coro)

Salve princesa Isabel
Chegando aqui no Brasil
No dia 13 de maio
A escravidão aboliu

(coro) (MESTRE... 1985).

Rei Zumbi dos Palmares (Ladainha)

A história nos engana
Diz tudo pelo contrário
Até diz a abolição
Aconteceu no mês de maio

A prova dessa mentira
É que da miséria eu não saio
Viva 20 de novembro
Momento pra se lembrar

Não vejo em 13 de maio
Nada pra comemorar
Muitos tempos se passaram
E o negro sempre a lutar

Zumbi é nosso herói
Zumbi é nosso herói, colega velho
Do Palmares foi senhor

Pela causa do homem negro
Foi ele quem mais lutou
Apesar de toda luta, colega velho
O negro não se libertou, camarada! (CAPOEIRA... 1996).

As cantigas foram pensadas como propostas nas aulas a partir de Ferreira (2019) e Cunha Júnior (2001; 2005). Além destes teóricos, Candau e Russo (2010) e GCAP (1993) também são referências para a análise das produções e proposta da atividade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Observa-se nas letras das cantigas referências ao período da escravidão. Em ambas as cantigas, há menção ao 13 de Maio. Na primeira, não se percebe uma contestação e a Princesa Isabel é a personagem que acabou com a escravidão. Em outro giro, a segunda atribui um olhar questionador, evocando o 20 de novembro como um momento significativo, no qual Zumbi é o personagem a ser lembrado. Assim, pode-se dizer que a atividade está na esteira do que prevê a norma ora utilizada como parâmetro, contribuindo para sua implementação e apresentando-se, conforme Candau e Russo (2010), como uma proposta questionadora da realidade.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Ao final desse trabalho, pode-se dizer que as cantigas de capoeira são elementos fundamentais em sua prática que podem trazer um conteúdo crítico, estabelecendo-se como uma proposta questionadora, na esteira da norma analisada, ajudando em sua implementação.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Joel Alves; FERREIRA NETO, José Olímpio. **Roda de Leitura de Cordéis e Cantigas de Capoeira como espaço de Formação e Memórias.** In: X Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra. **Anais...** Crato, 2019.

CANDAU, Vera Maria; RUSSO, Kelly. **Educação intercultural na América Latina: Uma construção plural, original e complexa.** **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010.

CAPOEIRA Angola Salvador from Brazil - **Grupo de Capoeira Angola Pelourinho.**

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Smithsonian Folkways Records, Washington D.C., 1996. CD e encarte.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. **Africanidade, afrodescendência e educação.** Revista Educação em Debate, Fortaleza, Ano 23, v. 2, n. 42, p. 05-15, 2001.

_____. **Nós, afro-descendentes:** História Africana e Afrodescendente na cultura brasileira. In: História da Educação do Negro e outras histórias. Brasília: MEC/ SECAD. 2005.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2019. - (Coleção como usar na sala de aula).

GCAP, Grupo de Capoeira Angola Pelourinho. **VII Oficina e Mostra de Capoeira Angola:** “10 anos gingando na mesma luta”. Salvador, BA: [s.n], 1993.

MESTRE Limão e Natanael. **Capoeira.** São Paulo: Cáritas, 1985. 1 LP.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

COTAS COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA DO MOVIMENTO NEGRO: UM DEBATE NECESSÁRIO

Adriana Teotonio Borges⁹⁴

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir de material elaborado por outros pesquisadores, e busca analisar a Lei nº 12.711/2012, que visa a subsidiar o direito à educação superior, destacando a importância das cotas no acesso ao ensino. sistema de cotas étnico-raciais é de extrema importância, sem ela, o ingresso da população negra no ensino superior público, seria quase inexistente, afinal, mesmo com as garantias constitucionais e as legislações pertinentes a esta temática como a Lei Federal 12.288/2010 (que dispõe sobre o Estatuto de Igualdade Racial), assim como o Projeto de Lei 73/1999 e 213/2003 e a referida Lei, continua desqualificando os não brancos, por supostamente e dentro de contexto capitalista, não conseguirem ter acesso à universidade por intermédio da competição, do esforço individual.

Palavras-chave: Educação; Política de Cotas Raciais; População Negra.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a população negra enfrentou e enfrenta desafios para acessar a Educação Superior no Brasil. Considerando o processo discriminatório e o menosprezo sofrido por essas populações, fez-se necessária a implantação de leis que viessem a possibilitar ao negro acessar a Educação Superior no país.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Lei nº 12.711/2012, que visa a subsidiar e garantir o direito à educação superior, assim como compreender a importância das cotas no acesso ao Ensino Superior. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a

94 Assistente Social do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica – NASF-AB, Especialista em Serviços Sociais, Políticas Públicas e Trabalho Profissional pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. adrianafafic@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

partir de material já elaborado por outros pesquisadores, através da análise de pesquisas anteriores.

A Lei Federal nº 12.711/2012 foi publicada em 30 de agosto de 2012 e, de acordo com Faro e Gomes (2013), foi originada do Projeto de Lei nº 180/08, aprovado pelo Senado Federal (Projeto de Lei nº 73/99, de autoria da Deputada Nice Lobão).

COTAS RACIAIS: AVANÇO OU PROCESSO DISCRIMINATÓRIO?

LEI Nº 12.711/12

A Política de Cotas Raciais no Brasil surge com o objetivo de facilitar o acesso dos negros à educação, e, infelizmente, continua dividindo opiniões. A grande maioria das pessoas vai de encontro a essa conquista, pois argumenta a inconstitucionalidade da lei, conforme dispõe o artigo 5º da Constituição Federal de 1988, somos todos iguais, sem distinção de qualquer natureza. Ou seja, as pessoas contrárias à reserva de cotas afirmam que esse dispositivo fomenta o preconceito nas universidades e confirma a segregação social e racial existente no país.

As cotas surgem como uma resposta tardia do Estado frente à necessidade de políticas afirmativas que garantissem a inclusão da população negra nas instituições de ensino superior, públicas ou privadas. Elas são fundamentadas no reconhecimento da dívida histórica que o país tem com os negros e vêm para dar subsídio e garantia ao direito à inclusão.

É nesse sentido de garantir o ingresso dessa população nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, que surge a Lei Federal Nº 12.711/12, que possui nove artigos e traz grande contribuição para a vida de negros (as) do nosso país. Os responsáveis pelo acompanhamento e pela avaliação do programa, conforme o Art. 6º da referida lei, são o Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, ouvindo sempre a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Com isso, as cotas são instrumentos de garantia de ações afirmativas no nosso país, onde, apesar da Lei Federal 12.288 de 2010, que dispõe sobre o Estatuto de Igualdade Racial, assim como o Projeto de Lei 73/1999 e 213/2003 e a referida Lei Federal 12.711/12, muitos continuam desqualificando os não brancos por não conseguirem ter acesso ao Ensino Superior por meio da competição ou do suposto esforço individual, visto como importante dentro dos moldes do capitalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente à discussão e à análise das questões postas neste trabalho, foi possível identificar que o Sistema de Cotas foi instituído no Brasil mediante lutas dos movimentos negros e de outras categorias que acreditam e buscam por igualdade na sociedade do capital. Entretanto, esta luta não se deu por finalizada com a materialização das legislações pertinentes a essa temática, pois ainda existem diversos questionamentos a essa garantia que, por nós, é vista como uma ação positiva do Estado.

Afinal, se forem analisados os indicadores sociais do Brasil, perceberemos que pessoas negras continuam tendo menos escolaridade, menos oportunidades e ganhando menores salários se comparadas à população autodeclarada branca. Sendo assim, é inaceitável dizer que a utilização das cotas seja uma invasão à autonomia das instituições de Ensino Superior ou uma desconsideração do mérito pertencente a cada concorrente.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. 2012. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm Acesso em: 1º mai. 2019.

GOMES, Marcelo Santanna Vieira; FARO, Júlio Pinheiro. **A Lei nº12. 711/12 e a questão das cotas raciais.** Disponível em: <https://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/artigo/2776/a-lei-n-12-71112-questao-cotas-raciais>. Acesso em: 24 jul. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, Sept. 2012 Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/05.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2018.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CULTURA AFRICANA: COMO ENSINAR O QUE NÃO ME FOI ENSINADO? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Mariana Cunha Castro⁹⁵
Andria Magalhães Cordeiro⁹⁶
Antonio Flávio Maciel de Souza Júnior⁹⁷

RESUMO

O estágio é um importante componente curricular que contribui para a formação inicial do futuro professor. É espaço de excelência em que se vivenciam de perto as movimentações da escola de educação básica. O presente trabalho, com abordagem qualitativa e de campo, tem como objetivo compartilhar nossa experiência, durante a disciplina de estágio supervisionado curricular, com os alunos do ensino fundamental I sobre a cultura africana. Isto posto, consideramos a importância de debatermos assuntos relacionados à cultura africana e afro-brasileira com as crianças do ensino fundamental I, colocando em prática a Lei 10.693/03.

Palavras-chave: Cultura Africana; Estágio Supervisionado; Relato de Experiência.

INTRODUÇÃO

O estágio é um importante componente curricular que contribui para a formação inicial do licenciando. É no estágio que o estudante retorna à escola, ambiente ao qual passou grande parte da infância, agora não mais na condição de aluno e sim de professor(a). Concordamos com Lima (2012, p.67) ao trazer que o estágio é considerado uma “janela para a reflexão crítica, comprometida com as transformações sociais”. É no estágio que nós pedagogos e pedagogas vamos nos encontrando na profissão professor(a), com nossas reflexões sobre a nossa prática e a prática dos professores que nos acompanham nesse

95 Universidade Estadual do Ceará – UECE, mariana.cunha@aluno.uece.br

96 Universidade Estadual do Ceará – UECE, andria.magalhaes@aluno.uece.br

97 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB,
jrflaviomaciel53@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

processo. Foi a partir da experiência do estágio supervisionado curricular que emergiu esse relato de experiência.

Nosso país é marcado por diferentes povos, diferentes origens e mistura de culturas, mas, o que sabemos do povo que veio antes de nós?! O que sabemos da cultura africana que tanto contribuiu para sermos o Brasil que somos hoje? E como nós, enquanto professores da educação básica podemos contribuir para a formação das crianças sobre cultura africana? Para que possamos ensinar os nossos alunos sobre cultura africana e afro-brasileira, colocando em prática a Lei 10.639/03 ao qual dá obrigatoriedade em trabalharmos sobre história e cultura afro-brasileira nas escolas da educação básica, justificando a importância da temática no âmbito educacional. Isto posto, temos como objetivo deste trabalho compartilhar a experiência que tivemos/vivemos durante o estágio supervisionado em que trabalhamos com as crianças sobre cultura africana.

METODOLOGIA

A experiência aqui relatada foi vivenciada durante o estágio supervisionado curricular do curso de pedagogia da UECE. A turma de alunos que acompanhamos foi a do quarto ano do ensino fundamental I em maio de 2018, em uma escola pública do município de Fortaleza. Isto posto, nossa pesquisa é de abordagem qualitativa e de campo (OLIVEIRA, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o estágio, nós enquanto professores em formação, temos que respeitar a movimentação e a organização da professora regente da turma que estamos acompanhando. E, com o intuito de colaborar com a professora regente, ficamos a frente da disciplina de história que naquele momento estava planejado trabalhar sobre a cultura africana (seguindo o livro

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

didático do município). O livro didático explanava sobre a cultura africana, mas especificamente sobre a história dos *Griots*, que são pessoas responsáveis por deixarem vivo a cultura na comunidade. Os *griots* repassam para os mais jovens da comunidade suas histórias e a cultura do seu povo. Aproveitei a importância dos *griots* para a cultura africana para conversar com as crianças a respeito da nossa história enquanto brasileiros e falar um pouco sobre a cultura afro-brasileira.

Na intenção de que as crianças conhecessem sobre os contos africanos - ricos em aprendizagens e apropriação cultural - dividimos a turma em grupos para que eles lessem sobre os contos previamente selecionados que tinham como título: Todos dependem da boca; Os segredos da nossa casa; A lenda do tambor africano. Após a leitura e interpretação dos contos, as crianças colocaram no caderno os pontos principais sobre a temática em forma de verso ou desenho - nessa atividade pudemos trabalhar leitura, interpretação, história e artes. Alguns alunos compartilharam com a turma o que eles acharam mais interessante sobre os contos, como se eles fossem os *Griots* do grupo, em que repassavam para os demais os ensinamentos que tinham adquirido com as histórias. Observamos que os alunos ficaram entusiasmados em poder compartilhar com os colegas sobre o que aprenderam de cada conto, e percebemos o quão importante se faz buscar sobre a cultura africana e afro-brasileira para as crianças pois isso faz parte da nossa história enquanto nação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do estágio aconteceu de forma muito proveitosa, pois nos instigou a irmos a uma caminho ainda não trilhado. Enquanto pedagogas formadas pela UECE não tivemos disciplinas obrigatórias e nem optativas que nos dessem suporte para trabalhar sobre cultura africana e afro-brasileira na escola. O que nos leva a nos questionar sobre: como vamos ensinar sobre cultura Africana e Afro-Brasileira se a matriz curricular do curso de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

pedagogia da UECE não oferece disciplinas que nos dão suporte sobre esse tema? Como vamos ensinar o que não nos foi ensinado?

Isto posto, consideramos a importância de debatermos assuntos relacionados à cultura africana e afro-brasileira com as crianças do ensino fundamental I, colocando em prática a Lei 10.693/03, e reforçamos a importância de eventos como o artefatos da cultura negra, em que contribuem para a nossa formação enquanto professores e professoras da educação básica e enquanto sujeitos mais críticos, democráticos e antirracistas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012. 172 p.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ENSINO DE HISTÓRIA: TENSÕES E DESAFIOS PARA O COTIDIANO DA ESCOLA

Fábia Janaína Marciel da Silva⁹⁸
Antonio Juscelino Barbosa dos Santos⁹⁹

RESUMO

O Brasil é um país heterogêneo, socialmente construído em meio a conflitos, hibridismos culturais, colonialismos, funções sincréticas, construções identitárias, bem como processos de aculturação. Apesar do conhecimento das misturas étnicas, há ainda enraizado no cerne do país o preconceito racial. O presente artigo tem como objetivo analisar a problemática da educação antirracista vinculada ao ensino de História no contexto da escola pública. Pretende-se fazer uma abordagem acerca do multiculturalismo e das relações étnico-raciais, conhecendo as possíveis confluências entre as propostas da educação antirracista e intercultural das DCNEB e a lei 10.639/ 03 atreladas ao ensino de história. A metodologia é a da pesquisa bibliográfica qualitativa, através da amostragem da literatura e legislação e da categorização do estudo.

Palavras-chave: Educação Antirracista; Ensino de História; Relações Étnico-raciais. Multiculturalismo.

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

O presente trabalho se propõe a discutir as políticas afirmativas legais que visam estabelecer a Educação para as relações étnico-raciais no ensino de História e cultura afro-brasileira e africana na escola pública, mais especificamente as DCNEB e a lei 10639/03. Percebe-se, atuante em nossa sociedade, diversas formas de preconceitos latentes, antes velados e disfarçados, porém sempre presentes. Verifica-se que essas questões racistas estão

98 Mestranda em Ensino de História UFRJ-URCA. Professora efetiva da Rede Estadual de Pernambuco.
janainamarcie@gmail.com

99 Mestrando em Ensino de História UFRJ-URCA. Professor efetivo do Município de Trairi-CE.
juscelino_13@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

presentes no cotidiano da escola, em momentos inclusive muito sensíveis do ser humano, durante a infância, ou adolescência, quando estes alunos estão formando seu caráter, apesar de todo o discurso de democracia racial e do multiculturalismo que ouvimos falar existir.

METODOLOGIA

Utilizando-nos de uma metodologia que versa em uma pesquisa bibliográfica e documental, nos propusemos a analisar as representações de ações afirmativas contra o racismo estrutural na Educação Básica brasileira: a lei 10639/03 tornou obrigatório o Ensino da História e Cultura africana e afro-brasileira nos espaços educativos, e para nos orientar didaticamente nessas ações temos as DCNEB (2013) para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira, que trazem uma profunda reflexão sobre a trajetória dessa etnia, marcada por desconsiderações humanas, desrespeito e racismo de toda parte. Essas diretrizes, além de toda essa contextualização histórica, apontam uma série de atividades a serem desenvolvidas no âmbito educacional, como forma de diminuição do ensino excludente praticado há anos no nosso país. Apesar desses aportes teóricos legais essenciais, ainda nos deparamos com vivências muito limitadas a datas comemorativas, inserção dessa temática apenas em datas específicas, sem estarem atreladas ao currículo e ao cotidiano da escola pública.

Nota-se de certo modo, que o racismo ficou mais velado nas escolas, tendo em vista às penalizações impostas às ofensas verbais nas manifestações racistas, e críticas às ofensas culturais dessa etnia. Mas, percebemos claramente a existência de um discurso, ainda meritocrático, advindo do mito da democracia racial, embasado no discurso do despreparo e de falta de competência dessas etnias, onde se fecham os olhos e desconsideram os séculos de abuso, violência e falta de oportunidade em todas as suas esferas. Segundo Sílvio Almeida (2018) isso já se configura como racismo por promover uma conformidade ideológica sobre os negros. Para as DCNEB (2013) faz-se necessário incluir políticas de reparação nas escolas, para tentar amenizar séculos de exclusão e de preconceito racial. Reconhecer essas injustiças

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

é fundamental, pois, trazem o respeito à luta de nossos antepassados para se manterem vivos em meio a uma sociedade tão abusiva. As ações afirmativas que verificamos existentes precisam ser de fato, adotadas. Percebemos que não existe um trabalho coerente feito pelas escolas para colocar na prática essas políticas afirmativas previstas em lei. É preciso que as mesmas amenizem em seu cotidiano essas perdas seculares, “*desalienando*” (DCNEB, 2013, p. 501) seus processos pedagógicos.

As Diretrizes Curriculares (2013, p. 504 a 509) esclarecem as ações que devem ser postas em práticas nesse sentido, destacando algumas como: realização de projetos de diferentes naturezas abordando temática; ações que espelhem realizações de negros que se destacaram em sociedade e em sua época; formação de grupos que articulem ações significativas nessa perspectiva; formação de professores para o preparo pedagógico a ser desenvolvido em sala de aula; discussão das questões raciais na matriz curricular dessas escolas; inclusão de bibliografias que discutam sobre sua história e cultura; inclusão de personagens negros no contexto normal da escola, não somente quando se tratar de datas específicas voltadas à consciência negra; incentivo à pesquisa; à edição de livros e materiais didáticos que esclareçam sobre esse tema. Enfim, existem inúmeras sugestões de ações de combate ao racismo e ao preconceito étnico e cultural presentes no documento.

Kabengele Munanga (2005) diz que esses tipos de preconceitos ainda permeiam o cotidiano e as relações dos alunos na escola, e, que por mais que existam leis, elas não podem por si só erradicar as atitudes preconceituosas existentes na cabeça das pessoas. Selva Guimarães (2012) concorda que somente a legislação antirracista não o combata, mas, já a configura como um meio de luta. Que é necessário, (Guimarães, 2012), abordar o tema das relações étnico-raciais como um conteúdo multidisciplinar e interdisciplinar durante todo o ano letivo. É preciso usar a educação como forma de combate a essa falha humana de desconsiderar certos grupos étnicos, seguindo a tradição do racismo e desigualdade social. Se combatermos o racismo em seu despertar nas escolas, temos mais chance de reduzi-los em outros processos de vivência social e cultural dos estudantes, pois, segundo Munanga (2005) a

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

cultura que nos alimenta diariamente é fruto de todos esses segmentos étnicos que formam a nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que existem suor e sangue negro em cada pedaço da estrutura social e econômica desse país. Não basta apenas “*emergir as dores e os medos*” (DCNEB, 2013, p. 500), expondo-os em seu currículo escolar de forma esporádica. É preciso colocar nas escolas, em prática rotineira, sem estabelecer datas, o respeito pela história, pela cultura e pela vida dos negros e afro-brasileiros, dando-lhes oportunidades reais de reparação política, social, econômica e cultural e igualdade de direitos. Isso ainda está em falta. Não basta uma imposição legal, ou somente manter uma postura ética. É preciso diminuir o racismo e o preconceito nas escolas para que as futuras gerações não adentrem nessa mesma prática enraizada na geração social atual, pois, se as diversidades étnica, social e cultural existem têm que ser respeitadas na prática também.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. DCNEB. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Educação continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013.
- GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de Ensino de História**. Campinas: Papirus, 2012.
- LEI 10639/03**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 09 de janeiro, de 2003.
- MUNANGA. Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação Continuada, alfabetização e diversidade, 2005.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E O RACISMO NOSSO DE CADA DIA NO COTIDIANO ESCOLAR

Francisca Tainara Eugenio da Silva¹⁰⁰
Carolina Maria Costa Bernardo¹⁰¹

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir sobre a educação para as relações étnico-raciais e práticas racistas presenciadas na escola, tendo como base a experiência vivenciada no PIBID – Pedagogia UNILAB, desde Agosto de 2018 até dezembro de 2019. A experiência relatada será da minha inserção em duas escolas públicas, uma que fica no município de Acarape e a outra em Guaiuba. O procedimento metodológico é um relato de experiência, com caráter bibliográfico. As experiências e práticas descritas foram realizadas em diferentes regências, pautando identidade, expressões culturais de matriz africana, brincadeiras, danças e literatura infantil africana e Afro-Brasileira. Mesmo com o desafio diário do racismo escolar, a atuação do projeto promoveu a descolonização do currículo e do pensamento, contribuindo para a formação identitárias das crianças.

Palavras-chave: PIBID; Escola; Educação; Racismo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende discutir sobre a educação para as relações étnico-raciais e práticas racistas presenciadas na escola, enquanto bolsista do PIBID, voltado principalmente para tratar temáticas das relações étnico-raciais, numa perspectiva de combate ao racismo nas escolas públicas do município de Acarape, Redenção e Guaiuba. Durante o período de dezessete meses, desenvolvemos várias atividades direcionadas as seguintes temáticas: Nossa identidade; Expressões culturais de matrizes Africanas: Danças, A capoeira e o samba como

100 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB,
tainara.africare@unilab.edu.br

101 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB,
carolcostabernardo@unilab.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

práxis comunitárias de integração do ser; as brincadeiras como recreação enquanto elementos culturais africanos compartilhados pela sociedade brasileira e Literatura Infantil Africana e Afro-Brasileira. Para isso trabalhamos com a dinâmica do espelho, exibição do curta metragem Dudú e o lápis cor de pele, do filme Pode me chamar de Nadí¹⁰² e A princesa e o sapo, recitação do poema Me gritaram negra de Victoria Santa Cruz (2015) e dramatização da história Zica: a menina negra que viu um erê, contação de Adjoke e as palavras que atravessaram o mar, peças teatrais dos contos do livro Caroço de dendê: A fofoca do cágado, a astúcia do macaco e a filha que ficou muda, cirandas entre outras atividades. Mesmo com a promoção da educação das relações étnico-raciais, entretanto o racismo é um desafio diário.

METODOLOGIA

O procedimento metodológico é um relato de experiência, com caráter bibliográfico. O relato das vivências, busca evidenciar, descrever e interpretar a presença do racismo no espaço escolar.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Durante este tempo de PIBID, presenciei ao longo das práticas vários casos de racismo que serão apresentados aqui: ouvir uma criança comparar o cabelo crespo do bolsista com bombril/cabelo ruim, dizer que não gosta de negro e outra que o cabelo de Nadí é feio. Fazendo-me refletir como o racismo se manifesta e se expande nesse espaço, frente o silenciamento dos professores. A criança não é racista, aprende a ser nos espaços e instituições sociais. De acordo Trindade, (1994) não é só na escola que se aprende racismo. As crianças

102 Pode me chamar de Nadí. Dirigido por Déo Cardoso. 2009 (Brasil).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

trazem uma bagagem densa, vê tv, revistas, ouvir rádio e estão em constante relação com outras pessoas.

Outra constatação feita na hora do lanche, alguns alunos negros não dispõem do lanche trazido de casa e come o que é fornecido pela escola. O lanche também pode ser um divisor das diferenças entre os que têm a condições de levar e os que não podem levar lanche para a escola. Também presenciei um educando se negar a continuar a atividade por estar com fome.

É necessário reconhecer as crianças como sujeitos sociais, produtoras, colecionadoras, agentes de direitos, que possuem pertencimento cultural, étnico, religioso e classe social. Possuidoras de singularidades também podemos encontrar essas reflexões na sociologia de infância, de Abramowicz & Oliveira (2012). Assim esse processo de socialização e integração ativa, nem sempre a criança mostra-se entusiasmado para desenvolver, como a criança negra que se negou continuar fazendo a atividade, por estar com fome.

Segundo Rosemberg (1996) citado por Araújo e Bernardes (2012, p. 525) as “crianças negras tendem a repetir o ano com uma frequência maior do que as crianças brancas e são excluídas mais cedo do sistema escolar.” A pobreza pode ter um grande impacto sobre a criança negra, principalmente em um país que passou por um projeto colonial para manter estruturas sociais desiguais.

Utilizamos em muitas regências o autorretrato, para as crianças se desenhar e pintar, com atenção para as cores que as crianças utilizavam ao pintar a pele, na maioria das vezes sendo com o lápis “cor de pele”, amarelo ou laranja escolhido. O que nos fez observar que na educação infantil, não é abordado à identificação de cor e identidade racial e muitas das vezes o professor não sabe trabalhar o assunto ou não vê a necessidade das relações raciais. Outro diagnóstico feito por meio das observações é que na educação infantil, não é abordado à identificação de cor e identidade racial e muitas das vezes o professor não sabe trabalhar o assunto ou não vê a necessidade das relações raciais.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

As atividades desenvolvidas contribuíram na formação identitária de crianças negras e não negras. A nossa presença na escola, já é uma descolonização do pensamento. Porque rompe com os estereótipos, as narrativas silenciadas e impostas, viabiliza mudar paisagens sociais, a partir da conscientização de quem somos, onde estamos e o que queremos. Possibilitaram tanto dentro da escola, quanto ao entorno, experiências para complementar a nossa formação acadêmica, acredito que uma capacitação para conhecer e explorar um pedaço desse solo sagrado.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de; OLIVEIRA, F. de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades-CEERT**, p. 47-64, 2012.

ARAÚJO. I, BERNARDES V. **Discriminação Racial em Sala de Aula**. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2ISKJQT>.

TRINDADE. A. **O Racismo no Cotidiano Escolar**. Disponível em: <https://bit.ly/2LCCVk9>. 1994. Acesso em: 29.05.2018.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

“ENCONTRO PRECIOSO”: DIÁLOGOS ENTRE NEGRITUDE, FORMAÇÃO E METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA

Ana Beatriz da Silva¹⁰³
Cicera Adeliana Pereira da Silva¹⁰⁴
Tais Tamires Lima da Silva¹⁰⁵

RESUMO

Com a aprovação da lei 11.645/08, o Estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena se torna obrigatório nos primeiros anos de Ensino. Esse trabalho objetiva mostrar que práticas como aula oficinas ajudam o educador no âmbito escolar a conversar com seus educandos, compreendendo o caráter reflexivo do educador em vista da utilização de uma transposição didática do conteúdo. O método utilizado foi a metodologia ativa. A Oficina foi realizada na E.M.E.F. Aldegundes Gomes de Matos sobre Abayomis e Diálogos sobre Negritude e ajudará a entender esses métodos.

Palavras-chave: Negritude, Reflexibilidade, Metodologia de Ensino, Educação.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o método de Ensino utilizado baseado nos antigos parâmetros da disciplina de História, podem ser insuficientes para o aprendizado do educando. As práticas devem ser refletidas e readaptadas da melhor forma possível.

Quando se fala de uma História Temática, a mesma pode ser interligada ao que conhecemos por História Linear. Discutir um tema específico e perceber as maneiras diversas

103 Graduanda do VI Semestre do Curso de Licenciatura em História na Universidade Regional do Cariri – URCA, beatryzsilva2014@gmail.com

104 Graduanda do VI Semestre do Curso de Licenciatura em História na Universidade Regional do Cariri – URCA, cicera.adeliana@gmail.com

105 Graduanda do VI Semestre do Curso de Licenciatura em História na Universidade Regional do Cariri – URCA, taisformacao@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

como o educando pode interagir e complementar a discussão ajuda a perceber o quão interativo pode se tornar o processo educativo.

A oficina realizada durante a semana da Consciência Negra nas escolas trouxe como reflexão justamente o que Ki-Zerbo discute sobre a questão do método de ensino sobre o continente africano, o mesmo afirma que a “História da África deve ser reescrita”, devido o fato de que na sociedade atual temos visto muito uma história “mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada”, dessa forma o discurso e a metodologia devem ser mudadas, tanto no papel de educar como de reescrever a História utilizando-se de métodos que tenha uma abordagem do todo (KI-ZERBO 2010, p.XXXII).

PORQUE FAZER UMA OFICINA SOBRE BONECAS ABAYOMIS?

Ao longo da formação histórica desse País, quando remontamos a trajetória dos negros e seus descendentes no Brasil, percebe-se a luta em busca de reconhecimento, respeito e direitos, dado que “embora estejam presentes culturalmente, eles constituem a categoria mais ausente e invisível social, político e economicamente” (MUNANGA 1996, p. 217).

Diante desse contexto, torna-se importante inserir, desde os primeiros anos de escolarização, em especial na disciplina de História, ações que visem enaltecer a cultura africana e afro-brasileira, reforçando a questão identitária dos estudantes ao qual as vezes é invisibilizada e/ou negada em detrimento ao racismo tão arraigado na sociedade.

Nesse sentido, a Escola, enquanto um espaço de pluralidade de vivências e identidades, dever saber reconhecer situações de preconceitos, racismo, e buscar utilizar artifícios como as aulas-oficinas para promover de forma lúdica a reflexão e contribuir para a transformação de um espaço de silenciamento em um de acolhimento proporcionando a livre expressão.

O educador, pode utilizar as oficinas para trabalhar uma temática importante, tal como foi feita mediante a oficina “Negritude: Identidade e pertencimento” realizada na E.M.E.F.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Aldegundes Gomes de Matos. A temática em torno da Negritude com a confecção das abayomis, traz aos educandos os aspectos culturais e sociais dos africanos trazidos como escravos para a América.

Com base nas Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais de 2006, que tem como uma de suas principais ações e atribuições que seguem além da sala de aula: “Construir coletivamente alternativas pedagógicas com suportes de recursos didáticos adequados e utilizar materiais paradidáticos sobre a temática”(GUIMARÃES 2012,p.84), pode se inferir que o uso de atividades que desenvolve oficinas e diálogos sobre o conceito de Negritude, é um exemplo de como essas práticas podem ser mais recorrentes no aprendizado.

METODOLOGIA

A oficina foi desenvolvida com estudantes do ensino fundamental da escola: E.M.E.F. Aldegundes Gomes de Matos na semana da consciência negra. Com aproximadamente 15 crianças. A mesma tinha como objetivo trabalhar sobre as questões raciais, foi dividida em duas partes, a primeira parte trabalhamos com a oficina de bonecas abayomi, e na segunda parte foi feito uma roda de conversa sobre o racismo.

Um das primeiras indagações que surgiu a partir da oficina foi a questão metodológica que íamos utilizar, visto que, inicialmente a oficina foi pensada para estudantes do ensino médio, logo foi uma grande supressa quando vimos que o público alvo seria outro, por isso tivemos que readaptar a oficina para que ela se tornasse atrativa para as crianças. Para nós foi uma questão de grande aprendizagem nesse processo de formação, porque foi algo inovador.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA FORMAÇÃO DO EDUCADOR PARA COM O USO DE OFICINAS

Analisando sobre a formação do educador, percebe-se que esta requer inúmeras oscilações entre prática e teoria. Tais elementos são essenciais na construção educador e na de uma educação antirracista. A partir do conceito de flexibilidade é possível perceber essa relação entre teoria e prática, pois nos permite refletir sobre os atos, ou melhor, permite repensar determinadas ações como do planejamento a execução. É através dessas possibilidades que o conceito flexibilidade permite que na educação o mesmo possa ser ampliado.

Na educação Brasileira, o conceito de flexibilidade ganha maior destaque nos anos de 1960, possibilitando à formação de um professor reflexivo e permitindo uma análise sobre as abordagens de aprendizagem e experiências pedagógicas. Segundo José Carlos Libânio

A reflexividade é a capacidade de voltar sobre si mesmo, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção. Supõe a possibilidade, ou melhor, a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar não somente a realidade e suas representações, mas também as próprias intenções e o próprio processo de conhecer. (Libânio,p.66)

O conceito de flexibilidade nos ajuda a pensar nas questões metodológicas. Porque nos permite pensar e analisar nossos atos, e como esses atos interferem nas relações e nos ambientes e conseqüentemente o oposto também acontece.

Com a oficina, é possível fazer um paralelo com a flexibilidade, especificamente a flexibilidade dialética, porque ela traz a questão da adaptação do que foi planejado para a realidade ao qual está inserido, com uma metodologia que dialogue com o ambiente e com as pessoas, especificamente as crianças neste casa, de forma que se torne compreensivo para as

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

mesmas. E tal ato de readaptar está ligado a reflexibilidade, pois essa é uma característica que nos faz pensar e refletir sobre situações práticas.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Selva (2012). O estudo da História e da Cultura Afro-Brasileira e Indígena. In: GUIMARÃES, Selva. Didática e Prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados. 13ª ed. Campinas-SP: Papirus. P.73-90

KI-ZERBO, J. (2010). “Introdução geral”. In: KI-ZERBO, J. (org.). História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África. 2ª ed. Brasília: UNESCO. pp.XXXI-LVII

LIBÂNEO, JC. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: Pimenta SG, Ghedin E, org. Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez; 2005. p.53-79

MUNANGA, K. As facetas de um racismo silencioso. In: SCHWARTZ, Lilia Moritz; QUEIRÓZ, Renato da Silva (Org.). Raça e diversidade. São Paulo: Edusp. 1996. P.220-221.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ENROLADO, CACHEADO, CRESPO: COMO TRABALHAR O RESPEITO À DIVERSIDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andria Magalhães Cordeiro¹⁰⁶
Mariana Cunha Castro¹⁰⁷
Antonio Flávio Maciel de Souza Júnior¹⁰⁸

RESUMO

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, constituindo-se em espaço de excelência para vivências educativas que visem à formação da identidade da criança e o respeito às diferenças. Nossa inquietação se originou ao presenciarmos diálogos entre crianças de três anos sobre o cabelo de uma coleguinha. O presente trabalho, com abordagem qualitativa e de campo, tem como objetivo compartilhar um relato de experiência sobre o respeito à diversidade racial a partir da valorização do cabelo crespo na educação infantil. Consideramos que o debate acerca do respeito às diferenças é fundamental para a constituição da identidade e do sentimento de pertencimento da criança. O presente trabalho destina-se ao Simpósio Temático - Ações afirmativas: cotas e implementação das leis nº. 10.639/03 e nº. 11.645/08.

Palavras-chave: Educação infantil; Diversidade; Identidade.

INTRODUÇÃO

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, constituindo-se em espaço de excelência para vivências educativas que visem à formação da identidade da criança e o respeito à diversidade. As creches e pré-escolas são espaços de “descoberta do mundo” pela criança e onde participam de experiências sociais significativas. Nossa inquietação originou-se ao presenciarmos diálogos negativos, entre crianças de três anos, sobre o cabelo de uma

106 Universidade Estadual do Ceará – UECE, andria.magalhaes@aluno.uece.br

107 Universidade Estadual do Ceará – UECE, mariana.cunha@aluno.uece.br

108 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB,
jrflaviomaciel53@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

coleguinha. Diante dessa situação, nos perguntamos: o que deveríamos fazer? Quais práticas pedagógicas nos ajudariam a romper, em sala de aula, com a reprodução de estereótipos do cabelo crespo? E como fazer isso em uma turma de educação infantil com crianças de três anos? Isto posto, temos como objetivo compartilhar um relato de experiência sobre o respeito à diversidade racial na educação infantil a partir da valorização do cabelo crespo.

METODOLOGIA

A experiência aqui relatada foi vivenciada junto a crianças de uma turma de infantil III, em um centro de educação infantil do município de Fortaleza, no mês de março do ano de 2019. Com o objetivo de trabalharmos o respeito à diversidade racial na educação infantil a partir da valorização do cabelo crespo, utilizamos rodas de conversa direcionadas a temática; contação de histórias afro brasileiras; momentos para olhar e tocar os diferentes tipos de cabelos dos colegas da turma e desenhos animados com personagens principais negros. Isto posto, nossa pesquisa teve uma abordagem qualitativa e de campo (OLIVEIRA, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao nos depararmos com o diálogo entre as crianças, falando que o cabelo de uma coleguinha era feio e duro, nossa atitude foi a de chamá-las para uma “roda de conversa”. Naquele momento, percebemos a necessidade de desenvolvermos práticas pedagógicas que promovessem o respeito à diversidade racial, o combate à reprodução de estereótipos e o incentivo ao sentimento de pertencimento das crianças. As rodas de conversa foram destinadas para dialogarmos sobre a identidade e o respeito às nossas diferenças. Utilizamos a obra “O cabelo de Lelé” para falar um pouco sobre identidade e o sentimento de pertencimento das crianças. Foi um momento muito rico, pois as crianças se identificaram

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

com o cabelo da personagem da história. Para tornar o momento mais lúdico, tingimos de preto macarrão tipo parafuso, para que as crianças reproduzissem o cabelo de Lelê. Em outro momento, propusemos às crianças que olhassem e tocassem nos cabelos umas das outras para que percebessem suas diferenças e semelhanças e assim reconhecer suas próprias características, tal iniciativa foi realizada com o consentimento das crianças. Desenhos como “Bino e Fino”; “Guilhermina e Candelário” e “Bia Desenha”, por terem protagonistas negros, foram reproduzidos durante o recreio ou ao final da aula para que as crianças se identificassem com os personagens e desenvolvessem um sentimento de pertencimento, queríamos que as crianças se reconhecessem e se sentissem socialmente representadas através dos personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o debate acerca do respeito à diversidade racial, a partir da valorização do cabelo crespo na educação infantil, é fundamental para a constituição da identidade e do sentimento de pertencimento da criança, devendo ser contínuo na prática docente desde a educação infantil. É urgente que o Projeto Político e Pedagógico das escolas seja claro sobre o como trabalhar a educação antirracista. O professor deve estar atento ao que acontece na escola, em especial no que ocorre em sua sala de aula. Não podemos nos omitir diante de situações em que o preconceito é reproduzido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ENSINO DE HISTÓRIA E A TEMÁTICA INDÍGENA: O USO DA MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO

Kévia Daniele da Silva¹⁰⁹
Natália Pinheiro Bezerra¹¹⁰

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a experiência de estágio com os alunos do 8º ano da escola de ensino fundamental Pedro Felício Cavalcante, localizada no município de Crato-CE, durante o qual trabalhamos com a temática indígena por meio da utilização da música Índios da banda Legião Urbana, como ferramenta para repensar a colonização do Brasil e para a efetivação dos conteúdos previstos na lei n. 11.645/08. Ao longo do estágio, nossos percursos metodológicos se concentraram na aula expositiva-dialogada e leitura direcionada de letras de músicas, pois esta é uma ferramenta que faz parte da vida prática dos estudantes. Sendo assim, partimos da perspectiva de Bittencourt (2005), que chama atenção para a importância em se trabalhar em sala de aula os “documentos não escritos”.

Palavras-chave: Ensino da temática indígena. Lei 11.645/08. Música.

INTRODUÇÃO

Os povos indígenas historicamente foram representados pela “História oficial” e pelas escolas em analogia ao passado, ou seja, apareciam na história somente durante o “descobrimento” do Brasil, na formação da nação brasileira, no surgimento de novas cidades ou em datas comemorativas, como o “dia do índio”. Quando analisamos o modo como as

109 Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras e graduada em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Pesquisa sobre Literatura Indígena Brasileira e sobre o Ensino da História e cultura indígena. E-mail: keviads15@gmail.com

110 Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Pesquisa sobre poesia de autoria feminina no Cariri cearense. E-mail: natalia.pin17@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

escolas de ensino fundamental do Crato, em específico, a E.E.F. Pedro Felício Cavalcante, tratam sobre a temática indígena, observamos que geralmente reproduzem estereótipos e veiculam visões eurocêntricas e evolucionistas perpassando a noção de que no Nordeste os índios “desapareceram”, “perderam a cultura”, que existe apenas “caboclos”, etc. Diante dessa problemática, elaboramos algumas atividades durante as aulas do estágio supervisionado do curso de História da Universidade Regional do Cariri (URCA), com a turma do 8º ano “D”. Deste modo, trabalhamos com o conteúdo acerca da colonização do Brasil através do uso da música *Índios*, da banda Legião Urbana, a partir dela analisamos e discutimos sobre concepções eurocêntricas, estereótipos, preconceitos, etc.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Nas últimas décadas a disciplina de História tem utilizado diversas “linguagens alternativas” – também denominados de “documentos não escritos” (BITTENCOURT, 2005) – como recurso didático em sala de aula, para trabalhar com temas relacionados tanto aos conteúdos quanto ao cotidiano dos alunos, entre tais recursos podemos destacar: os museus, filmes, fotografias, patrimônio históricos e culturais, etc. Durante a experiência de estágio percebemos que a linguagem musical, em particular, se configurou como um importante instrumento para o professor compreender a estética, o gosto e a nova geração, pois, é um meio de comunicação que está próximo da vivência dos jovens (BITTENCOURT, 2005). Pôr a música está próxima da vivência dos alunos, se constitui enquanto um “recurso didático motivador e prazeroso” (DAVID, 2012: 108) contribuindo para a construção de conhecimentos históricos. Portanto, o uso da música em sala de aula pode auxiliar o professor a trabalhar com a temática indígena de forma interdisciplinar, pois, além desta ferramenta propiciar entretenimento, tornando a aula mais lúdica, também contribui para a promoção do processo de ensino-aprendizagem. A incorporação de tal linguagem nas aulas de História exige tanto do professor como dos alunos a realização de análises históricas do contexto,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

tempo, espaço, valores sociopolíticos na qual este recurso foi produzido, ou seja, a música não deve ser apresentada pelo professor como uma ferramenta decorativa nas aulas, simplesmente para torná-las mais agradáveis. Mas essa ferramenta deve ser utilizada de forma que o professor relacione o conteúdo trabalhado com o que a música trata, criando a partir daí uma situação-problema que auxilie a construção dos conhecimentos históricos, instigando os alunos a reflexão sobre como e porque dado assunto é representado de tal forma na música.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Ao longo da experiência de estágio nos deparamos em sala de aula com outros desafios além dos que foram mencionados no início, percebemos que, embora nos últimos anos o número de estudos referentes aos povos indígenas tenham crescido significativamente, boa parte desses debates pouco tem adentrado no âmbito da educação básica. Não existe um diálogo entre os estudos produzidos no âmbito acadêmico e a prática escolar do professor. Por isso, muitos professores permanecem reproduzindo concepções eurocêntricas e pejorativas acerca dos indígenas.

Nesse sentido, se faz necessário uma (re)orientação e re(organização) das práticas pedagógicas no atendimento à lei 11.645/08 (RABESCO, 2014). É preciso que se possibilite um ambiente escolar democrático, onde ofereça um leque de diálogos aos estudantes acerca das práticas preconceituosas e discriminatórias, além do reconhecimento e valorização da diversidade sociocultural dos povos indígenas.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. M. F. Documentos não escritos na sala de aula. In: _____. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

DAVID, C. M. **Música e ensino de História** uma proposta. In: SCHLÜNEN, E. T. M. e MALATIAN, T. M. (Org.). Caderno de Formação: formação de professores didática de conteúdo. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 8, p. 108-123, 2012.

RABESCO, R. **O ensino de história e cultura indígena na escola: os desafios da formação e da prática educativa através da musicalização**. Disponível em: <http://fundacaoarapora.org.br/moitara/wp-content/uploads/2016/02/46-o-ensino.pdf>. Acesso em: 20 de junho 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ESTABELECENDO UM DIÁLOGO: LEI 10.639/2003 NO ENSINO BÁSICO E UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Aliana Francisca da Silva¹¹¹
Rosália Felipe da Silva¹¹²
Reginaldo Ferreira Domingos¹¹³

RESUMO

O racismo se perpetua silenciosamente nos espaços educacionais e tal realidade é posta cotidianamente causando sérios danos na valorização étnico-racial. Propõe-se aqui, um recorte analítico de uma investigação sobre a Lei 10.639/2003 nas escolas de ensino básico da região Brejo-santense. Analisou-se uma das perguntas do questionário semiestruturado usado na coleta de dados, valendo-se dos métodos qualiquantitativos. Prevalendo o desconhecimento da lei na maioria dos resultados obtidos, evidenciando falhas no processo de uma educação antirracista e do enfrentamento ao racismo estrutural.

Palavras-chave: Educação Antirracista; Lei 10.639/2003; Racismo Estrutural.

INTRODUÇÃO

Subalternidade e exclusão são alguns dos aspectos que caracteriza o Brasil como responsável por impossibilitar ascensão a uma educação que favoreça segmentos étnico-raciais marginalizados e invisibilizados, pois ainda persiste “uma realidade marcada por posturas subjetivas e objetivas de preconceito, racismo e discriminação aos afrodescendentes, que, historicamente, enfrentam dificuldade para o acesso e a permanência nas escolas” (BRASIL, 2004, p. 07).

111 Universidade Federal do Cariri – UFCA, alianafrancisca228@gmail.com

112 Universidade Federal do Cariri – UFCA, rosalia.felipe.bs@gmail.com

113 Universidade Federal do Cariri – UFCA, reginaldo.domingos@ufca.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Através de reivindicações do Movimento Negro Brasileiro em prol de uma educação antirracista e no enfrentamento ao racismo estrutural, em 2003 foi sancionada a Lei 10.639¹¹⁴, que além de um ato legal é uma ação política e legítima. Compreender os elementos necessários para implementação dessa lei se faz relevante para promoção de práticas pedagógicas e metodologias pautadas na inclusão que possam garantir a eficácia da lei em questão. Assim, objetivou-se a realização de um recorte analítico sobre as respostas obtidas na oitava pergunta do questionário utilizado nas entrevistas de uma investigação sobre o conhecimento da lei supracitada nas escolas de ensino básico da Microrregião Brejo-santense.

METODOLOGIA

Metodologicamente valeu-se de uma entrevista semiestruturada, composta por 15 (quinze) questões voltadas ao corpo docente e núcleo gestor de 34 (trinta e quatro) escolas municipais das cidades de Brejo Santo e Porteiras, Ceará. Para tal intento, o recorte analítico frisou a oitava¹¹⁵ questão da entrevista. Contou-se com a participação de 269 (duzentos e sessenta e nove) gestoras/es e professoras/es. Na sistematização e levantamento das conjecturas, utilizou-se dos métodos qualiquantitativos por se tratar de uma pesquisa de campo e pela relação intrínseca entre esses métodos, tornando-os auxiliares entre si e garantindo maior precisão nos resultados (LEITE, 2008).

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A seguir nota-se que das/os entrevistadas/os 83,64% (oitenta e três vírgula sessenta e quatro por cento), o equivalente a 225 (duzentos e vinte cinco) disseram desconhecer a Lei

114 Estabelece a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no ensino básico (BRASIL, 2003).

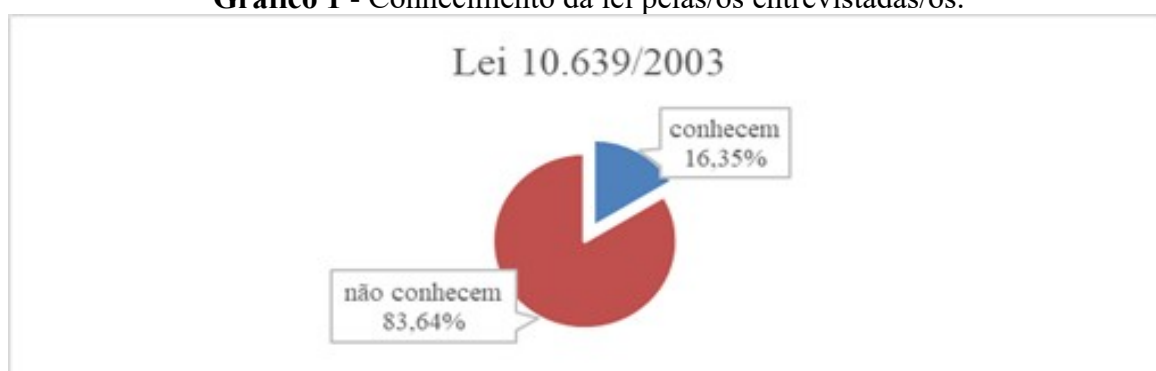
115 08-Já ouviu falar da Lei 10.639? (Se sim, o que aborda).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

10.639 e 16,35% (dezesseis vírgula trinta e cinco por cento) referente a 44 (quarenta e quatro) afirmaram conhecê-la.

Gráfico 1 - Conhecimento da lei pelas/os entrevistadas/os.



Fonte: Dados da pesquisa.

Alusivo a Lei 10.639/2003 e a promoção de uma educação antirracista, os dados obtidos demonstram uma lacuna na implementação desta lei, pois a maioria das/os entrevistadas/os a desconhecem e se não possuem tanto conhecimento na teoria, na prática esse resultado não é tão diferente. Pois, “as práticas precisam de teorias que possam esclarecer e orientar o que, o como e o para que da atuação dos indivíduos para responder aos seus objetivos, os quais devem possibilitar a todos, independentemente, do gênero, etnia, raça e classe social, ter acesso a conhecimentos que permitam transformar a si e a sua realidade” (NUNES; SANTOS, 2011, p. 62).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das falhas no conhecimento e implementação da Lei 10.639/2003 faz-se necessário práticas que sejam trabalhadas nos espaços escolares de modo a promover uma educação pluricultural, multirracial e de respeito à diversidade e igualdade. Tendo como consequência uma educação efetiva no enfrentamento ao racismo estrutural (BRASIL, 2004; CANDAU, 2008; GOMES, 2008).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília/DF, SEPPIR, 2004.

_____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília/DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 8 set. 2018.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. *In:* MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria, (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis: Vozes, 2008. cap. 1, p. 13-37.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. **Revista Retratos da Escola**, v. 2, n. 2-3, p. 95-108, 2008.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros.** 3 ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

NUNES, Cicera; SANTOS, Risomar Alves. A formação de professores e a inclusão da Lei N° 10.639/2003 nas práticas educativas no cariri cearense. *In:* CUNHA JÚNIOR, Henrique; SILVA, Joselina da; NUNES, Cicera (Org.). **Artefatos da Cultura Negra no Ceará.** Fortaleza: UFC, 2011, cap. 3, p. 56-72.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTANDO A HISTÓRIA DA BONECA ABAYOMI NO
CONTEXTO ESCOLAR**

Josivando Ferreira da Cruz¹¹⁶

RESUMO

O estudo trata de experiências desenvolvidas no Estágio Supervisionado na Educação Infantil. As experiências configuram-se em iniciativas de ensino da cultura africana no contexto escolar da rede pública de ensino, em Fortaleza-CE, através da contação de história da boneca Abayomi. O estudo é qualitativo, bibliográfico e empírico. Das vivências produziram-se apresentações musicais, teatrais e danças, assim como, a confecção e distribuição das bonecas para as crianças, juntamente com a contação de história. Constatou-se contribuições na formação e aceitação da cultura africana em sala de aula.

Palavras-chave: Cultura Africana e Afro-brasileira; Boneca Abayomi; Cultura Negra.

INTRODUÇÃO

O estudo trata de experiências formativas desenvolvidas na disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, no período 2018.1. As experiências configuram-se em iniciativas de ensino da cultura africana e afro-brasileira no contexto escolar, especificamente, junto a uma turma de Infantil II, da rede pública de ensino, em Fortaleza-CE, através da contação de história de uma boneca denominada Abayomi.

116 Universidade Estadual do Ceará – UECE, josivando10gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

As ações tiveram como finalidade reforçar a importância da multiculturalidade no ambiente escolar, apresentando um pouco sobre a arte da cultura africana e, assim, tentar favorecer o fortalecimento das relações étnico raciais na escola desde a creche. O objetivo deste texto é, portanto, partilhar as experiências formativas desenvolvidas no decorrer do estágio em questão. Desse modo, o estudo contextualiza brevemente a valorização da cultura africana e afro-brasileira, a partir das experiências do pedagogo em formação na educação infantil.

METODOLOGIA

O estudo é qualitativo, bibliográfico e empírico, ancorado em Oliveira (2016), Gomes (2017), Azevedo (2013) e Oliveira (2011). A pesquisa desdobra-se em encontros realizados na universidade e na escola.

Na escola, realizou-se observações e a coleta de dados, centrando-se na turma em que ocorreu as experiências formativas. O período de 27/08/2018 à 19/09/2018 destinou-se para as observações e coleta de dados, totalizando 10 visitas destinadas à escola para essa tarefa. Após o período de observação, iniciou-se a implementação das intervenções, as quais ocorreram entre os dias 08/10/2018 à 14/11/2018.

Das vivências produziram-se apresentações musicais, teatrais e danças, juntamente com a contação de história da boneca Abayomi. Houve, também, a confecção e distribuição das bonecas para as crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trajeto formativo do pedagogo apresenta em seu percurso desafios que devem ser superados, como o caso da prática pedagógica exercida em sala de aula. Segundo Oliveira

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

(2011), o contexto da educação infantil enquanto campo de formação/atuação do pedagogo apresenta fundamentos e métodos voltados para a sua qualificação. Dentre os processos teórico-metodológicos, Azevedo (2013) ressalta a relevância do planejamento educacional, o qual pudera pontuar proposições subjetivas, ou seja, deve ser elaborado no período presente, porém, prevendo ações e reações futuras. Nessa perspectiva elaboramos planejamentos entrelaçados as questões étnico-raciais na intenção de compartilhar um pouco da cultura africana na escola.

Propostas que desconstroem ideologias cristalizadas impostas pela classe dominante, fortalecem o contexto educacional. Iniciativas que reconhecem a importância da cultura africana no processo de ensino e aprendizagem solidificam e servem para promover rupturas na ordem estabelecida, como o caso da contação de história da boneca Abayomi (GOMES et al., 2017).

A história da boneca Abayomi caracteriza-se como um instrumento pedagógico expressivo no combate ao racismo, assim como, no resgate da memória, da identidade e da cultura africana e afro-brasileira. Segundo Oliveira (2016) a essência dessa narrativa iniciou-se no período colonial, mas foi documentada somente em 1988, na intenção de ressaltar a importância da identidade negra por meio de ações que simbolizara a resistência africana e que contribuíra no processo de conscientização. Das intervenções desenvolvidas na escola, constatou-se contribuições na formação e aceitação da cultura africana em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões elencadas acima fomentaram na promoção de atividades formativas de cunho artístico cultural, tanto por meio do reconto da história da boneca Abayomi que expressa os acontecimentos dos nossos antepassados, quanto sua confecção, configura experiências que qualificam essas ações pedagógicas em metodologias indispensáveis de serem desenvolvidas em sala de aula ou mesmo em outros espaços para além da escola. Das

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ações desenvolvidas, concluiu-se também que, o conto e reconto da história da boneca Abayomi configurou-se em aprendizagens significativas sobre a cultura africana e afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. **Educação infantil e formação de professores:** para além da separação cuidar-educar. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

GOMES, Edlaine de Campos et al. A Boneca Abayomi entre Retalhos, Saberes e Memórias. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 251-264, jan/jul, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/download/75745/43150>. Acesso em: 02 set. 2020.

OLIVEIRA, Fernanda Soares de. **Amarrando Tecidos e Desatando Preconceitos:** Bonecas Abayomi como Estratégia de Ensino-Aprendizagem da História e Cultura Africana. Universidade Federal de Goiás - UFG. Jataí-GO, 2016. Disponível em: http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1478366863_ARQUIVO_Artigobonecas.pdf. Acesso em: 05 set. 2020.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO PEDAGÓGICO

Francisco Joel Nascimento de Moura¹¹⁷

RESUMO

A História e a cultura Afro-brasileira e Indígena influenciam fortemente a cultura brasileira, porém os currículos oficiais de ensino só passaram a contemplar o ensino desta temática após a Lei 10.639/2003; e mesmo com a obrigatoriedade, ainda se percebe um ensino bastante superficial nas salas de aula em relação ao tema. Foi nesta perspectiva e baseado na experiência de um estágio não curricular que um projeto pedagógico foi desenvolvido visando sanar a ausência desta temática em uma determinada sala de aula. Logo, este trabalho apresenta o desenvolvimento deste projeto pedagógico, bem como os resultados alcançados com os educandos envolvidos.

Palavras-chave: História e Cultura afro-brasileira; História e Cultura Indígena; Projeto Pedagógico; Lei 10.639/2003.

INTRODUÇÃO

Os currículos oficiais de ensino, até o início do século XXI, não contemplavam o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena, e isso só mudou em 2003, quando a Lei 10.639 foi sancionada, alterando então a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/96 e tornando obrigatório este ensino. Contudo a lei não obriga que estes conteúdos sejam ministrados na forma de uma disciplina específica, mas sejam ministrados no âmbito de

¹¹⁷ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE, Especialista em Alfabetização e Letramento, Pedagogo. joelmoura.prof@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

todo o currículo escolar, principalmente através das aulas de Educação Artística e de Literatura e História do Brasil.

Nessa perspectiva, foi desenvolvido um projeto pedagógico voltado para o ensino de aspectos da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena e que dá origem a este trabalho, pois diante da experiência em um estágio não obrigatório em uma escola do Sistema S pude perceber a ausência deste conteúdo, bem como diversas situações delicadas de tratamento entre as crianças, situações em que as mesmas se davam adjetivos muitas vezes desagradáveis que faziam relação com sua cor, peso ou cabelo.

O projeto surgiu com o objetivo de trabalhar a cultura afro-brasileira e indígena em uma perspectiva de reconhecimento e respeito às diferenças, considerando principalmente os aspectos étnicos dessas culturas e desconstruindo essas ideias de cunho racista e preconceituoso que as crianças demonstravam mesmo sem saber. Assim, este trabalho tem o objetivo de apresentar o desenvolvimento deste projeto pedagógico, bem como os resultados obtidos com as crianças que participaram do mesmo.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de um projeto pedagógico criado em um estágio não curricular com educandos do 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola do Sistema S em Fortaleza-CE. O mesmo leva em considerações os conhecimentos prévios dos educandos envolvidos no projeto em relação a temática abordada e suas experiências pessoais; e as atividades desenvolvidas ocorreram no espaço escolar envolvendo diretamente os educandos.

Desta forma o trabalho aqui apresentado tem uma abordagem qualitativa, haja vista que esse tipo de pesquisa responde questões muito particulares, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2009). Desta forma tem sua classificação como um estudo de campo, pois segundo

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Gil (2002) a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e o pesquisador realiza maior parte do trabalho pessoalmente.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O projeto teve como proposta promover ações de resgate à cultura e a história dos povos afro-brasileiros e indígenas, conscientizando os educandos de que cada etnia apresenta contribuições para a formação de seu povo e tem influência nas formações e cultura de outros povos.

Tendo em vista que a cultura é algo histórico, as atividades voltavam-se para conhecer as histórias e heranças culturais desses povos, assim os educandos conheceram danças, alimentação, vocabulário, músicas, artes e brincadeiras. Participaram de oficinas utilizando argila, turbante e pinturas corporais, que se deram posteriormente ao conhecimento de suas respectivas histórias e significados.

Realizaram leituras de histórias, mitos e lendas africanas e indígenas, como também, foram apresentados à vídeos didáticos e literários, possibilitando o aprendizado sobre essas culturas através da literatura infantil e sempre realizando rodas de conversas, atividades de produção e inferência textual após cada atividade.

O projeto teve seu encerramento/culminância com uma pequena apresentação de Maracatu preparada e apresentada pelos educandos. Confeccionaram seus adereços e tocaram os instrumentos além de cantarem e dançarem a música durante a apresentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esperado era que através deste projeto as crianças compreendessem a importância da cultura afro-brasileira e indígena para a formação do povo brasileiro. Conhecessem os

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

elementos da herança desses povos e os valorizassem como parte de nossa cultura, despertando a curiosidade nos educandos e fizessem com que tivessem interesse em buscar novas informações sobre o assunto, ultrapassando os limites da sala de aula.

Logo, tendo como base uma produção textual, diálogos após o projeto, e observações, pode-se concluir que o mesmo alcançou o esperado, haja vista que em suas escritas e falas as crianças demonstraram uma consciência crítica sobre discriminação racial e étnica, reconheciam aspectos culturais influenciados por esses povos e reconheciam em suas falas adjetivos ofensivos quando relacionados a cor, peso ou cabelo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; DERLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2009.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

IMPLEMENTAÇÕES DAS LEIS Nº 10.639/03 E Nº 11.645/08 E SEUS IMPACTOS NAS ESTRUTURAS LEGAIS DE ENSINO

Antonia Tayane de Souza Costa¹¹⁸
Pedro Hawyr Bezerra da Silva¹¹⁹
Natalia Bezerra Rodrigues¹²⁰

RESUMO

O vigente trabalho tenciona contribuir com as discussões já existentes em referência as implementações e a relevâncias das leis nº. 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira nas instituições de ensino fundamental e médio; e à amplificação dela, a lei nº. 11.645/08 acarretando também o ensino da história e da cultura dos povos indígenas brasileiros. Analisando-as, nos manifestou a seguinte indagação: Como a efetuação dessas leis contribuem para uma formação cultural afro-brasileira? Considerando isso, nossa pesquisa é de cunho qualitativo e de carácter exploratório, onde buscamos compreender e sondar a atuação dessas leis na prática social, se denominando assim uma pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa ainda se encontra em andamento.

Palavras-chave: Legislação; Cultura Afro-brasileira; Educação.

INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa tem como intuito colaborar com as discussões já existentes em referência as implementações e relevâncias destas leis, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros. Uma vez que elas afirmaram novas práticas e diretrizes pedagógicas, voltadas assim a outorgar uma maior significância e um aporte à população indígena e negra no processo de formação da sociedade

118 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA, tayane.souza@urca.br

119 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA, pedrohawyr@gmail.com

120 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA,
nataliabezerrarodrigues@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

brasileira. Ademais, foi utilizado também para execução desta pesquisa, fundamentações em autores como Mauro, Braga e Soares (2009), e Silva e Ribeiro (2019).

METODOLOGIA

Nossa pesquisa é de cunho qualitativo e de caráter exploratório, onde nós buscamos compreender a implantação dessas ações afirmativas e sua magnitude, se denominando assim uma pesquisa bibliográfica documental.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Para início de argumentação se faz evidente atenuar os agentes histórico políticos essenciais para a criação de ações afirmativas como essas. Segundo Mauro, Braga e Soares (2009):

a três fatores que deram o tom ao processo de criação da Lei 10.639/03: as contribuições teórico metodológicas do pensamento social no Brasil sobre as relações raciais, as demandas do movimento negro e as pesquisas em educação sobre relações raciais. É importante ressaltar que a exposição destes fatores não segue uma rígida sistematização porque isso implicaria ignorar a interdependência existente entre eles.

Em relação as discussões existentes sobre essa pauta aqui no brasil foi deveras importante os estudos engendrados pelo Projeto Unesco, a partir de 1950 que de acordo com Mauro, Braga e Soares “ao trazerem à tona nuances da discriminação racial no brasil, inclusive [...] no sistema escola, abriram espaço para se pensar e reivindicar a elaboração de mecanismos que garantem acesso da população negra ao sistema educacional.” Com análises como essas já foi sendo cada vez mais perceptível a discriminação racial nas instituições de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ensino, que infelizmente ainda persevera até hoje, mesmo com dispositivos legais como essas leis.

Outro fator que é de suma significância, e de certa forma a principal para a criação dessas leis e para o reconhecimento e contribuições a população negra e indígena não só nas escolas, mas também para toda a sociedade é o movimento negro, que demonstram com devida atenção os problemas das desigualdades raciais e lutam pelos seus direitos, para que tenha uma sociedade onde não os exclua e sim os vejam como iguais, promovendo efetivamente a inclusão social desses povos.

Partindo já para os impactos das implementações dessas leis nas instituições de ensino. Conforme a Revista Exitus (2019):

a diversidade social ocupa as escolas pela presença concreta de seus frequentadores: negros, índios, brancos, adultos e crianças de diferentes idades. Tendo como em vista que o compromisso político da educação é um bem público, a igualdade constitui valor fundamental no processo de formação da sociedade brasileira. [...] Desse modo, elas devem ser encaradas como parte fundamental do conjunto de políticas que visam uma educação de qualidade e igualitária.

Em visão disso compreende-se que os impactos dessas leis existem para que haja um ensino mais igualitário partindo para uma sociedade mais igualitária, lutando assim contra o racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa ainda se encontra em andamento, temos muito o que explorar e abordar. Portanto não possui uma conclusão concreta. Contudo se faz notório então como é importante essas ações afirmativas visando eliminar cada vez mais com as desigualdades e segregações nas instituições de ensino, como também na sociedade, contribuindo assim para

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

que haja uma formação Cultural Afro-brasileira. E conseqüentemente ajudando para que a população negra e indígena não faça mais parte dos grupos marginalizados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Brasília, DF, 09 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 22 out. 2020.

_____. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília, DF, 10 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 22 out. 2020.

MOURA, Ana Carolina., BRAGA, Maria Lúcia de Santana., SOARES, Eliane Veras. A Lei 10.639/03: da luta política à implementação. **Revista do PPGPS / UENF**. Campos dos Goytacazes, v.3, n.2, mai-ago / 2009, p. 78-120, ISSN 1981-9862.

SILVA, Marcos Antonia Batista da., RIBEIRO, Maria Silva. Diversidade cultural nas políticas públicas: uma análise das Leis 10.639/03 e 11.645/08. **Revista Exitus**, Santarém-PA, Vol. X, Nº X, p. 77 - 101, Edição Especial 2019.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

LEI 10.639/2003: A FORMAÇÃO CONTINUADA, AS MÍDIAS E O IMAGÉTICO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Edileusa Francisca da Silva¹²¹
Suzana Maria Amorim do Monte¹²²
Reginaldo Ferreira Domingos¹²³

RESUMO

A Lei 10.639/2003 tornou obrigatório discussões voltadas às questões étnico-raciais e nesse viés analítico apresentamos o projeto de extensão o qual vem tendo ações desde o ano de 2018. Esse projeto é fruto de resultados do projeto de pesquisa. Ambos realizados no âmbito da UFCA. Esta proposta objetiva relatar uma experiência vivenciada do projeto de extensão em uma das ações realizada com professoras/es de humanas da cidade de Brejo Santo. Atividade, “(Re) construção da identidade da pessoa negra”, que ora se apresenta foi focada na discussão da relação entre imagens e mídias e seus reflexos na identidade da população negra, pois entende-se, a partir dos estudos teóricos, a necessidade de trabalhar a identidade racial na formação das/os educadoras/es e fazê-las/os compreender a sistematização do racismo estrutural também nesses meandros.

Palavras-chave: Formação continuada. Identidade. Lei 10.639/2003.

INTRODUÇÃO

O processo de construção da identidade racial é demorado e inacabado (FERNANDES; SOUSA, 2016; BRASIL, 2004) de tal forma que passa por constantes alterações à medida que a estrutura se reorganiza. No Brasil esse processo é mais lento devido

121 Universidade Federal do Cariri – URCA, edileusasilva444@gmail.com

122 Universidade Federal do Cariri – URCA, suzana.maria@aluno.ufca.edu.br

123 Universidade Federal do Cariri – URCA, reginaldo.domingos@ufca.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

a negação do racismo no país e a afirmação de uma “democracia racial” que para muitas pessoas o país é livre do racismo.–Importante destacar que a diversidade não é trabalhada de forma devida e amplitude necessárias nas escolas, mantendo um formato em que perpetua um único padrão hegemônico eurocêntrico. No intuito de buscar reverter essa lógica do racismo estrutural, em que fere as identidades da população negra, destaca-se a Lei 10.639/2003. Entretanto, existem muitas falhas no processo de implementação na prática docente. Isso, ocorre por não terem tido formação adequada. Diante de tais reflexões, se despertou para refletir, a partir do projeto de extensão, a relação da produção imagética e a construção da identidade da população negra.

O IMAGÉTICO E A FORMAÇÃO CONTINUADA

A ação intitulada “(Re) construção da identidade da pessoa negra” foi realizada no mês de novembro de 2019 com professoras/es de ciências humanas do ensino fundamental do município de Brejo Santo, no estado do Ceará. Tal atividade foi pensada para a formação com o corpo docente, pois, pesquisas têm evidenciado que “[...] o uso de imagens positivas é de grande relevância para a formação da identidade da criança e/ou adolescente e/ou jovem negro/a. E as histórias [...] trabalhadas pelas escolas em muito contribuirão para essa formação identitária” (DOMINGOS, 2019, p. 40) (CAVALLEIRO, 2001).

A atividade se dividiu em dois momentos. O primeiro, discussão teórica, e o segundo apresentação e diálogo com o público docente em torno da presença de pessoas negras na mídia e nas refilmagens em que pessoas negras interpretarem personagens que outrora fora interpretados por pessoas brancas.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

RESULTADOS DA AÇÃO DE EXTENSÃO

Durante a ação de extensão “(Re) construção da identidade da pessoa negra” foi comum ouvir relatos das/os docentes sobre como as propagandas influenciam na construção da identidade, quando indagadas/os sobre “Quantas famílias negras você viu em propagandas essa semana?” a resposta foi unânime: “Nenhuma” “Quantas famílias não negras você viu em propagandas essa semana?” As respostas foram: “muitas”, “em imagens promocionais de consultório odontológico, em *outdoors* de loteamentos”. Uma professora apontou a questão do livro didático em que pouco se é apresentada imagens de pessoas negras e quando é apresentada é de forma vitimizada. Quando perguntadas/os sobre “Você acha que essas questões repercutem na mentalidade da criança negra? Afeta seu desenvolvimento? E sua vida?” diante de tais indagações se discutiu sobre como os estereótipos têm gerado preconceitos e como tem afetado a vida de muitas pessoas, assim a ação representou um importante papel para a construção de uma educação antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira inicial, pois aqui não se pretende esgotar a reflexão e muito menos cair no reducionismo analítico, pode-se observar a ausência de representatividade negra nas animações para crianças, como alguns estudos já tem sinalizados. Outro lado possível e passível de análise crítica é o fato que muitas vezes essa representatividade, na maioria dos casos, surge de forma estereotipada gerando mais preconceitos em relação à identidade negra. Nisto, surge a importância da (re)construção da identidade da pessoa negra para que em diferentes espaços de reprodução midiática se produza representatividade que contribua para uma perspectiva não negativa e sim de propagação e geração de autoestima desse grupo social.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidente da República. Casa Civil. **Lei no 10.639**. Publicada em 09 de janeiro de 2003.

_____. Ministério da Educação/Secad. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. (org.). **Racismo e Anti-Racismo na Educação**: Repensando nossa escola. São Paulo, Selo Negro, 2001.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. **Lei 10.639/2003 questões raciais e identitárias**: uma irrevogável ação política, um diálogo necessário na educação básica. Revista Exitus, v. 9, p. 22-46, 2019.

FERNANDES, Viviane Barboza; DE SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 63, p. 103-120, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação, p.143-154. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na escola**. Ministério da Educação, Brasília, 2005.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O COMBATE À FRAUDE DAS COTAS RACIAIS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS: FISCALIZAR OU CRIMINALIZAR?

Julia Alves de Andre¹²⁴

RESUMO

O presente trabalho foi feito através de um levantamento bibliográfico, quantitativo e qualitativo, sobre as fraudes nas cotas raciais, com escopo de organizar e debater a respeito da melhor forma de lutar contra a temática. A fraude nas cotas raciais ganhou repercussão no primeiro semestre de 2020 através de inúmeras denúncias formuladas por movimentos sociais, que tornaram evidente a facilidade em burlar o sistema, e a possível impunidade do sujeito. Dessa forma, é proposto um juízo de ponderação, o qual conclui que a criminalização desse desvio não será necessária caso haja uma fiscalização mais rígida sobre a referida ação afirmativa.

Palavras-chave: Cotas raciais; fraudes; fiscalização; criminalização.

INTRODUÇÃO

As cotas sociais foram instituídas no Brasil através da Lei nº 12.711/2012, com principal objetivo de promover a isonomia material para grupos que padecem de injustiças históricas. Diante disso, para concorrer às vagas apartadas de cotas raciais, é necessário, em regra, o enquadramento em dois requisitos, sendo estes: ter estudado durante todo o Ensino Médio em escolas públicas e a autodeclaração, ou seja, se considerar preto, pardo ou indígena (BRASIL, 2012).

124 Graduanda do curso de Direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA e do curso de Ciências Políticas pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER. julialvesd@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Sucedese que, desde a implementação do programa, o número de fraudes foi recorrente, até que, durante o primeiro semestre de 2020, mediante redes sociais, iniciaram campanhas, e criarem perfis, para receberem e divulgarem denúncias dos potenciais fraudadores.

A partir da repercussão social causada pelas acusações, várias academias se manifestaram, bem como houve uma divisão de opiniões sobre como proceder a partir dos fatos. Isto ocorreu, em grande parte, por ter ficado evidente a facilidade em fraudar a medida, haja vista o candidato ser o único responsável por declarar sua etnia durante o certame e, caso opte por burlar o sistema, não haver tipificação e sanção penal acerca da conduta. Assim, é proposto um debate sobre a temática e como proceder a partir dela.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho é fruto de pesquisa qualitativa e quantitativa, com método de abordagem dedutivo. Nesse contexto, após uma revisão bibliográfica, visando elaborar uma análise científica do objeto, buscou-se deliberar acerca de como reagir às fraudes nas cotas raciais.

A FRAUDE ÀS COTAS RACIAIS E SUA REPERCUSSÃO SOCIAL

Durante o primeiro semestre de 2020, a partir de denúncias feitas através de redes sociais, tornou-se evidente a facilidade em fraudar as cotas raciais. Essas notificações partiram, em grande parte, de grupos anônimos que criaram perfis nas redes sociais, como Instagram e Twitter, denominados “fraudadores de cotas”, no qual recebiam e publicavam denúncias de estudantes universitários de visual branco e condição financeira elevada, que teriam sido beneficiados pela ação afirmativa destinada a pessoas de baixa renda negras ou

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

indígenas. Tal movimento ganhou repercussão e atingiu mais de 100 mil seguidores em menos de 24 horas (CORREIO BRAZILIENSE, 2020).

As denúncias iniciaram contra estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mas, inspiradas no feito, acabou-se por divulgar nomes da maior parte dos Estados nacionais, como da Universidade Federal do Cariri (UFCA), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade de São Paulo (USP), dentre outras.

Nessa linha, conforme estimativas quantitativas da Revista Quero, durante o presente ano, a UNESP expulsou, em média, 30 alunos que ingressaram na instituição por meio das cotas raciais, mas não seguiam os pré-requisitos. A mesma pesquisa mostrou que na UFRJ, mais de 280 denúncias foram feitas desde a implementação da comissão de avaliação. Já na USP, cerca de 40 queixas estão em análise (GIORDAN, 2020). Nessa perspectiva, torna-se manifesto a facilidade em fraudar a referida política pública, além de perceber-se que a quantidade de fraudadores é expressiva.

A LUTA CONTRA ÀS FRAUDES: TIPIFICAR OU SUPERVISIONAR?

A partir da exposição, é necessário debater a respeito da viabilidade de criminalizar a fraude ao programa. São defensores disso os Convidados da audiência pública na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa.

Dentre as justificativas para a tipificação, embasam no fato de ter aumentado os casos de pessoas brancas que se autodeclararam pretas ou pardas para tirarem proveito das cotas em concursos públicos, além da necessidade em ter um tipo penal específico para essa questão, para servir de aviso àqueles que querem burlar o sistema de cotas, bem como a indispensabilidade em estabelecer critérios rígidos para punir os que fraudarem desse projeto social (SENADO, 2015).

Paralelamente, a partir das denúncias feitas nas redes sociais, a maioria das academias se pronunciaram explicando que possuem meios para receber denúncias através de suas

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ouvidorias. Além disso, algumas informaram sobre a adoção de medidas preventivas fiscalizatórias, como a criação de comissões de heteroidentificação.

Pode-se citar o exemplo de nota publicada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que explicitou formas de encaminhar denúncias pelas Ouvidoria, como criação de uma comissão de heteroidentificação, que faz a análise do perfil do estudante já durante a realização da matrícula. Nessa abordagem, é verificado se o candidato possui o perfil para a cota na qual se declarou, e é definido ali se ele tem direito ou não à medida. A instituição destacou que apura todas as denúncias, por meio de uma comissão de sindicância. Assim, se for comprovada, é aberto um processo administrativo para investigação. Se a fraude for comprovada, a Universidade cancela a matrícula daqueles cuja fraude foi apurada pelas duas comissões (RIBEIRO, 2020).

Nessa ótica, está cognoscível que as Instituições possuem mecanismos para combater às fraudes no sistema. Todavia, esses não estão sendo utilizados em sua plenitude. Um exemplo para tal afirmação está na divulgação dos potenciais fraudadores nas redes sociais, tema já abordado, ao invés das denúncias serem encaminhadas diretamente para as Ouvidorias, que é o meio oficial para apuramento delas pelo corpo acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do debate proposto, torna-se nítido que, no Brasil, as ações afirmativas que visam amenizar injustiças históricas, tem sofrido desvio de finalidade através das fraudes.

Dessa forma, é necessário o combate às fraudes, mas ele não precisará ocorrer, necessariamente, através da tipificação penal, se as próprias Autarquias agirem de forma rígida e preventiva, através de mecanismos implantados em âmbito administrativo interno, como a criação de comissões de heteroidentificação ou divulgando o acesso à ouvidorias, que recebem denúncias, forem ativas no combate.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em 9 de agosto de 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. **Grupo denuncia universitários brancos que usaram cotas raciais.** 2020. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/06/04/interna-brasil,861026/grupo-denuncia-universitarios-brancos-que-usaram-cotas-raciais.shtml>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

GIORDAN, Isabela. **Fraudadores de cotas: porque estudantes brancos burlam o sistema de cotas raciais.** 2020. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/fraudadores-de-cotas-por-que-estudantes-brancos-burlam-o-sistema-de-cotas-raciais>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

RIBEIRO, Renan. **Perfis em redes sociais denunciam supostas fraudes no ingresso por cotas na UFJF.** 2020. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/04-06-2020/perfis-em-redes-sociais-denunciam-supostas-fraudes-no-ingresso-por-cotas-na-ufjf.html>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

SENADO. **Fraudes nas cotas raciais pode se tornar crime previsto no Código Penal.** 2020. Disponível em: <https://jurisway.jusbrasil.com.br/noticias/238061643/fraude-nas-cotas-raciais-pode-se-tornar-crime-previsto-no-codigo-penal>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**PENSANDO O ENSINO DE CIÊNCIA ANTIRRACISTA: UMA ANÁLISE SOBRE A
ICONOGRAFIA EM MEIO AOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO SÉTIMO
ANO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE JAGUARIBE**

Elimardo Cavalcante Bandeira¹²⁵
Cristiane Sousa da Silva¹²⁶

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi analisar como a temática étnico-racial está sendo retratada nos recursos iconográficos das coleções de livros didáticos de ciências do sétimo ano adotados nas escolas públicas municipais de Jaguaribe - CE. A metodologia, se deu como uma pesquisa bibliográfica e documental, após a coleta, utilizamos a técnica de análise de conteúdo para elucidar os dados obtidos na pesquisa documental. Observou-se, estereótipos negativos referente a população negra e uma ciência eurocêntrica, nas obras analisadas.

Palavras-chave: Livro Didático; Iconografia; Ensino de ciências; Lei 10639/03.

INTRODUÇÃO

O livro didático (LD), tem sido ao longo dos anos um importante colaborador do professor durante a elaboração e aplicação de suas aulas. O mesmo, oferece ao docente além do conteúdo estabelecido nos currículos, imagens que contribuem para uma boa interpretação por parte dos alunos, e atividades que orientam o professor e auxiliam na fixação conteudista dos assuntos abordados.

125 Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas no Instituto Federal do Ceará – IFCE, Campus Jaguaribe, elimardo.cavalcante@gmail.com

126 Doutora em educação pela UFC, Instituto Federal do Ceará – IFCE, cristiane.silva@ifce.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Com tudo, o LD tem sido objeto de análises contraditórias por diversos pesquisadores, principalmente no referente a abordagem étnico racial. Pois esse, é capaz de desempenhar papel importante auxiliando na superação das desigualdades raciais, mas também pode atuar de forma que venha ajudar a estabelecer ou manter o racismo (SANTOS, 2012). No entanto, o LD é também, um suporte básico privilegiado, estabelecido nas propostas curriculares (BITENCOURT, 2004).

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa do PIBIC 2019-2020 do Instituto Federal do Ceará- IFCE intitulado “Descolonizando Saberes no Ensino de Ciências: Uma Análise Face ao Livro Didático no Ensino Fundamental II” e tem como objetivo analisar como a temática étnico-racial está sendo abordada nos recursos iconográficos das coleções de livros didáticos de ciências do sétimo ano das escolas públicas de Jaguaribe-CE, visando proporcionar um ensino antirracista.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, que de acordo com Bogdan e Biklen (1994), exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, de que tudo tem potencial para construir pistas que nos permitam estabelecer uma noção mais elucidativa do objeto de pesquisa.

Neste artigo, nos detivemos sobre a análise das iconografias relacionadas às questões étnico-raciais dos livros de Ciências 7º ano presente em cinco coleções, a saber: Aprendendo com o Cotidiano, Araribá, Ciências Vida e Universo, Geração Alpha e Observatório Ciências.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise das imagens presentes nas cinco obras, foi possível perceber alguns pontos positivos, em acordo com as normas estabelecidas pelo PNLN. Na obra *Aprendendo com o cotidiano*, página 19, no conteúdo sobre diferenças individuais em uma espécie, apresenta a imagem de quatro meninos, retratando os grupos étnicos, indígena, negro, branco e asiático. Já no livro *Observatório Ciências*, na abertura do capítulo 19, programas indicadores de saúde pública, mostra a imagem de uma médica negra, e no capítulo referente a doenças ao longo da história, página 225, mostra a imagem de um oftalmologista cuidando de um paciente na civilização egípcia.

A humanidade é capaz de inventar, criar e recriar símbolos em conformidade com o estímulo (TEIXEIRA, 2009). Sendo assim, se crianças e adolescentes recebem impulsos estigmatizados referente aos grupos tidos como subalternizados, os mesmos tendem a não se reconhecerem como pertencentes a estes. No entanto, ocorre o processo inverso quando a propagação de conteúdos simbólicos está preocupada em formar cidadãos conscientes das desigualdades históricas que acometem a população negra e indígena no Brasil.

Já no livro *Araribá*, na página 89, retrata quatro pessoas, dentre essas, um homem negro e uma indígena, além de um senhor e uma senhora branca, acima, tem um texto falando sobre um importante botânico, questionando qual daquelas pessoas era o botânico, sendo esse, o homem negro. Esse tipo de recurso é importante no LD, pois permite ao professor evidenciar como o racismo está tão enraizado, que fecha os olhos da humanidade para alguns importantes protagonistas da arte de fazer ciência, dando a eles o mero lugar de coadjuvante, ou as vezes nem isso. Por isso, descolonizar o ensino de ciências e a figura de cientista é uma atribuição imprescindível do LD, e como afirma Pinheiro (2020), empenhar-se em uma visão descolonizada de educação, não é omitir saberes tidos como hegemônicos, e sim dá voz a outras narrativas desprivilegiadas, ou mesmo, eliminadas da nossa construção sócio-histórica.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Enquanto que na página 104 da obra citada anteriormente, é apresentado uma iconografia que retrata dois corredores, um homem branco e uma mulher negra, a pista de corrida à disposição da mulher está repleta de obstáculos, enquanto o caminho está disponível para que o homem branco, aparentemente da classe alta, alcance seus objetivos. Essa imagem permite romper com o ideal de meritocracia, pois mostra que homens, sobretudo brancos, héteros, cis, são cercados de privilégios em uma sociedade que se evidencia como racista, machista, misógina, classista entre outros. E como cita Gomes (2019), o histórico patriarcal e machista nos acompanha desde o período colonial. Libertar-se dessas amarras perpassa também pelo papel do professor e do LD.

As obras retratam alguns estereótipos; na página 118 do livro Araribá, onde é apresentado uma criança negra como o representante humano no ciclo de vida da *Taenia solium*, na página 220 do livro Geração alpha, ilustrando uma criança africana recebendo vacina antipólio, na página 119 do livro Aprendendo com o Cotidiano onde retrata um homem do Sudão com esquistossomose entre outros. Outro ponto que pode ser destacado é a saturação de cientistas europeus presente no livro Ciências Vida e Universo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos uma influência da Lei 10.639/03 em meio a produção literária destas obras submetidas ao PNLD 2020. Todavia, percebemos, a partir dessa pesquisa, que as editoras estão tentando se adequar aos preceitos do edital do PNLD, porém estão distantes de desconstruir estereótipos negativos relacionados à imagem dos negros e indígenas.

Por fim, é importante mencionar a necessidade de novos trabalhos com esta finalidade, não apenas para o ensino de ciências naturais, como também em todas as áreas de conhecimento. Assim como, torna-se fundamental fazer essas produções chegarem as mãos dos docentes, para a promoção de uma efetiva educação plural e antirracista.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

BOGDAN, Robert; BIKLE, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

GOMES, Nilma. Lino. LIBERTANDO-SE DAS AMARRAS: reflexões sobre gênero, raça e poder. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 609-627, 2019.

PINHEIRO, Bárbara. Carine. Silva. TEM A PALAVRA... BÁRBARA CARINE E COLEGAS. **APEduC Revista-Investigação e Práticas em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 207-209, 2020.

SANTOS, Welington dos. **Relações raciais, programa nacional do livro didático (PNLD) e livros didáticos de geografia**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, 2012.

TEIXEIRA, Rozana. A representação social do negro no livro didático de História e Língua Portuguesa. In: **XI Congresso Nacional de Educação-Educere. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 2009.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

POLÍTICA DE COTAS RACIAIS NO BRASIL: CONSTRUÇÃO E DESAFIOS

Maciana de Freitas e Souza¹²⁷
Aylana Paula dos Santos Silva¹²⁸
Francisco Vieira de Souza Junior¹²⁹

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a construção da política de cotas raciais no Brasil e os principais desafios para a sua materialização. Para tanto, apresentamos as principais mudanças no cenário educacional a partir da Lei Federal nº12.711/2012. Os principais resultados denotam que a política de cotas tem contribuído para a entrada da juventude negra no ensino superior. Entretanto, no âmbito do debate, a política de assistência estudantil se constitui como necessária para garantir a permanência dos estudantes cotistas.

Palavras-chaves: Cotas raciais; Educação; Projeto neoliberal.

INTRODUÇÃO

Diante dos avanços sociais e históricos, mais precisamente com a promulgação da Constituição Federal em 1988 e com a lei Federal nº12.711/2012, a partir das lutas do Movimento Negro é perceptível grandes passos no que se refere ao campo da educação. Em face disso, pode ser visto o desenvolvimento das políticas de ações afirmativas no ensino superior com o intuito de promover mudanças na dinâmica social.

127 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, macianafreitas@hotmail.com
128 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, aylana_silva@hotmail.com
129 Centro Universitário FACEX – UNIFACEX, souzajunior007@yahoo.com.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A centralidade investigativa deste trabalho versa analisar a construção da política de cotas raciais no Brasil e os principais desafios para a sua materialização. Será discutido também a contribuição da Assistência Estudantil para a permanência dos jovens negros na educação superior. Nas conclusões, os elementos que estiveram em discussão ao longo do texto e alguns argumentos em defesa das cotas raciais.

METODOLOGIA

A coleta de dados foi feita por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. “A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”. (Vergara, 2005, p. 48) tendo por objetivo contribuir para a compreensão do tema. De modo conjunto, foi realizada uma pesquisa documental tendo por base a Lei Federal nº2.711/2012, que institui as políticas de cotas no ensino superior, a Constituição Federal de 1988 e demais legislações no campo da educação. Os dados serão analisados com base na perspectiva do materialismo histórico dialético, com vistas a apreender a realidade social.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Silvio de Almeida (2018, p.42) afirma que “(...) por ser estrutural, o racismo é também um processo histórico. Desse modo, não se pode compreender o racismo como derivação automática dos sistemas econômico e político”. Nesse processo de desigualdades, as lutas políticas do Movimento Negro Unificado foram essenciais para a construção de ações de resistência em prol da democracia e de inclusão social da população negra no Brasil.

No campo da educação, foi criada a Lei Federal nº12.711/2012, que dispõe sobre a política de cotas para acesso ao ensino superior. Segundo Almeida (2018), o reconhecimento

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

das desigualdades sociais e raciais por parte do Estado é fundamental para construção de propostas teóricas e práticas com vistas à efetivação de direitos.

No cenário brasileiro, esse processo tem sido marcado por contradições pelo projeto neoliberal a partir da década de 90, com medidas que visam a mercantilização da educação superior a partir das orientações de organismos internacionais como o Banco Mundial (BM) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Nota-se, que as propostas adotadas pelos governos tem repercutido na dificuldade de permanência do alunado.

A aprovação da Portaria nº 39, de 12 de dezembro de 2007, na qual institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) foi uma importante referência. No entanto, segundo Heringer (2018) podemos notar fragilidades nas ações afirmativas e na efetivação da Assistência estudantil na medida em que os programas e serviços passam a ser focalizados. Seguindo essa linha, Heringer (2018, p. 10-11) menciona que:

Apesar dos avanços expressivos no acesso de pretos e pardos ao ensino superior, se comparamos este dado com o aumento da frequência de estudantes brancos nesta faixa de ensino observamos que a defasagem entre brancos e pretos/pardos continua grande. A presença de estudantes brancos de 18 a 24 anos no ensino superior saltou de 14,5% em 2001 para 25,3% em 2014 e se mantém, portanto, bastante acima da proporção de estudantes pretos e pardos neste nível de ensino. Estes indicadores demonstram que o avanço, apesar de expressivo, ainda precisa ser ampliado nos próximos anos. Podemos afirmar que estamos avançando na direção certa, porém em uma velocidade ainda insuficiente para dar conta das grandes defasagens existentes entre os grupos de cor no acesso ao ensino superior.

Desse modo, como pontua Leite (2012, p.462) “[...] não basta estabelecer metas de ampliação de vagas no ensino superior; há que se definir mecanismos de fixação desse tão novo quadro de alunos que está ingressando na universidade [...]” pois, é somente com oportunidades de acesso e assistência estudantil adequada que a permanência dos estudantes cotistas poderá ser assegurada.

Conforme explicado acima, mesmo com a política de cotas raciais e a introdução da assistência estudantil verifica-se o aumento da presença de estudantes brancos no nível

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

superior. Assim, concordamos com Leite (2012, p.469), que “[...] é necessário não perder de vista que uma política de assistência ao estudante não pode se limitar a criar e executar mecanismos destinados à população de baixa renda [...]”. Constituiu-se assim, a importância de compreender a questão étnico- racial e a estrutura social vigente com vistas à mudanças que sejam efetivas e democráticas.

CONCLUSÕES

Nesse sentido, consideramos que ampliação do número de vagas no ensino superior, assim como o desenvolvimento de ações afirmativas, se constituem em avanço importante em termos de democratização das condições de acesso à educação superior no Brasil. Por outro lado, é válido considerar que tais condições estruturais, dado o avanço do neoliberalismo sobre a educação, têm contribuído para desafios no ingresso e permanência dos estudantes negros nas universidades.

Em síntese, avaliamos que a ampliação da assistência estudantil é fundamental para que se possa garantir oportunidades de acesso a uma educação superior de qualidade no intuito de contribuir para permanência dos jovens negros no ensino. Isso nos mostra que a lógica em curso pelo contexto neoliberal tem repercutido no direito de acesso à educação e que, apesar das conquistas obtidas nas lutas sociais nas última década, as desigualdades se mantêm na dinâmica social.

Nessa perspectiva, consideramos que a participação social e o fortalecimento de ações conjuntas com os movimentos sociais nesse contexto de retrocessos, é de grande valia para promover a afirmação e garantia de direitos. Como indicam Carneiro e Gambi “(...) a participação social passa a ter um papel fundamental para se contrapor aos efeitos do neoliberalismo sobre os regimes democráticos” (CARNEIRO; GAMBI, 2018, p.79).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASIL. Lei nº12.711, de 29 de agosto de 2012. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 30 ago. 2012.

CARNEIRO, André Pereira; GAMBI, Thiago Fontelas Rosado. Neoliberalismo, desigualdade e democracia: discussão fundamentada nos conselhos econômicos e sociais. Cadernos Gestão Pública e Cidadania. v.23, n.74, abr 2018. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cgpc/article/view/68697/71541> Acesso em 27 jun 2019.

HERINGER, Rosana. Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico. In: Revista Brasileira de Orientação Profissional, v.19, n.1, p. 7-17, jan./jun. 2018.

LEITE, Janete Luzia. Política de Assistência Estudantil: direito da carência ou carência de direitos? Revista Ser Social, Brasília, v. 14, n.31, 2012

VERGARA, Sylvia Constant. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 6º. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**PROJETO IDENTIDADE NEGRA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
ANTIRRACISTA EM UMA ESCOLA DE JAGUARIBE-CE**

Francisco Mateus Bezerra Augusto¹³⁰
Cristiane Sousa da Silva¹³¹
Francisco Ginueldo da Silva Pereira¹³²

RESUMO

O artigo relata uma experiência pedagógica antirracista fruto do projeto Identidade Negra junto ao NEABI/Jaguaribe nasce ao perceber que na escola os educandos tinham dificuldade de se identificar como negros. O silêncio escolar é marcado pelo sistema que inferioriza a população negra são apagamentos e subalternização enraizados cotidianamente que dificultam a valorização da história e cultura negra. Em contraponto a esse ritual pedagógico, o projeto Identidade Negra traz à tona as narrativas dos subalternizados e proposta pedagógicas antirracista para se implementar a Lei nº10.639/03.

Palavras-chave: Educação antirracista; Lei 10.639/03; chão escolar.

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade que introjeta e perpetua um pensamento racista desde o tempo da escravização, um imaginário que é reforçado no âmbito social e nas instituições escolares. São importantes e necessários espaços de formação no que concerne à questão racial para desconstruir pensamentos enraizados que relatam e enaltecem uma história apenas a europeia/ocidental. Por isso, como afirma Iolanda de Oliveira (2015), a Lei nº 10.639/03 é

130 Universidade Estadual do Ceará – UECE, mateusbezerra9812@gmail.com

131 Instituto Federal do Ceará – IFCE, cristiane.silva@ifce.edu.br

132 Instituto Federal do Ceará – IFCE, ginueldosilva@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

um conhecimento que deve ser ministrado em todos os níveis e modalidades de ensino de forma integrada e interdisciplinar.

Para tanto, precisamos, antes de mais nada, compreender que vivemos num país pluricultural e nos atentarmos para as experiências educativas que o professor propicia aos seus estudantes. A partir do momento em que considero apenas uma forma de saber, como afirmou Gonçalves e Silva (2011), a diferença torna-se invisível, caímos na velha ilusão e falácia da democracia racial, de que somos todos iguais, incapazes de perceber as vozes e os conhecimentos ocultos e apagados nos currículos escolares.

A Lei nº 10.639, o Parecer CNE/CP 03/2004, a Resolução CNE/CP 01/2004 e suas respectivas diretrizes curriculares nacionais trazem possibilidades de reafirmação e ressignificação da importância da nossa pertença étnica, além de permitir o conhecimento da nossa própria história e cultura. Pode-se considerar que a inclusão dos conhecimentos sobre a cultura e história africana e afro-brasileira no âmbito do currículo escolar na qual representa um progresso na educação brasileira.

Dessa forma, Gonçalves e Silva (2008) afirma que, no ensinamento da cultura africana, só terá sentido o que for aprendido pela ação. De pouco adianta falar de consciência negra, valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, se não há como colocá-la em prática, executar a tarefa, vivenciá-la com ações concretas, a fim de desenvolver estratégias de combate ao racismo na educação brasileira. Ou seja, esse pensamento coaduna como que Cavalleiro (2001) chamou de educação antirracista o reconhecimento positivo da diversidade racial, um cotidiano que respeite a diferença não apenas no discurso, mas na prática.

METODOLOGIA

Projeto desenvolvido a partir da parceria da escola Gutenberg Barbosa de Farias com o NEABI Jaguaribe, a partir da conversa com o professor Mateus Bezerra que nos procurou para tentar suprir a discussão sobre identidade negra na referida escola. Entendemos que a

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

cidade de Jaguaribe tem na sua maioria da população formado por negros/as, no entanto, percebe-se a dificuldade de reconhecimento quanto a ser negro, desta forma há a autonegação de si, da sua identidade, da sua história e cultura, gerado pela falta de informação, conhecimento, assim o projeto ora proposto visa o combate do racismo na escola.

O projeto teve como objetivo compreender a educação como forma de combate ao racismo na escola municipal de Jaguaribe- Ce. As atividades ocorreram durante o ano de 2019, atendemos cerca de 200 estudantes, as intervenções aconteceram semanalmente às quartas-feiras pela manhã e tarde com 4 turmas, sendo uma de 8º ano e três de 9º ano. As atividades eram divididas entre roda de conversa e oficinas sobre diversos temas ligados à questão racial, a saber: Ser negro no Brasil; Negros e Negras nas Ciências; Cultura Negra; Religiões de Matriz Africana e Negros na Universidade. O NEABI Jaguaribe ficou responsável em planejar e executar as ações, dessa forma, contamos com os professores e estudantes nas mediações das rodas de conversas e facilitação nas oficinas.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

“Eu só vim começar a me aceitar agora na minha adolescência, meus amigos que ficaram mais, tipo, do meu lado, os professores também ficaram aconselhando, falando, elogiando e o projeto NEABI, Identidade Negra também me ajudou muito, porque antes eu só via insultos, é... insultos, depois eu comecei a passar para ouvir elogios, o NEABI começou a falar os pontos bons de ser negro e essas coisas e comecei a vim observando isso e comecei a vim me aceitando.” (Estudante)

Na fala da estudante participante do projeto podemos perceber o quanto a instituição escolar colabora com o sistema racista da sociedade, através do negacionismo, evitando o debate quanto ao tema racismo, fechando os olhos para os problemas que acontecem na

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

própria na sala de aula e replicando estereótipos que deveriam ser desconstruídos através do conhecimento.

A escola deveria ser um espaço de discussão e democratização, para que essa democratização do ensino seja realizada em sala de aula necessitamos que discussões como a que fizemos sejam aplicadas constantemente, precisamos que possibilitem o acesso e a permanência de jovens negros na escola e que esses se reconheçam no ambiente ao observar pessoas negras ocupando espaços de poder dentro do ambiente escolar.

No decorrer do projeto podemos perceber como as reflexões levadas a escola causaram impactos, alunos tiveram seu censo crítico aguçado, profissionais da escola, em sua parte, durante os eventos que envolveram o projeto se uniram em prol da educação antirracista, como foi no caso da exposição fotográfica onde professores criaram poemas, fizeram apresentações artísticas, se disponibilizaram para ser fotografados e se emocionaram demonstrando uma aceitação de si que era até então se negavam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação dos estudantes, falas durante as atividades, foram importantes para que pudéssemos refletirmos as bases racistas que a instituição escolar foi fundada, notamos que com o decorrer das oficinas os educandos puderam reconhecer o racismo e desnaturalizar as “brincadeiras” racista do dia a dia. Com o projeto colocamos em prática uma educação antirracista através do NEABI Jaguaribe, demonstrando a importância de a instituição superior estar em parceria com as escolas, criando e fortalecendo laços, e através desses laços ir aos poucos desconstruindo o racismo na instituição escolar.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 20 out de 2020.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius (Org.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

_____. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

OLIVEIRA, Iolanda de (Org.). **Negritude e Universidade Evidenciando questões relacionadas ao ingresso e aos projetos curriculares**. Rio de Janeiro: Alternativa Número, 2015.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS E A LEI 10.639/03 NAS ESCOLAS DA REGIÃO BREJO-SANTENSE

Rosália Felipe da Silva¹³³
Reginaldo Ferreira Domingos¹³⁴

RESUMO

É imperativo a construção dos Projeto Políticos Pedagógicos (PPP's) como base para uma educação que verse de maneira positiva as diversidades e as questões étnico-raciais. Sendo compromisso legal, os PPPs devem evocar propostas como as da Lei 10.639/03 e de suas diretrizes. Aqui, mostra-se um recorte de um estudo em andamento que tem como objetivo averiguar a implementação da referida lei no ensino básico. Para tanto, analisou 33 PPPs de escolas das cidades de Brejo Santo e Porteiras, Ceará. Perante as análises percebeu-se poucos registros de abordagens nos documentos no tocante à legislação.

Palavras-chave: Lei 10.639. Implementação. Projetos Políticos Pedagógicos.

INTRODUÇÃO

A abrangência dos currículos escolares se torna imensurável quando trata de questões de cunho metodológico, sistemático, didático pedagógico, questões socioculturais e/ou plurirraciais. Pesquisas revelam que o contexto escolar possui dificuldades em inserir discussões que são de grande valia no processo de ensino aprendizagem, sobretudo no trato de aspectos que contribuam positivamente na construção étnico-racial e em temas que tratem da população negra, marginalizadas e discriminadas (CAVALLEIRO, 2001; CANDAU, 2008; GOMES, 2012; DOMINGOS, 2017).

133 Universidade Federal do Cariri – UFCA, E-mail: rosalia.felipe.bs@gmail.com

134 Universidade Federal do Cariri – UFCA, E-mail: reginaldo.domingos@ufca.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

O contexto escolar enquanto *locus* propagador conhecimentos, também da diversidade existente nesses ambientes, oferecer linhas de discussões com ênfase na abrangência dos diferentes componentes curriculares, se faz de grande valia. Optar pelo silenciamento e secundarização, muitas vezes não é um caminho adequado. Nesse sentido, um olhar pautado na criticidade dos sujeitos/as, das práticas e ferramentas didáticas metodológicas que integram os espaços escolares faz-se urgente (CANDAU, 2008, BRASIL, 2004). É preciso uma organização curricular tendo como proposta política pedagógica que leve em consideração o pertencimento étnico-racial, a construção étnica e identitária de cada sujeito/a entre outros marcadores que constituem os diferentes segmentos existentes nos espaços escolares.

Aqui propõe-se um recorte analítico de um projeto de pesquisa de campo iniciado em 2017 que vem tendo como problemática a análise do processo de implementação da Lei 10.639/03¹³⁵ nas escolas de uma microrregião do Cariri Cearense¹³⁶. O projeto de pesquisa possui um viés investigativo amplo que segue desde a realização de entrevistas com os profissionais da ativa, observação do ambiente físico das instituições de ensino, bem como análise nos escopos dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs). Busca-se neste recorte, demonstrar a partir dos dados encontrados, como dar-se o processo de implementação da legislação nos PPPs.

METODOLOGIA

Foi constituída uma análise documental nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) das escolas pesquisadas com o objetivo de saber como tem se dado a dinâmica organizacional das escolas no que diz respeito à implementação da Lei 10.639/03. Como a pesquisa ainda se encontra em andamento, até o presente momento pôde-se realizar análise em de 33 (trinta e três) PPPs.

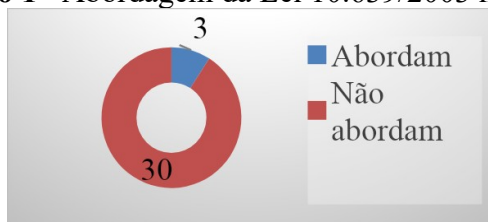
135 Torna obrigatório o estudo da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação básica de todo Brasil.

136 Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

No gráfico abaixo, dos 33 (trinta e três) Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) somente 3 (três) traziam abordagem da Lei 10.639/2003, os demais pautavam o Dia da Consciência Negra como data comemorativa, mas sem nenhuma problematização para tal comemoração, aspecto preocupante para a não efetivação da lei.

Gráfico 1 - Abordagem da Lei 10.639/2003 nos PPPs



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Assim, percebe-se, inicialmente, carências na implementação da lei nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) analisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que há necessidade de reformulação dos Projetos Políticos Pedagógicos desses espaços, tendo em vista que são cruciais para inserir com efetividade o tema e uma vez que, mediante os dados percebe-se uma secundarização e/ou ausência da lei, fazendo repensar os currículos de forma a versarem sobre uma educação pluricultural e que contemple a diversidade étnico-racial desses espaços. Nesse sentido, conhecer a Lei 10.639/2003, inseri-la nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP's) e sobretudo, entender que possibilitar a partir de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

um olhar crítico e reflexivo práticas efetivas no que tange a lei e suas diretrizes é essencial e insubstituível na construção e/ou reformulação desses documentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília. 2004.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10.639.** Publicada em 09 de janeiro de 2003.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: **desafios para a prática pedagógica.** MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. (Orgs.) - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. *In:* CAVALLEIRO, Eliane. (Org). **Racismo e anti-racismo na educação: Repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-160.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira; OLIVEIRA, Alexsandra Flávia Bezerra de. Literatura infantil: uma proposta educativa para a valorização das africanidades e afrodescendências numa perspectiva multi e interdisciplinar. **Revista Fórum Identidades**, 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Perfil das regiões de planejamento cariri.** Ceará: IPECE, 2017. 33p. Disponível em: http://www2.ipece.ce.gov.br/estatistica/perfil_regional/2017/pr_cariri_2017.pdf. Acesso em: 14 ago. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**“EXÚ NAS ESCOLAS”: A PERCEPÇÃO DO ENSINO DA CULTURA
AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Sâmila Sousa de Mattos¹³⁷
Luana Elayne Cunha de Souza¹³⁸

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar a forma como 30 professores do ensino fundamental da rede pública, de Fortaleza-CE e região metropolitana, percebem e trabalham os temas relacionados às culturas africanas e afro-brasileira, de modo a cumprir com os objetivos da Lei 10.639/2003. Os participantes responderam a um questionário na captação dos dados. Os métodos de análise utilizados foram o software SPSS e a análise de conteúdo. Foi identificado que o conhecimento desses profissionais em relação a essas temáticas é superficial. A maioria declarou ser importante para a educação o conhecimento dessas culturas, mas nos itens ligados às práticas docentes antirracistas, muitos participantes afirmaram não pôr a Lei em prática ou não identificar o racismo na escola. Evidencia-se assim a urgência em ampliar formações que contemplem a diversidade racial brasileira.

Palavras-chave: Racismo; Educação; Ações afirmativas.

137 Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR. É membro do Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social – LEPES. Compõe a equipe de mediação do grupo de estudos de Relações Raciais – LEPES. samilasousa47@gmail.com

138 Orientadora: Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. É professora da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, atuando na graduação em Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. É coordenadora do Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social – LEPES. luana_elayne@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

A abolição da escravidão no Brasil ocorreu a mais de 130 anos, entretanto, a comunidade negra ainda é o segmento mais desprovido de recursos da sociedade. A forma como se deu o processo relacional entre diferentes culturas contribuiu para a construção de uma percepção negativa sobre a forma como os negros são vistos até hoje (DIOGO, 2014). Na sociedade brasileira, o racismo não se revela claramente. Isso favorece a disseminação e legitimação desse comportamento discriminatório em vários setores sociais, incluindo a escola. (SANTOS; COELHO, 2013). Esse contexto ganha novas nuances quando são implantadas medidas afirmativas de cunho racial. Uma dessas medidas para o combate ao racismo foi o decreto da Lei 10.639/2003, que determina o ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira nos sistemas de ensino nacional (DIOGO, 2014). Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar como professores de ensino fundamental, da rede pública da cidade de Fortaleza-CE e região metropolitana, percebem e trabalham os temas relacionados às culturas afro-brasileira e africanas, de modo a cumprir com os objetivos da Lei 10.639/2003. De modo específico, esta pesquisa buscou conhecer percepções desses professores sobre as culturas afro-brasileira e africana, investigar os posicionamentos dos professores com relação à Lei 10.639/2003, conhecer as práticas docentes que estes profissionais utilizam para atender à Lei 10.639/2003, e analisar se estes professores utilizam alguma estratégia de combate ao racismo na escola em que trabalham.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza Quanti-Quali (MINAYO; SANCHES, 1993). A amostra utilizada, contou-se com a participação de trinta professores, 28 mulheres e dois homens. Todos são funcionários da rede pública de ensino e lecionam em seis diferentes bairros da

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

cidade de Fortaleza e região metropolitana. No instrumento os participantes responderam a um questionário com questões sociodemográficas e roteiro de perguntas abertas. Para ter acesso aos participantes da pesquisa, foi utilizada a técnica da “bola de neve”. Os professores que participaram da pesquisa leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A coleta de dados ocorreu durante o semestre 2019.1. Os dados textuais obtidos foram estudados por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2010). Os itens de marcar do questionário foram analisados com o *software SPSS*.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A maioria dos participantes demonstrou possuir algum conhecimento referente à cultura afro-brasileira e africana e considerar suas temáticas importantes. No entanto, a descrição foi marcada por estereótipos superficiais. 97% dos professores marcaram ser favoráveis ao ensino da cultura africana e afro-brasileira. As justificativas variaram em três grupos: que afirmou que os alunos devem ter acesso ao maior número de conhecimento possível (17%); quem expressou preocupação com a transmissão “da história do nosso povo” (60%); e quem disse ser importante por se tratar de “uma ferramenta contra o preconceito racial tão presente em nosso país” (13%). Quanto as estratégias de combate ao racismo, muitos participantes afirmaram não pôr a Lei em prática ou não identificar racismo na escola e mesmo assim o combater em sala de aula (57%), o que demonstrou incoerência e despreparo desses profissionais. Para reagir a essa situação se faz necessária a ampliação de formações continuadas que contemplem a diversidade étnico-racial brasileira.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi identificado que o conhecimento desses profissionais em relação as culturas africana e afro-brasileira é superficial. A maioria dos professores declarou ser um conhecimento importante para a educação, no entanto, muitos afirmaram não pôr a Lei 10.639/2003 em prática ou não identificar racismo na escola e mesmo assim o combater em sala de aula. Para reagir a essa situação é fundamental a ampliação de formações continuadas sobre a diversidade étnico-racial brasileira.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. (1977). **Lisboa (Portugal): Edições**, v. 70, p. 225, 2010.

DIOGO, Rosália. O que é racismo, a partir do caso brasileiro. In: JESUS, Jaqueline de; CARVALHO, Paulo de; DIOGO, Rosália; Granjo, Paulo (Orgs.). **O que é Racismo?** Lisboa: Escolar Editora, p. 71-91, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de saúde pública**, v. 9, n. 3, p. 237-248, 1993.

SANTOS, Raquel Amorim dos; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. HISTÓRIA DA ÁFRICA E DOS AFRICANOS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: MITO OU REALIDADE?. **Reflexão e Ação**, p. 123-148, 2013.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

“O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA” – UMA ANÁLISE CRÍTICA DO CURRÍCULO ACADÊMICO DOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO

Fernanda Rocha de Oliveira¹³⁹
Francisca Andréa Brito Furtado¹⁴⁰

RESUMO

Houve grande avanço com a obrigatoriedade legal (leis nº. 10.639/03 e nº. 11.645/08) da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo escolar de estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Mas é pretensão do presente trabalho discutir a necessidade de ampliação desta diretriz de modo a abarcar cursos de graduação como Arquitetura e Urbanismo, pois não há como se falar de processos de formação da sociedade nacional sem mencionar as contribuições da cultura negra nesse campo. Como metodologia, usamos revisão bibliográfica para trabalhar alguns conceitos e pesquisa de ementas de cursos de Arquitetura em páginas da internet. A partir dos resultados obtidos, propomos a articulação do tema com os debates sobre decolonialidade, uma vez que a atual grade curricular dos cursos prioriza contribuições eurocêntricas para a história da arquitetura e do urbanismo.

Palavras-chave: Educação, Currículo Acadêmico, Arquitetura e Urbanismo, Decolonialidade.

INTRODUÇÃO

Negros (pretos e pardos) são maioria no Brasil, mas ainda sofrem com resquícios da Escravidão: desigualdade, invisibilidade, racismo. A obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" nos currículos escolares (leis nº. 10.639/03 e nº. 11.645/08) foi, pois,

139 Arquiteta e Urbanista pela UFPB (2011) e mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo IPHAN (2015). Foi membro da Rede Paulista de Educação Patrimonial – REPEP (2016) e consultora em patrimônio junto à prefeitura de Natal (2016). No IPHAEP, foi Coordenadora de Arquitetura e Ecologia (2015) e Coordenadora-Adjunta da CPDCHJP (2011-2013). Docente no ensino superior desde 2017. E-mail: fernanda-arq@hotmail.com

140 Mestre em Filosofia na linha de Ética e Política pela UFC (2017), bacharela em Filosofia pela UFCA (2015) e Pedagoga pela URCA (2008). Coordenadora do NECABI Unijuazeiro e membra da Frente de Mulheres do Cariri. Docente dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Direito da Unijuazeiro desde 2015. E-mail: andreafurtadoufc@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

um avanço necessário. Contudo, nossa hipótese é que há uma baixa inserção, no ensino superior, de estudos sobre as contribuições africanas, sendo nosso objetivo apresentar subsídios para confirmar isso, ainda que superficialmente.

Adotando a graduação em Arquitetura e Urbanismo (AU) como objeto de investigação, fizemos revisões bibliográfica e normativa para avaliar fatos notáveis deste ensino no Brasil; e pesquisas literária e documental – nos portais virtuais de instituições de ensino e da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura (ABEA) – para analisar currículos desde curso e confrontar as informações geradas com o debate Decolonial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora o histórico do ensino de Arquitetura no Brasil ocorresse desde o século XIX (SALVATORI, 2008), as primeiras universidades brasileiras são do século XX: a Universidade de São Paulo (USP) foi instituída em 1934; e as que hoje são as Universidades Federais do Rio de Janeiro (UFRJ), da Bahia (UFBA) e de Pernambuco (UFPE), são dos anos 1940. (UFBA, 20--). Por serem as mais antigas, delas foram selecionados os currículos para investigação.

Quanto às regulamentações do curso, é perceptível que a grade curricular vem sendo alterada em função de novos valores pautados pela sociedade. A inclusão de temas como Patrimônio, Acessibilidade e Sustentabilidade, é prova disso. (SPHAN-PRÓ-MEMÓRIA, 1981; BRASIL, 1994; PETRINI, 2017).

Na investigação do curso AU, primeiro avaliamos o “ontem”: projetos de pesquisa inventariados pela ABEA, datados de 1980 e 1990. Dos 291 projetos, apenas dois tratavam, nos seus títulos, de tema ligado à população negra: “condições de moradia do trabalhador escravo nas cidades de Salvador” e, possivelmente, “o trabalhador livre em salvador (1828 a 1920)”; ambos da UFBA. Outros projetos talvez tratassem indiretamente do tema (como os

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

relativos a técnicas construtivas e a Patrimônio), mas seus títulos não comprovavam isso. Já arquitetos citados nos títulos dos projetos eram: brasileiros, europeus ou norte americanos; todos homens brancos.

Para avaliar o “hoje”, investigamos currículos atuais. Foram analisadas 65 disciplinas, na área temática História, dos cursos de AU das universidades já mencionadas. Nossas análises: na UFRJ¹⁴¹ existiu a disciplina “História da Arquitetura Africana” no currículo que vigorou de 1996.1 a 2005.2, mas esta foi suprimida sem explicações do site da instituição; na UFPE¹⁴² e na UNB¹⁴³ não foram encontradas disciplinas que fizessem alusão à contribuição africana em suas nomenclaturas, ementas e conteúdos programáticos encontrados (apenas duas bibliografias, na UNB, mencionam África no título); na USP¹⁴⁴, das 12 disciplinas analisadas, só duas faziam menção a temáticas africanas nos conteúdos programáticos; na UFBA¹⁴⁵, muitas disciplinas mencionam, em suas ementas e/ou conteúdos programáticos, temáticas ligadas a negra(o)s, como ““espaços negros’ na Salvador oitocentista”, “estudo da matriz negra na arquitetura/ocupação do território”. Destaque para algumas bibliografias: “E o negro na arquitetura brasileira?”, “Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil”, “O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira”.

Ainda sobre a UFBA, todas as disciplinas rotuladas como “Temas Especiais em Teoria e História” fazem alguma alusão à temática negra, a exemplo: “Vidas negras importam! Cidade e questões raciais”; “cidades africanas e territórios negros nos espaços urbanos brasileiros”. O curso oferta, ainda, a disciplina optativa “Arquiteturas afro-brasileiras: discursos, representações e projetos”.

141 Ver: <https://siga.ufrj.br/sira/repositorio-curriculo/ListaCursos.html>. Acesso em 9 set. 2020.

142 Ver: <https://www.ufpe.br/coord-arquitetura-e-urbanismo/componentes-curriculares>. Acesso em 9 set. 2020.

143 Ver: <http://www.fau.unb.br/gadruacao/7-geral/59-plano-de-curso>; <http://www.fau.unb.br/gadruacao/#item1>. Acesso em 9 set. 2020.

144 Ver: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codeg=16&codcur=16011&codhab=0&tipo=N>. Acesso em 9 set. 2020.

145 Ver: <https://alunoweb.ufba.br/SiacWWW/CurriculoCursoGradePublico.do?cdCurso=101140&nuPerCursoInicial=20081>; https://arquitetura.ufba.br/pt-br/programacao-didatica?field_cod_disc_value=&title=hist%C3%B3ria&field_dias_planocurso_value=&field_nome_docente_value=. Acesso em 9 set. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A partir dos resultados vemos que há uma grande disparidade, entre cursos de AU do Brasil, quanto ao grau de inclusão da temática negra em seus currículos. Certamente, as condições socioculturais de cada lugar interferem nos diferentes níveis de busca por incorporações desses temas nos debates e estudos. No caso da UFBA, vemos seu protagonismo na temática tanto nas análises curriculares quanto nos projetos de pesquisa identificados ainda no final do século XX.

Dialogando com Rangel e Amaral (2017) – apoiados no conceito da Colonialidade, de Aníbal Quijano –, entendemos ser necessário dar visibilidade e credibilidade a experiências de grupos subalternos, numa perspectiva Decolonial. Logo, é preciso vermos que peso estamos dando, nos cursos superiores, às narrativas eurocêntricas, em detrimento das que valorizam negra(o)s.

CONCLUSÃO

Sabemos que as investigações feitas foram limitadas e que resultados não óbvios não garantem que o ensino de contribuições africanas não ocorra, mas, ao menos, demonstram que não há sua priorização – sobretudo considerando que temáticas relativas à Europa e América do Norte são recorrentemente explicitadas em todos os cursos analisados.

A ideia não é desmerecer as contribuições europeias e norte-americanas, mas fazê-las coexistir com outras que foram igualmente importantes. Pra isso, além de revisar a bibliografia existente, é preciso investir em projetos de pesquisa para aprofundamentos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João Paulo Pereira do; RANGEL, Patrícia Duarte. Patrimônio cultural em disputa: considerações acerca das práticas colonizadoras nos processos de patrimonialização. **Revista Memorare**, Tubarão, SC, v. 4, n. 1, p. 19-44jan./abr. 2017. Pp 19-44.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE ARQUITETURA - ABEA. **Inventário:**
Etapa I (coleção Cadernos ABEA). Rio de Janeiro: ABEA, 1992. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/0B1yOFSPeROtJenJ1ck5zNm9WX2M/view>. Acesso em: 13
set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Deporto - MEC. **Portaria no. 1.770, de 21 de
dezembro de 1994.** Disponível em:
http://www.lex.com.br/doc_351157_PORTARIA_N_1770_DE_21_DE_DEZEMBRO_D.
Acesso em: 13 set. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **A herança cultural negra e racismo.**
In: Portal IBGE Brasil 500 anos. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/a-heranca-cultural-negra-e-racismo.html>. Acesso em: 30 set.
2020.

PETRINI, Leila S. **Considerações sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo no modo de
produção capitalista no estado de São Paulo.** (dissertação). Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em:
[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-27062017-164600/publico/
LeilaSouzaPetrini_REV.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-27062017-164600/publico/LeilaSouzaPetrini_REV.pdf). Acesso em: 13 set. 2020.

SALVATORI, Elena. Arquitetura no Brasil: ensino e profissão. **Arquitetura Revista.** V. 4, n.
2, jul.-dez., 2008. Pp. 52-77. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/1936/193615431006.pdf> . Acesso em: 13 set. 2020.

SPHAN-próMemória. A Construção do novo e o problema do patrimônio. **Boletim Sphan-
Pró-Memória**, Brasília, n. 11, mar./abr. 1981, p. 3. Disponível em:
http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Boletim_11.pdf. Acesso em: 13 set. 2020.

UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Universidade Nova:** reestruturação da
arquitetura curricular da Educação Superior no Brasil - minuta de projeto (Termo de
Referência), 20---. Disponível em:
[https://anped.org.br/sites/default/files/resources/UFBA_Minuta_Anteprojeto_Universidade_N
ova.pdf](https://anped.org.br/sites/default/files/resources/UFBA_Minuta_Anteprojeto_Universidade_Nova.pdf) . Acesso em: 13 set. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**Simpósio Temático 06 – Etnomatemática: saberes tradicionais,
educação intercultural dentro e fora da Escola**

Coordenadores(as)

Profª Drª Eliane Costa Santos (GIEPEM/UNILAB)

Profª Ms. Marcele Almeida Santos (IFBA)

Maria Telma Pedro (UNILAB)

Mnd. Assis Anderson Ribeiro da Silva (UNILAB/IFCE)

Isna Gabriel Sia (IFBA)

Marleide Nascimento (UNILAB)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A CULTURA AFRICANA COMO ELO ENTRE A HISTÓRIA E A MATEMÁTICA

Naiara Alves de Sousa¹⁴⁶
Suzana Alves de Sousa¹⁴⁷
Francisco José de Andrade¹⁴⁸

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância e necessidade de existir um discurso étnico racial e cultural africano na disciplina de Matemática. No campo educacional é essencial que os envolvidos estejam sempre na busca da inclusão das diversidades e atentos às novas estratégias para integrar da melhor maneira os grupos sociais que estão presentes no ambiente escolar. Nesse sentido, objetiva-se refletir sobre a presença e a sociodiversidade das culturas através da interligação entre as disciplinas História e Matemática no intuito de que os discentes compreendam as características socioculturais. Os teóricos referenciados são: D'Ambrosio (2001), Kolodzieiski (2016) e Pereira (2008). Espera-se que, desta forma, a lei nº 10.639/2003 sancionada no dia 9 de janeiro de 2003, seja posta em prática através de abordagens interdisciplinares.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem de Matemática. História. Etnomatemática.

INTRODUÇÃO

É perceptível que ao longo dos anos, os negros foram retratados nos livros didáticos apenas na condição de escravizados, sujeitos submissos aos seus senhores, sem autonomia ou

146 Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP, naiara.alves100020@gmail.com, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

147 Graduanda do Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP, suzana.alvez.1@gmail.com, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

148 Orientador: Professor do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Doutor em Matemática pela Universidade Federal do Ceará – UFC, franciscojandradeufcg@gmail.com, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

identidades. Entretanto sua história não se resume a somente esses acontecimentos, por exemplo, na História da sociedade brasileira consta uma diversidade de grupos étnicos, contendo uma herança muito grande com relação à Cultura Africana. À vista disso, quando a história Afro-brasileira é deixada em segundo plano coloca-se de reserva a nossa própria identidade.

Tendo em vista, que a escola é um dos responsáveis pela formação de cidadãos, na qual trabalha-se valores, etnias e culturas, faz-se necessário a interligação entre disciplinas, buscando sempre trabalhar temas de diversidades culturais. Ao fazer um pequeno estudo, pode-se perceber que a Cultura Africana possibilita a ligação entre as disciplinas de História e Matemática, proporcionando trabalhar a diversidades em sala de aula com intuito de conhecer e valorizar as culturas dos grupos que foram historicamente marginalizados e relegados à invisibilidade. Isto pode ser feito mediante a utilização de jogos didáticos, teatros, leituras, História da Matemática Africana, entre outros.

Com o intuito de assegurar uma educação de qualidade, que venha conscientizar a sociedade e combater os problemas históricos, sociais e políticos, que têm como base um racismo velado pela moralidade foi editada, no início do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei 10.639/03. Segundo Pereira (2008), essa lei proporcionou consciência de desigualdades históricas e uma melhor compreensão sobre a necessidade do enfrentamento do racismo, principalmente no ambiente escolar. Possibilitando também a crítica do ensino de História como reforçadora de um estereótipo, geralmente privilegiado da cultura ocidental. A partir da mesma, no âmbito de todo o currículo escolar, tornou-se obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

INTERLIGAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E MATEMÁTICA

Olhando para as transformações do conhecimento através do tempo, percebe-se em cada etapa da evolução da humanidade os fatos e avanços matemáticos. Cada local tem o seu

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

fazer matemático único e se faz presente na vida humana, não necessariamente contendo aplicação de fórmulas, demonstrações ou regras, mas por meio de interpretação, comparação, classificação, ordenação, medição, quantificação, entre outros. Sendo algo natural e inerente a humanidade e consequentemente a cultura local do indivíduo.

Com isso surge a Etnomatemática como arte de explicar e entender a Matemática em conformidade com o contexto social, sendo “[...] praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos” (D’Ambrosio 2001, p.9). Ele ainda registra que o grande motivador do que ele denomina de Etnomatemática é “procurar entender o saber/fazer matemático ao longo da história da humanidade, contextualizando em diferentes grupos de interesse, comunidades, povos e nações” (D’Ambrosio, 2001, p. 17).

Ou seja, a Etnomatemática proporciona essa ligação da Matemática com estudos das diversidades culturais. Kolodzieiski (2016) ressalta que os conteúdos estudados surgiram a partir de uma necessidade do homem, deste modo todo conteúdo é cultural e o seu desenvolvimento deve ser trabalhado pelo docente por meio de uma prática que não se limita a uma transmissão ou ensino tradicionalista, mas que traz consigo transformações na aprendizagem. Isto pode ser alcançado através de um trabalho que entrelaça Matemática com a História e Cultura Africana, o qual relaciona experiências históricas baseadas no conhecimento matemático de base Africana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe pouca disponibilidade de estudos sobre esse tema e despreparo dos educadores em abordar as questões raciais, principalmente no contexto do ensino e aprendizagem de Matemática. Espera-se que a relação entre Cultura Africana, Educação Matemática e História, venha respalda-se nas práticas escolares fundamentadas na Etnomatemática através de uma

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

prática pedagógica diferenciada da Matemática e da História que transcenda o que está institucionalizado nos livros didáticos, os quais, em sua grande maioria contêm apenas as experiências culturais dos europeus.

Deste modo, almeja-se que novas perspectivas dos saberes e características socioculturais venha ser trabalhadas para a potencialização do ensino e aprendizagem, trazendo conscientização, além de formar sujeitos mais tolerantes, quebrando paradigmas e visões errôneas sobre a representação da etnia negra na sociedade, por intermédio de um trabalho mútuo com as disciplinas de História e Matemática.

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Ática Autêntica, 2001.

KOŁODZIEJSKI, Josiane de Fátima. **Ensino da história e cultura Afro-Brasileira e Africana: práticas de professores de matemática**. Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Zanlorenzi. 2016. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/43805>. Acesso em: 10 set. 2020.

PEREIRA, Júnia Sales. Reconhecendo ou construindo uma polaridade étnico-identitária? Desafios do ensino de história no imediato contexto pós-Lei nº 10.639. **Estudos históricos**. vol. 21, n. 41, p. 21-43, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21862008000100002>. Acesso em: 10 set. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**A IMPORTÂNCIA DA ETNOMATEMÁTICA NA FORMAÇÃO DO/A
PEDAGOGO/A: UM RELATO SOBRE MINHA EXPERIÊNCIA NA GRADUAÇÃO
EM PEDAGOGIA**

Elisama de Jesus Gonzaga Santos¹⁴⁹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo dialogar sobre a importância dos estudos referentes a Etnomatemática durante a formação do/a pedagogo/a por meio do relato da minha experiência formativa durante a graduação. Compreendendo ser a Etnomatemática uma forma de aproximação da cultura onde a criança está inserida (D'AMBROSIO, 2020) e a Matemática escolarizada eleita como hegemônica, visando a ruptura com a eurocentralização dos conhecimentos conforme Paulo Freire dialoga em seu livro "Educação como Prática da Liberdade", se faz necessário então estudarmos novas formas de mediação das aprendizagens matemáticas da Criança. Pretendemos refletir esta temática dentro do ST-06 Etnomatemática: saberes tradicionais, educação intercultural dentro e fora da escola.

Palavras-chave: Etnomatemática; Formação de Professores; Aprendizagens Matemáticas.

INTRODUÇÃO

Este resumo traz o relato da minha experiência enquanto discente do curso de Pedagogia. Compreendendo que após a conclusão do curso o/a discente encontra-se apto para exercer a profissão escolhida, e o/a pedagogo/a é o educador/a de Matemática da Educação Infantil até as séries iniciais do Ensino Fundamental I, me atentei para o fato de que apenas por meio de um componente curricular intitulado Metodologia do Ensino de Matemática obtive a oportunidade de conhecer os estudos e discussões sobre Etnomatemática e outras

149 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, aluna especial do Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências, e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação para Aprendizagem/UFBA. Link do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4450491245286097>.
elisamajg@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

formas diferentes de se ensinar e aprender Matemática, uma vez que aprendemos comumente pelo método tradicional pautado na memorização de fórmulas e repetição de exercícios.

DISCUSSÃO E DESENVOLVIMENTO

FREIRE(1967), nos auxilia a refletir sobre o modo como se deu a implementação desta forma curricular hegemônica aqui no Brasil, e que a maioria de nós fomos formados. Esta tem base na exclusão da nossa cultura desde o princípio devido ao modo e pensamento dominante em que se constituiu, pautado na valorização das culturas e modelos europeus e norte americanos:

(...) O intelectual sofria de uma nostalgia. Vivia mais uma realidade imaginária, que ele não podia transformar. Dando as costas a seu próprio mundo, enojado dele, sofria por não ser o Brasil idêntico ao mundo imaginário em que vivia. Por não ser o Brasil a Europa ou os Estados Unidos. Na verdade, introjetando a visão europeia sobre o Brasil, como País atrasado, negava o Brasil e buscava refúgio e segurança na erudição sem o Brasil verdadeiro e, quanto mais queria ser um homem de cultura, menos queria ser brasileiro (FREIRE, 1967, p.98).

Este fato histórico reforça a necessidade de nós, enquanto educadores/as, rompermos com toda estrutura curricular que negue as possibilidades de inserção da cultura local para assim ser possível que nossos educandos encontrem na escola um sentido real para a apropriação e construção de saberes. Isto demanda que enquanto discentes, tenhamos oportunidades variadas de aprendizagens, entendendo assim que as discussões sobre a Etnomatemática feitas por D'AMBROSIO (2020) e demais pesquisadores da área de matemática, devem compor o currículo de Pedagogia com o intuito de potencializar os nossos resultados na propagação das novas tendências educativas no campo da Matemática.

A nossa intenção não é depreciar ou negar a Matemática escolarizada vigente, mas questionar e refletir o motivo pelo qual as demais esferas que compõem este campo de saberes

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

devam ser conhecidas pelo/a pedagogo/a ainda em formação, apontando para existência de outras formas e métodos de se fazer Matemática, mostrando através de pesquisas e nas salas de aula que os conhecimentos matemáticos existentes nas diversas culturas não são melhores e/ou piores, estes apenas não foram eleitos para compor o currículo hegemônico. Apesar destas reflexões estarem sendo propagadas ao longo do tempo por meio de pesquisas, artigos e literaturas diversas, ainda necessitamos avançar para de algum modo garantir que as novas formas de se ensinar e aprender Matemática alcancem as salas de aula.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Por meio dos diálogos acima pretendemos então considerar o fato de que precisamos refletir enquanto educadores/as a necessidade de nos manter em constante luta pela aproximação da cultura da Criança, da realidade vivenciada por ela em sua comunidade com a escola, e o embasamento teórico para nossas práticas em sala de aula devem ter início ainda na graduação. Isto porque os cursos de pós-graduação não são uma realidade para todos/as docentes, ou seja alcançando o docente ainda em sua formação inicial se torna mais um caminho para que estas aprendizagens e debates acerca da Matemática ocorram.

Acredito que a formação continuada deva ser uma luta constante por se tratar de um direito do/a educador/a, mas compreendo ainda que para alcançarmos nossos objetivos educativos de modo mais amplo, urge a necessidade de mantermos este diálogo, pois “conhecer e assimilar a cultura do dominador se torna positivo desde que as raízes do dominado sejam fortes. Na educação matemática, a Etnomatemática pode fortalecer estas raízes” (D'AMBROSIO, 2020, p.45). Avancemos então na luta pela difusão destes conhecimentos, nos esperançando resistentemente na luta por uma educação pública, gratuita de qualidade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 6º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**ARTEFATOS E MENTEFATOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MONTE
RECÔNCAVO EM SALA DE AULA: UMA INTERVENÇÃO ETNOMATEMÁTICA
COM BASE NA CARTOGRAFIA CULTURAL**

Eliane Costa Santos¹⁵⁰
Maria Telma Pedro¹⁵¹
Luis Miguel Bulcão dos Santos¹⁵²

RESUMO

O presente projeto visa desenvolver oficinas de formação, roda de conversa e difusão das culturas tradicionais do Quilombo do Monte Recôncavo-Ba/Brasil. Tendo como objetivos fazer uma cartografia social do entrono da escola Duque de Caxias, levantando os saberes e fazeres das/os mestras e mestres do Monte, buscando contribuir com o currículo escolar quilombola da comunidade. Tomaremos como base teórica para discutir etnomatemática, D'Ambrosio (1999); Cartografia social em Quilombo, Anjos e Arruti (2006); Currículo, Silva (1999) e a Educação Quilombola (Resolução 08/2012).

Palavras-chave: Etnomatemática; Quilombo; Educação quilombola; Currículo; Cartografia cultural.

INTRODUÇÃO

Este projeto por meio de rodas de conversas propõe uma reflexão crítica sobre a educação quilombola e/ou educação no quilombo e uma discussão epistemológica sobre saberes e fazeres que podem ser incorporados no currículo com base nos conceitos de uma educação quilombola no quilombo do Monte Recôncavo. Espaço territorial que fica

150 Coordenadora do GIEPEM Projeto PROEX. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, elianecostasantos@gmail.com

151 Bacharel em humanidade. Graduanda em Pedagogia e Especialização em Metodologias Interdisciplinares da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática – GIEPEM. Bolsista PROEX. mariatelmap_@hotmail.com

152 Graduando em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. Pesquisador do GIEPEM. Bolsista PROEX. miguelbulcao@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

localizado geograficamente na região do município São Francisco do Conde-BA. O município é detentor do maior PIB per capita do país e, segundo o IBGE, 2010, um PIB de R\$ 296,9 mil, diante de uma população de pouco mais de 30 mil habitantes, confere uma das maiores rendas per capita do país proveniente da atividade petroquímica que responde a 61,48% da riqueza deste município.

Durante a pesquisa, no geral, atravessaremos os muros, e olharemos a educação extra sala de aula de um dos distritos de São Francisco do Conde, o Monte Recôncavo. Neste processo tomamos o cuidado de inicialmente fazer uma cartografia do lugar com um olhar apurado para a oralidade, ancestralidade, (buscando as memórias), para as relações raciais e de gênero (no sentido da colonialidade do poder), bem como para as ciências naturais existente no espaço.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a reprodução da que já vem sendo praticada pelo Grupo Interdisciplinar em Estudo e Pesquisa em Etnomatemática- GIEPEm. Consiste em observação e vivência dos saberes e fazeres local a fim de apreender e buscar possibilidades de levar para sala de aula. Para tanto, temos como parceria a escola Duque de Caxias, que fica na comunidade do Monte Recôncavo.

Os caminhos para a pesquisa consta: um encontro com a comunidade-estudante quilombola, liderança do Quilombo, professores da escola, professores da UNILAB e os bolsistas; Realização de no mínimo, uma atividade de formação por mês, tanto internamente na escola, quanto nos espaços externos do entorno, para difusão e formação nas tradições; Oficinas de inserção curricular, trabalho que já vem sendo realizado pelo grupo de pesquisa GIEPEm.

A metodologia envolve a inserção dos saberes e fazeres da comunidade no currículo. As oficinas estão previstas para acontecer nas ruas, nos espaços das mestras de cestarias,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

trançadeiras de cabelos e de redes, na casa de farinha, no rol das rendeiras. A divulgação será para a comunidade em geral (interna e externa).

MUDANÇA DE CAMINHOS PARA MANUTENÇÃO DA SAÚDE

O caminho traçado por esse projeto teve várias alterações, mas fizemos questão de não ocultá-lo nesse evento, visto que não devemos tratar como normal um período em que as irregularidades e anormalidades estão presentes por conta da situação que o mundo está vivendo causada pela pandemia do COVID-19. Tendo em vista, que nosso projeto, seria executado na comunidade com pessoas na sua maioria idosas.

No mês de março de 2020 o grupo de pesquisadores conseguiu realizar dois encontros na comunidade, pois ainda havia o desconhecimento da pandemia. O primeiro encontro foram todos os componentes do projeto para conhecer a comunidade e a escola na qual temos parceria. O segundo encontro, os bolsistas se reuniram com a diretora da escola para planejar algumas atividades a serem realizadas. Depois dessas duas idas a Comunidade, foi tomada ciência da COVID-19, impedindo a continuidade ao local, visto que, o público idoso ficaria em exposição.

Inicialmente o grupo ficou realizando internamente discussão teórica; assistindo web seminários com a temática do projeto; com ajuda online de uma moradora da comunidade e estudante da UNILAB, foi feito um mapa dos mestres e mestras de saberes e o que desenvolvem na comunidade; realizamos pesquisas online de temas que estes mestres e mestras desenvolvem.

RESULTADO ESPERADO

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A educação escolar, no senso comum, segue a colonialidade do saber, opera como espaço de valorização de padrões ou culturas hegemônicas, distanciando-se, dessa forma, dos artefatos sociais e culturais das comunidades locais onde estão inseridas. Segundo Anjos (1997), uma das questões estruturais relacionadas à forma de assimilação e incorporação das matrizes culturais africanas no Brasil, que continua merecendo investigação e conhecimento, diz respeito aos aspectos geográficos da África e suas relações com a formação do nosso território.

De acordo com o CNE (Conselho Nacional de Educação) em novembro de 2012, define as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Quilombola para todas as etapas e modalidades componentes da Educação Básica com perspectiva de organizar precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: da memória coletiva; das línguas remanescentes; dos marcos civilizatórios; das práticas culturais.

Nesse sentido, buscamos realizar uma cartografia sociocultural do quilombo do Monte Recôncavo, de forma a trazer para a educação escolar outros saberes-fazer até então invisibilizados. Na perspectiva de contribuir com estudantes que precisam se apropriar dos conhecimentos deste território étnico, possibilitar uma visível representação da população atendida no cenário escolar, tornando-os atores dos saberes culturais, científicos e sociais que circulam na comunidade e suprir as lacunas do saber e fazer invisibilizado.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Pesquisar saber e fazer na comunidade, eh uma proposição de aprendizagem para os componentes do grupo, como também para as/os mestras e mestres, como apontou os mesmos quando em conversas trouxeram que não tinham conhecimento que sua atividade cotidiana, além de ser um meio de sustento, também poderia contribuir para construção para o currículo escolar. Portanto, apesar desse momento haver impossibilidade de continuar o

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

desenvolvimento do projeto na comunidade, nosso foco permanece no sentido de continuá-lo assim que possamos , devido a relevância.

REFERÊNCIAS

ANJOS ,R.S.A. *Africana Studia*. n.09, Ed. CEAUP, 2006 p. 337-355.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. v. 2, n.1, p.68-80, 2005.

BOTELHO, Isaura. *As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas*. São Paulo,2001.

D'AMBROSIO, U. *Etnomatemática. Arte ou Técnica de explicar e conhecer*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz eTerra, 1987.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil: história, realidades problemas e caminhos*. Global: Ação Educativa Acessoria, Pesquisa e Informação, São Paulo, 2006. (Coleção Viver, Aprender. 2 ed.).

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documento de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo*. 3ª. Edição. Editora Autentica, 2010.

PDI. *Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB*, 2016.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MATEMÁTICA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB

Agostinho Cá¹⁵³
Railane Bento Vieira Sabóia¹⁵⁴
Elcimar Simão Martins¹⁵⁵

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as percepções de estudantes guineenses acerca do Estágio Supervisionado no curso de licenciatura em Matemática da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Brasileira – UNILAB. Metodologicamente, de abordagem qualitativa, a investigação utilizou como estratégias de aproximação com a realidade a análise de relatórios de Estágio Supervisionado III (no âmbito do Ensino Médio) e a realização de entrevistas com os respectivos estudantes. Os resultados desta pesquisa contribuem para a compreensão de um Estágio Supervisionado que favoreça uma aproximação com o contexto brasileiro, mas potencialize um diálogo com o contexto das escolas guineenses, locus de futura atuação dos estagiários e fortalecendo a missão institucional da UNILAB.

Palavras-chave: Formação Inicial. Matemática. Guiné-Bissau.

153 Guineense, Estudante do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza – ICEN/UNILAB, Bolsista de Iniciação Científica no Projeto Estágio Curricular Supervisionado da Licenciatura em Matemática: elemento de integração UNILAB e Escolas de Ensino Médio no Maciço de Baturité-CE (FUNCAP); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5333735053534799> E-mail: agostinhoca383@gmail.com

154 Mestranda em Educação Pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professora/Orientadora no Plano de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9005966729356836> E-mail: railanebento@gmail.com

155 Pós-Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Doutor e Mestre em Educação pelo Universidade Federal do Ceará. Professor Adjunto de Ciências Exatas e da Natureza – ICEN/UNILAB. Professor Permanente do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis – MASTS/UNILAB, do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente – PPGEF/UNILAB-IFCE e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6354389593320758> E-mail: elcimar@unilab.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, em Redenção, Ceará, tem como objetivo refletir sobre as percepções de estudantes guineenses acerca do Estágio Supervisionado (ES)¹⁵⁶ no curso de licenciatura em Matemática através de uma pesquisa qualitativa, com base na realização de entrevista e análise dos Relatórios de Estágio de três estudantes guineenses.

O ES segundo Pimenta e Lima (2017, p. 36) deve ser compreendido como “atividade instrumentalizadora da práxis”, pois, o contato com o futuro campo de atuação, permite o estudante lançar novos olhares sobre a prática docente, e perceber nesta, os diálogos que pode estabelecer entre a realidade que se vivencia, no caso da nossa pesquisa, o Brasil e a realidade já conhecida e que os estudantes pretendem atuar profissionalmente, Guiné-Bissau.

Nesse sentido, quando pensamos em formação inicial e, sobretudo, nos cursos de licenciatura em matemática, deve-se ter a preocupação de preparar os estudantes para pensar e refletir sobre o ser professor e os saberes da docência, compreendendo-os de modo integrado e não fragmentado, além de projetar para o futuro professor a possibilidade da “indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares”, (PIMENTA; SEVERINO, 2010, p. 15), que estão presentes nas diferentes realidades do Brasil, bem como em outros países, inclusive, no contexto de origem dos estudantes guineenses.

METODOLOGIA

Em virtude da complexidade do objeto de estudo, optamos pela pesquisa qualitativa, através da realização de entrevistas e análises dos Relatórios de ES de três estudantes

156 Será usada a sigla ES para demais trechos do texto referentes a Estágio Supervisionado.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

guineenses licenciandos do Curso de Matemática – UNILAB. A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2004), trabalha numa perspectiva integrada com o universo de significados, dialogando com fenômenos e processos complexos, no contexto em que ocorrem, envolvendo, portanto, relações socioculturais diversas.

As entrevistas são consideradas como o “encontro de duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 195). Ressaltamos ainda, a natureza ética da pesquisa e o respeito aos participantes, preservando as suas identidades, utilizando-se da seguinte codificação: EG I, EG II e EG III para os três estudantes guineenses.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudantes ao se lançarem nas etapas do ES, com estudos de textos, discussões teóricas e práticas, observações na escola, análise de livros didáticos, elaboração de projetos pedagógicos e pesquisa, simulação de aulas, perceberam o quanto o estágio pode contribuir na sua formação, na prática de professor, como ressalta o Estudante guineense I, que o estágio permite: “[...]que o futuro professor conheça e vivencie os desafios vindouros”. (EG I).

Essa aproximação/problematização da realidade e da profissão docente eleva a formação na área de matemática para outras relações com o ensino, a pesquisa e a inclusão nos processos educativos. Neste sentido, Lima (2001, p. 15), enfatiza que “a formação do docente se faz pelo repensar sobre a prática, sobre a realidade, bem como pela construção permanente da identidade pessoal”.

Compreendemos que não há como mediar o estágio sem relacioná-lo com o ensino e a pesquisa, e que ensinar matemática não é apenas saber números, exige um diálogo direto com a didática e com outros elementos que permeiam a docência, e perpassam a autoformação, a reflexão, o conhecimento do saber, do autoavaliar-se. Foi neste pensar que o estudante guineense III relatou a sua experiência: “*não foi nada fácil [...] mas de certo modo faz parte*

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

da minha profissão, me orgulhei tanto e descobri o caminho da aprendizagem, foi uma experiência enorme”. (EG III).

Ao fim do trajeto, os estudantes reconheceram a relevância do estágio e o quão significativa foi a experiência, ao lançar outro olhar para “*a profissão docente [...] que vai além de uma sala de aulas*”, (EG II), que o estágio cumpriu seu objetivo indo ao “*encontro das demandas na formação dos professores*”, (EG I), além de também possibilitar a “*Formação contínua*”. (EG II).

Nessa perspectiva defende-se que “o estágio prepara para o trabalho docente coletivo”, uma vez que ensinar envolve “ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situados em contextos sociais, históricos e culturais”. (PIMENTA; LIMA, 2017, p. 49), também favorece a formação continuada dos docentes envolvidos, pois todos se formam e são formados neste processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa foi possível perceber os diferentes caminhos que o ES pode conduzir na formação docente. Isso se dá em virtude de que o estudo, a pesquisa, o ensino, as idas e vindas na escola, a reflexão sobre o vivido e o escrito, podem levar os estudantes a lançar novos olhares para a profissão professor, compreendendo-a como um trabalho coletivo, que vai além das paredes da sala de aula, que envolve uma gama de ações, estratégias, saberes individuais, coletivos e institucionais que estão imersos em sua prática docente.

Portanto o ES possibilitou aos estudantes guineenses a aproximação com a realidade escolar brasileira, e ao mesmo tempo potencializando o diálogo com o contexto escolar de Guiné-Bissau, visto que os estudantes atuarão em seu país de origem. Deste modo, compreende-se que a formação docente se dá na dialética de saberes, contextos e percepções dos envolvidos.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de Pesquisa. In: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da Prática**: reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PIMENTA, Selma Garrido; SEVERINO, Antônio Joaquim. Apresentação da coleção. In: PIMENTA, S. G; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

JOGO IGBA-ITA: SABERES AFRICANOS NO CHÃO DA SALA DE AULA DE MATEMÁTICA

João Victor da Silva Gabriel¹⁵⁷
José Ivanildo Felisberto de Carvalho¹⁵⁸

RESUMO

O jogo Igba-Ita é um jogo praticado na Nigéria e de origem do povo Igbo, localizados em sua maioria no sul e oeste do país. O termo tem como significado “pegue e jogue para cima” e se joga com um total de 52 conchas. O estudo deste jogo como possibilidade para o ensino e aprendizagem da matemática, particularmente das noções de aleatoriedade e probabilidade, articulado aos princípios da Educação das Relações Étnico-raciais, se constitui na investigação realizada pelos autores. Propomos utilizar o jogo para a promoção de um debate orientado para a discussão dos saberes e artefatos africanos e que põe em cena o cumprimento da Lei 10.639/03 também por meio da Educação Matemática. Neste trabalho discutiremos a vivência do jogo com estudantes da Educação Básica utilizando os pressupostos da Etnomatemática como base teórica e metodológica.

Palavras-chave: Educação das Relações Étnico-raciais; Ensino e aprendizagem da matemática; Probabilidade; Etnomatemática; Igba-Ita.

157 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PPGECM pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. Licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. joao.victorgabriel@ufpe.br, Barra de Guabiraba, Pernambuco, Brasil.

158 Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco. Docente na Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática – CAA/UFPE e na Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica – EDUMATEC-UFPE. Doutor em Educação Matemática - UNIBAN-SP. Mestre em Educação Matemática e Tecnológica pela UFPE. Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Frassinete do Recife – FAFIRE. Possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. ivanildo.carvalho@ufpe.br, Recife, Pernambuco, Brasil.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir, é um recorte do nosso projeto de pesquisa no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste. O objetivo deste trabalho, consta em investigar uma proposta didática por meio do jogo Africano Igba-Ita sobre noções probabilísticas com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental numa perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER).

O jogo Igba-Ita, é um jogo africano de origem nigeriana do povo Igbo, em que seus descendentes jogavam. De acordo com Cunha (2016) “o Brasil foi o destino de muitos africanos escravizados oriundos da Nigéria. Esses sujeitos contribuíram para enriquecer a diversidade cultural de matriz africana existente em nosso país”.

Buscando compreender a importância da inserção de jogos africanos em sala de aula, o jogo vem como suporte para o ensino de probabilidade, além de ter sua origem africana, possibilita assim, uma quebra de preconceitos, e uma desconstrução de ideias eurocêntricas. Ao falar sobre jogos, Chagas e Zanlorenzi (2016) fala que esse tipo de metodologia “destaca-se por sua relevância no desenvolvimento do pensar matemático, da criatividade e da autonomia dos educandos”.

Tendo a escola como importante meio de socialização da cultura, é de suma importância que este meio através da educação seja o idealizador em romper com os preconceitos que foram construídos ao longo do tempo, tendo em vista que esse espaço educacional foi estruturado sobre preceitos europeu devido a colonização portuguesa.

No Brasil, este importante espaço foi constituído de acordo com os preceitos europeus, devido à colonização portuguesa. Estes preceitos acarretaram em uma educação com currículo eurocentrado, que exclui e menospreza as demais culturas, histórias e modelos educacionais. (SANTOS, VIEIRA E PERRUDE, 2017, p. 1-2)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) surgem nas escolas como possíveis práticas que incluam diversas culturas a fim de se dar o merecido valor e importância aos conhecimentos produzidos por outros povos. “A educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfiças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime.” (BRASIL, 2004, p. 14).

E nessa perspectiva, ao tratar a matemática, é importante relacioná-la com a cultura africana que tem raízes aqui no Brasil, colocando em prática o que pede a lei nº. 10.639/2003, posteriormente alterada pela lei nº. 11.645/2008, que determina que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira sejam ministrados no âmbito de todo o currículo escolar.

Em nossa pesquisa, utilizaremos também o jogo como ferramenta no ensino de probabilidades, Segundo Carvalho (2019) além de ser uma ferramenta de ensino na construção de conceitos de Probabilidade, o jogo também pode “oferecer aos professores outros contextos possíveis de desenvolvimento do raciocínio probabilístico para o trabalho em sala de aula com a ideia de acaso, espaço amostral e quantificação de probabilidades, sob o ponto de vista de sua gênese histórica.”

É importante destacar também que, a inserção do jogo em sala de aula, vai muito além que distração para o aluno.

Embora o primeiro pensamento que se tem a respeito de jogos é de entretenimento e diversão, estes permitem outra função que é a educativa, pois, ao mesmo tempo em que existe uma ludicidade, um prazer de jogar, existe também a aquisição de um conhecimento, ainda que implicitamente. A proposta de desenvolver no aluno um entendimento através de um jogo não envolve distrair, mas sim instruir, introduzindo, aprofundando ou preparando-o para a assimilação de um conhecimento, exigindo um pensamento mais detalhista, com a elaboração de estratégias e ações baseadas no seu conhecimento adquirido. (SANTOS E NASCIMENTO, 2018, p. 284)

Estaremos então, além de introduzir a História e Cultura Afro-Brasileira na disciplina de matemática em sala de aula a partir da utilização de um Jogo de origem Africana, fazendo

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

com que o aluno possa construir conhecimentos probabilísticos através da vivência dessa prática.

METODOLOGIA

Visamos elaborar uma proposta dialógica com uma turma do 9º ano de uma rede pública de ensino. A partir de uma pesquisa qualitativa onde buscaremos realizar uma transgressão metodológica analisando todo momento e mediando cada passo da vivência permeada por atividades e estímulos problematizados que suscitem numa provocação, que nos levem a compreender percepções dos estudantes concernentes a matemática e africanidade.

Sendo assim, buscamos trazer essa prática sociocultural do povo Nigeriano, para o chão da sala de aula, fazendo com que o aluno além de construir conhecimentos probabilísticos, possa também perceber a influência e contribuição da cultura africana para a educação.

Como já mencionado, a proposta será realizada numa turma de 9º ano, tendo em vista que de acordo com o currículo, os conteúdos de probabilidade são aprofundados neste ano de ensino, e desde o início da vivência, buscaremos estimular o aluno através de perguntas e questionários a respeito da relação entre os saberes Matemáticos e Africanos.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para a EREER, além da Afrocentricidade, fazendo com que esse Jogo seja mais uma ferramenta para o ensino de Matemática, em especial ao ensino de Probabilidade. Também é esperado que a execução dessa prática, traga reconhecimento da cultura Afro-Brasileira como forma de contribuição na ciência.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Jogos Africanos podem ser assim, importantes recursos para valorização de culturas que deixaram uma rica herança de conhecimentos, além de servir para o trabalho de conceitos que o jogo irá abordar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: MEC, SECAD, 2004.

_____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CHAGAS, N. M. O; ZANLORENZI, M. A. **O estudo da cultura africana no ensino da matemática através da utilização de jogos africanos de tabuleiro.** In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2016. Curitiba: SEED-PR., 2018. V.1. (Cadernos PDE).

CUNHA, D. A. **Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural.** Castanhal: Edição do autor, 2016.

SANTOS, L. E. S; NASCIMENTO, A. K. S. **Jogos africanos e o ensino de polinômios: uma experiência extensionista com o jogo dara algébrico.** Revista Conexão UEPG, Ponta Grossa, Brasil, v. 14, n. 2 pp. 283-290, 2018.

SANTOS, M. B; VIEIRA, T; PERRUDE, M.R. S. **Inclusão da história e cultura africana no conteúdo curricular do ensino de matemática por meio de jogos africanos.** XVII Semana da educação UEL, 2017.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**JOGOS DE ORIGEM AFRICANA E ETNOMATEMÁTICA:
UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA EM MEIO A PANDEMIA**

Lorran Cicero Melo dos Santos¹⁵⁹
Edileusa Francisca da Silva¹⁶⁰
Anna Karla Silva do Nascimento¹⁶¹

RESUMO

A pandemia causada pela COVID-19 trouxe a necessidade de rápidas adaptações, em particular, ao campo educacional. Nesse contexto, discutimos as ações do projeto de extensão “Jogos de origem africana e educação matemática: um olhar etnomatemático”. O referido projeto integra, por meio de jogos e da Etnomatemática, a cultura africana ao processo de ensino e aprendizagem de Matemática. As ações de extensão precisaram se reinventar, ajustando-se ao ensino remoto, mas mantendo suas premissas de valorização e reconhecimento da diversidade cultural brasileira em sala de aula.

Palavras-chave: Etnomatemática. Jogos Africanos. Ensino Remoto.

INTRODUÇÃO

No ano de 2020 o mundo se deparou com a pandemia ocasionada pela COVID-19, em que muitos projetos tiveram que se adaptar à nova realidade e realizar suas atividades virtualmente. Diante disto, este tem como objetivo apresentar ações extensionistas em contexto epidêmico da COVID-19 que integram, por meio remoto, jogos de origem africana sob o aporte da Etnomatemática, trazendo conhecimentos advindos da cultura africana ao ensino e aprendizagem de Matemática na Educação Básica do projeto de extensão “Jogos de origem africana e educação matemática: um olhar etnomatemático” que é fomentado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

159 Universidade Federal do Cariri – UFCA, lorran.santos@aluno.ufca.edu.br

160 Universidade Federal do Cariri – UFCA, edileusasilva444@gmail.com

161 Universidade Federal do Cariri – UFCA, karla.nascimento@ufca.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

O projeto visa trabalhar História e Cultura africana e afro-brasileira com aporte da etnomatemática e a tendência metodológica da Educação Matemática: Jogos didáticos, que servem como instrumentos pedagógicos trazendo as contribuições da África no desenvolvimento matemático e na cultura Brasileira.

LEI 10.639/2003 E A ETNOMATEMÁTICA

A educação brasileira tem se mostrado eurocêntrica, de tal modo que as contribuições de diferentes povos têm sido excluídas do *lócus* educacional, com isso a Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 torna obrigatório o ensino da História e Cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares (BRASIL, 2003), ela significa importante conquista para afrodescendentes de forma que: “A Lei contempla à sua maneira, o embate da antiga crítica ao ensino da história entrado nas narrativas etnocêntricas, na qual a história e cultura afro-brasileira aparece em via de regra – quando aparece – de forma estereotipada.” (KRAUSS; ROSA, 2010, p. 858).

Muitas vezes a Lei é assimilada somente as disciplinas de história, artes e literatura, porém traz em seu texto que: “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.” (BRASIL, 2003, s/p), mostrando que se deve trabalhar a temática em todo o currículo escolar (MADRUGA, 2015). Assim, deve também estar presente na área de matemática que muitas vezes tende a ser eurocentrada e exclui outras formas de fazer matemática, em que para D’Ambrosio: “[...] grupos culturais diferentes têm uma maneira diferente de proceder em seus esquemas lógicos [...] cada grupo cultural tem suas formas de matematizar”. (D’AMBROSIO, 1998, p.17-18). Destarte, tem-se que ter uma pluralidade cultural no ensino da matemática, visto que o Brasil é um país diverso culturalmente.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

O PROJETO DE EXTENSÃO E O CONTEXTO DE PANDEMIA

Com a necessidade de se adaptar ao atual contexto de pandemia o projeto mudou seu plano de atividades presenciais para virtuais, em que “No Brasil, a utilização dos artefatos tecnológicos na educação básica ganhou força com a pandemia de COVID-19. Uma força que pode ter repercussões complexas para os múltiplos entrelaçamentos da educação brasileira [...] Estivemos em quarentena, mas estivemos também, em intenso processo comunicativo no ciberespaço.” (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p.218), de modo que para atingir um público, o trabalho que antes seria aplicado em escolas da rede básica, passou a ser modificado para vídeos a serem publicados na plataforma do Youtube. Além da plataforma Youtube, foi também utilizados os softwares Google Drive, Google Meet, Google Agenda, Canva e Audacity para a confecção dos vídeos e encontros virtuais do projeto.

O trabalho é de cunho qualitativo, uma vez que durante as pesquisas sobre os jogos tem-se mantido suas raízes culturais e históricas, dando notoriedade a povos marginalizados. D’Ambrosio enfatiza que a pesquisa qualitativa é “focalizada no indivíduo com toda a sua complexidade, e na sua inserção e interação com o ambiente sociocultural e natural.” (D’AMBROSIO, 2000, p.103)”, constatando a importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da realidade explicitada, o projeto de extensão tem apresentado mais um método de inserção da Lei 10.639/2003 nas aulas de matemática, trazendo suas contribuições não só no componente, mas também de forma cultural e histórica. Entendemos a educação como instrumento modificador da realidade e precisa-se adaptar aos diferentes contextos e condições vivências na sociedade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10.639**. Publicada em 09 de janeiro de 2003.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: da teoria à prática**. 7.ed. Campinas: Papirus, 2000.

_____. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo: Ática, 2 ed., 1998.

KRAUSS, J. S.; ROSA, J. C. da. A importância da temática de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas. **Antíteses**, v. 3, n. 6, p.857-878, jul.-dez. de 2010.

MADRUGA, Z. El. de F. Lei 10.639/2003 inserida nas aulas de matemática: possibilidades de utilização do programa etnomatemática na educação básica. **Revista de Educação Dom Alberto**, v. 1, n. 7, p.20-34, jan./jul. 2015.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O SLAM DE POESIA E SUAS VISÕES LÍRICAS DECOLONIAIS: UM ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO POLÍTICA

Jamila Reis Gomes¹⁶²
Luan de Lima¹⁶³

RESUMO

Possibilidades de criar trajetórias de ação individual/coletiva para idealizar e construir modelos de estar e viver na sociedade, são demandas urgentes para nós que não pretendemos aceitar como a sociedade está estruturada. Através do Slam, essas possibilidades encontram-se e divergem dos estereótipos, sendo representadas por poetas que versam sobre as insurgências urbanas, dialogando com os saberes através do que interpretamos como pedagogia griô. Sendo o poeta o comunicador-griô, capaz de expressar o universo da sociedade contemporânea brasileira afrodiáspórica. O corpo-expressão-negra consciente do seu potencial, borrifando o mundo com a sua potência poética (FANON, 2008) é capaz de criar uma relação não de apropriação do mundo, mas uma relação de ser-mundo, o Slam cria/é um processo de descolonização enquanto ação no espaço e no tempo.

Palavras-chave: slam; pedagogia griô; corpo-expressão-negra.

LÍRICAS QUE FAÍSCAM NO CAOS

“É necessário o coração em chamas para manter os sonhos aquecidos. Acenda fogueiras (Sérgio Vaz). O trecho da poesia de Sérgio Vaz, poeta, escritor, idealizador da Semana de Arte Moderna da Periferia, fundador da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) expressa com sensibilidade a potência política poética que brota no Slam de Poesia

162 Graduada e mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.
jamilareisgomes@gmail.com

163 Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. limaluan69@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ou apenas, *Slam*. Nos coloca em posição de pensar quais mundos queremos construir a partir dos sonhos que se mantêm aquecidos através de fogueiras insurgentes que se alimentam dos encontros, do movimento coletivo, são faíscas que se contrapõe à lógica da vida neoliberal nas cidades. As poesias que são declamadas pelos *slammers*, o comunicador-griô, são narrativas e atravessamentos do corpo-expressão-negra vivenciados no cotidiano das cidades, tanto em espaços públicos como em espaços privados, disseminando palavras e ações que se tornam táticas de apropriação do espaço urbano que vão contra a lógica de produção mercadológica da vida nas cidades contemporâneas. Nesse sentido podemos pensar também a prática do Slam enquanto espaço de ensino e aprendizagem, que vai sendo transmitida a partir da oralidade. Esse movimento é também um deslocamento do conhecimento, que remete a conexões diaspóricas dos fundamentos da pedagogia griô.

O Slam surge na década de 1980 nos Estados Unidos, e no Brasil chega no ano de 2008 através do coletivo ZAP – Zona Autônoma da Palavra, idealizado pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. De um fazer político, educacional, artístico e cultural, promove encontros onde o objetivo é ouvir e declamar poesias. As características que compõem o Slam são: poemas autorais, de no máximo três minutos, apresentados sem acompanhamento musical e de maneira performática, onde juradas(os) escolhidas(os) aleatoriamente vão atribuir notas de zero a dez a(o)s poetas. O Slam vem sendo utilizado como plataforma para criar espaços nos quais a manifestação da livre expressão poética, do livre pensamento e a coexistência em meio à diversidade são experienciados como práticas de cidadania. (D'ALVA, 2019).

Através da linguagem, a prática do Slam, possibilitam a apropriação da cidade, do acesso à cultura, da educação e a democratização da poesia e literatura que é restrita a um *habitus* de uma determinada classe social. Essas narrativas que são declamadas expõem contradições do espaço vivido e são também formas de resistência a lógica hegemônica da produção, de ser-mundo. O papel da fala não é simplesmente o de possibilitar a resistência à supremacia branca, mas também o de forjar um espaço para a produção cultural alternativa e

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

para epistemologias alternativas, diferentes maneiras de pensar e saber que foram cruciais para a criação de uma visão de mundo contra-hegemônica. (HOOKS, 2017)

O poder dessa fala incorporada no Slam, inclui a percepção de um sujeito, a/o poeta comunicador(a)-griô, que traduz e reflete o contexto da sua época por meio de poesias que narram experiências de estar a margem de uma sociedade construída em cima de pilares excludentes, heranças do colonialismo. Entender os apagamentos coloniais, os silêncios, é pensar a validação dos distintos saberes, de quem pode ou não falar, e nos permite construir fios históricos para vislumbrar outros horizontes através de narrativas de sujeitos que habitam a margem da sociedade. Através das narrativas que são declamadas nas poesias, ocorre o processo de descolonização, pois são outras narrativas, aquelas que não são contadas pelo opressor que recriaram o lugar de hegemonia de determinado grupo e que produzem várias representações onde a identidade dos outros passam a existir (ALMEIDA, 2018).

FALA, POETA-GRIOT

Estreitando os laços entre o Slam e a Pedagogia Griô, pensamos o método de encantamento como presente em ambos os espaços, onde saberes ancestrais de tradição oral, ciências, artes e tecnologias, criam vínculos de aprendizagem, o slammer comunicador-griô se assemelha aos griots presentes na cultura Ocidental Africana. Os griots são classificados em três categorias, os músicos, os embaixadores e os poetas/genealogistas; a tradição lhes confere *status* social especial, eles têm o direito de serem cínicos e gozam grande liberdade de falar (BÂ, 2010), assim como os *slammers*.

Aquelas(es) que se dispõem a proporcionar a diversificação de saberes e construção de novas epistemologias, vão gerar intolerância em uma sociedade que insiste no desencantamento do mundo pregando o seu fim (KRENAK, 2019). Nesse desfecho os corpos-expressão vão lançar visões líricas como possibilidade de construção de outros mundos e descolonização do conhecimento, entendendo que todos/as nós falamos de tempos e de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

lugares específicos, a partir de realidades e histórias específicas e que não existem discursos neutros (KILOMBA, 2016).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BÂ, Amadou Hampâté. **A tradição viva**. In.: KI-ZERBO, Joseph. (Coord.). História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p.181-218.

D'ALVA, Roberta Estrela. **SLAM: A voz do levante**. Rebento: Revista de Artes do Espetáculo, n. 10, 10/2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento - uma palestra performance**. Trad. Jessica Oliveira. 2016. Disponível:
https://www.academia.edu/23391789/Tradução_para_o_Português_de_DESCOLONIZANDO_O_CONHECIMENTO_Uma_Palestra-Performance_de_Grada_Kilomba. Acesso em: 28 jun. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

OS DISCURSOS INSURGENTES NAS BATALHAS DE RAP: O DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE A PEDAGOGIA GRIÔ E A POÉTICA DAS RUAS

Jamila Reis Gomes¹⁶⁴
Luan de Lima¹⁶⁵

RESUMO

Pensando maneiras de interpretar o mundo através de narrativas contra-hegemônicas, produzindo mecanismos de (re)criar o cotidiano assumindo um diálogo interpretativo decolonial, a batalha de rap emerge como um espaço plural de representação da cultura negra e periférica. Reflexo do movimento afrodiaspórico dentro do contexto brasileiro contemporâneo, conecta passado, presente e futuro através de expressões orais inspiradas pelo espaço sociocultural, tensionando a apropriação da cidade, além de disseminar e difundir conhecimento remetendo a pedagogia griô. Nesse percurso é relevante à forma como o MC-griô enuncia os discursos de resistência e multiplicidade de existência entendendo o lugar como locus da reprodução social. Essas narrativas negras questionam a universalidade e possibilitam a criação de outros discursos para entendimento dos corpos dissidentes.

Palavras-chave: batalhas de rap; cultura negra; pedagogia griô.

CONEXÕES POÉTICAS E A DIALÉTICA DA GINGA

A batalha de rap enquanto ação política no espaço público se constitui um lugar de entretenimento, mas também pode consolidar-se como lugar de uma aprendizagem que é feita de maneira crítica, ao mesmo tempo que tensiona a apropriação do espaço urbano, esse que é negado a maioria do público da batalha, que é formada por jovens e pessoas negras. Por meio

164 Graduada e mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.
jamilareisgomes@gmail.com

165 Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. limaluan69@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

da oralidade o/a MC (Mestre/a de Cerimônia), no contexto contemporâneo dentro da cultura das Batalhas de Rap, na nossa interpretação, faz correspondência com o *griot* das sociedades tradicionais africanas. Desse modo conecta-se com o movimento afro diaspórico, tornando essa ação política um espaço de construção de saberes decoloniais e educacionais, ecoando vozes que pretendem a partir de suas narrativas apontar flechas para a construção de uma nova sociedade (KRENAK, 2019).

Como uma das práticas que fazem parte do *hip-hop*, a Batalha de Rap eclode como fenômeno que vai reunir esses jovens com um intuito de celebração, mas obteve também como um dos seus resultados a diminuição das disputas territoriais por *gangs* que foram resolvidas através das Batalhas, desse modo consolida o seu potencial criativo, de transformação social e de solidariedade, reafirmando a força que a palavra assume desde as comunidades de tradições orais. Refletir sobre a experiência atlântica do povo negro em diáspora, entendendo a cultura como movimento e não congelada, nos possibilita perceber conexões entre o/a Mc e o *griot*, através de narrativas múltiplas construídas pelo sujeito que narra e não é lido mais como o Outro, mas o portador da voz (HALL, 2003).

Na perspectiva do Amadou Hampâté Bâ, os *griots* são formados por 3 categorias: os músicos; os embaixadores; e os genealogistas/poetas; que estão sincronizadas com a produção contemporânea da poesia ritmada do MC. Dessa maneira, pensamos as conexões possíveis entre os MC's e os *griots* enquanto disseminadores de conhecimentos, utilizando-se da linguagem vernacular negra e do corpo como ferramentas de resistência e transgressão. Experimentações poéticas e estéticas que tem como matriz suas experiências.

A tradição oral vai pensar fora da mentalidade cartesiana que costuma separar categorias, ou seja, o conhecimento envolve uma visão de mundo que engloba o todo, pois todas as coisas se religam e interagem (BÂ, 2010). A experiência da Batalha de Rap intensifica uma produtividade crítica e principalmente uma inventividade de possíveis modos de aprendizagem, como a arte educação, a educação biocêntrica e a educação dialógica que remetem à tradição oral africana e compõe a pedagogia griô.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

MC-GRIOT, UM(A) MENSAGEIRO(A) EM MOVIMENTO

Por que pensar em outros espaços de aprendizagem fora dos muros acadêmicos? Como entender a pedagogia griô dentro da batalha de rap? Dinâmicas, trocas, comunicação de saberes são feitas a partir desse movimento cultural, que protege a memória através das práticas incorporadas e desloca o lugar da aprendizagem a partir da oralidade, do corpo-expressão que ginga, canta e recria a ancestralidade no presente, na construção do conhecimento e tensionamento da estrutura social que é feita em coletividade. Compreender essa circularidade do conhecimento é também enxergar que a intelectualidade não reside em um só espaço, é pensar a quebra de estereótipos e o surgimento de novos caminhos epistêmicos. Transformar o espaço em um lugar através dessas práticas expressivas, onde a linguagem assume destaque, é criar percursos que semeiam a dialética da desconstrução e da construção de mundos. A colonialidade impôs um padrão de normatividade que desumaniza e torna descartáveis, tudo que não se enquadra na lógica hiper mercantilizada do sistema, assim a educação tradicional é incorporada nessa ciranda na qual desconsidera as individualidades e as multiplicidades dos saberes. Mas é preciso considerar diversos movimentos que vão se contrapor a essa lógica, como consideramos neste texto a pedagogia griô e a Batalha de Rap.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. **A tradição viva**. In.: KI-ZERBO, Joseph. (Coord.). História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p.181-218.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais**. In. SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Ed UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. Capítulo 3: Cultura Popular e Identidade. Que "negro" é esse na cultura negra, pp. 335-349.170.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento - uma palestra performance.** Trad.

Jessica Oliveira. 2016. Disponível:

https://www.academia.edu/23391789/Tradução_para_o_Português_de_DESCOLONIZANDO_O_CONHECIMENTO_Uma_Palestra-Performance_de_Grada_Kilomba. Acesso em: 28 jun. 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2017.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**RESGATANDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA:
A IMPORTÂNCIA DA ETNOMATEMÁTICA**

Nívea Arethúza Vital Alves¹⁶⁶
Samara Luciano Vieira¹⁶⁷
Francisco José de Andrade¹⁶⁸

RESUMO

A Etnomatemática é perceptível em toda a história da humanidade. Um questionamento pertinente seria: porque a Cultura Afrodscendente é pouco explorada nas ações educacionais formais? O presente resumo traz reflexões e contribuições sobre a importância do resgate da cultura africana no ensino de Matemática, e assim contribuir para a implantação da História e Cultura Afro-Brasileira em todo currículo escolar, em especial no ensino de Matemática. Tomou-se como principais bases teóricas as obras de D'Ambrosio (2001) e Knijnik (2012, 2015), elencou-se os principais desafios que são encontrados para este resgate no contexto atual dos discentes, bem como buscou-se proporcionar meios de incentivar os docentes a utilizar métodos cognitivos de ensino que abordem a cultura Afro-Brasileira entrelaçada na matemática e suas formas no dia a dia.

Palavras-chave: Etnomatemática; Ensino-Aprendizagem; Afro-Brasileira.

166 Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP, arethuzacullen@gmail.com, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

167 Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP, samara19061998@gmail.com, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

168 Orientador: Professor do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Doutor em Matemática pela Universidade Federal do Ceará – UFC, franciscojandradeufcg@gmail.com, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

A Matemática é uma ciência presente em toda atividade humana, seja na compra de um alimento, nas construções civis ou nos esportes; Assim a Matemática está em todo o lugar, mesmo que implicitamente. Isto mostra a importância de se trazer o cotidiano do alunado para a sala de aula, através de dinâmicas, materiais didáticos e jogos Knijnik (2012); ela propõe que os docentes busquem por novas metodologias facilitadora da compreensão dos conteúdos pelos discentes.

O que poderia ser feito? D'Ambrosio (2001) e Knijnik (2015) utilizam-se da etnomatemática. Suas palavras, tratam de um conhecimento compartilhado matematicamente em situações sociais dentro e fora do âmbito escolar, através de técnicas do dia a dia sem ter necessariamente um estudo breve do assunto.

Tendo isto em mente, pode-se pensar em utilizar a cultura afrodescendente em ações educacionais? Segundo Santos(2018) pouco se explora no ambiente escolar as culturas afro-brasileiras, limitando-se apenas ao conhecimento básico, apresentando-se assim um deficit sobre a cultura negra, principalmente no ensino e aprendizagem de Matemática, no qual a abordagem histórica concentra-se em grande maioria em gregos, árabes e egípcios.

O presente trabalho tem como objetivo propor a interligação da etnomatemática com os estudos históricos da descendência africana através de metodologias de ensino e aprendizagem que enfatizam o Brasil como um país de miscigenação e que teve entre seus primeiros habitantes os afrodescendentes. Além disso, explorar e discutir meios para utilizar melhor a cultura negra nas ações educacionais, conforme exigência da lei nº 10.639/03 a qual trata da inclusão nos estudos sobre a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

METODOLOGIA

O presente trabalho foi elaborado a partir de estudos teóricos das obras de D'Ambrosio (2001) e Knijnik (2012, 2015) e procura trazer reflexões e contribuições sobre a importância do resgate histórico da cultura afro-brasileira no ensino de Matemática através de metodologias que expressem a etnomatemática africana.

DISCUSSÃO

Para Santos (2018), a etnomatemática tem como interesse estudar diferentes grupos humanos, com suas práticas, características e tecnologias culturais. D'Ambrosio (2001) afirma que, os saberes e aprendizados estão na própria cultura desde as primeiras utilizações de instrumentos pré-históricos. Uma reflexão realizada pela professora Andreia Vila-alicense, em entrevista ao site Educação Integral, revela que a África é um dos berços da Matemática. Ela relatou que explorou em suas aulas histórias e vídeos com representações da cultura africana, e em seguida utilizou-os em atividades para o estudo de probabilidade o Gráfico de Sona, e em outra aula mencionou a primeira calculadora produzida pelos africanos com um osso de Ishango, cerca de 20 mil anos a.C. para os ensinos de números primos e sequências. Por intermédio dessas metodologias os alunos da professora captaram os conteúdos e tiveram sua curiosidade despertada pela a cultura.

Assim, recomenda-se metodologias de ensino e aprendizagem atrativas e onde o aluno entenda através de objetos ilustrativos ou fatos históricos. Uma sugestão seria o uso da etnomatemática africana; resgatando-se a importância de se estudar a descendência africana por intermédio da Matemática.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com a implantação da lei nº 10.639/03 a educação formal caminha de maneira escassa em relação à cultura afro-brasileira; entretanto pode-se perceber uma pequena parcela de professores que prezam pela cultura afrodescendente e aplica a etnomatemática em suas aulas, mostrando a diversidade e os contextos onde a Matemática se faz presente, desde os primórdios até o nosso cotidiano atual.

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Ática Autentica, (2001).

KNIJNIK, Gelsa; et al. **Etnomatemática em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

KNIJNIK, Gelsa. **Fazer perguntas... ter a cabeça cheia de pontos de interrogação**: uma discussão sobre etnomatemática e modelagem matemática escolar. *Unión* (San Cristobal de La Laguna), v. 44, p. 10-23, 2015. Disponível em:
[http://www.fisem.org/www/union/revistas/2015/44/Firma%20Invitada_ARTIGO%20GELSA%20KNIJNIK%20PARA%20UNI%C3%93N\(1\).pdf](http://www.fisem.org/www/union/revistas/2015/44/Firma%20Invitada_ARTIGO%20GELSA%20KNIJNIK%20PARA%20UNI%C3%93N(1).pdf). Acesso em: 20 de set. 2020.

PROFESSORA USA A CULTURA AFRICANA PARA ENSINAR MATEMÁTICA. **Centro de Referências em Educação Integral**, 2018. Disponível em:
<https://educacaointegral.org.br/experiencias/professora-usa-cultura-africana-para-ensinar-matematica>. Acesso em: 16 de ago. 2020.

SANTOS, Luane Bento dos. A etnomatemática e as relações étnico-raciais. **Nganhu-Revista e Geparrei**, v.1, n.1, 2018.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**Simpósio Temático 07 – Narrativas negras:
imagens (enquanto recurso narrativo), oralidades e palavra escrita**

Coordenadores(as)

Prof. Dr. Túlio Henrique (URCA)

Alexsandro Batista de Oliveira/Alex Baoli (Secretaria de Educação Básica/CE)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**CÍRCULO DE LEITURA DE ESCRITORAS AFRICANAS E
AFRODESCENDENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE
EXTENSÃO ANTIRRACISTA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE – UFCG**

Kássia Mota de Sousa¹⁶⁹
Larissa Lacerda de Sousa¹⁷⁰

RESUMO

O presente resumo trata do relato da experiência de realização do projeto Círculo de leitura de escritoras Africanas e Afrodescendentes, ação de promoção cultural e formativa, promoção da leitura e formação de leitor(a)s e mediador(a)s para instrução dos indivíduos ao mundo da leitura, que ocorre no âmbito da extensão da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, no Centro de Formação de Professores – CFP, campus localizado na cidade de Cajazeiras, no sertão paraibano. Desenvolvido ao longo do ano de 2019, com encontros quinzenais e presenciais, o projeto constituiu-se num espaço de compartilhamento e troca de ideias entre a comunidade participante e as escritoras, afrodescendentes e africanas de escrita em língua portuguesa ou ainda, traduzidas para o português, o projeto atuou rompendo com preconceitos de gênero e raça – racismo.

Palavras-chave: Leitura; escritoras africanas; Leituras afrodescendentes; Extensão.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo relatar a experiência de realização do Projeto de extensão “Círculo de leitura de escritoras Africanas e Afrodescendentes” ocorrida na Unidade de Educação da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG em Cajazeiras.

O projeto ao promover a leitura e estudo de obra de autoras africanas e afrodescendentes visibilizou narrativas literárias e também históricas importantes para o

169 Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, kassia.mota@professor.ufcg.edu.br

170 Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, lacerdalarissa7@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

urgente processo de (re)escrita da História do Brasil. Estas narrativas contestam uma escrita colonizada, e por isso eurocêntrica, sexista, elitista da nossa história, uma oportunidade de recuperar o passado do povo negro longe dos maniqueísmos e estereótipos tão corriqueiros no nosso arcabouço literário. Assim, essas obras apresentam novos paradigmas de representação, permitindo a expressão do protagonismo de mulheres negras na literatura e na sociedade.

METODOLOGIA

Neste tópico descrevemos as atividades do Projeto de extensão ocorrido no segundo semestre do ano letivo de 2019, que se consistia na realização dos encontros literários quinzenais – às segundas-feiras, às 16h – no NEABIG/CFP/UFCG, abertos ao público em geral. A cada período, selecionávamos uma obra, que era disponibilizada para leitura prévia dos membros. Nos encontros havia leituras coletivas e os membros eram convidados a compartilhar suas impressões sobre a obra, dialogando com seus autores, contexto de produção e discussões sociais apresentadas pela obra.

Durante o semestre de 2019.2, especificamente, estudamos as obras “No Seu Pescoço”, de Chimamanda Adichie (2017) e “Olhos d'água” (2016) de Conceição Evaristo. Organizou-se como uma atividade interdisciplinar, com a participação de discentes dos Cursos de Pedagogia, e de outras Licenciaturas, como Letras e História, reunindo um grupo diverso no que diz respeito a gênero, idade, formação e atuação profissional.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A partir desta ação buscamos refletir acerca da diversidade da produção literária africana e afro-brasileira, reconhecendo a centralidade e importância desta produção na composição de um retrato amplo da própria participação destas mulheres na sociedade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Nossos marcadores históricos, sociais, educativos, artísticos, de organização social, de memórias e narrativas foram desconsiderados como experiências inválidas na construção da sociedade brasileira. E a nossa história foi construída a partir da perspectiva do “Outro”. Partimos de um ponto contrário, o projeto em tela afirma a importância da afrodescendência na sistematização do conhecimento da população afrodescendente partindo do nosso olhar, das nossas memórias e narrativas para a construção da nossa história, é nesse sentido que propõe estruturar-se.

Nossa proposta fundamentou-se na compreensão da leitura como compreensão crítica do mundo, como possibilidade de percepção das relações sociais contidas no texto e no contexto. De acordo com Freire (1981), a leitura crítica da realidade, associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. Assim, a apresentação da escrita feminina negra e suas particularidades, constrói-se como uma prática educativa feminista e antirracista, e por isso, extremamente necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, a nossa proposta de leitura proporciona uma reflexão crítica diante da obra. Compreendemos que Leitura da “*nossa*” literatura, coloca no centro da discussão uma produção sobre nós e para nós, assim, atuamos no sentido de autonomia, para o empoderamento científico de um grupo, população africana e afrodescendente, que sempre esteve a margem da produção científica, literária nacional.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas. Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** São Paulo: ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

SOUSA, Kássia Mota. **Entre a escola e a religião:** desafios para crianças de candomblé em Juazeiro do Norte. Mestrado em Educação (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza-CE, 2010.

_____. **Por onde andou nossa família:** veredas e narrativas da história de famílias afrodescendentes no pós-abolição. Tese (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza-CE, 2015.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**“TV, TV MINHA, SERÁ QUE COMO EU, EXISTE UMA RAINHA?”: O OLHAR
SOBRE A REPRESENTATIVIDADE NEGRA EM DESENHOS ANIMADOS**

Layza Lopes Oliveira¹⁷¹
Grace Troccoli Vitorino¹⁷²

RESUMO

O objetivo geral do artigo consistiu em analisar a representatividade negra em desenhos infantis e a sua importância na construção da identidade da criança negra a partir do desenho “Doutora Brinquedos”. Em termos metodológicos, fez-se uma pesquisa qualitativa, a partir do conteúdo empírico documental. Os resultados e discussão indicaram que a representatividade de personagens negros em desenhos animados mostram-se um fator necessário na construção da identidade da criança negra. A título de conclusão, o artigo buscou analisar, e refletir acerca da representatividade negra em desenhos animados.

Palavras-chave: Identidade; identidade negra; representatividade negra; desenhos animados.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a mídia não possibilitou a visibilidade dos personagens negros como os protagonistas, porém eles sempre estiveram lá, como personagens estereotipados, exercendo papéis de servis e marginalizados. A imagem dos negros que está no teatro, novela e cinema, estende-se aos desenhos animados, isso quando são idealizados pelos produtores.

171 Possui graduação em psicologia pela Universidade de Fortaleza – UNIFO . Atualmente atua na clínica, integrante do Laboratório de Estudos Sobre Processos de Exclusão Social – LEPES e mediadora do grupo de estudos sobre relações sociais do Laboratório de Estudos Sobre Processos de Exclusão Social – LEPES. layzalopes7@gmail.com

172 Orientadora: Possui graduação em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual do Ceará (1986), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (1994) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2002). Atualmente é professora titular da Universidade de Fortaleza e conselheira do Conselho Municipal de Educação - Fortaleza. Coordena o Programa de Avaliação Institucional Interna da Unifor. gracet@unifor.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Desse modo o interesse pelo tema apresentado neste artigo decorre de relevância temática da representatividade negra no contexto nacional. Neste tema, é válido aprofundar estudos a partir de desenhos animados, pois esse gênero visual pode influenciar na construção da identidade da criança negra.

METODOLOGIA

Em termos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, pois proporcionou melhor estrutura da percepção das questões em pauta, além de ser também empregado como base para construir um referencial para futuras pesquisas, fornecendo dados e hipóteses significativas. Em seguida, foi realizada uma análise de conteúdo sobre o desenho animado “Doutora Brinquedos”, que segundo Bardin (2011, p. 47) classifica como “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Sem a abordagem explícita sobre as temáticas raciais, “Doutora Brinquedos” apresenta uma família negra em posições sociais que quebram os estereótipos por vezes já estabelecidos no campo midiático. Desse modo, o padrão estereotipado, constantemente reforçado pela mídia, afeta nas formas de se perceber, de se projetar no futuro e na constituição da identidade da criança negra.

Segundo D’adesky (2001, p.76), a identidade, para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. A identidade precisa do outro para poder se constituir, é necessário o

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

diálogo para essa elaboração. O outro tem a influência sobre a identidade do ser, a partir dos relatos de sua experiência, ações e interação.

Sendo assim, uso da fantasia da Doutora Brinquedos, sugere como a viável mudança sobre a realidade existente. Segundo Pires (2013, p. 19) “tudo aquilo a que a criança é exposta serve de elementos para sua própria elaboração e criação imaginativa”. Logo, a criança a partir do seu poder de criação, imaginação e fantasia, podendo criar a partir da realidade vivida, uma nova possibilidade de história.

O desenho em estudo, em sua importante significância, proporciona uma nova visão sobre o que se deseja alcançar quando crescer, e de que a realidade existente, fundamentadas sobre critérios racistas pode ser mudada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, o estudo tem por objetivo promover reflexões acerca da representatividade negra, que detém grande importância na construção da identidade, e valorização e resgate da cultura negra. O desenho animado analisado ressalta a importância da representatividade negra a partir de personagens principais e sem estereótipos. A ocupação dos personagens na trama do desenho viabilizam a possibilidade de crianças negras se imaginarem no mesmo contexto, sendo médicos, importantes, e principalmente protagonistas da própria história, algo que por tempo foi roubado tanto no meio da animação, como na vida.

REFERÊNCIAS

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. (1977). **Lisboa (Portugal): Edições**, v. 70, 2011.

D'ADESKY, Jacques. **Racismos e anti-racismos no Brasil**. Pluralismo étnico e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

PIRES, Amanda Prado. **Infância e imaginação criativa: Um Estudo de Caso em uma Escola de Educação Infantil de Pedagogia Waldorf**, Florianopolis, Brasil, 2013.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**A FOME DO QUARTO DE DESPEJO - UMA REFLEXÃO SOBRE RACISMO,
FOME E POBREZA NA LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Katarina da Silva Barbosa¹⁷³

RESUMO

É uma reflexão sobre fome da população negra no Brasil, trazendo o conceito de racismo institucional e pobreza para essa realidade social. E através do livro Quarto de Despejo serão expostos os conceitos e a real solidão do povo negro, contribuindo para a costura e o desenvolvimento do texto, dando veracidade ao racismo na construção do Estado brasileiro, e como ele se materializa em ações individuais, coletivas e institucionais, a favor de uma classe dominante. O texto é construído pela narrativa de Carolina Maria de Jesus, sobre essa população que continua enfrentando a pobreza.

Palavras-chave: pobreza; racismo institucional; fome.

INTRODUÇÃO

Moradora da primeira grande favela de São Paulo, a Canindé, na década de 50, desocupada nos anos 60 para a construção da Marginal do Tietê, foi o cenário de uma realidade cruel vivida por Carolina Maria de Jesus, mãe solo, mineira, poeta, mulher negra, semianalfabeta, catadora de papelão, apaixonada pela leitura e escrita, relata em seu diário a vida de resistência a um sistema racista, que insiste em manter a penalidade¹⁷⁴ como uma

173 Com formação em História pela Universidade de Pernambuco – UPE, teve seu trabalho focado em comunidades quilombolas por 13 anos e há 10 anos trabalha com economia criativa, no interior de Pernambuco. Hoje, é graduanda em Serviço Social na UFPE e direciona sua pesquisa nas relações étnico raciais e tecnologia, contribuindo para o direito do usuário ao serviço público e a política pública. katarinabarbosabs@gmail.com

174 ...percebemos que a penalização, o disciplinamento, a repressão, e a criminalização da pobreza típicas do Estado Penal que tem vestido a carapuça de Estado Democrático de Direito, direcionam-se a uma determinada classe privada dos meios de produção, e do poder político, que sofre exploração, dominação, e opressão de outra classe detentora desses meios, e que está à frente do processo de expansão do Estado Policial, que na verdade não protege, mas desmonta os direitos sociais, garantidos constitucionalmente. (Andrade e Gracindo, 2015)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

forma de ordem “aos desajustados”¹⁷⁵, excluindo o que já é excluído / punindo o que já é punido. Por certo, a desigualdade existente na favela escrita por Jesus, é a realidade nunca contada por “outros”, até o momento, por isso a importância dessa obra é tão real, quanto Carolina de Jesus e sua consciência social diante dos seus vizinhos “favelados”.

Carolina de Jesus traz a fome, o racismo, a pobreza e as críticas aos políticos e as instituições públicas em seus relatos. Destaca-se assim, pois não é a toa que o título Quarto de Despejo¹⁷⁶ remete ao local em que essa população negra e pobre se localiza na sociedade. A favela é chamada de quarto de despejo pela a escritora, simbolizando a ação concreta do que não queremos vê e jogamos no quartinho dos fundos. E é assim, no quarto dos fundos, que essa população pobre e negra é despejada, o processo de higienização adotado pelo Estado; antes era nas senzalas e agora nas favelas, sempre longe da Casa Grande. Assim, mantendo a população negra e pobre longe da riqueza produzida pela sua força de trabalho e a conduzindo para uma maior desigualdade, que não permite que essa população tenha uma vida digna.

A SOLIDÃO DA POPULAÇÃO NEGRA

A pobreza no Brasil é própria da desigualdade do capitalismo, desde a economia colonial escravista, sinônimo de contradição, exploração, acumulação, antagonismo e lutas sociais, que vem do extermínio indígena, expropriação e exploração do negro e as lutas de classes. E sem dúvida, o processo de colonização cristalizou a discriminação e o preconceito da população negra e indígena, bem como a pobreza também.

Não tem como não falar de pobreza no Brasil sem falar de relações étnico- raciais, pois, pós Abolição os negros livres não tinham para onde ir, sem estudo, sem casa, sem emprego, não conseguiram ocupar um espaço na sociedade, como cidadão, continuam sendo tratados como indivíduos inferiores, fortalecendo uma estrutura racista que permeia o corpo

175 Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais. (Jesus, 2007, pág. 41)

176 Publicado em 1960, autora Carolina Maria de Jesus.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

negro a uma pobreza, que o leva a miséria. E, é nos mocambos no final do século XIX que encontramos essa população desamparada e que cresce junto com as favelas no início do século XX, distante do centro, sem saneamento básico, sem escola, sem comércio e sem hospital, assim resultando a segregação socioespacial e consequentemente a exclusão social.

No livro, o cenário da favela de Canindé no anos 1950, mostra a realidade da pobreza e a solidão de uma mulher negra que todos os dias sai de casa na tentativa de matar a fome, catando ferro, papelão e vidro para trocar em alguns cruzeiros. E a fome que é “amarela”, causa tontura, mal-estar e desânimo é interpretada como algo violento que acompanha todos os dias aquela comunidade.

... é horrível ter só ar no estomago.

.....

Eu antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.

...

A comida no estômago é como o combustível nas máquinas. (Jesus, 2007.p. 45)¹⁷⁷

Se pensar que 75% da população negra é pobre (IBGE, 2018), é fundamental reconhecer a desigualdade, discriminação e o racismo fator explicativo do excessivo nível de pobreza existente no Brasil, podemos trazer dois conceitos sobre pobreza: Sérgio Abranches que define como “...destruição, marginalização e desproteção: destituição dos meios de sobrevivência física, marginalização no usufruto dos benefícios do progresso e no acesso às oportunidades de emprego e renda; desproteção por falta de amparo público adequado a inoperância dos direitos básicos de cidadania, incluem garantias à subsistência e ao bem-estar”. E o outro conceito é por Pedro Demo (1988) que cita em ter duas formas de pobreza de ordem socioeconômico (não ter) e de ordem política, qualitativa, imaterial (não ser), então a pobreza não se resume a fome, mas envilecimento, humilhação e subserviência. Ainda, Demo coloca a política como fator de sustento e até mesmo o desdobramento da pobreza.

177 Todas as citações de Carolina de Jesus serão mantidas fielmente a sua escrita, não havendo correção ortográfica.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Mensurar a pobreza no Brasil é bem complexo, devido aos de indicadores que a correspondem, mas é fundamental entender que o indivíduo necessita do mínimo para suas necessidades básicas e o salário mínimo de 998,00 de 2019 não é suficiente, levando em consideração que segundo o Banco Mundial a pessoa que vive em extrema pobreza a sua renda é aproximadamente R\$140,00 por mês, e a linha de pobreza é inferior a R\$406 por mês, essa linha é definida para acompanhar a pobreza global. Trazendo para o Brasil em 2017 o levantamento constata que 26,9 milhões de pessoas vivem com R\$ 234,25 em média e a população negra brasileira em 2018 continua recebemos 75% a menos que os brancos. E se pegarmos o recorte racial, a população negra tem o pior indicador, então, “a miséria tem cor no Brasil”.

CONSIDERAÇÕES

Se pegarmos o dados expostos e esse relato dos anos 1950, muita coisa não mudou, ainda encontramos pessoas negras, em situação de rua, catando comida no lixo e em trabalhos informais (ambulantes), em contradição, somos o segundo maior produtor de alimentos, um dos maiores exportadores de alimentos, o melhor bioma, abundância em água, toda essa riqueza natural e produzida não traz a qualidade de vida, além de ser o segundo maior país em população negra e coabita com a extrema fome. Sobretudo, estamos em um Estado que naturaliza a condição de miséria da população pobre negra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

ANDRADE, A.; GRACINDO, A. M.C. Estado Penal: em nome da “ordem social” que violações temos produzido?. 2015. Disponível em:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

http://www.uel.br/pos/mestradoservicosocial/congresso/anais/Trabalhos/eixo7/oral/17_estado_penal....pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

ARCOVERDE, A.C.B.; SANTOS, G.C. Pobreza conceitos, mensuração e enfrentamento no Brasil. 2011. Disponível em:
http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/DESIGUALDADES_SOCIAIS_E_POBREZA/POBREZA_CONCEITOS_MENSURACAO_E_ENFRENTAMENTO_NO_BRASIL.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

DEMO, Pedro. Pobreza Política. 2 ed. São Paulo: Corte. Autores Associados, 1980, p. 10-58. (Coleções Polêmicas do Nosso Tempo n. 27)

ENNES, Juliana. Governo Lula reduziu pobreza do país em 50,6%, mostra estudo. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/governo-lula-reduziu-pobreza-do-pais-em-506-mostra-estudo-2775537>. Acesso em 19 nov. 2019.

IBGE, Agência. Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acesso em 17 nov. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo. 9 ed. São Paulo: Ática, 2007.

MADEIRO, Carlos. Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm>. Acesso em 20 nov. 2019.

PASTORINI, Alejandra. A categoria “questão social” em debate. São Paulo: Cortez, 2004, p.12-44. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 109).

ROSSI, Marina. Mulheres e negros são os mais atingidos pela fome no Brasil. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/18/politica/1418927716_964759.html. Acesso em: 17 nov. 2019.

SILVEIRA, Daniel. Em 1 ano, aumenta em quase 2 milhões número de brasileiros em situação de pobreza, diz IBGE. 2018. Disponível em:
<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/05/em-1-ano-aumenta-em-quase-2-milhoes-numero-de-brasileiros-em-situacao-de-pobreza-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 17 de nov. 2019.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

AS AVENTURAS DE NGUNGA: ANÁLISE DO LIVRO NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA DE UMA NAÇÃO

Maria Jéssica Sousa Lima¹⁷⁸

RESUMO

Esta pesquisa, através da revisão de literatura e análise da obra, compreende a narrativa como arma revolucionária e construção de identidade. Reflito sobre o amadurecimento do protagonista Ngunga e o enfrentar da realidade que lhe é imposta por meio da luta e rumo a liberdade por meio da educação. Finalmente, a obra considera, de forma simbólica, a formação, revolta e libertação de Angola do colonialismo português, abrindo espaço para mais discussões sobre a temática de formação de identidade individual e coletiva em contextos de luta e resistência anticolonial.

Palavras-chave: Africanidade, Angola, Coletividade, Identidade, Liberdade.

INTRODUÇÃO

As aventuras de Ngunga, obra escrita em 1972, pelo autor Angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido pelo pseudônimo de Pepetela, foi publicada em em 1973 de forma mimeografada em plena floresta do Leste de Angola pelos serviços de cultura do MPLA. Essa obra faz parte de um projeto político pedagógico e como Marisa Lajolo (1993) aponta, *As aventuras de Ngunga*, é um livro imbuído do mesmo engajamento “das obras feitas no calor da hora, escrita que foi nas manhãs de dez dias, debaixo de uma árvore, numa carteira da mata, na frente Leste”.

¹⁷⁸ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia – FATEC. Atualmente desenvolve pesquisas no campo da literatura africana e afrodiaspórica e no campo da literatura infante - juvenil afro-brasileira. jessicasousamj@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Pepetela nessa obra constrói a narrativa através do olhar de uma criança de treze anos. As crianças assim como as mulheres, não têm seu espaço de fala na sociedade patriarcal e eurocêntrica e como indaga Gayatri Chakravorty Spivak em sua famosa obra: Pode o subalterno falar? Pepetela, ao dar voz na história a um protagonista menino, aqui entendido sobre essa visão de subalternidade, contemplando como o garoto enxerga e se posiciona naquele momento de luta pela libertação em que passava a nação Angolana, traz assim, neste livro uma literatura a partir do olhar do subalterno e que conseguiu imprimir em seu escrito um chamamento ao MPLA a novos pioneiros na luta de libertação de Angola, visto que, esse foi um dos principais objetivos da obra.

UM MENINO SE TRANSFORMA EM HOMEM

As aventuras de Ngunga conta a história de uma criança que os nove anos perde os pais mortos pelos colonialistas e tem a sua irmã sequestrada. A partir desse episódio é o personagem guerrilheiro Nossa Luta que cuida do garoto. O livro começa com o leitor sendo informado sobre o choro de Ngunga devido a uma ferida no pé. Ngunga vai até o Kimbo buscar tratamento com o socorrista e ao chegar lá descobre que as larvas tinham sido destruídas pelos colonialistas e que o filho do chefe daquele Kimbo havia nascido e o parto tinha sido complicado por isso eles iriam dar uma festa. Ngunga embora a idade é um andarilho e conhece muitas pessoas, observa as atitudes dos personagens e, em seguida, faz questionamentos críticos, construindo assim o conhecimento de si e do mundo. Ngunga tem a oportunidade de estudar formalmente, aprende que a escola é uma grande vitória sobre o colonialismo e somente pela luta e pela educação que se faz uma grande nação. O conhecimento do amor de Uassamba o faz ainda mais questionar as hierarquias sociais, as estruturas de poder e a desigualdade nas relações. Por fim, o livro termina com o menino transformando-se em um homem não só consciente da realidade mas que também se posiciona, possuindo o desejo de uma nova identidade que vem a partir de um novo nome que

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

não é informado ao leitor, metaforizando o processo de renovação e busca pela identidade nacional que Angola deveria passar depois da massificante luta para se tornar independente de Portugal.

COMO SE FORJA UM HERÓI

Esse é um livro que pode ser lido dentro da tradição do romance de formação, pois acompanha o processo de desenvolvimento físico, moral, psicológico, social e político de um personagem. Um rito de passagem dos heróis nos romances de formação, presente nesse romance, é a expectativa social em forjar no menino em um homem forte. Esse não pode mostrar fragilidades, ou seja, menino não chora, podemos ver isso logo nos primeiros escritos do primeiro capítulo:

Porque estás a chorar, Ngunga? – perguntou Nossa Luta. Dói-me o pé. Mostra então o teu pé. Vamos, para de chorar e levanta a perna. (p.04)

A busca do pequeno Ngunga é pelo autoconhecimento, pela aprendizagem, pela compreensão dos valores revolucionários e para tal são necessárias a peregrinação, a experiência das ações vividas, que ao final transforma o menino em um homem, um herói, em um mito nacional.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A eclosão desse homem, depois de várias experiências que o fizeram crescer, fez com que o menino Ngunga deixasse para trás o próprio nome e assim passou a ser chamado por outro nome que não é revelado ao leitor. Assim, aqueles que lessem o romance poderiam

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

enxergar nos seus companheiros ou em si mesmos traços desse menino tornado um “homem novo”, através de uma nova identidade.

É a história de Ngunga que reinventa a História de Angola. Por essa razão metaforiza-se uma saga de amadurecimento do protagonista que sonha em tornar-se guerrilheiro, mas desencanta-se com a realidade que vai conhecendo gradativamente. Pode-se dizer que Ngunga não é, ele apresenta-se como um vir a ser, um devir-criança que constrói seu itinerário no mundo pelas suas escolhas e ações.

REFERÊNCIAS

MATA, Inocência Luciano dos Santos. Um escritor (ainda) em busca de utopia: In: **Instituto Camões - Centro Cultural Português: Homenagem a Pepetela**. Luanda: Instituto Camões, 1999.

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. São Paulo: Ática, 1980. A geração da utopia. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Foreword: Upon Reading the Companion to Postcolonial Studies. In: SCHWARZ, Henry; RAY, Sangeeta (eds.). **A Companion to postcolonial Studies**. Oxford: Blackwell, 2000. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/arena-attachments/2628548/a0aee555ef5acf51f2e307feb327e93f.pdf?1535663391>. Acesso em 11 out. de 2020.

_____. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ESCRITAS MATRIPOTENTES COMO PARIDORAS DE CRIATIVIDADE

Josinéia Chaves Moreira¹⁷⁹

RESUMO

A maternidade é um tema que afeta direta ou indiretamente a vida de todas as mulheres, mas, sobretudo, a das mulheres negras. Diante das diversas travessias que vilipendiaram a maternidade de mulheres negras, analisarei nesse texto a epistemologia da escrevivência, desenvolvida pela intelectual e escritora Conceição Evaristo (2005; 2007), como um gesto materno, fecundação ou fertilização de múltiplos gestos ritualísticos de uma enunciação coletiva. Para tanto, trarei as escritas matripotentes de Maya Angelou e de Conceição Evaristo como esse poder negro feminino, a partir dos seus contextos de origem, que herdaram um legado e pretendem fecundar novas travessias de interpretações sobre essa temática na literatura negra nas Américas (GONZALEZ, 1988). Narrativas que nos reconectam com esse processo de retorno para casa em busca do rosto de nossas mães, tias, irmãs, avós, irmãs, de todas as mulheres da família e de nossas ancestrais.

Palavras-chave: Escrevivência; maternidades; criatividade; Conceição Evaristo; Maya Angelou.

INICIANDO A PARAGEM PARA DESAGUAR

O presente estudo faz parte do meu doutoramento (em construção), no qual busco evidenciar como as escrevivências (EVARISTO, 2005; 2007) presentes nos *corpora* escolhidos de Maya Angelou e Conceição Evaristo herdaram um legado que pretendem

179 Universidade Federal da Bahia – UFBA, josineliamoreira@hotmail.com. Orientadora Profa. Dra. Livia Maria Natália de Souza Silva. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura pela UFBA; Mestre em Literatura e Cultura pela UFBA; Licenciada em Letras Vernáculas pela UFBA. E-mail: josineliamoreira@hotmail.com. Agência financiadora: CAPES; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2971118370348035>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3347-809X>.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

fecundar uma nova travessia de interpretação sobre maternidades negras na literatura das Américas (GONZÁLEZ, 1988). Sem a pretensão de exaustão ou enclausuramento, estou tratando como maternidades negras nas Américas, a partir do conceito de Amefricanidade de Lélia Gonzalez (1988), tecido nos anos 80, como outras possibilidades de apresentar e relacionar a diáspora africana, como uma vivência comum nas Américas. Desse modo, proponho nesse texto uma análise dessas escritas matripotentes (OYĚWŪMÍ, 2016) de Maya Angelou e de Conceição Evaristo, por meio da epistemologia da escrevivência, como um gesto materno, fecundação ou fertilização de múltiplos gestos ritualísticos de uma enunciação coletiva.

ESCRITAS MATRIPOTENTES: LEGADO DO PODER NEGRO FEMININO

Na verdade, enquanto mulher preta em dispersão, percebo o quanto pensar, discutir a temática da maternidade é importante, pois “a mão que balança o berço governa a nação e o destino” é o que afirma um provérbio africano citado pela filósofa, professora, poetisa e doutoranda de Filosofia Africana Katiuscia Ribeiro (2019), ao discutir sobre a “Mulher Preta: Mulherismo Africana e outras perspectivas de diálogo”. Um provérbio que ressalta a importância das mulheres no que refere a instituição maternidade como continuidade de uma cadeia ancestral, mas também como unidade central de organização dos processos de gestão política e econômica para o desenvolvimento das comunidades. Logo, “[...] o ventre da vida parte das perspectivas matriarcais gestando o poder responsável pela cura de nossa comunidade” (RIBEIRO, 2019), como mostram as narrativas da novela “Sabela” (2016b) e no conto “*Ayoluwa*, a alegria de nosso povo” (2016b) de Conceição Evaristo. Histórias em que a vida só ganha sentido pela capacidade criativa das mulheres e de suas comunidades, paridoras de saberes ancestrais restaurados e curados pela força e fertilidade das águas e da alegria, essa última, a sua simples enunciação muda o movimento das pessoas e reacendem a energia que seus nomes-corpos carregam.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Maya Angelou em *I Know Why the Caged Bird Sings* (Eu sei por que o pássaro canta na gaiola, 1969), retrata a sua infância e a de seu irmão, em Arkansas, com todos os enfrentamentos e descobertas, até o final da adolescência, quando engravida aos 16 anos e inicia uma nova fase da vida. Considero esse como um dos primeiros caminhos de expressão da prática da liberdade em Maya Angelou, exercida pela sua avô-mãe, mesmo em um ambiente de morte, a avó educa e assume essa função de mãe de criação dessas duas crianças, Maya e de Bailey, de transmitir, anonimamente, a “faísca criativa”, como mostra Alice Walker no seu *In Search of Our Mother's Gardens* (1972), Em busca dos jardins das nossas mães. Logo, Maya humaniza o mercado e as pessoas que o frequentam, pela criatividade da avó com aquele espaço, com cada item que ocupa uma moldura na sua memória de uma avó religiosa, firme, vibrante e cuidadosa, uma grande lua marrom.

UMA DOBRA DIANTE DO VOLUME DO DESÁGUE

Toda essa fertilidade presente nas obras dessas escritoras revelam o quanto elas são exemplos de mulheres negras paridoras de criatividade, mesmo diante da dor, conseguem nutrir projetos de cura e de respeito a si mesmas e a toda uma tradição. Suas escrevivências funcionam como mapas, bússolas, rotas de continuidade de lutas. Por isso, a agência da matripotência da socióloga nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí, entendida como esse lugar não biológico e muito menos de gênero, é um percurso metodológico para entendermos que ainda é preciso redimensionar o lugar da maternidade para mulheres negras, as quais foram sequestradas e são até hoje desse direito de parir, de maternar, de cuidar da sua prole, desde o período da escravização. Um resgate do lugar e do sentido do que significa ser mãe em contextos diaspóricos, um exercício de desterritorialização como se vê na força e importância de mulheres como: Vivian Baxter, Annie Henderson, Maya Angelou, Sabela e Bamidele, respectivamente, de autobiografias de Maya Angelou e nas ficções de Conceição Evaristo.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Tradução Regiane Winarski. Porto Alegre: Astral Cultural, 2018.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária – UFPB, 2005.

_____. Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

_____. *Ayoluwa*, a alegria de nosso povo. In: **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016a.

_____. Conceição. Sabela. In: **Histórias de leves enganos e pareências**. 2016b.

GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, nº. 92/93 (jan./jun.), 1988, p. 69-82.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Matripotência: *Ìyá* nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [ìorubás]. Tradução para uso didático de OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Matripotency**: *Ìyá* in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por wanderson flor do nascimento. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

RIBEIRO, Katiúscia. **Mulher Preta**: Mulherismo Africana e outras perspectivas de diálogo. Disponível em: https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/mulher-preta-mulherismo-africana-e-outras-perspectivas-de-dialogo?fbclid=IwAR01YYFLt-M08oFVLHxM9YoPanvETvLN_4P5cMGcpGgRO2KcAvf-debgF9U. Acesso em: 25 set. 2020.

WALKER, Alice. Em busca dos jardins das nossas mães. Traduzido de: Walker, Alice. **In search of our mother's gardens**. [s.l.]: Orion books, [s.d.], posições 3282-3472. [Kindle ebook], por Lourdes Modesto. Disponível em: <http://loumodesto.com/index.php/2020/03/24/em-busca-dos-jardins-das-nossas-maes-alice-walker/>. Acesso em: 5 jun. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**FEMINISMO, LITERATURA E NEGRITUDE:
PONTOS DE UM DIÁLOGO**

Maria Mariana Ferreira Gonçalves¹⁸⁰
Rafaelly Carneiro dos Santos Nogueira¹⁸¹
Iara Maria de Araújo¹⁸²

RESUMO

Para a mulher negra, o mecanismo de negação à participação no âmbito literário, sempre ocorreu duplamente, por questões relacionadas ao gênero e a raça. A intenção do artigo é pensar sobre a contribuição do pensamento feminista negro para problematizar questões de racismo e sexismo que colocaram a mulher negra em condição de exclusão e marginalização e como esse movimento repercutiu na visibilidade da literatura de autoria feminina negra. Utilizaremos aporte teórico fundamentado em Constância Lima Duarte (2003), Sueli Carneiro (2005) Lélia Gonzalez (2019), Grada Kilomba (2019) entre outras.

Palavras-chave: Literatura feminina negra; Pensamento feminista negro; Racismo; Sexismo.

INTRODUÇÃO

A intenção do artigo é pensar sobre a contribuição do pensamento feminista negro para problematizar as questões de racismo e sexismo que colocaram a mulher negra em condição de exclusão e marginalização e como esse movimento repercutiu na visibilidade da literatura de autoria feminina negra. A subalternização é a marca principal da invisibilidade de

180 Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri, pós-graduada em Docência e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Padre Dourado, mestranda do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA. marianaalencar.g@gmail.com

181 Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri - URCA, pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana, pela Universidade Regional do Cariri – URCA, e em Gestão Escolar pela Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN, mestranda do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA. rafaellycarneiro@gmail.com

182 Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e professora associada da Universidade Regional do Cariri e docente no Mestrado Profissional em Educação/URCA. É coordenadora do Laboratório de estudos e pesquisas em gênero, educação, sexualidades e diferenças. iara.mar@terra.com.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

escritoras negras em nossa literatura. Porém, a apropriação da escrita literária, pelas mulheres negras, assume lugar de independência ao permitir expor, a partir das suas falas, a construção de uma representação de si diferente do que foi produzida ao longo da história. Utilizaremos um aporte teórico fundamentado em Constância Lima Duarte (2003), Bell Hooks (2000), Sueli Carneiro (2005) Lélia Gonzalez (2019), Patrícia Hill Collins (2019) Grada Kilomba (2019) entre outras, perpassando a crítica feminista, os estudos literários, decoloniais, de gênero e étnico-raciais.

O FEMINISMO NEGRO E A LUTA PELA INSERÇÃO SOCIAL

O movimento feminista, abriga várias correntes de pensamento em função de diferentes objetivos e níveis de desigualdade existentes entre as mulheres envolvendo marcadores sociais de classe, étnico raciais, de gênero. Porém, para que se chegasse a essa definição o movimento passou por abrangentes dimensões ao longo do tempo. Bell Hooks (2019), afirma que acabar com a opressão sexista é uma das tarefas do feminismo, para tal é preciso assumir uma perspectiva ampla e acurada da realidade política da mulher. Chama a atenção para as diversas realidades sociais e políticas das mulheres, sugerindo que o foco do movimento se voltasse para a experiência de todas, e não só um grupo de mulheres. “O pensamento e a prática feministas foram profundamente alterados quando mulheres negras e brancas de postura radical começaram, juntas, a desafiar a ideia de que o gênero era o fator que, acima de todos, determinava o destino de uma mulher” (HOOKS, 2019 a, p.17).

Desse modo, as interpelações do movimento de mulheres negras dos EUA nos anos 70 e 80 foram fundamentais para o surgimento da perspectiva interseccional dentro do movimento feminista. Essa perspectiva põe em debate os diferentes aspectos de lutas envolvendo mulheres brancas e não brancas. Assim, nos acostamos à Sueli Carneiro (2019) ao afirmar que as lutas e as características das mulheres brancas e negras precisam ser encaradas e discutidas dentro e fora dos movimentos, trazendo para a cena política as contradições

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

inerentes às articulações entre raça, classe e gênero. Para a autora enegrecer o feminismo é partir de um novo olhar, integrando o movimento feminista com pautas de luta do movimento negro. Logo, à medida que a visibilidade e engajamento de mulheres negras nos movimentos cresceu, a escrita de autoras negras ganhou representatividade no meio acadêmico e nas artes. Porém, foi uma inserção marcada por entraves e subalternidade.

A ESCRITA FEMININA NEGRA, UMA VOZ DE RESISTÊNCIA

A literatura feminina negra adentra o cânone elencada como alteridade e claramente marcada pela violência epistêmica. Produto de uma modernidade construída em imaginários de civilização e barbárie (Stephan,1995) sustentada por leis e por uma cidadania advinda da invenção do “outro”. A mulher negra começa a escrever transgredindo a ordem previamente estabelecida, marcada pelo selo do colonizador. Insere-se no contexto outro, apropria-se dele e o transforma na base da sua literatura.

Conceição Evaristo (2010 p. 3) ao citar Luiza Lobo (1989) diz que a autora, “pontua que a existência da literatura negra se dá a partir do momento em que o negro deixa de ser somente tema, deixa de ser objeto para uma literatura alheia e passa a criar a sua própria, assumindo o papel de sujeito. Para ela, essa mudança de posição, de papel, define o surgimento da literatura negra no Brasil”. A literatura feminina negra é reconhecida como uma literatura reflexo de vivências, como diria Conceição Evaristo, são as “escrevivências”. Textos que revelam faces que por muito tempo estiveram ocultas, o começo de uma identidade de mulher que não é mais o outro do discurso, porque criou o seu próprio.

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam uma literatura em que o corpo mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

descrito, para se impor como sujeito-mulher negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida (EVARISTO, 2005, p. 54).

Esse novo discurso literário ordenado pelas experiências, vivências e marcas de vida da própria escritora, a mulher negra, marca uma escrita construída pela enunciação de vozes antes silenciadas. A escrita passa a aparecer como evidência da sua luta contra a subalternização da sua voz, da sua presença e ressignificação da mulher negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de seus escritos, as mulheres negras traçam seu percurso de inserção na literatura brasileira. Buscando se fazer ouvir, usam a auto representação como recurso linguístico e de aproximação, dão vida a novos sentidos e significados, constroem uma autoimagem positiva para desconstruir e questionar as representações negativas, desmistificando assim, os estereótipos raciais e sexuais. A Literatura Feminina Negra é um ato de libertação, das mulheres negras, das suas expressões e das suas palavras, uma escrita que se constitui como consciência política e social.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019. pg 313-321.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloísa. Bazar do Tempo, 2019. p 25-47.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019 a..

_____. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo, Perspectiva, 2019b.

LOBO, Luiza. A Literatura de Autoria Feminina na América Latina. **lfilipe.tripod.com**. Disponível em: <http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html>. Acesso em: 27 ago. 2020

GONZÁLEZ STEPHAN, B. Modernización y disciplinamiento. La formación del ciudadano: del espacio público y privado. In.: GONZÁLEZ STEPHAN, B et al. (Org.). Esplendores y miserias del siglo XIX. **Cultura y sociedad en América Latina**. Caracas: Monte Ávila Editores, 1995.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

IDENTIDADE, NEGRITUDE E SAÚDE MENTAL: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA YOUTUBER

Anderson Moraes Pires¹⁸³
Raquel de Souza Xavier¹⁸⁴

RESUMO

O objetivo desta apresentação é discutir a caracterização da identidade a partir da internalização de processos de autodefinição e individualização, além de analisar a importância dada à saúde mental neste processo, a partir da análise do vídeo “Psicoterapia, minha experiência - ferramentas de autocuidado #1”, publicado por Nátaly Neri, no YouTube. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza o método netnográfico, com apoio de narrativas autobiográficas disponíveis na internet. Por isso, o simpósio temático escolhido foi: “Narrativas negras: imagens (enquanto recurso narrativo), oralidades e palavra escrita”. Observou-se que a narrativa apresentada faz um diálogo entre sujeito e sociedade, encontrando as possíveis barreiras para o adoecimento mental, e que é necessário conceder abertura para que o processo de mudança possa ocorrer.

Palavras-chave: identidade; negritude; saúde mental; netnografia.

INTRODUÇÃO

O conceito de identidade é um dos mais complexos e discutido na contemporaneidade. Para a Sociologia, por exemplo, esse conceito é associado à noção de pertencimento a um grupo, ao passo que a Psicologia pode entender a identidade como o resultado das múltiplas relações sociais (WACHOLZ, 2016). O que se destaca é que, como destaca Wacholz (2016) a partir dos estudos de Munanga, a questão da identidade para as pessoas negras é dolorosa, pois

183 Centro Universitário Estácio do Ceará. andersonpires@gmail.com

184 Universidade Federal do Ceará. raqueldsx@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

deve ser considerada a situação social dessas pessoas em um universo racista. Então, por mais que seja vergonhoso para uma nação, deve-se assumir que o Brasil mantém estratégias que atacam a saúde mental das pessoas negras (SILVA, 2005).

Dessa forma, o objetivo desta apresentação é discutir a caracterização da identidade a partir da internalização de processos de autodefinição e individualização, além de analisar a importância dada à saúde mental neste processo, a partir da análise do vídeo “Psicoterapia, minha experiência - ferramentas de autocuidado #1”, publicado por Nátaly Neri, no YouTube.

METODOLOGIA

O método utilizado neste estudo foi netnográfico, ou etnografia virtual, que nos ajuda a entender como as pessoas apresentam os seus mundos e suas perspectivas (KOZINETS, 2014). Esse método se alinha com a perspectiva de pesquisa qualitativa e se mostra favorável ao passo que não há a interferência direta das pesquisadoras no lócus da pesquisa, logo são destacadas duas características próprias: a acessibilidade e o anonimato. Essas duas características somam-se ao fato de que a internet é um espaço vivo que está em constante movimento.

Além disso, consideramos o uso de narrativas de histórias de vida como ferramenta metodológica. A narrativa a ser escutada é construída a partir de relações sociais, e por mais que aconteça de muitas pessoas aparecem nas histórias, a colaboradora ainda continua falando mais sobre si do que sobre o outro (LIMA, 2010).

Utilizamos a análise de conteúdo seguindo os procedimentos sugeridos por Bardin (2016). Consideramos as fases de análise: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este estudo analisa a narrativa de uma *youtuber* acerca do seu processo de compreensão da psicoterapia como ferramenta de autocuidado. Para isso, elegeu-se o vídeo “Psicoterapia, minha experiência - ferramentas de autocuidado #1”, publicado em 15 de agosto de 2019, e que até o dia da coleta de dados, 10 de agosto de 2020, se encontra com mais de 37.854 visualizações, mais de 6 mil sinalizações de “gostei” e 235 comentários.

A autora do vídeo expõe seu espaço, o território geográfico e o virtual, e fala de sua vida no então atual contexto político do Brasil. Em sua narrativa, é perceptível as questões raciais, sobretudo o racismo, que geram bloqueios ou visões distorcidas de si mesma. Nesse sentido, destaca-se que é fundamental que a identidade negra, afrodiaspórica, seja trabalhada a fim de fortalecer a imagem de uma cultura extremamente rica e, conseqüentemente, as imagens de si.

Nesse vídeo, a jovem fala sobre a importância de buscar identificar a raiz dos sofrimentos psíquicos para manter relações sociais saudáveis. Para isso, há o reconhecimento de que é necessário buscar profissionais que se fundamentam em saberes que não aceitam as violências coloniais. Por isso que a própria Nátaly informa a importância de buscar psicólogas/os negras/os e/ou que estudam a negritude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar que ainda são poucas pessoas permitidas, por uma estrutura racial, a ter acesso a serviços de saúde mental, especificamente, a psicoterapia. Isso faz com que uma grande parcela da população negra brasileira continue em processos de adoecimento, baixa autoestima e sintomas que caracterizam o que os manuais médicos classificam como depressão.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O que foi empreendido nesse trabalho nos permite entender que, como a própria Nátaly menciona, a população brasileira necessita que serviços antirracistas, que valorizem a saúde mental dos sujeitos e não a indústria capitalista.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

LIMA, Aluísio Ferreira de. **Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso**: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. São Paulo: FAPESP, EDU, 2010.

SILVA, Maria Lúcia da. Racismo e os efeitos na saúde mental. *In*: L. E. Batista, S. Kalckmann (Orgs.). **Seminário saúde da população negra do Estado de São Paulo 2004**. São Paulo: Instituto de Saúde. 2005.

WACHOLZ, Thais. **Identidades e negritude na perspectiva de estudantes negros e negras**. 2016. 151p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2016.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**LITERATURA E DIÁSPORA:
OS DESLOCAMENTOS DE UMA AMERICANAH**

Larissa Lacerda de Sousa¹⁸⁵

RESUMO

O objetivo deste texto é analisar algumas características da obra *Americanah* (2013) que constroem o caráter de movimento do romance mais recente da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Esse movimento não é configurado apenas pelo deslocamento geográfico, que constitui o pano de fundo do romance, mas também pela desestabilização da noção de identidade, pela mudança de perspectivas das personagens sobre si e sobre o Outro, pela fragilidade dos estereótipos e pelos problemas da homogeneização de grupos. Desse modo, pode-se mostrar, na obra, que aquilo que parece seguro, se revela deslizante. Para isso, este trabalho irá analisar brevemente como o tema da diáspora é apresentado no romance a partir da ideia de “literatura movente” de Braga (2019) e sob à luz das contribuições de Homi Bhabha (1998) sobre o entre-lugar.

Palavras-chave: Americanah; Deslocamento; Entre-lugar.

INTRODUÇÃO

Este resumo trata de uma breve análise sobre uma característica do romance *Americanah* (2013), da escritora Chimamanda Adichie: seu caráter diaspórico, que se configura por diferentes elementos do texto. Essa característica constrói a ideia de movimento no romance, que não está atrelado somente ao deslocamento geográfico das personagens, mas sobretudo pelas noções de identidades que são desestabilizadas. Para tal, é relevante partir do conceito de *espaço literário diaspórico* (BRAGA, 2019). Importa dizer que este texto é um recorte de uma pesquisa da autora sobre a linguagem em *Americanah*. Trata-se de uma pesquisa de crítica literária, fundamentada na teoria pós-colonial.

185 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, lacerdalarissa7@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A DISPERSÃO DAS PERSONAGENS E O MOVIMENTO DAS IDENTIDADES

Dentre as características elencadas por Braga (2019), que são analisadas neste trabalho, a primeira que se quer elencar é o pano de fundo do romance aqui abordado, que consiste na dispersão das personagens africanas, que migram para os Estados Unidos ou Inglaterra. Elas observam esse outro lugar como um espaço de oportunidade para realizar seus sonhos. Em *Americanah*, há diferentes razões que justificam essa dispersão, que estão relacionadas à busca dessas personagens por outros modos de vida, embora esse processo esteja ainda envolto de violência. Essas personagens, segundo o narrador, estavam “eternamente convencidas de que a vida real acontecia nesse outro lugar.” (ADICHIE, 2014, p. 299).

Esse fator também se conecta ao trauma experienciado na terra natal, mais especificamente na cidade de Lagos. Esse trauma deriva tanto de um passado colonial recente quanto da dificuldade ou “necessidade de escapar da letargia opressiva da falta de escolha” (ADICHIE, 2014, p. 299). Assim, elas partem para estudar, trabalhar, mas também com o desejo de novas experiências. Contudo, desse deslocamento, deriva conflitos que nascem da relação dessas personagens com o país anfitrião e do sentimento de não pertencimento que elas experimentam ao ocuparem um entre-lugar. É importante destacar que há uma relação centro-periferia impressa na narrativa. As personagens que saem de Lagos estão saindo de um país periférico para um país do centro do sistema capitalista. Há, portanto, uma divisão entre países ricos e países pobres, de modo que essas personagens adentram os Estados Unidos ou a Inglaterra impostas a um lugar de subalternidade. Essas personagens enxergam esse novo espaço como um lugar de oportunidades, mas se deparam com uma série de conflitos. Ainda assim, esse novo país pode se constituir um espaço onde algumas dessas personagens, como Ifemelu, conseguem realizar seus objetivos. Esse contexto, que expressa uma contradição, é construído a partir de um clima tenso que também constitui uma das características do romance diaspórico.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A linguagem é um outro elemento essencial a ser observado nessas literaturas e foi elencado por caracterizar diferenças culturais. Contudo quer-se afirmar aqui que a linguagem não somente manifesta diferenças culturais, mas também relações de poder que se materializam nela mesma. Isso porque a linguagem no romance tanto pode ser utilizada como forma de imposição de uma norma quanto, e por consequência disso, como forma de resistência. Para ilustrar essa característica, pode-se analisar as atitudes da protagonista nos Estados Unidos onde primeiro ela resolve adotar um “sotaque americano” e poucos anos depois ela desiste dessa estratégia. Ambas as atitudes de Ifemelu derivam de um confronto com um Outro. Essas atitudes remetem à concepção de identidade discutida por Stuart Hall (2014) de que a identidade é posicional, não é uma condição fixa e imutável que um sujeito carrega durante toda vida. Além disso, é possível observar a linguagem, ela própria, como uma arena de luta, onde as personagens se posicionam e negociam suas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Americanah apresenta muitas das características de um romance diaspórico, que importa não apenas para classificá-lo como tal, mas para compreender as contradições presentes no texto. É possível concluir como as personagens, situadas em um terceiro espaço e diante de um Outro, têm suas identidades mais nitidamente deslocadas. Nesta obra, a possibilidade de diferentes posicionamentos alinha-se à ideia de movimento.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRAGA, Cláudio R. V. **A literatura movente de Chimamanda Ngozi Adichie: pós-colonialidade, descolonização e diáspora.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2019.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (orgs). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

MARC FERREZ: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS

Suzana Alves de Sousa¹⁸⁶
César De França Batista¹⁸⁷

RESUMO

O artigo tem por finalidade analisar as imagens do fotógrafo Marc Ferrez, refletindo os discursos presentes nessas produções. O fotógrafo produziu imagens de pessoas escravizadas de uma maneira “apaziguada” através de um olhar da supremacia branca. Sendo assim, questionar como esses negros escravizados se colocaram como sujeitos nessas fotografias, se torna necessário para reeducar nosso olhar perante essas ilustrações. O objetivo é percebê-los como sujeitos históricos, que deixaram seus rastros na história. O “olhar retornado” dos escravizados que aparecem nessas produções possibilita pensar sobre suas vivências e vontades. Portanto, pretende-se propiciar ao leitor uma criticidade no olhar sobre as representações feita desses escravizados, não se prendendo apenas no interesse do fotógrafo, mas perceber a humanidade desses indivíduos.

Palavras-chave: História; Fotografia; Marc Ferrez.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo apenas o documento escrito era visto como fonte histórica. Com a multiplicidade do uso da imagem passou-se a ver essa produção como uma fonte histórica irrefutável. Mas a partir de uma análise teórica compreende-se que uma fotografia é um texto que deve ser lido. Mauad (1996), afirma que perguntas devem ser feitas as imagens, já que elas não falam por si só. Quem produz as imagens manipulam uma determinada “realidade”, ficando evidente a interferência do fotógrafo, pois o mesmo orientar nas posições dos indivíduos, arrumar a cena ou induzir uma ideia.

186 Graduanda do Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP, suzana.alvez.1@gmail.com, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

187 Graduanda do Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/CFP, cesarfranca20lh@gmail.com, Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Um dos grandes nomes da fotografia no século XIX é o Marc Ferrez (1843-1923). Com projetos pioneiros ganhou diversos prêmios e reconhecimento internacional. As fotografias de paisagem foram as obras mais conhecidas de sua autoria, atentando-se para as belas panorâmicas do Rio de Janeiro. Ademais seu acervo também é caracterizado pelas representações de pessoas escravizadas, imagens estas que seriam comercializadas não só no Brasil como no exterior.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo analisar como o Ferrez representou esses indivíduos nas fotografias, analisando as possíveis ações do fotógrafo ao orientar os escravizados a se pôr diante das câmeras e qual o discurso que o mesmo tentará criar através dessa imagem. Além disso, relacionar os indivíduos presentes com a liberdade, isso é, como eles se colocam como sujeitos históricos, quais são seus desejos e suas vontades.

METODOLOGIA

Este artigo pauta-se nos estudos teóricos de Ana Maria Mauad (1996), sobre o uso da fotografia como fonte histórica e Muaze (2017), com relação a sua contribuição na análise de imagens de Marc Ferrez (1843-1923). No qual as fotografias de Ferrez, foram utilizadas como objeto de estudo, para se pensar nas representações das pessoas escravizadas. E por fim, a utilização dos estudos de Sidney Chalhoub (1990), trará complemento a este trabalho por meio de reflexões e contribuições na relação da escravidão e liberdade.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O Centro de Lavoura e do Comércio (CLC) foi fundado por importantes proprietários de lavoura de café, os senhores escravistas, que tinham como objetivo defender negócios políticos e também voltados a área econômica. Tendo em vista, que na segunda metade do

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

século XIX crescia a busca para mostrar que o Brasil se inseria na “marcha civilizatória”, o CLC contratou o Marc Ferrez para produzir fotografias do Vale da Paraíba, com a finalidade de chamar atenção do visitante. Certamente, essas fotografias não poderiam ser feitas de qualquer maneira, pois essas produções iriam ser comercializadas no exterior (MUAZE, 2017).

Essas fotografias são caracterizadas pela ausência de conflitos, romantismo e nostalgia. “Ferrez imortalizava a escravidão por meio da fotografia e eternizava a memória de um passado visto como glorioso. Contudo, no discurso visual produzido, camuflava as marcas da violência, da sujeição do homem pelo homem, condições de existência do próprio sistema escravista.” (Muaze 2017, p.). Essas produções procuravam maquiagem as marcas da violência, ou seja, uma realidade distinta era criada para fomentar uma imagem de um Brasil moderno.

Indubitavelmente o mundo do senhor se faz presente e dominante, sendo perceptível em várias fotografias oitocentistas. Nessas imagens os escravizados eles nunca estão posicionados de forma aleatória, sempre aparentam estar recebendo ordens do fotógrafo de como deveriam se portar para a fotografia. Enquanto em algumas imagens parece que eles foram orientados a olhar para a câmera, em outras se dá a entender que a ordem era para ignorar a máquina fotográfica.

Nos primeiros anos do advento da fotografia, havia certa dificuldade na produção da imagem, na qual elas não eram tiradas instantaneamente, com isso, os fotografados deveriam estar imóveis para uma melhor resolução. Mas o que torna a pesquisa do historiador interessante é perceber que muitos dos indivíduos, mesmo diante das ordens do fotógrafo, se impõem como sujeitos e não cumprem com aquelas ordenanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo, a história mostrou os escravizados através do olhar do homem branco, reafirmando o discurso que enxergavam esses indivíduos apenas como seres

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

submissos a vontade do seu senhor. Nota-se que raramente é associado os escravizados a ideia de liberdade, entretanto a fotografia mostra que através de uma análise minuciosa é possível pensar nessas pessoas como sujeitos históricos carregados de vontades, ações e liberdade. De acordo com Sidney Chalhoub (1990), deve-se entender que os escravizados tinha seu próprio mundo mesmo diante da violência, recomendando a não reduzir o conhecimento sobre essas pessoas apenas pelas leituras senhoriais da situação.

Deste modo, constata-se que esses indivíduos não eram neutros, eles também se fazem formadores da história enquanto sujeitos, se colocando mesmo em pequenos detalhes. Quando obedecem aquela ordenança e se voltam para a máquina fotográfica, seus semblantes de violência, tristeza e curiosidade deixam ser eternizados por um *clic*, e quando não olham estão também se colocando como sujeitos e impondo suas próprias vontades.

REFERÊNCIAS

CHALHOULB, Sidney. **Visões da liberdade:** uma história das ultimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p. 287.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem:** fotografia e história: Interfaces. 1996, Revista Tempo, vol.1 n. 2, p. 73-98 Disponível em:
https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em: 26 Set. 2020.

MUAZE, Mariana. **Violência apaziguada:** escravidão e cultivo do café nas fotografias de Marc Ferrez (1882-1885). Revista Brasileira de História (online), v. 74, p. 33-62, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-02>. Acesso em: 26 Set. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DOS CÍRCULOS
DE LEITURAS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIADORES
LITERÁRIOS**

Júlia Vitória Menezes Bezerra¹⁸⁸
Mayara Benevenuto Duarte¹⁸⁹

RESUMO

Vivemos em tempos de pluralidade e de quebra de paradigmas. Movimentos crescentes, liderados por minorias historicamente invisibilizados, vêm ganhando espaço e mostrando a urgente necessidade de ressignificar padrões comportamentais e estéticos. Por muito tempo o negro sempre fora colocado a margem do mundo literário sendo pouco representado na literatura Brasileira e mundial. Dessa forma, essa produção parte da experiência de participação em um *Círculo de leitura sobre autoras africanas e afrodescendentes* da UFCG, Campus de Cajazeiras-PB. E tem como objetivo relatar a importância de romper com a estrutura de só ler autores homens ou brancos, como também desesteriotipar a ideia do negro e da África como um continente pobre. Para tanto, utilizaremos uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e um levantamento bibliográfico.

Palavras-chave: Literatura. Autoras. Padrões.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi pensado e construído mediante a participação no *Círculo de Leitura: Escritoras africanas e afrodescendentes* que aconteceu na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus de Cajazeiras durante o período de 2019.2, mediados por uma professora universitária e uma aluna de mestrado.

188 Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, juliameneses146@gmail.com

189 Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, mayaraduartedga@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Para a construção dessa pesquisa partimos do objetivo de esclarecer a importância dos círculos de leituras não apenas no âmbito universitário como também no âmbito do ensino básico, visto que, apesar da instituição da lei 11.645/08 nos assegurar o ensino obrigatório das literaturas afro-brasileira e indígenas nas escolas ainda temos uma grande lacuna no que tange a sua aplicabilidade em sala de aula.

Mediante a esses apontamentos surge à importância do nosso trabalho, refletirmos sobre as contribuições dos círculos de leituras no ambiente universitário e no ensino básico. Uma vez que, os círculos instigam a autonomia dos educandos para expressarem-se verbalmente, sendo um processo de desenvolvimento crítico e social.

METODOLOGIA

O presente trabalho é uma pesquisa básica, uma vez que objetivamos a melhoria de questões já existentes. É de cunho qualitativo, uma vez que, não utilizamos dados estatísticos o que é levado a considerar uma pesquisa também bibliográfica em que nos debruçamos nas leituras de livros e artigos científicos da área. Para tanto utilizamos de autores como: Almeida (2018) e Freire (1967).

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os nossos encontros ocorreram na UFCG/CFP - Campus de Cajazeiras-PB, entre os meses de setembro a dezembro no ano de 2019, nos quais realizamos leitura de obras de grandes escritoras negras. Em tal perspectiva, os *Círculos de Leitura* são interessantes mecanismos para ampliar a visão de pessoas visto que “O círculo se constitui assim em um grupo de trabalho e de debate. Seu interesse central é o debate da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica.” (FREIRE, 1967, p. 07). Nos nossos encontros as

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

professoras mediadoras selecionavam contos – a autoras trabalhadas foram Conceição Evaristo e Chimamanda – que depois eram lidos e discutidos entre o grupo que era composto por 20 pessoas, internos e externos à universidade, nos levando a conhecer as diversas formas de vivência daquelas mulheres retratadas nas obras muitas vezes apagada e inferiorizadas socialmente, como também a desenvolver o desejo pela conclusão da obra.

Temos consciência que o racismo existe em várias esferas da sociedade e é importante que seja levado essas discussões para as diversas comunidades incluindo as universidades. Diante disso, refletimos sobre a importância de se trabalhar com escritores e principalmente escritoras mulheres e negras uma forma de romper aos poucos com a estruturação do racismo abordado por Almeida (ALMEIDA, p. 25, 2018). Como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes [...]”. Como também o rompimento do machismo que tanto impera em nossa sociedade. Os encontros proporcionaram uma desconstrução de estereótipos que nos são repassados desde crianças no âmbito familiar, escolar como também na vivência social em geral, tal como a ideia de que os negros eram somente escravizados pelos senhores de engenho e que a África ainda continua na pobreza. Além de nos permitir conhecer a grandiosidade dos escritos de mulheres negras que estão a nossa volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com o *Círculo de Leitura* sobre Escritoras africanas e afrodescendentes nos possibilitou um espaço de formação tanto para nós, enquanto graduandas e futuras educadoras como também para as professoras mediadoras. Com esses momentos pode-se aprender que alguns estereótipos não são verdades e principalmente compreender o quanto é imprescindível estudar a literatura que não é canônica e que é escrita por mulheres diversas. Por fim, compreendemos que é preciso ampliar nossas leituras e nosso repertório para que possamos incentivar aos alunos o que muitas vezes não é mostrado em sala de aula.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O IMPACTO DA CINEMATOGRAFIA NEGRA EM AÇÕES ANTIRRACISTAS EM PROJETO DE ENSINO E EXTENSÃO

Leonardo Souza de Andrade¹⁹⁰
Josefa Nayane da Silva Medeiros¹⁹¹

RESUMO

No Projeto de Ensino e Extensão ‘Curso Pré-Vestibular Paulo Freire’, desenvolvido pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, que tem como objetivo geral promover o acesso democrático a alunos de escola pública à Universidade, a luta antirracista também é um ponto valorizado como educativo e cidadão. Por meio de um dos quadros do projeto, o ‘CINE PF’, é aberta a discussão de filmes de cunho social, onde os alunos possam refletir sobre as diferentes nuances de opressão na sociedade - como o racismo, por meio dos filmes 12 Anos de Escravidão, Estrelas Além do Tempo, etc. -, enquanto são estimuladas a praticar redações dissertativas argumentativas que lhes possibilita tanto desenvolver um senso crítico e antirracista, quanto se preparar para uma das provas mais importantes de suas vidas que lhe permite o acesso à Universidade, o ENEM.

Palavras-chave: Antirracismo; Ensino e Extensão; Cinema.

INTRODUÇÃO

A adolescência se mostra ser o período em que se desenvolve a maior parte das inseguranças e incertezas pessoais dos indivíduos (LOUREIRO, 2013). É o momento propício também para se começar um longo processo de questionamento sobre os seus lugares - de

190 Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Ceará – UFC.
leonardos.andrade1@gmail.com

191 Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. nayanem151@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

privilégios ou não - no mundo de relações interpessoais. “O que eu sou?”, “Eu tenho contribuído para o reforço de ideias arcaicas e ofensivas como o racismo?”, “Qual o meu papel como cidadão, dentro da minha etnia, tentar mudar a realidade racista e cotidiana dentro dos espaços que frequento?”. Todos estes são questionamentos autênticos e que devem ser estimulados sobretudo em uma fase de vida em que os indivíduos se encontram abertos para novos pontos de vista e que com o advento da globalização, recebem informações de todos os lados.

As atividades de Ensino e Extensão que tanto são prezadas pelas Universidades Federais espalhadas pelo Brasil, podem ser ótimos espaços para se discutir relações raciais de forma significativa (CARVALHO, 2004). Essas discussões devem procurar oportunizar os contemplados pelas atividades à se transformarem em seres críticos e conscientes de seus espaços, suas histórias ancestrais, sejam estas histórias de privilégios, de injustiças, de colonizações ou escravidão, de forma a ilustrar como todos estes acontecimentos permeiam nossa sociedade até os dias atuais.

O Curso Pré-Vestibular Paulo Freire, um projeto de Ensino e Extensão desenvolvido pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, que busca capacitar alunos da rede pública ingressarem na rede Federal de Universidades, se utiliza de várias ferramentas para extinguir o racismo cotidiano e conscientizar os alunos sobre estas questões. Desta forma, o “CINE PF”, um dos programas do Projeto que objetivam a discussão sobre relações sociais além do entretenimento do cinema, se mostra uma das ferramentas mais certas quanto a formação de identidades antirracistas.

Este trabalho tem como objetivo elucidar um dos meios acadêmicos e pedagógicos - a utilização do cinema - de trabalhar o racismo cotidiano, visando o empoderamento da comunidade negra estudantil, além de educar a parcela estudantil não-negra na formação de identidade não racista.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

METODOLOGIA

A partir da reprodução de temas como “12 Anos de Escravidão”, “Histórias Cruzadas”, “Estrelas Além do Tempo”, “Pantera Negra”, “Moonlight” e tantos outros, são geradas discussões pertinentes. Discussões como: o papel da mulher negra na Ciência, elucidando os grandes esforços de mulheres negras na NASA do século passado, que permitiram o lançamento do primeiro foguete pelos Estados Unidos da América; a homossexualidade entre homens negros, com base no filme Moonlight, que desencadeia tantas outras discussões que objetivam também entender as formas de preconceito, entre tantas outras discussões baseadas em filmes.

Como o Curso Pré-Vestibular Paulo Freire (Curso PF) objetiva além de formar alunos conscientes e críticos quanto a relações sociais, formar cidadãos capazes de ingressar no ensino superior, se mostra pertinente a utilização dessas ferramentas de discussões, como ferramenta também curricular, ao se utilizar da redação como material final.

Como as redações propostas pelo Exame Nacional do Ensino Médio sempre trazem uma temática importante a ser discutida (LIMA, 2019), se faz mais que necessária a utilização desta ferramenta também para a preparação para esta prova. Temas como “O racismo estrutural que permeia a sociedade cotidiana”, “A homossexualidade e a sociedade atual”, “Os espaços não ocupados pela comunidade negra”, já foram temas de redações empregados dentro do projeto. As redações sempre são corrigidas pelos alunos universitários que exercem cargos de professores de redação voluntários no projeto, as correções são seguidas de feedbacks e dicas para os alunos quanto a estrutura e regras usadas na modalidade dissertativa argumentativa.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCUSSÃO

As atividades resultantes da experiência cinematográfica negra no Curso PF se mostram demasiadamente enriquecedoras pelo simples fato de permitir que jovens brancos possam entender um pouco do racismo que a comunidade negra cotidianamente sofre, seja este racismo estrutural ou não. Ainda, se mostra enriquecedora pelo lado de os negros poderem socializar suas visões e vivências tanto entre si quanto para a parcela não negra do Curso PF.

As discussões ocorrem de forma muito construtivas, como no caso da discussão da homossexualidade entre negros, as discussões se mostraram ainda mais a profundas, levantando pontos como a sexualização do homem negro, a masculinidade tóxica e como estes pontos estão enraizados na sociedade nossa contemporânea (CONRADO, 2017). Pontos levantados como a masculinidade tóxica só reforçaram a insatisfação dos alunos com a estrutura social que toma a masculinidade de forma a extrapolar todo o bom senso e decoro social.

Ainda, a escolha de fabricação de redações com temáticas sociais tem um resultado totalmente satisfatório, pois a elaboração de uma redação demanda a construção de pensamentos concisos e críticos, e isto só serve como um reforço de tudo o que se é discutido através das obras cinematográficas (PAIVA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espaços dentro das universidades se mostram ideais para a discussão de relações sociais e étnico-raciais. A Universidade constantemente prega a filosofia de ser universalizada e para a sociedade, e é em ações como esta, do Curso PF que se tem a prova de que a universalização da Universidade acontece, guiada pelo Ensino, Pesquisa e Extensão.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Ainda é possível apontar a importância de se utilizar das mais diversas ferramentas para a construção de uma sociedade antirracista, objetivando uma sociedade igualitária e diversa, na etnia, raça, sexualidade e gênero.

REFERÊNCIAS

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 73-97, 2017.

DE ALMEIDA LIMA, Fernanda Fernandes Pimenta; DE SOUSA BACELAR, Ana Paula. Das práticas sociais ao conteúdo temático: interfaces da intervenção no gênero redação do Enem. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 22, n. 1, p. 87-101, 2019.

DE CARVALHO, José Jorge. **A prática da extensão como resistência ao eurocentrismo, ao racismo e à mercantilização da universidade**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2004.

DE OLIVEIRA PAIVA, Francisco Jeimes; LIMA, Ana Maria Pereira. UMA ANÁLISE MULTIMODAL EM PROPOSTAS DE REDAÇÃO DO ENEM (2009 E 2016) SOB A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO VISUAL CRÍTICO. **HON NO MUSHI-ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES JAPONESSES-ISSN 2526-3846**, v. 3, n. 4, p. 63-93, 2018.

LOUREIRO, Cândida; FERREIRA, Maria Manuela Frederico; SANTOS, Margarida Reis. Identificação dos fatores determinantes no desenvolvimento das competências sociais dos adolescentes. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 10, p. 79-88, 2013.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O NEGRO COMO SUJEITO COMUNICANTE: INTERLOCUÇÕES ACERCA DA ANÁLISE MIDIÁTICA DA SÉRIE “CARA GENTE BRANCA”

Acácio Morais Silva¹⁹²
Elane Abreu de Oliveira¹⁹³

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo compreender como os meios de difusão midiática contribuem para uma visibilidade da população negra, a partir de suas vivências. Com isso o estudo terá como sujeito embaixador a série intitulada “Cara Gente Branca”, especificamente, uma personagem que utiliza a mídia como aliada na luta contra o racismo. Nesse aspecto iremos analisar os episódios da primeira sessão e enxergar os meios de comunicação como principais condutores dos reflexos cotidianos em que a personagem está inserida, além disso perceber a mídia como uma ferramenta emancipatória dos corpos negros, tendo em vista o poder das falas e as representações que os mesmos possuem. Utilizamos-nos das noções de discursos, mídia e identidade para compor o estudo teórico da pesquisa.

Palavras-chave: meios de comunicação; discursos; mídia; identidade; corpo negro.

INTRODUÇÃO

Inspirada no longa-metragem de 2014, cujo o título é o mesmo, “Cara Gente Branca” (*Dear White People*, em inglês), do diretor e roteirista Justin Simien, passa a ser uma série do serviço de *streaming* Netflix a partir do ano de 2017, contando hoje com 30 episódios em 3 temporadas. A série conta a trajetória de alunos negros na universidade fictícia de Winchester, que é predominantemente branca, e como eles lidam com o racismo, especialmente depois de uma festa de Halloween na qual alunos brancos usaram fantasias de pessoas negras, estabelecendo a inaceitável prática racista do *Black Face*.

192 Universidade Federal do Cariri – UFCA, acacio.morais@aluno.ufca.edu.br

193 Universidade Federal do Cariri – UFCA, elane.abreu@ufca.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Notoriamente, a questão racial é o tema central da série, abordada de forma satírica e humorística tendo um narrador como a voz principal que nos leva a entender a estrutura da mesma. “Cara Gente Branca” é dividida em episódios em que cada um é protagonizado por alunos negros, que mostram suas experiências e pontos de vista sobre as questões raciais e também suas posições enquanto negros numa universidade majoritariamente branca. Sendo assim, destacam-se enquanto personagens: Samantha White (Logan Browning), Lionel Higgins (DeRon Horton), Troy Fairbanks (Brandon P. Bell), Coco Connors (Antoinette Robertson) e Reggie Green (Marque Richardson), que são os norteadores principais da trama.

Conforme isso, a série também se passa num contexto midiático, onde Samantha, mulher negra, possui um programa na rádio comunitária estudantil - intitulado “Cara Gente Branca” dando origem ao nome da série - em horário de almoço e ouvido por toda a comunidade estudantil, e o programa tem como objetivo principal informar sobre as causas raciais e academicistas da universidade. Além disso há o Lionel, homossexual negro, que participa de um jornal estudantil chamado *Winchester Independent*, lido por toda a comunidade escolar. E como se não bastasse, há as repercussões online nas mídias sociais pelos alunos negros e brancos, além do ativismo digital, que passa por ambos exemplos citados acima; e também a revista de humor satírico chamada *Pastiche*, sinalizando que a série é também uma crítica aos meios de comunicação e aos espaços em que os negros estão sendo colocados diante disso.

Seguindo o breve resumo da série, o objetivo deste trabalho é compreender como os veículos midiáticos contribuem para uma visibilidade da população negra, a partir de suas vivências. Com isso o estudo terá como sujeito embaixador a série supracitada “Cara Gente Branca” e, como forma de aguçar o entendimento, o estudo terá um olhar voltado, especificamente, para a personagem Samantha White (Sam), que utiliza a mídia como aliada na luta contra o racismo, utilizando a sua voz como forma de impor seu lugar. Nesse aspecto iremos analisar os episódios da primeira parte da série e enxergar os meios de comunicação

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

como principais condutores dos reflexos cotidianos em que a personagem está inserida, além disso perceber a mídia como uma ferramenta emancipatória dos corpos negros.

Justificamos a relevância da escolha da série, por situar episódios em que os corpos negros na academia sofrem as opressões e preconceitos advindos de uma hegemonia branca-sexista, pois o corpo é repleto de significados. É ele que conquista o espaço e, por isso, ao observarmos uma manifestação em sua totalidade negra – neste caso, a participação protagonista negra na série - , não são apenas encontros corporais e sim reencontros com suas imagens de outras imagens no espelho anteriormente vividas (RATTS, 2006). E como meio de combate às hegemonias citadas anteriormente, a mídia é o principal refúgio que liberta esses corpos, salientando as suas lutas, identidades e reconhecimentos, pois, na atualidade, a mídia também começa a construir as relações materiais e imateriais que moldam a comunicação social como toda, fazendo com que a existência social seja uma necessidade e que as pessoas dependam dela cada dia mais para produzir e gerir processos individuais ou coletivos no seus diversos âmbitos (ALAKIJA, 2012).

Nesse viés, o estudo terá um olhar específico para a personagem já citada acima, por utilizar não só a mídia como agente catalisador dessas mudanças, mas também sua experiência vivida enquanto pessoa participante de classes que por anos foram subalternizadas; e quando sujeitos subalternos produzem leituras sobre suas condições e ser-estar no mundo, automaticamente os tornam sujeitos insubmissos e contestadores das diversas situações (PINHO, 2004). Por isso, o trabalho será dividido em duas partes: a mídia emancipatória e a intersecção discursiva da Sam. Terá, também, como bases teóricas, as noções de representação, identidade e mídia; interseccionalidade; hegemonia e contra-hegemonia, dentre outras conceituações que serão oportunas para a construção de entendimento do estudo.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A MÍDIA E O PODER DE EMANCIPAÇÃO IDENTITÁRIA

Em *A comunicação do oprimido e outros ensaios*, Eduardo Granja Coutinho, (2014) além de discutir uma variedade de temáticas pertinentes para a área comunicacional, também reforça sua dialética a partir dos pensamentos de Muniz Sodré, mais especificamente o conceito de *Arkhé* - sistematizado por Sodré - pelo qual ele ressalta que este conceito propõe um modo em como os grupos subalternos sociais se contrapõem ao sistema simbólico dominante a partir de suas visões de mundo nas comunidades (COUTINHO, 2014). Dado esse conceito, a *Arkhé* está intrinsecamente ligada à identidade de um povo, e pensar a comunicação como um instrumento ontológico que legitima esta identidade através das experiências é, também, pensar que o processo emancipatório começa a se edificar. Para Sodré (2006, p. 18), “a comunicação não deveria caminhar no sentido de uma maior verdade de seus conteúdos, e sim no sentido de uma “intensificação de si mesma como fim”, portanto a comunicação tende a se partilhar e não hegemonizar, logo a mesma constrói espaços identitários capazes de se intensificarem positivamente, pois “comunicar não é passar por cima das identidades, é fazer com” (WOLTON, 2006, p. 223).

Podemos interpretar a comunicação como um sistema que transfaz a realidade dos sujeitos, e esse sistema requer reelaborações que sejam realizadas pelos mesmos, que são influenciados - estruturalmente - por seus grupos (MACHADO, 2012). Pensar a comunicação como uma ferramenta de alforria é um processo social, pois esse sistema sempre esteve nas mãos de outros sistemas opressores, fazendo da mesma um sistema também opressor, branco e elitista. E por isso, em um contexto contemporâneo, a comunicação sempre foi importante para a construção dos discursos sociais, fazendo com que estes ganhem forma, voz e, acima de tudo, espaço. Nesse sentido, aspirou-se uma vontade de falar e escrever sobre as questões raciais em geral, identificando essa comunicação como negra, com o objetivo de ampliar os horizontes de espaços que antes não eram possíveis de se chegar.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Segundo Muniz Sodré (1999), a importância de uma comunicação, especificamente negra, começa a se estruturar quando os discursos sociais (sejam eles escolares, textos jornalísticos ou programas de radiodifusão) exercem um forte protagonismo tanto na produção quanto na reprodução do racismo. Então, é perceptível que a mídia negra nasceu com o intuito de combater as violências de cunho racial, a fim de estabelecer seus espaços e suas falas, sobretudo em um contexto contra-hegemônico e contra-elitista. Sodré (1999) ainda afirma que a mídia é um gênero discursivo que oferece tais aparatos na qual são importantes para a construção de um pensamento longe de um sistema que deslegitima e marginaliza os corpos negros, então, como forma de efetivar as questões raciais em âmbitos majoritariamente opressores e que praticam o racismo e a desigualdade social, a mesma vem à baila para tentar quebrar esse paradigma.

Hodiernamente, a forma de vida em que os sujeitos subalternos de um determinado grupo social vivem os fazem manifestar e entender o seu caráter histórico e sentido da sua existência. E com isso, começa a se objetivar as suas respectivas interpretações simbólicas de ser-estar no mundo, nisso as suas identificações passam a tomar forma, individual e coletivamente (SODRÉ, 2006). Ao falarmos sobre discursos sociais e racismo, independentemente, é necessário ressaltar, sobretudo, a historicidade desses sistemas simbólicos culturais pois é a partir desse contexto que nasce um pensamento massivo capaz de propor mudanças significativas estruturalmente. Por isso, ressalta-se a importância do meio discursivo midiático, pois essas narrativas “reelaboram os signos do passado, se apropriam de formas de linguagens populares, reinterpretam a tradição” (COUTINHO, 2014, p. 43). Nesse percurso, essas narrativas constroem concepções dos mais variados grupos sociais a partir de traços que simbolizam o passado (COUTINHO, 2014), fazendo com que o processo de identificação identitária se torne mais amplo e atravesse novos olhares e horizontes, até atualmente.

Seguindo a compreensão, a identidade e o reconhecimento se afloram na série “Cara Gente Branca”, ao observarmos que, nos momentos em que há um grande índice de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

preconceito racial na universidade, há também um grande movimento de alunos que legitimam suas falas e os seus lugares enquanto negros, e com isso implica o ato de identificar-se que vai desde o reconhecimento em si próprio, ou até algo que se percebe em alguém, fazendo uma alusão como espelhos que refletem imagem e semelhança (ALAKIJA, 2012). E desta forma, a mídia também passa a ter sua personalidade e sua cor, dando refúgio e liberdade de voz àqueles que por anos foram silenciados. Nesse viés, Ana Alakija (2012) conceitua esta ferramenta de emancipação midiática como “afromídia”, ou mídias afros:

As emergentes afromídias ou mídias afros são exemplos de mídia social contemporânea de identidade como resultado da fusão de várias tecnologias e tendo principalmente a internet para difundir suas mensagens (como sites, blogs, seguidores twitters, etc.). Elas constituem canais de expressão e visibilidade de e para um público segmentado (o público afro) que tem confrontado com a mídia convencional e dominante, em termos de quebra de padrões de imagem, linguagem e atitudes (ALAKIJA, 2012, p. 140-142).

Dessa maneira, as afromídias, atualmente, são sistemas de reprodução e emissão midiática identitária que se difere da mídia convencional, com o objetivo de libertar as vidas de um povo oprimido, cujas vozes e escritas foram silenciadas e apagadas. Nesse contexto, as mesmas permeiam esse processo de ascensão ao devido lugar de fala, seja por meio da radiodifusão ou texto jornalístico, e nisso o corpo negro, que faz parte desses meios comunicativos, transforma a sua identidade como um reconhecimento e como perspectivas de recriar o pensamento negro, tornando o mesmo corpo um território de poder e racialização (RATTS, 2006).

Sob esse olhar, a série escolhida para o estudo, já citada anteriormente, exemplifica e torna nítido como funcionam essas mídias afros e qual o poder delas de engajar as lutas desses grupos subalternizados e marginalizados. É nitidamente visto que a presença midiática na série é o principal enfoque da trama, que se passa em torno das mídias sociais e dos meios de comunicação. É também uma história que conta o racismo acadêmico por alunos negros, sendo possível observar, igualmente, que o racismo também se instaura midiaticamente; por

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

exemplo, no meio radiofônico existem dois programas de rádio comunitária estudantil que confrontam entre si: o “Cara Gente Branca” e o “Cara Gente de Direita”. Respectivamente, um promove um forte discurso de combate ao racismo, e o outro reage de forma racista e opressora diretamente ao primeiro programa.

Nesse sentido, a identidade negra passa por um processo emancipatório promovido pelo primeiro programa de rádio comunitária estudantil citado, que segundo a conceituação de Ana Alakija (2012), é considerado uma afromídia, pois ele produz e reproduz assuntos pertinentes de e para um grupo específico, além de dar visibilidade para essas pessoas negras. E isso também entra em consonância com o estudo de *Arkhé*, na qual esses grupos que estão sempre à margem adentram ao centro e estabelecem seus lugares. Portanto, a mídia é detentora de um importante papel na vida de sujeitos negros, enquanto comunicadores principalmente, pois a partir de suas experiências a mídia molda um foro emancipatório criando espaço, voz e cor.

CONTRA-HEGEMONIA E INTERSECCIONALIDADE MIDIÁTICO- DISCURSIVAS: ATRAVESSAMENTOS DA PERSONAGEM SAM WHITE

Seguindo a linha de pensamento e a estrutura do trabalho, a série “Cara Gente Branca” fora escolhida pois constitui elementos importantes na sua narrativa capazes de desencadear pensamentos prósperos futuramente em um viés midiático, e, com base nisso, a personagem escolhida para o corpo central do estudo é a Samantha White, interpretada pela atriz Logan Browning. A personagem tende a refletir visões de mundos contemporâneos constitutivas no seu discurso, que se podem atravessar por três olhares simbólicos: o contra-hegemônico, o interseccional e o discursivo-midiático.

Sam White é uma estudante do Curso de Estudos Audiovisuais da Universidade de Winchester, mulher negra e engajada nas lutas antirracistas. A mesma possui um programa na rádio comunitária estudantil intitulado “Cara Gente Branca”, um bordão que é usado cada

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

vez que o programa vai ao ar. Além de ser ouvido e comentado por toda a universidade, o mesmo é também um dos meios midiáticos mais oportunos da série, pois refere-se a questões raciais que na sua maioria se tratam de inquietações e formulações da própria Sam, fazendo com que o rádio seja um modo de liberdade de voz e que essa mediação alcance diversos espaços e conjunturas estruturais dentro da série. Além disso, é importante salientarmos ao sobrenome da personagem - White - que de modo controverso, pode ser visto como um signo que repercute no nome do programa, indicando que o público-alvo já explicitado, também, pode ser vislumbrado sobre outras perspectivas como “Caras pessoas de (Sam) White” ou “Caro público de (Sam) White”.

O programa “Cara Gente Branca”, resumidamente, aborda questões de racismo sofrido por alunos negros e sobre o racismo estrutural envolto da universidade, tudo isso sob um olhar da Sam, que tenta trazer tais assuntos sempre com um tom sarcástico e a realidade paralela entre alunos brancos e negros. Além disso, há uma questão sobre machismo e patriarcalismo implícitos em momentos da série, colocando como outro ponto a se acrescentar no seu discurso, pois, assim como o racismo, o machismo e patriarcado também atuam na construção da experiência de uma mulher negra (COLLINS, 2017).

Neste estágio, por estarmos lidando com a noção de contra-hegemonia, é preciso, antes de tudo, conceituarmos o que é hegemonia. Conforme Coutinho (2014):

Hegemonia pode ser definida como a capacidade de um grupo social determinar o sentido da realidade, exercer sua liderança intelectual e moral sobre o conjunto da sociedade. A luta pela hegemonia - pela organização da cultura - é, nesse sentido, uma luta pela articulação de valores e significados que concorrem para direção político-ideológica dos indivíduos. Mas essa batalha de ideias não pode deixar de ser pensada, dialeticamente, como uma luta pela sistematização de formas culturais, isto é, de linguagens que expressam tais representações e conteúdos (COUTINHO, 2014, p. 41).

Já na conceituação de contra-hegemonia, o mesmo autor fala que:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A contra-hegemonia se coloca como possibilidade no momento em que, com o fortalecimento da sociedade civil, a supremacia de classe passa a envolver, além da coerção estatal, a direção político-cultural das massas, a busca do consentimento da dominação (COUTINHO, 2014, p. 148).

Com esse breve entendimento acerca de ambos os pensamentos, precisa-se debatê-los sob um olhar midiático e teórico na série em análise. É importante também salientar o ambiente acadêmico como palco principal de ações hegemônicas que moldam essa experiência e que por sua vez torna a academia um local de despertamento à mulher negra. Sob essa lógica, Alex Ratts (2006) ratifica que a consolidação da invisibilidade da mulher negra no meio acadêmico é traçada pois o seu outro (homem branco, homem negro e mulher branca) não a enxerga até mesmo se for detentora de um poderio intelectual.

A hegemonia acadêmica criada na série pode ser vista também sob um olhar midiático, e ao passo que esta acaba avançando, uma contra-hegemonia se reflete na mídia como meio de barrar esse progresso. A personagem Sam consegue traçar no ambiente universitário ações afirmativas que permeiam nos ouvidos dos estudantes, de um modo prático e acessível, utilizando o rádio e fazendo de sua voz o principal mecanismo de dois pilares identitários: ser mulher e negra. Neste estágio, é possível se utilizar das noções de interseccionalidade para compreendermos como essas hegemonias delineiam a vida de uma mulher negra. Nesse sentido Dayane Assis (2019) aborda as questões interseccionais em três características básicas,

a) interseccionalidade é uma das ferramentas teórico-metodológicas possíveis para entender as múltiplas opressões; b) a interseccionalidade não estabelece uma hierarquia ou somatória de opressões; c) o lugar de fala de cada indivíduo é multirreferenciado a partir de suas experiências (ASSIS, 2019, p. 18).

Durante a série, muitos são os casos de opressões que a personagem sofre, quase todos ligados à sua imagem e representação, que corroboram para essas opressões simultâneas. *Birracial*, advinda de uma classe baixa e de bairro pobre da cidade, Sam sempre se mostrou

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

como uma mulher independente e de forte influência para os seus colegas negros enquanto ativista, porém, Sam é mais do que uma ativista racial, ela é uma mulher com atravessamentos que sofre diversas opressões por meio dessa intersecção social. Sob o olhar de Bell Hooks (2019), podemos enxergar a personagem como uma espectadora que está dentro de um sistema supremacista branco e que, por causa da sua identidade e representação feminina, esse sistema acaba se complexificando e se problematizando.

A autoafirmação e autoidentificação são o que torna a personagem Sam White uma personificação das várias lutas identitárias que rompem com esse arcabouço hegemônico. Tal hegemonia é também entrelaçada em um contexto midiático, que atualmente é detentor de uma grande parcela de dominação que “cria imagens e reforça sentimentos como parte de sua estratégia de controle sobre a sociedade” (COUTINHO, 2014, p. 46). No entanto, como portavoz dessa contra-hegemonia e reforçando sua identidade, Sam acaba por se tornar uma agente comunicante que contribui para o fortalecimento das afromídias, a fim de “expressar a visão de mundo crítica de um grupo social marginalizado” (COUTINHO, 2014, p. 34).

Decerto, a luta e engajamento nas causas sociais e raciais permeiam nas veias da personagem em questão, fazendo da sua voz um meio de libertação do seu corpo, midiaticamente falando. Parafraseando Bell Hooks (2019), por causa das hegemonias ligadas à exploração de classe e dominação do racismo e sexismo, as mulheres negras começaram a ser opositoras através das lutas, resistências e olhares “contra a maré”. Utilizar o meio radiofônico em uma universidade predominantemente branca em um horário propício para que toda a comunidade acadêmica ouça a locutora é quebrar com esses padrões hegemônicos dominantes, nitidamente. Portanto, Samantha White é mais do que uma mulher, ela é a personificação da lutas identitárias midiáticas, que ecoa sua voz de forma transgressora para libertar o seu conteúdo histórico, social e racial.

Partindo do pressuposto discursivo, Foucault (1996) aponta que o discurso advém de inquietações que podem ser expressas a partir de pronúncias ou escritas. E que essas inquietações são ocasionadas por meio de diversas irregularidades que o sujeito foi coagido a

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

passar, por isso os discursos são formulações destinadas às lutas, ferimentos, vitórias, dominações ou servidões, dentre outros. Por outro lado, para Grada Kilomba (2019, p. 42-43) para a mulher negra “falar torna-se assim praticamente impossível, pois quando falamos, nosso discurso é frequentemente interpretado como uma versão dúbia da realidade, não imperativa o suficiente para ser falada, tampouco ouvida”.

Tais inquietações são claramente reverberadas nos discursos propostos na série pela própria Sam, na qual se utiliza da estação de rádio comunitária estudantil para produzir e reproduzir o seu discurso que tem o enfoque em transgredir os pilares hegemônicos existentes no ambiente acadêmico. No entanto, esta fala é geralmente não ouvida, logo ela é invisibilizada, principalmente no ambiente acadêmico. A exemplo disso, a personagem Sam deixa claro esse momento de invisibilidade acadêmica ao dizer no episódio “Capítulo VI” (1:6) que “talvez, às vezes, eu apenas quero que me veja”, exemplificando que o lugar enquanto mulher negra só reforça essa invisibilização e solidão.

Ainda nos pensamentos do filósofo transgressor ocidental, Foucault (1996) versa que o discurso não é só um símbolo de luta ou de formas de dominação, mas sim o poder daquilo que nós podemos tomar posse. Em consonância a tal formulação, Fanon (2008, p. 33) afirma que “falar é sobretudo assumir uma cultura” e, com isso, é notório que Sam exerce esse lugar com maestria, pois logo no primeiro episódio, intitulado “Capítulo I”, o programa “Cara Gente Branca” possui um momento em que os ouvintes participam do mesmo por meio de ligações telefônicas. Na primeira ligação o ouvinte pergunta para Sam: “Cara gente branca? você tem que admitir que seu programa já começa agressivo.” E como meio de defesa a personagem em questão responde: “Cara gente branca é uma metáfora, meu programa visa expor os sentimentos de um grupo mal representado fora da maioria” (1:1). E isso também é exposto quando no episódio “Capítulo VI” Sam confronta abertamente o sistema que estereotipa e marginaliza os corpos negros: “Cara gente branca, a cor da nossa pele não é uma arma. Não precisam ter medo dela” (1:6). Evidencia que a supracitada personagem possui um

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

poder midiático-discursivo e representativo, assumindo uma cultura contra-hegemônica no espaço determinado.

Nas entrelinhas dos pensamentos, neste estágio, Muniz Sodré (2006, p. 65) afirma que “o sujeito falante, social e comunitário, é esvaziado de suas próprias motivações e modalizações para tornar-se um comunicador ou informador, apoiado apenas na relação do discurso com as suas circunstâncias referenciais.” A personagem, neste caso, utiliza das suas projeções sociais para intervir midiaticamente naquilo que a incomoda, e como exemplo que ratifica este processo, ao final do primeiro episódio, Sam encerra com o seguinte discurso:

Cara gente branca, nossa! Vocês são duros na queda. Entendo que ser reduzido a uma generalização com base em raça é uma experiência nova e devastadora para alguns de vocês, mas esta é a diferença: minhas piadas não prendem seus jovens em níveis alarmantes, nem tornam perigoso você andar no próprio bairro, mas as de vocês sim. Quando vocês zombam, ou nos diminuem, vocês reforçam o sistema existente. Policiais olhando para um negro segurando uma arma, não veem um ser humano. Eles veem uma caricatura. Um bandido. Um negão, negão, negão. Então, não! Vocês não podem se fantasiar de nós no Dia das Bruxas e alegar ironia e ignorância. Não mais! (1:1).

Neste longo discurso, são perceptíveis a raiva e as inquietações que atravessam a personagem, e é também notável que a mesma sempre coloca no seu discurso a coletividade e o preterimento, na intenção de mostrar ao outro que está ouvindo de que a opressão que ela sofre é também sofrida por todas as outras pessoas negras, neste caso os alunos negros da universidade. A experiência que a tão citada Sam carrega é o fator primordial que a faz disseminar por todo o ambiente acadêmico, fazendo com que a sua voz seja ouvida, já que por anos fora silenciada.

No mesmo episódio, a personagem ainda fala na rádio a respeito de usar os negros como fantasias: “Cara gente branca, esta é uma lista de fantasias aceitáveis de Dia das Bruxas: pirata, enfermeira vadia, os primeiros 43 presidentes. A principal das fantasias inaceitáveis: eu” (1:1). Outro ponto a se observar aqui é o lugar de sujeito incompleto socialmente ao afirmar que o mesmo não é uma fantasia. Para isso, Kilomba (2019) diz que o sujeito

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

incompleto é aquele que reconhece o espaço subjetivo, neste caso o social. Para além disso, nesse mesmo debate, Sam também faz uma crítica ao lugar em que os negros estão sendo retratados, abordando uma violência simbólica que é instaurada na prática racista do *Black face*, que foi, aliás, o estopim que permitiu a trama da série.

A expressão oral midiática de Samantha White é, de fato, o principal elemento que corrobora com o entendimento de um processo contra-hegemônico, pois ela reinterpreta os símbolos dominantes, sobretudo de uma forma satírica e objetiva. As experiências, inquietações e projeções traçadas por ela são processos que partem de uma margem e vão ao centro, de um modo transgressor. E com isso, o seu discurso vem se adaptando àquela realidade, portanto não é um discurso único, é um território discursivo que vem sendo construído (RATTS, 2006). As histórias, falas e concepções da personagem são efeitos mediante um sistema que prega a opressão, fazendo dela um sujeito oprimido e que, com o auxílio da mídia, permite essa quebra de dominação.

Por conseguinte, a série é em si uma forte crítica aos sujeitos negros enquanto dominadores de poder e também uma crítica aos meios de comunicação de massa hegemônicos, favorecendo uma forma de emancipação social e identitária. Além disso, é uma crítica ensurdecidora ao viés academicista, visto que é um espaço de violência, tanto física quanto simbólica, que transcorre os corpos negros fragmentados pela diáspora. “Cara Gente branca” é mais do que uma série. É um projeto audiovisual que nos provoca ao entendimento de pessoas negras enquanto sujeitos falantes e disseminantes de suas próprias realidades, enquanto o espaço midiático nos permite crer que através das experiências instaurou-se uma mídia negra, com voz, escrita, som, imagem, espaço e, sobretudo, cor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como modo de expor os pensamentos acerca de diversas situações em que o povo negro passa e sente, “Cara Gente Branca” é uma série que perpassa por vários caminhos

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

entrelaçados a respeito disso. É notório que a mesma se passa num contexto também midiático criticando os espaços e formas de agir de um grupo socialmente dominante a outro que é marginalizado. A mesma também contribui de forma assertiva sobre as diversas opressões para com a vivência do corpo negro na academia, deixando explícita a forma como os alunos negros agem sobre determinadas causas.

Em virtude disso, por outro lado, a tão falada série elucida, principalmente, a perspectiva emancipatória que esses corpos possuem, e essa emancipação é dada sobre um viés midiático a partir das ações afirmativas da personagem em destaque do trabalho, Samantha White. Logo, nesse sentido, o estudo traz consigo esse ponto primordial, que é essa libertação de corpos num âmbito majoritariamente dominante. Os discursos em prol a contra-hegemonia acadêmica e midiática que a personagem relata são vozes que ecoam das margens e que precisam ser ouvidas no centro, e nisso a mesma consegue cumprir com tamanha qualificação, produzindo e reproduzindo uma emancipação midiática identitária.

Com base no que foi apresentado, a série dispõe de uma vasta concepção sobre o corpo negro na mídia, por isso ela contribui para os variados conceitos aqui apresentados e debatidos, como discurso e identidade. No entanto, a mesma rompe com os aspectos hegemônicos que a mídia convencional carrega, estabelecendo insubmissões que quebram, em partes, com este paradigma dominante. Tendo em vista o ambiente acadêmico como base para a produção do roteiro, a mesma afere esse lugar como um sustentáculo para a disseminação de informação e comunicação. Por fim, “Cara Gente Branca” é algo que nos permite enxergar além daquilo que podemos ver, nos vieses sociais, raciais, hegemônicos e midiático-discursivos.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ALAKIJA, Ana. **Mídia e identidade negra**. In: Mídia e Racismo. Petrópolis, Rio de Janeiro: De Petrus et Alii Editora, 2012.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

CARA Gente Branca. Direção/Produção: Justin Simien. Netflix, 2017. 3 volumes.
Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80095698>. Acesso em: 23/07/2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Se perdeu na tradução?** Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Parágrafo. v. 5, n. 1 Jan.-Jun. 2017.

COUTINHO, Eduardo Granja. **A comunicação do oprimido e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Sátira Pereira. **Mídia, infância e negritude: cidadania de afrodescendentes no Brasil**. In: Mídia e Racismo. Petrópolis, Rio de Janeiro: De Petrus et Alii Editora, 2012.

PINHO, Osmundo. **A Guerra dos mundos homossexuais: resistência e contra-hegemonia de raça e gênero**. In: Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABAIA, 2004.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra

*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*

ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual

De 21 de set. a 02 de out. de 2020

Cariri – Ceará – Brasil

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil.** 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação.** São Paulo: Paulus, 2006.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

O SARAU DA PERIFERIA E O LUGAR DO SENSÍVEL

Jamila Reis Gomes¹⁹⁴

RESUMO

O artigo tem como proposta o estudo do espaço urbano a partir das relações imbricadas entre a produção cultural e as narrativas poéticas de experiências negras cotidianas. Um dos objetivos é o estudo dos saraus de poesias produzidos nos bairros populares de Salvador-BA compreendendo o Sarau como um espaço que promove elos entre arte e ação política, e como tais práticas culturais vem criando formas que subvertem a lógica hegemônica da produção da cidade contemporânea. Com isso, o entendimento do lugar como *locus* da reprodução, e de que maneira a arte vem apresentando táticas que permitem por meio dessa interação atribuir outras referências à lugares periféricos da cidade. Nesta perspectiva, busca-se entender como essas narrativas negras criam possibilidades para imaginar e realizar utopia urbana.

Palavras-chave: Sarau, narrativas negras, arte, ação política.

AS MICROUTOPIAS NA CIDADE

Considerando a arte enquanto um campo fértil para uma produtividade crítica, afetiva, imaginária, “uma das potências humanas de altíssimo poder de desestranhamento do mundo” (SAJA, 2017, p.103) ao tempo em que é capaz de captar as transformações do espaço. Assim, o diálogo interpretativo do espaço geográfico feita através da arte, cria formas possíveis de compreensão dos dilemas socioespaciais. Há algo de poderoso quando pessoas contam suas histórias com suas próprias linguagens ou criam a partir de suas vivências. É nesse sentido que a análise do fenômeno sociocultural, os saraus de poesias, produzidos nos bairros populares, se configuram como lugar para da ação política de sujeitos sociais que ao se apropriar do espaço subvertem a lógica de mercadoria da cidade. As poesias declamadas são reflexo da vida cotidiana, do lugar de vida.

194 Graduanda e mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A vida urbana é também o lugar do descontentamento decorrente da força das ideologias, da artificialidade da experiência urbana. Quem está propondo outras formas de viver na cidade? Nos últimos vinte anos, é fundamental destacar o papel dos movimentos sociais brasileiros na reivindicação para assegurar direitos dos cidadãos e enfrentamento de pautas na construção de uma sociedade mais igualitária.

O sarau é um fenômeno que tem origem no século XIX, e eram locais de encontro da classe de maior poder aquisitivo, onde artistas, políticos e livreiros, um público restrito, para tornar suas criações públicas. As representações, nesse sentido, eram duplas. Havia um interesse artístico, que corria paralelo à intenção de oferecer capitais simbólicos necessários a fim de legitimar as obras frente aos representantes da sociedade aristocrática e da intelectualidade da época. Ao mesmo tempo, havia um interesse em exibir a posição de classe.

Os saraus hoje ganham outra configuração no cenário cultural das cidades contemporâneas. O fenômeno vem crescendo com grupos que variam em estilos, perfis e faixas etárias, construindo uma nova dinâmica do evento outrora conhecido somente nas rodas de cultura elitizada. Atualmente ocupam principalmente os bairros populares e periféricos das cidades, construindo um campo cultural e social que georreferencia os bairros. Há uma efervescência cultural nas periferias das cidades, movimentos estes de extrema importância para atuação e protagonismo da palavra na voz daqueles que tanto têm a contribuir com a cultura brasileira.

As(os) poetas traduzem essa ideia do habitar a cidade. O espaço é representado através das múltiplas realidades, construídas a partir da integração entre as experiências e idealizações de um futuro. Para ser mais precisa na análise, ao falar dos saraus produzidos nos bairros populares, estou falando de um corpo/lugar específico, são jovens negras e negros os principais protagonistas.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

CONSIDERAÇÕES PARA SEGUIR OUTRAS NARRATIVAS

Refletindo sobre utopias experimentais, narrativas poéticas dos habitantes e experiências cotidianas; apropriação do espaço urbano a arte como forma de suportar o mundo, a sociedade excludente, a microutopias e as resistências urbanas aparecem como possibilidade de interpretar e recriar esferas a partir de outros meios de conhecimento. Acreditando na importância e o papel que essas ações artísticas representam na cidade e principalmente para aqueles que advêm de bairros populares, a cultura e a arte eclode como produção de valores, são instrumentos de reivindicações a participação efetiva da cidade de maneira democrática descortinando o planejamento urbano carregado de ideologia de uma classe dominante que oculta as diferenças e legitimam a lógica de produção hegemônica.

Corpos/lugares que se contrapõem ao espaço opaco, assumindo uma posição de levante carregada por signos, paixões, ações, formas e métodos. Os espaços luminosos se diferenciam dos espaços opacos, aqui assumidos como os bairros de periferias urbanas, que para Milton Santos, “são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços de exatidão” (SANTOS, 2005, p. 261).

As possibilidades de criar trajetórias de ação individual/coletiva para idealizar e produzir modelos de estar, resistir e viver no mundo são demandas urgentes para nós (aqui me incluo) que não pretendemos aceitar de forma inerte a sociedade do modo como às coisas estão estruturas. Então por que não enunciar as utopias como lugar a ser alcançado? Que a palavra de ordem seja a existência em sua forma plena e intensa em sua pluralidade. A intenção deste artigo é ressaltar que existem diversas táticas e resistências ao cotidiano e seus elos interdisciplinares na sua multiplicidade de conhecimentos possíveis, sendo assim as considerações não são finais, pois acreditamos que o campo de pesquisa se encontra em processo de indagações e investigações. Contudo as ideias estão em curso no sentido de outra lógica de pensar maneiras de emancipação e isso no sentido de um novo mundo.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

SAJA, José Antônio. A arte é uma questão dirigida ao mundo! In: Silva, Maria Auxiliadora; Pidner (Org.). **Geografia, Literatura e Arte: Inspirações para Construir Diálogos** . Salvador: EDUFBA, 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2005.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

OLHOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM OLHOS D'ÁGUA: O DESAFIO DE LER E FAZER HISTÓRIA

Veronica Cunha¹⁹⁵

RESUMO

O trabalho pesquisou o processo de construção de uma roda de leitura semanal realizada com um grupo de alunos do 9º ano da E. M. de Jaceruba, uma escola do campo de Nova Iguaçu, a fim de compreender como o encontro com Olhos d'água, livro da escritora Conceição Evaristo impactou a compreensão de mundo dos discentes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (BONI e QUARESMA, 2005) que analisou a percepção dos alunos participantes do grupo, frente à escrita preta e o protagonismo juvenil, resultando na publicação do texto de algumas alunas na antologia poética Mulheres do Ler. Assim, compreendemos que os impactos foram extramuros e o entrelaçamento com o conceito cunhado por Evaristo corroborou para que as jovens mulheres pretas construíssem as suas escritas, recusassem o aniquilamento de suas potencialidades e intervissem no território.

Palavras-chave: leitura literária; antirracismo; educação do campo; protagonismo juvenil
leitura de mundo.

INTRODUÇÃO

O trabalho pesquisou o processo de construção de uma roda de leitura semanal realizada com um grupo de alunos do 9º ano da Escola Municipalizada de Jaceruba, uma escola do campo de Nova Iguaçu, a fim de compreender como o encontro com Olhos d'água, livro da escritora Conceição Evaristo impactou a compreensão de mundo dos discentes.

Este trabalho pretendeu criar um espaço onde os alunos pudessem ter contato com os textos de Conceição Evaristo e, a partir do Livro Olhos d'água, refletirem sobre o termo

195 Pedagoga –especialista em EJA – UERJ, Mestra em Educação Profissional em Saúde – EPSJV/FIOCRUZ, Membro do Grupo de Pesquisa em EJA-GEPEJA/UFRRJ, Coordenadora do Coletivo Mulheres do Ler. professoraveronica@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

escrivência e como a escrita preta vem nos ajudar na revisita a nossa história e na construção de novas possibilidades de inserção no mundo acadêmico e/ou outros espaços, recusando a negação de direitos e aniquilamento de nossas potencialidades. Por meio do livro escolhido, discutimos a pobreza e a violência urbana, que é uma realidade na cidade de Nova Iguaçu. Desejamos, através dos contos de Conceição, que os alunos desenvolvam a sua criticidade frente à vulnerabilidade que vivem e que a tessitura poética e ficção em Evaristo sejam inspiração para um novo olhar sobre o mundo. Recorramos a Elisa Lucinda, outra grande escritora preta da nossa literatura brasileira, quando nos diz: “Que toda lágrima vire palavra!”

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (BONI e QUARESMA, 2005) que analisou a percepção dos alunos participantes do grupo, frente à escrita preta e o protagonismo juvenil.

Segundo Conceição Evaristo (2016), “o que os livros escondem, as palavras ditas libertam”. Assim, o presente trabalho pretende detalhar o processo de construção de uma roda de leitura semanal realizada com um grupo de alunos da Escola Municipalizada de Jaceruba, no município de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

Para atender ao objetivo da proposta de criação da roda de conversa mensal, tratou-se da realização de pré-inscrições, a fim de que somente os alunos e alunas que manifestaram interesse pudessem participar. Fomos as salas de aulas do 6º e 9º ano e, aqueles que preencheram as fichas, integrariam o grupo. O período de duração era de 1h e 30 min a 2h. Conseguimos alguns exemplares do livro *Olhos d’água* e eles circularam entre os alunos inscritos. Líamos os trechos destacados e conversávamos sobre as impressões dos alunos sobre as histórias apresentadas por Evaristo, fazendo paralelo com as suas próprias histórias de dor e violência, mas também de alegria de viver e esperança na coragem, como afirma a própria Conceição em *Olhos d’água*.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Das 35 inscrições que recebemos, 25 alunos ficaram até o fim do projeto. Apenas 5 não leram o livro, mas acompanharam as leituras na roda de conversa. Todos entregaram a ficha de avaliação final e sugeriram que o projeto continuasse em 2020, com a proposta de que o encontro pudesse ser quinzenal. Dos inúmeros relatos que ouvimos ao longo das rodas de leitura, sublinhamos a fala de A.P e M.U, pois elas nos tocam profundamente no que diz o tema do projeto: protagonismo e a relação do ler na escola:

“Esse encontro me trouxe a alegria de ler! Falar sobre as nossas coisas... Aqui o que a gente pensa é valorizado. Depois desse projeto nunca mais calarão a minha boca. Hoje eu mesmo escrevo a minha vida. Tipo a Dona Conceição.” A.P.

“Aqui na roda a gente é mais legal que na aula, pois só vem quem que(sic). Por que na aula também não é assim? Ou também por que não tem esses textos na aula e coisas de preto e mulher pra gente conversar?” M.U

Segundo Andrade (2009), ressignificar os processos de aprendizagem pelos quais os sujeitos se produzem e se humanizam ao longo de toda a vida ainda é o grande desafio. Não se pode naturalizar a ideia de que o homem está a cada dia deixando de sê-lo. Não se pode continuar dizendo que se faz educação se a mesma não contempla uma das necessidades vitais da espécie: sentir-se homem. Para Freire (1997, p.159), é preciso que o educador esteja aberto ao gosto de querer bem aos educandos e a prática de que participa, ou seja, aceitar a afetividade e não ter medo de expressá-la. Uma das formas de afetar é ouvir. Outrossim, não podemos continuar dizendo que fazemos educação para todos se não conhecemos os anseios daqueles para os quais construímos os nossos fazeres. Se desejamos formar leitores e mais que isso, escritores de suas próprias vidas, como insistir numa prática bancária, elitista, sexista e, conseqüentemente, excludente?

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Urge que ouçamos o que os nossos alunos e alunas tem a dizer. Faz-se necessário que educadores e educadoras se comprometam com um ato de ler e escrever na escola vinculado a uma forma de se inscrever no mundo. Neste sentido, ao educador cabe o papel de levar os educandos a se emocionarem com a leitura, com o conhecimento deles mesmos e a reconstrução de um novo mundo possível e necessário.

Não podemos perder de vista que trabalhamos num contexto histórico marcado por exclusão e alijamento de direitos. Assim, nossa tarefa torna – se ainda mais desafiadora e urge que nos apropriemos das especificidades desta área, estudando, pesquisando, a fim de que possamos criar alternativas metodológicas realmente humanizantes e que permitam que nossos jovens sejam.

Deverá haver então, a gênese de atividades pedagógicas emocionalmente estimulativas para os alunos, procurando atingir seu sentimento. E isto está diretamente associado ao compromisso político, pois

(...) é preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras(...) A prática pedagógica é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (Freire, 1997 p. 161)

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Janete Magalhães. Cotidiano escolar como comunidade de afetos. Petrópolis, RJ :DP et Alii; Brasília, DF:CNPq, 2009.

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2003.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1ª edição: Rio de Janeiro: Editora Paullas - Fundação

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Biblioteca Nacional, 2016.

FREIRE. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 4a. Edição. Paz e Terra: São Paulo-SP, 1997.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 50ª. Edição. Paz e Terra: São Paulo-SP, 2011.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

PARTILHAS EPISTÊMICAS ENTRE STELLA DO PATROCÍNIO E DONA ZÔI

Ana Carolina Pedrosa Pontes¹⁹⁶

RESUMO

Essa pesquisa de doutorado estabelece literatura comparada entre Stella do Patrocínio e Dona Zôí, poetisas, mulheres negras e em situação de sofrimento mental. Entende-se a poesia enquanto criação de possibilidades e modos de existir frente ao sofrimento. Diferenciam-se as condições de acolhimento e cuidado estabelecidos, Patrocínio em situação manicomial por 30 anos e Dona Zôí em situação antimanicomial, na qual o Candomblé também agencia a vida. Reúne-se teórica e analiticamente saúde mental antimanicomial com perspectiva racial, linguagens artísticas e epistemes de terreiro.

Palavras-chave: Epistemes de terreiro; linguagens artísticas; saúde mental antimanicomial; Dona Zôí; Stella do Patrocínio.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa parte do encontro entre arte e linguagem e saúde mental antimanicomial, na invenção do que entendemos como um terceiro campo de conhecimento, a partir desta convergência. Este se tece ainda de forma incipiente, quando o que se tem produzido sobre o assunto advém do ponto de vista das psis – psiquiatria, psicologia ou psicanálise, e adjacências. Dessa maneira, a partir da perspectiva da arte e linguagem, estabelecemos um outro locus narrativo (RIBEIRO, 2017), e através dele pensamos no estabelecimento da experiência da arte enquanto modos de existir (PONTES, 2020), enquanto agenciamento da vida, na tessitura de possíveis lidas com o sofrimento mental.

¹⁹⁶ Doutoranda em Literatura e Cultura pelo PPGLitCult/UFBA, mestra em Estudos de Linguagens pelo PPGEL/UNEB, graduada em Artes Plásticas pela Escola Guignard/UEMG. É multiartista, atua nas artes visuais, literatura e audiovisual, além de curadoria e mediação em saúde mental. anapedrosap@gmail.com – Orientadora: Lívia Natália de Santos Souza

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O projeto histórico de abordagem à saúde mental no Brasil tem como ideias fundantes a instituição manicomial, a lógica asilar dos hospícios, hospitais psiquiátricos e hospitais colônias, enquanto instituições de poder pautadas na ideologia eugênica e em ações de higiene mental (COSTA, 2007). Somente no maior hospício do Brasil, no município de Barbacena, em Minas Gerais, se matou 60.000 pessoas em cinco décadas de isolamento e maus-tratos (ARBEX, 2013). O manicômio é um projeto de continuidade sistêmica da colonialidade e da necropolítica (MBEMBE, 2016), de manutenção das hierarquias sociais e raciais, de propagação de estigmas e exclusões capilarizadas pelos biopoderes (FOUCAULT, 1979), movido sobretudo pela parceria capitalista público-privado, na utilização precária de vidas enquanto máquina lucrativa, como na escravidão.

A partir da década de 1940 passou-se, com a equipe liderada pela psiquiatra Nise da Silveira, a trabalhar com arte dentro das alas de terapias dos manicômios. Desde a década de 1980 passou-se a lutar pelo fechamento daquelas instituições, pela consolidação do viria a ser o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial (MNLA), pela construção de políticas públicas substitutivas aos manicômios, nas quais uma das potências da sua clínica ampliada fosse a ação da arte.

DESDOBRAMENTOS E DISCUSSÕES

No então encontro da arte com a saúde mental antimanicomial, a razão hegemônica, pautada pelo mesmo sistema de pensamento e significação advindo da colonialidade manicomialista eurocentrada, não poderia responder às políticas de vida, quando seu propósito ideológico estrutural, historicamente se configura como projeto de morte de sujeitos e narrativas excluídos sobretudo racialmente. Assim, ancoro o estabelecimento desse que venho chamando de terceiro campo a partir de epistemes de terreiro, para que através de outras razões, decoloniais e ancestrais, possamos pensar em acolhimento, cuidado, agenciamento de vida, produção de devir, criação e linguagem.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Através da literatura comparada entre a poesia oral de Stella do Patrocínio, chamada por ela de falatório, com a poesia escrita de Dona Zôï, também nomeada por ela de escrivência, pensaremos nas duas narrativas tensionadas pela situação de sofrimento mental: a primeira internada em manicômio por 30 anos até sua morte, e a segunda se cuidando através da política antimanicomial do município onde reside, da recuperação de vida e potencialização de sua existência através do Candomblé. A partir do que chamamos de partilhas epistêmicas, pensamos no estabelecimento desse campo teórico e analítico.

METODOLOGIA

A pesquisa tem base qualitativa e é realizada, sobretudo, através de análise bibliográfica. Seu corpus compreende o livro de Patrocínio (2009) organizado postumamente por Viviane Mosé, bem como áudios da poeta disponibilizados por Carla Guagliardi; o filme do diretor baiano Talbert Igor (2018) bem como poemas disponibilizados do caderno pessoal de anotações por Dona Zôï; além da bibliografia sobre epistemes de terreiro.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Essa pesquisa a nível de doutorado se iniciou em 2020, porém traz como base anterior desenvolvida a dissertação de mestrado *Poesia é a nossa estrutura: árvore, luta e artevida* (2020).

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício**

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

do Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

DONA ZÔI. Direção: Talbert Igor, 2018. (12 min 55 seg).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Rio de Janeiro: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, 2016.

PATROCÍNIO, Stela. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Viviane Mosé (Org.). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.

PONTES, Ana Carolina Pedrosa. **Poesia é a nossa estrutura**: árvore, luta e artevida. Dissertação de mestrado. Salvador: PPGEL-UNEB, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA NO CONTEXTO DA GUERRA CIVIL ANGOLANA

Maria Jéssica Sousa Lima¹⁹⁷

RESUMO

Este trabalho analisa a obra *Bom Dia Camaradas*, do escritor angolano Ondjaki. Este é um romance de língua portuguesa cuja prosa une ficção e realidade para retratar a perspectiva de uma criança de classe média da cidade de Luanda em meio a uma violenta guerra civil pós-independência. Pretendo, através da análise da obra, refletir sobre as representações sobre infância em face dos dilemas enfrentados por quem cresce em meio a uma realidade social marcada pela repressão, medo e violência. Enquanto Angola procura se reconstruir como Nação, Ondjaki traz as táticas e estratégias (CERTEAU, 2008) de crianças que, entre brincadeiras, vão construindo suas identidades.

Palavras-chave: Angola; Identidade; Infância; Guerra.

INTRODUÇÃO

Bom dia camaradas é o primeiro romance de Ondjaki, lançado em 2001, pela editora Chá de Caxinde, de Luanda. Em 2003, foi lançado pelo Editorial Caminho, de Portugal. A obra foi finalista do prêmio Portugal Telecom (Brasil, 2007), e *Bom dia camaradas* foi um dos livros de Ondjaki mais traduzido para outras línguas.

197 Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia – FATEC. Atualmente desenvolve pesquisas no campo da literatura africana e afrodiáspórica e no campo da literatura infante - juvenil afrobrasileira. jessicasousamj@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O período escolhido para ser lembrado pelo narrador é marcado por dois eventos históricos importantes: a inauguração de uma Angola independente (1975) e o início de uma guerra civil que durará até muito recentemente no país, mais concretamente até o ano de 2002.

Predomina na obra o lirismo, humor e humanidade. O narrador insere Luanda e o contexto de guerra em um exercício crítico e lúcido, a partir das suas memórias com mistura de ficção, sob a perspectiva da transfiguração da realidade. E evidencia também que ele faz parte dos quadros sociais da memória dessa cidade capital difícil de viver e de administrar, em que há desgastes sérios causados pelos tempos da guerra.

BOM DIA, CAMARADAS

O objetivo da obra não é o de fazer um levantamento factual do período selecionado, mas, retomá-lo a partir dos afetos e da interação viva do protagonista com as pequenas coisas do cotidiano que, ao serem narradas, afastam do leitor a visão quase pragmática assumida por muitos textos que retomam períodos marcados por traumas e guerras. Essas histórias são contadas de maneira muito leve, como se pode esperar de um narrador menino, contadas de forma bastante sutilmente, quase como algo comum ao seu universo infantil.

O livro *Bom Dia, Camaradas* retrata assim, a inocência de um menino, que cresce em um país que, teoricamente, se diz independente e é governado por um angolano. O garoto mostra-se orgulhoso de sua terra, mas, em algumas passagens, pode ser encontrada a preocupação com algumas questões como a falta de água e luz; o controle do consumo de alimentos, regulado pelo governo com os cartões de abastecimento.

O livro retrata o cotidiano de quem vive e cresce em contexto de guerra. Uma realidade onde até os desenhos representavam em muito o que as crianças presenciaram. As figuras de armas eram constante e as redações na escola eram quase sempre sobre a temática de guerra e violência, pedidas pelos professores cubanos que implicitamente incentivam os alunos a demonstrarem patriotismo e a lutarem por Angola se preciso fosse. O contexto de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

guerra também aflora nos sonhos, em muitas passagens o medo, as inseguranças e a violência acompanhavam os momentos de descanso. Podemos relacionar os sonhos ao que se é vivido ou esperado. Como afirma Certeau: “ a memória vive de crer nos possíveis, de esperá-los, vigilante, á espreita” (p.162-3) e que podemos ver claramente no trecho da na página 16 da obra, em que o menino relata o teor do sonho que teve durante a noite, depois de um dia cansativo.

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

Pode-se depreender um “certo” caráter memorialista da obra, onde a temática é abordada pela voz do narrador em primeira pessoa, que participa dos acontecimentos narrados e, ao mesmo tempo, assume o papel de protagonista. Essa é a preferência do autor que, pela voz de um narrador autodiegético, relata as lembranças de suas próprias experiências como personagem principal da história.

As inquietações, as dúvidas, as perdas necessitam de mecanismos que auxiliam no abrandamento dos medos e da incompreensão em relação ao mundo real. Como afirma Certeau, ao falar das estratégias como táticas, e comparar a vida como um jogo de xadrez onde: “O grande espaço tempo é a memória dos lances vividos, um saber que se faz de muitos momentos e de muitas coisas heterogêneas”(p.157). E, nesse sentido também, o devir, as metas, as brincadeiras, o relato, a poesia em ver a vida constitui como estratégia e objeto de escapismo.

Ondjaki viveu nessa Angola que, após anos de guerra e conflitos, tentou (e tenta até hoje) se reestruturar. Como salienta Inocência Mata *apud* Polar (2000,p.20): Antes de qualquer rótulo (local, regional) o escritor é um sujeito do seu tempo e que ‘a literatura é produção social, parte integrante de uma realidade e de uma história nunca neutras” (p.6).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Portanto, no romance é o narrador quem representa a síntese da memória individual e coletiva, e é através dessa voz que o leitor tem condição de conhecer aspectos da situação política, econômica, cultural e identitária do país.

Em *Bom dia camaradas*, o autor deixa-se mostrar, entre outras estratégias, através de uma reflexão de um “eu-adulto” que apercebe, olhando pela luneta do tempo, o momento exato na sua vida juvenil, em que conseguiu diferenciar determinadas noções fundamentais para a construção de sua identidade e formação cidadã na cidade de Luanda e as excentricidades que esse espaço, pelo contexto que está inserida, ajuda a construir.

REFERÊNCIAS

FERRAÇO, C.E, SOARES, M.C.S., AND ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões**. Luanda: Editorial Nzila, 2007.

ONDJAKI. **Bom dia camaradas**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFLEXÕES ACERCA DA LEITURA DE AUTORAS AFRO-BRASILEIRAS NAS ESCOLAS

Marlysson Aerton de Oliveira¹⁹⁸
Júlia Vitória Menezes Bezerra¹⁹⁹
Francisco Cleiton Limeira de Sousa²⁰⁰

RESUMO

O racismo está presente em diversas esferas sociais como na escola, ambientes de trabalho e dentre outras. Muitas vezes fechamos os olhos para esse tipo de preconceito: não acontece para quem é branco, então não é importante. Por isso, objetivamos, a) discutir a desigualdade racial e seus reflexos na sociedade; b) repensar as práticas escolares no que diz respeito aos comportamentos étnicos e c) refletir a importância de levar autoras negras para as escolas. Assim, a metodologia desse trabalho terá uma pesquisa básica, de natureza qualitativa elaborado através de um levantamento bibliográfico e caráter exploratório. Para concluir, esperamos que nosso trabalho ajude professores a repensar sobre suas aulas e fazer com que os alunos reflitam sobre valores básicos de convivência.

Palavras-chave: Racismo. Negro. Ensino.

BREVÍSSIMA CONSIDERAÇÃO

A escravidão no Brasil durou bastante tempo e mesmo que tenha sido abolida ainda está presente em diversos lugares. O continente africano ainda é visto como pobre e sem cultura, mas isso é errado, mas, é esta a parte que predomina na maioria das escolas quando se

198 Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, aerton_fiel10@hotmail.com

199 Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, juliamentes146@gmail.com

200 Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, cleitonlimeira3930@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

trata desta temática. Isso ocorre porque há a cultura de apresentar aos alunos apenas os autores canônicos, na maioria dos casos, homens brancos.

Ao refletirmos sobre tal situação, buscamos abordar a importância de dialogar acerca do racismo e, principalmente, e de levar às escolas autoras brasileiras negras para serem lidas e apreciadas pelo alunado, quando mediado pelo docente, cujo fim é ampliar a visão daquele, a exemplo da percepção de como é ser negro no Brasil. É comum que os professores fiquem perdidos, quando em momentos que precisa-se tratar do tema, visto que não são preparados na academia. Assim, é fundamental conhecermos as autoras afro-brasileiras e reconhecer suas contribuições, reconhecendo-as, inserindo-as em sala e mediando adequadamente as leituras.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é básica, configurando-se como exploratória de aportes teóricos que discutem o tema em questão. Sua natureza é qualitativa, considerando que não necessitamos de elementos como gráficos, dados estatísticos, etc. Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico, sustentados em: Almeida (2018), Cavalcante (2017), Melo & Gonçalo (2017).

O IMPACTO DO RACISMO NO CAMPO DA LEITURA NA ESCOLA

É necessário entender que, atualmente, a literatura se expande cada vez mais, e começam a ganhar notoriedade autores negros e também autoras afro-brasileiras, conforme Cavalcante (2017, p.87). Nessa linha, consideramos haver um atraso cultural, se formos equiparar tais escritores aos brancos, homens e ricos. Uma criança, por exemplo, deve ser estimulada ao acesso dos diversos escritores, pois “Se um indivíduo se forma culturalmente em um grupo etnocêntrico, há grandes chances de desenvolver sentimentos de superioridade com relação a outros que não participam [...]” (MELO & GONÇALO, 2017, p. 97). E,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

considerando que a atual sociedade é extremamente preconceituosa, racista e excludente, não podemos deixar que isso ocorra, e isso só é possível por meio de leituras plurais e diversificadas.

Em tal perspectiva, sabemos que o racismo existe e ele é definido como “[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes [...]” (ALMEIDA, 2018, p. 25). É importante que seja discutido em sala de aula e pode ser feito através da literatura afro-brasileira com autoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus.

Ademais, é pertinente destacar o papel do professor na mudança do atual cenário, por ser capaz de, pela leitura, propagar que “É possível entender o quanto ela é imprescindível no contexto escolar como mais um instrumento de disseminação do conhecimento sociocultural e histórico das sociedades.” (MELO; GONÇALO, 2017, p. 97). Em outras palavras, a literatura e a leitura de uma maneira geral facilitam a nossa compreensão do mundo e das principais questões que o compõe.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Observamos como é valioso introduzir nas salas de aula as discussões sobre racismo e fazer isso através da literatura de autoras negras. Desse modo, compreendemos que, enquanto professores que somos, é emergente inserir a variável da representatividade em nossas salas de aulas, e que os alunos possam conhecer além do que a escola propõe. Além do mais, trabalhar com autoras afro-brasileiras é permitir que conheçamos outra realidade diferente daquela que já é ensinada, à ótica da pessoa branca. Em suma, é pertinente mostrar aos discentes que nem tudo que um objeto cultural pode não ser realmente a verdade dos fatos, ou seja, cada autor, livro/obra, aborda e traz uma distinta perspectiva, que também carece ser lida, compreendida, compartilhada, respeitada e pesquisada.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): **Letramento**, 2018.

CAVALCANTE, Francys Carla Arraiz Lindoso. Literatura Afro-brasileira: Um Processo De Afirmação Identitária E De Resistência Negra Na Poesia De Cuti. IN: **Opiniões**: Revista dos alunos de Literatura Brasileira / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. -n.10 (2017) - São Paulo: FFLCH:USP, 2017, p.86-102.

MELO, Carlos Augusto de; GONÇALO, Sandra Regina Pereira. Uma proposta de intervenção para o ensino da literatura afro-brasileira nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. **Letras & Letras** | Uberlândia | vol 33 / 1 |p.95-118, jan/jul 2017. Disponível em: file:///D:/Downloads/35361-Texto%20do%20artigo-163490-2-10-20170813.pdf. Acesso em: 28/09/2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

RELIGIÃO E IDENTIDADE EM UM ROMANCE AFRO-BRASILEIRO

Ana Paula Lima Moura²⁰¹

RESUMO

Este resumo é uma reflexão sobre o papel da religião na formação da identidade de Kehinde, a protagonista do romance “Um defeito de cor” (2012). A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica. Trabalhamos em torno da imagem da encruzilhada, pensando o cruzamento dos efeitos políticos e subjetivos da religião, tomada como eixo de ação da protagonista. Em nossos resultados, observamos que a função política da religião foi o que possibilitou o empreendimento de ações que culminaram na construção de uma identidade contra-hegemônica e, do ponto de vista subjetivo, a religião garantiu a conexão com a ancestralidade, que estabeleceu uma dimensão de significado para toda a trajetória de sofrimento e superação da personagem.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, identidade, protagonista feminina.

INTRODUÇÃO

Este resumo investiga o papel da religião na trajetória de Kehinde, a protagonista do romance *Um defeito de cor* (2012), de autoria da escritora mineira Ana Maria Gonçalves.

O romance “Um defeito de cor”, mais do que uma obra de ficção, abrange um rico conteúdo histórico sobre o Brasil do século XIX no qual, a partir da narrativa autobiográfica de uma africana escravizada, é possível observar a influência da cosmovisão afro-brasileira em um cruzamento entre a preservação subjetiva e a articulação política, funcionando como

201 Docente do curso de Psicologia da Faculdade Princesa do Oeste – FPO, Mestre em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará, Especializada em Psicologia Social e Comunitária pela Faculdade de Tecnologia Intensiva e Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza.
paulalimamoura@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ponto de apoio para a realização de trocas materiais e simbólicas essenciais à construção de identidades no contexto da diáspora.

Com vistas a este fim, construiremos um diálogo entre o conceito de identidade desenvolvido pelo crítico literário Stuart Hall e a filosofia africana, conforme apresentada por Nascimento (2009).

A importância deste estudo situa-se na possibilidade de observar, no desenho desta encruzilhada, o protagonismo de Kehinde, personagem feminina e negra, na escrita de sua história.

METODOLOGIA

O método utilizado neste resumo é a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, uma vez que trabalhamos com o universo de significados da protagonista da obra analisada. O procedimento adotado é a leitura do romance “Um defeito de cor”, com foco na importância da religião na narrativa da protagonista. Para o desenvolvimento desta reflexão, utilizamos as definições de identidade traçadas por Hall (2003) e do conceito de epistemologia afro centrada, conforme trabalhado por Nascimento (2009).

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A obra “ Um defeito de cor” é um romance histórico cujo enredo compõe-se da narrativa da história de vida de uma africana da região do Daomé, que foi capturada em Uidá e escravizada no Brasil: cenário em que ocorre a maior parte deste enredo por meio do qual é possível traçar um panorama do funcionamento da sociedade brasileira colonial e escravocrata dos meados do século XIX.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O ponto que iremos recortar deste rico relato de quase mil páginas, é o papel da dimensão religiosa como a ponte que conecta todos os aspectos da vida da protagonista, tomando lugar central e orientando cada uma das suas escolhas desde a saída de África, quando, seguindo às orientações da avó, manteve a fé em seus ancestrais e orixás de devoção, até a viagem de retorno ao Brasil quando, já idosa, decide escrever o relato de sua vida na esperança de encontrar o filho perdido há décadas.

No romance de Gonçalves (2012), a religião tem papel preponderante enquanto fator político, uma vez que é através de seu envolvimento com o grupo dos muçurumins que a protagonista se torna ativista da causa abolicionista; tendo sido também através da amizade com o muçulmano Fatumbi que obtém o acesso às letras, o que mais tarde permitiria que ela escrevesse o seu relato enquanto sobrevivente da escravidão no Brasil.

Neste enredo, a protagonista luta para se manter coerente com os valores culturais de seus antepassados e, nesta direção, assume como propósito de vida o cumprimento do seu Destino de Ori, o que a leva a firmar um compromisso com a religião da avó. Aqui destacamos a função espiritual/psicológica da religião, que introduz a noção de sentido da vida traduzida na concepção de Destino de Ori: em obediência ao qual Kehinde vai dedicar boa parte de sua trajetória.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Ao final destas reflexões constatamos que, ao situar-se na encruzilhada, Kehinde abre espaço para a articulação de novos valores culturais e, neste processo, destacamos a centralidade da religião, tanto em sua função política quanto de preservação psicológica. Aqui observamos a restauração dos elos com a experiência africana por meio da preservação do sistema de pensamento ancestral, por meio da qual é possível construir um sentido para a experiência de sofrimento e superação.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, A. Um defeito de cor. 8ª edição. São Paulo: Record, 2012.

HALL, S. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAKATOS, E. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 2017.

NASCIMENTO, E. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

“DUZU-QUERENÇA”: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA INTERSECCIONAL

Andressa Almeida dos Santos²⁰²
Cássia da Silva²⁰³

RESUMO

Compreendemos que mesmo obras fictícias se relacionam com o senso comum vigente, corroborando para a efetivação de uma consciência coletiva. Por isso propomos aqui relacionar a teoria interseccional ao enredo do conto literário *Duzu-Querença*, presente no livro *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo, a fim de identificar as intersecções de violência que acometem a protagonista. Para isso, autores como Akotirene (2019) e Crenshaw (2002) embasam as discussões sobre a temática da interseccionalidade e contribuem para evidenciarmos, a partir do enredo do referido conto, como ocorrem as várias formas de violência que o corpo da mulher negra está sujeito.

Palavras-chave: Violência, Literatura afro-brasileira, interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca fazer uma breve análise do conto *Duzu- Querença* que integra o livro *Olhos d'água* (2014) da Conceição Evaristo, a fim de identificar as violências que a personagem protagonista sofre durante sua vida. Também é exposto de forma sucinta o pensamento interseccional de Kimberlé Crenshaw e Carla Akotirene, que foram de suma importância para nos fazer pensar a condição da mulher negra dentro do contexto social brasileiro e as violências as quais esse corpo é submetido.

202 Aluna do Curso de Letras da Universidade Regional do Cariri – URCA, *Campus* Missão Velha e bolsista do Projeto de Iniciação Científica intitulado: *Literatura afro-brasileira de autoria feminina: a luz da categorização de Assis Duarte*, coordenado pela Profa. Ma. Cássia da Silva e financiado pelo PIBIC/URCA. as27807@gmail.com

203 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN . Possui graduação em Letras; Especialização em Psicologia aplicada à Educação e Mestrado em Letras. É professora de Literatura da Universidade Regional do Cariri – URCA, *Campus* Missão Velha e Professora de Língua Portuguesa pela SEDUC-CE. cassia_silv@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTERSECÇÃO DE VIOLÊNCIAS

A palavra de difícil pronúncia e que tem ganhado cada vez mais notoriedade dentro da comunidade acadêmica é um termo cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989 para pensar como as opressões se inter cruzam e atingem determinados corpos, que em sua maioria são de mulheres negras. Visto que estas são oprimidas duplamente pelo machismo e racismo, no entanto, podem combinar muito além dessas opressões. Em 2019, Carla Akotirene publicou o livro *Interseccionalidade* que integra a coleção *Feminismos plurais*. Akotirene em seu livro retoma a pauta interseccional e adapta à realidade brasileira. Segundo ela:

A interseccionalidade visa dar instrumentação teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento de e sobreposição de gênero, raça e classe (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

Entendemos que todas essas colisões identitárias trazem algum tipo de violência seja ela física ou simbólica. A violência de gênero contra as mulheres, embora esteja presente em todas as classes sociais, incide de maneira diferente entre os segmentos mais fragilizados da população, nos quais se incluem as mulheres negras. Crenshaw fala sobre a relação entre violência e intersecção:

O problema interseccional não está simplesmente no fato de não abordar um único tipo de discriminação de forma completa, mas no fato de que uma gama de violações de direitos humanos fica obscurecida quando não se consideram as vulnerabilidades interseccionais de mulheres marginalizadas e, ocasionalmente, também de homens marginalizados. Os exemplos mais conhecidos de opressão interseccional são geralmente os mais trágicos: a violência contra as mulheres baseada na raça ou na etnia. Essa violência pode ser concebida como uma subordinação interseccional intencional, já que o racismo e o sexismo manifestados em tais violações refletem um enquadramento racial ou étnico das mulheres, a fim de concretizar uma violação explícita de gênero (CRENSHAW, 2002, p. 08).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O dado da violência é constante durante os contos de *Olhos d'água* (2014) esteja ela explodindo sobre corpos de homens, mulheres e crianças as diversas violências que a parte negra da população brasileira sofre diariamente é abordada na obra de Evaristo. Neste trabalho optamos por analisarmos o conto *Duzu-Querença* presente na coletânea citada anteriormente.

O breve conto narra a vida de Duzu desde a infância até a morte da personagem. Duzu chega à cidade grande, com a família, e, ainda menina, é levada para trabalhar em uma casa que posteriormente se descobre ser um prostíbulo. A menina trabalhava limpando a casa até ser estuprada por um dos frequentadores do estabelecimento e a partir de então é obrigada a receber clientes, ela, então permanece no bordel durante anos, até que decide sair com os filhos e criá-los no morro. O fim da vida de Duzu é na rua, onde morre sozinha relegada à mendicância.

Após a leitura e análise do conto identificamos três formas de violência constates que acompanham essa mulher desde criança até a morte. São elas a violência sexual que Duzu sofre durante sua vida no bordel que morava, a violência física que é submetida enquanto é agredida por cafetões, cafetinas e clientes e a violência psicológica em decorrência do dano que lhe causou o afastamento abrupto de sua família após ser sequestrada ainda menina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou de forma sucinta uma análise do conto *Duzu-Querença* com o intuito de expor as violências que explodem sobre o corpo da protagonista no texto. Foi exposto de forma breve o conceito interseccional e como este se relaciona com os diversos tipos de violência, visto que um único corpo pode carregar mais de uma violação. É de suma importância tratar de violência contra a mulher por ser essa o alvo que mais sofre agressão no país, pois de acordo com o último Atlas da violência, divulgado em agosto de 2020, a taxa de mortalidade por homicídios entre mulheres não negras foi de 2,8, enquanto a de mulheres

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

negras chegou a 5,2, evidenciando que o corpo que mais morre são os de mulheres como Duzu.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 2ªed. São Paulo: Pólen. 2019.

ATLAS DA VIOLÊNCIA. **IPEA**, 2020. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em:
29/09/2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas. 2014.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**Simpósio Temático 08 – Justiça Racial e Movimentos Negros
na Luta por Direitos**

Coordenadores(as)

Prof. Dr. Miguel Melo Ifadireó (UPE; LIEVI/UNILEÃO)

Mnd. Livia Maria Nascimento Silva (NEGRER/PRODER/UFCA)

Mnd. Yohana Maria Monteiro Augusto de Alencar (LIEVI/UNILEÃO)

Leidiane dos Santos Pereira (URCA)

Pétrus Eduardo Feliciano de Sá (URCA)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**FRANTZ FANON, RACISMO CULTURAL E A INAPTIDÃO DO DIREITO PENAL
NO COMBATE AO RACISMO**

Danilo dos Santos Rabelo²⁰⁴

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo primário realizar uma revisão bibliográfica em torno do conceito de racismo cultural trabalhado por Frantz Fanon. Em um segundo momento, já com um repertório teórico sedimentado, é traçado um contraponto entre o modo como a racionalidade penal moderna enxerga o racismo, notadamente, como práticas individuais/comportamentais, e a concepção sistemática/dinâmica fanoniana. Desse modo, conclui-se que inaptidão do Direito Penal no combate ao racismo não estaria no campo das “falhas operacionais”, mas sim no bojo de uma epistemologia eurocêntrica e colonial.

Palavras-chave: Frantz Fanon; Racismo Cultural; Direito Penal; Racionalidade Penal Moderna.

INTRODUÇÃO

A presente investigação, utiliza-se do referencial teórico-metodológico da Teoria Crítica da Raça e dos estudos pós-coloniais, com especial foco na obra do filósofo e psiquiatra martinicano Frantz Fanon, com o objetivo de delinear uma análise crítica do enfrentamento ao racismo pelo Direito Penal nacional.

Nesse sentido, resta apresentada a concepção de que esse ramo da ciência jurídica, inspirado na construção teórica criminal italiana, encontrar-se-ia desatualizado frente as novas

204 Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Sergipe (2020). Mestrando em Direito pela mesma universidade, sendo bolsista/CAPES. E-mail: danilorabelo00@hotmail.com. Orientador: Clóvis Marinho de Barros Falcão.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

contribuições teórico-metodológicas das lutas anticoloniais e antirracistas. Em segundo plano, é apresentado o pressuposto de que seria esse “distanciamento”, na verdade, uma organização racional consciente do próprio sistema político-econômico, amparada por uma superestrutura jurídica, que a partir de categorias ditas “neutras” e “universais” se apresenta como a única solução possível enquanto omite a manutenção de opressões estruturais sofridas pelo povo negro.

Portanto, é no bojo desses questionamentos e hipóteses que resta alicerçada a inaptidão epistemológica e dogmática do Direito Penal no combate ao racismo brasileiro.

METODOLOGIA

Esse trabalho fundamentou-se em um procedimento metodológico de revisão bibliográfica. Nesse sentido, em primeiro lugar, mediante a análise das obras de Frantz Fanon, “Pele negra, máscaras brancas”, “Condenados da Terra” e de seu artigo “Racismo e Cultural”, traduzido e publicado pela “Coleção Pensamento Preto”, restou sedimentado os contornos da concepção fanoniana de racismo cultural. Posteriormente, restaram analisadas as contribuições teóricas contemporâneas dos juristas nacionais sobre o direito antirracista. A forma de abordagem escolhida foi a investigação qualitativa e, quanto aos objetivos, explicativa.

DIREITO PENAL E RACISMO: ENTRE A ILUSÃO PROTETIVA E A INAPTIDÃO ERRADICANTE

Segundo Fanon (2018, p. 39), se a cultura é o resultado das diversas relações do homem com a natureza e com o seu semelhante pode se dizer que o racismo é um elemento cultural. Dessa averbação duas constatações podem ser ressaltadas, a primeira é a de que

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

sendo o racismo um elemento cultural, a sua manutenção na sociedade capitalista moderna se efetiva por meio de um movimento dinâmico, complexo e sutil (FANON, 2018, p. 42; SOUZA, 1983, p. 20).

O racismo em sua vertente física e brutal, de exploração dos homens sobre os homens, é substituído por técnicas e aparatos discursivos, manifestando-se para Fanon, segundo Deivison Faustino (2018, p. 86), através da ética, da estética e da política.

Nessa toada, juristas nacionais como Silvio Almeida (2019), Adilson Moreira (2017) e Thula Pires (2019) apontam como que para a doutrina e para os tribunais nacionais o racismo é enxergado como um fenômeno meramente comportamental-individual. Além disso, a principal legislação antirracista nacional, a Lei Carlos Caó (n.º 7.716/89), além de possuir uma concepção extremamente reducionista e distante das práticas racista nacionais (GARAVITO; DÍAS, 2015, p. 68), encontra-se dentro de uma ciência penal fundada nos princípios da taxatividade e da responsabilização penal individual. O primeiro que não alcança as constantes modificações das práticas racistas, o segundo que não atinge a totalidade dos sujeitos racistas – as instituições, as estruturas.

Desta feita, como aponta Aimé Césaire (2020, p. 09), “uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que seu funcionamento provoca é uma civilização decadente”. Contudo, o Direito Penal e a Lei Carlos Caó continuam sendo apresentados como ferramentas erradicantes do racismo enquanto a população negra luta, diariamente, contra a expressão máxima dessa opressão - a morte, o massacre (MBEMBE, 2018, p. 59).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim, resta solidificado o argumento sobre a inaptidão do Direito Penal nacional no combate ao racismo. Em primeiro plano, é demonstrado que a epistemologia eurocêntrica-ocidental presente na dogmática e na principal legislação antirracista nacional não alcançam

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

as formas culturais, discursivas, sutis do racismo na modernidade, estas apresentadas pelo filósofo e psiquiatra Frantz Fanon.

Em um segundo momento, é apresentada a conclusão de que os atuais princípios e categorias penais não conseguem, intrinsecamente, alcançar a variedade das práticas racistas e, tampouco, a totalidade dos sujeitos racistas. Portanto, resta apresentada a imprescindibilidade de mudanças epistemológicas e dogmáticas no Direito Penal para que esse possa vir a ser considerado uma importante ferramenta da luta antirracista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

FANON, Frantz. Racismo e Cultura. **Coleção Pensamento Preto: epistemologias do Renascimento Africano**. São Paulo: Diáspora Africana, 2018. p. 38-50.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

GARAVITO, César Rodríguez; DÍAZ, Carlos Andrés Baquero. **Reconocimiento con redistribución: El derecho y la justicia étnico-racial en América Latina**. Bogotá: Centro de Estudios de Derecho, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2018.

MOREIRA, Adilson José. **O que é discriminação?** Belo Horizonte: Letramento: Casa do Direito: Justificando, 2017.

PIRES, Thula. Por um constitucionalismo ladino-amefricano. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. (Orgs.).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 285-303.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A COVID-19 E A PANDEMIA DE COR: RACISMO ESTRUTURAL E DESIGUALDADES RACIAIS EXPOSTAS

Carolayne Rocha dos Santos²⁰⁵
Wesley Silva dos Santos²⁰⁶

RESUMO

O presente trabalho tem como intento, através dos métodos histórico e indutivo discorrer acerca dos efeitos desproporcionais que a pandemia do novo SARS-COV-2 vem causando nas populações negras. Nesse sentido, por meio da pesquisa quantitativa serão observados possíveis impasses que tem contribuído para o cenário atual de cristalização da desigualdade racial. Ademais, a revisão bibliográfica de autores que se dedicam em temas como teoria política, teoria decolonial, e o Estado de Exceção Moderno trazem uma nova visão para o debate da pandemia de cor. Isto posto, é imprescindível analisar as desigualdades raciais no contexto de pandemia, visto que possibilita que sejam pensados mecanismos tangíveis a fim de desconstruir o quadro de exceção. Por fim, tomando uma posição, será dado juízo valorativo sobre o assunto.

Palavras-chave: Pandemia. População Negra. Desigualdade Racial. Exceção.

INTRODUÇÃO

A humanidade tem um longo histórico de epidemias que causaram grandes impactos na sociedade. E, atualmente, a pandemia por COVID-19 tem gerado uma verdadeira crise social, pela expansão acelerada no número de mortes no mundo. Contudo, o perigo maior tem sido os efeitos desproporcionais que essa pandemia vem causando nas populações negras, visto que jornalistas e governos do Ocidente não tem priorizado a discussão da causa.

205 Graduanda em Direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos Fundamentais – GEDHUF ligado ao Departamento de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA. Email: carolaynerocha846@gmail.com

206 Graduando em Direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA, pesquisador PIBIC em Estado de Exceção e Constitucionalismo Democrático Latino Americano, Membro do Seminário de Estudos Articulados em Direito- SEMEAR. Email: wesleysilvajus@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Somado a isso, estudos populacionais com dados de epidemias de infecções respiratórias e outras infecções virais como a tuberculose, HIV/AIDS e o Ebola demonstram que desigualdades sociais são determinantes para a taxa de transmissão e agravamento dessas doenças.

Nesse diapasão, dados apontam que nos EUA e no Brasil pessoas negras estão morrendo cada vez mais do que brancos. Pandemias como essa têm cristalizado as desigualdades raciais em nosso sistema, seja pelos impasses em ter acesso a um sistema de saúde de qualidade, o cumprimento de medidas como o isolamento social sem comprometer emprego ou renda, uma vez que, a maioria das atividades informais exige a presença física e não envolvem benefícios ou direitos trabalhistas, ou até mesmo a disseminação das famosas “Fake News” que findam por dificultar o acesso a informações corretas.

É indubitável considerar também que, os corpos mais vulneráveis são os que estão no contexto das favelas e ruas dos grandes centros como São Paulo, Guayaquil e Nova Iorque. Esse contexto é resultado da construção capitalista marcada pela divisão de classes e desamparo com o chamado elemento negro. Historicamente, o Estado não se preocupou com a inclusão e competição social que os negros enfrentariam no contexto capitalista discriminatório, os deixando “abandonados à própria sorte”. Prova disso foi a Constituição de 1891 que trouxe a ideia de promoção à igualdade jurídica a todos os brasileiros. No entanto, o documento citado não incluiu meios para que a democracia pudesse se concretizar de forma ampla, abarcando a “todos os brasileiros” sem exceção.

Diante disso, é imprescindível discutir acerca das desigualdades raciais estruturais em tempos de COVID-19 reforçando a necessidade de se pensar medidas que visem tratar os desiguais conforme suas desigualdades e “ressignificar” a igualdade jurídica a fim de que a população negra desconstrua esse contexto de exceção.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

METODOLOGIA

Conforme discorre Mezzaroba e Monteiro (2014, p. 33), “[...] *O conhecimento é o resultado de uma relação que se estabelece entre um sujeito que conhece, que podemos chamar de sujeito cognoscente, e um objeto a ser conhecido, o objeto cognoscível.*”

O presente trabalho se apoia no método indutivo, uma vez que, partindo de algumas premissas podem-se concluir algumas outras e afirmar uma maior e geral, além disso, utiliza-se a pesquisa quantitativa produzida por outros agentes sociais e aqui trazidas à baila para análise.

A metodologia baseou-se em vasta e acurada revisão bibliografia de autores que se debruçam sobre a teoria política, teoria afro-diaspórica, teoria decolonial, e o Estado de Exceção Moderno encontrado em livros, artigos científicos, teses e dissertações e notícias.

DISCUSSÕES

Em notícia publicada pelo site UOL (2020), em pesquisa realizada pelo NOIS (Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde) em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, constataram que a taxa de letalidade da pandemia do novo Sars-cov-2 é muito maior em pessoas de cor preta, totalizando 54,8% em relação a 37,9% em pessoas brancas, foram analisados mais de 29 mil pacientes que deram entrada em hospitais.

Preliminarmente, em apertada síntese, os números não revelam tanto a causa deste número ser muito maior em pessoas negras, mais algumas hipóteses podem ser levantadas como onde maioria dessa população vive, o saneamento básico especialmente o acesso a água, as garantias sociais por parte do governo para manter a renda básica dessa população para que possam se manter dentro de suas residências, entre algumas outras. Conforme dados do INFOPEN, veiculados pelo site do Nexo Jornal (2018) 60% da população negra está na

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

penitenciária, sem falar dos que estão nas favelas ou em bairros marginalizados em que não tem muitas vezes o acesso a água, que atualmente é imprescindível para evitar o contágio, e o número de desemprego na população preta é maior e os que ainda têm algum vínculo empregatício é acometido do racismo estrutural reverberado nos baixos salários e na precariedade das condições de emprego.

Neste diapasão, o teórico italiano, Giorgio Agamben (2004), vai discorrer sobre as vidas que estão fora do Estado, ou melhor, de sua arena política, de suas políticas públicas, vidas deixadas para morrer. Neste mesmo diapasão, alerta Moura (2014) “O imperialismo multiplica as formas do racismo, ‘moderniza-o’ na medida em que há necessidade de uma arma de dominação mais sofisticada”.

A pandemia agrava uma vez mais uma população que sempre foi espoliada e que desta vez teve e tem suas vidas postas em risco, em razão de uma desigualdade racial profunda. Como diria Carolina Maria de Jesus (2000), ao negro o quarto de despejo, este que hoje é a possibilidade morte por uma negligência do Estado racista em meio a maior pandemia do século XXI.

CONCLUSÃO

Diante do explanado, é imperioso afirmar que as desigualdades sociais ficaram cada vez mais expostas no contexto de COVID-19. Nesse sentido, determinados fatores contribuíram para um quadro de instabilidade, levantando questionamentos das possíveis causas dos efeitos desarmônicos nas populações negras.

De início coube enfatizar, os fatores que acarretaram no quadro atual de instabilidade, dificuldades no acesso ao sistema de saúde, o cumprimento das medidas de isolamento social sem comprometer emprego ou renda e a divulgação das “Fake News” que dificultam o acesso a informações corretas.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Ademais, observa-se a influência da construção capitalista que cristalizou a divisão de classes aumentando a competição e a disparidade no âmbito civil, por meio de documentos que omitiam meios para que haja de fato a isonomia.

Destarte, os dados apresentados evidenciam a negligência do Estado e sociedade com o negro em que o racismo estrutural tem sido o maior impasse nesse novo tempo, expondo o negro a vulnerabilidade, conseqüentemente, a morte.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. (2004b). **Estado de exceção: homo sacer II**. São Paulo: Boitempo Editorial.

COVID mata 55% dos negros e 38% dos brancos internados no país, diz estudo. **Uol**, São Paulo, 02 de junho de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/02/COVID-mata-54-dos-negros-e-37-dos-brancos-internados-no-pais-diz-estudo.htm>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.

MEZZAROBBA, O.; MONTEIRO, C.S. 2014. **Manual de Metodologia da Pesquisa no Direito**. 6ta. Ed. Rev. E atual. São Paulo: Saraiva.

MOURA, C. **O racismo como arma ideológica de dominação**. Princípios, São Paulo, n. 129, p. 4-20, fev./mar. 2014a. Suplemento.

QUAL o perfil da população carcerária brasileira. **Nexo Jornal**, São Paulo, 01 de Janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/01/18/Qual-o-perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-carcer%C3%A1ria-brasileira>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**A PANDEMIA DA DESIGUALDADE E A ARTICULAÇÃO QUILOMBOLA NA
COMUNIDADE DO ARROJADO, RIO GRANDE DO NORTE: DESAFIOS ANTIGOS
EM UM QUADRO AGRAVADO**

Isamara da Silva Marinho²⁰⁷

RESUMO

O trabalho busca refletir a articulação da comunidade quilombola do Arrojado - Rio Grande do Norte, no período de pandemia do COVID-19. O objetivo é analisar o modo de resistência comunitária diante da realidade de negativas de direitos e de políticas públicas já experimentadas, mas num quadro atual de crise sanitária, econômica e política que agravou e desnudou o abandono estatal dos povos quilombolas. Percebeu-se que existem dificuldades no acesso aos programas governamentais (quando há). O tema é fruto de pesquisas realizadas no projeto de extensão Direito e História: Comunidades Quilombolas, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Trata-se de um estudo de caso, com método dialético e abordagem qualitativa, destinado ao simpósio temático Justiça Racial e Movimentos Negros na luta por Direitos.

Palavras-chave: Quilombos; pandemia; desigualdade; direitos; resistência.

INTRODUÇÃO

A pandemia do COVID-19 no Brasil aprofundou desigualdades sociais, expondo o contexto de vulnerabilidades no qual os quilombos estão inseridos e ao qual historicamente apresentam resistência. De acordo com Hilton P. Silva e Gilvânia Maria da Silva (2020), o Brasil é um dos países com mais casos diagnosticados e maior número de mortos por COVID-19 no mundo, sendo a população negra a mais afetada. Tal fato pôde ser observado mesmo diante das ações do Governo Federal em dificultar a divulgação dos dados com recorte de raça e cor. Nesse contexto, a situação de vulnerabilidade a qual estão submetidas às populações

207 Discente no Programa de Pós-graduação em Direito da UFERSA (mestrado), Advogada. Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, isamara.s@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

quilombolas pelo país torna os efeitos da pandemia ainda mais nefastos nesses territórios. Sendo um quadro nacional, este se expressa na realidade de diferentes comunidades e, no Estado do Rio Grande do Norte tais efeitos também foram observados. Desse modo, o presente trabalho busca refletir a articulação quilombola do Arrojado-RN no período da pandemia, analisando as ações comunitárias para resistir ao subfinanciamento de políticas públicas anterior e durante a pandemia.

METODOLOGIA

A pesquisa é um estudo de caso, metodologia voltada à aplicação prática de conhecimentos para a solução de problemas sociais (BOAVENTURA, 2004). O recorte para a comunidade Quilombola do Arrojado se deu a partir do diálogo com a comunidade através do Projeto de Extensão Direito e História: Formação Política na Comunidade Quilombola do Arrojado-RN, da UERN. O método foi o dialético e a abordagem qualitativa, sendo considerada a realidade dos moradores do Arrojado e a percepção destes sobre as ações governamentais de combate ao vírus. Inicialmente foram coletados dados sobre o panorama geral dos quilombos na pandemia; em um segundo momento, foi analisada a situação do Arrojado, através de estudos anteriores, bem como pelo diálogo com pessoas da comunidade para compreender o contexto atual.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A comunidade quilombola do Arrojado fica a cerca de 7 km da cidade de Portalegre, Rio Grande do Norte, num contexto de vinte e duas comunidades rurais negras do RN que obtiveram certidão de reconhecimento quilombola junto à Fundação Cultural Palmares – FCP até o ano de 2013 e está entre as 19 que buscam reconhecimento do seu território (SANTOS,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

2015). É composta por cerca de 56 famílias, está dentre as mais carentes no acesso às políticas públicas se comparadas às comunidades vizinhas. Diferente destas, o Arrojado não possui Unidade Básica de Saúde e estradas asfaltadas, dificultando o acesso ao direito à saúde. Na pandemia, outros problemas foram percebidos, como a insuficiência dos programas do Governo Federal para suprir as necessidades das famílias, além da dificuldade em acessar a renda emergencial e as cestas básicas.

Os desafios enfrentados na comunidade do Arrojado fazem parte de necessidades oriundas do descaso público com os povos quilombolas no Brasil, agravado com as crises sanitária, econômica e política vivenciadas na pandemia. Assim, o subfinanciamento nas políticas públicas de combate ao COVID-19 tem atingido de forma desastrosa as comunidades tradicionais, sendo essa a realidade também experimentada pelas famílias do Arrojado. Analisando a conjuntura nacional, Hilton P. Silva e Gilvânia Maria da Silva (2020) apontam que, como resposta à pandemia, em todo o país as comunidades têm optado pelo autoisolamento e têm adotado barreiras sanitárias autônomas, mas que a situação tem se agravado pela deficiência na atenção básica primária.

Assim, a saída quilombola permanece sendo a organização coletiva para resistir e exigir direitos. Nesse contexto, as estratégias comunitárias do Arrojado na pandemia é a articulação política para exigir junto ao Poder Público ações específicas, capazes de atender às suas necessidades. A comunidade tem se organizado para fazer exigências às autoridades municipais, estaduais e federais responsáveis, através de instrumentos institucionais. Nota-se que a luta quilombola ganha novos contornos, através da apropriação de instrumentos provenientes de uma cultura burocrática burguesa, para resistir às tentativas de seu apagamento e aniquilamento. Por esse ângulo, Rodrigo Portela Gomes (2020) afirma que a experiência de luta e resistência quilombola se confunde com a luta por direitos no Brasil, considerando o movimento como fundamental para compreensão da efetivação de direitos no presente pelo histórico de luta social e política através da organização coletiva.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Portanto, o aquilombamento representa um instrumento de luta por direitos, presente em todos os aspectos de resistência das vidas negras. Segundo Abdias do Nascimento (1980), o movimento quilombolista está longe de haver esgotado seu papel histórico, pois as mudanças da condição do negro ainda são superficiais, não tendo sido capazes de promover as necessárias alterações na estrutura socioeconômica racista brasileira. Tal afirmativa torna-se ainda mais relevante, visto que a pandemia atingiu de forma desastrosa os indivíduos em contexto de maior vulnerabilidade, evidenciando a realidade vivida nos quilombos, expressa no abandono estatal e na histórica luta popular por direitos e políticas públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo o exposto, percebe-se que os desafios enfrentados na comunidade quilombola do Arrojado fazem parte de um contexto nacional e histórico de violações ao direito de existência dos povos tradicionais. Estes, por sua vez, possuem um vasto histórico de luta, resistência e organização política, usando de instrumentos institucionais para exigir direitos, algo que também é observado no Arrojado. Desse modo, se a pandemia não revelou nenhuma novidade em relação ao tratamento dado às comunidades quilombolas no que se refere à distribuição de políticas públicas, ela também não inovou a respeito da resistência quilombola. Isto, pois, não há dúvidas de que todas as conquistas quilombolas são, em verdade, frutos da luta e resistência em todo o país.

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da Pesquisa: monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Atlas, 2004.

GOMES, Rodrigo Portela. **ADPF 742**: a luta quilombola pela democracia constitucional.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/adpf-742-a-luta-quilombola-pela-democracia-constitucional/>. Acesso em: 04 set. 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980. 282 p.

SANTOS, Maria do Socorro dos. **Cotidiano e Aprendizagens de Alunos Quilombolas do Arrojado - Portalegre-RN**. 2015. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Mossoró, 2015.

SILVA, Gilvânia Maria da; SILVA, Hilton P.. **A situação dos quilombos do Brasil e o enfrentamento à pandemia da COVID-19**. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/a-situacao-dos-quilombos-do-brasil-e-o-enfrentamento-a-pandemia-da-COVID-19-artigo-de-hilton-p-silva-e-givania-m-silva/52116/>. Acesso em: 10, out.2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A REVOLTA DOS MALÊS: ARTICULAÇÃO NEGRA COMO FATOR DE RESISTÊNCIA

Luís Eduardo Borges Pereira²⁰⁸
Maria Bruna Leite Rocha²⁰⁹

RESUMO

Este trabalho, mediante revisão bibliográfica, visa analisar o reflexo da Revolta dos Malês na construção de uma narrativa simbólica de resistência negra, na produção legislativa do Império e as influências que o haitianismo exerceu. Mesmo não tendo havido uma conquista imediata de direitos e toda uma legislação penal tenha sido produzida para conter as insurreições, o fato intensificou, nacionalmente, articulações e instabilizou o sistema vigente, o qual, conclui-se, retratou o medo da aristocracia e o uso do poder estatal contra uma organização política negra de resistência à escravidão.

Palavras-chave: Revolta dos Malês; Escravizados; Legislação Penal; Resistência.

INTRODUÇÃO

A Revolta dos Malês apresenta-se como um dos principais símbolos de luta e resistência negra do início do século XIX. Assim, este trabalho visa compreender a forma como se deu a sua organização, o que influenciou sua formação, além de entender quem foram os partícipes e o que almejam conquistar, observando, finalmente, se houveram consequências sociais e legais vindas da Revolta. A investigação parte da apresentação dos aspectos históricos para depois tratar dos efeitos sociais-simbólicos e jurídicos produzidos.

208 Aluno do Curso de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA e membros do GEDHUF.
luis.bpereira36@gmail.com. Orientador: Cristóvão Teixeira Rodrigues Silva (cristovao.teixeira@urca.br).
Professor do curso de Direito da URCA. Mestre em Ciências Jurídicas pela UFPB. Membro do GEDHUF.
209 Aluna do Curso de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA e membros do GEDHUF.
rochabruna12320@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

METODOLOGIA

Este trabalho busca, mediante abordagem qualitativa e método de revisão bibliográfica, estudar não somente reflexo do Levante dos Malês na produção legislativa e conquista de direitos, mas, igualmente, a sua importância na construção de uma narrativa de resistência para escravizados e influência que o haitianismo exerceu sobre o evento.

DISCUSSÕES

A Província da Bahia foi palco de inúmeras insurreições negras, uma delas foi a Revolta dos Malês, que ocorreu em Salvador no ano de 1835. Este levante foi tido como um pequeno recorte da Revolução de escravizados em São Domingo, de 1791, a qual teve ampla repercussão no mundo afro atlântico e, conforme Mott (1982, p. 56), foi um dos “episódios que fizeram tremer a administração colonial e os donos do poder no Brasil”. Assim, repercutiu não só entre os escravizados, mas também entre os senhores e o Estado, criando um sentimento de medo e alerta, na época, conhecido como haitianismo (MOURA, p. 359).

Os negros brasileiros estavam noticiados do triunfo da Revolução Haitiana, cuja memória histórica foi causa intensificadora de diversos levantes no Novo Mundo, no fim do século XVIII e ao longo do século XIX. É inegável sua influência, apesar do hiato temporal, sobre a Revolta dos Malês, a qual também possuiu um culto religioso como elemento vinculativo entre os sublevados e suporte ideológico para o movimento e objetivou a conquista da liberdade, bem como a ocupação das esferas de poder.

A Revolta se deflagrou entre os dias 24 e 25 de janeiro de 1835 e possuiu um plano organizacional, antecipadamente encabeçado. Os escravos reuniam-se, secretamente, em grupos, que não estavam circunscritos a Salvador, mas abrangiam organizações no Recôncavo. Os pontos de reunião possuíam funções diversas, dentre as quais, o culto e

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

instrução religiosa, bem como a dinamização do movimento e suas finanças. Os malês possuíam domínio da escrita e leitura do árabe, o qual serviu como meio comunicativo entre os insurrectos e os pôs em vantagem sobre os seus senhores, que muitas vezes eram analfabetos em sua própria língua. Estima-se que Salvador, quando se deu a Revolta dos Malês, possuía um contingente negro superior à população branca. O Levante foi conduzido, em geral, por malês iorubá, porém outras etnias afro islâmicas participaram, como os haussás. Foi, entretanto, malgrado em razão de uma delação feita por uma liberta que, mais do que retirar o fator surpresa, fez atuar o aparelho repressor do Estado, mas a Insurreição acentuou um pânico já existente - o haitianismo -, influenciou, nacionalmente, outros levantes negros e repercutiu na produção legislativa do período (MOURA, 2004, p. 174-175).

A Lei n.º 04, de 1835, é um de seus efeitos diretos, a qual previu um procedimento sumário para crimes cometidos por escravizados, buscando proteger, o status quo escravista ao puni-los com pena de morte quando matassem ou ferissem gravemente a integridade física de seus senhores, seus familiares e aqueles que cuidavam da mão de obra escrava, bem como quando se insurgissem (CAMPELLO, 2018). Ademais, a Rebelião dos Malês contribuiu, ainda que indiretamente, na abolição do tráfico de escravos, em 1851, vez que a Revolta causou insegurança imediata em todo o Brasil, levando a Corte e as autoridades locais a tomar medidas de segurança pública, bem como reforçou a discussão sobre a continuidade do tráfico internacional de escravizados e sobre a instituição da escravidão (REIS, 2003, p. 509).

CONSIDERAÇÕES

Ante o exposto, percebe-se o uso do poder estatal na construção de um direito que refletia o medo e a insegurança da aristocracia perante as organizações negras de resistência à escravidão que se insurgiam após a Revolta dos Malês, tornando o elemento servil um problema de segurança pública, submetendo-o a uma específica legislação penal que visava

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

controlá-los pelo medo. Apesar disso, os malês contribuíram na história da resistência negra e, indiretamente, na abolição do tráfico de escravos alguns anos depois.

REFERÊNCIAS

CAMPELLO, André Barreto. **Manual Jurídico da Escravidão: Império do Brasil**. 1.^a ed. Jundá: Paco, 2018.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

MOTT, Luiz. A Revolução dos Negros do Haiti e o Brasil. **História: Questões e Debates**, v. 3, n.º. 4, p. 55-63, 1982.

REIS, José João. **Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**DE DOMITILA BARRIOS DE CHUNGARA A CAROLINA MARIA DE JESUS:
VOZES DA PERIFERIA DO CAPITALISMO PARA CONSTRUÇÃO DE UMA
AMÉRICA LATINA DECOLONIAL**

Wesley Silva dos Santos²¹⁰
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho²¹¹

RESUMO

O presente trabalho pretende trazer à baila as narrativas de duas importantes mulheres, uma boliviana, operária, e a outra uma mulher negra, lavadeira, que denuncia em seus escritos à face mais cruel de um estado racista/genocida. Suas narrativas são fundamentais para entender os processos de opressão e a necessidade de refundação de um Estado sob a ótica dos povos que nele coabitam e que a partir de suas vivências pode contribuir para refundar um novo Estado constitucional em uma verdadeira democracia racial. Faz-se uma revisão exploratória de trabalhos que discorreram sobre a temática trazendo maior sustentação ao proposto. Serão discutidos as obras de ambas e como elas são importantes para o novo processo que está em curso.

Palavras-chave: Periferia; Decolonial; América Latina.

INTRODUÇÃO

O presente estudo irá se debruçar sobre a vida/pensamento de duas mulheres cujas vidas foram forjadas na luta constante por melhores condições de vida e por uma revolução em que o povo fosse de fato os protagonistas de uma vida sociopolítica que alterasse o quadro de desigualdades e opressões, conforme relata as obras que contam suas histórias. A partir dessas narrativas é possível discutir que são essas vozes que bradam da periferia do capital,

210 Graduando em Direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA, pesquisador PIBIC em Estado de Exceção e Constitucionalismo Democrático Latino Americano, membro do Seminário de Estudos Articulados em Direito – SEMEAR. wesley.silva@urca.br

211 Mestre em Sociedade Democrática, Estado e Direito EUH/ UPV, Espanha, Professor do Curso de Direito da Universidade Regional do Cariri, coordenador do SEMEAR-URCA. Orientador do projeto Estado de Exceção e Constitucionalismo Democrático Latino Americano. djamiro.acipreste@urca.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

isto é, de dois países latinos, Brasil com Carolina e Bolívia com Domitila, que embora possuam diferenças, se interseccionam no que tange aos processos que os fundou- Colonização, escravidão, ditaduras- e a partir dessa construção emancipatória podem vir a romper com a colonialidade e erguer novos locais (Estados) decoloniais, pois suas experiências não podem ser mais subalternizadas. Integrar os povos, seus saberes e experiências se colocam como pautas urgentes nesse local que foi construído sob os “lombos” dos que foram marginalizados desde a época colonial. Questionar o *modus operandi* na América Latina que exclui, oprime e mantém privilégios de classes que trabalham em função da manutenção, sobretudo, do capital estrangeiro se põe na ordem do dia. A partir de uma revisão exploratória das obras, e trabalhos sobre a temática, é possível construir novos horizontes e considerações acerca desse movimento decolonial, objetivando discutir como esses corpos periféricos e suas narrativas são de fundamental importância para esse movimento.

METODOLOGIA

O método indutivo, qual seja, a partir de algumas premissas menores poderá chegar a outras maiores, foi o que melhor se amoldou ao trabalho, pois a partir das obras de ambas constroem-se o artigo. Além disso, se faz uma revisão exploratória de trabalhos que discorreram sobre a temática trazendo maior sustentação ao proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Carolina Maria de Jesus, filha de lavadeira, foi atravessada pela miséria e pela profunda desigualdade social da sua época, morou em uma favela com seus três filhos e passou fome, sede e toda sorte de dificuldades, relatava em seu diário a dura vida de um

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

morador de favela que é tratado como refugio pelo Estado e que mesmo com avanços em políticas públicas de habitação, como o programa federal minha casa, minha vida, ainda assim o nível de deficit habitacional é grande, conforme a Fundação Getúlio Vargas, em matéria publicada pela UOL, baseado no Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios, de 2009, 5,8 milhões de brasileiros não tem onde morar ou vive em condições precárias, ou seja, a realidade de Carolina ainda se perpetua.

Na Bolívia, nas minas de estanho, em péssimas condições trabalhavam mineiros que tinham poucos e quase nenhum direito, moravam em moradias precárias e de pouco espaço, padeciam de doença contraída pela extração do estanho, algumas vezes morriam explodidos no interior da mina, tinham um pouco salário, escassez de comida e reprimidos, sobretudo. Nesse ambiente hostil viveu Domitila Barrios de Chungara, que participou em 1975 da Tribuna do Ano Internacional da Mulher no México e que denuncia na obra-relato de sua vida os percalços pelos quais vivenciou desde a pouca comida, as péssimas condições de trabalho dos mineiros, a tortura sofrida durante os períodos de ditadura que atravessam a história daquele país, mas que foi uma das mulheres que se insurgiram contra toda forma de opressão.

É a partir desses saberes e vivências que as teorias decoloniais se centram, buscando romper e refletir com a relação centro-periferia, o abissal, colonialidade do saber/poder. Os teóricos como Anibal Quijano, Enrique Dussel, Boaventura de Sousa Santos, entre outros que integram esse movimento entendem que a independência dos países latinos encerra um período que em algum momento iria se romper, ou seja, a forma de sociedade escravocrata e colonial se encerraria, contudo a colonialidade se perpetuou como o outro lado da moeda do que chamam por modernidade e que a influência do centro hegemônico se perdurou, tanto que as Constituições do cone sul refletem se não o modelo eurocêntrico e norte-americano de um monismo jurídico, de noção de povo com um homogêneo, da exclusão do quilombola, do indígena, do campesino, dos povos tradicionais da dogmática constitucional.

Quando se fala em tornar decolonial a América Latina a partir das vozes da periferia é dar vez e voz a pessoas como as que compõem este trabalho, compreendendo que suas

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

experiências e vidas não podem mais ser subalternizadas em detrimento de um conhecimento/razão racional de matriz centro-hegemônica. A Constituição da Bolívia de 2009 trouxe em seu bojo o pensamento de matriz decolonial quando funda um Estado Plurinacional, refletindo as pautas de lutas dos movimentos indígenas, operários, camponeses que nas últimas décadas confluíram fortemente para o erguimento de novas bases, como o movimento cocalero (SANTOS,2010) que levou até a vitória de Evo Morales, na Bolívia. A onda rosa que atravessou esse continente possibilitou que as experiências e reivindicações dessas lutas alçassem o topo da lei maior, isto é, a Carta Magna e conseguisse consolidar direitos e garantias de povos historicamente silenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É desvelando narrativas de mulheres como Carolina e Domitila que se pode refletir uma nova América Latina, pois através dessas escrituras e de lutas dos povos periféricos foi possível que direitos e garantias estivessem no projeto político de nação, como foi o caso da constituição boliviana e equatoriana que nascem sob os auspícios de um movimento que se propõe a romper com a colonialidade e com a racionalidade centro-hegemônica, pautando-se na multiculturalidade, no avanço de garantias de direitos e defesa destes. É nesse cenário de recuperar o lugar do povo na política-institucional que germinam as teses decoloniais de não só romper com paradigmas, mas ao fundar novos que sejam legítimos e as bases se encontrem na própria América Latina.

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. Belo Horizonte: Ática, 2019.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

SALATIEL, José Renato. **Déficit habitacional**: brasil precisa de quase 8 milhões de moradias. Uol. São Paulo, p. 1-3. ago. 2020. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/deficit-habitacional-brasil-precisa-de-quase-8-milhoes-de-moradias.htm>. Acesso em: 07 out. 2020.

SANTOS, Deise Gislene de Souza. **A Participação das Mulheres no Movimento Cocalero na Bolívia**. I Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/10.DeiseSouza.pdf>. Acesso em: 07 out. 2020.

VIEZZER, Moema. **SE ME DEIXAM FALAR**. 5. ed. São Paulo: Símbolo, 1980. 305 p. Tradução de Edimilson Antonio Bizelli.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

SISTEMA JURÍDICO ESCRAVISTA VERSUS MOVIMENTOS ABOLICIONISTAS NOS SÉCULOS XVIII E XIX, NO BRASIL

Leandro Fernandes Silva Clementino²¹²
Ana Karoline de Sousa Pereira Lima²¹³

RESUMO

Compreendendo o liame entre a escravidão no Brasil e como o direito servia a tal fim, o exposto resumo expandido procura relacionar a Conjuração Baiana, a Revolta dos Malês, ao status jurídico e às razões pelas quais estas emergiram, os quais tinham objetivos conflitantes com o sistema jurídico posto. Por meio de uma abordagem dialética e revisão bibliográfica, é possível entender a intrínseca relação da ciência jurídica com a condição escravocrata, no Brasil. Portanto, impulsionar a pesquisa acerca deste tema é essencial para entender a singular relação do direito com a escravidão.

Palavras-chave: Escravidão; Direito; Movimentos Sociais.

INTRODUÇÃO

Com o fito de compreender as relações sócio jurídicas que envolviam a escravidão e os movimentos sociais abolicionistas, o presente trabalho dedicou-se ao estudo de duas revoltas ocorridas em Salvador: a Revolta dos Alfaiates (1798) e a Revolta dos Malês (1835), as quais ambicionavam extinguir o sistema escravocrata e conceder os mesmos direitos dos cidadãos brancos aos negros libertos, além dos objetivos específicos de cada uma. A análise da Conjuração Baiana e a Revolta dos Malês é feita com o intuito de entender as relações escravocratas a partir de um ponto de vista diverso do senhor e as razões de emergência

212 Acadêmico do curso de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos Fundamentais – GEDHUF. leandro_icasa@hotmail.com. Orientador: Cristóvão Teixeira. Professor de Direito da URCA. Mestre em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do GEDHUF.

213 Acadêmica do curso de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos Fundamentais – GEDHUF. karoldesouza2008@gmail.com.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

dessas manifestações. Apesar destes movimentos não terem conseguido concretizar seus objetivos, serviram de inspiração para as lutas futuras e ininterruptas dos escravizados em busca da almejada liberdade, a qual seria oficializada em 1888, por meio da Lei Áurea. Apesar de livre, a população ex-escrava continuou a mercê dos direitos cidadãos que a liberdade prometia conceder-lhe, ratificando o distanciamento entre a teoria e a prática.

METODOLOGIA

O resumo expandido é produto de uma pesquisa de abordagem dialética dos fenômenos sócias, pois entende-os como plurais e conflituosos, devendo ser abordados pelos mais variados ângulos, para um entendimento amplo. Emprega-se uma revisão bibliográfica, com o auxílio de plataformas online que versavam, de modo interdisciplinar, dos campos social, histórico e jurídico, permitindo analisar, com maior riqueza de detalhes, quais os reais motivos e circunstâncias que não somente levaram a permanência da escravidão, mas igualmente ao surgimento dos movimentos abolicionistas.

DISCUSSÃO

Desde a Antiguidade, o instituto da escravidão já era manifestado nos impérios, ao ponto de permanecer vigente até a Idade Moderna, sendo este caracterizado como sendo um instrumento de poder e de dominação em relação àqueles que se encontravam em condição de escravizados. No Brasil, a escravidão instituída foi multidimensional, caracterizada não apenas por fatores econômicos, visto que o sujeito escravizado foi reduzido à sua capacidade produtiva, mas também pela ruptura cultural imposta aos escravizados, vítimas da aculturação europeia - obstáculo que impedia o sentimento de pertencimento nos cativos - e pelo componente jurídico (CAMPELLO, 2018).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Este último contribuiu para a manutenção do sistema escravista, dificultando o processo emancipatório e a inclusão dos libertos no corpo social, dado que, por meio das concepções civilista e penalista da época - através do Código Criminal de 1830 e igualmente, a Consolidação das Leis Civis (1858) -, o escravizado era tratado como uma "pessoa" ausente de direitos e deveres, sendo coisificado, desrespeitado e desumanizado, principalmente no tocante às punições que lhes eram especificamente destinadas. Alguns outros motivos foram utilizados pelos portugueses para promoverem a escravidão, sendo eles: aspectos físicos, pois as atividades econômicas aqui realizadas necessitavam de uma força física adequada e um outro motivo utilizado foi o conhecimento, pois diversos dos escravizados tinham sabedoria a respeito das técnicas de agricultura e mineração (GOMES, 2019).

À vista disso, a existência de um ordenamento jurídico pró-escravidão dificultava a inclusão do liberto e desacelerava o processo de emancipação do escravizado perante a estrutura social. Diante disso, por meio todo esse cenário caótico e desumano, movimentos sociais de cunho emancipatório e abolicionista, como a Revolta dos Alfaiates e a Revolta dos Malês foram surgindo com a finalidade de pôr um fim a este instituto e de possibilitar, após a tão sonhada liberdade, que os direitos civis fossem exercidos por estes futuros libertos. No período colonial, ocorreu na cidade de Salvador, em 1798, a Conjuração Baiana que tinha o objetivo de abolir a escravidão e o fim do controle da monarquia; já em 1835, na mesma Salvador, ocorreu a Revolta dos Malês, sendo protagonizada por africanos escravizados e muçulmanos na Bahia, que igualmente tinham o objetivo de libertar aqueles escravizados (REIS, 1986).

CONSIDERAÇÕES

Pode-se compreender, ao final, à luz dos dois importantes movimentos que convergiam na luta pela alforria dos escravizados, que motivações econômicas e jurídicas eram os principais entraves para a aquisição da liberdade pelos escravizados nos períodos

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

colonial e imperial brasileiros. Os negros não eram sujeitos passivos no processo de exploração escravagista, mas mobilizavam-se em movimentos organizados de objetivos diretamente opostos ao sistema social vigente.

REFERÊNCIAS

CAMPELLO, André Barreto. **Manual Jurídico da Escravidão: Império do Brasil**. 1.^a ed. Jundiaí: Paco, 2018.

GOMES, Laurentino. **ESCRavidÃO: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro. Globo Livros, 2019.

REIS, José João. **Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês (1835)**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ENCARCERAMENTO FEMININO NO CARIRI CEARENSE

Susana Dainara Terto de Oliveira²¹⁴
Zuleide Fernandes de Queiroz²¹⁵

RESUMO

Este trabalho vem sendo desenvolvido desde o ano de 2018 a partir do projeto “Quem são as detentas? Vida, formação, profissionalização e encarceramento feminino” sob orientação da Prof.^a Dr.^a Zuleide Fernandes de Queiroz. O projeto tem como objetivo alcançar a compreensão sobre as prisões femininas no Cariri Cearense, sobre o perfil dessas mulheres que se encontram encarceradas nos centros prisionais da região e problematizar o feminismo interseccional, partindo de uma problematização afrocêntrica a partir da perspectiva interseccional sobre a discriminação de raça e gênero (CRENSHAW, 2002), complementadas com fontes documentais e dados estatísticos.

Palavras-chave: Encarceramento feminino; Interseccional; Discriminação.

INTRODUÇÃO

O encarceramento de mulheres tem crescido de maneira assustadora segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN). De acordo com pesquisas realizadas no ano de 2018, o crescimento da população carcerária feminina tem sido alarmante, principalmente quando se trata da população pobre e negra, contribuindo para a superlotação das unidades prisionais e para o fortalecimento do racismo estrutural. Considerando que o perfil que se encontra em maioria nos centros prisionais é o de mulheres

214 Universidade Regional do Cariri – URCA, susanatero80@gmail.com

215 Prof.^a Dr.^a na Universidade Regional do Cariri – URCA, zuleidefqueiroz@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

pretas e periféricas, percebemos que essa situação só se agrava mais à medida que se firma um sistema falso de guerra contra as drogas.

METODOLOGIA

O trabalho apresentado baseou-se na interseccionalidade de raça e gênero de Crenshaw (2002), complementado com dados estatísticos, recortes de livros e revistas sobre a temática de encarceramento feminino.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

De acordo com os estudos já realizados, além da discriminação de gênero sofrida, as mulheres negras sofrem ainda mais com a discriminação racial, pontos que não pode ser tratados de maneira separada. A discriminação de gênero racial é algo que acompanha as mulheres negras e são fatores que precisam ser discutidos para compreendermos como eles afetam a vida dessas mulheres no setor profissional, educacional e pessoal. Homens e mulheres enfrentam o racismo, especialmente em ambientes como o cárcere, de forma peculiar em relação ao seu gênero. É o que reflete Crenshaw (2002):

Assim, tanto as questões de gênero como as raciais têm lidado com a diferença. O desafio é incorporar a questão de gênero à prática dos direitos humanos e a questão racial ao gênero. Isso significa que precisamos compreender que homens e mulheres podem experimentar situações de racismo de maneiras especificamente relacionadas ao seu gênero. (CRENSHAW, 2002, pág. 9)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Estado do Ceará (IPECE) divulgou em agosto de 2020 que a população carcerária feminino do Ceará é constituída em sua maioria por mulheres pardas e negras, do ano de 2014 a 2019. A ideia de luta contra as drogas vem se instalando e fazendo com que a sociedade acredite que esse é o caminho para o fim da violência, quando sabemos que é só o início de uma guerra sem fim contra a população pobre e preta.

No Cariri Cearense, mesmo após uma reorganização feita na Cadeia Pública de Crato-CE, que passou a ser Presídio Regional Feminino, a superlotação continuou sendo um problema dentro do cárcere até o momento que foi realizado um mutirão pela OAB, Defensoria Pública e Universidade Regional do Cariri, exigindo que o número de mulheres encarceradas, ultrapassando do limite, fosse cortado pela metade. Então, um número de quase 220 internas foi cortado para 109 internas em um ambiente com limite para 141 pessoas.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Todos os dados até agora apontam para uma denúncia contra um sistema racista e opressor que tem como alvos pessoas negras e pobres, e também para uma reformulação de políticas públicas que amparem essas mulheres não só dentro ou após o cárcere, mas também antecedendo a ele. São políticas que precisam ser voltadas para o apoio a essas mulheres, tanto em profissionalização, como em empregabilidade, para que o mundo da criminalidade não se torne seu único meio de sobrevivência.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Departamento Penitenciário Nacional.** INFOPEN Mulheres, 2018.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero.** Revista: Estudos Feministas. Salvador-Bahia, 2002.

IPECE. **Participação de mulheres em crimes faz crescer população carcerária no Brasil e Ceará entre 2014 e 2019.** Disponível em:
<https://www.ipece.ce.gov.br/2020/08/21/participacao-de-mulheres-em-crimes-faz-crescer-populacao-carceraria-no-brasil-e-ceara-entre-2014-e-2019/>. Acesso em 27 de outubro 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

EPISTEMICÍDIO E A QUESTÃO RACIAL

Milena Oliveira Pires²¹⁶

RESUMO

Historicamente, denominou-se o indivíduo como ser dotado da *faculdade de razão* (capacidade de raciocínio) atrelando-se, então, as mais diversas formas de produção e transmissão de conhecimento. Entretanto, o pensamento ocidental gerou um mecanismo excludente no qual *não-europeus* são tidos como irrelevantes, ou seja, toda e qualquer manifestação advinda desses povos é tida como ilegítima. Para nos determos um pouco mais sobre, utilizaremos como principal referencial teórico o autor Boaventura de Sousa Santos (1940-) o qual formulou o termo “*epistemicídio*” para explicar o processo no qual os negros são subalternizados e silenciados de forma que sua racionalidade, cultura e civilização, sobretudo, sua epistemologia é negada diante do que é universalmente aceito. Por fim, visamos elucidar a importância de se combater a injustiça epistêmica.

Palavras-chave: Epistemicídio; Questão Racial; Injustiça Epistêmica.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo relacionar o conceito “epistemicídio” elaborado pelo professor Boaventura de Sousa Santos (1940-) com a questão racial, muitas vezes, atrelada a essa concepção, desembocando na injustiça epistêmica. O epistemicídio então, que significa “aniquilamento do conhecimento”, seria a exclusão das epistemologias orientais (sobretudo, das epistemologias africanas e latinas), silenciando filosofias que pensam e

216 Discente do curso de Filosofia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID nos anos de 2018 à 2020. Atualmente pesquisadora-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. E-mail convencional: milenaoliveirapires@hotmail.com; E-mail institucional: milenapires@aluno.uema.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

questionam a posição do subalterno. Dessa forma, silencia-se, também, a consciência histórica do sujeito, mais precisamente, do *Outro*. A exemplo de estudos que se voltaram para essa problemática, destaca-se a filósofa brasileira Suely Carneiro (1950-) em sua tese de doutorado, *A construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser*, onde procura analisar os processos de destruição do conhecimento do *Outro* e a transformação do mesmo em uma “coisa que fala” (CARNEIRO, 2005).

METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracteriza-se por ser de cunho bibliográfico. Para tanto, faz-se necessário, utilizar de dois grandes teóricos (embora, facilmente, outros poderiam ser mencionados), são eles: Boaventura de Sousa Santos (1940-) e Sueli Carneiro (1950-), em seus respectivos escritos: *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* (1999) e *A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser* (2005) e, assim, faz-se um paralelo às vivências sociais nas quais nos encontramos enquanto indivíduos de uma mesma civilização.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Inicialmente, a compreensão do termo “epistemicídio” se mostrou de extrema importância para os demais pontos apresentados na pesquisa, como a questão racial e as

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

consequências que acabam gerando a desumanização do *Outro*. Um outro fator marcante se refere aos questionamentos levantados ao decorrer da pesquisa, como: *Ao longo de nossa formação, sobretudo, acadêmica – quantos teóricos negros estudamos? Quando se é trabalhado algum aspecto, de que forma é tratada? Tendo em vista as mazelas desse sistema, quem ocupa os espaços públicos?* Posteriormente, a preocupação em discorrer sobre tais questões foram apresentadas por autores que estiveram permanentemente nessa luta prática diária em enfatizar os problemas ali existentes, sobretudo, as questões sobre o conhecimento no qual os indivíduos estão inseridos. Por fim, traz-se o ponto crucial alusivo a injustiça epistêmica, a qual consiste justamente em combater toda e qualquer forma de silenciamento, subalternização e apagamento de povos tidos e ditos como inferiores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar três dimensões ao cerne da pesquisa e discussão, a primeira – o epistemicídio se estende para diversas esferas, como a política, social e econômica de forma que todas elas estejam interligadas estruturalmente; a segunda – todas as consequências geradas devido ao *modus operandi* é tão naturalizada que sequer há o mínimo de exame crítico acerca da realidade, e, por isso, a tão opressora desumanização do *Outro* continua a atormentar esse ser cuja sua condição de existir é negada (mas, não somente de existir, mas também de conhecer). A terceira, ainda seguindo essa linha “[...] da destruição e/ou desqualificação da cultura do dominado, o epistemicídio retira a legitimidade epistemológica da cultura do dominador, justificando a hegemonização cultural da modernidade ocidental” (CARNEIRO, 2005, p. 101). Por isso, é de grande relevância que cada vez mais os debates possam circular em torno de questões como essas (como, por exemplo: nas instituições de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ensino ou no meio familiar) a fim de gerar a desconstrução da sociedade, assim como instigar o pensamento crítico com o intuito de combater todas as desigualdades sociais, principalmente de combater a injustiça epistêmica.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, A. S. *A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser*. São Paulo: FUESP, 2005.

SANTOS, B. D. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7ª edição. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**JUSTIÇA RACIAL E RESPONSABILIDADE SOCIAL:
A SOCIEDADE COMO ENTE RESPONSÁVEL POR SUA HISTÓRIA**

Raimundo Sérgio Queiroz da Silva²¹⁷
Cristóvão Teixeira Rodrigues Silva²¹⁸

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver os argumentos usados nas discussões sobre a justiça racial. Encontra-se no âmago da questão as noções de instituições sociais, responsabilidade individual, racismo estrutural e a definição do que é sociedade, analisados a partir de uma abordagem dedutiva, através de uma revisão bibliográfica de autores como Mogobe Ramose, Silvio Almeida e Michael Sandel. Conclui-se que a relação entre dois conceitos pauta a discussão desses autores: justiça racial e as responsabilidades da sociedade.

Palavras-chave: Racismo estrutural; justiça racial; Mogobe Ramose; Silvio Almeida.

INTRODUÇÃO

Fala-se muito em ações afirmativas e cotas raciais no debate público brasileiro. As mais diversas posições constantemente se digladiam sobre essa temática. Invariavelmente chega-se a um ponto de impasse onde não há mais entendimento. Esse ponto é o velho problema da existência ou não da sociedade como ente responsável por sua história. Alguns afirmam que somente o indivíduo é passível de contrair responsabilidades. Outros afirmam que as sociedades são espécies de organismos históricos e que os atos coletivos geram

217 Bacharel em Filosofia pela UFCA, graduando em Direito pela URCA e membro do Grupo de Estudo em Direitos Humanos Fundamentais – GEDHUF. sergio.queiroz@urca.br.

218 Mestre em Ciências Jurídicas pela UFPB, doutorando em Educação pela UFRN, professor no Curso de Direito da URCA e membro do Grupo de Estudo em Direitos Humanos Fundamentais – GEDHUF. cristovao.teixeira@urca.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

responsabilidades. É nessa bifurcação que a justiça racial encontra entrave maior, na dificuldade de levantar a questão da responsabilidade coletiva.

METODOLOGIA

O método dedutivo é adotado ao longo da pesquisa, visto que objetiva desenvolver conceitos mais gerais em um primeiro plano, como sociedade e responsabilidade social, que imprimem significado a um recorte mais específico e concreto, a realidade brasileira e suas idiosincrasias. Esse trabalho possui caráter exploratório, pois procura construir um eixo de compreensão da realidade histórica utilizando-se de arranjos conceituais em novas perspectivas. A nossa abordagem é qualitativa devido seu caráter subjetivo, visto que busca compreender determinidades dos discursos. A revisão bibliográfica é o procedimento utilizado, tendo em vista que busca na literatura especializada a discussão de conceitos e apresentação de fatos e categorias.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Primeiramente, deve-se pontuar o quadro das injustiças históricas que a comunidade negra no Brasil sofreu e ainda sofre. Silvio de Almeida (2018) é autor chave nessa etapa de levantamento do problema, seus apontamentos para o fenômeno do *racismo estrutural* nos oferece um quadro claro da relação existente entre a injustiça racial e os mecanismos de perpetuação do racismo dentro das instituições. Partindo da constatação do racismo estrutural, levanta-se os argumentos que visam efetivar a justiça racial ou impedi-la, passa-se à questão das ações afirmativas, especificamente as cotas raciais em exames e seleções.

Dentre os diversos argumentos levantados por aqueles que defendem as cotas raciais para o ingresso nas universidades, o mais evidente é baseado na noção de reparação de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

injustiças históricas praticadas contra determinados grupos raciais. Contra o argumento da reparação histórica insurgem os liberais ao dizerem: “Aqueles que serão beneficiados não são os mesmos outrora injustiçados, aqueles preteridos também não são os antigos opressores” (SANDEL, 2019, p. 209-216). Esse raciocínio está baseado em um reducionismo liberal, que somos responsáveis apenas pelos compromissos que assumimos individualmente.

A contra-argumentação é fundamentada em Mogobe Ramose e nas categorias da filosofia *ubuntu*. Para que a tensão entre a responsabilidade individual e a responsabilidade coletiva possa ser trabalhada é necessário que nós compreendamos o que é a *sociedade*. Em resumo, para a filosofia *ubuntu*, a sociedade é vista “como uma entidade dinâmica com três esferas, a saber: a dos vivos, a dos mortos-vivos (‘ancestrais’) e a dos ainda não nascidos” (RAMOSE, 2010, p. 09). Dentro dessa perspectiva, aqueles que um dia contribuíram na formação e manutenção da comunidade serão para sempre parte dela.

A escravidão, a exclusão social, a perseguição étnica e outras injustiças praticadas pela sociedade brasileira criam a responsabilidade e o dever de reparação. A filosofia *ubuntu* diz que “a comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo” (RAMOSE, 2010, p. 09), e sendo assim é coerente falarmos em ações afirmativas que visam reparar injustiças históricas., as quais foram praticadas em razão do grupo, não a indivíduos singulares.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O acesso ao ensino superior de qualidade é um meio de garantir a possibilidade de melhoria na qualidade de vida, de conhecimento e de desconstrução do racismo velado e institucional. As cotas raciais – medidas de natureza coletiva – são meios bem fundamentados dentro do arcabouço filosófico resgatado na contemporaneidade e devem figurar como recurso legítimo no processo de reparação das injustiças cometidas contra grupos étnicos.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

RAMOSE, Mogobe Bernard. **A importância vital do “Nós”**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. 353, ano X, p. 08-10, 2010.

SANDEL, Michael J. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

JUSTIÇA SOCIAL AFRODIASPÓRIA: A LUTA DO GRUPO DE VALORIZAÇÃO NEGRA DO CARIRI PELO BEM VIVER

Livia Maria Nascimento Silva²¹⁹
Tiago Alexandre dos Santos²²⁰
Zuleide Fernandes Queiroz²²¹

RESUMO

Considerando as dimensões do colonialismo e do racismo que marcam o processo histórico de desenvolvimento civilizatório do Brasil, este trabalho tem como objetivo discutir como é possível pensar estratégias pelo e para o Bem Viver, enquanto alternativa ao desenvolvimento, partindo da análise da atuação do Grupo de Valorização Negra do Cariri.

Palavras-chave: Bem viver; GRUNEC; justiça social afrodiáspórica.

INTRODUÇÃO

O Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC) é uma entidade sem fins lucrativos, fundada há mais de 20 anos na cidade de Crato, região sul do Estado do Ceará, que tem como principal objetivo promover a igualdade étnica/racial da região, propagando a consciência sobre a afrodescendência e africanidades, reescrevendo a História e valorizando a cultura afrodescendente a partir de uma percepção holística e centrada no bem viver.

219 Bacharela em Direito e Esp. em Direito Constitucional (URCA). Mestranda em Direitos Humanos (UFPB). Integrante do GRUNEC. liviamarians1@gmail.com

220 Cientista Social (URCA) e mestrando em Sociologia (UECE). Integrante do GRUNEC. tiagoxandee@gmail.com

221 Doutora em Educação (UFC). Professora universitária. Integrante do GRUNEC. zuleidefqueiroz@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Nesse sentido, este estudo visa apresentar como a atuação do GRUNEC tonifica um novo saber – como uma genealogia, uma proposta para transformar a vida a partir de um olhar integral –, permitindo-nos dialogar tanto com a academia e com os discursos políticos, quanto com as lutas individuais e coletivas dos grupos espoliados ao longo do processo de desenvolvimento civilizatório do Brasil, para transformar um sistema político, social, jurídico e econômico desigual, injusto, racista, patriarcal e insustentável.

Para tanto, baseamo-nos na teorização de Acosta (2016) sobre o bem viver, enquanto alternativa prática e guia teórico ao desenvolvimento, este que se alicerça no colonialismo-capitalismo para sua plena consolidação, que não teria conseguido chegar ao seu auge sem ser eficaz em ser perverso a partir do racismo.

O estudo se insere numa abordagem qualitativa de pesquisa, para qual foram utilizadas as narrativas que correspondem às vivências das/dos integrantes do GRUNEC sobre a atuação do Grupo na região do Cariri, coletadas por meio da observação participante. A partir das análises e discussões, foi possível categorizar o material coletado corroborando com o aporte teórico estudado, como se verá adiante.

A URGÊNCIA DO BEM VIVER E A ATUAÇÃO DO GRUNEC

Pensando na realidade brasileira, de escravização secular e silenciamento histórico dos problemas e consequências estruturais pós-abolição (ALMEIDA, 2018), os movimentos negros até hoje permanecem em diáspora constante, numa disputa paradigmática que busca romper com esse silenciamento acerca do racismo que é estrutural, além de disputar por políticas públicas de inclusão, promoção do reconhecimento da diversidade étnica, racial e cultural, bem como para fomentar a igualdade formal e material (PEREIRA; SILVA, 2009).

Nesse ínterim, ao fazer análises e discussões sobre a atuação do GRUNEC, a partir da observação participante de suas ações, lemas, conquistas e limitações, percebemos a potência

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

do significado de valorização da afrodescendência e africanidades e promoção do bem viver, principais bandeiras do Grupo.

O Grupo sempre destaca publicamente em suas falas a urgência da construção e consolidação de uma cosmovisão que coloque a existência/vida humana como prioridade, da necessidade de voltarmos aos saberes tradicionais, dos povos indígenas e quilombolas, de valorizar nossa ancestralidade.

Para alcançar esses propósitos, enfatizaram, dentre muitas outras ações realizadas/em andamento, que o GRUNEC arduamente luta para edificar a educação escolar quilombola, a incidência política pela vida da juventude negra e a marcha das mulheres negras, a qual teve como último lema “Mulheres negras movem o Brasil contra o racismo, o machismo, a violência e pelo bem-viver: nossos passos vêm de longe!”.

Destaca-se que a luta é diária pela implantação e efetivação de políticas públicas focalizadas na região, abrangendo questões educacionais, de saúde, econômicas, políticas, culturais e ambientais. Enquanto conquistas, o Grupo foi pioneiro e protagonista para consolidação de várias políticas na Região do Cariri, como a demarcação de comunidades quilombolas, a implantação de políticas de cotas nas universidades, a articulação da marcha da liberdade religiosa, a construção de conselhos municipais que tratam dos direitos das mulheres e da população negra.

O GRUNEC, em linhas gerais, consegue proporcionar o debate sobre a necessidade de priorizar a discussão étnico-racial, do ponto de vista interseccional, em diversos espaços sociais, dialogando com instituições públicas e privadas, bem como com outros Movimentos Sociais – de Mulheres, Agricultores, Sindicais, de Catadores, LGBTTQI+, entre outros-, sob a égide de como a construção social da raça diz respeito/organiza toda “ordem” existente, e que portanto, o compromisso da luta antirracista perpassa todos os outros Movimentos e instituições.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo, percebe-se o quanto o GRUNEC se apresenta como uma referência viva e política em movimento, que ao lutar contra o racismo e todas as formas de opressões, contribui para a construção do bem viver enquanto paradigma de vida e de mundo, assim, efetivando o que aqui se chama de justiça social afrodiáspórica. Ademais, enfatiza-se como a articulação conjunta com outros setores espoliados da sociedade oportuniza a consolidação de uma espécie de pulverização do debate racial, multiplicando e atualizando suas questões, a partir de uma espécie de magnetismo que racializa todas as pautas a partir do agente negra(o), o que consideramos ser fundamental para a construção de uma sociedade antirracista.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda - São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. **Movimento Negro Brasileiro**: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA: TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES NEGRAS PARA FINS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL

Vitória Almeida Santos²²²
Maria das Graças Mendes da Silva²²³
Fernando Menezes Lima²²⁴

RESUMO

O tráfico de pessoas trata-se da mercantilização e a coisificação do homem realizada por outro semelhante. Em especial, o tráfico de mulheres para exploração sexual gera aos traficantes alta rentabilidade e por trás disso há grandes organizações criminosas de caráter transnacional. As vítimas em sua maioria provêm de países menos desenvolvidas e encontram-se em grupos de vulnerabilidade. As mulheres negras de acordo com os dados representam boa parte das mulheres traficadas, tal fato liga o estereótipo da mulher negra a um objeto sexual. O mercado humano é a escravidão do século XXI, diversos institutos legais nacionais e internacionais dispõem para o combate. Entretanto, faz-se necessário a luta para a real efetivação desses direitos e a colaboração no âmbito internacional, com isso será possível prevenir, reprimir e punir tais atos.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Tráfico Humano. Mulheres Negras.

222 Autora: Graduada em Direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Bolsista do Projeto de Extensão - Direitos Humanos na Escola: Educação em Direitos Humano no Município de Iguatu-CE. Extensionista do Projeto Administrativo na Prática. Vice Secretária de Esporte e Cultura do Centro Acadêmico de Direito Wanda Sidou. Ex-Bolsista do programa AVANCE da FUNCAP.
vitoria.almeida@urca.br

223 Coautora: Graduada em Direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Extensionista do Projeto de Extensão - Direitos Humanos na Escola: Educação em Direitos Humano no Município de Iguatu (CE) . Secretária de Esporte e Cultura do Centro Acadêmico de Direito Wanda Sidou.
mariadg.mendessilva@urca.br

224 Professor Orientador: Doutor em Ciências Jurídicas pela Universidad Del Museo Social Argentino – UMSA. Professor Auxiliar do Curso de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA. Pesquisador no GEDHUF/URCA (CNPq) na linha de pesquisa da Efetividade dos Direitos Humanos e Fundamentais, Direito das Famílias e Educação em Direitos Humanos. Coordenador do Projeto de Extensão - Direitos Humanos na Escola: Educação em Direitos Humano no Município de Iguatu-CE.
fernando.menezes@urca.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

O presente resumo expõe uma problemática mundial e preocupante: o tráfico de mulheres negras para fins de exploração sexual. Muitas mulheres, em especial as negras, por sua vulnerabilidade acabam enganadas pelas organizações criminosas. Falar da esperança das mulheres...

O estudo expõe dispositivos internacionais e nacionais para a proteção das vítimas, além de expor um olhar atual acerca do assunto. Cujo objetivo é explanar de forma ampla os conceitos relacionados ao tráfico, um breve histórico, além de incentivar a propagação desta problemática, com o fim de prevenção. Além disso, visa explicar os meios que asseguram as vítimas.

A necessidade de provocar uma reflexão sobre a realidade vivida pelas mulheres de forma contextualizada para que possamos sair da consciência ingênua e passarmos para uma consciência crítica que seja transformadora e criadora de novas ideias, abordagens e categorias para iluminarmos os problemas da realidade dentro de uma perspectiva de mudança que prioriza e mercantiliza o ser humano. Paulo Freire (2014) era contrário a qualquer forma de descaso pela vida e pela ética.

METODOLOGIA

No presente resumo expandido foi utilizado como método de coleta de dados a pesquisa bibliográfica, tendo como fonte a legislação, livros, documentários, cartilhas, artigos científicos e bibliografias, possui uma abordagem qualitativa.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DISCUSSÃO

A palavra tráfico está ligada a negócio ilícito, seja de drogas, órgãos, armas, animais e humano. Tal mercantilização da vida, tema do presente resumo, ocorre com grande frequência mundialmente, pode-se conceituar o tráfico humano como a venda ilícita de um ser humano realizada por outro ser humano. O que impacta tal situação é a crueldade, em que o ser humano dotado de valores é visto como um objeto inanimado, como um produto de catálogo.

Historicamente o tráfico humano para fins de exploração sexual tem sua origem no século XIX com o tráfico de escravas brancas em que se caracterizava pelo tráfico de mulheres europeia para os Estados Unidos da América ou para as colônias, para serem exploradas sexualmente. No Brasil, o tráfico eclodiu no fim do século XIX e início do século XX, principalmente no Rio de Janeiro, capital do Brasil a época.

A vítima, em sua maioria, são pessoas que encontram-se em situação de vulnerabilidade, ou seja, em situação tão precária que são conduzidas a serem vítimas ao abuso de forma consentida ou não. Qualquer mulher pode ser traficada, mas os fatores de gênero, raça/etnia e classe social podem ser determinantes na vítima. As violências possuem proporção e forma totalmente distintas entre uma mulher negra e pobre do que uma mulher branca e rica. Portanto, é necessário um olhar especial no estudo acerca da mulher negra.

Os aliciadores são pessoas que possuem alto poder persuasivo, ostentam muitos bens e dentre outros atributos que contribuem no aliciamento da vítima. Os criminosos são movidos a alta rentabilidade financeira que este mercado obscuro sustenta.

Tais ilícitos cometidos as vítimas, além de crime também viola normas no âmbito internacional e nacional. A Declaração Universal dos Direitos Humanos consagra direitos basilares a dignidade e existência do Homem, tal crime fere a dignidade humana, a vida, a liberdade, a saúde e dentre outros direitos.

Pode-se citar como institutos legais a Convenção para Repressão do Tráfico de Pessoas e do Lenocínio (1950), a Convenção de Todas as Formas de Discriminação contra a

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Mulher (1979) e o Estatuto Penal Internacional (1998). Os institutos citados dão atenção especial ao tráfico humano e a ações de combate a exploração sexual das vítimas traficadas.

Vale ressaltar, que na Convenção de Palermo houve o Protocolo Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças em que vigorou em 25 de dezembro de 2003 e aprovado na assembleia geral pela resolução 55/25. Tem por objetivo prevenir e combater em especial o tráfico de mulheres e crianças, além de proteger e ajudar as vítimas, assim como a promoção da cooperação entre os Estados.

No âmbito interno, tem-se o do Código Penal Brasileiro a qual criminaliza o tráfico humano. Além disso, tem-se o decreto 5.017/2004. Tais normas demonstram a preocupação do Brasil com o tráfico humano e a valorização da mulher, além da utilização de mecanismos do mundo globalizado frente a esta problemática em conjunto com outros países.

Atualmente, o tráfico internacional de mulheres acontece, mas muitas pessoas sequer ouvem falar desta trágica realidade que ocorre mundialmente. É preciso estar atento, o papel da mídia em informar a população, aliada aos programas de combate ao tráfico de mulheres, seria de vasta significância, salvando possíveis vítimas a caírem em golpes.

O documentário Tráfico Humano: Vidas Roubadas produzido em 2019 por Jennifer Lemos demonstra relatos de vítimas e de profissionais que auxiliam mulheres e pessoas vítimas do tráfico humano. Ana Lúcia, vítima, relata que foi aliciada através de falsas promessas de emprego, mas que ao chegar no destino foi explorada sexualmente.

Na atualidade, a sociedade enfrenta diversos problemas e um deles é desigualdade social. Fatores tais como a baixa qualificação profissional, fomenta o desemprego em especial das mulheres negras. Muitas dessas mulheres se sujeitam a empregos desumanos, com baixos salários, sem carga horária digna e em locais inapropriados ao trabalho digno.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O conhecimento dos fatores que levam ao tráfico de mulheres negras, as legislações, convenções e a visão discriminatória da mulher pela sociedade juntas também levam a compreensão de todo estes fatos expostos. A resistência e a luta contra o sistema de mercantilização da vida humana devem ser estimuladas.

A prevenção, sem dúvidas é o melhor caminho, ações como a capacitação profissional de mulheres negras e em vulnerabilidade, políticas de emprego digno, campanhas de alerta ao tráfico e como ele se manifesta são de suma importância para impedir que mais vítimas sejam feitas.

Além disso, as vítimas que passaram por tais situações necessitam de apoio psicológico e emocional para recomeçar suas vidas. O esforço e cooperação internacional para prevenir, reprimir e punir tais atos fará com que o número de vítimas seja diminuído a cada dia. A temática deve estar presente nas discussões sociais, debates e na educação formal e informal como forma de resistência efetiva.

REFERÊNCIAS

A DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. ONU – **Organização das Nações Unidas**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>. Acesso em: 22 de jun. 2020.

BRASIL. **Decreto no 4.388, de 25 de setembro de 2002**. Promulga o Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4388.htm. Acesso em: 30 de jun. 2020.

_____. **Decreto No 46.981 — 8 de outubro de 1959**. Dispõe sobre a Convenção para a Repressão do Tráfico de Pessoas e do Lenocínio. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoespermanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politicaexterna/ConvRepTrafPessLenoc.html>. Acesso em: 30 de jun. 2020.

_____. **Decreto no 5.017, de 12 de março de 2004**. Promulga o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças. Brasília, DF, mar. 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5017.htm. Acesso em: 18 de jun. 2020.

_____. **Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940.** Código Penal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 02 de jul. 2020.

CEDAW. **Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher.** CEDAW, 1979. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2013/03/convencao_cedaw.pdf. Acesso em: 30 de jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** Organização e participação Ana Maria de Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LEMOS, Jennifer. **Tráfico Humano: Vidas Roubadas.** Dez. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ASuHEWQO7DM&t=3s>. Acesso em: 12 jul. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

NECROPOLÍTICA E ESTADO DE EXCEÇÃO: UMA ANÁLISE DA INFÂNCIA NEGRA PERIFÉRICA BRASILEIRA FRENTE AO COVID-19

Mikaely Pinheiro do Nascimento²²⁵
Marcelo Soares Mota²²⁶
Wesley Silva dos Santos²²⁷

RESUMO

O presente trabalho teve por intento a análise do Estado enquanto garantidor dos direitos constitucionalmente reconhecidos e a discrepância entre essa e a realidade da infância negra periférica brasileira, logo do fenômeno do “Estado de exceção” debatido por Agamben. Destarte, frente a este cenário e com os impactos da pandemia do COVID-19 buscou-se apontar os efeitos futuros deste cenário para a garantia do Estado Democrático de Direito, ressaltando para tanto, a importância dos movimentos sociais nesta temática. Outrora, foram utilizados os métodos dedutivo, histórico e bibliográfico. Deste modo, os resultados obtidos demonstraram que, embora em suma maioria esquecida, a população infantil negra periférica está conectada à todas as “interseccionalidades” da sociedade.

Palavras-chave: Periferia; Estado de exceção; infância negra.

INTRODUÇÃO

Notoriamente a sociedade brasileira enfrenta de modo recorrente uma instabilidade política e social. O país, deveras, totalmente estruturado em moldes coloniais e escravocratas, ainda hoje vivência um contexto repetitivo de casos de inobservância estatal à específicas parcelas da sociedade. Tal cenário contribui para a permanência e o agravamento de muitos dos problemas existentes no país. E conseqüentemente impossibilita a garantia da existência digna de muitos brasileiros pertencentes as camadas mais vulneráveis da sociedade.

225 Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: miikal.mikaely@gmail.com

226 Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: marcelosoaresmota1@gmail.com

227 Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: wesleysilvajus@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Nesse sentido, surgem inúmeras críticas e questionamentos a respeito da ineficiência estatal, uma vez que o país já alcançou e ainda vem alcançando um desenvolvimento considerável, tanto em questões tecnológicas, como em relações extraterritoriais. Essa face desenvolvida do país com a existência de problemas sociais advindos da época colonial não só evidencia a ineficiência estatal como enfatiza que a instabilidade política e social vivenciada hoje está atrelada a inobservância tanto do Estado quanto da sociedade aos povos nativos e aos povos negros durante toda a história do país.

Diante disto, é válido analisar a teoria da necropolítica de Achille Mbembe. A qual defende a ideia do Estado como aquele que determina as condições de vida e de morte das pessoas. O autor traz a concepção da “metrópole” que seria aquela formada pelos indivíduos civilizados, portanto, detentores e merecedores da proteção de sua dignidade; e a “colônia”, aquela formada por indivíduos não civilizados, portanto, não detentores de qualquer dignidade humana (MBEMBE, 2018). Destarte, o autor ainda dá destaque a “cidade do colonizado” a qual carregava consigo estereótipos negativos, não só vistos como não civilizados, mas principalmente como o ambiente no qual advinha o inimigo.

“Por todas essas razões, o direito soberano de matar não está sujeito a qualquer regra nas colônias. Lá o soberano pode matar a qualquer momento ou de qualquer maneira. A guerra colonial não está sujeita a normas legais e institucionais. Não é uma atividade codificada legalmente. Em vez disso, o terror colonial se entrelaça constantemente com um imaginário colonialista, caracterizado por terras selvagens, morte e ficções que criam o efeito de verdade.” (MBEMBE, 2018, p. 36)

Para o autor, a figura do inimigo defendida pelo Estado acaba servindo como ferramenta para justificar não só a omissão do mesmo à alguns assuntos indispensáveis aos direitos e garantias dos grupos da “colônia”, mas também para determinar como tais inimigos poderiam morrer. Outrora, justificar até mesmo que o próprio Estado os matassem. A teoria da necropolítica quando analisada sob os moldes do Brasil, evidencia os motivos pelos quais os

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

povos nativos e os negros têm diariamente seus direitos básicos usurpados e alguns, muitos, até mesmo negados.

Nesses moldes, é válido analisar a teoria do Estado de exceção, uma vez que sabe-se que mesmo diante da postura ineficiente do Estado o mesmo contém um vasto ordenamento jurídico que formalmente garante a efetividade e eficiência de todos os direitos básicos necessários a uma vida digna. Essa controvérsia entre o texto positivado e a materialidade dos direitos é visto por Giorgio Agambem (2007) como a utilização da prerrogativa do Estado de exceção pelo próprio Estado. Essa prerrogativa, resumidamente, dá-se na abertura do texto constitucional para que o poder executivo possa quando na presença de situações anômalas suspender determinados direitos civis.

Porém, para Agambem (2007) alguns detentores do poder se valem do Estado e da ferramenta mencionada para, mesmo sem enfrentar tais situações, suspender cotidianamente direitos civis de indivíduos determinados. O que, por hora, mescla-se com a necropolítica vez que tais indivíduos, notoriamente, acabam sendo aqueles tidos como marginalizados e como (possíveis) inimigos do Estado. Destarte, dentro desta abordagem ganha destaque a população infantil. A qual enfrentou um intenso processo para o reconhecimento da sua humanidade e dos seus direitos perante a sociedade.

Nesse sentido, o presente trabalho teve por intento analisar a atuação do Estado enquanto garantidor dos direitos constitucionalmente reconhecidos à esta parte da população, bem como do uso da prerrogativa do Estado de exceção pelo mesmo. Ainda, posteriormente analisar a discrepância entre os direitos postulados na Constituição Federal de 1988 e a realidade da infância negra periférica brasileira, vez que devido ao passado escravocrata do país, esta parte da população infantil conta com uma maior segregação social e uma maior mitigação dos direitos fundamentais essenciais ao seu bom desenvolvimento.

Destarte, frente a isto e com os impactos da pandemia do COVID-19 buscou-se apontar os efeitos futuros deste cenário para a garantia do Estado Democrático de Direito num contexto universal. Ressaltando para tanto, a importância dos movimentos sociais nesta

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

temática, vez que estes apresentam-se como uma ferramenta essencial desenvolvida pelo povo para clamar pela melhoria de suas vidas. Outrora, visando obter resultados satisfatórios e fundamentados e frente a indispensabilidade do aprofundamento do contexto histórico do tema em questão, bem como dos materiais escritos ao longo da história, o presente trabalho se valeu dos métodos dedutivo, histórico e bibliográfico.

INFÂNCIA NEGRA PERIFÉRICA E A MITIGAÇÃO DA PROTEÇÃO ESTATAL

No que tange esta parte da sociedade, faz-se necessário uma maior atenção à criança e ao adolescente negro periférico. Dado a vulnerabilidade dos mesmos quando analisado o contexto histórico da evolução dos direitos infantis e a realidade da existência destes na sociedade. Uma vez que enquanto a sociedade começava a enxergar a criança e o adolescente branco como seres insubstituíveis e carecedores de proteção pelo Estado e pela família, no Brasil, duas das primeiras normas a tratar da população infantil negra, durante a fase mencionada, foi o Código Beviláqua e o Código de menores, ambas devido ao seu teor racista e estereotipado, ainda hoje criticadas.

Destarte, são muitas as formas da infância em destaque, existindo desde aquelas que vivem em uma família provida unicamente pela figura materna e em muitos destes casos sob a ausência desta do âmbito familiar; até aquelas que estão totalmente desamparadas tanto pelo Estado, quanto pela família. Ser criança/adolescente negro e pobre num país estruturado pelo colonialismo e pela escravidão, cuja sobrevivência pauta-se na sua capacidade econômica, por vez minimizada, obviamente não é uma tarefa fácil. Outrora, tal cenário vêm instantaneamente sendo intensificado pelos efeitos da pandemia do COVID-19.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Nesse liame, as crianças e os adolescentes mais vulneráveis do país se depararam com o agravamento da sua própria subsistência, vez que mesmo com o oferecimento, tardio, do auxílio emergencial pelo governo através da Medida Provisória nº 936, o mesmo acabou não sendo aderido por todas as famílias de baixa renda, bem como, o valor disponibilizado, muitas vezes, demonstrou-se insuficiente. Despertando, deste modo, um contexto ainda mais caótico. Escancarando os problemas sociais e conseqüentemente, intensificando os fatores que levam não só a usurpação dos direitos infantis, mas também dos elementos que contribuem para a captação desses indivíduos pelo mundo ilícito.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

As conseqüências deste cenário repercute tanto na atuação do Estado, quanto na necessidade da observância do Estado democrático de direito, vez que, como visto, a mitigação dos direitos infantis destoa não somente o contexto da figura pejorativa do Estado enquanto figura principal da necropolítica, como também a inobservância daqueles que devem fiscalizar o exercício e a eficácia da atuação deste, dado que, viu-se que o mesmo utiliza, erroneamente, o próprio texto constitucional para suspender direitos civis. Apresentando, deste modo, uma insegurança jurídica não somente aos indivíduos em questão, mas ao futuro da própria sociedade e ao Estado democrático de direito.

Diante disto, torna-se indispensável a existência e atuação dos movimentos sociais pautados na defesa dos direitos deste grupo. Outrora, evidentemente, o movimento negro, luta pela melhoria de inúmeras áreas da vida e existência da população negra. Porém, vê-se a necessidade, ainda, do fortalecimento de debates interseccionais. Dado que devido aos distintos indivíduos que compõem a população em abordada, a mesma enfrenta distintamente

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

distintas formas de racismo. Assim, populações dependentes de proteção como a abordada, contaria com o fortalecimento da defesa de seus direitos e ainda com uma observância a sua especificidade enquanto criança/adolescente negro.

Por fim, com tudo o que foi abordado foi possível concluir que ainda mais vulnerável e carecedora de proteção é a criança e o adolescente negro periférico brasileiro. Outrora, a observância, a defesa e a garantia de seus direitos, possibilita não apenas coibir os problemas existentes no país, como também, resultaria na boa atuação estatal e consequentemente no fortalecimento do estado democrático de direito. Possibilitando, portanto, a universalização do defendido pelo princípio da dignidade humana.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Tradução IraciD. Poleti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGRA, Walber de Moura. **Curso de Direito Constitucional**. 9 ed Belo Horizonte: Fórum, 2018.

AZEVEDO, Gislaine. SARAT, Magda. **Historia de la infancia en el Brasil: contribuciones del proceso civilizatorio**. Revista Educação e Fronteiras On-Line, Dourados-MS, v.5, n.13 p.19-33, jan./abr. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Mikaely%20Pinheiro/Downloads/5176-15999-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 de janeiro de 2020.

BERCOVICI, Gilberto. **Constituição e estado de exceção permanente**: a atualidade de Weimar. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado federal, 1998. Brasília, DF: Presidência da República, [1988]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 30 jul. 2020.

_____. **Lei nº 8.069 de 13 julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990. Disponível em:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 25 jun. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo; n-1 edições, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hemburgo: Feevale, 2013.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

NOTAS SOBRE A LEI ANTICRIME E O RECRUDESCIMENTO DA SELETIVIDADE PENAL

Maciana de Freitas e Souza²²⁸
Francisco Vieira de Souza Junior²²⁹
Jacinto Gomes de Sousa Segundo²³⁰

RESUMO

O presente artigo tem como temática central a questão do encarceramento em massa no Brasil e sua interface com o racismo estrutural. O trabalho também apresenta alguns apontamentos sobre a atuação do Estado e o aumento da violência contra a juventude negra. O objetivo é debater acerca das implicações da lei 13.964/2019 e sua relação com a seletividade penal. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica e documental. Nota-se que o Estado neoliberal tem contribuído para ampliação do poder punitivo sobre a juventude negra e periférica, ao invés de promover e garantir a defesa dos direitos humanos.

Palavras-chave: Encarceramento em massa. Seletividade penal. Juventude negra.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta algumas considerações sobre o racismo estrutural, o aumento da violência contra a juventude negra e os desafios para a garantia de direitos desse segmento. Será discutido também o aumento do encarceramento na realidade brasileira e as medidas de controle social do Estado. Nas conclusões, os elementos que estiveram em discussão ao longo do texto acerca das desigualdades que permeiam o cotidiano da população negra. O trabalho também proporciona alguns apontamentos sobre a importância de práticas políticas que possam fortalecer o Estado de Direito.

228 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, macianafreitas@hotmail.com
229 Centro Universitário FACEX – UNIFACEX, souzajunior007@yahoo.com.br
230 Faculdade São Francisco, jacinto.segundo@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

METODOLOGIA

Este trabalho se desenvolve por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, a partir do estudo de teóricos que versam sobre a questão do racismo estrutural e dos direitos humanos, além de dados organizados pelo Conselho Nacional de Justiça. Trata-se de uma pesquisa referenciada no materialismo histórico dialético. Dentro dessa perspectiva, será feita uma análise crítica sobre a intervenção do Direito Penal e seus reflexos no aumento do índice de encarceramento.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Antes de tratarmos das mudanças promovidas pela Lei Anticrime e sua interface com o recrudescimento penal, é importante contextualizarmos sobre o racismo presente no tecido social. Silvio de Almeida (2018) indica que com a abolição formal da escravidão, o racismo se mantém como mecanismo da lógica capitalista, essas relações de poder resultam na restrição de acesso aos direitos a população negra, mas também no difícil reconhecimento enquanto sujeitos políticos. Por isso Almeida, pontua que o racismo se constitui enquanto estrutural e sob este aspecto afirma que a noção de raça “ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários” (ALMEIDA, 2018, p.24).

Com o avanço do neoliberalismo na realidade brasileira a partir da década de 90, podemos notar a atuação do Estado voltada à estabilidade econômica ao invés de políticas afirmadoras de cidadania. Diante dessa realidade, é importante destacar que as políticas públicas de segurança e justiça vigentes no contexto brasileiro, tem ampliado as desigualdades entre os grupos sociais e por sua vez são mais restritas no que se refere a proteção dos direitos humanos. Como pontua Casara, com a atual ordem social de sucateamento dos serviços

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

públicos e da ascensão da extrema-direita os “direitos fundamentais(...) são percebidos como obstáculos tanto ao mercado quanto à eficiência punitiva necessária ao controle das pessoas ‘sem valor de uso’ na racionalidade neoliberal”. (CASARA, 2017, p. 57).

No cenário político pós eleições 2018, sob o argumento de enfrentamento à Criminalidade, o presidente Jair Bolsonaro sancionou o PL nº 10.372/2018 denominado de “Pacote Anticrime” apresentado pelo ministro da justiça Sérgio Moro. A Lei 13.964/2019, implementa modificações nas legislações penal e processual penal e dentre as medidas adotadas, está o aumento de 30 para 40 anos no cumprimento de pena sem atentar para as condições do sistema prisional hoje no Brasil.

O Relatório apresentado pelo Conselho Nacional de Justiça (2018) mostra que 40% da população carcerária, são presos provisórios, mais da metade da população carcerária é de jovens de 18 a 29 anos e 64% são negros. Quanto à escolaridade, 75% da população prisional brasileira não ingressaram no ensino médio. É oportuno destacar que essa realidade expressa que encarceramento em massa brasileiro é seletivo, tendo como foco a população jovem, negra e de baixa escolaridade. Desse modo, fica nítido a ênfase do Estado no aumento do controle social em detrimento de medidas cautelares alternativas à prisão e progressão da pena.

Diante desse quadro, caracterizado sobretudo pelo deficit de vagas e da ausência de estrutura adequada, reafirmamos a necessidade do Estado brasileiro cumprir as normas estabelecidas na Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210/1984) que em seu art. 10 dispõe sobre reinserção social e garantias individuais as pessoas encarceradas. Contudo, é difícil falar em ressocialização quando o sistema prisional não oferece as condições adequadas, visto a ausência de proteção aos direitos humanos e o fortalecimento de um Estado penal.

Ademais, o processo de privatização e terceirização de presídios no Estado brasileiro se constitui como uma realidade, elemento que coloca em cheque a eficiência das ações realizadas das empresas nas unidades com a lógica lucrativa da iniciativa privada. Desse modo, o Sistema Penitenciário brasileiro pode ser visto como como um depósito de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

indivíduos “indesejáveis” pela lógica neoliberal como Casara (2017) apresenta, uma vez que não há como se falar em ressocialização em espaços lotados como se encontra na maioria das prisões pelo país. Além disso, com as mudanças no aumento do regime fechado e progressão das penas com a lei Anticrime as inúmeras violações de direitos fundamentais da população carcerária poderão ser ampliadas.

CONCLUSÕES

Conforme indicado, a Lei de Execução Penal, no âmbito prático tem apresentado desafios para promover condições mínimas de ressocialização e a sua ineficiência tem levado ao aumento da violência. Tomando por base os dados concretos aqui elencados, consideramos que as mudanças advindas da lei Anticrime tende a aumentar a população carcerária e o recrudescimento seletivo do sistema de justiça criminal, visto sua relação com o desejo punitivo sem considerar as garantias fundamentais com políticas de proteção social e de fomento de condições dignas de vida.

A lei Anticrime se apresenta, portanto, como medida que visa dar respostas imediatistas ao problema da criminalidade, sem levar em conta a superlotação do sistema prisional. Desse modo, faz-se necessário um maior investimento em políticas públicas voltadas a cidadania e aprimoramento do sistema de segurança pública para o fortalecimento do Estado Democrático de Direito, em detrimento de medidas estatais que visam a disciplina e vigilância da juventude negra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASIL. Lei nº 13.964 de 24 de dezembro de 2019. Aperfeiçoa a legislação penal e

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

processual penal. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13964.htm. Acesso: 01 de março de 2020.

_____. Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em : 01 de março de 2020.

_____. Banco Nacional de Monitoramento de Prisões – BNMP 2.0: Cadastro Nacional de Presos, Conselho Nacional de Justiça, Brasília, agosto de 2018. Disponível em:

<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2019/08/bnmp.pdf>. Acesso em: 01 de março de 2020.

BORGES, Juliana. O que é: encarceramento em massa? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CASARA, Rubens R R. Estado pós-democrático: neo:obscurantismo e gestão dos indesejáveis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

RACISMO ESTRUTURAL NA PANDEMIA DA COVID-19: LETALIDADE DE GESTANTES NEGRAS COMPARADO COM GESTANTES BRANCAS

Antonio Carlos Silva do Nascimento Filho²³¹
Tatiana de Fátima Monteiro Silva²³²
Patrícia Maria de Albuquerque Brayner²³³

RESUMO

Introdução: No Brasil, no dia 19 de agosto de 2020, foram notificados 3.460.413 casos de COVID, com mais de 111 mil mortes, sendo mais de 200 gestantes e puérperas. Isso levantou a preocupação de que talvez a pandemia em países subdesenvolvidos possam representar riscos adicionais para mulheres grávidas. Metodologia: Foi realizado um estudo de revisão bibliográfica através da literatura online disponível no banco de dados do Ministério da Saúde do Brasil, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na base de dados do Public Medline (PUBMED). Usando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “COVID-19”, “pregnant” e “Brazil”. Foram encontrados 25 artigos, dos quais 5 se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão. Discussão: Devido ao histórico de repressão da população negra no Brasil, já era esperado que durante a pandemia do SARS-COV-2, a mulher negra fosse enfrentar maiores desafios que a mulher branca. Dados do Ministério da Saúde mostram que mulheres negras tinham idade média e perfil doenças crônicas semelhantes às mulheres brancas, no entanto, foi relatado em seus internamentos piores taxas de complicações, que são fatores preditores do complicações na COVID. Provavelmente devido aos péssimos resultados da gestão dos serviços de saúde durante a pandemia pandemias, dificuldade de acesso da população negra aos serviço de saúde terciário. Conclusão: As mortes maternas relacionadas ao COVID-19 no Brasil ultrapassaram os números publicados em todo o mundo. É urgente reforçar as medidas de contenção direcionadas à população obstétrica e garantir atendimento de alta qualidade durante a gravidez e o período pós-parto. Também deve existir a necessidade de políticas públicas que levem em consideração os determinantes sociais que adoecem a população negra.

231 Acadêmico de medicina do 8º período da Universidade Federal do Cariri, monitor da disciplina de Obstetrícia e Neonatologia e Coordenador da Liga acadêmica de Saúde Mental.
<http://lattes.cnpq.br/7048188263275478>

232 Acadêmica de medicina do 7º semestre da Universidade Federal do Cariri.
<http://lattes.cnpq.br/6076500417330011>

233 (Orientadora) Médica pela Universidade de Pernambuco, docente da disciplina de Obstetrícia e Neonatologia da Universidade Federal do Cariri e coordenadora do internato em Tocoginecologia da UFCA.
<http://lattes.cnpq.br/5058456619812336>

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Palavras-chave: COVID-19, racismo, obstetrícia.

INTRODUÇÃO

No Brasil, no dia 19 de agosto de 2020, foram notificados 3.460.413 casos de COVID, com mais de 111 mil mortes. Deste, mais de 200 eram mortes de gestantes e puérperas, representando o país que tem maior número de mortes de gestantes e puérperas no mundo. Isso levantou a preocupação de que talvez a pandemia em países subdesenvolvidos possam representar riscos adicionais para mulheres grávidas. Foi hipotetizado que taxas de natalidade mais elevadas, pior estado de saúde da população e má qualidade dos cuidados obstétricos, agora competindo com os constrangimentos resultantes da gestão das pandemias, contribuiriam para um aumento no número absoluto de mortes e também na taxa de letalidade.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo de revisão bibliográfica através da literatura online disponível no banco de dados do Ministério da Saúde do Brasil, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na base de dados do Public Medline (PUBMED). Foram empregados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “COVID-19”, “pregnant” e “Brazil” nas plataformas BVS, SciELO e CAPES. No cruzamento das palavras, foi utilizada a função lógica “AND”. Os seguintes critérios de inclusão foram adotados: (a) artigos publicados nos idiomas inglês, espanhol ou português; (b) artigos completos e disponíveis free na íntegra; (c) abordavam o tema central da pesquisa; (d) publicados no período de 2020. Como critérios de exclusão foram excluídos aqueles que não estavam relacionados ao tema central da pesquisa. Foram encontrados 25 artigos, dos quais 5 se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DISCUSSÃO

No Brasil, como em outros países como histórico de repressão na população negra, os marcadores de morbidade e mortalidade em gestantes negras dentro do sistema de saúde brasileiro têm sido amplamente documentado na literatura. Devido isso, já era esperado que durante a pandemia do sars-cov-2, a mulher negra fosse enfrentar maiores desafios que a mulher branca.

Dados do Ministério da Saúde mostram que mulheres negras tinham idade média e perfil doenças crônicas semelhantes às mulheres brancas, no entanto, foi relatado em seus internamentos piores taxas de complicações, como maior frequência de desconforto respiratório, presença de tiragem intercostal, saturação de O₂ insuficiente e alterações na ausculta pulmonar. Ambos fatores que são preditores de complicações na COVID-19. Além disso, tiveram maior taxa de admissão em Unidades de Terapia Intensiva, maior necessidade de intubação, uso de ventilação mecânica e maiores taxas de óbito, sendo este quase 2 vezes maior quando comparado com mulheres brancas.

Foi hipotetizado que essas taxas decorrem de uma má qualidade dos cuidados obstétricos, péssimos resultados da gestão dos serviços de saúde durante a pandemia pandemias, dificuldade de acesso da população negra aos serviço de saúde terciário, precariedade na prevenção primária e falta de insumos de farmacológicos. Tanto que, das gestantes que vieram a óbito , 22,6% não tiveram acesso a UTI e 36% não foram intubadas.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONCLUSÃO

As mortes maternas relacionadas ao COVID-19 no Brasil ultrapassaram os números publicados em todo o mundo. E os determinantes sociais somado as barreiras para o acesso a cuidados adequados parecem desempenhar um papel importante para essa realidade. É urgente reforçar as medidas de contenção direcionadas à população obstétrica e garantir atendimento de alta qualidade durante a gravidez e o período pós-parto.

Também deve existir a necessidade de políticas públicas que leve em consideração os determinantes sociais que adoecem a população negra e uma opção de enfrentamento seria o fortalecimento dos serviços de atenção primária para trabalhar diretamente na redução da probabilidade de adoecimento dos indivíduos, possibilitando o acompanhamento de sintomáticos, diagnóstico de doentes e tratamento de sintomas antes de gerar complicações.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, L.S.. et al Increasing maternal mortality associated with COVID-19 and shortage of intensive care is a serious concern in low resource settings. **Acta Obstetricia et Gynecologica Scandinavica**. [S.L.] Vol. 15, p. 112-113, August 2020. <https://doi.org/10.1111/AOGS.13975>.

GONÇALVES, A.L.. The Real Impact of the Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) on the Pregnancy Outcome. **Rev Bras Ginecol Obstet** [S.L.] Vol. 42, p. 303-304, April 2020. <https://doi.org/10.1055/s-0040-1712942>.

MENEZES, M.O. Clinical characteristics and risk factors for mortality in obstetric patients with severe COVID-19 in Brazil: a surveillance database analysis. **An International Journal of Obstetrics and Gynaecology**. Agosto,2020. <https://doi.org/10.1111/1471-0528.16470>.

SOUZA, D.S et al. Disproportionate impact of COVID-19 among pregnant and postpartum Black Women in Brazil through structural racism lens. **Clinical Infectious Diseases**. ciaa1066.July 2020. <https://doi.org/10.1093/cid/ciaa1066>.

VASCONCELLOS, J. F et al. The experience of women infected by the COVID-19 during pregnancy in Brazil: a qualitative study protocol. **Reproductive Health**. [S.L] vol 17, p 108-115. 2020. <https://doi.org/10.1186/s12978-020-00958-z>.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

SAÚDE E JUSTIÇA: PARA QUEM SERVE?

Raquel de Souza Xavier²³⁴
Anderson Moraes Pires²³⁵

RESUMO

Ao discutir sobre o consumo de drogas, dois discursos surgem para “sanar” a questão: de um lado, o sistema de justiça, que possui enquanto ferramenta a prisão como representante máximo, e do outro lado, a saúde, com suas variadas instituições, que encontram em Comunidades Terapêuticas ou em Hospitais Psiquiátricas suas maiores discussões. Frente a este impasse, propomos analisar a relação saúde-justiça como aparatos fornecidos por um mesmo sistema de Estado. Para isso, recorreremos a uma pesquisa qualitativa com análise documental. Este trabalho vincula-se ao ST 08: Justiça Racial e Movimentos Negros na luta por Direitos. Considera-se que Saúde e Justiça fazem parte de um mesmo sistema colonial, que opera pelo prisma da violência, silenciamento, controle, e extermínio das populações minoritárias, principalmente a população negra-periférica.

Palavras-chave: Saúde; Justiça; Estado; Necropolítica.

INTRODUÇÃO

Borges (2019) caracteriza os engendramentos presentes no encarceramento desde as justificativas legais, no âmbito penal, até a captura corpórea ao sistema prisional, evidenciando uma seletividade de sujeitos passíveis de captura. Mélló, Moura e Galindo (2018), por sua vez, apontam para o que a saúde mental, no caso, as comunidades terapêuticas como um equipamento reprodutor da lógica manicomial, sendo este financiado pelo Estado,

234 Universidade Federal do Ceará – UFC, raqueldsx@gmail.com

235 Centro Universitário Estácio do Ceará – ESTÁCIO CEARÁ, andersonpires@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

levando os sujeitos a situações deploráveis com o aval do “cuidado”. Ao discutir sobre o consumo de drogas, dois discursos surgem para “sanar” a questão: de um lado, o sistema de justiça, e do outro lado, a saúde. Frente a este impasse, propomos analisar a relação saúde-justiça como aparatos fornecidos por um mesmo sistema de Estado.

Passos (2018) questiona a Reforma Psiquiátrica brasileira, que nunca de fato ocorreu integralmente como fora idealizada, apontando que este engendramento possui muitos aspectos do Navio Negreiro. Do Holocausto brasileiro ao sistema prisional, um corpo é capturado e deslocado ao lugar de objeto, um não-humano. Esse trabalho surge de indagações iniciadas na graduação de Psicologia, podendo ser uma potência na medida em que questiona o lugar dos diferentes profissionais dessas áreas para repensar as lógicas e éticas que sustentamos.

METODOLOGIA

Para isso, recorreremos a uma pesquisa qualitativa com análise documental, tomando como pilar a Lei nº 11.343/2006 que versa sobre as penalidades legais e a diferenciação entre usuário e traficante de substâncias psicoativas. Este trabalho vincula-se ao ST 08: Justiça Racial e Movimentos Negros na luta por Direitos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foucault (2014) ao descrever e analisar os processos oriundos da prisão, discute como a organização de poder flui sobre a estrutura física e simbólica dos equipamentos advindos do Estado, e pensando este dispositivo em diferentes organizações de poder: soberano, disciplinar e biopoder, sinalizando que apesar da troca de disputa não ocorre a extinção do

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

anterior. Um dispositivo fluído, podendo ser capturado por um diagrama, ou seja, ideologias, e estas irão produzir efeitos.

Por exemplo, as máquinas de guerras, são originalmente processos de resistência e luta, quando necessária, usada por tribos, mas ao serem capturadas por um Estado colonial, sofre modificações, passando a produzir violência (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Isso ocorre primeiramente porque para os autores a origem do dispositivo Estado está alicerçada ao diagrama capitalismo, que visa tomar posse das tribos, pelo processo de colonização, ou seja, violências, um exemplo de máquina de guerra do Estado seria a polícia militar.

Goffman (1987) sinaliza as similaridades entre os processos das instituições manicomiais, prisionais e religiosos, que visam a despersonalização dos sujeitos e captura dos mesmos, por meio da estrutura física, relações familiares, discurso, uniformização, visando esvaziar e controlar.

Os enlaces entre sistema prisional, sistema de saúde, e além, o racismo e a criminalização da pobreza, se evidenciam na Lei nº 11.343/2006. Labate *et al.* (2008) ao traçar todas as disputas por trás das discussões sobre drogas e suas organizações na “guerra às drogas”, aponta para uma organização estatal brasileira seletiva e violenta, ora com a máscara da segurança, ora com a máscara de cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que Saúde e Justiça fazem parte de um mesmo sistema colonial, que opera pelo prisma da violência, silenciamento, controle, e extermínio das populações minoritárias, principalmente a população negra-periférica. Mbembe (2018) ao apontar o Estado como colonial e racista, sendo regido pela lógica da morte, diz sobre a Necropolítica, tensionando a estrutura com autores inscritos no processo do discurso colonial, sinalizando a concepção de raça como alicerce da discussão.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

BORGES, J. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Pólen, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LABATE, B. C. *et al.* (Orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MÉLLO, R. P.; MOURA, M.; GALINDO, D. Atendimento terapêutico ou modelos que confinam? Comunidades Terapêuticas em xeque. **Mnemosine**, v. 14, n. 1, p. 149-166, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41700>. Acesso em: 10 out. 2019.

PASSOS, R. G. “Holocausto ou Navio Negreiro?”: inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. **Argum.**, Vitória, v. 10, n. 3, p. 10-22, set./dez., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/21483>. Acesso em: 13 ago. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Simpósio Temático 09 – Arte africana, afro-diaspórica

Coordenadores(as)

Dr^a Otília Aparecida Silva Souza (URCA)

Dr^a Sislândia Maria Ferreira Brito (URCA)

Maria Claudineide Alves Macêdo (NZINGA/URCA)

Renata Felinto (URCA)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A DUPLA CONCEPÇÃO DE BELEZA NA ESTÉTICA KEMÉTICA

Bianca Pereira da Silva²³⁶

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a concepção estética de Kemet, Egito para o Ocidente. Esta concepção é baseada na junção de dois princípios norteadores de toda a vida cotidiana desse povo, a saber, *Nefer* e *Maat*. A abordagem utilizada é a afrocêntrica, que é, em linhas gerais, colocar a visão de mundo africana no centro. Isso se justifica uma vez que encontramos uma variedade de estudos sobre estética kemética, porém estes são estudos feitos com base eurocêntrica e sua visão de mundo sobre os outros povos.

Palavras-chave: Estética; Kemet; Nefer, Maat; Beleza.

INTRODUÇÃO

É conhecida a concepção de estética eurocêntrica. Esta se baseia no termo grego “*aisthetikos*” que foi cunhado por Alexander Baumgarten no século XVIII e significa “percepção dos sentidos”. Estética seria a ciência que estuda o conhecimento sensível. Sensível, na filosofia, geralmente, é o que se percebe pelos cinco sentidos, pelas sensações, pelas emoções.

Contudo, qual a concepção de beleza dos africanos? Para eles, beleza e bem são equivalentes e, segundo Welsh-Asante (WELSH-ASANTE, 1994), a estética está intrinsecamente relacionada à cosmologia e podemos observar essa afirmação nas imagens da criação kemetiana. Logo, falar de estética implica falar da cultura e das tradições que o povo

236 Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, bianca_pdasilva@ymail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

mantinha. A arte não era afastada da vida cotidiana. A arte tinha sua função social e moral, tinha uma finalidade. As pinturas, canções, músicas, recitações, etc., exemplificam modelos de conduta, exemplos a serem seguidos, algo a ser aprendido, transmitido e internalizado. Porém, esses modelos e essas condutas deveriam estar de acordo com os princípios tanto de *Nefer* quanto de *Maat*.

METODOLOGIA

Este trabalho é baseado na interpretação do texto de Willie Cannon-Brown intitulado *Nefer: the aesthetic ideal in classical Egypt* em que o autor aborda a concepção estética de Kemet, nomeado pelo ocidente de Antigo Egito. Cannon-Brown afirma que existem muitas obras que expõem a concepção estética de Kemet, porém não encontrou, dentre estas, as que levavam em consideração a visão africana. Ou seja, os trabalhos existentes sobre o tema versam sobre a visão ocidentalizada. Com isso, novas abordagens devem ser realizadas e estas devem ser afrocêntricas. A metodologia afrocêntrica pretende reorientar e centralizar as criações, estudos e obras africanas e de seu povo em primeira pessoa. Os Africanos devem assumir seu papel e construir seus próprios paradigmas científicos e falarem por si (ASANTE, 2009) em todas as áreas, principalmente, na arte, na estética.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Maat (*M3't* é a palavra em hieróglifo para *Maat* e, geralmente, é representada por uma mulher com uma pena na cabeça) era entendida, basicamente, como ordem, medida, justiça. Ela proporcionava uma comunhão entre sociedade e natureza como um “ideal ecológico” (CANNON-BROWN, 2006) difundido em todos os âmbitos e fundamentando todas as camadas sociais. *Maat* é social, é relacionamento, é interação humana e, podemos dizer,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

interação entre animais e inanimados uma vez que tudo era divino em Kemet. *Maat* não deve ser entendida unicamente como conceito, mas, principalmente, como ação. Nas palavras de Karenga “Deve-se fazer *Maat*, falar *Maat* e praticar *Maat* em sua conduta” (Tradução minha. Em Inglês, temos “One must do *Maat*, speak *Maat*, practice *Maat* in one's conduct”. KARENGA, 2004, p. 278).

Entretanto, a própria deusa *Maat* era considerada bela. Ela personificava esses dois princípios – beleza e justiça. Assim, o ideal estético seria a combinação entre *Maat* (verdade, justiça, ordem) e *nefer* (beleza, perfeição e bondade) e se manifestava no dia a dia em todas as áreas dessa sociedade. Era como se *Nefer* representasse uma noção filosófica e *Maat* fosse a extensão no social e moral. Dessa forma, *Maat* e *Nefer* eram encontradas em todas as atividades e obras de kemet desde construções como pirâmides, ou escrita, ou rituais, mumificação e afazeres profissionais e pessoais. Para beleza (*nefer*) encontramos várias palavras significando perfeição, belo e bondade (CANNON-BROWN, 2006) e uma dessas palavras é *Nftw* (a representação são três corações com traqueia), que muitos faraós e governantes acabavam colocando no nome, como Nefertiti (a bela chegou); mas para que um governo fosse considerado bom era preciso estar seguindo os princípios de *Maat*.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Beleza e bom são usados indistintamente e tudo o que era realizado, era realizado sob os domínios de *nefer* e *maat*. Ou seja, Beleza/Bom e Justo/verdadeiro. As coisas que era feitas com excelência, eram feitas tendo em vista essa junção. Portanto, o ideal de estética em kemet englobava toda a estrutura social e compreendia *Nefer* (beleza e bondade) com *Maat* (justiça, verdade, ordem). Isto é, a beleza deveria ser interna e externa visando a manutenção da espiritualidade. Da mesma forma, que o divino estava em toda a parte, a beleza também estava.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 93-110, 2009.

CANNON-BROWN, Willie. **Nefer**: the aesthetic ideal in classical Egypt. Nova York: Routledge, 2006.

KARENGA, Maulana. **Maat**: the moral idea in ancient Egypt. Nova York: Routledge, 2004.

WELSH-ASANTE, Kariam. **The African aesthetic**: Keeper of the traditions. Londres: Praeger, 1994.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A IMAGEM COMO INSTRUMENTO EPISTEMOLÓGICO: UM ESTUDO SOBRE ALGUNS ADINKRAS

Érika Rodrigues Coelho²³⁷
Natalino da Silva de Oliveira²³⁸

RESUMO

Este estudo concentra-se na observação de um recorte da imagística africana, os adinkras, evidenciando o denso conteúdo conceitual próprio de sua poíesis. O objetivo é desvelar através de pesquisa bibliográfica, o olhar equivocado sobre essa cultura cuja arte densa é incompreendida, alvo de rótulos que produz apagamentos. O trabalho justifica-se pela proposta desmistificadora, ao apresentar os negros como precursores da escrita e a indissociabilidade de sua arte a seu modo de vida pleno de sentidos. Como resultado evidencia-se a forma imbricada à essência, reflexo de vida e arte engastadas.

Palavras-chave: Símbolos; Arte africana; Epistemologia; Ideogramas; Cultura.

INTRODUÇÃO

Os apagamentos negro-africanos, consequência imediata do tráfico negreiro e da colonização dos séculos passados são um problema vigente no Brasil e no mundo. O imaginário distorcido sobre o africano e sua cultura ainda gira em torno de uma concepção primária de civilização e seu continente presente na mente humana somente como conceito geográfico.

Sua cultura juntamente com sua identidade são resultados do impacto de vários fatos determinantes para esta condição de subjugação e desvalorização: o holocausto africano na África, o domínio grego e macedônio sobre Alexandria, o romano sobre a Europa e o roubo

237 Graduada em Artes Plásticas, mestranda em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pelo IF Sudeste MG – Campus Muriaé. erika.coelho@ifsudestemg.edu.br

238 Doutorado em Letras e Linguística – UFMG, IF Sudeste MG – Campus Muriaé.
natalino.oliveira@ifsudestemg.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

dos bens artísticos africanos para os museus europeus (Nascimento, 2008, p.45). Estes produziram uma cultura ocidental universal que engendrou apagamentos significando uma grande ferida identitária para o negro e uma lacuna insuperável em sua história e da própria humanidade.

Este trabalho objetiva focar a cultura negra da África a partir de um recorte situado na visualidade e poésis representadas pelos adinkras provando a imagem como instrumento epistemológico. Dentro do diverso universo cultural africano, estes grafismos típicos de Gana e Costa do Marfim carregam conceitos, costumes e aforismos mostrando o poder e a força que a imagem têm como elemento representativo artístico dentro de sua cultura (Nascimento, 2008, p.35).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica de fonte secundária e telemática ficando claro a dificuldade de um estudo muito aprofundado devido a bibliografia em sua maioria ser europeia, os autores não-europeus raros e estudo da imagem africana no Brasil ser recente.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Algumas culturas se valeram de símbolos que tangenciaram a escrita, tais como os hieróglifos no Egito e os ideogramas chineses. Na África a presença de ideogramas é constante em muitas regiões como se nota na região oriental e central da Nigéria, o *Nsibidi*²³⁹ por exemplo (Nascimento, 2008, p.35). Mas os adinkras para além de grafia, foram também

239 Antigo sistema gráfico usado por diversos povos das regiões oriental e central da Nigéria para transmitir os ensinamentos da filosofia.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

utilizados tridimensionalmente no *Gwa* (o banco real) ou no bastão do linguista alcançando outras dimensões como a política e a social (Nascimento, 2008, p.36).

Este trabalho justifica-se pela desmistificação dos estereótipos produzidos sobre a arte africana e esmiuçamento da elaboração do trabalho gráfico consubstanciado aqui pelos adinkras apreendendo assim sua poíesis. Nesse sentido, desmistificar: salientar a cultura africana não só em sua oralidade como característica e meio de transmissão mas evidenciar a pluralidade de meios que essa cultura possui é uma forma de fugir das classificações categóricas. Assim, apresentar os adinkras representa mostrar o registro gráfico como também um recipiente importante das cosmogonias negras para além da peculiar oralidade africana mostrando-o como uma ferramenta didática que atravessa gerações.

Buscar fontes que demonstram o “metamorfosar” do imaginário negro sobre o conceito em imagem, capacita desvendar a dinâmica da elaboração artística africana. No livro “A arte negra na cultura brasileira”, Carise (s./d, p.70) aponta a sistematização simétrica das imagens nas obras produzidas em África, mais especificamente se referindo a crocodilos decorativos da Costa do Marfim mostrando a simetria como elemento formal relacionando ao concretismo europeu.

Ao evitar classificar a África e sua cultura a partir de características definitivas que criam estereótipos é que Kwane Appiah nos serve, não admitindo uma filosofia africana pelo fato desta se situar no âmbito da concepção de humanidade, conceito próprio do renascimento e pensamento ocidental (Sodré, 2017, p.13). Fundamentada na impossibilidade de se abarcar essa cultura ampla e múltipla (Willet, 2017, p.20) é que se torna importante demonstrá-la via recorte e admiti-la em sua diversidade entendendo que sua lógica e seu *ethos* é adverso do “universal” e portanto deve ser vista por sua episteme.

As inigualáveis máscaras da Costa do Marfim, os adornos dos senufos, a ourivesaria e as esculturas da Nigéria são extraordinários exemplares de arte negra que não podem ser comparados aos padrões culturais da civilização ocidental e muito menos submetê-los ao menosprezo de elites presas a um conceito preestabelecido em relação ao helenismo – especialmente se tivermos em mente que, na África, a arte

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

não tem, apenas, um caráter estético; ela é, antes, uma atividade criadora na qual o artista dá nova forma ao mundo unificando a condição do homem e da humanidade, através de princípios que definem e caracteriza, uma época, uma tradição. Gira em torno de crenças, vive em estreita relação com o homem, a natureza, os vivos e os mortos. O artista africano exprime uma ideia, um símbolo, não reproduz, simplesmente, as aparências visíveis da natureza, mas as forças interiores, procurando mais captar uma realidade pensada do que vista. (CARISE,s./d., p.66)

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

É nítida a importância que a imagem tem dentro da cultura, no cotidiano e ao redor da vida africana, aporte dos conceitos e subjetividades desse povo. Os adinkras como recorte revela o peso da imagem como produto cultural com função de corporificar o *ethos* africano. Para além de registro gráfico, os adinkras representam o repositório que comunica e atravessa o tempo legando a ancestralidade às gerações, égide do conteúdo vivido como resistência que fecunda uma cultura. As imagens dessa forma são instrumento epistemológico do negro africano, produto portados do conhecimento negro que carrega história e memória pelo tempo.

REFERÊNCIAS

CARISE, I. **Arte Negra na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Artenova, s./d.

NASCIMENTO, E. L. **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

SODRÉ, M. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

WILLET, F. **Arte Africana**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**ÁGUA, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE: O CORPO COMO POSSIBILIDADE DE
CONEXÃO E CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIA NA ENCRUZILHADA DA
PERFORMANCE COROAÇÃO DE MARIANA MAIA**

Roberta Aleixo²⁴⁰

RESUMO

A performance *CoroAção* (2019), é o local que nos coloca diante de possibilidades e caminhos. Localizada em uma encruzilhada de referências distintas tensionadas por memória e herança capaz de descentralizar e incutir outros modos de construção temporal e de desierarquização entre mente e corpo, compreendendo-o como um princípio e orientação para construção de saber. *CoroAção* provoca a reflexão sobre a nossa conexão com as águas, fazendo-nos *ATLÂNTICAS* e fonte de vida pertencentes a narrativas mitológicas capazes de trazer luz a nossa existência.

Palavras-chave: corpo; ancestralidade; memória; performance; sagrado

INTRODUÇÃO

Ao falar da performance de Mariana Maia, *CoroAção* (2019), torna-se importante salientar que a colaboração teórica para construção dessa análise deu-se pelo legado intelectual da poeta pesquisadora e historiadora Beatriz Nascimento. *CoroAção* (2019) é território habitado por algumas possibilidades de compreensão situadas entre os elementos simbólicos presentes na construção de uma conexão com a ancestralidade e corpo enquanto encaminhamento de construção de história e espaço de memória.

240 Professora, pesquisadora, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGARTES/UERJ e graduanda em Comunicação Social/Jornalismo – UERJ.
roberta.alleixo@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CORPO MEMÓRIA E CARTOGRAFIA

O corpo resguardado na sua condição cartográfica é a possibilidade de conexão com a memória e a história, tornando-se espaço contido de fronteiras existenciais, políticas e estéticas: “Corpo mapa de um país longínquo que busca outras fronteiras que limitem a conquista de mim” (NASCIMENTO, 2018, p.330). Diante dessa sua condição de mapa, ele é investido de outras formas de construção de memória e história, constituindo espaços carregados de marcas, experiências e afetos (verbo e substantivo). Essa localização outra é a desarticulação e desierarquização existente entre corpo e mente. Segundo Katherine Mckittrick (2006, p.9. Tradução livre), o corpo na sua “dimensão humana é geográfico – sangue, ossos, mãos, lábios em que escreve seu próprio lugar, seu próprio planeta, sua própria estrada, seu próprio mar” - EU SOU ATLÂNTICA (NASCIMENTO, 2018, p.327). É no deslocamento desse território – corpo - construído, constituído de limites e fronteiras, conexão imaginadas e reais que *CoroAção* (2019) é situada.

A performance enquanto linguagem artística realiza-se na apresentação do corpo (MATESCO, 2009) e na elaboração de outros espaços e significados como memória e história. Nessa condição possibilita outras formas de construção de narrativas e contra narrativas. O corpo do artista nessa condição propõe-se e entende-se enquanto documento e torna-se produtor de conexão. John Akomfrah (2017, p.33) compreende que o artista afrodiásporico diante da ausência tangível do monumento torna-se a possibilidade intangível de conexão entre temporalidades distintas – passado e presente , que neste caso aloca-se no corpo.

Memória do corpo, memória fotográfica e memória afetiva quando alocadas materialmente lado a lado complexificam-se, pois nessa conjunção lidam com seus suportes, suas trajetórias, seus usos e seus estatutos. Dentre essas linguagens, a fotografia quando adjacente ao corpo proporciona uma tensão enquanto suporte e enquadramento, ampliando o sentido de memória, que escapa da ação de congelar um dado momento em um suporte onde

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

assume o valor de documento. Esse estatuto possível a fotografia é direcionada ao corpo que também assume valor de documento e possibilidade de refazimento da memória. Essas articulações de linguagens é uma confluência nada dócil nem pacífica das formas de retornar aquilo que fora, entretanto, o corpo é o tempo numa constante atualização. Essa existência conjunta produz uma tensão desses territórios, mas também produz uma encruzilhada de códigos (MARTINS, 2010) existentes e presentes no próprio processo formativo da artista, reverberando em sua performance.

OS MEIOS E AS POSSIBILIDADES

Ultrapassando os uso de linguagens distintas, Mariana articula objetos, materialidades de diferentes origens e pertencentes a afeto, memórias pessoais e coletivas. O alumínio, material que compõe bacias e tinas conserva o saber e o labor de sua mãe, Dona Sônia Regina, que era lavadeira; a água, numa perspectiva afrodiaspórica, é espaço de comunhão do sagrado feminino e os objetos confeccionados – as rodilhas - pela própria artista carregam um saber e uma manualidade Nessa junção de materiais industriais, artesanais e naturais a artista tensiona a origem e os processos de elaborações e usos desses objetos e recurso.

A experiência artística do trabalho de Mariana Maia surge numa perspectiva de coletivização, ampliada pela performatividade capaz de proporcionar uma identificação com o fazer de um grupo social, político e estético que são as lavadeiras. “A arte tem sido um fazer coletivo, principalmente com mulheres negras” (MAIA, 2020). Seu trabalho torna-se a proposição de encontros de histórias identificadas com a água que é um elemento de conexão com o feminino, passado, trânsito e ancestralidade.

Mariana extrapola o uso e sentido das heranças visuais e materiais, num gesto e ação de ressignificação de símbolos que partem de um local pessoal e acessa, em certa medida, uma coletividade. Estendendo o sentido e compreensão de objetos, a artista ressignifica balde e contas, lavadeiras de lata d’água na cabeça e as *yabás*. O elemento que caí no rosto e se

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

instala na face não apenas remete a água por sua existência translúcida e cristalina, todavia aquilo se materializa e remete aos Imbés - uma espécie de véu que cobre o rosto - que são os fios de conta utilizados pelas figuras femininas em cultos de matriz africana. Em alguns casos esses fios saem dos Adés, uma espécie de coroa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CONEXÃO

CoroAção nos coloca diante de possibilidades, de tensões, questionamentos e caminhos. Nos faz refletir sobre a nossa conexão com as águas, nos faz ATLÂNTICAS e fonte de vida pertencentes a narrativas mitológicas capazes de trazer luz a nossa existência. Seu trabalho localiza-se numa encruzilhada de referências distintas tensionadas por memória e herança capaz de descentralizar e incutir outras possibilidades de construção de temporalidade e desierarquização estabelecida entre corpo e os produtos realizados pela mente. O corpo é um princípio e orientação para construção do saber e a água é a morada do sagrado feminino, é a nossa possibilidade de conexão com a ancestralidade. Édison Carneiro e Mestre Didi ao falarem das entidades femininas as associam as águas: “As águas estão relacionadas com o culto às entidades maternas” (MESTRE DIDI, p.115) e “Os orixás femininos – as *yabás* – são quase todas orixás de água e em geral gozam de larga popularidade [...]” (CARNEIRO, p.79).

REFERÊNCIAS

AKOMFRAH, John. **A memória e as morfologias da diferença**. O cinema de John Akomfrah: espectros da diáspora. Org: MURARI, Lucas; SOMBRA, Rodrigo. Centro Cultural Banco do Brasil. 2017-2018.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

MAIA, Mariana. **Entrevista Mariana Maia**. Disponível em:
<https://revistadesvio.com/2020/02/14/entrevista-mariana-maia/>. Acessado em 05 de agosto de 2020.

MARTINS, Leda. **A oralitura da memória**. Brasil afro-brasileiro. Org. FONSECA, Maria Nazareth Soares. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MCKITTRICK, Katherine. **Demonic grounds: Black women and the cartographies of struggle**. Minneapolis: University of Minnesota, 2006.

NASCIMENTO, Beatriz. **Transcrição do documentário Ori**. Quilombola e intelectual. Possibilidades nos dias da destruição. Diáspora Africana: Filhos da África/UCPA, 2018.

SANTOS, Juana Elbein dos; SANTOS, Deoscoredes Maximiliano dos (Mestre Didi Asipa). **Arte sacra e rituais da África Ocidental no Brasil**. Salvador: Corrupio, 2014.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ARTE E DEVOÇÃO POPULAR: A CIRCULAÇÃO DA IMAGEM DE ANASTÁCIA

Bernardo Wagner Marques-Baptista²⁴¹

RESUMO

A devoção à Anastácia, santa do culto popular brasileiro, se inicia em um museu anexo à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, no Rio de Janeiro, por proposição de uma irmandade negra. Na década de 1970 este espaço se transforma em um centro de devoção popular, onde devotos vão fazer pedidos e pagar suas promessas junto a uma gravura relacionada à Anastácia, de autoria de um artista viajante do século XIX, que reproduz os castigos coloniais que representam o silenciamento dos escravizados. Nas décadas de 1980, e nos anos subsequentes do fim do século XX, a imagem de Anastácia passa por ressignificações e transita por novos espaços, agenciando movimentos religiosos através da fé. No século XXI um jovem artista carioca propõe uma releitura decolonial, retirando os castigos impostos à representação de Anastácia.

Palavras-chave: irmandades negras; devoção popular; decolonialidade; circulação de imagens.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visou analisar os processos de circulação da imagem de uma santa popular, compreendendo os agenciamentos relacionados à devoção em um mundo marcado pela permanência da colonialidade. A devoção à Anastácia – reconhecida como mulher negra, escravizada no século XVIII, segundo a tradição oral dos devotos – se inicia em um museu

241 Doutorando em história da arte, PPGHA-UERJ, integra a equipe de pesquisadores do LAPA (Laboratório de Artes e Políticas da Alteridade) da UERJ e desenvolve pesquisas sobre a vida social e os percursos dos objetos a partir da alteridade na arte popular. Orientado pelo prof. Dr. Maurício Barros de Castro. Endereço eletrônico: baptista.bernardo@posgraduacao.uerj.br.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

anexo à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, em 1968, no Rio de Janeiro, por proposição da irmandade negra outrora gestora da Igreja.

IRMANDADE NEGRA: ORGANIZAÇÕES ASSOCIATIVAS NEGRAS

Organizadas em forma de associação de caráter privado, as irmandades são grupos de devotos “leigos” que têm como objetivo a manutenção de um culto ou devoção. Modelo tradicional que permaneceu como forma dominante do catolicismo brasileiro por mais de 300 anos, estes grupos detinham a posse dos santuários e beneficiavam-se economicamente dos eventos relacionados ao santuário e ao santo padroeiro. As irmandades surgem no contexto político do “padroado régio”, um acordo entre o Papa e o monarca, que dava ao rei de Portugal poder em assuntos religiosos assumindo então o papel de chefe político e religioso do Estado. Dedival Silva atenta que o estímulo à criação de irmandades representava a estratégia política de extensão do domínio a toda população através do padroado, e consequentemente do catolicismo, “tirando proveito dessa situação para tornar mais efetivo o seu controle sobre a sociedade colonial” (1997, p. 26). O projeto colonizador português desconsiderava a subjetividade do outro, e a fé católica é parte essencial do projeto colonizador.

De natureza religiosa, com o passar dos anos as irmandades, principalmente as de negros, se tornam núcleos de socialização, espaços centrados na ajuda mútua, solidariedade e caridade.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, localizada no Rio de Janeiro, foi criada em 1667 a partir da unificação das confrarias de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Na primeira década de 1700 começam as obras de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, em 1938 a Igreja e seu acervo são tombados como patrimônio, e em 1968 um incêndio consome boa parte do acervo. Com um caráter memorialista, após as reformas do espaço físico a Irmandade inaugura o museu com peças que foram salvas do incêndio e outras peças doadas.

CIRCULAÇÃO DE UMA IMAGEM DEVOTIVA

Na década de 1970, este espaço se transforma em um centro de devoção popular, onde devotos vão fazer pedidos e pagar suas promessas junto a uma gravura presente na exposição, de autoria de um artista viajante do século XIX, Jacques Etienne Arago, que reproduz os castigos impostos pelo empreendimento colonial, e expõe a violência e o silenciamento submetido aos subalternizados por este sistema, que de acordo com a tradição oral dos devotos e de parte da irmandade, a personagem retratada se trata da “Escrava Anastácia”.

Arago ao registrar a situação colonial e de sofrimento dos negros escravizados é agenciado por uma condição colonial em que tais castigos simbolizam o silenciamento destes subalternizados. Tais ações, como nos mostra Kilomba, compunham estratégias para que os mesmos permanecessem “imóveis”, como o próprio artista registra. Para Kilomba a principal função do castigo imposto pela máscara “era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo” (KILOMBA, 2019, p.33). Kilomba traz ainda análises que se entrecruzam com histórias orais contadas pelos devotos de Anastácia:

“[...] a boca também é uma metáfora para a posse. Fantasia-se que o sujeito negro quer possuir algo que pertence ao senhor branco: os frutos, a cana-de-açúcar e os grãos de cacau. Ela ou ele querem comê-los, devorá-los, desapropriando assim o

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

senhor de seus bens. Embora a plantação e seus frutos, de fato, pertençam ‘moralmente’ à/ao colonizada/o, o colonizador interpreta esse fato perversamente, invertendo-o numa narrativa que lê tal fato como roubo. (2019, p.34)

Tal imagem agencia novos movimentos religiosos, popularizando-a e evidenciando a imagem de Anastácia.

O Museu do Negro passa a ser “um espaço que oferece um acesso ao sagrado e um lugar especial de devoção oficial e extra-oficial” (PAIVA, 2009, p.142), e é neste espaço que surge a devoção à Anastácia. A sala que estava exposta a imagem de Anastácia era uma das mais requisitadas e possuía um grande número de ex-votos como pagamento de promessas.

Em 1980 a Irmandade é proibida pela diocese de expor a Imagem de Anastácia em espaço contíguo à Igreja - um ato da colonialidade negando a história não oficial. Com a aproximação do centenário da abolição e com a crescente procura do Museu por conta da Santa, a Igreja decide proibir o culto, alegando que não existem documentos que comprovem que a mesma viveu, e que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos usou da imagem de Arago para forjar uma Santa. Com isso surgem movimentos e organizações com o intuito de ordenar a fé popular de Anastácia, disseminando e ressignificando sua imagem.

A imagem de Anastácia circula pelos mais diversos estratos sociais, em formatos de ex-votos, medalhas e santinhos. Ao mesmo tempo, santuários são erigidos em sua homenagem, e torna-se monumento em praça pública, com marcada presença no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Ainda em 1980 é fundado o Movimento Pró-Anastácia (MOPRAN) com o intuito de manter o culto. O MOPRAN foi fundado por membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, e além da responsabilidade pela manutenção da devoção oficial de Anastácia, então proibida de ser exibida no Museu do Negro, também foi responsável pela instalação de um busto de Anastácia em uma praça de Benfica, bairro situado na zona norte do Rio de Janeiro. O busto teria sido “doado pelo ‘escultor/professor’ Jaime Vieira Sampaio”.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A MOPRAN transforma-se em Ordem Universal da Escrava Anastácia, associação privada com razão social fundada em 1987. Assim como as irmandades, a devoção à Anastácia se constitui em uma instituição associativa, e essa passa a zelar pelo culto da santa. Conforme exposto por Nascimento (1980) estas organizações associativas preenchem importantes funções sociais para a comunidade negra. Hoje o “santuário de Escrava Anastácia” se mantém na zona norte do Rio de Janeiro, no bairro de Oswaldo Cruz, mas já desvencilhado da Ordem Universal, uma devota mantém este santuário, com missas da Igreja Católica Brasileira.

No século XXI, o artista carioca Yhuri Cruz ressignifica a imagem de origem do culto à Anastácia, na Exposição Pretofagia realizada em 2019 no Rio de Janeiro. Em seu trabalho intitulado “Monumento à voz de Anastácia” o artista retira os castigos – máscara e grilhão. Se Arago é agenciado por um protótipo colonial, Yhuri Cruz, jovem negro do Rio de Janeiro, traz uma proposta decolonial para a imagem ressignificando-a. O artista utiliza o suporte gráfico popular dos santinhos, um suporte que a imagem de Anastácia já circula, para seu trabalho artístico. O gesto de reparação histórica chegou às salas de aula: a obra do artista foi incluída nos livros didáticos das mais de 200 escolas da rede Eleva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acompanhar a circulação da imagem de Anastácia por circuitos de devoção e da arte, este trabalho buscou apresentar as ressignificações da imagem e sua agencia decolonial nestes espaços de circulação.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 243 p.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Brasília: Fundação Cultural Palmares/OR, 1980.

PAIVA, Andréa Lúcia da Silva. **Os fios do trançado**: um estudo antropológico sobre as práticas e as representações religiosas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos homens pretos no Rio de Janeiro. um estudo antropológico sobre as práticas e as representações religiosas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos no Rio de Janeiro. 2009. 266 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os tambores da esperança**: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito na cidade de Bragança. Belém: Falangola, 1997. 302 p.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

LE CARREFOUR DE KOSSI EFOUI: UM EBÓ ARRIADO NA ENCRUZILHADA

Daniel de Jesus dos Santos Costa²⁴²

RESUMO

Esse resumo propõe analisar o texto dramático *Le Carrefour* (A Encruzilhada) do togolês Kossi Efoui. O texto foi traduzido para o português e encenado pelo Grupo de Pesquisa “Na Classe e em Cena” da Universidade de Brasília, sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Maria da Glória Magalhães dos Reis. Em 1989, Kossi Efoui escreveu a peça *Le Carrefour*, que conta a história de quatro personagens que estão numa encruzilhada. A epistemologia do “ebó”, que está centrada nos elementos da cultura afro brasileira, apresenta-se como suporte teórico para entender os caminhos de uma dramaturgia afro-diaspórica.

Palavras-chave: Kossi Efoui; *Le Carrefour*; Encruzilhada; Dramaturgia; Afro-diaspórica.

INTRODUÇÃO

Este resumo expandido tem o intuito de apresentar algumas reflexões teóricas sobre a obra teatral *Le Carrefour*, escrita em 1989, pelo togolês Kossi Efoui. Kossi Efoui nasceu em Anfoin no Togo. Ele é filósofo, romancista e dramaturgo. E desde 2005, Efoui é autor colaborador da *Compagnie du Théâtre Inutile*, tornando - se um dos grandes expoentes da dramaturgia de uma África negra de língua francesa.

242 Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília – UnB (2011). Pesquisador vinculado ao Laboratório de Literatura, Educação e Dramaturgias Contemporâneas – LEDRAC. Tem pesquisas sobre gênero, raça, sexualidade, corporeidade, performance e segurança pública. Integrou, como membro acadêmico, o Comitê Técnico de Cultura de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - LGBT do Ministério da Cultura (2013 - 2015). E-mail: danjcosta@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Kossi Efoui nasceu no ano de 1962, ano da independência de seu país. E desde então, as questões políticas se entrelaçam na sua vida. E nos anos 90, exila-se na França, por conta das perseguições políticas do regime militar do Gnassingbé Eyadéma, que presidiu o Togo durante os anos de 1967 a 2005.

L'inachèvement est chez moi lié au fait d'être né en 1962, dans une société qui inaugure en 1963 le premier coup d'État sanglant en Afrique. En 1967, Eyadéma prend vraiment le pouvoir. Plus tard je découvre tout cela et j'ai terriblement mal. Et c'est à partir du moment où j'ai commencé à mettre un mot à côté d'un autre sur un bout de papier que j'ai compris ce qui faisait mal. J'ai alors tout remis en cause. À commencer par l'histoire, et je continue à me dire : Qu'est-ce qu'on ne m'a pas dit ?²⁴³

Ao lado do marfinense Koffi Kwahulé, o togolês Gustave Akakpo, o congolês Sony Lab'ou Tansi e de outros dramaturgos de origem africana, Efoui apresenta a escrita como fator de alteridade na produção estética, negando o exotismo africano criado pelo Ocidente e permitindo uma produção instigante na contemporaneidade.

Estes autores defendem uma abertura para a alteridade, reivindicam o espaço do intervalo, o cruzamento, e escolhem se deixar atravessar por todas as influências, abarcar uma cultura diaspórica e, por fim, aceitar a perda para inventar o novo. (CHALAYE, 2017, pg.240).

Em *Le Carrefour*, Efoui apresenta um discurso poético ancorado no diálogo, levando em consideração, os fatores políticos presentes nos corpos colonizados, deslocados, deportados e perdidos dos seus personagens. Sem dúvidas, a frase de Efoui "*le miracle n'est pas de marcher sur l'eau mais sur la terre*"²⁴⁴ é, antes de tudo, um presságio dramaturgico.

243 Tradução: A incompletude está para mim ligada ao fato de nascer em 1962, em uma sociedade que inaugurou em 1963 o primeiro golpe sangrento na África. Em 1967, Eyadéma realmente tomou o poder. Mais tarde, descobro tudo isso e sinto uma dor terrível. E foi a partir do momento em que comecei a colocar uma palavra ao lado da outra em um pedaço de papel que eu entendi o que estava doendo. Eu então questioneei tudo. Começando com a história, continuo dizendo a mim mesmo: O que foi que não me disseram?

244 Tradução: O milagre não é caminhar sobre a água, mas sobre a terra.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A ENCRUZILHADA

A peça *Le Carrefour* ganhou o prêmio *Gran Prix do 16^a Concours Théâtral Interafricain*²⁴⁵ no ano de 1989. E retrata o universo de quatro personagens que estão numa encruzilhada: *Le Souffleur* (O Ponto), *La Femme* (A Mulher), *Le Poète* (O Poeta) e *Le Flic* (O Cana).

A Mulher tem uma postura de uma pessoa sonhadora e o O Poeta representa as artes e a liberdade. Os personagens A Mulher e o O Poeta estão numa encruzilhada. Um espaço simbólico onde “todas as estradas são armadilhas, onde não podemos ir além de sentar, levantar, dormir, gritar, chorar, morrer. Não podemos nem mesmo ir tão longe a ponto de fugir” (EFOUI, 2019, pg. 02).

A encruzilhada representa o lugar de encontro e também do desencontro. E, o lugar simbólico do sacrifício. Nas religiões de matriz africana no Brasil, a encruzilhada é um espaço sagrado, um território das escolhas de caminhos, das possibilidades de encontros, dos pedidos. É o local ideal para arriar (oferecer) um ebó²⁴⁶.

Como nos diz Santos (2012),

A encruzilhada, portanto, é um lugar de pausa, um momento parado no tempo, que leva à mudança de um estágio a outro ou, simplesmente, de uma situação a outra. Quando, portanto, oferendas nas encruzilhadas são depositadas, está se pedindo inspiração para o novo caminho que se deseja trilhar.

Os dois personagens estão presos na encruzilhada com suas histórias. Outro personagem da peça é o O Cana, que pode ser assimilado com a figura do ditador e do torturador, cuja sua única função é garantir a ordem e a lei, “porque nela tudo se resume em duas palavras: “Você prenderá e você condicionará” (EFOUI, 2019, pg. 07).

245 Tradução: Grande Prêmio do 16^a Concurso InterAfricano de Teatro.

246 É uma oferenda realizada a alguma entidade, orixá, nkisi ou caboclo das religiões de matriz africana no Brasil.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

E como diz a didascália, o personagem O Ponto é um “mestre de cerimônia ou um manipulador de marionetes” (EFOUI, 2019, pg. 01). A figura do O Ponto remete à figura do dramaturgo Kossi Efoui. Nesta linha, uma poética que costura os acontecimento entre a fábula e a realidade a partir de um “escritor rapsodo que junta o que previamente despedaçou e, no mesmo instante, despedaça o que acabou de unir” (SARRAZAC, 2002, pg. 37).

E os diálogos da peça são “*semblent à bout de souffle et se répètent inlassablement sans parvenir à être des vecteurs d’histoires autres que celles dans lesquelles le texte lui-même se mire*”²⁴⁷ (KONKOBO, 2011).

O texto teatral de Kossi Efoui entrelaça as fronteiras transdisciplinares presentes na riqueza poética e na resistência política dos seus personagens, sendo que, encontrar o caminho na encruzilhada é a razão para a existência dos personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto teatral *Le Carrefour* de Kossi Efoui é uma obra referencial para os estudos da dramaturgia da África negra de língua francesa. E Kossi Efoui tem uma escrita potente, que abarca diferentes vozes sociais e políticas afro diaspóricas.

E, sua obra *Le Carrefour*, apresenta reflexões sobre os paradigmas da poética do drama moderno e contemporâneo, sobre as relações metateatrais dos personagens e, sem dúvida, as correlações que estão presentes nas estruturas de saberes afro diaspóricos, que entrelaçam os países Brasil e Togo.

247 Tradução: Ofegantes e se repetem incansavelmente, sem conseguirem ser vetores de histórias diferentes daquelas em que o próprio texto é refletido

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

EFOUI, Kossi. **Le Carrefour**. Tradução do Grupo de Pesquisa “Na Classe e em Cena” sob coordenação da Professora Doutora Maria da Glória Magalhães dos Reis, UnB, 2019.

CHALAYE, Sylvie. O quilombismo das dramaturgias afro contemporâneas francófonas. In **Revista Rebento**. Nº 6 p. 236 251, 2017.

_____. Entretien avec Kossi Efoui, « Kossi Efoui : le “marronnage” de l’écrivain », **Afrique noire et dramaturgies contemporaines : le syndrome Frankenstein**, Editions Théâtrales, Paris, 2004, pp. 33-38.

KONKOBO, Christophe. **Le Carrefour du théâtre et ses revenants**. Disponível em <http://africultures.com/le-carrefour-du-theatre-et-ses-revenants-10499/> Acessado no dia 01 de novembro de 2020.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **A Encruzilhada da Vida**. Disponível em <http://mundoafro.atarde.uol.com.br/tag/mae-stella/> Acesso no dia 01, novembro de 2020.

SARRAZAC, Jean-Pierre. **O Futuro do Drama**. Porto: Campo das Letras, 2002.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O PENSAMENTO POLÍTICO DE AMÍLCAR CABRAL: A REAFRICANIZAÇÃO SOCIOCULTURAL E POLÍTICA COMO ARMA IDEOLÓGICA

Sabrina Maria Monte²⁴⁸
Maria Gabriela Vieira Leite²⁴⁹
André Alcman Oliveira Damasceno²⁵⁰

RESUMO

As lutas contra o colonialismo nos países africanos proporcionaram uma análise dos conflitos políticos e sociais, em virtude de um sistema de opressões devido a conjuntura que os colonizadores determinaram. Desse modo, as investigações acerca da resistência dos africanos e, principalmente, o alcance da independência dos países antes sob o julgo das autoridades europeias, possibilitaram analisar a firmeza e a segurança que os africanos transmitiram aos líderes políticos. Dessa forma, a pesquisa é um estudo da resistência cultural e política que Amílcar Cabral propagava para a libertação da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, que ocorreu, respectivamente, em 1973 e 1974, depois da morte de Cabral. Dito isso, a metodologia a ser utilizada é o levantamento bibliográfico da obra de Amílcar Cabral, de seus comentadores, tendo-se em vista sua reflexão em torno da reafricanização como arma ideológica contra o neocolonialismo e sua a determinação de alcançar as novas gerações.

Palavras-chave: Amílcar Cabral; Cultura; Política; Reafricanização.

INTRODUÇÃO

Amílcar Cabral nascido na cidade de Bafatá localizada na Guiné-Bissau, em 1924, foi um dos maiores escritores educacionais e revolucionários do continente africano, influenciando os demais com a sua facilidade de explanação das ideias. O mesmo defendia uma educação

248 Universidade Regional do Cariri – URCA, sabrinamonte148@gmail.com

249 Universidade Estadual do Ceará – UECE, mariagvleite@gmail.com

250 Orientador. Universidade Regional do Cariri – URCA, andrealcman@yahoo.com.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

revolucionaria, no qual, contemplasse todos os sujeitos, incluindo os analfabetos, pois a educação que ele pregava rompia com a formalidade educacional proposta pelos os governos. Ele se formou com uma bolsa de estudos no Instituto Superior de Agronomia (ISA), em Lisboa Portugal. Segundo Wick (2012), começou a atuar como defensor da independência da Guiné-Bissau a partir das observações realizadas dentro da Universidade. (CABRAL, 1980).

A epistemologia proposta pelo Amílcar Cabral era a principal arma de libertação da nação. No qual, precisavam-se partilhar conhecimentos estratégicos para alcançar o principal objetivo determinado pelo grupo, que seria a independência da Guiné-Bissau e consequentemente, Cabo Verde.

Em suma, os conflitos políticos e sociais eram caracterizados nas regiões de domínio Português, em que, as autoridades colocavam-se os colonizados para guerrilharem com os outros países, em busca de demarcação território e de riquezas. Dito isso, havia o conflito entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde. Porém, devido as estratégias estabelecidas pelos líderes, houve a união entre os povos. (CABRAL, 1980), (WICK, 2012).

Com isso, a proposta da pesquisa é averiguar as estratégias políticas determinadas pelo o Amílcar Cabral, como uma das principais ferramentas de combate a supremacia branca que estava no Poder dos países dependentes. No mais, investigar a partilha de conhecimentos que ele pregava para que os sujeitos pudessem confiar nele. No qual, tornou-se referência para os educadores que defendem um aprendizado de inclusão social.

METODOLOGIA

Para a realização da investigação será utilizado um levantamento bibliográfico de escritas de Amílcar Cabral e escritores que se dispuseram a pesquisar sobre a trajetória de vida, em especial determinando as suas ideias como ferramenta de enfrentamento a colonização. Devido a isso, será averiguado as estratégias políticas utilizadas para alcançar todos os sujeitos para conflitarem por suas terras.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

RESULTADOS

Amílcar Cabral um dos maiores líderes políticos reconhecia que a maior arma para pleitear a colonização seria a educação. No mais, o mesmo acreditava que utilizando de estratégias de conscientização seria possível alcançar todo o público em benefício da libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde. Devido a isso, em 1956, foi fundado o Partido Africano para Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), com o objetivo de agregar dois povoamentos colonizados. (CABRAL, 1980).

Ao organizar uma vanguarda para iniciar o embate com os portugueses, o partido deliberou que seria de antemão por meios pacíficos, nisso, foi escrito uma carta alegando que os guineenses estavam suplicando pelo fim da colonização, uma vez que, as terras não tinham lucros. O pedido foi negado. Com isso, a vanguarda iniciou a conscientização dos sujeitos, para futuramente guerrilhar com os portugueses. Esse método foi nomeado pelo o Amílcar Cabral como “Reafricanização”, que seria a conscientização política dos oprimidos. (CABRAL, 1980), RUDEBECK, 2012).

Com isso, a alienação que os portugueses fizeram, faziam com que o povoado acreditasse no merecimento da exploração, uma vez que, os castigos era a arma crucial para deter quaisquer rebeldias.

Reafirmar-se cidadão com direito as suas próprias terras era a tática que passaram a utilizar, pois, seriam mais compreensíveis de agregar, no mais, o Cabral já havia ganhado a confiança. (CABRAL, 1980).

Porém, no dia 20 de janeiro de 1973, Amílcar Cabral foi assassinado pelo próprio companheiro do partido. Cabral, pensava na libertação dos países, em seguimento, iria continuar com suas estratégias que seria pós-colonial. Rudebeck, indaga: “e se o Cabral não tivesse sido assassinato?”, no ponto de vista do autor, Amílcar Cabral estava pensando na Democracia Cooperativa, ou seja, haveria uma dimensão constitucional, no qual incluiria os

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

cidadãos nos planos de autonomia. Dito isso, 1974 a Guiné Bissau conseguiu a independência, posteriormente, Cabo Verde consegue em 1975.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amílcar Cabral buscou evidenciar as atividades que tivesse um alcance geral, ou seja, mesmo os cidadãos não compreendendo de forma científica a exploração das suas terras. Eles, entendiam a partir da experiência de vida, no qual, o Cabral buscou destacar esses pontos para que todos compreendessem a importância de lutarem por suas terras.

REFERÊNCIAS

CABRAL, A. **Nacionalismo e Cultura**. Santiago de Compostela: Laidvento, 1999.

_____. *A arma da teoria / coordenação Carlos Cominiti*. - Rio de Janeiro : codecri, 1980.

RUDEBECK, L. **Uma interpretação das teorias de Cabral sobre a democracia**. / Desafios Contemporâneas na África: o legado de Amílcar Cabral. (org.) Carlos Lopes. Editora UNESP, 2012.

SPAREMBERGER, A. **A reafirmação dos espíritos na obra de Amílcar Cabral: sobre um depoimento de Mario Pinto de Andrade**. Revista África e Africanidades - Ano II - n. 12 - Fev, 2011.

WICK, A. **A nação no pensamento de Amílcar Cabral** / Desafios Contemporâneas na África: o legado de Amílcar Cabral. (org.) Carlos Lopes. Editora unesp, 2012.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

PEDAGOGIAS CULTURAIS, PRÁTICAS ARTÍSTICAS E EXPRESSÕES ANTIRRACISTAS NO BOI TIRA TEIMA DE CARUARU-PE

Ridelma Barbosa de Moura Minhaqui²⁵¹
Mário de Faria Carvalho²⁵²

RESUMO

Refletimos acerca de expressões culturais que culminam para uma educação antirracista a partir das práticas artísticas do grupo cultural ‘Boi Tira Teima’, de Caruaru-PE. Dispomo-nos a discutir a importância das pedagogias culturais como fortalecimento das relações de cultura necessárias para a expansão dos processos pedagógicos relacionados a práticas que valorizam a diversidade racial e cultural. Refletimos a interculturalidade enquanto possibilidade de compreensão das diferenças culturais para o reconhecimento da multiculturalidade.

Palavras-chave: Pedagogias culturais; Interculturalidade; Antirracismo.

INTRODUÇÃO

Definido antropologicamente, o conceito de cultura é atravessado, muitas vezes, por ideias deterministas e por perspectivas reducionistas. Entretanto, as definições do termo devem sugerir-lo como um processo acumulativo, ligado às experiências ancestrais, como em um processo de adaptação e organização social diretamente ligado às subjetividades das pessoas (LARAIA), 2009).

Buscando compreender o processo que constitui a dualidade cultural, Marilena Chauí aponta a cultura como um campo simbólico e material das atividades humanas, articuladas com a divisão social do trabalho, a fim de destacar aspectos que levam “à distinção entre cultos e incultos, de onde partirá a diferença entre a cultura letrada-erudita e cultura popular” (1986, p.14).

251 Mestranda do PPGEduC – UFPE – Campus do Agreste. ridelma.moura@ufpe.br

252 Professor do PPGEduC – UFPE – Campus do Agreste. mariofariacarvalho@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Nesse sentido, as trocas culturais construídas pela população negra no Brasil, desde a colonização, possibilitam a percepção sobre ideias plurais, o que Candau (2016) conceitua de hibridismo cultural, ou a não existência de sociedades ‘puras’. Assim, conjecturar práticas pedagógicas antirracistas aponta a discussão de elementos emergenciais que vão além da educação escolar e que abrangem o contexto social amplamente, e que necessitam levar em consideração práticas culturais para a promoção da educação intercultural, tal como sugerido por Candau e Koff (2015).

METODOLOGIA

Optamos, neste estudo, por uma abordagem fenomenológica. Examinamos os acontecimentos em si e como os fenômenos são percebidos no mundo, a partir da premissa que “o objeto do conhecimento para fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito” (GIL, 2010. p. 14). Deste modo, já que pretendemos explorar aspectos culturais e artísticos vivenciados no contexto étnico-racial, entendemos a abordagem fenomenológica, em sua dimensão qualitativa (MINAYO, 2010), como pertinente ao nosso estudo.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Movimentos de cultura popular atuam, também, como ações educacionais de resistências. O *ethos* pedagógico construído a partir dos processos sensíveis e de trocas simbólicas desconstroem imposições e hierarquias sociais. Segundo Oliveira (1993), é através das práticas culturais que o povo afirma e reafirma as suas crenças, valores e a identidades. Neste sentido, a brincadeira do Bumba meu Boi, além do aspecto festivo, atua como espécie de contestação bem humorada do povo brasileiro (OLIVEIRA, 1993, p. 41).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Nessa perspectiva, o “Boi Tira Teima” de Caruaru, Pernambuco, que re(x)iste enquanto movimento de Cultura Popular através do tempo, frente às dificuldades, as relações de poder, de raça, ancestralidade, de gêneros, entre outros aspectos excludentes, aproxima-se do imaginário que ressignifica, a partir da arte, as dimensões de existência no mundo.

Com 98 anos de existência, o Boi tem mantido viva a tradição e os ideais de cultura popular, oferecendo formações políticas, culturais, afrodescendentes, baseadas nas ancestralidades, oficinas de formação profissional e atividades de assistência social, entre outras, às(aos) integrantes e para a comunidade rural em torno do terreiro do Boi.

Dentro da perspectiva intercultural de “respeitar diferenças e integrá-las em uma unidade que não as anule” (FLEURI, 2003, p. 17), compreendemos que o Boi Tira Teima incorpora em suas práticas o reconhecimento da diversidade a partir de diferentes processos artísticos que conduzem à reflexão e à ancestralidade.

Na perspectiva das pedagogias culturais, que segundo, Giroux e Maclaren, são “Instâncias culturais que transmitem conhecimentos, valores, habilidades” (1995, p. 144), compreendemos que as representações, discursos e ações culturais, promovidas pelo Boi Tira Teima, ressignificam identidades, subjetividades, a transmissão de afetos e da negritude em sua prática cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificamos nas ações promovidas pelo Boi Tira Teima a construção de práticas interculturais a partir das representações antirracistas e de lutas populares. O enfrentamento é forjado enquanto processo de resistência cultural, negra e popular. Cogita uma pedagogia cultural antirracista.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46 n.161, p. 802-820, jul./set., 2016.

CANDAU, Vera Maria e KOFF, Adélia Maria Nehme Simão e. **Didática Hoje: reinventando caminhos**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 329-348, abr./jun. 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular do Brasil. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FLEURI, R. M. (org.). **Intercultura**: estudos emergentes. Florianópolis: MOVER; Ijuí: Ed. Unijuí, 2001, p. 117-127.

GIROUX, Henry, MACLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.) **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 144-158.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**PENSAR A ESCOLA COMO ESPAÇO DE (TRANS)FORMAÇÃO ESTÉTICA
ATRAVÉS DAS ARTES AFRICANAS: DIÁLOGOS ITINERANTES**

Marlon Procopio Martins²⁵³

RESUMO

Este trabalho é oriundo de uma pesquisa monográfica sobre as contribuições de uma formação estética afrorreferenciada no contexto escolar. Destacamos a lei 10.639/03 para pensarmos estruturas curriculares menos fragmentárias, consonantes com um pensamento estético em que as dimensões relacionadas com a vida se sobressaem aos aspectos formais de uma obra. Baseados em Silva (2005) e Sousa Santos (2009), concluímos haver necessidade de uma desconstrução de narrativas hegemônicas na escola, bem como a formação de sensibilidades em um contexto aberto ao diálogo com a diversidade.

Palavras-chave: Formação Estética; Arte Africana/ Artes Africanas; Educação Escolar.

INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido por mim tem como tema Pensar a escola como espaço de (trans) formação estética através das artes africanas: diálogos itinerantes, que faz parte do meu trabalho monográfico, intitulado “Formação estética através da produção escultórica africana: contribuições da tradição Bantu para o contexto escolar”. Esse foi um tema que me chamou muito a atenção durante as disciplinas de Arte-Educação e Educação Estética, oferecidas na Faculdade de Educação da UFC durante os semestres de 2017.1 e 2019.2, respectivamente. Tanto em uma quanto em outra disciplina a questão de uma educação do sensível foi tema central em nossas vivências e estudos teóricos. Boa parte de nossas reflexões tiveram, sem dúvida nenhuma, grande importância para o desenvolvimento do presente trabalho, contudo

²⁵³ Experiência na área de Educação, bolsista do projeto de extensão da brinquedoteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (2018-2019). Atualmente se dedica a trabalhos voltados para a musicalidade africana e afro-brasileira, fazendo parte de grupos na cidade de Fortaleza como Maracatu Solar, Casa Caiada e Ulê Anú. E-mail: marlonprocopiom@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

senti necessidade de referências que pudessem aprofundar a questão de uma formação estética afrorreferenciada. Isso porque boa parte dos preconceitos que ainda temos com relação à produção artística africana se deve em razão de que nossas principais referências em estética são oriundas da experiência ocidental/ europeia.

METODOLOGIA

Enquanto metodologia, fizemos uso de uma abordagem bibliográfica, tendo como principais referências os estudos desenvolvidos por Altuna sobre cultura tradicional Banto, bem como o trabalho desenvolvido por João Francisco Duarte Júnior sobre educação estética; tivemos ainda como base o trabalho de Tomaz Tadeu da Silva sobre teoria curricular e Boaventura de Sousa Santos, sobre epistemologias do sul, entre outros.

O QUE PODEMOS ENTENDER ENQUANTO FORMAÇÃO ESTÉTICA?

Uma das primeiras questões com a qual o presente trabalho teve de lidar foi justamente em relação ao que podemos entender como formação estética. De acordo com Lago e Vani (2015), essa é uma questão diretamente relacionada com a possibilidade de diálogos transformadores induzidos pelo encontro com o outro, num jogo intersubjetivo. Ou seja, pensar em uma formação estética não implica apenas em atividades externas, como organizar visitas a museus e galerias, ou mesmo no aprendizado de técnicas em arte ou interpretação de obras. Tudo isso tem muita importância, mas quando nos referimos a uma formação estética significativa, estamos falando sobretudo de experiência, entendendo ser esse um conceito que diz respeito a tudo aquilo que vivenciamos e que modifica nosso estar no mundo, ampliando nosso campo existencial. Enquanto experiência, uma formação estética através das artes africanas, portanto, tem como objetivo promover encontros que possam

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ampliar nossa visão sobre arte africana, nos levando a enxergar a pessoa negra através da história não apenas como mão de obra num contexto escravagista, mas como produtora de cultura.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Podemos considerar que se a produção artística africana se desenvolveu de tal modo a estabelecer relações diretas com a vida, uma formação estética através das artes africanas vem a contribuir no sentido de pensarmos um currículo escolar de modo contextualizado, ressaltando-se a experiência comunitária como um *locus* de aprendizagens significativas, bem como no sentido de pensarmos a estrutura física da escola, uma vez que a mesma, em geral, tem se mostrado inadequada a uma aprendizagem que leve em consideração nossa corporeidade. De acordo com Machado e Oliveira (2016), essa é uma questão fundamental se quisermos compreender nossa cultura afroancestral, uma vez que o corpo, sendo produtor de sentidos, assume caráter textual, por meio do qual podemos ler valores, conhecer histórias - através do gesto, do caminhar, do dançar etc. Essa é uma postura fundamental para superarmos a dimensão dualista que levou a considerar as práticas relativas ao corpo no contexto Banto como inferiores, geralmente mal entendidas como sinônimo de promiscuidade.

Para concluir, consideramos ser necessário colocarmos em questão a prática do distanciamento do objeto de conhecimento enquanto uma abordagem científica, e que no lugar do distanciamento, possamos criar intimidade com o que deve ser conhecido, sempre levando em consideração a importância do diálogo não enquanto mera formalidade, mas como elemento fundamental de nossa prática, onde falamos a partir de uma experiência vivida, não mais como estrangeiros. Evidentemente, essa não é uma questão apenas de responsabilidade individual, mas implica em um projeto coletivo, onde não apenas a escola,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

mas também o poder público e as universidades possam trabalhar no sentido de mudar suas estruturas.

REFERÊNCIAS

ALTUNA, P. Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional banto**. 1ª ed. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.

LAGO, Clenio; VANI, Andressa Cristina. Experiência estética e formação: um desafio contemporâneo à educação. **Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas** UNIMEP, Piracicaba, v. 25, n. 63, 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/impulso/article/view/2140/1584>. Acesso em 14/ 06/2020.

MACHADO, Adilbênia; OLIVEIRA, Eduardo. Corpo e movimento: ancestralidade africana e encantamento - estética do bem-viver. In: **VI Memórias de Baobá**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2016, p. 13-21.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Simpósio Temático 10 – Filosofia Africana e Afro-brasileira

Coordenadores(as)

Prof. Dr. Francisco Silva (UFCA)

Prof^a Dr^a Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira (UFCA)

Prof. Me. Emanuel Marcondes Torquato (UFCA)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

XIRÊ, POTENCIALIDADE ÉTICA: EXPERIMENTO CONCEITUAL AFRICANO-BRASILEIRO PARA CRIAR MUNDOS POSSÍVEIS

Bruno de Jesus da Silva²⁵⁴

RESUMO

Proponho o Xirê, uma palavra iorubá que significa roda, brincadeira, ou dança utilizada para evocação dos Orixás nas religiões de matrizes africanas no Brasil, como ação ética. Intento refletir a filosofia africana-brasileira alicerçada no sistema cultural iorubano, que temos contato nos candomblés. Um experimento conceitual como ação ética para apontar possíveis contribuições nas relações interpessoais no reconhecimento de si, e do outro, enquanto negros, suas pluralidades enquanto alteridade. Abordagem potencial contra hegemônico, racismos e controle dos corpos negros.

Palavras-chave: Xirê; Corpo; Ética; Ancestralidade; Dança.

EXPERIMENTO CONCEITUAL AFRICANO-BRASILEIRO

O Brasil herdou do pensamento africano saberes culturais, religiosos, culinária, danças, música e filosofias. Muitas palavras que usamos no nosso dia a dia vieram da África como "marimbondo, tanga, sunga, canga, tamanco, quiabo, quitute, jiló, chuchu" como nos diz Silva (2011). Palavras como abadá, abebè, axé, Yá, Yaya, entre muitas outras são de origem iorubá. Nas religiões de matrizes africanas, no Brasil, o pensamento africano contribuiu para um sistema simbólico nos seus modos de existir, principalmente do povo iorubá, nas suas músicas, vestes, cantos, e formas de se relacionar com a natureza. Os iorubás são da África ocidental e atualmente estão na Nigéria, Benin e Togo, o antigo Daomé. Márcio

254 Artista, educador e pesquisador da dança. Mestre em Dança pelo PPGDANÇA UFBA. Docente Temporário da Escola de Dança UFBA. Pesquisa as culturas e danças negras em diáspora. Fundador da ExperimentandoNUS Cia. de Dança. Idealizador e programador do EPA! Encontro Nacional Periférico de Artes. Diretor do documentário RAIMUNDOS: Mestre King e as figuras masculinas da dança na Bahia. bruno.danca@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

de Jagun (2018) diz que os iorubás começaram a chegar no Brasil no meado do século XIX, sequestrados de suas terras e aqui escravizados pelos perversos europeus no período colonial, destruiu a humanidade com o tráfico de pessoas. Junto com os africanos sequestrados, vieram seus deuses, sua liturgia e sua cultura. Jagun (2018) afirma que a cultura iorubá apresenta valores étnicos, culturais e religiosos apresentando ao mundo imensa e sábia cultura do ser e existir enquanto humano, e seus potenciais de transformação. Com o levantamento filosófico e histórico de Márcio de Jagun (2018) podemos compreender as religiões de matrizes africanas, o candomblé com uma capacidade filosófica e produtora de conhecimento do corpo e suas relações com a natureza e cultura. Podemos mergulhar e perceber as muitas relações que estruturam as formas de ser na vida, sejam elas estéticas, éticas, costumes, comportamentos, danças e inúmeros saberes. Conhecer a história de África enriquece a consciência de quem somos. Faz de nós pessoas melhores, pois ao saber a história de África compreendo melhor a afrodiáspora brasileira. As implicações de África e os estudos pelo viés cognitivo e filosófico, nos dão a compreensão de que essas questões afetam o corpo. Uma vez que o corpo conhece e gera conhecimento, somos ações no mundo e sujeitos que têm memória e ancestralidade. Na medida que nossas ações no mundo nos permitem conhecer nossas histórias os modos de se relacionar com essas questões possibilitam compreender como somos afetados. Os processos cognitivos salientam os níveis de afetação e emancipação de corpos negros.

Os negros escravizados, junto a povos indígenas, reconfiguraram hábitos como comer, cantar, dançar, entre outros. Importante na reconstrução de novos modos de vida. Essas reconfigurações entre povos são caminhos de abordagens epistemológicas pois foram e são modos de existências de sociedades, de muitas pessoas. Nas religiões de matrizes africanas no Brasil, o pensamento africano contribuiu para um sistema simbólico nos seus modos de existir, principalmente do povo iorubá em seus valores, saberes e formas de se relacionar com a natureza. Para o professor Renato Nogueira (2014) uma filosofia afro-brasileira precisa dialogar com o universo cultural para que o pensamento filosófico atravesse e construa suas

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

práticas, contextos e suas implicações. Nessa perspectiva que intento um experimento conceitual do Xirê como ação ética.

Segundo Eduardo de Oliveira (2007) a ética é um modo de educação de corpos, cria realidades em busca de experiências de liberdade, mas com cuidado e compromisso. Esse compromisso são negociações relacionais no contexto. A proposta de experimentar o Xirê como ação ética, não tem pretensão de abordar as complexidades religiosas e sim perceber como os mitos africanos se reconfiguram e ressignificam em diáspora. Como o contexto de cada orixá que compõe o Xirê é potência de complementariedade, ou seja, o Xirê começa com Exu e finaliza com Oxalá, mas entre ambos respectivamente, existe muitos orixás, e cada um tem suas características e elementos e seu momento solo. Xangô divindade da Justiça carrega o oxê, um machado de dois gumes, Ogum divindade do Metal e da tecnologia, carrega o àgaga, uma espada e escudo. Oxum e Yemanjá divindades das águas doces e salgadas carregam seus abêbês, espelhos. Esses breves exemplos nos ajudam a pensar as relações que cada orixá tem em seus contextos sociais, interpessoais e suas forças da natureza. Renato Nogueira (2020) destaca que os mitos podem nos dizer muito sobre nossas relações. Nesse sentido se o Xirê reúne esses orixás, e cada um se compõe como força da natureza e seus símbolos de poder, logo podemos pensar que além de se complementar, eles proporcionam a percepções que ao negociar suas relações não nega o outro, ou seja, mesmo no dissenso se compreendem como pertencente ao coletivo, a exemplo do fogo complementa a água, que complementa as matas e assim por diante. Assim como pensar que as pessoas negras em diásporas podem encarar que são plurais, e que os tensionamentos, conflitos nos ensina a nos relacionar com nossos modos de vida.

A força é coletiva, a construção é coletiva, a relação é coletiva, (SODRÉ, 2017) nos ajuda a observar que as relações praticadas dos africanos e negros em diásporas, quando buscam uma harmonia cósmicas, não exclui o conflito, que na perspectiva filosófica gera oportunidades de caminhar em comunidade, ou seja, coletividade. Na perspectiva dos mitos africanos ressignificados em diásporas, é uma multiplicidade filosóficas particulares

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

vivenciados como canal de compreensão, interação e reconhecimento dos modos de vida (RAMOSE, 2011).

XIRÊ

Olhar para o Xirê a partir do mito e como os corpos podem apreender suas relações como ações éticas que vão fortalecer a si e ao seu contexto de negro em diáspora, implicado no racismo estrutural, cultural e sistêmico (ALMEIDA, 2018); (FANON, 2008). Uma possibilidade de expansão de enfrentamento aos racismos e ao poder dominante colonial que controla os corpos. As pessoas negras começam a se perceber no mundo como forças e que estas em coletividade terão uma força maior e poderosa. Podemos dizer que a sociedade é o Xirê e cada pessoa negra um orixá.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

FANON, Frantz. *Présence Africaine Nouvelle série*, No. 8/10. Le Ier Congrès International des Écrivains et Artistes Noirs. Paris, Sorbonne. 19-22 Septembre 1980. p. 122-13.

JAGUN, Márcio de. *Orí: A cabeça como divindade: História, Cultura, Filosofia e Religiosidade*. Ed. Litteris, 2018.

MACHADO, Vanda. *Pele da cor da noite*. Salvador: EDUFBA, 2017.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

_____. *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza: IBECA, 2003.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

RAMOSE, Mogobe. **Sobre a legitimidade e estudo da filosofia africana**. In: Ensaios Filosóficos, Volume IV - outubro/2011, pp. 9-25. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf. Acessado em 17 fev. 2016.

_____. **A ética do ubuntu. Tradução para uso didático de:** RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 324-330.

SILVA, Bruno de Jesus da. **Opaxorô, Ofá e Oxê: legado, narrativas de danças de Mestre King e Jorge Silva**. 160 f. il. Dissertação (Mestrado em Dança) - Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020 disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32120>. Acesso em 19 de setembro 2020.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998.

_____. **O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira**. Ed. Imago, 2002.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Simpósio Temático 11 – Corporeidades Negras nas Artes da Cena e da Imagem

Coordenadores(as)

Prof. Dr. Joubert de Albuquerque Arrais (UFCA/UFBA)

Prof^a Dr^a Elane Abreu de Oliveira (UFCA)

Prof^a Me. Gabriela Santos Cavalcante Santana (UFPE/UNIRIO)

Prof. Me. Gerson Carlos Matias de Sousa (Escola Livre Balé Baião/UECE)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A PESSOA NEGRA NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO: UM ESTUDO DE CASO DO JORNALISMO DA TV GLOBO

Paulo Junior Alves Pereira²⁵⁵

RESUMO

O telejornalismo segue sendo um espaço importante para o debate e conhecimento das questões do cotidiano. Vem, seguidamente, se reafirmando como lugar de relevância para o debate público. O telejornalismo brasileiro é marcado pela ampla branquitude. Fato notado em quase todas as emissoras. A Rede Globo não está distante desta lógica, portanto, seu telejornalismo também reproduz diversas nuances de branquitude. Diante desses fatos o presente trabalho almeja perceber, por meio de um estudo de caso, como se dá a presença da pessoa negra nos programas jornalísticos da Rede Globo de Televisão.

Palavras-chave: pessoa negra; telejornalismo; Rede Globo; branquitude.

INTRODUÇÃO

Os produtos televisivos são constantemente colocados em xeque, observados como em processo de superação ou de perda acentuada de relevância. Entretanto, o telejornalismo persiste sendo um espaço muito importante do cotidiano do cidadão, a TV continua ocupando um espaço fundamental no dia a dia da maioria dos brasileiros, algumas emissoras tem, inclusive, conseguido amenizar processos de perda de audiência (NOTÍCIAS DA TV, 2020).

Nesse caminho o telejornalismo garante-se como ponto importante do cotidiano, e assim como o todo da grade televisiva, ele também oferece representações e aportes narrativos a partir das imagens que entrega ao público. A branquitude tão presente na televisão brasileira não se distancia do telejornalismo, que se mantém majoritariamente branco. E nessa constância da branquitude o que se vê é uma eterna dança de valores, dança que ocorre na

255 Estudante de jornalismo da Universidade Federal do Cariri – UFCA. E-mail: p.junior.pj405@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

frente das câmeras e para elas, como parte do jogo imbricado que existe entre a TV e a sociedade (FRANÇA, 2012).

Assim como as demais grandes redes de TV, a Rede Globo tem o fator da branquitude fortemente presente em seu jornalismo, conseguindo, porém, algumas ações que permitem reduzir esse marcador frente as câmeras. Diante disso, o presente trabalho almeja notar como dar-se a presença da pessoa negra no telejornalismo da Rede Globo.

A PESSOA NEGRA NO TELEJORNALISMO DA TV GLOBO

A pessoa negra está sempre presente nos noticiários e outros produtos jornalísticos, quase sempre como alvo da notícia e poucas como quem profere a notícia. A negritude segue representando a maior parcela da população brasileira, 54%, segundo dados do IBGE. Porém, o ser negro persiste sendo invisibilizado no noticiário, posto em local de marginalidade e exclusão (OLIVEIRA, 2018).

Quando o negro não está neste local, quando ele se desloca territorialmente, o movimento racista também se desloca, pois ele passa a ver uma figura negra ocupando locais de destaque (SODRÉ, 2015). Isso ocorre simbolicamente na Rede Globo, a emissora possui sete programas nacionais que estão no campo jornalístico (Hora 1, Bom dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional, Jornal da Globo, Globo Repórter e Fantástico), sendo somente um deles ancorado integralmente por uma jornalista negra, trata-se do Jornal Hoje apresentado por Maria Júlia Coutinho (Maju). A inserção de Maju neste lugar, o de âncora, mexe com ânimos fora da TV. Tanto que foram diversos os ataques que a jornalista sofreu. E trataram-se ataques de cunho altamente racista. Maju teve sua competência e capacidade profissional posta em xeque seguidamente, algo que não ocorreu com outros profissionais brancos que assumiram postos de destaque no organograma da emissora.

Excetuando-se a Maju, no restante da grade nacional de jornalismo o que se vê á repetição de um padrão branco, dos âncoras aos repórteres e comentaristas. O profissional

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

negro surge, porém, como plantonista, sendo comum observar Heraldo Pereira assumindo a bancada do Jornal Nacional nas ausências de Willian Bonner. Assim como vem sendo comum ver Márcio Bonfim no Fantástico. Entretanto, tratam-se de aspectos pontuais e específicos. Logo, por mais que haja um mínimo a mais de profissionais negros na tela, isso não necessariamente significa uma efetiva evolução. Já que estes profissionais seguem em um grau de cota, e tendo sua presença contestada. Ou seja, essa imagem ainda está sob lógica da branquitude, insurgindo de modo mais firme somente quando a estrutura, ainda, dominante abre alguma brecha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pessoa negra no telejornalismo da Rede Globo tem um pouco mais de espaço, no entanto, esse espaço é seguidamente contestado por espectros da sociedade. Esse maior espaço também segue sendo mínimo, restrito a poucos rostos em números totais, menos ainda que são marcados pelo telespectador. A pessoa negra, mesmo entrando em processos diários de disputa narrativa, ainda é vista como menos capaz para determinadas posições de comando. Imagens como a de Maju ou Heraldo Pereira são perspectivas que furam a bolha. Entretanto, mesmo eles ainda podem ser apropriados por uma lógica branca, e até mesmo pela estrutura interna da empresa, que pode usar o fato deles estarem naqueles locais como fator de promoção ou de responsabilidade social da marca.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Vera In: França, Vera, GUMARÃES, Laura **Mídia, instituições e Valores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NOTÍCIAS DA TV. Globo aumenta diferença para rivais e SBT vira freguês da Record na

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

quarentena. Notícias da TV, 2020. Disponível em:
<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/globo-aumenta-diferenca-para-rivais-e-sbt-vira-fregues-da-record-na-quarentena-37360>. Acesso em 01 de novembro de 2020.

OLIVEIRA, Walkyria Jerônimo. Análise do discurso do jornal nacional: Um estudo de caso de como o negro brasileiro é apresentado no Telejornal. 2018.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**: Identidade, povo mídia e cotas no Brasil. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

AS CORPOREIDADES DO SAMBA DE CABOCLO EM PROCESSOS ARTÍSTICOS NAS DANÇAS NEGRAS BAIANA

Inah Irenam Oliveira da Silva²⁵⁶

RESUMO

As corporeidades do Samba de Caboclo nos aboia as filosofias, estéticas e poéticas realizadas em corpos negros diaspóricos. Observar as gestualidades dos Marujos (entidades ligadas ao mar), Caboclos de Pena (entidades ligadas as matas) e Caboclos de Couro (entidades ligadas ao sertão) nos possibilita matripotencializar outras epistemes corporais, abrindo a mata para investigar, criar, conduzir processos artísticos nas danças negras baiana, capazes de mergulhar em águas profundas da Cosmovisão africana (OLIVEIRA, 2003), da Matripotência (OYĒWŪMÍ, 2016), na poética do Orixá, (OLIVEIRA, 2016), nos donos da terra, (SANTOS, 1995), e navegar em memórias ancestrais para laçar futuros suleados no pulso da quebrantura coletiva do racismo. Seu Boiadeiro por aqui passou!

Palavras-chave: Samba de Caboclo; Corporeidade; Processos Artísticos; Cosmopercepção Africana.

INTRODUÇÃO

Entre a pluralidade de discussões sobre os sambas, suas origens e estéticas, talvez, a mais complexa seja a que samba o entendimento de como ele acontece no corpo. É um modo de vida. É um estar no mundo. Ser um corpo sambático. O samba é uma tecnologia ancestral de continuidade de existência estando presente em todas as camadas sociais. A configuração

256 Intérprete Criadora, Gestora, Curadora e Produtora Cultural. Bacharela em Artes pela UFBA, com concentração em cinema e audiovisual. Graduanda em Museologia pela UFBA e Mestranda em Dança pelo PRODAN/UFBA. Idealizadora do EPA! Encontro Periférico de Artes e da Batalha de Pagode Baiano. Pesquisadora das corporeidades do Samba de Caboclo e do Pagode Baiano. Orientadora: Daniela Maria Amoroso. E-mail: inahios@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

estética ressignificada na diáspora brasileira do legado africano, das etnias bantos das regiões Congo, Angola e Moçambique. Os elementos presentes nos sambas traçam caminhos para outras epistemes no campo da estética e dramaturgia em dança. Um dos mais vibrantes e fortes de um grande conjunto familiar é o samba de caboclo. Um samba que é festa, que é oração, uma das formas de cultuar os ancestrais donos da terra (SANTOS, 1995).

Embora haja locais dedicados a esses cultos, as vivências das relações com essas divindades é experienciada no cotidiano dos/as praticantes, que incluem preceitos e modos de se alimentar, de se vestir, de se portar, de falar, valores etc., que acompanham toda a sucessão de seus dias (NASCIMENTO, 2016, p.158 *apud* AMARAL, 2002).

Nos pensamentos em danças negras, as experiências na diáspora possibilitam a ressignificação de saberes, fazeres e valores africanos, mergulhando numa estética que tem nas tradições a base para as leituras contemporâneas. O arranjo dos terreiros de candomblé no Brasil são fontes inesgotáveis para as pesquisas corporais, e nele, temos a presença do samba de caboclo, uma celebração festivo religiosa, ligada ao culto dos ancestrais originários do Brasil e dos povos africanos de origem Congo e Angola. Separar o samba do culto ou da festa é de uma complexidade muito delicada. Mas, a corporeidade presente nesse contexto do sambar dos caboclos, é disparador para composições artísticas, as quais alinhadas a atravessamentos múltiplos denomino de sambografias cabocla. O samba é um estado único. Experiência singular irrepetível.

As gestualidades e movimentações realizadas no ato do sambar dos caboclos Marujos, Caboclos de Pena e Caboclos de Couro, através da narrativa de seus feitos e o manuseio de suas insígnias e ferramentas, a indumentária e vestimenta pela territorialização de sua origem, são ressignificadas a partir de inspiração na poética dos orixás (OLIVEIRA, 2016), para o contexto de pesquisa em dança e são organizadas como uma possibilidade de conduzir processos artísticos em dança em diversos espaços, como companhias e grupos independentes

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

de dança. Nesse texto, a criação do espetáculo *Pé no Chão!*²⁵⁷, coreografado pela artista Inah Irenam em duas versões é o ponto suleador.

METODOLOGIA

A partir de algumas gestualidades e movimentações dançadas nos sambas de caboclo, como o miudinho, um arrastar quase imperceptível dos pés no chão, barravento, cabriola, volteios, variantes de planos, transito energético, tónus musculares, respiração a pesquisa propõe práticas para experiências corporais e processos artísticos em dança ajuntadas a cosmopercepção da água, ar, fogo e terra, construtivos dos corpos e personalidades, a transitoriedade, complexidades artísticas, memória imagética, de cada corpo memória sendo acionada para sambografias cabocla.

Na obra artística a presença do Marujo representa as águas fluídas, movimentadas, calmas, lentas, agitadíssimas, profundas, turvas, frias e quentes, marés. O barravento, equilíbrio e desequilíbrio inspirado no balanço das águas, ou na metáfora do bêbado, ou da topada. Ao acionar mecanismos sensórios motores que estará presente em todas as movimentações cambaleantes e de giros. Aos Caboclos de Pena são desenvolvidas movimentações de enraizamento. Resignificando o manuseio das indumentárias as insígnias de caça, como o arco, flecha, lanças, capangas, técnicas de pesca. Com os Caboclos de Couro a agilidade, pulos, rodopios e saltos presentes na vigorosa dança dos Caboclos de Couro, Capangueiros, Vaqueiros, ou Sertanejos, são potencializadas. O cardiorrespiratório acelera-se em uma crescente ofegante, o tónus muscular é exigido com maior amplitude e é observada a liberação e aumento de energia. Para a construção são compartilhadas proposições de dança, com a inserção de elementos da memória imagética de simbologias para acionar as gestualidades e movimentações autônomas e emancipatórias contra uma proposta colonial de pasteurização de corpos e monodanças estratificada, copiada e altamente influenciada pelas

257 Link do espetáculo <https://youtu.be/EBWGuXXaIbM>

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

mídias a partir do momento da industrialização do entretenimento e tendo o samba como centro desse processo.

CONSIDERAÇÕES

A sambografia cabocla é uma proposição organizacional dos inúmeros modos e formas de pensamentos e práticas em dança. Dentro da pesquisa, ela é resultante das experiências estéticas dos corpos as quais tem ela como orientação para as suas criações, respeitando os limites, outros fazeres, pluralidade corporal e modos de vida pelo jogo das referências das gestualidades dos caboclos e elementos os quais estão ligados. Uma proposta matripotencializadora (OYĚWÙMÍ, 2016) que provoca a autonomia de corpos e suas multireferencialidades ancestrais, para a manutenção resguardada e difundida de legado africano e brasileiro.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, W. **Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis**. Ensaios Filosóficos, Volume XIII - Agosto/2016.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Marilza. **Ossain como poética para uma Dança Afro-brasileira**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **MATRIPOÊNCIA: ÌYÁ NOS CONCEITOS FILOSÓFICOS E INSTITUIÇÕES SOCIOPOLÍTICAS [IORUBÁS]**. Tradução para uso didático de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

OYĚWÙMÍ, Oyèrónk . Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por Wanderson Flor do Nascimento.

SANTOS, Jocélio Teles do. **O dono da terra: O caboclo nos candomblés na Bahia.** Salvador: Sahar Letras, 1995.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

CONCERTO EM 5 ATOS: DESCOLONIZANDO A HISTÓRIA BRASILEIRA POR MEIO DA ARTE

Guilherme Marcondes²⁵⁸

RESUMO

Como proposta para o ST 11. Corporeidades negras nas artes da cena e da imagem, parte-se do entendimento de que a colonização e a colonialidade modelam as estruturas da sociedade brasileira e, assim, regem as condutas dos indivíduos, através de mecanismos de apagamento da história africana e afrodiaspórica, propõe-se, então, a análise da produção de cinco artistas visuais negros/as/es brasileiros/as/es, por meio de um trabalho de cada um/a/e. Seus trabalhos são compreendidos como atos que recontam a história nacional no tocante à população negrodescendente, descolonizando o conhecimento sobre o passado, atualizando as lutas do presente e projetando novos futuros. Este trabalho é um recorte da pesquisa de pós-doutorado (PNPD/CAPES) em curso, a qual busca compreender os processos de legitimação de artistas negros/as/es no campo da arte.

Palavras-chave: Artistas Negrxs; Arte Contemporânea; Descolonização; História; Brasil.

INTRODUÇÃO

Preâmbulo: A destruição da colonialidade.

Tempo-histórico: 520 anos após o início da propagação do *vírus colonial* (MARCONDES, 2020).

Cenário: Ao sul do Atlântico, homens cis/hétero/cristãos/brancos/armados estão no poder, as florestas ardem em chamas, onde mais da metade da população das terras de dimensões continentais se compreende como negra ou parda, reconhecendo em seus corpos as marcas de pessoas que foram violentadas e roubadas, ao passo que foram resistentes e

258 Programa de pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará – PPGS/UECE, gui.marcondess@gmail.com. Pós-doutorando (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará – PPGS/UECE. Doutor e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UECE).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

combatentes. As violências coloniais são vistas em dados sobre desigualdades e assassinios. Alguns creem no antigo mito, datado do século XX, chamado *democracia racial*, mas há quem o combata para colapsar a estrutura social legada pela colonização.

Personagens: Cinco artistas visuais negrodescendentes que confrontam as regras do campo da arte e da sociedade envolvente. Artistas que em suas produções se contrapõem à história oficial do Brasil e, assim, constroem outras possibilidades epistemológicas para se pensar o mundo, o país e as relações individuais e coletivas.

METODOLOGIA

Com uma forma pouco comum para um texto sociológico, este artigo parte de um referencial teórico legado por autores/as negrodescendentes (a exemplo de: HOOKS, 2019; FERREIRA DA SILVA, 2019; KILOMBA, 2019; PAULINO, 2016) que combateram/combatem os efeitos da colonização, a fim de analisar a produção de cinco artistas também negrodescendentes. Tendo como base entrevistas realizadas, cada artista aqui parece em um ato (e reforço a ambiguidade do termo: no sentido teatral e no de ação-prática/transformadora) em que um de seus trabalhos é analisado. Os atos reunidos permitem, assim, a compreensão de suas narrativas no/sobre o Brasil de hoje, bem como os caminhos epistemológicos que têm criado para a destruição da sociedade vigente e a construção de outras formas societárias.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Ato 1 – *As páginas gloriosas da nossa história* (2019)²⁵⁹ / Personagem: Raylander Mártis dos Anjos / Cena²⁶⁰: vestidos em cetim dois pedaços de madeira com frases do romance *A Mestiça* / Ação: as memórias coletiva e a individual são reunidas, questionando as violências coloniais em termos de racialidade e gênero.

Ato 2 – *Reeducação* (2016) / Personagem: Priscila Rezende / Cena: por sobre páginas da bíblia é transcrito o mito ioruba de criação mundo / Ação: a descolonização da subjetividade através da recuperação de referencial histórico apagado/demonizado pelas ações coloniais.

Ato 3 – *Aqui tudo parece que é ainda paraíso e já é inferno* (2017) / Personagem: Marcel Diogo / Cena: carros em chamas / Ação: a metáfora de uma sociedade estruturalmente autodestrutiva, ao passo que indica a destruição do que está posto, permite a compreensão da derrocada colonial como possibilidade para a construção de modos societários não pautados nos até então vigentes.

Ato 4 – *Invenção da liberdade* (2020) / Personagem: Tiago Santana / Cena: imagens de indivíduos negros/as/es compostas por viajantes europeus em tempos de escravização são alteradas figurando imaginários de luta em busca da liberdade / Ação: em favor de outros imaginários para a população negra no país, a história da nação é contada de outra perspectiva que não a dita oficial.

Ato 5 – *Eu quero* (2020) / Personagem: Maré de Matos / Cena: empunhado como bandeira/escudo um tecido vermelho em que é possível ler: “eu quero incendiar esta configuração de mundo”/ Ação: com uma conformação de relações entre indivíduos e entre indivíduos e natureza pautada em padrões coloniais, bandeiras são erguidas e proclamam a necessidade de uma transformação radical das ditas relações, não cabe uma reforma, mas o fim do mundo tal qual conhecido para o erguimento de outro.

259 Cada ato recebe o título do trabalho de um/a/e artista que tem seu trabalho analisado. Neste resumo expandido, as imagens não puderam ser trazidas em virtude do espaço.

260 Cada cena traz a descrição breve do trabalho analisado no artigo.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colonização criou uma *dívida impagável* (FERREIRA DA SILVA, 2019) com indivíduos que foram/são historicamente subjugados em virtude da ficção *raça*, conceito criado para enquadrar realidades distintas da branco-europeia para fins de dominação e expropriação. E, criada na colonização, a sociedade brasileira ainda espelha padrões não condizentes com a massa de sua população, ancorando-se em ideais estéticos, políticos, culturais e religiosos concebidos por indivíduos brancos colonizadores, gerando desigualdades e traumas (KILOMBA, 2019).

Destarte, no que se refere ao campo da arte, se na história da arte brasileira o padrão era/é, como na sociedade envolvente, branco e a lógica corrente era/é a de pessoas negras serem representadas (como objetos) e não representantes (como sujeitos), ou seja, sendo retratadas e não como artistas legitimados/as/es (PAULINO, 2016), em meio à branquitude como padrão estrutural e estruturante, todavia, há indivíduos negrodescendentes atuando para estabelecer novos padrões epistemológicos e ontológicos que não se pautam em uma versão branca da história. Possuem, assim, um *olhar opositor*, aquele que busca mudar a realidade (HOOKS, 2019). Estes *olhares*, trazidos em cinco atos, são de pessoas que têm alterado as normatividades da arte/sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A Dívida Impagável**. São Paulo: Casa do Povo, 2019.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARCONDES, Guilherme. **Anticorpos para o Combate ao Vírus Colonial: Algumas**

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ideias através da arte. Disponível em:

<https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/04/29/ANTICORPOS-PARA-O-COMBATE-AO-VIRUS-COLONIAL-ALGUMAS-IDEIAS-ATRAVES-DA-ARTE>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

PAULINO, Rosana. **Diálogos Ausentes** (Palestra no Itaú Cultural). São Paulo, 2016.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7awdUzh9UVg>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DA PRÓPRIA PELE, NÃO HÁ QUEM FUJA: O XIRÊ COMO ÉTICA NOS CORPOS NEGROS QUE DANÇAM SUAS DANÇAS

Bruno de Jesus da Silva²⁶¹

RESUMO

Apresento o Xirê como ética na dança baseados nas noções de quilombismo, negritudes e na perspectiva da filosofia da ancestralidade. Sujeitos/artistas negros quando se relaciona uns com os outros, com suas histórias, suas danças, corporeidades e saberes próprios numa perspectiva de reconhecimento da diversidade estéticas de muitas danças negras em diáspora. Intento refletir como o corpo negro conhece e gera conhecimento a partir da ancestralidade de suas danças a construir modos de ser e existir enfrentando o racismo que nos lembra que “da própria pele, não há quem fuja”.

Palavras-chave: Dança Negra; Ancestralidade; Xirê; Racismo; Corpo.

DA PRÓPRIA PELE, NÃO HÁ QUEM FUJA

Enfrentamentos históricos, tal como o racismo, que fazem parte do meu cotidiano, associados à minha atuação como coreógrafo, bailarino e pesquisador de dança, principalmente por ser negro soteropolitano, fazem-me conhecer e reconhecer esses modos de ver/sentir o mundo e compreender epistemes da cultura negra, da cultura afro-brasileira como construção do saber e existir. Lakoff e Johnson (2002) afirmam que a categorização dos objetos e das experiências é fundamental para que possamos compreender o mundo e agir

261 Artista, educador e pesquisador da dança. Mestre em Dança pelo PPGDANÇA UFBA. Docente Temporário da Escola de Dança UFBA. Pesquisa as culturas e danças negras em diáspora. Fundador da ExperimentandoNUS Cia. de Dança. Idealizador e programador do EPA! Encontro Nacional Periférico de Artes. Diretor do documentário RAIMUNDOS: Mestre King e as figuras masculinas da dança na Bahia. bruno.danca@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

nele de maneira a 36 fazer sentido para nós. Portanto, a forma pela qual significamos as nossas experiências determinam nossos pensamentos e ações. Entrecruzar histórias pessoais nesta pesquisa é compreender-me com sujeito histórico.

Importante refletir como o corpo negro conhece e gera conhecimento com suas interconexões ancestrais na diáspora, construindo modos de existir por meio de retomadas de valores filosóficos e conversões próprias, enquanto sujeitos negros quando se relaciona com suas histórias, passado no presente especificidades como concepção de mundo e saberes próprios de seus povos e descendentes (SILVA, 2020). As religiões de matrizes africanas, a cosmovisão africana e a noção da filosofia iorubana, não entendem a concepção de corpo fragmentado. A noção de corponectividade é um modo de compreensão corpo/mente/espiritualidade/materialidade/orun/aiye/ori/ara/natureza que é ancestral nos povos africanos, como os iorubás. "É o corpo da natureza que dará o corpo à vida" (OLIVEIRA, 2007, p. 220). A relação com o mundo, conexão com a natureza é princípio da vida. Eles agem juntos, uma noção de constante, construções que movimentam a vida. A ancestralidade e a natureza esboçam o corpo conectado no fato de existir, em relação à diversidade que é parte de construção do corpo que sente o mundo.

O XIRÊ COMO ÉTICA NOS CORPOS NEGROS QUE DANÇAM SUAS DANÇAS

O corpo dança, entrelaça-se em ações, junção para manter-se vivo. As forças da natureza precisam ser conectadas para que tenham vida. Oliveira, quando nos diz que as divindades dos panteões dos orixás iorubanos são corpo naturais, postula que sem a integração constante agindo ao mesmo tempo não teríamos vida. "Ogum é corpo ferro; Xangô o corpo pedra; Oxossi o corpo mata; Ossaim o corpo erva; Yansã o corpo fogo; Oxalá o corpo ar; Oxum o corpo água; Yemanjá o corpo mar" (OLIVEIRA, 2007, p. 220). Uma vez, reafirmando, que a noção do corpo que somos nós, não é fragmentada, as abordagens teóricas e conceituais até então apresentadas se entrecruzam num Xirê de possibilidade de se

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

relacionar com suas danças e as danças dos outros pares. Importante pensar nas contribuições que se complementam. Os campos de estudos se ampliam em novas/outras abordagens e sentidos. Compreender o corpo, a nós, como uma rede de alimento a ampliar nossas concepções de mundo, para perceber, sentir nossas ancestralidades, sabedorias e ciências de pensamentos africanistas para ampliar o conhecimento africano e afrodiaspórico. Importante ouvir os mais velhos como nossas avós, as Mães de Santo, os Pais de Santo, as crianças, os cientistas, os professores e professoras e nós pesquisadores. Todas e todos nós, corpo, ara, corpos, produzimos conhecimento. Todas essas formas de produzir conhecimento demonstram a complexidade que somos. Neste sentido o corpo é testemunha, ele é a presença. Estou falando de corpo, pessoas, nós, sujeitos de nossas próprias histórias, inter-relacionadas com muitos repertórios, sobretudo, o legado africano reconfigurado e reinventado, principalmente as contribuições dos povos iorubás no Brasil, na 33 culinária, nas vestes, música, dança, escritas entres outras. O pensamento africano está inscrito nos corpos dos afrodescendentes e ascendentes, como nos diz Oliveira (2007). Nessa perspectiva afirmo que da própria pele não há quem fuja, pois o corpo, somos nós, construções históricas de muitas experiências. Essa pele como tecido que reveste ancestralidade. É preciso ler o texto do corpo para vislumbrar nele a cosmovisão que dá sentido à história dos africanos e afrodescendentes espalhados no planeta. Como o corpo é um texto dinâmico e a tradição de matriz africana um dinâmico movimento, é no movimento do corpo que vislumbro a possibilidade de uma leitura do mundo a partir da matriz africana, o que implica em decodificar uma filosofia que se movimenta no corpo e um corpo que se movimenta como cultura. (OLIVEIRA, 2007, p. 101) O corpo, como dito anteriormente, é testemunha. Testemunha de si mesmo no mundo. Ele é a construção de muitos textos que por vez até se confundem com o que está inscrito pela dinâmica produzida por contextos que o assassinam em vários aspectos, e/ou redirecionam o saber ancestral para o silenciamento de um povo/cultura, por exemplo. Porém, quando invocamos os olhares, o sentir das vibrações africanas, afrodiaspóricas, o ilu, o tambor, o que se inscreve e o que se lê, se transformam. É o alimentar-se como processo cognitivo,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

vislumbrado na cosmovisão africana como nos diz Oliveira (2007), que vai interferir na construção do corpo, pois o pensamento africano amplia o modo de ser/sentir/existir. Promove mais ginga na relação com a cultura, com o mundo, com suas formas de se relacionar. Em nossas vidas a cosmovisão africana, como completa Oliveira, dará mais sentido a nós afrodescendentes, (SILVA, 2020).

CONCLUSÃO

Respeitar outros saberes, reconhecer as pluralidades de povos, nos entendermos como sujeitos que afetam e são afetados, e como as danças negras nucleiam modos de ser/existir e sentir o mundo com valores e ressignificações filosóficos na afrodíaspóra. O Xirê possibilita pensar a ética nos/dos corpos negres que dançam suas danças e podem apreender suas relações como ações que vão fortalecer a si e ao seu contexto de negro em diáspóra. A trajetória da pesquisa mostrou que a percepção dos nossos próprios caminhos, implica em atentar aos caminhos dos nossos pares, os que nos compõem também. Espero contribuir com intervenção ampliada no que tange uma história da dança que se dá no corpo, reforçando a contribuição de um modo de produzir danças negras e de existência no mundo.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana.** Tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Educ, 2002.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira.** Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

_____. *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente.*
Fortaleza: IBECA, 2003.

RENGEL, Lenira Peral. **Corponectividade: Comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação.** Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: . Acesso em 20 jan. 2018.

_____. **Ensino/aprendizagem em Dança como emergência do procedimento metafórico do corpo.** In: KATZ, Helena; GREINER, Christine. (Orgs.). *Arte & Cognição: Corpomídia, comunicação, política.* São Paulo: Annablume, 2015.

SILVA, Bruno de Jesus da. **Opaxorô, Ofá e Oxê: legado, narrativas de danças de Mestre King e Jorge Silva.** 160 f. il. Dissertação (Mestrado em Dança) - Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020 disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32120>. Acesso em 19 de setembro 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

NARRATIVAS DRAMÁTICAS DOS CORPOS NEGROS ANÔNIMOS DANÇANDO NA RUA

Flávio Cardoso dos Santos Junior²⁶²
Luís Vitor Castro Júnior²⁶³
Ana Rita Queiroz Ferraz²⁶⁴

RESUMO

Ao som da música “Vai no Cavalinho” um casal dança protagonizando uma performance teatral que expressa enunciados emergentes das diversas experiências sensíveis. O estudo buscou analisar os diferentes saberes e potências estéticas presentes. Para tal, usou-se o programa Fraps para fotografar o vídeo. No “palco-rua”, ocorrem vivências inusitadas, fugais e imprevisíveis dos dançarinos que não se rendem às imposições da indústria musical colocada para controlar o gosto sonoro, o gesto e as formas rítmicas da dança.

Palavras-chave: Narrativas Dramáticas, Corpo Negro, Teatralidade, Anonimato e Cena Urbana.

INTRODUÇÃO

Trata-se de um vídeo que “viralizou” na grande rede, através do Youtube²⁶⁵, no ano de 2013. Não se sabe precisamente o local da cena, a cidade, o bairro e a rua; entretanto, procurou-se identificar e analisar os saberes e as potências estéticas no ato do dançar, bem como descrever alguns enunciados corporais subjacentes no audiovisual. Dançando “Vai no

262 Doutorando no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/UFBA e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: professorfaviocardoso@gmail.com.

263 Professor Titular-pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana. Coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão Artes do Corpo: Memória, Imagem e Imaginário. Vencedor do Prêmio Brasil de Esporte e lazer de Inclusão Social pelo Ministério do Esporte em 2009. E-mail: axevisor@gmail.com.

264 Professora de estágio no campo educacional. É líder do Grupo de Estudos Encruzilhadas da Diferença e integra o Grupo de Pesquisa e Extensão Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário. Tem experiência na área de educação, teatro espontâneo, corpo, riso, festa, políticas de subjetivação. E-mail: aritaFerraz@uefs.br

265 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UkiqBmNHOMI>

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Cavalinho” o casal, sem perceber a filmagem, protagoniza uma performance teatral que expressa enunciados emergentes das diversas experiências sensíveis de seus corpos.

METODOLOGIA

Para tal tarefa investida, usou-se o programa Fraps que possibilitou fotografar o vídeo. O mesmo permite transformar a imagem em movimento em imagem fotográfica, possibilitando a visualização das partes do vídeo. Acrescente-se ainda que se trata de um aplicativo que monitora e informa o número de quadros por segundos.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Na cena percebe-se o ritmo marcado pela música, movimentos de braços, pernas e especialmente dos quadris. A conotação sexual da letra “Vai no cavalinho” ganha vida nos movimentos pélvicos que simulam um coito, em ambos, homem e mulher. Ele traz à mão talvez um estilingue (bodoque), que utiliza como artefato cênico para a dança, para a doma, que, entretanto, não se consuma, provocando, contrariamente, novas solturas coreográficas; também com o “chicote” sugere a “palmadinha”, expressa na letra da música, muitas vezes utilizada no ato sexual com o objetivo de excitar os parceiros. Também tem atada à cintura, uma pochete (bolsa), remetendo a um falo, que balança sobre o baixo ventre na medida em que se movimenta. Uma dança do acasalamento tem lugar e dos movimentos de um corpo visto, corpo-molar, cavalo domesticado, um devir-animal precipita sua assinatura, envolvendo, formando “(...) um bloco que corre seguindo sua própria linha, ‘entre’ os termos postos em jogo, e sob relações assinaláveis (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

No “palco-rua” são produzidos, improvisadamente e instintivamente, gestos diferentes dos impostos hegemonicamente pela indústria musical e pela sociedade que impõe o modelo “perfeito” de corpo e padrões de movimento. O vídeo revela potências criadoras de conhecimentos, numa situação de dominação cultural instituída onde aparece inquieto o desejo de dançar a própria dança e os corpos emergem suas manias e manhas de “esquecer”, de “esconder” para “resistir”, sem perder a alegria.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 4ª ed. São Paulo-Brasília: Hucitec, 1999.

BIGBIG, Thales; COELHO, Sammy. **Vai no cavalinho**. Bahia: WS Edições Musicais, 2013. Casal dançando “**Vai no Cavalinho**”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LgqJXR7-4jk>. Acessado em 23/01/2013 à 23:00hs.

CASTRO JUNIOR, Luís Vitor; SANTOS JUNIOR, Flávio Cardoso dos; FERRAZ, Ana Rita Queiroz. **As performances dos corpos dançando na rua**: Narrativas dramáticas no vídeo Vai no Cavalinho. Revista Cenas Educacionais. Volume 2, número 2, pp. 96-111, 2019.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Volume 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

NOIRBLUE, CORPO-ALFORRIA

Joubert de Albuquerque Arrais²⁶⁶

RESUMO

Nesta discussão, apresentamos algumas percepções interseccionalizadas do corpo-artista presente no curta-metragem *NoirBLUE, deslocamentos de uma dança* (Ana Pi, 2017, BRA/FRA). Nossa hipótese é que esta peça mobiliza a relação entre dança e cinema como ver-ouvir-mover, ao tensionar a corporeidade negra como (coreo)política e (afro)diaspórica, deslocando-se enquanto cena-dançada, imagem-frame e palavra-escrevivência, configurando, assim, um "corpo-alforria". Compõe nossa argumentação a articulação de textos teóricos com escritas crítico-analíticas e entrevistas audiovisuais da artista.

Palavras-chave: NoirBLUE, dança e cinema, coreopolítica, afrodiáspora, corpo-alforria.

DANÇA, CINEMA E CORPOREIDADE NEGRA

As pessoas me falavam: ah, você vem da África do Sul.
Outras (diziam), da Etiópia.
Não, você vem do Congo.
Eu respondia, não.
Você vem de Moçambique?
Outros (diziam), você vem do Benin.
E eu só conseguia pensar assim: eu venho de todos esses lugares.
Algumas coisas eu vejo.
Outras eu tenho que imaginar.
(Ana Pi, 2017)

²⁶⁶ Professor adjunto da Universidade Federal do Cariri – UFCA, pelo Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte – IISCA e pela Pró-Reitoria de Cultura – Procult. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Dança – PPGDança/UFBA. Doutor em Comunicação e Semiótica – PUCSP. Mestre em Dança (UFBA) e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo (UFC). joubert.arrais@ufca.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Esta comunicação busca tensionar a relação entre Dança e Cinema como ver-ouvir-mover do corpo em movimento. Pretendemos, nesta escrita crítico-afetiva, apresentar alguns olhares-dizeres interseccionais do corpo-artista presente no curta-metragem *NoirBLUE*, *deslocamentos de uma dança* (Ana Pi, 2017, Brasil/França).

Nossa hipótese é que este trabalho artístico, também nomeado como peça coreográfica, tensiona a corporeidade negra como campo de forças (coreo)político e (afro)diaspórico. Faz isso quando se desloca enquanto cena-dançada, imagem-frame e palavra-escrevivência, difundidas e compartilhadas na internet, configurando o que chamamos, experimentalmente de "corpo-alforria".

Partimos do que diz a pesquisadora e ativista negra Angela Davis. “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. (DAVIS, 2017). Nesse sentido, o curta-metragem *NoirBlue* é um desses experimentos audiovisuais que tensiona a dança e o cinema no corpo em movimento e no movimento do corpo, deslocando uma dança autoral e como política e diaspórica com a corporeidade negra. Política enquanto coreopolítica (LEPECKI, 2011). Diaspórica enquanto afrodiáspora (KILOMBA, 2019).

No continente africano, a artista Ana Pi se reconecta às suas origens através do que compreende ser um gesto coreográfico, engajado num experimento espaço-temporal-imagético que une o movimento tradicional ao contemporâneo. A saber, Ana Pi é brasileira, mulher negra de Minas Gerais que vive na França, artista coreográfica da imagem. Há nas imagens e nas palavras faladas esse encontro com a África francófona, que foi/é o império colonial francês (as ex-colônias francesas no continente África, África sub-saariana).

CORPO-ALFORRIA

Nesse jogo audiovisual – de cena-dançada, imagem-frame e palavra-escrevivência – um corpo-artista torna-se corpo-alforria. *NoirBlue* é corpo diaspórico de gestos alforriados.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

NoirBlue é gesto coreográfico! *NoirBlue* é viagem coreográfica! *NoirBlue* é Níger, Burkina, Mali, Nigéria, Angola, Guiné Equatorial, Costa do Marfim, Etiópia e Maurítânia.

O que *NoirBlue* alforria e nos alforria? Do que *NoirBlue* é “corpomídia” (KATZ, 2005), e não apenas mídiacorpo, da afrodiáspora negra? *NoirBlue*: azul de tão preta, de tão preta é azul?

Ana Pi segue falando e movimento nas imagens: “... e foi nesse momento que resolvi pensar nessa expressão racista azul de tão preto. Foi uma questão que me coloquei: como eu criaria uma dança azul de tão preta?” Seu corpo-alforria é carta de alforria escrita com o corpo: ver-ouvir-mover, ouvir-mover-ver, mover-ver-ouvir.

O que vejo? O que ouço? O que movo? Na feitura de imagens, a artista trabalha no observar as coisas e como os movimentos se transformam nesse observar. Nessa diáspora-deslocamento do curta-metragem, os gestos nos lembram que foram as únicas coisas que os corpos africanos escravizados puderam trazer. E são os gestos que ficam em *NoirBlue*.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

NoirBlue é cena-dançada nos estados cênicos (ser visto) de um corpo-artista que se transforma em corpo-cidade. É cena pela frontalidade que constrói imagetivamente. É dançada porque o corpo em movimento enquadra intenções de ser dança, de um fazer-dizer do corpo, dança como pensamento do corpo que dança no mundo e com ele se desloca, questiona.

NoirBlue é imagem-frame nos instantes-já que captura nessa itinerância em terras africanas de um corpo-artista brasileiro sul-americano. São enquadramentos que nos fazem ver, ouvir e mover. São frames-paragens que inscrevem em nossas percepções imagens de um corpo tensionado pelo estar na cidade e sentir reconhecendo histórias que não lhe foram contadas.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

NoirBlue é palavra-escrevivência porque se constrói não somente como discurso de imagens, mas também discursos de palavras que fabulam as imagens, e não meramente legendas. Cada palavra é a presença de uma ausência que se “escrevive” (EVARISTO, 2006) a cada palavra que se torna imagem e cada imagem que se torna palavra.

É sim, autobiografia de quem se reconhece nessa diáspora africana e brasileira. Informações que ela não teve acesso porque não chegaram até ela, ou que não saíram de África.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. **Entrevista com Angela Davis**. El Pais Brasil. 27/07/2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2019.

KATZ, Helena. Por uma teoria do corpomídia. In: **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradutora Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LEPECKI, André. Coreo-política e coreo-polícia. In: **Ilha - Revista de Antropologia**. UFSC. Florianópolis, 2011.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O MOVIMENTO NEGRO GAÚCHO NA CENA DA DANÇA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE COLETIVOS ARTÍSTICOS

Amanda Santos Silveira²⁶⁷

RESUMO

O Coletivo Corpo Negra e o Coletivo Negressencia são dois grupos formados por artistas negros e negras vinculados à graduações em Dança no Rio Grande do Sul e, portanto, fazem parte do Movimento Negro universitário gaúcho. A partir disso, o que se propõe nesse trabalho é analisar a relação entre dança, movimentos sociais e educação. Esses coletivos negros podem ser vistos como um espaço de acolhimento, de militância e de manifestação antirracista através da arte, ressignificando as formas mais tradicionais de entendermos o Movimento Negro.

Palavras-chave: Movimento Negro; Coletivos Negros; Graduações em Dança; Rio Grande do Sul.

TRAJETÓRIAS DANÇANTES QUE ANCORAM O ESTUDO ETNOGRÁFICO

Este trabalho trata a negritude enquanto temática que mobiliza dois coletivos negros no Rio Grande do Sul, o Coletivo Negressencia em Santa Maria-RS e o Coletivo Corpo Negra em Porto Alegre-RS. No caminho que venho trilhando como artista-pesquisadora, constatei a importância da inserção em coletivos negros a partir das trajetórias e histórias de vidas de artistas e acadêmicos dos cursos de Dança da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), considerando o entendimento que trazem consigo sobre negritude e do lugar que o corpo negro na dança ocupa em meio a tudo isso.

267 Artista-pesquisadora, professora de Dança, integrante do Coletivo Negressencia, bacharela em Dança (2016), mestra em Ciências Sociais (2020) e doutoranda em Ciências Sociais pela UFSM. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, amandasilveira.danca@outlook.com. Orientadora: Ceres Karam Brum, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, cereskb@terra.com.br. Professora do departamento de Ciências Sociais da UFSM.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A participação em coletivos negros e a criação artística nesses espaços são consideradas como constituintes da experiência, ou seja, não são só atividades de militância. São conhecimentos produzidos pelos coletivos que reconstróem identidades, trazem questionamentos e ressignificações tanto sobre individualidades negras quanto sobre a sociedade como um todo. Portanto, com o olhar voltado para a arte, para a educação, para as relações étnico-raciais e com o desejo de realizar um estudo detalhado sobre a articulação do Coletivo Negressencia e do Coletivo Corpo Negra, apresento os dois grupos a seguir.

O Coletivo Negressencia foi criado como “Projeto Negressencia”²⁶⁸ em 2016 por Manoel Luthiery, na época acadêmico do curso de Dança Licenciatura da UFSM. Nesse momento há uma parceria com a UFSM de modo que o processo criativo, a gravação do DVD que registra o projeto e uma das sessões de apresentação do espetáculo foram realizados na instituição. O grupo formado por 17 artistas decide se manter como coletivo independente após o período de financiamento da FUNARTE e torna-se Coletivo Negressencia.

O Coletivo Corpo Negra foi criado por Gécica Oliveira, em 2016, vinculado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na época, era acadêmica do curso de Dança Licenciatura e idealizou o grupo para reunir mulheres negras da graduação em Dança para conversar e trocar experiências sobre a solidão da mulher negra principalmente na academia. O Corpo Negra atualmente é formado exclusivamente por acadêmicas negras da Licenciatura em Dança da UFRGS e além de criações e apresentações de dança, também é um projeto de extensão que dialoga com a comunidade porto-alegrense.

Há mecanismos capazes de discriminar negros e negras de maneira estratégicas e diversos produtores e reprodutores dessa dinâmica: a família, a escola, a mídia e a própria universidade. Entretanto, há possibilidades de reversão desse processo: os sujeitos negros e negras podem passar a valorizar suas características e o seu lugar na sociedade. Uma dessas possibilidades é a participação em grupos e coletivos de movimentos sociais, culturais,

268 O projeto foi contemplado com uma bolsa de fomento para artistas e produtores negros pela FUNARTE para a criação do espetáculo “Negressencia: mulheres cujos filhos são peixes”.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

artísticos e políticos. Essas experiências podem ser consideradas como parte de um processo de reconstrução pessoal, como ocorre com os integrantes do Corpo Negra e do Negressencia.

Enquanto um sistema que molda a vida social contemporânea, o domínio estrutural do poder, pode ser revertido quando é desafiado por amplos movimentos sociais (COLLINS, 2019). Já que o tema estrutura todo o estudo, é fundamental pontuar que na esteira do que propõe Nilma Lino Gomes (2018), é possível ressignificar e atualizar a compreensão do que é Movimento Negro nos dias de hoje, proporcionando um entendimento mais amplo e um uso mais flexível do conceito, destacando principalmente as relações no âmbito acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação em grupos e coletivos com objetivos culturais, artísticos, sociais e políticos estão presentes na comunidade gaúcha como experiências que podem favorecer um processo de reconstrução pessoal, social e educacional. É possível concluir que a inserção em coletivos negros também pode ser considerada como forma de agenciamento durante o processo formativo na graduação e que extrapola o ambiente universitário.

A partir disso, entendo que as ações coletivas são nítidos demarcadores das iniciativas da resolução de problemas sociais, principalmente porque na cena da Dança há um imaginário de corpo ideal com uma cor específica: branco. Tanto o Coletivo Negressencia quanto o Coletivo Corpo Negra são grupos formados por jovens negros intelectualizados e consciente racialmente. São sujeitos que, do/no/através do corpo, reivindicam à educação, o acesso e a permanência na universidade e arte negra gaúcha. Os coletivos, entendidos como grupos políticos produtores de experiências no campo da arte e da educação, ressignificam a questão étnico-racial dentro e fora do meio universitário.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes. 2018.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

OBSERVAÇÕES SOBRE A PRESENÇA DA PESSOA NEGRA NA TELENÓVELA BRASILEIRA

Paulo Junior Alves Pereira²⁶⁹

RESUMO

É quase impossível dissociar a televisão brasileira da telenovela, trata-se de um produto altamente marcante e popular. Esse produto tem entre seus marcadores a massiva presença de atores brancos. Logo, fórmula percepções imagéticas dos corpos que são evidenciados. Nesse seguimento, a presença da pessoa negra traz alguns caminhos específicos, delimitando papéis e/ou abordagens. Diante desse aspecto, e tendo como fator de análise a novela Segundo Sol, de 2018, o trabalho busca perceber as matizes que marcam a presença cênica das pessoas negras nas telenovelas brasileiras.

Palavras-chave: telenovela; branquitude; negritude.

INTRODUÇÃO

As telenovelas são facilmente compreendidas como um dos principais produtos da televisão brasileira. Com histórias marcadas por clichês, elas seguem angariando público e produzindo ressonância, estabelecendo quase que um modo clássico de produção, e nesse contexto a classicidade em destaque vai do enredo à escalação de atores e definição de papéis. As telenovelas se configuram nacionalmente como um dos principais representantes da indústria cultural e do seu poder de produção (LEAL, 1986).

A telenovela oferece ao espectador uma perspectiva de leitura de mundo, oferece ao seu público um viés interpretativo para fatos e questões. Estas questões podem ser do campo do cotidiano, ou totalmente idealizadas ficcionalmente. O que importa neste caso é a

269 Estudante de jornalismo da Universidade Federal do Cariri – UFCA. E-mail: p.junior.pj405@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

necessidade de reflexão sobre o modo de representação, e o enquadre que vem sendo direcionado para alguns pontos essenciais a vida nacional (KEHL, 1991).

Nesse caminho o debate sobre a pessoa negra e o racismo esteve muitas vezes em foco nestas produções, porém, há que se problematizar a forma como a pessoas negra é representada, quais papéis são destinados a esses atores, notando os aspectos cênicos engendrados para que o ator/atriz negro (a) surja nestes produtos. Defronte a isso, o presente trabalho deseja perceber as matizes que marcam a presença cênica de pessoas negras nas telenovelas, a partir de observações da novela Segundo Sol, de 2018.

EM SEGUNDO SOL, O SOL ILUMINA POUCO A NEGRITUDE

As produções das 21h normalmente tendem a contar com um maior cuidado no modo de abordar e tratar determinadas questões, buscando, ao menos, não ficar tão sobre o campo da superficialidade, apesar de estarem constantemente marcados por um viés melodramático (GOMES, 2011). Neste caminho, esperava-se que Segundo Sol, telenovela veiculada em 2018, entre 14 de maio e 09 de novembro do referido ano, fosse seguir por uma trajetória semelhante, tomando cuidado no método de abordagem das questões da trama, e também com a escalação de atores.

A novela que se passava em Salvador-BA, cidade com 80% da população negra (SOARES DIAS, 2018), entretanto, o que se via desde as chamadas era uma Bahia extremamente branca. Nas chamadas de promoção e divulgação da telenovela eram evidenciados 26 atores, somente 03 eram negros. Quando a veiculação do produto teve início se constatou que dentre todo o elenco somente quatro atores negros exerciam papéis de destaque, e estes reviviam eternas funções e contestações destinadas a esta população.

Então, mais uma vez se notou-se aspectos de sub-representação, a ponto de a extensão do número de atores negros somente ter sido aplicada devido a ações do Ministério Público. Entretanto, o que se viu foi a colocação do negro como personagem de transição, ou seja,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

umentou-se o numero de atores negros, porém, seus personagens tinham pífia relevância e rapidamente eram esquecidos pela trama.

Aqueles quatro que tinham maior engendramento cênico estavam em posições de subordinação, então, viu-se a repetição do papel da doméstica, que é a mãe dedicada e devotada, personagem de Cláudia de Moura. A contestação do personagem negro que ascende socialmente, papel de Fabrício Boliveira. Além da repetição do ideal estereotipado da mulher escultural, função de Roberta Rodrigues. E por fim, o amigo fiel e dedicado a tal ponto que chega a colocar-se em segundo plano, posto de Dan Ferreira. Ou seja, ocorre em segundo sol a repetição dos arquétipos trazidos por Joel Zito Marques no documentário “A Negação do Brasil”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Sol apenas escancarou em tempos contemporâneos aquilo que já se nota a muito tempo, a pessoa negra na telenovela brasileira ainda encontra pouco espaço, sendo seguidamente representado por vieses mais negativos que positivos. Sua cultura ainda é, muitas vezes, apropriada como algo do campo do folclore, raramente como parte indissociável e fundante das bases brasileiras. Há, ainda, a percepção do negro como elemento de suporte e apoio ao branco, estando a ele inteiramente disponível ou entregue, nesse processo, o ser negro persiste retratado de forma periférica e exclusiva. Deste modo, as construções cênicas, diálogos, interpretação corporal tendem a configurar a pessoa negra, no contexto da telenovela, ao dogma do arquétipo e do estereótipo. Tendo, ainda, poucas produções novelísticas capazes de contrapor firmemente esse aspecto, Segundo Sol poderia ser uma delas, todavia, não é.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

GOMES, Itania Maria Mota. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 18, n. 1, p. 111-130, 2011.

KEHL, Maria Rita In: **Rede Imaginária: televisão e democracia**/ Adauto Novais (org)- São Paulo: Companhia das Letras, secretaria municipal de cultura, 1991.

LEAL, Ondina Fachel. **Leitura social da novela das oito**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

SOARES DIAS, Guilherme. Salvador é a meca negra: todo negro precisa ir ao menos uma vez. **Carta Capital**, 2018. Disponível em:
<https://www.cartacapital.com.br/blogs/guia-negro/salvador-e-a-meca-negra-todo-negro-precisa-ir-pelo-menos-uma-vez/>. Acesso em 02 de novembro de 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

PAISAGENS AFRODIASPÓRICAS: MEMÓRIAS E RITUALIDADE EM JOGO

Gabriela Santos Cavalcante Santana²⁷⁰

RESUMO

Esse texto tem como objetivo o compartilhamento de notas e pensamentos sobre a produção de imagens cinestésicas e sensoriais, “paisagens”, mobilizadas por meio de ações investigativas realizadas por três trabalhos de dança. À saber: Erranças (2014), Assentação (2020) e o mais recente ainda sem nome. Todos, motivados por vivências e estudos desenvolvidos no doutorado em andamento no Programa de Artes Cênicas da UNIRIO, sob orientação do Professor Dr. Zeca Ligiéro de jogo, dança e luta. Para tanto serão apresentadas estratégias criativas e pensamentos em torno da performatividade resultante do diálogo com elementos e dinâmicas constituintes das corporeidades afrodiaspóricas experienciadas e testemunhadas no e pelo corpo. A comunicação abre espaço de reflexão sobre a produção de subjetividades em meio a memórias e identidades coletivas.

Palavras-chave: afrodiáspora, performance, memória, ritualidade, jogo.

INTRODUÇÃO

Este texto busca somar à produção de trabalhos no campo contemporâneo da dança que articulam saberes de performances culturais de tradições afrodiaspóricas.

Duas indagações servem como ponto de partida: Como entrelaço saberes inerentes às performances de tradição afrodiaspóricas ao meu trabalho de dança? E ainda, como alinho a minha pauta criativa, o combate ao pensamento moderno-colonial? Estruturado por sua vez sobre estigmas, estereótipos e racismos que até os dias de hoje impõem bases supremacistas que essencializam e dicotomizam nossas corporeidades afrodiaspóricas.

270 Professora do Departamento de Teoria da Arte da UFPE. Doutoranda do Programa em Artes Cênicas da UNIRIO. gsgabisca@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

A redução da complexidade inerente aos processos culturais da afrodiáspora foi tema central da crítica realizada pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall (2006). E ainda que sua tese tenha problematizado representações culturais negras desde o pensamento pós-moderno em países da América do Norte, grande parte de suas ideias auxiliam-nos a pensar quão importante elas são para a superação de modelos e representações essencializantes também no fazer artístico local. Ainda que seja necessário aprofundar o debate sobre a especificidade deste fazer, no Brasil.

O momento essencializante é vulnerável porque naturaliza e desistoriciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significado “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, nos valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir. Além disso, como sempre acontece quando naturalizamos categorias históricas (pensemos em gênero e sexualidade), nós fixamos este significante fora da história, da mudança e da intervenção política (HALL, 2001, p 157).

METODOLOGIA

Pelas razões aqui expostas compartilho a seguir, breves ideias sobre os modos investigativos de Erranças (2014) e Assentação (2020). Ambos, trabalhos mobilizados por vivências e investigações de jogos caracterizados pelo embate lúdico/marcial de matrizes e motrizes da diáspora africana ou por elas influenciadas, sendo o de maior engajamento pessoal a capoeira Angola. Elejo discorrer enfaticamente sobre a construção de imagens cinestésicas e sensoriais que acontecem em meu corpo durante investigações improvisadas em ambos os trabalhos na direção de uma gramática gestual afrodiáspórica.

Essas paisagens não possuem uma forma única. Algumas vezes ocorrem no cruzamento de sensações acionadas por memórias pessoais, sinestesias e ou formação de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

imagens simbólicas e ou metafóricas, a medida em que o corpo descobre na improvisação o seu caminho, como descrito a seguir:

Então, passo a esfregar os bastões, até percuti-los um sobre o outro cruzando-os a minha frente. Olho entre o cruzo, levanto os paus e apoio um de cada lado do meu pescoço. É uma postura, um momento efêmero, até a matéria se acomodar em meu pescoço... como grilhões, acendo o touro, não sei porque resisto a imagem, talvez muito pronta, ergo meu olhar, me coloco firme, tenho minhas armas comigo. A mesma postura, mas outra atitude. O búfalo, se transforma em minotaura, mais uma vez. A energia dela está em mim (Gabriela Santana, 2020).

Este pequeno trecho exemplifica muitas outras notas pessoais que deflagram uma poética tecida por estados corporais rituais que conectam memórias, temporalidades e imaginações.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

No caminho acima descrito, a ritualidade e a qualidade de risco e surpresa presentes nos muitos jogos da diáspora africana não são dinâmicas encenadas e sim, forças motrizes (LIGIÉRO, 2011) que me possibilitaram cruzar aspectos biográficos, identidades, memórias e corporeidades que foram encarnadas ao longo de diversas experiências pessoais em contextos das tradições afrodiaspóricas; sobretudo na capoeiragem.

O caminho até aqui traçado possibilitou o reavivamento de situações *in loco* que superam a ideia de cópia e repetição, alimentando a compreensão e a valorização de saberes próprios as tradições aqui pesquisadas, tal como a relevante contribuição da professora Inacyra Falcão (2009) em uma abordagem de dança que, assim como esta, visa a superação de situações de ensino-aprendizagem exclusivamente realizadas em estúdios e sala de aula, buscando o respeito e a valorização de saberes afrodiaspóricos plurais.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

DOS SANTOS, Inaicyra Falcão. **Dança e pluralidade cultural: corpo e ancestralidade.** *Múltiplas Leituras*, v. 2, n. 1, p. 31-38, 2009.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura popular negra. **Revista Lugar Comum.** Rio de Janeiro: UFRJ, n. 13-14, p. 147-159, 2001.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras.** Garamond, 2011.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**TRANSNEGRIR: CORPOREIDADES DESOBEDIENTES E PEDAGOGIAS
ANTICOLONIAIS NAS ARTES CÊNICAS**

Lau Santos²⁷¹

RESUMO

O presente texto discute processos criativos e pedagógicos para produção de Presença Cênica à luz das cosmogonias africanas, a partir das corporeidades que emergem na hibridação das linguagens da dança, do teatro, da performance e da música enquanto potencialização de saberes ancestrais e sensório-afetivos. A questão que se coloca é: não seria a gramática das corporeidades afrodiaspóricas uma ação anticolonial? Os materiais cênicos, denominados *transnegrações*, resultantes desses processos pedagógicos-criativos foram apresentados como intervenções estético-políticas em espaços públicos. A produção de presença cênica se configura, neste caso, como um instrumento político, estético e pedagógico para produção de experiências artísticas afrorreferenciadas e anticoloniais.

Palavras-chave: Presença Cênica, Saberes Ancestrais, Afrorreferenciada, Anticolonial.

**INTRODUÇÃO: TRANSNEGRIR, UM VERBO PARA COMETER
TRANSNEGRAÇÕES CÊNICAS**

O presente resumo expandido discute processos criativos e pedagógicos para produção de Presença Cênica à luz das cosmogonias africanas, a partir das corporeidades que emergem na hibridação das linguagens da dança, do teatro, da performance e da música enquanto

271 Doutor em Teatro, diretor, ator, professor, pesquisador. Atualmente é professor substituto na Escola de Teatro da UFBA. Integra os grupos de pesquisa GIRA/PPGDANÇA/UFBA e REDE AFRICANIDADES/FACED/UFBA. É Pesquisador-Associado no Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição – LEECC. Professor-Colaborador da Escola de Dança/UFBA. E-mail: lau_ator@hotmail.com.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

potencialização de saberes ancestrais afroreferenciados. A pesquisa apresentada fez parte de um estágio pós-doutoral realizado na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia nos anos 2018 e 2019. As reflexões desenvolvidas ao longo do texto visam discutir possibilidades pedagógicas e estéticas contra coloniais, tendo em vista a potencialização da presença cênica a partir de princípios utilizados nas práticas performativas afrodiaspóricas.

Esses princípios têm como base uma gramática corporal que instaura a produção de ações, as quais denominamos *transnegações*, que resultam em experiências performativas elaboradas dentro de uma perspectiva crítica e contra colonial, no que diz respeito à presença do corpo negro na performance ou ação cênica. A questão que se coloca é: não seria a gramática das corporeidades afrodiaspóricas uma ação anticolonial? A partir desta pergunta se configura uma hipótese de que o corpo negro, arquivo ancestral, quando em movimento, deve agir de forma transgressora, opondo-se a um comportamento determinado por regras estéticas colonizadoras. Como afirma Boaventura de Souza Santos: “As epistemologias do Sul não aceitam esquecer do corpo porque as lutas sociais não são processos que se desenrolam a partir de kits racionais. {...} Os corpos são performativos e assim, através do que fazem, renegociam e subvertem a realidade existente” (SANTOS, p.138, 2019).

Sendo assim, a dinâmica proposta nos processos criativos dessa pesquisa de nome *Elinga, a Presença Cênica: as Práticas Performativas Afrodiaspóricas e a Decolonialidade no Processo Pedagógico e Criativo da(o) Performer/Dançarina(o)* teve como ferramenta conceitual dar visibilidade a processos pedagógicos e criativos que utilizam as expressões culturais de matriz africana como práticas performativas desobedientes, em oposição aos padrões epistêmicos e estéticos hegemônicos euroreferenciados. Para elaborar experiências criativas, estéticas desobedientes, nas quais o corpo opera como lugar de produção e recepção de ações, elegemos a estratégia metodológica da pesquisa-ação – termo difundido pelo pesquisador Michel Thiollent (1986). Segundo Thiollent:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

“[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (1986, p. 14).

ELINGA: CORPOS-ARQUIVOS SÃO ARMAS POÉTICAS TRANSGRESSORAS

A palavra *Elinga* de origem bantu pode ser traduzida como **ação**, ou iniciativa, enquanto que a base conceitual da ideia de dramaturgia é a palavra drama, que em grego quer dizer ação. Assim, uma das funções mais importantes de encontrarmos o termo *Elinga*, um equivalente para denominação grega, foi ampliar a compreensão da noção de corporeidades diante da produção de presença cênica.

O antropólogo Julio Tavares na introdução do livro “Gramática das Corporeidades Afrodiaspóricas, Perceptivas Etnográficas” (TAVARES, 2020) pergunta: “O que pode o Corpo Negro?” No intuito de indagar sobre o território expansivo dos *corposnegros*, que vivem em uma tensão constante dentro de um sistema capitalista, racista, violento cujo propósito é exterminar a população negra, ousamos produzir respostas que invocam na ancestralidade os reais fundamentos estéticos para uma luta anticolonial e antirracista. A peculiaridade da pesquisa nos revela Tavares (2020):

“Quando destacamos o corpo negro referimo-nos a um corpo em sentido oposto à sua redução de fisicalidade e sob a condição meramente maquinica. Corpo negro, aqui, é entendido como fenômeno que transcende dualidades, por isso mesmo plástico, dinâmico, autopoético, resiliente, adaptável e atravessado pelas mais distintas formas de “dobras” e “quebras” localizadas pós-travessia atlântica. Corpo que é sobretudo plural e síntese dos corpos que foram aprisionados e embarcados e trazidos para voraz máquina econômica do antigo sistema colonial” (TAVARES, 2020, p.20).

Portanto, não se trata de exercitar um jogo de nomenclaturas. Em *Elinga*, os princípios pedagógicos criativos que trabalhamos durante nossos estudos inscrevem-se como um atitude

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

anticolonial produzida por corporeidades desobedientes que coexistem em um jogo de confiança e risco. Os materiais cênicos, denominados *transnegações*, resultantes desses processos pedagógicos-criativos foram apresentados como intervenções estético-políticas em espaços públicos. A produção de presença cênica se configura, neste caso, como um instrumento político, estético e pedagógico para produção de experiências artísticas afrorreferenciadas e anticoloniais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transnegrir, portanto, configura-se como um gesto vivo, um movimento da luta pelo reconhecimento e pela reconfiguração geopolítica e a produção conceitual de outros pontos de vista, outros princípios pedagógicos marcados por sentimentos, processos rituais e territoriais nos quais, como diz Muniz Sodré: “A constituição do espaço-lugar é um passo original no acultramento do indivíduo ou do grupo, é marcação diferencial de funções e destino” (SODRÉ, p. 80, 2019). Neste contexto a ação de *transnegrir* os paradigmas europeus no campo das artes cênicas é uma forma política e estética de ocupar e produzir lugares no mundo contemporâneo. A abordagem pedagógica utilizada nos encontros laboratoriais fundamentou-se nos significados social, político e cultural do corpo como uma experiência mobilizadora de ações transgressoras contra o colonialismo, o patriarcado e o capitalismo.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Boventura de Souza. O Fim do Império Cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Lau. Èmí, Ofò, Asé: a Elinga e a dança das “Mulheres do Àsé”. Rev. Bras. Estud. Presença. V. 10, n. 3, e92149, 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

SILVA, Vagner Gonçalves. Exu, o Guardião da Casa do Futuro. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SODRÉ, Muniz. O Terreiro e a Cidade: A Forma Social Negro-Brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

TAVARES, Julio (org.). Gramáticas das Corporeidades Afrodiaspóricas. Curitiba: Editora Appris, 2020.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

“SEGURA O COCO”: ESTÉTICA DA DIÁSPORA NO COCO DE RODA NOVO QUILOMBO

Hermana Cecília Oliveira Ferreira²⁷²

RESUMO

O Quilombo Ipiranga está localizado entre o Vale do Rio Guruji e o Rio Gramame e existe nessa localidade há mais de 200 anos. É composto por cerca 230 famílias e está localizado próximo ao município de Conde, na região do litoral sul no estado da Paraíba. Na localidade, além da agricultura familiar, (principal fonte de manutenção), existem artesãs e artesãos que confeccionam instrumentos musicais e bio-joias. Crianças e jovens são dançarinas e dançarinos, músicos e mestras de coco – *principal expressão cultural do lugar*. Na associação “*Novo Quilombo*” as reuniões são quinzenais e estão acontecendo com um número reduzido de pessoas por conta da pandemia de COVID-19. As festas que aconteciam na noite do último sábado de cada mês foram suspensas por conta da doença que no Brasil matou mais de 150 mil pessoas no ano de 2020. Apesar disto a comunidade resiste produzindo artesanato, instrumentos promovendo oficinas culturais e vivendo basicamente da agricultura familiar e auxílios de programas governamentais.

Palavras-chave: arte afrodiaspórica; performance; educação patrimonial; cultura afro-brasileira.

INTRODUÇÃO

O objeto

A arte produzida pelos negros do Brasil em um nordeste transatlântico se revela por artefatos estéticos que manifestam a partir de artifícios lúdicos histórias de resistência,

272 Mestre em Sociologia (PPGS/UFPB), hermanacof@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

memória e identificação com uma África fora dela. Assim, este trabalho busca conferir visibilidade à comunidade quilombola do *Quilombo do Ipiranga* – Guruji-PB e sua atuação no grupo de coco de roda “Novo Quilombo”.

“Samba negro
Branco não vem cá
Se vier
Pau há de levar”

Coco de Roda.



Fonte: Acervo da Missão de expedições folclóricas (1938), Mario de Andrade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

METODOLOGIA

Com o intuito de delinear particularidades do grupo no que diz respeito às ações de articulação cultural, performance e à educação patrimonial afrocentrada, tendo em vista que esta expressão – o coco de roda Novo Quilombo, fotografias auxiliarão a ilustrar o objeto da pesquisa que se constitui de elementos plásticos, musicais, performáticos e semióticos específicos que produz esteticamente uma resposta à necropolítica praticada em tantos anos de escravidão de pessoas africanas – os negros e seus descendentes. Existe uma ligação direta entre os traços estéticos dessa expressão artística e o lugar afrodiáspórico no qual foram inseridos os negros e seus descendentes a partir da escravidão, e essa ligação é observada no corpo. São encontrados na manifestação deste tipo de cultura tradicional tão presente na Paraíba, dança, coreografia, gesto e performance, somados às melodias narradas em versos poéticos quantificados. Apesar de Mario de Andrade e Oneyda Alvarenga (2000), terem encontrado na Paraíba o elemento de expressão percussiva “*na pancada do ganzá*” –

“definidora da função do instrumento de apoio não só do ritmo, mas da invenção músico-poética em seu conjunto, aparece exclusivamente, e sempre heptassílabo completo, nos Cocos de Chico Antônio, que, se não for o dono dela, é sem dúvida a fonte do nome escolhido (...)”

As considerações do presente resumo se aterão aos elementos plásticos e performáticos que ensinam, através da música praticada, principalmente, com o corpo, na luta por reconhecimento desse grupo em especial.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

EXPOSIÇÕES TEÓRICAS E DISSIDÊNCIAS CONCEITUAIS

Ayala (1999) caracterizou o coco por “possuir música e poesia intimamente ligadas”. Entretanto, distanciando-me um rapidamente da circunscrição da oralidade poética e da busca por pesquisadores brancos e eruditos pela harmonia musical, busco enxergar no coco de roda, assim como encontramos na capoeira, elementos dissidentes do gosto cultural de uma classe branca europeizada, observando, para isto, *elos performativos que sugerem a libertação pela pedagogização praticada em gestos de corpos afrocentrados*.

Diante da dupla consciência promovida pelos termos e expressões oriundos da África transatlântica, é possível identificar conceitos estéticos próprios da arte negra produzida no nordeste do Brasil. Assim, este trabalho propõe atualizar noções cristalizadas em nosso imaginário social e sociológico sobre uma dada expressão artística tradicional produzida por africanos e seus descendentes no nordeste brasileiro. Essa re-tradução conceitual, analítica e teoria necessita ser alcançada, tendo em vista que os grupos de cultura tradicional a exemplo do Novo Quilombo, expressam-se e possuem voz própria, se autointitulam e promovem educação patrimonial no diálogo com os demais segmentos de uma *sociedade complexa*.

ALGUNS RESULTADOS DA APROXIMAÇÃO COM O CAMPO DA PESQUISA

A partir desse fragmento observamos que o mestre canta para alguém que é consciente do processo de escravização, mas, sobretudo, do espaço corpóreo de liberdade apesar do projeto escravagista. O coco, portanto, nasce enquanto resposta ao aprisionamento de corpos afrodiaspóricos. A dança é elaborada dentro do círculo, ora individualmente, ora no encontro do par, depois pula-se de volta no sentido oposto no encontro de outro par. Elementos performáticos encontrados no coco de roda também são encontrados em sambadas de cavalo-

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

marinho, samba de roda e rodas de capoeira. A roda, ou o círculo, comunica a unidade afrocentrada que negocia com vozes e corpos a performance da libertação.

*“Negro racharam os pés
de tanto sapatear
de dia vai pro açoite
de noite pra batucar”*



Fonte: Festa do coco: Coco de roda Novo Quilombo, 2019.

CONSIDERAÇÕES QUASE FINAIS

*“Ê meu pai quilombo
Eu também sou quilombola
A nossa luta é todo dia
Toda hora”*


XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ABREU, R. “**Tesouros humanos vivos**” ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural - notas sobre a experiência francesa de distinção do “**Mestres das Artes**”. In: ABREU, R. e CHAGAS, M., orgs. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ADORNO, Theodor W. - **Teoria Estética**, Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. **O ensaio como forma**. In:  Sociologia. Org. Gabriel Cohn. Trad. Flávio R. Kothe et al. São Paulo: Ática, 1986.

ANDRADE, Mário de. **Os cocos**. Prep., introd. e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo, Duas Cidades; Brasília. INL/Fundação Pró-Memória, 1984, BASTIDE, Roger. *As Américas negras*. São Paulo: EDUSP, 1974 [1967].

AYALA, M.I.N. **Os cocos: uma manifestação cultural em três momentos do século XX**. In: AYALA, M.I.N. e AYALA, M., orgs. **Cocos: alegria e devoção**. Natal: EDUFRN, 2000.

BENJAMIN, Walter, **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**; tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. - 7 ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Sociologia**; introdução, organização e tradução Flávio R. Koethe; São Paulo: Editora Ática, 1985.

_____. **Tentativas Sobre Brecht**; Prólogo e tradução de Jesus Aguirre; Madrid: Taurus, 1987.

FANON, Frantz. “**Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. Tradução de: *Peau noire, masques blancs*.

FLAKSMAN, Clara M. **Narrativas, relações e emaranhados: Os enredos do candomblé no Terreiro do Gantois, Salvador, Bahia**. Tese de Doutorado - Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

FRAGA FILHO, **Encruzilhadas da Liberdade**. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). Campinas, Ed. Unicamp, 2006.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**; tradução de Cid Knipel Moreira. - São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos. 2001.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOLDMAN, Marcio. **A relação afroindígena**. Cadernos de Campo, São Paulo, 2014.

_____. **Cavalo dos Deuses**: Roger Bastide e as transformações das religiões de matriz africana no Brasil. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, V. 54, N°1. 2011.

https://www.youtube.com/watch?v=aELmjaF9uzU&ab_channel=CulturaParaibana.

KILOMBA, Grada (2019) “**Memórias da Plantação**”.

SKIDMORE, Thomas E. “**Preto no Branco - Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro**”. Companhia das Letras.

ZUMTHOR, Paul “**Performance, recepção e leitura**” de Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify 2007, 2ª edição, 128 p.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Simpósio Temático 12 – História, Memória e Ancestralidade Indígena

Coordenadores(as)

Miscilane Costa Silva (UFCEG)

Francisco Joedson da Silva Nascimento (Geografia/UFU)

Prof. Dr. Thiago Florêncio (NEDESA/História/URCA)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A RESISTÊNCIA INDÍGENA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: UM ESTUDO NARRATIVO ACERCA DA PERSISTÊNCIA INDÍGENA NA COLONIZAÇÃO

Maria Gabriela Vieira Leite²⁷³
Sabrina Maria Monte²⁷⁴

RESUMO

Quando os colonizadores cruzaram o território brasileiro se depararam com o equivalente a 11 milhões de indígenas, após um século de contato com os colonizadores, o extermínio dos povos indígenas ocorreram em torno de 90%, havendo um genocídio iniciado pelas doenças trazidas pelos colonizadores e o etnocídio colocando em risco a cultura dos povos originários. Com isso, proponho um estudo de revisão bibliográfica sobre as narrativas acerca do “descobrimento” do Brasil trazendo uma reflexão crítica, buscando compreender a especificidade histórica e de resistência da sociedade indígena do Brasil. Como também, a produção do conhecimento colonial e suas narrativas sobre a nação brasileira, trazendo como referência os estudos dos autores Benedito Preziosi e Manuela Carneiro da Cunha sobre a resistência indígena brasileira.

Palavras-chave: Indígenas; Resistência; Narrativas; Colonização.

INTRODUÇÃO

Pouco se sabe da história dos povos originários no período do “descobrimento” do Brasil, e a ideia que os indígenas aceitaram e não existiu resistência deve ser excluída do imaginário da sociedade brasileira, eles nunca aceitaram a colonização europeia e a

273 Mestranda no Programa de Sociologia da Universidade Estadual do Ceará – UECE,
mariagvleite@gmail.com

274 Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri – URCA,
sabinamonte148@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

dominação de seus corpos. Como afirma Prezias em sua obra “História da resistência indígena. 500 anos de luta”: Ao contrário do que se estuda na escola, a capitania de Pernambuco, chamada inicialmente de Nova Lusitânia, isto é, Novo Portugal, não viveu com muita tranquilidade e progresso. As lutas de resistência indígena foram constantes. (PREZIAS, 2017, P. 31).

Para a realização dessa obra o autor levou 12 anos de pesquisa sobre a história dos povos indígenas que é tão esquecida e na maioria das vezes escrita pela visão do colonizador, girando em torno das civilizações da América. Como bem fala o título da obra “História da resistência indígena- 500 anos de luta, o autor percorre a história do Brasil pelo enfoque da resistência indígena desde a chegada dos portugueses até os anos 2000. Para Prezias o importante era resgatar as lutas dos povos originários e mostrar que o genocídio dos povos originários não foi só físico, como também cultural.

DISCUTINDO A ESPECIFICIDADE HISTÓRICA E DE RESISTÊNCIA DA SOCIEDADE INDÍGENA DO BRASIL

Compreender o lugar dos povos indígenas na história e na sociedade é refletir e repensar como os intelectuais escrevem sobre esses povos e sua cultura. É importante rever e trazer um novo olhar e novos posicionamentos que traz os povos originários com apenas objeto de pesquisa, numa perspectiva colonizadoras.

Reconhecer os indígenas como sujeito de sua própria cultura e história é inseri-los na História do Brasil enfatizando suas lutas e resistências. Com isso, torna-se necessário novas abordagens teórico-metodológicas para tratar da imensa riqueza epistemológica dos povos indígenas, que fuja dessa ciência ocidental, (re)significando a identidade indígena na história.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

METODOLOGIA

Os escritos coloniais permitem a construção de uma análise histórica e etnográfica da dinâmica da colonização indígena, fundamental para construção e compreensão das trajetórias dos povos indígenas por um olhar equivocando e que se fundamenta uma perspectiva eurocêntrica e evolucionista.

Para a realização desse escrito, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a história dos povos indígenas no Brasil, por meio de livros e artigos científicos, trazendo uma reflexão e uma investigação das trajetórias de resistência da população indígena brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da sociedade Brasil é narrada (na maioria das vezes) como já havia mencionado, pela visão do colonizador, pela civilização da América e a modernização trazida pelos europeus, uma perspectiva de salvar os povos que viviam de forma primitiva e que não estavam inseridas no sistema que logo seria conhecido como capitalismo.

A forma eurocêntrica que foi narrada a história da sociedade brasileira tende a apagar da memória do povo brasileiro a contribuição histórica, política e cultural dos povos originários de diversas tribos indígenas que existiam e foram eliminados no processo de colonização.

Este escrito não pretende preencher todas as entrelinhas sobre a história e a resistência dos povos indígenas no Brasil, vem mais como uma reflexão para se pensar a formação do Brasil sobre a perspectiva indígena que é pouco falada e debatidas, um exemplo de resistência vivida por séculos.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

BALANDIER, Georges. “A noção de situação colonial”, Cadernos de Campo, São Paulo, USP, vol. 3, 1993.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A Sociologia do Brasil Indígena. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1972.

CUNHA, Manuela C. da. (Org). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Cia da Letra e Secretaria. Municipal da cultura, Fapespe, 1992.

PREZIA, Benedito. História da resistência indígena. 500 anos de luta. São Paulo: Expressão Popular: 2017.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DIREITO À MEMÓRIA E À VERDADE: O RELATÓRIO FIGUEIREDO E AS VIOLAÇÕES DE DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

Thaynara Andressa Frota Araripe²⁷⁵

RESUMO

O estudo debruça-se sobre o Relatório Figueiredo e sua relação com o direito à memória e à verdade dos povos indígenas. Inicialmente, observa-se, através de uma análise bibliográfica, que a ação indigenista do Estado, ao longo da história, foi moldada por concepções integracionistas que implicaram na construção de relações violentas com os povos indígenas. Adiante, através da análise documental, as violações de direitos documentadas no Relatório são investigadas. Por fim, problematiza-se a violação do direito à memória e à verdade mediante o Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade.

Palavras-chave: Direito à memória; Relatório Figueiredo; Violação de Direitos dos Povos Indígenas.

INTRODUÇÃO

O Brasil ainda é fortemente marcado pelos paradigmas coloniais que o constituíram. A partir disso, as relações políticas, sociais e jurídicas do Estado brasileiro, moldadas por visões integracionistas, assistencialistas, tutelares e assimilacionistas, para com os povos indígenas, refletem a herança colonialista que ainda se carrega.

Nesse sentido, a pesquisa acadêmica sobre as violações de direitos dos povos indígenas na ditadura militar brasileira, para além de um evidente teor de denúncia, se consubstancia também em um convite para olhar para trás e ter a certeza do que não pode ser

²⁷⁵ Advogada. Mestra em Ordem Jurídica Constitucional pela Universidade Federal do Ceará. Graduada em Direito também pela Universidade Federal do Ceará. thaynaraararipe1@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

repetido. Olhar para trás, reconhecer os erros e, em razão disso, caminhar no sentido da reparação material e simbólica, criando terreno fértil para a concretização dos direitos dos povos indígenas brasileiros.

Para isso, na presente pesquisa, inicialmente, observa-se, através de uma análise bibliográfica, que a ação indigenista do Estado, ao longo da história, foi moldada por concepções assimilacionistas e integracionistas que implicaram na construção de relações violentas do Estado para com os povos indígenas.

Adiante, através da análise documental, analisa-se as violações de direitos documentadas no relatório produzido em 1967 pelo procurador Jader de Figueiredo Correia. Investigando o contexto político e social da elaboração do Relatório Figueiredo, assim como a sua repercussão na política estatal, seja em 1967 ou em 2012, quando o documento foi reencontrado. Após a análise dos casos e dos documentos do período investigado, problematiza-se a omissão e violência da política indigenista estatal, assim como o direito à memória e à verdade dos povos indígenas brasileiros mediante o Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade.

O RELATÓRIO FIGUEIREDO DE 1967 E O DIREITO À VERDADE E À MEMÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS

Em 1967, foi constituída uma Comissão de Inquérito, através da Portaria nº 239/67 do Ministério do Interior, presidida por Jader Figueiredo, com o objetivo de investigar as irregularidades cometidas pelo SPI. Segundo Davis (1978, p.10), a Comissão de Inquérito percorreu mais de 16.000 mil quilômetros pelo interior do país e visitou mais de 130 postos indígenas. Nesta toada, dezenas de testemunhas foram ouvidas e centenas de documentos da sede e das cinco inspetorias visitadas foram reunidos (MINISTÉRIO DO INTERIOR, 1968, p. 2). Em 1968, o Ministro do Interior, general Albuquerque Lima, tornou público os

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

resultados da pesquisa em uma entrevista coletiva no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, o Relatório desapareceu, acreditava-se que ele teria sido queimado em um incêndio.

A FUNAI enviou, em 2008, ao Museu do Índio no Rio de Janeiro, 150 caixas de arquivos referentes ao período do SPI. Nos anos seguintes, esses arquivos foram catalogados e digitalizados, entre eles estava o Relatório Figueiredo. Diante da criação do grupo de estudos na Comissão Nacional da Verdade para a investigação das violações contra os povos indígenas, o pesquisador Marcelo Zelic, iniciou uma busca para encontrar documentos sobre tais violações. Assim, em novembro de 2012, o pesquisador encontrou as caixas contendo os arquivos perdidos. (DAUDÉN; MESTRE, 2013).

Inicialmente, para uma melhor sistematização, o Procurador Jäder Figueiredo propõe uma divisão esquemática para facilitar a apresentação da sua investigação. Ademais, o Procurador Jader Figueiredo (MINISTÉRIO DO INTERIOR, 1968, p. 2) conceitua o SPI como um “antro de corrupção inominável durante muitos anos”, explicitando seu espanto em existir “na estrutura administrativa do país repartição que haja descido a tão baixos padrões de decência”.

Apesar de todo esse cenário de horror comprovado pelo Relatório, ao analisar o direito à verdade e direito à memória do povo indígena brasileiro, observa-se tal panorama histórico: i) entre 1995 e 2003, governo Fernando Henrique Cardoso, iniciativas visando conceder indenizações a perseguidos, mortos e desaparecidos políticos não incluíram os povos indígenas; ii) em 2007, governo Luiz Inácio Lula da Silva, a publicação Direito à memória e à verdade, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, não fez referência às violações de direitos dos índios; e iii) em 2014, o relatório final da Comissão Nacional da Verdade, instalada pela governo Dilma Rousseff, incluiu um capítulo sobre os indígenas, apesar da incompletude do texto.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais narrativas sobre a ditadura militar não tiveram o índio como foco, o que, por muito tempo, passou a falsa impressão que a política repressiva estatal da época não teria atingido os povos indígenas brasileiros. Faz-se necessário, portanto, questionar essa política oficial de silenciar as histórias e os saberes dos povos indígenas brasileiros.

A violação sistemática dos direitos indígenas durante o regime militar no Brasil, ainda é bastante desconhecida pela maior parte da população. Sendo assim, reencontrar arquivos, do período de ditadura militar no Brasil, em um contexto histórico de instauração de uma Comissão Nacional da Verdade, pressupôs um impacto diferente, tendo em vista que a referida Comissão, objetivava não apenas a investigação de quais eram os sujeitos políticos que sofreram violência estatal durante o período da ditadura militar, mas também apontar para um caminho de reparação.

No entanto, como efeito da Comissão Nacional da Verdade, pontua-se, até então, apenas o caso dos índios Panará que obtiveram, na seara judicial, reparações da União e da FUNAI pelas remoções forçadas da década de 70 e o caso dos índios Aikewara que receberam do Estado um pedido oficial de perdão. Reiteradas e fomentadas pelo Brasil, portanto, ainda são as violações aos direitos dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

DAUDÉN, Laura; MESTRE, Natália. **A verdade sobre a tortura dos índios**. Descoberta de documento que permaneceu oculto por mais de quatro décadas expõe como funcionou a política de corrupção, violência e extermínio do Serviço de Proteção aos Índios antes e durante a ditadura. Istoé, 14 de maio de 2013. Disponível em: www.istoe.com.br/reportagens/294080_A+VERDADE+SOBRE+A+TORTURA+DO+S+INDIOS 1/6. Acesso em: 23/08/2020.

DAVIS, Shelton H. **Vítimas do Milagre. O desenvolvimento e os Índios do Brasil**. Rio de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MINISTÉRIO DO INTERIOR. **Relatório Figueiredo**. 6ª Câmara da Procuradoria Geral da República, Grupos de Trabalho, GT Violação dos Povos Indígenas e Regime Militar.
Disponível em:
http://6ccr.pgr.mpf.mp.br/institucional/grupos-detrabalho/gt_crimes_ditadura/composicao.
Acesso em: 23/08/2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

PERCEPÇÕES DO EXTERMÍNIO NO CATACLISMO BIOLÓGICO: O COVID-19 E OS POVOS INDÍGENAS

Marcelo Soares Mota²⁷⁶
Mikaelly Pinheiro do Nascimento²⁷⁷
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho²⁷⁸

RESUMO

O contemporâneo estudo visa analisar as consequências do COVID-19 nos povos indígenas do Brasil, emergindo uma análise do coronavírus como fator de aumento da vulnerabilidade dos povos. Destarte, é primordial entender os possíveis fatores que possibilitaram o avanço no número de casos e, por conseguinte, no de óbitos. Ademais, questionar a ineficácia do Estado em conter a ascensão do coronavírus nos territórios indígenas e do acesso amplo ao tratamento, perpassa pelo intuito da presente pesquisa. Os métodos trabalhados nessa pesquisa, o método de abordagem será o dedutivo, o de procedimento será o histórico e o de pesquisa enfatiza primordialmente o bibliográfico. Por fim, a pesquisa salienta que o cataclismo biológico com a junção da ineficácia estatal, tornou-se mais uma fase do extermínio dos povos indígenas.

Palavras-chave: Crise, Indígena, Ineficácia.

INTRODUÇÃO

Os povos indígenas brasileiros historicamente foram vítimas das doenças oriundas do processo de dominação, em um efetivo extermínio durante séculos. A doença exteriorizada e até então desconhecida, o melhor remédio era o isolamento. A engenharia da dominação

276 Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: marcelosoaresmota1@gmail.com

277 Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: miikalmikaelly@gmail.com

278 Professor de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: djamiro.acipreste@urca.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

exercida pelos espanhóis e portugueses e, por conseguinte, os seus descendentes, objetivou produzir um nivelamento de pensamento excludente como foco principal a cosmovisão. Elliott (2012) cita as consequências para os povos indígenas no período pré-hispânico, ao citar que as doenças europeias atingiram uma população já enfraquecida pela experiência da conquista.

O processo de denominação está enfatizado nos discursos coloniais sobre a afirmação das incapacidades dos sujeitos colonizados e a sua posterior capacidade de “melhoramento” caso seja submetido ao colonizador. Os primeiros séculos de exploração substancial enfatizou converter os povos indígenas em mão de obra forçada. Na questão econômica evidenciou a mudança entre os sistemas indígenas antes e durante a ocupação espanhola, nos Andes a organização econômica era realizada por prestações de serviços em regime de colaboração entre os componentes dos grupos e, passou posteriormente, com ingerência espanhola para o modelo mercantilista puramente subalterna.

A concentração de poderes institucionais nas mãos de poucos em um arranjo historicamente centralizado afastou a maior parte da população dos países latino-americanos de influenciar substancialmente nas decisões sociais e políticas. A formação de uma estrutura excludente objetivou e ainda objetiva sufocar a diversidade cultural e de pensamento em uma inferência de submissão dos povos que convivem no subcontinente, em especial a configuração das populações mais marginalizadas como os povos indígenas.

Nesse diapasão, as inferências do poder ensejaram os povos indígenas como sujeitos marginalizados sob a perspectiva de direitos. Ademais, vítimas do processo de exploração colonial, das doenças oriundas de outros países até o extermínio atual pelo COVID-19. Em um retrato do Estado brasileiro que ratifica convenções com o intuito protetivo dos povos indígenas, mas que materialmente são realizadas de forma ínfima.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

METODOLOGIA

Em relação aos métodos trabalhados nessa pesquisa, o método de abordagem será o dedutivo, evidenciando as consequências do COVID-19 nos povos indígenas. O método de procedimento será utilizado primordialmente o histórico, visando enfatizar o processo de inferiorização do indígena como sujeito não passível de direitos fundamentais até a Convenção nº 169 da OIT. Ademais, em relação ao método de pesquisa, será enfatizado o bibliográfico, principalmente com os estudos de obras e artigos já publicados e pesquisas referentes ao COVID-19.

DISCUSSÃO

Anteriormente marginalizados e renegados sob a perspectiva colonial de poder, os povos indígenas no transcorrer histórico foram particularmente impactados por epidemias que, por conseguinte, influenciaram na extinção de diversas etnias. O Processo de usurpação e dominação do período colonial perpassa até a contemporaneidade no viés de inferiorização e medidas ineficaz para sanar os problemas dos povos, sejam aqueles isolados ou sob a aderência efetiva do Estado.

O COVID-19 nos povos indígenas brasileiros é considerado um cenário atual devastador, havendo uma alta transmissão contagiosa nas comunidades. Ademais, provocada pela notificação ínfima e as limitações relacionadas as políticas de ajuda. Diante desse contexto, segundo dados da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), até o dia 30 de setembro de 2020, 158 povos indígenas já foram infectados com um número total de casos em 34178 mil indígenas e, por fim, 832 mortes confirmadas.

Outrossim, ainda em relação a mesma pesquisa, os dados no número de vítimas ainda está ocorrendo de forma crescente e alarmante. Destarte, entre os possíveis fatores de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

proliferação do vírus, existe as possibilidades de profissionais da saúde que levaram o vírus para aldeias, garimpeiros e grileiros que aumentaram as invasões durante a pandemia e indígenas que se contaminaram ao buscar o auxílio emergencial na cidade.

CONCLUSÃO

A aplicação do modelo de direito ocidental transferiu para o aparato estatal a centralização e exclusividade nas resoluções de conflitos de interesses tornando uma afeição única, passando a estigmatização de “inferioridade” indígena e negra a tutela estatal da exclusão definitiva da autodeterminação dos povos. Nesse sentido, a fisionomia constante de um indígena com aspecto degradante e embrutecido que permanece na constância ignorância, e sua repetição mecânica, objetivou excluir o indígena da nova nação e culpá-lo pela falta de progresso e engrandecimento.

Destarte, é diante desse aspecto que verifica a ineficiência do Estado na proteção dos povos indígenas do Brasil. Em um evidente mecanismo de deixar as comunidades “a própria sorte”, em um aumento gradativo no número de vítimas e, por conseguinte, no alastramento da pandemia nos povos indígenas. Outrossim, a realidade é preocupante, as consequências já são evidentes pelos dados apresentados infelizmente serão piores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988.
Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/Constituicao/Constituica.htm>. Acesso: 23 mar. 2019.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ELLIOTT, John H. **A Conquista Espanhola e a Colonização da América.** In: BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina: América Latina Colonial. Vol. I. Tradução de Maria Clara Cescato. 2. ed. 3. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 135-194.

OIT Organização Internacional do Trabalho. **Convenção nº 169 sobre Povos Indígenas e Tribais**, adotada em Genebra, em 27 de junho de 1989. Disponível em:
http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao_169_OIT.pdf. Acesso em 12 out. 2019.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del Poder, Culturay Conocimiento en América Latina.** In: AnuárioMariateguiano. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**RESISTÊNCIA POLÍTICA E A EDUCAÇÃO DO HOMEM BRANCO
NA OBRA “A QUEDA DO CÉU” DE DAVI KOPENAWA YANOMAMI**

Kévia Daniele da Silva²⁷⁹

RESUMO

Este trabalho busca compreender a obra “A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami”, analisando a literatura indígena como fenômeno, simultaneamente, literário, político-social e epistemológico capaz de não só apreender e interpretar uma realidade nativa, mas também de afirmar identidades e memórias de resistência de grupos historicamente subalternizados. Diante disso, compreendemos a importância em se trabalhar a obra indígena levando em consideração as implicações reflexivas para desestabilizar tendências canônicas ocidentais do que sejam uma obra literária.

Palavras-chave: Literatura. Epistemologia indígena. Resistência. Escrita e oralidade.

INTRODUÇÃO

A A queda do céu: palavras de um xamã yanomami – livro fruto do diálogo entre o xamã Davi Kopenawa e o antropólogo Bruce Albert – é uma obra que se insere num panorama crítico de reflexão acerca da posição da literatura no campo das lutas políticas, principalmente, nas que tomam a questão da identidade como central. Nesse sentido, esta obra nos apresenta outra matriz epistemológica concorrente ao modelo ocidental iluminista. Se debruçar sobre a literatura indígena, todavia, corresponderá não só a apresentar outras epistemologias emergentes que, com as lutas identitárias por reconhecimento cultural,

²⁷⁹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras e graduada em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Pesquisa sobre Literatura Indígena Brasileira e sobre o Ensino da História e cultura indígena. E-mail: keviads15@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ganharam força nesse início de século. É também realizar a crítica aos modelos ocidentais de pensar, inclusive de pensar a própria literatura. É nesse sentido de abertura às cosmovisões indígenas que podemos dizer que obras de autores indígenas tem um forte objetivo político de educar o “homem branco”.

METODOLOGIA

Parto de uma *leitura imanente* da obra de Davi Kopenawa para analisar aspectos textuais (semânticos, sintáticos, estilísticos, etc.) capazes de produzir sentidos específicos que visam a pacificar o “Homem Branco”, ou seja, educá-lo para uma vida em que esteja em consonância com práticas de habitação do planeta mais igualitárias, justas e ecologicamente adequadas. Para essa análise, todavia, concentro-me, em um primeiro momento, em uma revisão bibliográfica minuciosa, onde dialogo com outros autores indígenas e com teóricos da literatura do campo das teorias decoloniais.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A literatura é um dispositivo agenciado tanto nos processos de colonização e subalternização, por parte dos colonizadores, quanto nos processos de resistência, por parte dos povos colonizados. Mesmo porque, visto as compressões canônicas de literatura que se constituiu tendo em mente as produções de autores geopoliticamente localizados na Europa, torna-se necessário colocarmos em xeque as pretensões de universalidade da categoria literatura e a tencionarmos em face de outras formas narrativas que não sejam, necessariamente, escriptocêntricas. Quando Kopenawa escreve *A Queda do Céu*, suas narrativas, que cotidianamente compõe a esfera da oralidade na vida cotidiana Yanomami, ganham o registro escrito com um propósito claro, alertar o “homem branco” de sua

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ignorância, que é responsável pela destruição dos povos indígenas e do planeta. Esta obra é, portanto, um texto literário que não só revela a cultura nativa de um povo, como traz uma missão pedagógica em ensinar o “Homem Branco” a acordar de seu sono dogmático pela via da formação de leitores multiculturais. Temos, portanto, o trabalho de fazer uma análise literária que coloca em evidência uma reflexão sobre os próprios pressupostos que fundamentam o ato de analisar, pois até que ponto teorias e metodologias produzidas num contexto de geopolítica de conhecimento eurocêntrico serve para a análise de textos de grupos historicamente marginalizados? Quiçá, estejamos em tempo de ouvir e levar a sério o que esses povos e suas literaturas tem a nos ensinar em termos de teorias, de novas epistemologias e, principalmente, de crítica aos pressupostos ontológicos e epistemológicos ocidentais eurocêntricos hegemônicos.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Neste texto pretendemos refletir mediante a obra *A queda do céu*, a literatura indígena como fenômeno, simultaneamente, literário, político-social e epistemológico capaz de não só apreender e interpretar uma realidade nativa, mas também de afirmar identidades e memórias de resistência de grupos historicamente subalternizados. Diante disso, compreendemos a importância em se analisar a obra indígena levando em consideração as implicações reflexivas para desestabilizar tendências canônicas ocidentais do que seja uma obra literária, sobre os sentidos de autoria, visões de mundo, leitor, etc. Portanto, estudar o universo semântico, pragmático e performático indígena é se colocar diante de formas de conhecimento que se distanciam da matriz epistemológica ocidentocêntrica, sendo essa cheia de pressupostos que, embora orientem inconscientemente nossas formas de ver e pensar o mundo, se tornam perceptíveis para o sujeito cognoscente apenas diante do estranhamento que o contato com o diferente proporciona. Sem a devida autoanálise do sujeito cognoscente diante do mundo

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra

*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*

ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual

De 21 de set. a 02 de out. de 2020

Cariri – Ceará – Brasil

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

cognoscível, há a possibilidade de que a atitude de conhecimento sobre o OUTRO se converta em reducionismos, preconceitos, mistificações e extermínios.

REFERÊNCIAS

KOPENAWA, D. & ALBERT, B. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami.

Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio Eduardo Viveiro de Castro. São Paulo:

Companhia de Letras, 2015.

THIÉL, J. **Pele silenciosa, pele sonora:** a literatura indígena em destaque. Belo Horizonte:

Autêntica Editora, 2012 - (Coleção Práticas Docentes 3).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

VESTÍGIOS HISTÓRICOS DA PRESENÇA INDÍGENA EM TRAIRI, LITORAL OESTE CEARENSE

Antonio Juscelino Barbosa dos Santos²⁸⁰
Fábia Janaína Marciel da Silva²⁸¹

RESUMO

Trairi está localizado á 124 km da capital Fortaleza, no litoral oeste cearense, seu nome, do indígena significa “rio de traíras”. Dos povos originários que habitaram o litoral cearense, os caçadores-coletores-pescadores holocênicos surgiram em meados da última grande mudança climática. Diante de uma maior diversidade de recursos esses grupos assentaram-se próximo a lagoas e rios, onde promoviam a caça e a pesca de pequenos animais, coleta de frutos e também de moluscos que habitavam esses corpos d’água. Desse modo o trabalho tem como objetivo investigar os vestígios históricos da presença indígena no município de Trairi, evidenciando suas contribuições na formação sociocultural do trairiense. Há muitas inconsistências quando nos deparamos com as informações disponíveis na historiografia acerca dos grupos que ocuparam esse território, desejamos traçar uma narrativa aliada aos estudos arqueológicos.

Palavras-chave: Historiografia. História. Arqueologia. Presença Indígena. Trairi-CE.

INTRODUÇÃO

Segundo Aranha (1996, p. 17) “o homem ‘reconstrói’ a história a partir de seu presente, e cada novo fato o faz reinterpretar experiência passada”. Sendo assim, a história pertence a determinado lugar e época, e ajuda na percepção- compreensão - ação de um

280 Mestrando em Ensino de História UFRJ-URCA. Professor efetivo do Município de Trairi-CE.
juscelino_13@hotmail.com

281 Mestranda em Ensino de História UFRJ-URCA. Professora efetiva da Rede Estadual de Pernambuco.
janainamarcie@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

passado que foi vivido. Nesse sentido, o presente resumo expandido tema enquanto objetivo investigar na historiografia, vestígios históricos da presença indígena de ocupação territorial no espaço onde atualmente está localizado o município de Trairi no Ceará. Para tanto lança mão de pesquisas nas áreas da História, Geografia e Antropologia para alcançar tal objetivo.

METODOLOGIA

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e pretende realizar o levantamento bibliográfico acerca dos povos indígenas que se estabeleceram no território trairiense. Conforme Oliveira (1999) a pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer diferentes formas de contribuições científicas que se realizam sobre determinado assunto ou fenômeno. Para coleta de dados foi feito um levantamento preliminar de artigos sobre o tema bem como realizado pesquisas bibliográficas utilizando-se o banco de dados contidos, principalmente, na plataforma do *Google Acadêmico*, livros e periódicos que abraçam as áreas já citadas.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A zona costeira cearense teve seu processo de ocupação caracterizado, basicamente por três fatores: a relação dos indígenas com a terra; o avanço da colonização e a expulsão dos nativos para áreas mais interioranas, e após o início do processo de extermínio étnico social, a apropriação do território, seguido da produção agrícola e pecuarista, vinculada à concessão de sesmarias em toda a costa (SOUZA *et al.*, 2007). Segundo Dantas *et al.* (2000), os pescadores dominavam a região das praias e sua ligação com as características indígenas, pautavam os aspectos sociais dos habitantes cearenses, no processo de ocupação da zona costeira ao longo da história. Para Nobre (2013) há ainda muitas incoerências no que se refere aos povos que

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

habitaram esta região pela multiplicidade de relatos, desde distintas denominações para os mesmos grupos até a classificação de vários povos sob a mesma designação. Para Dourado *et al* (2016, 184):

(...) podemos elencar na região do litoral oeste cearense incluindo a área em que hoje está situado o município do Trairi, a presença de índios de filiação Tupi, Tremembé, Tarairiú e outros de filiação duvidosa, dentre eles os Jaguaribaras, Jaguaruanas e Anacés.

O nome Trahiry ou Trairi, é de origem tupi guarani e significa “rio das traíras”, também chegando a ser denominado de Vila do Livramento, localizado á 124 km da capital Fortaleza, no litoral oeste cearense, tem por limites ao norte o oceano Atlântico, ao sul São Luís do Curú e Tururu, a leste Paraipaba e o rio Trairi e a oeste Itapipoca e o rio Mundaú, seu nome, do indígena significa “rio de traíras”. Segundo Sales (1992, p. 28) “em 1608, é que se tem notícias dos primeiros aldeamentos onde hoje é o município de Trairi”. O que é questionável, já que na historiografia tem-se registro de povos indígenas que já habitavam aquele território. Um dos povos que habitaram o litoral cearense foram os Jaguaribaras, segundo Dourado *et al* (2016, 186) “se distribuía pelas terras que iam da margem esquerda do rio Choró, ao rio Mundaú até a serra de Baturité”. Para Dourado *et al* (2016, 189):

De todos os povos que ocuparam a área em questão, os Tremembés são apontados como os povos cuja presença foi mais contundente. A delimitação do território de ocupação Tremembé é bastante discutida entre os pesquisadores, pois alguns acreditam que ela se estendia por uma vasta área litorânea que ia do atual estado do Maranhão ao Rio Grande do Norte. Sobre isso, Pompeu Sobrinho afirma que “Habitavam os Tremembés as praias e estuários cobertos de mangues dos rios do nordeste do Brasil, desde a foz do rio Gurupí a foz do rio Apodi, isto é, toda a costa dos atuais estados do Maranhão, Piauí e Ceará. Quando os primeiros exploradores europeus perlongaram estas costas, ainda os Tremembés as percorriam na indicada extensão; mas no correr do XVI século essa área de dispersão experimentou um notável retraimento. Os colonizadores na primeira metade do século seguinte sómente encontraram estes indígenas nas praias da baía de S. José no Maranhão à foz do rio Curu, no Ceará” (1951, p. 258).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Assim, a região litorânea oeste cearense foi habitada pelos índios Tremembés, hoje fixados entre Itapipoca e Camocim, mas provavelmente um acordo deu posse aos potiguaras ou pitiguaras, comedores de camarão, expulsos de seus estados de origem, tais como Pernambuco e Paraíba e vindo principalmente do Rio Grande do Norte, cujas terras já haviam sido invadidas pelos portugueses e espanhóis, fazendo com que se alojassem nas terras hoje de Trairi e Paracuru. Eles se misturaram aos tapuias e formaram a grande tribo dos Anacés. Também ocuparam as terras do então São Gonçalo do Amarantes, cujo nome primitivo era Anancetaba, que significa Taba dos Anacés.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Portanto, há indícios fortes da presença e ocupação no litoral cearense pelos povos indígenas, sobretudo para a região da costa oeste, onde ainda hoje possui uma densa população de marisqueiras e pescadores tradicionais. A área de entorno do município de Trairi possui forte presença indígena de grupos Tremembés, distribuídos nos municípios de Itarema, Itapipoca e Acaraú; da etnia Anacé em Caucaia e São Gonçalo do Amarante e da comunidade indígena dos Tapebas em Caucaia. Conclui-se que nesta região floresceram os núcleos populacionais que originaram os atuais municípios de Paraipaba, Paracuru, São Gonçalo do Amarante e Trairi. Desse modo, ainda que pouco explorada na historiografia, este estudo, poderia ser melhor aprofundado futuramente.

REFERÊNCIAS

ARANHA. Maria Lúcia Arruda, *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **O pescador na terra**. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. (Org.). Ceará: um novo

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

olhar geográfico. 2ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 264-279.

DOURADO, Everaldo G. et al. Dunas, grupos ceramistas e exploração de recursos: hipóteses para a ocupação na praia de Flecheiras, em Trairi-CE. **EDIÇÃO SEMESTRAL**, p. 178, 2016.

NOBRE, João Nilo de S. Memória social e espacialidade de grupos ceramistas em Trairi, CE. **Dissertação de Mestrado** (Programa de Pós-graduação em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. Pioneira, 1999.

OLIVEIRA, Victor Hugo Holanda. **Gestão integrada da zona costeira como subsídio ao planejamento e ordenamento territorial de Flecheiras**, Trairi, Ceará. 2019.

SALES, Maria Pia. **HISTÓRIA DE MINHA TERRA - como nasceu Trairi**. Fortaleza: Ed. LCR, 1992.

SOUZA, Marcos José Nogueira de. **Bases naturais e esboço do zoneamento geambiental do Estado do Ceará**. In: SOUZA, Marcos José Nogueira de; MORAIS, Jader Onofre de; LIMA, Luiz Cruz. Compartimentação territorial e gestão regional do Ceará. Parte I. Fortaleza: Editora FUNECE, 2000. p. 13-98.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**Simpósio Temático 13 – A branquidade, a branquitude acrítica,
a branquitude na Educação e outros conflitos étnico-raciais
e suas intersecções vividas no Atlântico Sul**

Coordenadores(as)

Prof. Dr. Lourenço Cardoso (UNILAB)

Prof^a Me. Cíntia Cardoso (UFPR)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**A COVID-19 E SEUS IMPACTOS NA POPULAÇÃO NEGRA E INDÍGENA:
DIALOGANDO COM BASE EM FOUCAULT, FANON E MBEMBE**

Andrisson Ferreira da Silva²⁸²
Cláudia Marques de Oliveira²⁸³
Sulamita Rosa da Silva²⁸⁴

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar os impactos da pandemia do novo coronavírus na vida da população negra e indígena. Através de procedimentos teórico-metodológicos foram feitas reflexões a partir de Fanon (1968) entrevedo o funcionamento da máquina estatal contra os condenados da terra, Foucault (2008/2009) sobre a biopolítica e Mbembe (2018) acerca da necropolítica. Os resultados possibilitam a discussão sobre uma sociedade colonizada, que condena minorias políticas regulando a vida e a morte, fortalecendo o darwinismo social e a eugenia estabelecendo lugar de privilégio à branquitude.

Palavras-chave: Coronavírus; População Negra e Indígena; Racismo.

INTRODUÇÃO

A pandemia do novo coronavírus é um objeto de estudo que permite a verificação das ramificações do que Foucault (2009) conceituou de “biopolítica”; Achille Mbembe (2018)

282 Graduando do curso de Licenciatura em História (Ufac), bolsista do Laboratório Observatório de Discriminação Racial (ODR/Ufac) e integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – Neabi/Ufac. andrissonf@gmail.com

283 Licenciada em Pedagogia, Mestra em Educação (FaE/UFMG), pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – Neabi/Ufac e da Rede Mulherações. klaudiamoliveira@gmail.com

284 Licenciada em Pedagogia, Mestra em Educação (Ufac). Apoiada como liderança pelo Programa de aceleração de lideranças femininas negras: Marielle Franco, coordenando a Rede Mulherações no estado do Acre e é pesquisadora no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – Neabi/Ufac. sulaczs.sr@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

“necropolítica”, e Fanon (1968) “cidade colonizada” local de latentes regulações. Ademais, a presente pandemia não pode ser pensada somente a partir de suas implicações nas patologias humanas, mas sim, visualizada a partir das intersecções de raça, classe, dentre outros marcadores, caracterizada por uma verdadeira luta conforme Davis (2020) destacou, configurando-se como uma arma cruel de extermínio aos pobres por meio da inassistência, sobretudo, a população negra e indígena.

“CIDADE COLONIZADA”: ENFERMOS E SEM ASSISTÊNCIA – UM POVO ACOCORADO

Com o desenrolar da pandemia as mazelas foram realçadas e a população negra e indígena foram tornadas alvo central das políticas de extermínio. Alguns acontecimentos foram essenciais para a percepção das políticas estatais de não assistência e da regulação do acesso. A partir desse referencial teórico-metodológico, é possível entrever o racismo e sua estruturação.

O cenário crítico revela o descaso dos governantes do executivo mediante à crise sanitária. A conjuntura atual reverbera uma extrema-direita na qual flerta com o fascismo, exerce a biopolítica e o controle através da vida, de acordo com Foucault (2008). Nesse viés, em *O sujeito e o poder* é analisado o surgimento dessa aparelhagem surgida no século XVI, o Estado, atestando seu desenvolvimento de modo contínuo. Quanto a esta estrutura, as considerações sublevadas são de um poder político ignorador de indivíduos, e, apresentando interesses de uma classe ou grupo (FOUCAULT, 2009).

O Estado é um instrumento de manutenção dos corpos para se fazer perpetuar colonialidades. Funciona como um sistemático regime colonizador, só que agora, em estruturação moderna, operando sobre indivíduos de maneira articulada, conforme Quijano (2009) anuncia, por meio da colonialidade do ser, do poder e do saber. Os condenados são

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

indivíduos “acorados” [grifos do autor] no termo fanoniano acerca do ser colonizado, e, enfermos, encurvam-se pelas conseqüentes políticas genocidas sem saberem a quem recorrer.

Ademais, contra o discurso colonialista-opressor, é interessante retomar o pensamento fanoniano quando aborda acerca da atuação de um líder que, apesar de seu valor, não pode substituir-se à vontade do povo, devendo antes da preocupação internacional ter a preocupação para com a seguridade da dignidade de cada cidadão na busca pelo desenvolvimento de um panorama humano fortalecedor de homens conscientes e soberanos (FANON, 1968).

Nesse sentido, o descaso no com as minorias políticas no cenário brasileiro não pode ser encarado de maneira dissociada da política de morte. Em “Necropolítica” o escritor camaronês Achille Mbembe explicita o conceito de biopoder, enfatizando que este não consegue abranger as diversas formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte (MBEMBE, 2018). Pode-se perceber como a biopolítica e a necropolítica se interseccionam para condenação das minorias políticas através do poder.

APONTAMENTOS REFLEXIVOS: QUEM REALMENTE ESTÁ CONTAMINADO?

A pandemia elucidou a sociedade patriarcal e sua capacidade de regulação pela vida e morte. Na visualização da biopolítica o Estado é o regulador oficial dos corpos. Nesse viés, partindo da análise da atual república democrática, cada dia mais os exercícios da cidadania, historicamente conquistadas, são amputadas. Há retirada de direitos, sobretudo, ao exercício da cidadania, sendo crescente o genocídio e o sepultamento de grupos subalternizados pela colonialidade.

A população negra e indígena estão sendo mais atingidas nesta pandemia, elucidando uma verdadeira luta de classes. Quem é o verdadeiro vírus? É necessário refletir sobre a hegemonia e sua atuação doente. Apesar de um novo vírus ser disseminado em potencial, sua

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ação não tem comparação aos escalonamentos do racismo, e seus agentes contaminados pela desumanidade na busca pelo progresso.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, Mike, *et al*: **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira S. A., 1968.
- FOCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. *In*: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. Uma Trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2ª edição, 2009.
- _____. **Nascimento da Biopolítica**. Trad. Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade de Poder e Classificação Social**. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria de Paula (Orgs.). Epistemologia do Sul. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica, bipoder, estado de exceção, política da morte**. Traduzido por Renata Santini. - São Paulo: n-1 edições, 2018.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A REPRESENTATIVIDADE DO CORPO NEGRO NO ÂMBITO EDUCACIONAL EM MEIO A NEGAÇÃO DO RACISMO

Edilene Barbosa Santos²⁸⁵
Karina Faustino Sousa²⁸⁶
Mikaele Silva Santos²⁸⁷

RESUMO

O presente resumo busca discutir sobre a representatividade do corpo negro frente a uma sociedade que nega o racismo. Nessa perspectiva, como objetivo geral iremos discorrer sobre o que é ser um corpo negro/a para a sociedade e para o sistema educacional brasileiro? E os objetivos específicos compreender a respeito dos vários modos de ser negro/a; e os dilemas que enfrentam no meio educacional, e a importância de situar a luta do povo negro contra o racismo. Para isso, faremos uso de uma metodologia de cunho bibliográfica e relato de experiência.

Palavras-chave: Corpo negro; Representatividade; Contextos sociais; Racismo.

INTRODUÇÃO

O presente resumo visa salientar a perspectiva da pessoa negra, compreendendo os vários modos de ser negro/a na conjuntura social, em especial, no âmbito educacional, pois, as

285 Graduanda de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras. hedbarbosa@gmail.com

286 Graduanda de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras. karinafaustinosousa@gmail.com

287 Graduanda de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras. Bolsista do programa Residência Pedagógica, voluntária do projeto de pesquisa e extensão: Integração ensino-serviço na humanização do cuidado às crianças e adolescentes hospitalizados. Com Cursos de Extensão em Braille e Língua Portuguesa: transcrição e produção de textos, Libras o mundo visual. mikaele1819@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

escolas, universidades e outros locais de construção do conhecimento ainda, não estão totalmente prontos para atender devidamente toda a sua clientela diversificada.

Desse modo, a ideia do pensar o que é ser um corpo negro na sociedade, influência na discussão do racismo, pautada na ideia de refletir sobre as relações de poder, destacando como somos representados pela população brasileira, manifestando a partir dessa perspectiva a importância da representatividade negra.

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DO CORPO NEGRO/A

Um dos maiores desafios que podemos refletir é sobre o cotidiano da população negra e os dilemas que enaltecem a sua resistência. É provocativo para alguns, no sentido de acender nas pessoas a consciência da negação de direitos. Resgate na perspectiva de denunciar o apagamento da história do povo negro, a negatividade diante de uma sociedade mestiça que nega a diversidade.

O que significa ser negro/a na sociedade brasileira? Vamos começar destacando sobre a negação da existência do racismo em uma sociedade onde na Constituição Federativa do Brasil todos deveriam ter direitos igualitários, podemos citar, a lei 12.288 de julho de 2010, assegura que:

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Mas é necessário reconhecer as consequências que a desigualdade racial e social geram no cotidiano da população negra, que por sua vez representam 56,10% da população segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE, no entanto enfrentam grandes desafios, dentre eles destacam o enorme índice de reprovação,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

evasão escolar ou até mesmo o não ingresso no espaço educacional, onde cerca de 3,5% dos estudantes brasileiros foram reprovados ou abandonaram a escola em 2018. Cabe-se pensar sobre a violação do direito à educação previstos na constituição, pautada na ideia de intervenção frente ao reconhecimento de possíveis soluções para inibição do avanço da desigualdade.

Frente a essa problemática temos o conceito de racismo atrelado ao processo educacional, destacando que isso é gerado também devido à falta de uma capacitação adequada dos profissionais da educação que reflete as lacunas de uma formação muitas vezes ineficientes, pois muitas vezes a escola exerce um papel de reprodução das desigualdades e discriminações que perpetuam o cotidiano escolar.

Exemplo explícito disso são os livros didáticos, em que, quando o negro aparece é como escravo, minoria ou exercendo um papel de inferioridade perante a imagem do branco, que é colocado como figura principal no processo educativo e social, reproduzindo essa ideologia hegemônica e por meio dela justificando a correlação da imagem do negro, e da naturalização do problema dos negros tornarem-se inviabilizados e serem um grupo dos excluídos.

Assim, como a linguagem do docente pode tornar-se instrumento de disseminação da naturalização do racismo, isto é, a aceitação de algo imposto como natural contribuindo assim na propagação do racismo, onde ser negro é colocado como algo negativo. Podendo ser algo até mesmo não intencional, quando o professor chama os alunos/as de “moreninho”, deixando de trazer a representatividade da cultura e imagem negra por lhe ser naturalizado tal perspectiva da busca de mais de um ponto de vista a ser mostrado nas aulas. Muitas das vezes o aluno/a negro/a só vê no ambiente escolar a cultura do branco, o estereótipo do que é belo e sua imagem, passando a negar-se por falta de reconhecimento, e afirmamos isso enquanto estudantes de graduação negras, que carregamos em nossos traços e cor de pele a história e estigma de um povo que nos orgulhamos, mas que levou um longo período de reconstrução e quebra dos nossos próprios preconceitos. Pois, quando o professor/a vê uma criança dizendo a

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

outra que o cabelo dela é ruim, que ela não é bonita por ser negra, está contribuindo efetivamente com o preconceito e a discriminação, omitindo sua responsabilidade enquanto educador.

Há uma necessidade do respeito para com o educando tanto na questão educacional em que, “é imprescindível reconhecê-lo, identificá-lo no espaço escolar, promovendo respeito mútuo, o respeito ao outro, o reconhecimento das diferenças, a possibilidade de falar sobre as diferenças sem medo e sem preconceito.” (CAVALLEIRO, 2004, P.124). é necessário que o educador reflita, reconheça e consiga reconstruir suas ações, e assim, a quebra desse ciclo estruturado que tanto é reproduzido dentro da estrutura escolar.

Há uma grande necessidade da representatividade negra em todos os contextos sociais, onde as relações sociais são efetivadas, podemos citar o ingresso do negro no ensino superior. Enquanto mulheres negras e de classe baixa, estamos nos graduando no curso de licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras, percebemos o quanto isso representa para a coletividade, somos tidas como exemplo para a nossa comunidade. Nós somos resistência, e minoria que se sobressai ao sistema educacional, e como tal nós achamos na obrigação de buscar pelos direitos de nossas crianças.

Cabe refletir sobre quais as dificuldades encontradas para as pessoas negras alcançarem a representatividade nos âmbitos sociais e sobre qual o entendimento do ser negro, pois, compreender a dinâmica da sociedade frente ao branqueamento é relevante para o enaltecimento da imagem negra nos diversos contextos sociais. Como queremos ser vistos e o que as nossas experiências podem proporcionar para outras pessoas, afinal, no processo de resistência, é necessário refletir.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 12.288**. Lei que institui o Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em: 20/08/2020.

CAVALLEIRO, E. Identificando o racismo, o preconceito e a discriminação racial na escola.
In: SILVEIRA, M.L., GODINHO, T. (Orgs.). **Educar para a igualdade: Gênero e Educação escolar**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. Secretária Municipal de Educação, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad)** Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403> acesso em: 10 ago. 2020.

UNICEF BRASIL. Disponível em: UNICEF alerta que 3,5 milhões de estudantes brasileiros foram reprovados ou abandonaram a escola em 2018 acesso em: 10 ago. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: SABERES E PRÁTICAS IMPORTADAS

Raquel de Souza Xavier²⁸⁸
Anderson Moraes Pires²⁸⁹

RESUMO

A Psicologia é um curso majoritariamente composto por pessoas brancas: coordenadores, professores e alunas, que tem em sua base autores brancos europeus. Assim, a proposta deste trabalho é analisar a configuração da branquitude na formação de psicólogas. Este trabalho se apresenta como uma pesquisa exploratória e qualitativa. Se amparando no ST 13: A branquitude, a branquitude acrítica, a branquitude na educação e outros conflitos étnico-raciais e suas intersecções vividas no Atlântico Sul. No campo formativo há pouca discussão acerca das raças, e quando há, apresentam discursos que defendem a igualdade entre todos e/ou que a Psicologia é neutra. Tais discursos encobertos por uma “neutralidade” desconsideram a historicidade e ecoam nas práticas psi. Dessa forma, considera-se que a formação em Psicologia não é neutra; é branca e colonial.

Palavras-chave: Formação; Psicologia; Branquitude.

INTRODUÇÃO

A Psicologia é um curso que historicamente é composto majoritariamente por pessoas brancas, e que em até poucas décadas, apenas pessoas com alto recurso financeiro conseguia acessar e se manter. Esse brancura pode ser vista em coordenadores, professores e alunas, que tem em sua base curricular autores brancos europeus. Lemos Sigmund Freud, Félix Guattari, Erik Erikson, Carl Gustav Jung, Jean William Fritz Piaget, Lev Semionovitch Vigotski,

288 Universidade Federal do Ceará – UFC, raqueldsx@gmail.com

289 Centro Universitário Estácio do Ceará – ESTÁCIO CEARÁ, andersonpires@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Burrhus Frederic Skinner, Carl Rogers, Friederich Salomon Perls, dentre outros. Lidos em sua maioria, como homens brancos europeus, no mais, norte americanos. Todavia, raras vezes estes marcadores sociais são apontadas na acadêmia.

Assim, a proposta deste trabalho é analisar a configuração da branquitude na formação de psicólogas. Nascendo este material da inquietude dos pesquisadores no espaço da psicologia, e por ser uma discussão que expande na acadêmia. Sua relevância se presentifica no entendimento que este formandos irão se inserir em espaços coletivos e plurais, e ao qual será necessário leitura e vivência da diversidade brasileira.

METODOLOGIA

Este trabalho se apresenta como uma pesquisa exploratória e qualitativa. Utilizando de autores que possui um histórico em estudos voltados para a interseção raça, formação, psicologia. Se amparando no ST 13: A branquidade, a branquitude acrítica, a branquitude na educação e outros conflitos étnico-raciais e suas intersecções vividas no Atlântico Sul.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Lane e Codo (1989) apontam para a necessidade de se pensar uma Psicologia que leia e viva a pólis, contextualizada com seu país e tempo, que haja com o social reconhecendo suas diferenças, pensando: língua e linguagem, origem, costumes, práticas, vivências latino-americanas. Assim como, Góis (2003) sinalizou de uma Psicologia comunitária que se faz em coletivo, nos espaços, saindo desse lugar hierarquizado da acadêmia e construindo cuidado e diálogos com as pessoas em seus territórios, para assim se pensar escuta, cuidado, rede, coletividade, sociedade. Esses autores, auxiliaram e continuam, nesse pensar em uma Psicologia descentralizada, mas podemos citar Frantz Fanon, Grada Kilomba, Maria

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Aparecida Silva Bento, Ignacio Martín-Baró, Lélia Gonzalez, e mais próxima de nossas vivências, a psicóloga Moema Macêdo.

Esses deslocamentos de uma Psicologia centrada unicamente na Europa e/ou no Norte da América, e de uma concepção restrita de Psicologia para uma construção comunitária e coletiva, ainda está em processo. No entanto, no campo formativo há pouca discussão acerca das raças, e quando há, apresentam discursos que defendem a igualdade entre todos e/ou que a Psicologia é neutra. Tais discursos encobertos por uma “neutralidade” desconsideram a historicidade e ecoam nas práticas psi.

Para se pensar em uma Psicologia é necessário dialogar sobre os discursos que foram sustentados durante sua construção no Brasil, apontando que a Psicologia vai se consolidando enquanto profissão durante o período de ditadura militar (1964-1985) e adentrou os espaços institucionais neste mesmo período. Nesta perspectiva, é possível visualizar três períodos, no que tange a discussão sobre raça e etnia: biológico-causal, culturalista e relacional. A primeira, baseada na concepção de Nina Rodrigues, a segunda em uma tentativa de desconstruir tais concepções racistas, e a terceira, como um apontamento da branquitude e da branquidade nos espaços da psicologia (SANTOS; SCHUMAN; MARTINS, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, considera-se que a formação em Psicologia não é neutra; é branca e colonial. Frente a este movimento, é necessário pensarmos em uma Psicologia Preta. Veiga (2019) sinaliza os esvaziamentos e apagamentos dentro de uma Psicologia colonial, sendo descolonizar desde o processo da leitura aos processos clínicos, apontando o aquilombamento como possibilidade de reinvenção, ao atender os nossos, possibilitando reconhecimento e potência nesses encontros.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

GÓIS, C. W. de L. **Psicologia Comunitária no Ceará: uma caminhada**. Fortaleza: [sn]. 2003.

LANE, S. T. M. & CODO, W. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTOS, A. de O. dos; SCHUCMAN, L. V.; MARTINS, H. V. Breve Histórico do Pensamento Psicológico Brasileiro Sobre Relações Étnico-Raciais. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, v. 32, n. esp., p. 166-175, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v32nspe/v32speca12.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 31, n. esp., p. 244-248, set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/fractal/v31nspe/1984-0292-fractal-31-esp-244.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O REFLEXO DA BRANQUITUDE NO ESPELHO DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO NO BRASIL

Zwanga Nyack²⁹⁰

RESUMO

Este trabalho visa abordar as formas pelas quais a branquitude se faz presente nos processos de produção de conhecimento, especificamente o caso da Antropologia feita no Brasil. Para isto, referencio-me nos Estudos Críticos da Branquitude e nas tentativas de se legitimar um cânone responsável pela fundação da ciência, por parte dos antropólogos/as brasileiros/as. Desta forma, compreendo a produção de conhecimento como um espelho no qual aqueles/as que se imbricam neste processo tem suas posições sociais refletidas neste fazer-ser.

Palavras-chave: Branquitude; História da Antropologia; Produção de Conhecimento; Antropologia feita no Brasil.

APRESENTAÇÃO

Este resumo expandido possui o objetivo de pensar os processos de produção de conhecimento científico, no sentido de indagar as relações de poder que estão por trás deste processo. Tal empreitada faz parte de uma pesquisa e reflexão maior que venho desenvolvendo no meu mestrado em antropologia social no Museu Nacional. Neste trabalho, especificamente, tentarei elaborar um pouco mais sobre o que venho refletindo sobre os

290 Mestrando em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Bolsista CAPES. Membro do NUSEX – Núcleo de Estudos em Corpos, Gênero e Sexualidades e Membro do Coletivo de Estudantes Negres Marlene Cunha do PPGAS/MN/UFRJ. Áreas de pesquisas: Antropologia do Conhecimento; Religiões de Matrizes Africanas; Filosofias Africanas; Lei 10.639/03. Ensino de Sociologia no Ensino Médio. E-mail: zwanga.nyack@outlook.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

processos de produção de conhecimento como um espelho, ou seja, um ato que reflete as posições sociais, objetivas e subjetivas de quem o produz.

Desta forma, pensar sobre a contribuição antropológica (institucional) acerca da dinâmica das relações raciais e étnico-raciais é indagar sobre quem a produziu e como tais sujeitos se relacionaram com a temática. Ademais, se faz mister ressaltar que tal prática também se faz presente na eleição *dos* cânones de uma disciplina. Indagar sobre como isso é feito é de fundamental importância para uma real explicitação e debate honesto sobre a produção de conhecimento, uma vez que com isto, compreendemos quem foram os responsáveis por criar uma versão específica, dentre outras, de uma história da antropologia.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao me debruçar sobre a literatura acadêmica nacional acerca da antropologia feita *no* Brasil, percebo a diversidade de nomenclaturas que alguns autores e autoras costumam evidenciar para se referir a determinados personagens, cujo para eles, possuem grande significância quando pensamos a especificidade da antropologia desenvolvida em território brasileiro. Esses personagens são convencionalmente intitulados de clássicos ou cânones, e as categorias evocadas foram muito bem organizadas por Sanabria (2005) em sua dissertação.

autores considerados “clássicos” são chamados também de “pais fundadores” (BOMENY & BIRMAN, 1991:12; BRANDÃO, 1997:10-11; DUARTE, 1995:11,14; FONSECA, 1997:40; 2004:83; MOTTA, A. & BRANDÃO, 2004:167), “heróis fundadores” (LARAIA, 1991:59; PEIRANO, 1995a:16; RIBEIRO R. & HUTZLER, 1991:70; HUTZLER, 1997:50; SANTOS, 1997:62), “heróis civilizadores” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1997:112), “fundadores de linhagens” (BRANDÃO, 1997:12; PEIRANO, 1995a:21), “totens” (FONSECA, 1997:36), “xamãs” (FONSECA, 1997), (...) e “antepassados intelectuais” (LESSA, 1991:147).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Importante ressaltar as discussões que pensam o ensino de antropologia como um ritual de iniciação (Sanabria, 2005; Peirano, 2014) incorporando assim, no linguajar científico, elementos figurativos e espirituais que remontam aos ritos culturais que os antropólogos e antropólogas lidaram e ainda lidam com frequência nas suas pesquisas.

A formação em antropologia como um ritual de iniciação vem acompanhada de uma outra discussão, que está alinhada com a forma pelos quais os antropólogos/as contemporâneos aos clássicos pensam a formação da disciplina: a de que há um mito, e que os jovens, a serem iniciados na disciplina, também precisam ser inseridos/as nele. Não há toa noções como “xamãs”, “pais fundadores”, “totens”, “ancestrais” são *invocadas* para pensar estes outros personagens responsáveis pela formação dos mais velhos/as que estão a formar as novas gerações.

Aqui, cabe perguntar quem são estes intelectuais considerados como “ancestrais”? de onde são esses “xamãs”? estes “ancestrais” são de apenas um lugar? há uma variedade étnico-racial entre eles? Tais questões nos são muito importantes para pensarmos o processo de produção de conhecimento como um espelho. Se, diga-se de passagem, um espelho sempre reflete uma imagem, cabe indagar quais são as imagens que são refletidas na produção de um determinado conhecimento. Por ora, caberia responder: é a imagem de quem o produz que é refletida. Entretanto, quando pensamos as formas como tais dinâmicas acontecem no ocidente e com as etnias-raça branca, percebemos que não é assim.

Portanto, a construção da noção de clássico e por conseguinte a produção de uma história da antropologia baseada na existência destes é produto da forma pelo qual a etnia-raça branca vê a si mesma, ou seja, como a única que produz conhecimento válido, abstrato, científico e universal impedindo o diálogo aberto e honesto com outras etnias-raças e suas produções de vida e saber (Cardoso, 2014; Ani, 1994).

O narcisismo branco (Bento, 2002) não contribui para uma relação harmônica com outras epistemologias alternativas às suas, sempre reagindo com força, sentindo-se ameaçado, e assim sendo agressivo com as existências alheias às suas. Assim, o movimento de eleição de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

determinados sujeitos como os principais responsáveis para a consolidação da disciplina representa a auto imagem positiva da branquitude que se faz presente na História da Antropologia, mas que não é identificada e nem tampouco entendida por esses intelectuais como tal.

Cardoso nos presenteia com a noção de imagem da branquitude como um Drácula. “Um personagem sedutor que possui o corpo desejado por todos “não- Dráculas”. Corpo que o próprio não consegue observar diante do espelho, corpo que o próprio não consegue perceber da mesma maneira que os “não-Dráculas”, os não-brancos.” (2014, p. 35) Desta forma, quando nos indagamos acerca da imagem da produção do conhecimento antropológico, percebemos que nada é refletido, devido a sua universalização e abstração.

Retorno a questionar: qual a imagem refletida no espelho de produção de conhecimento antropológico? Afirmo: a da própria branquitude, uma vez que quando outros não-brancos ou “não-Dráculas”, como aqui exemplificado, se olham neste espelho, não veem a si, mas a imagem do branco (idem, *ibid*). E eis o que deve ser evidenciado.

Ressalto a necessidade de nos voltarmos para a história da antropologia pondo-a de frente para o espelho da raça, conforme venho fazendo em minha pesquisa, mas também nos outros espelhos - de gênero, sexualidade, território, etc. Ter isto em mente, na produção de conhecimento, nos permite construir uma perspectiva científica mais pluriversal (Ramos, 2011) e honesta.

REFERÊNCIAS

ANI, Marimba. **Yurugu: An African-centered critique of European cultural thought and behavior**. Africa World Press, 1994.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014.** 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

PEIRANO, Mariza G.S. A história que me orienta. **Rumos da antropologia no Brasil e no Mundo: geopolíticas disciplinares. Recife: Editora UFPE, p. 17-33, 2014.**

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. Trad. Dirce Eleonora Nigo Solis, Rafael Medina Lopes e Roberta Ribeiro Cassiano. **Ensaio Filosóficos**, v. 4, 2011.

SANABRIA, Guillermo Vega. **O ensino de antropologia no Brasil: um estudo sobre as formas institucionalizadas de transmissão da cultura. 2005.** 2005. Tese de Doutorado. Dissertação.(Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ONDE VOCÊ GUARDA O SEU RACISMO? OS (DES)LIMITES DAS DISCUSSÕES RACIAIS DENTRO DO AMBIENTE ACADÊMICO

Jacson de Jesus da Silva²⁹¹

RESUMO

Seja superior e aprenda a se blindar, finja demência e siga a vida. Esta foi a frase dita por um colega após eu compartilhar em um grupo de pares acadêmicos a seguinte postagem que havia acabado de ler: *mais um negro associado ao estupro, a própria raça que reclama do racismo.* Proponho, de forma implicada, refletir os modos de silenciamentos e os (des)limites para discussões raciais dentro na academia. Este trabalho vincula-se ao Simpósio Temático 13: A branquitude, a branquitude acrítica, a branquitude na educação e outros conflitos étnico-raciais e suas intersecções vividas no Atlântico Sul.

Palavras-chave: Racismo Estrutural; Branquitude; Educação superior.

INTRODUÇÃO

Seja superior e aprenda a se blindar, finja demência e siga a vida. Esta é a frase que terei que tentar digerir depois de ouvi-la de um par acadêmico após eu ter compartilhado uma postagem de cunho racista que havia acabado de ler em meu Facebook, que dizia o seguinte: *mais um negro associado a estupro, a própria raça que reclama do racismo [...] O negro é associado a tudo que é desgraça, estupro, morte, aborto e bandidagem [...] não adianta nada declarar que não é racista se eles mesmos adotam esta postura desprivilegiada.* A autora racista se referia ao terrível caso da criança de 10 anos, do Espírito Santo, grávida após ser

291 Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB e Mestrando em Educação no PPGE/UFPB. jacsonsilvaufpb@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

abusada sexualmente pelo tio que é homem preto. Cabe ressaltar que não objetivo esmiuçar este caso, tão pouco, tecer uma análise técnica sobre crimes de estupro e pedofilia.

Proponho, de forma implicada, enquanto homem preto, professor e acadêmico refletir sobre os modos de silenciamentos e os (des)limites para discussões raciais e das vivências de corpos pretos dentro da academia, a partir das minhas vivências em uma universidade pública. Este texto é um recorte da minha pesquisa de mestrado, em andamento, que objetiva: compreender e analisar como as trajetórias e os processos de in/exclusão educacional de homens pretos gays no ensino superior são/estão atravessadas pelos estigmas de raça, classe, gênero e sexualidades, partindo de uma perspectiva autonarrativa.

O CORPO NEGRO E A DISPUTA SIMBÓLICA DENTRO DA UNIVERSIDADE

Talvez para uma pessoa não-negra seja mais difícil compreender/elaborar imagetivamente situações de como o corpo negro discuta simbolicamente o lugar da/na universidade e as mais diversas formas coercitivas que são acionadas através de dispositivos de controle emergentes da branquitude para a manutenção e deslocamento dos significados do corpo para construção de simbolismos sociais/culturais. A branquitude é entendida aqui, como um lugar de poder que goza de privilégios simbólicos e materiais. Refere-se à identidade racial branca, que é uma identidade não marcada, heterogênea, não fixa e que se modifica ao longo do tempo, criando novas tecnologias/mecanismos para a manutenção do seu *status quo* (ALVES, 2020; CARDOSO, 2010). A branquitude, historicamente, instituiu o racismo e a ideia de raças, posicionando-as em pares opostos, onde a raça branca está relacionada ao desenvolvimento intelectual e à produção cultural, enquanto as não-brancas são relacionadas a tudo que é intuitivo, pouco inteligível e à falta de desenvolvimento cultural, político e econômico (HALL, 2016). O racismo é visto aqui como uma forma sistemática/estrutural de discriminação que resulta em desvantagens ou privilégios para determinados grupos raciais

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

(ALMEIDA, 2018). Acrescento dizendo que não se trata só de uma hierarquização para manutenção do poder, mas de um plano de eugenia e epistemicídio dos não-brancos.

O racismo se apresenta na academia muitas vezes através do lugar da dúvida e do questionamento da capacidade intelectual de pessoas negras. Não é raro me deparar com pessoas brancas durante atividades acadêmicas questionando: mas você leu mesmo esse texto? Foi o mesmo texto que eu? Você tem certeza que conseguiu entender o que o autor(a) quis dizer? O racismo é guardado nas tentativas de silenciamento através da dúvida sobre a capacidade interpretativa e discursiva de pessoas pretas sobre as produções acadêmicas, que quase sempre são brancas. Travar/barrar qualquer iniciativa de discussão racial é uma outra forma de silenciamento explícito, despido de timidez, arranjos e decorações, é como se não precisássemos mais tocar nesse assunto. Ao que parece, querem me fazer acreditar que o fato de estar na universidade me distancia da necessidade de discutir as mazelas do racismo institucional e estrutural nas suas manifestações cotidianas, como se eu estivesse blindado a ele. Fingir demência, ser superior e silenciar, como sugerido na tal frase dita motivacional, é fingir que as minhas dores e de outras pessoas pretas nunca existiram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Disputar simbolicamente os espaços da/na universidade é ter que se reafirmar/provar todos os dias, ao passo que se tenta driblar as barreiras coercitivas de um sistema de ensino excludente, branco e elitista como o campo acadêmico. Encontro-me, diariamente, questionando se o espaço da pós-graduação é realmente para mim, é tanto descrédito que a branquitude consegue instalar a dúvida em nossas cabeças, talvez essa seja a maneira mais eficaz de nos fazer desistir de ocupar espaços ditos de poder e nos curvar a ela. Recuso-me.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG) Letramento, 2018.

ALVES, L. **Branquitude e o Significado de Ser Branco no Brasil**. Pedagógico SMESP.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D8GMKooiPnw>. Acesso em 11 Set. 2020.

CARDOSO, L. **Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco antirracista**. *Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv* 8(1): 607-630, 2010.

HALL, S. **Cultura e representação** - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

PROFESSORES BRANCOS: APONTAMENTOS SOBRE O DITO E O NÃO-DITO DA BRANQUITUDE NOS DISCURSOS DO COTIDIANO

Maria Isabel Donnabella Orrico²⁹²
Vanessa Fernanda Rodrigues²⁹³

RESUMO

A presente pesquisa visa captar e analisar as representações sociais de professores brancos atuantes em uma escola do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Campinas no que se refere às questões sobre branquitude, às relações étnico-raciais e à prática escolar. Os dados foram coletados durante uma formação onde os professores foram instigados a falar a partir de questões colocadas pelas formadoras. As análises foram feitas sob o olhar da Psicanálise. Os resultados obtidos a partir da análise das narrativas evidenciam dificuldade em elaborar um discurso que não incorra em práticas estruturais de racismo, especialmente no que se refere à ausência de embasamento teórico sobre as questões étnico-raciais, ao exposto desapercibimento de si, em se pensar racializado, e à ausência de um posicionamento autocrítico em relação das questões da branquitude.

Palavras-chave: Branquitude; Psicanálise; Análise do discurso; Professores brancos; professoras brancas.

SOBRE FALA, PALAVRA E PODER

Entendemos que a fala, que é uma elaboração da palavra à linguagem, percebida como um instrumento tanto de desmoronamento, quanto de sustentação das estruturas que da branquitude. Franz Fanon (2008) acredita que “Falar é estar em condições de empregar certa sintaxe (...), mas é sobretudo assumir a cultura, suportar o peso de uma civilização”

292 Universidade Estadual de Campinas, bebel_vm@hotmail.com

293 Prefeitura Municipal de Hortolândia, vanrodrigues.mail@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

(FANON, 2008, p. 33). Isso consiste em dizer que o ato de nomear e definir a partir de uma determinada normatização linguística, expressar-se de determinada forma ou maneira, entre outras coisas, também se conecta com as experiências vividas do indivíduo, tanto como estrutura social e política quanto, e porque não dizer, de afeto. Ao lugar da elaboração de todas essas experiências vividas e marcadas pela memória, a Psicanálise, sobretudo Freud (2012), chamou de consciente e inconsciente. Ele entende que nossas elaborações são processos individuais de auto-conhecimento e reconhecimento que nos são dados a partir da elaboração da Fala. Na Psicanálise, o tempo da construção de nossa psique é mais próximo do mítico: acontecimentos do passado, vivência do presente se reúnem e de alguma forma contribuem para a criação de uma narrativa, mantendo uma estrutura mais ou menos permanente organizada pela linguagem falada.

Nesse estudo, optamos por analisar o dito e o não dito da branquitude considerando-a como um lugar de poder, uma posição confortável onde o branco vê e define o outro e a si mesmo. Entendemos o termo “branquitude” como um conceito histórico, não homogêneo e que se modifica de acordo com o tempo ou se relativiza de acordo com o contexto local ou global. Embora não tenha significado intrínseco, é sempre um lugar de privilégios (CARDOSO, 2014). Se entendemos a branquitude como um conceito inserido no inconsciente como uma ideologia vigente, os discursos são um reflexo dessas inserções. Este sintoma se dá a partir da negação, omissão de determinadas palavras que elaboram a ideia da branquitude e do racismo.

O ESTUDO

Tomamos como base material para a análise deste estudo, as falas que ocorreram durante uma formação para educadores - oferecida pelas autoras - durante o mês de junho em uma escola municipal de Ensino Fundamental de Campinas. Para este trabalho, tomamos por ferramenta à Análise do Discurso da Escola Francesa, mais precisamente a defendida por

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Pêcheux (2014), por entender que para ele existe uma relação intrínseca entre Psicanálise e Discurso.

Foram propostas algumas questões para fomentar o debate e a princípio o que se pode observar é uma dificuldade evidente das professoras brancas²⁹⁴ em verbalizar as palavras “racismo” e “branquitude” em seus discursos. Apesar de parecer implícito um entendimento desses conceitos, a verbalização foi rara e quase inexistente em algumas falas. Um outro ponto que chama bastante atenção é o aparecimento de uma estrutura egoica muito firmada em relação às opiniões antagônicas à percepção do racismo e da branquitude. O “Eu” aparece como base estrutural para a negação do racismo. Apesar de solicitado que mencionassem seu pertencimento étnico-racial no início de suas falas, de modo geral, as professoras brancas precisaram ser lembradas de fazê-lo. A dificuldade de racializar-se remonta de um pensamento construído em uma zona de superioridade em relação ao “outro”, negro.

Percebe-se em algumas professoras o incômodo causado pelo movimento “Vidas negras importam”. Aparentemente, seria uma característica comum à chamada “fragilidade branca”, o que, segundo DiAngelo (2018) leva à raiva, medo e culpa e geram comportamentos como discussão, silêncio e abandono que servem para “reestabelecer o equilíbrio racial branco”. (p.36) Aliás, Maria Aparecida Bento em 2002 já defendia a ideia de que falar sobre racismo e sobre as relações raciais “pode provocar reações intensas e contraditórias (...), tais como dor, raiva, tristeza, sentimentos de impotência, culpa, agressividade, etc” (BENTO, 2002b, p.148). Inclusive, segundo Bento (2002), o desejo de manter os privilégios restritos a seu grupo de pertença – assim como o preconceito - pode levar o branco a se comportar de maneira discriminatória. Além disso, segundo a autora, assumir as discriminações implica em dizer que uma mudança é necessária e mudar exige primeiro reconhecer que seus privilégios são frutos de uma história nacional racista.

294 Importante marcar que, embora no grupo existissem alguns homens brancos, nenhum deles se manifestou. Uma hipótese seria a de que sujeitos pertencentes a esse grupo, por estarem em uma situação social confortável – tanto por serem brancos, como por serem homens em uma sociedade estruturalmente racista e patriarcal – estivessem optando pela omissão, garantindo a autopreservação. (BENTO, 2002)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando e comparando as informações coletadas em nossa pesquisa e os dados coletados por Soligo et al. (2018), que mostram o baixo interesse dos brancos por cursos relacionados à temática étnico-racial, é possível identificar que as/os professoras/es brancas/os parecem estar em uma situação confortável dentro de seus processos de privilégio. Fica reafirmado o desafio: como engajar professoras/es brancas/os nesse debate?

As falas das professoras brancas da escola onde se desenvolveu a pesquisa – bem como a ausência de falas - ilustram de certa forma de que lugar estão sendo elaborados os discursos no interior da escola e demonstram como os profissionais continuam sendo formados através de uma pedagogia branca. Segundo Kilomba (2019), a oposição entre a branquitude e negritude cria uma espécie de “fantasia branca” sobre quem é o sujeito negro e como, enquanto branco, esta fantasia se projeta no “outro”, no negro. Dessa maneira, a branquitude se configura como uma estrutura traumatizante que formaliza a irracionalidade do racismo, colocando o sujeito negro como o diferente e inferiorizado diante da negação do branco em racializar-se, pois neste jogo de poder e projeção, ele se configura como neutro amparado pelas estruturas de privilégio intrincadas na branquitude.

REFERÊNCIAS

BENTO, M. A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. *In: CARONE, I. & BENTO, M. A. S. (Orgs.) Psicologia social do Racismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.

_____. Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro. *In: CARONE, I. & BENTO, M. A. S. (Orgs.) Psicologia social do Racismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002b.

CARDOSO, L. C. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. 290f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DIANGELO, R. Fragilidade branca. **Eco Pós**, v. 21, n. 3, p.17-34, 2018.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. (Original publicado em 1952).

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: LP&M, 2012.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro. Borogodó, 2019.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma Crítica à Afirmação do Óbvio** (1975). 5. ed. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas: Unicamp, 2014.

SOLIGO, Â. F. et. al. A Consolidação da Lei 10.639/03 no Município de Campinas-São Paulo: experiências e desafios. **Revista da ABPN**. v. 10, Ed. Especial Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afrobrasileira, p. 265-294, mai. 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/433-1-1109-2-10-20180607%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/433-1-1109-2-10-20180607%20(1).pdf). Acesso em: 02 set. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

“A PELE ESQUECIDA”: CONSIDERAÇÕES A CERCA DA INVISIBILIDADE DA PELE NEGRA NOS LIVROS DE DERMATOLOGIA MÉDICA

Luysa Gabrielly de Araujo Morais²⁹⁵
Natália Viana Nogueira²⁹⁶
Janice Alves Trajano²⁹⁷

RESUMO

A escola médica é burguesa, branca, masculina, hétero e CIS gênero. É fruto de uma sociedade meritocrática, machista e racista, carregando em sua essência sequelas desses absurdos sociais. A ausência da pele negra nos livros de dermatologia é um exemplo disso, uma vez que essa invisibilidade interfere na formação de um profissional capaz de reconhecer e tratar patologias. A invisibilidade é um ato de violência, é fruto de um acesso à saúde historicamente negado, dificulta o atendimento e a cura, reafirma a raça/etnia como determinante social em saúde e contribui com o racismo estrutural.

Palavras-chave: Dermatologia; Pele Negra; Acesso à saúde.

INTRODUÇÃO

A construção histórica da academia médica é feita para e por homens CIS brancos e héteros, ela designa esses corpos e condutas como o padrão de normalidade e o padrão referencial, “ponto de partida”, para qualquer análise, o que culmina com a negligência dos corpos que não seguem o mesmo padrão, dentre eles: o corpo feminino, o corpo TRANS, o corpo não hétero e o corpo negro.

295 Acadêmica de Medicina do Centro Universitário de Patos – UNIFIP. Luysaaa@gmail.com

296 Advogada, Faculdade Paraíso – FAP. nataliavianaadv@gmail.com

297 Mestranda em Antropologia, Universidade Federal do Ceará – UFC. janicetrajano@live.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A medicina, enquanto ciência branca, influenciou de forma significativa a construção do padrão de saúde e doença da população negra, uma vez que à esses sujeitos foi negado o acesso à profissionais academicamente formados. Historicamente escravizados e submetidos à condições precárias e desumanas tanto nos navios, quanto nas senzalas, os personagens iniciais, e principais, da saúde da população negra são as benzedeadas e rezadeiras, mulheres negras que inicialmente realizavam o processo de cuidado dos adoecidos através da religiosidade e do uso de plantas medicinais (fitoterapia) (MORAIS *et al.* 2019). Os médicos eram designados para a parcela branca e abastada da sociedade.

Atualmente, no pós abolição e democratização do acesso à saúde, o acesso à medicina deveria ser pleno para todos os sujeitos, infelizmente, não é a realidade. Em seu livro: “Como e porque as desigualdades sociais fazem mal à saúde”, Rita Baratta (2009) apresenta alguns determinantes sociais em saúde, dentre eles, a raça, demonstrando que apesar da democratização teórica da saúde a população negra ainda enfrenta o racismo estrutural, que culmina com falta de acesso, violência e invisibilidade dos sujeitos negros.

Essa construção histórica e invisibilidade resulta na falta da abordagem clínica dermatológica da pele negra nos livros e nos sites de buscas de imagens, gerando uma deficiência teórica na formação dos profissionais e, conseqüentemente negligenciando o direito universal ao acesso à saúde. É, portanto, objetivo deste estudo, tecer considerações e discutir a ausência da abordagem da pele negra nos livros de dermatologia médica e sites de busca de imagens (Google imagem) e sua repercussão na violência em saúde vivenciada pelos sujeitos negros.

METODOLOGIA

Estudo qualitativo em formato de revisão de literatura e pesquisa documental realizada nos bancos de dados Biblioteca virtual em saúde (BVS), *National Library of Medicine and the National Institutes Health* (PUBMED) e *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), em

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

livros didáticos de medicina e em sites de buscas de imagens (Google Imagens). As informações foram colhidas, analisadas e sistematizadas no presente estudo.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os livros de dermatologia médica, a exemplo, o livro de Rubem David Azulay (2006), bibliografia básica para a maioria das disciplinas de dermatologia no país, usam como base os corpos brancos para apresentação das patologias, sendo, portanto, a maioria das doenças dermatológicas descritas apenas em pacientes de pele branca.

Por ser uma ciência de identificação patológica através da visualização das lesões (alterações na pele) a ausência de descrição clínica de lesões em pacientes da pele negra culmina com um subdiagnóstico ou até, não diagnóstico, das patologias e, conseqüentemente com o não tratamento (ALCHORNE e ABREU, 2008). A ausência de descrição clínica determina à negação do acesso à saúde, uma vez que o diagnóstico e, conseqüentemente, o tratamento é prejudicado pelo desconhecimento profissional das manifestações dermatológicas em pele negra.

Outro fator que determina o processo de exclusão dos sujeitos negros do acesso à saúde em dermatologia é o fato de que a construção histórica higienista e eugenista da medicina culminou com a associação da pele negra à contextos de sujeira, impureza e feiura. Essa associação é exemplificada ao se pesquisar em sites de busca de imagens (Google Imagens) palavras como acne (“espinha”) ou micose, duas das patologias mais comuns em dermatologia, nessa simples busca, é evidenciado o aparecimento de diversas imagens, todas de sujeitos com pele clara (brancos).

Entretanto, ao se pesquisar Hanseníase, que é uma doença envolta em estigmatização por ser historicamente associada à falta de higiene, causar deformidades e ser contagiosa, os corpos negros passam a aparecer nas buscas. Ao pesquisar Leprosia, termo pejorativo usado para excluir e violentar os portadores de hanseníase, historicamente atrelado à um ideário de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

sujeira, feiura e perigo (os sujeitos diagnosticados com lepra eram isolados em territórios afastados para não terem contato com o restante da sociedade) a maioria das imagens são de pessoas negras.

É essa ausência quase que total e, quando presente, é essa estigmatização da pele negra que resulta na exclusão desses sujeitos do acesso à saúde de maneira plena. Os profissionais de saúde acabam por não ter uma formação técnica eficiente por não são apresentados às manifestações cutâneas patológicas em sujeitos negros e acabam por negligenciar o cuidado desses indivíduos. É a invisibilidade negra resultando em má formação histórica dos profissionais de saúde, em destaque os médicos, e causando um panorama ainda mais violento de racismo estrutural e negligência no direito universal de acesso à saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo branco e masculino foi a base para o desenvolvimento da medicina atual, o que culminou com um processo de invisibilidade dos corpos negros, essa invisibilidade é um ato de violência e retrata um acesso à saúde historicamente negado e uma população recorrentemente atrelada a um estigma de feiura, impureza e sujeira. É necessário rever como estão sendo educados os jovens médicos e demais profissionais de saúde, para garantir que o ensino seja repassado de modo efetivo, inclusivo e que não corrobore com o ideal de negligência e exclusão com os sujeitos negros a tanto incrustado na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALCHORNE, Mauricio Mota de Avelar; ABREU, Marilda Aparecida Milanez Morgado de. Dermatologia na pele negra. **An. Bras. Dermatol.**, Rio de Janeiro, v. 83, n. 1, p. 7-20, fev. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-05962008000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0365->

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

[05962008000100002](https://doi.org/10.5962008000100002).

AZULAY, Rubem David; AZULAY, David Rubem. Dermatologia. In: **Dermatologia**. 2006. p. 829-829.

BARATA, Rita Barradas. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. Editora Fiocruz, 2009.

GOES, Emanuelle Freitas; SANTOS, Elisa Maria. RACISMO, GÊNERO E SAÚDE NO BRASIL. In: **18 REDOR**. 2015.

MORAIS, L.G.A; ARAUJO R.M.S; MORAIS, L.P.A; NETO, J. J. A; TRAJANO, J.A. AS repercussões da construção histórica do padrão de saúde-doença da população negra na saúde pública brasileira in: **Diversidades: Diferentes, não desiguais 2**. Editora Atena, 2019.

PEREIRA, A. L. C. et al. **Dermatologia**. 2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. O que é racismo. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, v. 25, p. 535-549, 2016.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A BRANQUITUDE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC: IMPLICAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Juliana de Sousa Barbosa²⁹⁸

RESUMO

O presente trabalho destina-se ao Simpósio Temático 13 - A branquitude, a branquitude acrítica, a branquitude na educação e outros conflitos étnico-raciais e suas intersecções vividas no Atlântico Sul, trata-se de um recorte do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da UFSC, sobre as relações étnico-raciais. A partir da análise do currículo do curso, destaco a necessidade de problematizar a racialização da população branca e a naturalização da construção desta identidade na formação inicial do Curso de Pedagogia.

Palavras-chave: Educação das Relações Étnico-raciais; Branquitude; Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

O presente escrito trata do recorte do trabalho de conclusão de curso, intitulado A Educação das Relações Étnico-Raciais nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil: implicações na Formação de Professores, apresentado no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina. Que teve como objetivo geral, analisar de que forma o tema das relações étnico-raciais implica a formação de estudantes da Pedagogia e como o tema aparece na Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs). Inicialmente, definimos conceitualmente o tema das relações étnico-raciais; em seguida, investigamos como o tema é abordado na formação de professores, por meio da análise de

298 jusbarbosa@gmail.com - UFSC

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

trabalhos de conclusão de curso da Licenciatura em Pedagogia da UFSC; Por fim, refletimos sobre a relação entre a presença do tema na Lei de Diretrizes Nacionais da Educação Infantil e na formação de professores.

METODOLOGIA

Para alcançarmos nosso objetivo, utilizamos um delineamento bibliográfico e documental, no qual foi possível visitar autores que subsidiaram nossa discussão. No levantamento bibliográfico, os autores, além de facilitarem a compreensão dos conceitos de racismo, raça, etnia, branquitude, etc., nos ajudaram a pensar as relações étnico-raciais na Educação Infantil. Gomes (2006, p. 55) reafirma que a “discriminação racial refere-se à prática do racismo e a efetivação do preconceito racial”, e atribuem crenças e valores negativos sobre determinados grupos sociais. De acordo com Bento (2002, p.29), a Branquitude é definida como “traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento”. Nesse sentido, o conceito nos orienta sobre a necessidade de problematizar a racialização do branco e a naturalização na construção dessa identidade.

DISCUSSÃO

Os TCCs da Pedagogia da UFSC nos revelaram que o interesse na discussão das questões étnico-raciais, ainda é considerado pequeno por parte dos estudantes do curso, estando o tema presente apenas em uma disciplina optativa do currículo do curso. Além disso, constatamos que a maioria dos trabalhos, foram produzidos por pesquisadoras negras e orientados por professoras negras, colocando a responsabilidade de compreender essas discussões, apenas nas pessoas negras. Quando na verdade, as relações étnico-raciais, no sentido amplo, devem ser discutidas e compreendidas por todos que compõem estas relações.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Em especial, às professoras não negras, cabe o papel e o compromisso de problematizar a branquitude e o que ela produz nas mais diferentes dimensões da prática educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito a leitura do documento, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, nos possibilitou perceber sobre como a questão étnico-racial é citada, aparece naturalizada como uma questão de determinados grupos sociais “portadores” de raça e etnia, ou seja, desconsiderando estas dimensões como produzidas nas relações entre pessoas negras e não negras. Portanto destaca-se a importância de ampliar essas discussões na formação inicial dos estudantes do curso de pedagogia, por reconhecer que a educação da relações étnico-raciais exige novas aprendizagens de um projeto coletivo para uma Educação Infantil mais justa, democrática e antirracista. Assim, destaca-se a emergente necessidade de formação continuada sobre a educação das relações étnico raciais para os profissionais da educação, a fim de superar atitudes preconceituosas e discriminatórias. O ambiente educacional precisa trazer as questões sociais presentes nos contextos das crianças com o objetivo de promover programas e ações políticas dentro dos ambientes que tenham como propósito enfrentar de forma pedagógica e formativa, preconceitos e discriminações.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Maria Aparecida. **Cidadania em preto e branco**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003;
BENTO, Maria Aparecida; CARONE, I. (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- GOMES, Nilma Lino et al. **Identidades e Corporeidades Negras: Reflexões sobre uma experiência de formação de professores/as para a diversidade étnico-racial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE SUJEITO COMO ENRAIZAMENTO DO RACISMO

Maria Gerlane Cavalcante²⁹⁹
Germano Alves Cavalcante³⁰⁰
Luizete Vicente da Silva³⁰¹

RESUMO

Na contemporaneidade, o racismo tem sido muito trabalhado na sociedade e tem diminuído como prática social, porém, há formas mais recentes e distintas de discriminação e de estereótipos (Lima & J.Vala, 2004), compreendendo-se então, que o preconceito racial está enraizado e é introjetado por meio de representações sociais (Almeida, 2016). Objetiva-se com o presente trabalho, fazer uma revisão bibliográfica referente a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) no que tange a noção de sujeito constituída nas relações, através do construto de atitudes sociais (Jodelet, 2009). O estudo da construção identitária a partir das concepções sociais permitem o direcionamento de discussões sobre possibilidades de atenuar o preconceito racial mediante perspectivas de cognição social (Loewenhaupt & Iglesias, 2018).

Palavras-chave: Representações sociais; preconceito racial; racismo.

INTRODUÇÃO

O racismo se tornou um tema bastante discutido e difundido nos tempos contemporâneos, várias foram as investidas a fim de mitigar a problemática. No entanto, embora tenha diminuído como prática social perceptiva, o racismo ainda persiste e faz parte

299 Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, gerlane_cavalcante@outlook.com
300 Faculdade Entre Rios do Piauí – FAERPI, germanoalves@hotmail.com
301 Universidade Federal do Ceará – UFC, luizetevicentesilva@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

do cotidiano da sociedade, seja através de formas mais sofisticadas de expressão, seja pela memória social e a vivência de um povo que se desenvolve por meio de bases e das raízes de uma cultura racista.

A Psicologia Social percebe o racismo como uma atitude social, um conjunto de crenças, valores e sentimentos que predisõem a uma ação ou tomada de decisão diante de um objeto social, é uma ideia cristalizada de um agente e sua posição individual e coletiva relativa a um objeto, em outras palavras, é um atalho cognitivo mais fácil de responder as situações do dia a dia com base no que foi aprendido na socialização. O que se percebe é que as múltiplas ações antirracistas empregadas até então não foram suficientes, evidenciando o enraizamento do racismo e a internalização deste nas relações cotidianas e na própria percepção de si. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é através de uma revisão bibliográfica referente à Teoria das Representações Sociais, apontar direcionamentos para mitigar o problema, a partir da cognição social.

METODOLOGIA

A literatura dispõe de discussões que percebem o racismo como naturalizador das diferenças entre grupos que persiste sob novas mais sutis e sofisticadas (Lima & J. Vala, 2004), através da cognição implícita (Loewenhaupt & Iglesias, 2018) evidenciando que permanece aprofundado nas representações sociais (Moscovici, 2012) na ideia de haver uma hierarquia genética entre raças, em que o preconceito resulta dessa relação de poder entre os grupos (Pereira et. al, 2003). O sujeito constrói uma concepção da sociedade ao passo que esboça sua identidade (Almeida, 2016), já que nas representações sociais coexistem os campos subjetivo, intersubjetivo e transubjetivo (Jodelet, 2009).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A compreensão do racismo e seu enraizamento a partir da Psicologia Social permite apontar direcionamentos para o problema. Uma forma de mitigar associações automáticas racistas é fortalecer o componente cognitivo da atitude social, pois se trata de uma forma de reconstruir o sistema de crenças. Ademais, o processo de socialização e o contato intergrupais têm forte impacto na maneira de perceber o social, assim, é importante voltar a atenção para as práticas parentais e escolares de ensino, e ainda, aproveitar as situações de dissonância cognitiva para evidenciar novas informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É crucial perceber o mecanismo de cognição implícita que sustenta as novas formas de racismo e utilizá-lo para atenuar a problemática. Mormente, demonstra-se necessário promover a ressocialização de grupos marginalizados para fortalecer o contato intergrupais e otimizar as noções de identidade com discussões, partindo de ambientes de primeira convivência, como a família e a escola.

REFERÊNCIAS

BERTONI, L. M., and GALINKIN, A. L. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, L. P., COUTO, M. E. S., and ASSIS, R. A. M., orgs. **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em Educação: concepções e trajetórias** [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 101-122. ISBN: 978-85- 7455-493-8.

JODELET, D. (2009). The return to the notion of subject and the approach of social representations. **Sociedade e Estado**, 24(3), 679–712. <https://doi.org/10.1590/s0102->

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

69922009000300004.

LIMA, M. E. O., & VALA, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia** (Natal), 9(3), 401–411. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2004000300002>.

LOEWENHAUPT, R., & IGLESIAS, F. (2018). Perspectivas da cognição social implícita para redução do preconceito. **Revista Negócios Em Projeção**, 9(1), 278–286.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Simpósio Temático 14 – A pessoa com deficiência, Acessibilidade Racismo

Coordenadores(as)

Prof^a Dr^a Marla Vieira Moreira de Oliveira (NUARC/URCA)

Prof^a Me. Rosane Gueudeville dos Santos (NUARC/URCA)

Carlos Jefferson Silva Dantas (Pedagogia/URCA)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

EDUCAÇÃO BRASILEIRA: A INCLUSÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS AVANÇOS NO SÉCULO XXI

Antonio Rodrigues Sobrinho Filho³⁰²

RESUMO

A educação brasileira envolve qualquer forma de educação, seja ela da criança, ou seja, ela na família é considerada a primeira etapa da educação básica, ajudando no desenvolvimento psicológico, físico e social da criança. A Educação inclusiva, portanto, busca em um mesmo contexto escolar realmente buscar incluir todos os estudantes e mesmo diante das suas dificuldades, dessa forma as diferenças deixarem de ser vistas como problemas e sim uma diversidade e variedade, e por fim, gerar uma visão de mundo a partir da realidade social, com base nesta questão, tratou-se de um estudo de modalidade exploratória, com delimitação de busca a partir de descritores sobre o assunto, por meio de uma pesquisa bibliográfica, tendo como o objetivo geral de analisar a inclusão social na educação infantil brasileira. Dessa forma a educação infantil é importante, pois cria condições para que as crianças possam conhecer e descobrir novos valores, costumes e sentimentos, através das interações sociais, e nos processos de socialização, o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Fundamentados nisso, precisa-se fortalecer a ideia de que não basta o conhecimento dos direitos legais dos diferentes à educação, mas também o reconhecimento por parte da família das capacidades alternativas de elaboração e construção de conhecimentos, exigindo que o ambiente escolar cumpra seu papel educativo também para essas pessoas. Contudo a Educação Infantil é um processo cultural, onde através de métodos, didáticas e técnicas específicas pode-se conduzir os alunos a desenvolverem relações de respeito mútuo, justiça, solidariedade, igualdade, tornando a criança pensante e responsável pelas suas ações e atitudes na sociedade.

Palavras-chave: Inclusão, Educação Infantil, ensino-aprendizagem.

302 Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Especialista em Alfabetização e Letramento, Psicopedagogo Clínico e Institucional, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional – PGPCI-UFPB. naldo_cz@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

INTRODUÇÃO

A Educação Inclusiva é uma área de conhecimento que visa explorar o potencial das pessoas com deficiência. Iniciou-se no Brasil no século XIX, com a criação de instituições educacionais especializadas voltadas para o abrigo, a assistência e a terapia de seus educandos, como por exemplo o Imperial Instituto dos Meninos Cegos (1854) e o Imperial Instituto de Surdos-Mudos (1857), atualmente, conhecidos como, Instituto Benjamim Constant e Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES); havia neste período um leque de expressões para nomear tanto o trabalho realizado quanto este público alvo atendida nestas instituições, e em nossos dia a dia, que se refletem nos meios sociais (DRAGO, 2011).

A LDB define a educação infantil como primeira etapa da educação básica que tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Considerando a proposta brasileira de educação inclusiva referendada em suas políticas educacionais, entendemos que o movimento de reorganização da escola tem que começar na educação infantil, pois esta é a primeira etapa da educação.

Os primeiros anos de vida de uma criança são muito importantes, pois estes são cruciais para o desenvolvimento da inteligência, da personalidade, da linguagem, da socialização. A aceleração do desenvolvimento cerebral durante o primeiro ano de vida é a mais rápida e mais extensiva do que qualquer outra etapa. Entretanto, o desenvolvimento do cérebro é muito mais vulnerável nessa etapa e pode ser afetado por fatores nutricionais, pela qualidade da interação, do cuidado e da estimulação proporcionada à criança (MENDES, 2010).

O MEC, com suas políticas, tem trabalhado na perspectiva de que os Estados e municípios brasileiros introduzam em suas escolas e instituições de educação infantil todas as crianças com deficiência. Nesse sentido, tem firmado parcerias e convênios para garantir o atendimento desses alunos.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O ministério contribui com ações de sensibilização da sociedade e da comunidade escolar, disponibiliza material de apoio e tecnologia educacional que contribua com a prática pedagógica e de gestão escolar, e também com a produção e disseminação de conhecimento sobre a educação inclusiva (DUTRA, 2012).

Dentre os objetivos a serem alcançados em uma educação inclusiva, o preconceito é uma das barreiras difíceis de solucionar. Este se baseia num prejulgamento, formado independentemente da experiência e da reflexão, que predispõe o indivíduo preconceituoso a agir em relação a alvos específicos (CROCHÍK, 2006).

Essa predisposição oferece resistência à mudança e se caracteriza como defesa psicológica contra um sentimento de ameaça de origem social. O preconceito é uma atitude que, dependendo das condições, pode se manter oculta e estar em contradição com a ação manifesta.

A Educação inclusiva, portanto, busca em um mesmo contexto escolar realmente buscar incluir todos os estudantes e mesmo diante das suas dificuldades, dessa forma as diferenças deixarem de ser vistas como problemas e sim uma diversidade e variedade, e por fim, gerar uma visão de mundo a partir da realidade social, sendo www.conedu.com.br que todas as crianças estejam fazendo parte deste meio, como se tem como seu direito de se tornar uma pessoa capaz de exercer a sua cidadania.

Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar a inclusão social na educação infantil brasileira, visto que se tratou de um estudo de modalidade exploratória, de base bibliográfica com delimitação de busca a partir de descritores sobre o assunto.

Desenvolveu-se o trabalho tomando como fonte de dados à literatura sobre o tema: Educação inclusiva na educação infantil. Nesse aspecto, se faz pertinente iniciar com as conceituações sobre os temas: educação inclusiva, educação infantil, crianças. Para tanto, a pesquisa teve como aporte a revisão bibliográfica sobre o assunto.

Buscou-se para a exploração do tema, em princípio, a aproximação a partir da prospecção de materiais capazes de informar a real importância do problema. Foi realizado o

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

estudo por meio do levantamento bibliográfico em bases de serviços online Google, complementados por livros de leitura corrente ou de referência e relatórios de eventos científicos. Como procedimentos para a coleta de dados foi por meio do uso de palavras chaves incluíram combinações dos seguintes termos: “educação inclusiva” e “educação infantil”, “crianças” e “inclusão”, entre outras. Após a localização das fontes realizou-se uma leitura analisando os temas pertinentes a cada trabalho e conciliando aos objetivos do presente estudo. O texto centra-se inicialmente nas discussões a educação infantil, seguida da participação da família na inclusão social e por fim algumas considerações finais, deixando em aberto pra novas pesquisas científicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação Infantil e inclusiva

A educação infantil envolve qualquer forma de educação da criança, ou seja, ela na família, comunidade, sociedade e cultura. É por meio da inserção desta criança nas instituições de educação infantil, além de está garantido o seu direito está melhorando as relações éticas e morais, com base nos valores da sociedade na qual está inserida, formando assim o seu aspectos cognitivos e meta-cognitivos.

Na Lei de Diretrizes da Educação Básica- LDB, lei 9394/96, no Art.29 defende que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 2016,p.13).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Dessa forma a educação infantil é importante, pois cria condições para que as crianças possam conhecer e descobrir novos valores, costumes e sentimentos, através das interações sociais, e nos processos de socialização, o desenvolvimento da identidade e da autonomia.

Contudo trazer a participação de todas as crianças, por meio da convivência entre elas, por meio das brincadeiras e da interação entre os mesmos, resulta na melhoria do processo de aprendizagem das mesmas. Para isto pode ser usado durante as práticas pedagógicas o lúdico.

O lúdico é considerado prazeroso devido a sua capacidade de absorver a criança de forma única, até mesmo se sentido mais a vontade e liberdade pra se expressar os seus sentimentos e emoções durante os processos educativos. Segundo Kishimoto (2001), enquanto a criança brinca sua atenção foca na atividade em si e não em seus efeitos. Podendo dessa forma ser atingindo os objetivos dos princípios educativos exigidos para capacidades de cada criança.

Por outro lado, a educação inclusiva implica numa possibilidade legal de educação para todos, isto é a educação que visa reverter o percurso da exclusão, ao criar condições, estruturas e espaços para uma diversidade de educandos. Assim, a escola será inclusiva quando conseguir transformar não apenas a rede física, mas, a postura, as atitudes e a mentalidade dos educadores e da comunidade escolar em geral, para aprender a lidar com o heterogêneo e conviver naturalmente com as diferenças (ARNAIS, 2003).

Dessa forma muitas crianças que possuem dificuldades de aprendizagem podem ser atendidas e incluídas nos processos educativos. Sendo que a educação inclusiva é centrada em um paradigma educacional que procura garantir todos os direitos humanos e sociais.

Participação da família na inclusão social

A família e a escola são dois elementos muito importantes na socialização do indivíduo na medida em que os dois influenciam diretamente na educação do mesmo, contribuindo para a sua realização pessoal e concretização dos seus projetos ao longo da sua.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A escola e a família, assim como outras instituições, vêm passando por profundas transformações ao longo da História.

Com isso é interessante perceber que os processos de formação se dão não apenas nos estabelecimentos de ensino como também em outras ambiências culturais como a família, visto que a família é o centro essencial para o desenvolvimento de todo ser humano. A família é considerada a base da sociedade, conforme o art. 226 da Constituição Federal de 1988.

As crianças e os adolescentes com deficiência possuem o direito à educação inclusiva, que respeite sua dignidade e, a comunidade familiar deve participar dessa formação intelectual e lutar pela inclusão das crianças com deficiência na sociedade.

De acordo com o artigo 205 da Constituição Federal:

[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1998, p.76).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 4º discorre:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990, p.1).

O dever da família com o processo de escolaridade e a importância de sua presença no contexto escolar também é reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que no seu artigo 1º trás o seguinte discurso:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS
movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.
(BRASIL, 2016, p.8).

É a efetivação do direito de qualquer aluno se matricular em escola regular de ensino sem qualquer tipo de restrição. Considerando o princípio constitucional da igualação de direitos (Constituição federal, art. 5º), o conceito de escolar está vinculado, por extensão, ao conjunto de princípios que fundamentam a organização do ensino, nos termos do art. 3º da Lei Diretrizes e Bases, inclusive ao conceito de permanência na escola.

Fundamentados nisso, precisa-se fortalecer a ideia de que não basta o conhecimento dos direitos legais dos diferentes à educação, mas também o reconhecimento por parte da família das capacidades alternativas de elaboração e construção de conhecimentos, exigindo que o ambiente escolar cumpra seu papel educativo também para essas pessoas.

Diante do exposto, pode-se afirmar que para poder construir uma sociedade inclusiva é preciso antes de qualquer coisa, de toda uma mudança no pensamento e na estrutura da sociedade e isso requer certo tempo. O que irá realmente nortear e desencadear essas mudanças é a real aceitação das pessoas com deficiências e essa aceitação deve começar pela própria família. O papel da família tem sido cada vez mais ressaltado, no sentido de ser parceira vital no processo de integração (social, escolar) da pessoa com deficiência.

Os pais são os principais associados no tocante às necessidades educativas especiais de seus filhos, e a eles deve-se competir, na medida do possível, a escolha do tipo de educação que desejam seja dada aos seus filhos (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Contudo, não se pode transferir toda a responsabilidade a família. O poder público, por sua vez deve assegurar todo o atendimento nas áreas de saúde e educação para a pessoa com NEE, e deve, além disso, promover a saúde física e mental não só da criança, mas de toda a família. Cabe ao poder público garantir um sistema de serviços que promova a saúde física e mental das famílias, em geral, e das crianças e jovens e adultos, em especial (ARANHA, 2004, p.8). Partindo desse mesmo pensamento pode-se afirmar que:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A família precisa contar com serviços de avaliação e de atendimento às crianças e adolescentes, de forma que possam frequentar os espaços comuns da comunidade desde o início de suas vidas, juntamente com seus familiares. Quando a família não conta com esses serviços, tende a se fechar e a manter a criança em casa, iniciando um processo de segregação e de exclusão já no contexto familiar (ARANHA, 2004, p.8).

Uma das dificuldades dessas famílias é a de encontrar um ambiente escolar efetivamente preparado, as constantes recusas e eventuais preconceitos que ainda se fazem presentes, mas os responsáveis por essas crianças e jovens não podem desanimar no cumprimento do seu dever: o de garantir aos seus filhos o direito de acesso à educação. O poder público, por sua vez, deve garantir assistência ao atendimento em todas as áreas, especialmente na saúde e educação promovendo a saúde física e mental não só da criança, mas de toda a família.

Conforme os estudos analisados podemos observar, que a educação inclusiva interfere no processo de aprendizagem e que exige de melhorias nas práticas educativas, que busquem alcançar todos os objetivos da educação inclusiva.

Estudos como o de Tessaro e cols. (2005, p.113), segundo os quais “a maioria dos alunos sem necessidades especiais é favorável à inclusão escolar e possuem sentimentos positivos em relação a esse processo”, dessa forma todos os alunos acabam se tornando seres mais humanizados, a partir da convivência deles nos ambientes escolares, segundo Fumegalli (2012) afirma que:

O aluno com deficiência não deve ser estigmatizado como aquele que não aprende e que não tem nada a ensinar. Como cidadãos de uma sociedade que se diz democrática, devesse defender uma educação de qualidade e igualitária. E essa procura não permite qualquer exclusão, sob qualquer pretexto (FUMEGALLI, 2012, p.45).

Dessa forma o sujeito social pertencente à sociedade e perante os seus direitos democráticos, todo e qualquer aluno com alguma deficiência tem que ser incluída na escola

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

como base na forma da lei, sem qualquer tipo de discriminação e indiferenças seja elas com base na cor, raça e sexo, formando assim uma sociedade mais igualitária possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil é um processo cultural, onde através de métodos, didáticas e técnicas específicas pode-se conduzir os alunos a desenvolver relações de respeito mútuo, justiça, solidariedade, igualdade, tornando a criança pensante e responsável pelas suas ações e atitudes na sociedade.

A inclusão de crianças com deficiência na Educação Infantil é uma prática nova, apesar desta modalidade educacional ter sido incorporada ao ensino básico a mais de uma década, cresce a cada ano, mesmo com as dificuldades apresentadas durante o processo de ensino e aprendizagem.

Portanto a inserção de todas as crianças na educação infantil é garantida por lei, inclusive as que apresentem qualquer tipo de deficiência, assim como qualquer aluno. A partir daí cria-se um ambiente escolar que não venha excluir nem um aluno. Por outro lado, os educadores, ao valorizar a heterogeneidade existente na sala de aula, o ambiente fica favorável na melhoria da qualidade de ensino de todos os envolvidos no processo da educação inclusiva, valorizando assim, ao mesmo tempo a diversidade de etnias e culturas existente, tudo isto pela busca na melhoria do ensino inclusivo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Salete Fábio. **E24e Educação inclusiva**. V. 4. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. 17 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aescola.pdf>. Acesso em: 06 de set. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ARNAIS, Magali Ap. de O. **Novas Crianças na Creche: o desafio da inclusão.** 2003. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da Republica Federativa do Brasil.** Brasília, DF: edição Câmara, 1988. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/15261>. Acesso em: 04 jan. 2020.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.** Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

_____. **LDB: lei de diretrizes e bases da educação nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** ed. 13, 2016. Disponível em: . Acesso em: 06 de set. 2017.

CROCHÍK, J. L.. **Preconceito, Indivíduo e Cultura.** 3a ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, Ministério da Educação **A atenção educacional à diversidade: escolas inclusivas.** R. Blanco, In: Marchesi, A., Tedesco, J.C., e A sala de aula inclusiva. Daniela Alonso e S. Casarin. São Paulo. No prelo 2012. Disponível em: . Acesso em: 06 de set. 2017.

DRAGO, Rogério. **Inclusão na Educação Infantil.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

DUTRA, Claudia. **Algumas questões sobre o Mobra e a Revista Criança.** Entrevista Março, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDES, E. G. **Inclusão marco zero: começando pelas creches.** Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2010. TESSARO, N. S., Waricoda, A. S; Rosa, A. P. B; Bolonheis, R. C. (2005).

TESSARO, Nilza Sanches (Org). **Inclusão escolar: visão de alunos sem necessidades educativas especiais.** Psicologia Escolar e Educacional, 9(1), 105- 116.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SEUS DESAFIOS: UM OLHAR SOB A PRÁTICA E FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Antonio Rodrigues Sobrinho Filho³⁰³

RESUMO

Este artigo traz uma discussão sobre a prática docente atual e a formação inicial de graduandos em Pedagogia que ocorre na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) na disciplina de Educação Inclusiva, ministrada pela professora Nozângela Dantas no período de 2014.2. A proposta é ampliar o conhecimento dos graduandos sobre questões que envolvem a inclusão de alunos com deficiência e oferecer apoio a aprendizagem de pessoas com necessidades especiais, valorizando as interações sociais e as adaptações pedagógicas necessárias nos diferentes contextos. Formando futuros professores com um novo olhar diante dos desafios, capazes de valorizar a diversidade e encontrar, apesar das dificuldades, diversas maneiras que estimulem a aprendizagem. Questionamos os saberes que constituem a prática pedagógica e fomentamos a necessidade de uma formação reflexiva, que permita o educador conhecer o verdadeiro valor da palavra inclusão.

Palavras- chave: Formação, inclusão, educação especial, materiais adaptados.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva entende a escola como um espaço de educação para todos, valoriza a diversidade e procura observar as potencialidades de todos os sujeitos. Partindo dessa ideia, as escolas devem se manter prontas para receber qualquer aluno e adaptar todos

303Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Especialista em Alfabetização e Letramento, Psicopedagogo Clínico e Institucional, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional – PGPCI-UFPB. naldo_cz@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

os recursos possíveis para o aprendizado, desenvolvimento e autonomia que permita a formação integral do seu corpo discente.

Buscando esses resultados, é necessário, profissionais preparados e atentos, um currículo flexível, práticas pedagógicas contextualizadas e tecnologia assistiva, capaz de ampliar e proporcionar materiais adaptados, estratégias e metodologias que auxiliem em todo o processo, sobretudo na comunicação.

“Pensar em todos os alunos enquanto seres em processo de crescimento e desenvolvimento e que vivenciam o processo ensino-aprendizagem diferentemente”, eis a tarefa que temos como professores (CARVALHO, 1999, p. 64).

Objetiva-se, nesse trabalho, apresentar uma calorosa discussão que surgiu durante as aulas, da disciplina de educação inclusiva, no curso de licenciatura plena em pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras, no período letivo de 2014.2, que contribuiu de forma engrandecedora a formação de um grupo de graduandos, possibilitando reflexões e experiências de estágios e atendimentos educacionais especializados que ocorreram durante quatro períodos. Deixando claro, a necessidade de uma formação inicial adequada a todos os futuros profissionais da educação.

Compreendemos que a formação inicial não se trata de um repasse de um saber fora de sala de aula, e sim de uma possibilidade de rever a escola/prática educativa, e analisar as potencialidades de uma intervenção colaborativa sistemática entre os professores e os pesquisadores. (SCHIRMER, WALTER E NUNES, 2011, p. 02).

Analisaremos os dados coletados durante toda a trajetória da disciplina, assim, refletindo sobre as estratégias elaboradas pelos graduandos, em busca de meios e soluções eficazes para ajudar as pessoas com diversas necessidades, a superar seus desafios pessoais, sejam eles, se comunicar, estudar para provas ou, simplesmente, conquistar autonomia para viver em sociedade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Reafirmamos a ideia de Moita (1992) que defende o percurso da formação, como um percurso de vida, onde o modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história. Trabalhando com a troca, experiências e interações sociais. Todos necessitam uns dos outros e cada um possui suas limitações e possibilidades. Essas relações devem ser enxergadas pelo professor que precisa, mais do que educar, mediar os conhecimentos e as interações. Valorizar os limites e o progresso de cada um, incentivando uma formação plena que elimine qualquer barreira que apareça durante a jornada no percurso de formação.

A escola, considerada como espaço privilegiado de construção de conhecimentos e de desenvolvimento de valores, pode e deve ter como uma de suas propostas contribuir para a transformação da sociedade no sentido de torná-la menos desigual e mais democrática. Um espaço democrático, em essência, deve viabilizar a construção de culturas, políticas e práticas inclusivas. (BOOTH, 1998).

Sendo assim, precisamos compreender que a educação é antes de qualquer coisa, um ato político, e necessitamos de docentes capazes de formar cidadãos para o mundo, para uma sociedade livre, onde todos possuam os mesmos direitos. As estratégias metodológicas utilizadas na elaboração desse trabalho foram às teorias e pesquisas encontradas sobre essa área de estudos, além, dos registros e trabalhos construídos no período da disciplina, observações e planejamentos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida durante 01 período, utilizando uma proposta metodológica de caráter qualitativo e exploratório. Procurando “produzir ideias que antecipem o real ou que delineiam um ideal” (THIOLLENT, 2011, p.85). Ou seja, favorecer discussões e reflexões sobre a realidade, os métodos utilizados e conceitos que proporcionam aprendizado,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

capaz de auxiliar na prática docente e na construção de um sujeito autônomo, em sua socialização e em sua comunicação.

“pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2011, p.14).

Dessa forma, buscamos acompanhar, avaliar e formular a busca por soluções e melhoria na formação e no trabalho do futuro profissional da educação básica. Desenvolvemos aqui, uma análise dos escritos ocorridos, experiências e possibilidades que ocorriam em prol do envolvimento entre os sujeitos e das intervenções semanais.

O trabalho foi desenvolvido com um grupo de 30 alunos da graduação em Pedagogia, dividido em quatro momentos/ períodos de estudo. No primeiro momento, os alunos foram apresentados à bibliografia referente ao tema da educação especial, aprimorando seus conceitos sobre diversas deficiências. Ocorreram aulas expositivas, que possibilitaram aos alunos a conhecer pessoas com diferentes necessidades e vivências sobre determinado assunto/ deficiência. Ao fim, os alunos foram orientados a buscar uma escola pública que trabalhasse com a inclusão e vivenciar um dia da rotina desses profissionais e alunos.

Em um segundo momento, os alunos foram apresentados aos materiais adaptados, software e diversos materiais de Tecnologia Assistiva (TA) que os ajudaram a construir recursos e alternativas para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais, comunicativas e aprendizagem de pessoas com necessidades especiais. Nesse período os futuros professores, conheceram o PECS-Adaptado, padronizado por Walter (2000), um sistema de comunicação por intercâmbio de figuras e as pranchas de comunicação aumentativa (suplementar) e alternativa.

“A Comunicação Aumentativa e Alternativa - CAA é uma das áreas da TA que atende pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever. Busca então, através da valorização de todas as formas expressivas do sujeito e da construção de recursos próprios desta metodologia, construir e ampliar sua via de expressão.” (BERSCH E SCHIRMER, 2005, p. 89).

Ou seja, de acordo com autoras como Sartoretto e Rita Bersch (2014), o intuito da comunicação aumentativa e alternativa é ampliar o repertório comunicativo, possibilitando ao outro se expressar e compreender o mundo a sua volta, ser autor das suas escolhas. Os recursos produzidos podem ser de alta e/ou baixa tecnologia como: pranchas alfabéticas, de palavras, figuras feitas com papéis, recortes e papelão. Ou, vocalizadores e software. O professor deve ser capaz de conhecer o seu aluno e identificar suas necessidades para conseguir perceber qual o recurso mais se adapta as suas necessidades.

Para encerrar esse período, a professora/ orientadora Nozângela Dantas, entregou casos hipotéticos ao grupo de alunos como, por exemplo, de uma aluna com paralisia cerebral, usuária de cadeira de rodas, com uma mesa acoplada, que apresentava movimentos involuntários e era pouco compreendida na escola; Os alunos deveriam construir materiais adaptados que auxiliassem o aprendizado, comunicação e desenvolvimento dessa aluna e encontrar alternativas de baixo custo que a ajudasse a interagir.

Os 30 alunos, foram divididos em 8 grupos e cada um, apresentou alternativas como: pranchas de comunicação, pranchas alfabéticas, aulas com fantoches e jogos adaptados.

“O papel do interlocutor no processo de comunicação de indivíduos não oralizados é fundamental e, para isso, é imprescindível um treinamento mais aprofundado nos recursos, estratégias e adaptações que se façam necessárias para favorecer uma maior participação, expressão e aprendizado dessas crianças e jovens em sala de aula.” (DELGADO, 2011, p. 68).

O terceiro momento, e também o mais aguardado, foi a experiência de participar e auxiliar na rotina de uma Escola Municipal Especial na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA). Todos os graduandos tiveram a oportunidade de conhecer o ambiente e os

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

profissionais da escola. Porém, foram divididos em 4 grupos, um dos grupos participaram da rotina na escola, o outro realizou acompanhamento de atendimentos em salas de AEE em escolas do município de Cajazeiras. Ao término do período, cada grupo apresentou suas experiências, dúvidas anotações e materiais adaptados e construídos. Esse momento contribuiu para trazer diversas discussões para a turma. A mais importante de todas elas é a formação dos professores, o preparo e as consequências da falta dele para enxergar as singularidades do outro.

Por último os alunos puderam planejar e executar acompanhados, alguns atendimentos. Cada grupo atendeu um determinado sujeito com diferentes tipos de deficiências como: paralisia cerebral, deficiência intelectual e autismo. Cada atendimento com um intuito e uma maneira diferente de olhar e auxiliar, os encontros aconteceram todas as quartas- feira na Sede da APAE de Cajazeiras e foram divididos em duas salas, o Laboratório de Tecnologia e Comunicação e a Sala do Amanhã. Um espaço adaptado e equipado com software, computadores com teclados especiais, vocalizadores, mesas adaptadas para cadeirantes, materiais didáticos e pranchas de comunicação alternativa para proporcionar um espaço de autonomia e aprendizado de qualidade para os alunos com deficiências, os graduandos montavam seus planejamentos e materiais, estes eram avaliados pela professora antes de iniciarem o seu atendimento. Ao fim do atendimento, os grupos anotavam seus resultados e experiências.

O período terminou com cada participante da disciplina, tanto os graduandos, como os alunos atendidos, recebendo um certificado de participação. Os graduandos apresentaram seus relatos e planejamentos. Assim como, suas visões e considerações sobre a experiência e todo o aprendizado que ela os proporcionou.

“Nos estudos de caso apresentados nos finais de cada semestre, observamos o amadurecimento da turma, que aprendeu a descrever o caso resumidamente (tipo de problema identificado, potencialidades, dificuldades e interesses). Nos primeiros resumos de caso(s) lidos, os alunos davam muita importância para informações clínicas, como diagnósticos, por

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

exemplo, ignorando ou desmerecendo informações educacionais. A maioria identificou como problemas dos seus casos a comunicação ou interação.” (SCHIRMER, WALTER E NUNES, 2011, p. 05-06).

RESULTADO E DISCUSSÃO

De acordo com os dados e experiências adquiridas durante a Pesquisa e Prática Pedagógica foi possível compreender de forma prática a importância de profissionais capacitados, capazes de enxergar a singularidade do outro como algo benéfico, apesar dos seus limites.

“Um aspecto importante da formação dos graduandos era que, no início do trabalho, eles apresentavam dificuldade em identificar as respostas dos alunos especiais. Com frequência, os graduandos solicitavam que os alunos se expressassem, fazendo perguntas fechadas ou abertas, sem, contudo, esperar a resposta. Às vezes até respondiam por eles.” (NUNES e WALTER, 2014, p. 6).

Ainda de acordo com as autoras, durante o andamento da disciplina os graduandos começaram a vencer as dificuldades e perceber as necessidades dos alunos e assim passaram a oferecer oportunidades de manifestar opiniões e fazer suas próprias escolhas. A cada novo semestre se tornou mais perceptível à evolução dos futuros professores, tanto em sua própria formação, quanto no auxílio aos alunos com necessidades especiais.

Todo aluno possui dificuldades. Todo aluno possui algo em que é bom. Aos professores, cabe descobrir aquilo que o seu aluno sabe fazer e faz bem. Acreditando em suas possibilidades, incentivando-os e construindo com eles os materiais que mais se encaixam no seu cotidiano. Esses materiais podem ser de alto ou baixo custo, simples ou sofisticados. Porém, com apenas um intuito: MELHORAR. Melhorar sua comunicação, seu aprendizado, seu convívio social, sua autoestima, sua vontade. Sem diferenciar ou dividir, mas incluir e

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

interagir. Só assim, será possível transformar o sistema educacional. Formando profissionais que olhem além da deficiência e capazes de se transformarem a cada novo desafio, ensinando e aprendendo com seus alunos.

Aprendemos a defender uma educação para todos e por todos. Por todos aqueles que acreditam e necessitam. Uma educação voltada e centrada no aluno que vá além dos muros da escola e que os incentive a alçar caminhos maiores. Acreditando sempre que não importa as barreiras, com adaptações conseguiremos avançar. O resultado do projeto pôde ser percebido a cada novo encontro, onde as indagações cresciam e as respostas se tornavam cada vez mais claras, nos tornávamos mais independentes e capazes com cada material construído. Cada avanço dos alunos atendidos foi uma vitória. Pudemos refletir o processo de comunicação e os efeitos da comunicação alternativa e ampliada, vivenciando e construindo estratégias que auxiliavam o aprendizado.

Porém, a maior contribuição foi para os futuros docentes que construíram mais do que materiais e transformaram mais do que aqueles encontros. Transformaram a si próprios, percebendo suas possibilidades como educadores, expandindo seus olhares. Entendendo que ser professor é diariamente buscar formas de melhorar seu trabalho docente, sua visão de mundo, o currículo escolar e sua formação. Como defendia Paulo Freire (1996), ser professor é lutar constantemente contra a discriminação e ser sempre a favor da esperança que anima. “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (PAULO FREIRE, 1996, p. 25).

CONCLUSÕES

“A Educação Inclusiva significa um novo modelo de escola em que é possível o acesso e a permanência de todos os alunos, e onde os mecanismos de seleção e discriminação, até então utilizados, são substituídos por procedimentos de identificação e remoção das barreiras para a aprendizagem.” (GLAT, 2007, p. 16).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Ainda de acordo com Glat, para uma instituição ser considerada inclusiva é necessário que não apenas os professores, mas toda a equipe esteja preparada para acolher os alunos. É preciso um trabalho colaborativo que pense na escola como um espaço de transformação que favoreça o diferente, o desenvolvimento e a inclusão social.

Sabemos que ainda há muito a caminhar para podermos dar esse trabalho por vencido. É só o começo de uma jornada que promete muitas descobertas. Mas, vale salientar a importância de uma formação de qualidade aos profissionais. Formação que os permitam refletir e enxergar o melhor para os seus alunos. Procurando alternativas que construa uma educação sem barreiras e sem o estigma da exclusão. Uma escola para todos, onde o aluno é o sujeito das elaborações e práticas pedagógicas. Por isso, entre tantos obstáculos, o desafio do educador é garantir o direito dos alunos com necessidades especiais a ser mais do que sua deficiência, fazer parte da escola, da sociedade. Entendendo que nenhum sujeito é igual ao outro e que sua diversidade deve ser considerada e respeitada.

Começamos na disciplina com intuito de conhecer um pouco mais sobre a teoria da educação inclusiva. Terminamos com a certeza de que precisamos ser melhores para ajudar a todos que passarem por nossas salas de aula, que sejamos ponte que os alunos atravessem ao encontro de possibilidades que os auxiliem ao aprendizado e a autonomia. “Uma coragem que não nega o desespero, mas que leva o homem adiante, apesar do desespero” (MAY, 1992).

Reforçando a necessidade de um ensino colaborativo que possibilite o diálogo entre aluno, escola e família. Pois o êxito vem do trabalho em equipe, que enxerguemos a diferença como algo imensamente importante, necessário e que deve ser valorizado e respeitado.

REFERÊNCIAS

- BERSCH, R.; SCHIRMER, C. R. (2005). **Tecnologia Assistiva no Processo Educacional. Em Ensaio Pedagógico Construindo Escolas Inclusivas.** (pp.87-92). Brasília. Distrito Federal: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.
- BOOTH, T., AINSCOW, M & DYSON, A. **Understanding Inclusion and Exclusion in the Competitive English System.** International Journal of Inclusive Education, vol. 1, No. 4:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

337-355, 1997.

CARVALHO, R. E. Removendo barreiras para a aprendizagem. In.: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Educação Especial: tendências atuais.** Brasília: SEED, v.9, 1999, p.59-66.

DELGADO, S. M. M. O papel do Interlocutor No Processo de Interação e Comunicação Com Jovens Não-Falantes. In. . **COMUNICAR É PRECISO em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência.** Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes; Patrícia Lorena Quitério; Cátia Crivelenti de Figueiredo Walter; Carolina Rizoto Schirmer; Patrícia Braun. Marília: abpee, 2011, p. 68.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paz e Terra. 1996, P. 25-116.

GLAT, ROSANA. **Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar.** 7Letras, 2007, p. 16.

MAY, Rollo. **A coragem de criar.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. MOITA, M. da C. **Percursos de formação e de trans-formação.** In: NÓVOA, A (org) *Vidas de professores.* Portugal: Porto, p.111-139, 1992.

MOITA, M. da C. **Percursos de formação e de trans-formação.** In: *Vidas de professores.* Portugal: Porto, p.111-139, 1992.

NUNES, L.R.; WALTER, C.C. F. **A Comunicação Alternativa para além das Tecnologias Assistivas.** In: **arquivos analíticos de políticas educativas: Dossiê educação especial,** V. 22 p.01-19, 2014.

SARTORETTO, L.M.; BERSCH, R. **Assistiva: Tecnologia e Educação.** 2014. Disponível em: <http://www.assistiva.com.br>. Acesso em: 15/04/2018.

SCHIRMER, Carolina, WALTER, C. C. F., NUNES, L. R.. **A tecnologia assistiva na prática de formação inicial de futuros professores da escola inclusiva.** In: *Anais do X Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste Rio de Janeiro: ANPED.* 2011.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WALTER, C. C. F. **Os efeitos da adaptação do PECS ao curriculum funcional natural em pessoas com autismo infantil.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2000.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Maria Jéssica Silva Castro³⁰⁴
Francisco Mateus Faustino Araújo³⁰⁵

RESUMO

A sociedade vem passando por transformações e em consequência a educação segue rompendo com antigos paradigmas, promovendo adaptações estruturais e pedagógicas, visando superar os obstáculos para a totalidade da integração dos alunos com deficiência, no ensino regular. Porém, mesmo com as modificações e a garantia do art. 58 da lei nº 9394/96, o processo educativo oferecido pelas escolas ainda é insuficiente para suprir a demanda do atendimento especial desses educandos. Portanto, considerando a amplitude dos desafios ainda é possível ressignificar modelos educacionais tornando-se acessível. Nisso, esse estudo tem como objetivo discutir acerca da educação inclusiva, utilizando-se da pesquisa bibliográfica de autores como Carvalho (2004), LDB entre outros.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Escola; Ensino regular.

INTRODUÇÃO

Com os avanços na sociedade decorrente de inúmeros fatores políticos, sociais e culturais, provocaram uma nova formulação de concepção no que tange a diversidade afim de que todos sejam tratados igualmente, independe de sua condição humana ou financeira. Sendo assim, a educação é a principal instituição social responsável pela formação dos cidadãos e pela construção de uma sociedade igualitária.

304 Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA, ma.jess3@hotmail.com

305 Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA, matfrancisco841@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Nisso, a implantação da educação inclusiva no ensino regular foi alcançada no Brasil mediante anos de movimentos sociais, criação de leis e decretos oficiais em destaque a atual vigente LDB 9394/96. Pode-se definir a educação inclusiva como “o processo de inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais ou com distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino, em todos os seus graus de escolaridade” (PEDROZA, 2010, p. 74).

Porém é necessário, evidenciar que as instituições de ensino regular ainda possuem algumas questões limitantes que dificultam a integração total do processo de inclusão, já que não basta apenas inserir o aluno com deficiência é preciso promover acessibilidade em todos os aspectos educacionais e sociais, dentro do ambiente escolar além da capacitação de professores.

Sabendo disso este estudo tem como objetivo, discorrer sobre o início da educação inclusiva, suas implicações e possibilidades, partindo da concepção dos marcos legais, como fundamentos oficiais para a organização educacional brasileira entre outros autores.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a produção desse estudo é a pesquisa bibliográfica, tendo como fundamentação teórica os marcos legais da LDB, que trata exclusivamente sobre a oferta da educação inclusiva no ensino regular, e Carvalho (2004) que discorre sobre o enfrentamento dos obstáculos dessa modalidade de ensino, além dos autores.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

No Brasil iniciou-se a educação para pessoas com deficiência no período colonial, com a criação dos institutos como afirma os autores

[...] a educação para pessoas com deficiência teve seus primeiros passos oficiais com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, por meio do Decreto nº 1.428 de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

12 de setembro de 1854, e o Instituto dos Surdos-Mudos pela Lei nº 839 de 26 de setembro de 1857 (BRASIL, 2008). Dessa forma, o acesso das pessoas com deficiência à educação era restrita a essas instituições, agravada ao fato de que tais ambientes recebiam majoritariamente a população nobre. (CARVALHO; SALERNO; ARAÚJO).

Neste período colonial brasileiro não havia uma proposta de educação para toda a população, a educação se restringia apenas a elite, contribuindo para a manutenção das desigualdades sociais e com o processo de segregação das pessoas com deficiência, já que as mesmas eram direcionadas aos institutos. Durante anos a segregação era aderida pela sociedade, pequenas modificações vieram acontecer no âmbito educacional partir do século XX com a criação de salas especiais na escola comum (MENDES, 2010).

Segundo Mendes “Se até então havia o pressuposto que a segregação escolar, permitiria melhor atender as necessidades educacionais diferenciadas desses alunos, após esse período, houve uma mudança filosófica orientada pela ideia de inserção escolar em escolas comuns” (2010, p. 106). Essa mudança veio com os movimentos sociais marcados pelo dia internacional da pessoa com deficiência 1980, em especial as convenções internacionais que geraram documentos para diversos países como a Declaração de Salamanca de 1994 que reconheciam e garantiam a educação inclusiva e direitos para a pessoa com deficiência.

Outro marco foi a garantia da educação para todos na Constituição Federal de 1988 como a LDB de 1996 no artº 58 da lei 9394/96 que trata exclusivamente da educação inclusiva preferencialmente na rede de ensino regular, a escola passa a receber alunos com deficiências nas salas de aula comum.

A escola agora precisa se adaptar para receber os alunos com deficiência, sendo modificações estruturais e pedagógicas, e é nesse processo que surgem as inquietações e dúvidas dos profissionais da educação, muitos sofrem pelo despreparo, falta de formação inicial e continuada ou até mesmo de como se dará o processo de ensino aprendizagem.

Contudo, “Deve-se pensar e preparar a escola e seus personagens, em todas as suas funções, para que a criança especial uma vez adentrando a escola regular, tenha respeitadas as

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

condições mínimas para que lá permaneça” (CLARAS 2015, p. 38345). É evidente que o processo da inclusão é complexo, mas é fundamental proporcionar a todos da escola devida formação e preparo, para que as necessidades desses educandos sejam supridas ou minimizadas.

Diante disso, os profissionais da educação são chamados a reinventarem a própria prática metodológica, em função das demandas cada vez mais dinâmicas e complexas, pois

A falta de desenvolvimento das habilidades dos profissionais para atenderem a estes alunos faz com eles, na maioria das vezes, sejam matriculados, colocados nas salas de aula, mas não sejam efetivamente incluídos. Ou seja, ficam relegados a um segundo plano. Na dúvida, são aprovados para as etapas seguintes, e saem da escola sem terem tido seu direito de aprender efetivado. (CLARAS, 2015, p. 38348).

A educação inclusiva para ser concretizada no sistema educacional brasileiro, precisa de investimentos nas políticas públicas, pois a diversidade de alunos existentes nas salas de aula demanda apoios efetivos para a concretização da igualdade no ensino e complementar as necessidades educacionais especiais. Nisso, [...] para melhorar as respostas educativas das escolas, para todos, com todos e para toda a vida, deve preocupar-se com a remoção das barreiras para a aprendizagem e para a participação (promovendo a interação, a integração, entre os colegas de turma, da escola...e, por certo, com os objetos do conhecimento e da cultura). (CARVALHO, 2004, p. 110). Sendo assim, pensar em educação inclusiva é promover igualdades de condições para todos, pois a escola é formada por uma multiplicidade de educandos e educadores, adequá-la é torná-la inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os marcos legais refletem os anseios de determinado momento histórico da sociedade, em busca de reconhecimento e direitos, a educação inclusiva, antes segregada passa a se

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

tornar parte do ensino regular, com a garantia da plena participação de todos no sistema educacional, este que precisa se adequar para proporcionar o ideal de equidade, podendo refletir em outros aspectos da sociedade.

A educação é formulada conforme as demandas atuais, sabendo disso é essencial fomentar as formações dos profissionais da educação, elaborar planos que promovam melhorias na forma do processo educacional. As transformações do cenário social contribuem para a desconstrução de preconceitos e ideais pré-estabelecidos, sobre determinada temática, historicidade revelam as modificações ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Relações interpessoais: abordagem psicológica*. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2006.

_____. Ministério da Educação. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, Camila Lopes de; SALERNO, Marina Brasiliano; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. A EDUCAÇÃO ESPECIAL NAS LEIS DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: uma transformação em direção à inclusão educacional. *Horizontes: Revista de Educação*, Dourados, v. 3, n. 6, p. 34-48, jul. 2015.

CARVALHO, Rosita Edler. *Educação inclusiva: com os pingos nos "is"*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Meditação, 2004.

CLARAS, Rozilda A. S. F. Educação especial no Brasil e suas implicações nas práticas pedagógicas nas escolas regulares. Disponível em: Acesso em 07 de Junho de 2020. *Revista Educere*, 2015.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Breve histórico da educação especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía**, Medellín, v. 22, n. 57, p. 93-109, mayo 2010.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM CONTEXTOS DE PRECONCEITO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Francisco Renato Silva Ferreira³⁰⁶
Vanessa de Carvalho Nilo Bitu³⁰⁷
Miguel Melo Ifadireó³⁰⁸

RESUMO

O comportamento recreativo de pessoas com necessidades especiais no campo da aprendizagem e desporto aquático como forma de inclusão é o foco deste ensaio acadêmico. Por conseguinte, destacam-se no atual cenário político e social brasileiro, realidades de racismo vivenciadas por uma parcela considerável da população brasileira. Para a definição dos critérios metodológicos deste resumo expandido se foi feito uso da revisão sistemática de literatura inclusiva que tratasse da temática da educação adaptada e da educação não formal através de esportes. Os achados da investigação apontam que ações e práticas discriminatórias de exclusão de crianças e adolescentes com deficiência podem findar dificultando, em alguns casos, o desenvolvimento social e cognitivo destes indivíduos.

Palavras-chave: Crianças e Adolescentes com Deficiência. Discriminação e Preconceito. Inclusão. Educação Não Formal.

306 Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – MePESa/UNILEÃO. Especialista em Educação Especial/Educação Inclusiva/Altas Habilidades (FAVENI). Professor de Educação Física do Município de Juazeiro do Norte. Pesquisador do Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Extensão Universitária em Educação Inclusiva e Violência – LIEVI. E-mail: norf20@hotmail.com

307 Doutora em Etnobiologia e Conservação da Natureza pelo Programa de Pós-Graduação em Etnobiologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora do Mestrado Profissional em Ensino em Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – MePESa/UNILEÃO. Professora dos colegiados dos cursos de Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO. Pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Extensão Universitária em Educação Inclusiva e Violência – LIEVI. E-mail: vanessa@leaosampaio.edu.br

308 Pós-Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Iberoamericana do Paraguay – UIA/ PY. Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professor do Mestrado Profissional em Ensino em Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO. Professor Assistente do Curso de Administração da Universidade de Pernambuco – UPE. Pesquisador-líder do Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Extensão Universitária em Educação Inclusiva e Violência – LIEVI. E-mail: miguel.ifadireo@upe.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O comportamento recreativo de pessoas com necessidades especiais – seja intelectual, seja de psicomotricidade - no campo da aprendizagem e desporto aquático como forma de inclusão é o foco deste ensaio acadêmico. Em adição a isto, ressalta-se que o mesmo, também, visa avaliar as situações de discriminação e preconceito vivenciadas por crianças e adolescentes na educação informal através das práticas e/ou atividades de lazer. Por conseguinte, ressalta-se que o presente resumo expandido faz parte do meu projeto de pesquisa junto ao Mestrado Profissional de Ensino em Saúde do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (MePESa/UNILEÃO), o qual objetiva contribuir, mesmo que sistematicamente, com a edificação de novas discussões, a saber: a) Propostas pedagógicas de trabalho de Lazer através do desporto aquático; b) avaliar o papel social do Profissional de Educação Física com foco na Educação Física Adaptada à Pessoas com Deficiência; c) Resignificar as concepções de educação e avaliação física adaptada; d) valorar o cotidiano e as práticas de avaliação e aprendizagem utilizada nos esportes aquáticos no trabalho com Pessoas com Deficiência.

Para a definição dos critérios deste resumo expandido se foi feito uso da metodologia qualitativa com foco no procedimento de revisão sistemática de literatura que tratasse da temática da educação (inclusiva e/ ou especial) e da educação física adaptada através de esportes. Por fim, salienta-se que o presente ensaio tem como meta a proposta de diminuição de lacunas de informações, as quais auxiliarão à compreensão de como as práticas esportivas podem, significativamente, contribuir com as necessidades de lazer de crianças e adolescentes com algum tipo de deficiência através de esportes aquáticos.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCRIMINAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO CAMPO DE TENSÃO ENTRE A INCLUSÃO E A EXCLUSÃO

Celina Souza (2006) destaca que países em desenvolvimento e de democracia recente ou recém-democratizados, não conseguem formar coalizões políticas capazes de equacionar minimamente a questão de como desenhar políticas públicas capazes de impulsionar o desenvolvimento econômico e de promover a inclusão social de grande parte de sua população. De todo, acentua-se que desenhar políticas públicas que atendam às várias demandas nos mais variados setores da sociedade é algo que tem se tornado difícil de equalizar no atual governo brasileiro, quando presenciamos desde a tomada de posse do Presidente Jair Messias Bolsonaro, explosão de casos de violações aos Direitos Humanos nas mais distintas esferas da sociedade.

Embora haja proibições nacionais e internacionais por Tratados Internacionais de Promoção e Proteção aos Direitos Humanos, episódios de violência que atentam a dignidade da pessoa humana, são cada vez mais recentes no Brasil. A propósito acentua-se aqui, no presente estudo, que qualquer tratamento desigual, injustificado e desvantajoso que atente e/ou que viole a dignidade da pessoa humana, será, neste contexto, concebido como ação de discriminação e/ou preconceito. (GURGEL, 2009).

Ao se iniciar uma incursão sistemática nos termos “inclusão” e “exclusão” nos discursos investigativos das ciências humanas, sociais e da saúde, torna-se perceptível que ambas as categorias são utilizadas com mais frequência nas investigações promovidas pelas ciências da educação e da humanidade. Sob esta visão, ao buscar as definições epistemológicas dos termos - “inclusão” e “exclusão” – no dicionário de sociologia de Allan Johnson (1997), percebe-se que o termo inclusão “*inclusio*” na educação referenda a adesão a políticas públicas inclusivas no processo educacional, direcionadas a crianças, adolescentes e adultos em contextos de diferenças e diversidades (origens sociais, étnico-raciais, confissão

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

religiosa, procedências regionais e nacionais, peculiaridades culturais, (in)capacidades de pessoas com deficiências).

A julgar por isso, o ensino inclusivo significaria o desenvolvimento de conceitos didáticos para grupos heterogêneos em que todas as crianças deveriam geralmente pertencer ao grupo sem serem excluídas. Dentro desta linha de pensamento, ressalta-se, por um lado, que o primeiro termo anda de mãos dadas com a fusão entre a didática e o tratamento de composições heterogêneas de sala de aula; e por outro lado, o termo “*exclusio*” refere-se literalmente ao oposto do que também pode ser entendido como exclusão (JOHNSON, 1997), o qual tem forte aderência nas ciências humanas e sociais, tais como a antropologia, a ciência política, a sociologia e a psicologia. Assim, esta sistemática da exclusão levam-lhes a adoção de posturas de auto sentimento de “inutilidade” e “estranhamento”. (GOFFMAN, 1978). Por conseguinte, acentua-se que o termo “exclusão” se presta para descrever a exclusão duradoura de atores sociais e culturais (indivíduos ou grupos vulneráveis) de interações simbólicas em distintas esferas da sociabilidade. Logo, estes indivíduos são estereotipados, rotulados e/ ou marginalizados por características específicas e gerais do grupo vulnerável ao qual pertencem. (GOFFMAN, 1978).

ATIVIDADES DE LAZER PELA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA

O cotidiano das muitas famílias brasileiras com a educação dos filhos – crianças e adolescentes – na contemporaneidade é incomparável com o que se foi no passado, visto que enquanto os últimos brincavam em ambientes abertos, recheados por seus pares, não se esquivando do sol, da chuva, da lama, das corridas, do calor, do frio, da escuridão entre outras atividades de lazer recreativo, as crianças e adolescentes de hoje, por um lado, ocupam cada vez mais o tempo livre e/ ou as atividades de recreação dentro de casa, desconhecendo quase que por completo a realidade da recreação ao ar livre (AQUINO; MARTINS, 2007); por outro

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

lado, o medo da efervescente violência urbana e a ausência dos pais em muitos encontros familiares no acompanhamento dos filhos, fazem com que estas crianças e adolescentes cresçam e sociabilizem-se com auxílio das inovações tecnológicas e/ ou redes sociais. (BRASIL, 1993).

Por sua vez, se analisarmos estas dificuldades dos pais, tomando como exemplo crianças e adolescentes autistas, a realidade é bem mais difícil de ser avaliada, principalmente, porque estes indivíduos carecem de cuidados especiais e adaptados de acompanhamento com o transtorno desde sua constatação. (CIDADE, FREITAS, 2013). Ao passo que estes fatores podem findar retardando, em alguns casos, o desenvolvimento social e cognitivo destes indivíduos, contribuindo assim, por um lado, para o incremento de transtornos e sintomatologias que poderão ser determinantes para uma (des)interação social e a comunicação funcional em sociedade (GADIA; ROTTA, 2016); e por outro lado, a ausência de atividades desportivas de lazer em campos livres ou locais de associações desportivos - pela permanência do lazer doméstico - contribuem para que muitas crianças façam uso do tempo livre com atividades de recreação jogando (brincando) na frente do PC ou da TV. (FERREIRA *et. al.*, 2020).

Dentro deste contexto ressalta-se que a temática da inclusão de pessoas com deficiência, aqui em específico, a condição de crianças e adolescentes e as restrições vivenciadas por estas no cotidiano social e escolar, não se deve perder o foco de que estas sofrem frequentes “restrições, impostas por limitações de ordem sensorial, motora, intelectual e múltipla” (GREGUOL, 2010, p. 2), as quais deveriam, por um lado, ser agraciadas com propostas de lazer e recreação para minimizar danos e aumentar competências de melhoras no convívio social; e por outro lado, deveriam ser matriculados nas turmas regulares de ensino “independentemente do tipo de deficiência e grau de comprometimento” (GARGHETTI, MEDEIROS, NUERNBERG, 2016, p. 103).

Fatores estes que levaram com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) em Assembleia Geral nas Nações Unidas (ONU) no ano de 2004 a publicar uma normatização

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

contextualizando estes conceitos, e sugerindo que o termo “deficiência mental” fosse abolido, e em seu lugar, usa-se apenas o termo “deficiência intelectual” ao se referir às pessoas com síndrome de Down (categorizada como deficiência intelectual múltipla) e às com Autismo entre outras. (WHO, 2007).

ACHADOS E RESULTADOS

Decerto, é fácil visualizar que a carência de atividades físicas específicas podem acarretar como consequência do sedentarismo, sérios danos à saúde destes indivíduos, como por exemplo, problemas e deformidades na postura, excesso de peso, além de outros problemas de natureza psicossocial, como o enfraquecimento da personalidade da criança, que não aprende a lidar de forma responsável consigo mesma e com os seus pares, ou seja, a criança não se desenvolve em contextos sociais recheados por distintas variedades de novas experiências e descobertas lúdicas emocionantes. Fatores estes que não necessariamente, muito embora, podem contribuir com a inacessibilidade e bloqueio da comunicação interpessoal entre outras variáveis. (GREGUOL, 2010). Desta forma, salienta-se aqui a necessidade de se analisar as possibilidades e habilidades do profissional de educação física para operacionalizar o tempo de lazer – recreação e tempo livre – no cotidiano de crianças e adolescentes com deficiência intelectual, visto que o lazer é parte, incondicional e essencial, para a positivação dos distintos processos pedagógicos e terapêuticos de reabilitação social de pessoas com deficiência intelectual com o fim de minimizar eventuais atrasos no desenvolvimento. (FERREIRA *et. al.*, 2019).

Na verdade, acredita-se que o lazer, por um lado, aumenta as possibilidades e oportunidades de redução da exclusão social e contribui com o fortalecimento de competências e habilidades destes indivíduos nas interações sociais com os pares; por outro lado, o lazer ao permear interações geracionais com os pares ou intergeracionais com outros indivíduos, contribui com as estratégias pedagógicas e terapêuticas, como por exemplo, a

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

abordagem de enfrentamento e de inclusão social através da psicomotricidade em meio aquático, uma vez que a educação não-formal e a participação sociocultural esportiva é tão importante para a transformação subjetiva destes indivíduos, buscando uma vida com autonomia mais significativa e mais autodeterminada. (FERREIRA *et. al.*, 2020). Por conseguinte, destaca-se a importância de se observar os fatores externos, os quais podem ser objetivos das medidas educacionais através do lazer em contexto das necessidades, inclinações e desejos individuais, tais como: a) a idade; b) o desenvolvimento físico; c) o desenvolvimento mental-espiritual; d) os distintos estágios de desenvolvimento psicossocial e e) os sintomas específicos da deficiência.

No que concerne as necessidades de estímulo relacionadas à deficiência através de atividades recreativas aquáticas como a natação, vamos encontrar em Renato Ferreira *at. al.* (2019) e em Renato Ferreira *at. al.* (2020) importantes reflexões acerca de como a falta de espontaneidade e iniciativa inclusivas que refutem as necessidades específicas da pessoa com deficiência, poderia ser minimizada através de ajudas apropriadas com ênfase em um maior estímulo destes em seu ambiente social, tomando o exemplo de atividades significativas no lazer. Estes incluem processos pedagógicos de contato intensivo em ambientes abertos, visto que as práticas com técnicas recreativas – como por exemplo as atividades de hidroginástica e natação – podem auxiliar o desenvolvimento de comportamentos sociais apropriados que contribuirão no aprimoramento de condutas mediadoras e inclusivas de coparticipação na vida comunitária com os pares. Por fim, compreende-se que o lazer esportivo e/ou as atividades físicas de lazer muitas vezes esbarram nas relativas obrigações e restrições profissionais de cunho pecuniário, visto que os esportes aquáticos (natação, hidroginástica, entre outros esportes integrativos e adaptados) oferecidos por instituições associativas de lazer, nem sempre são oferecidos de forma gratuita e não-formalizadas. Fato destacável é que os profissionais de educação física capacitados para o tratamento físico-intelectual e pedagógico adequado, necessitam da motivação financeira pecuniária para a realização do trabalho especializado. (FERREIRA *et. al.*, 2019).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONCLUSÃO

O conhecimento de que a inclusão de pessoas com deficiência ainda não está implementada em todas as áreas da sociedade e ainda não pode ser alcançada, é um mito que se buscou aqui ressignificar. A presente pesquisa tratou da questão da inclusão de pessoas com deficiência através de esportes aquáticos. O foco foi, através de abordagens interdisciplinares, procurar maneiras de se pensar e de fornecer alternativas pedagógicas para profissionais de educação física que trabalham ou desejam trabalhar com crianças e adolescentes com deficiência por meio do esporte. Neste contexto, se foram recuperadas algumas interdisciplinares e interculturais discussões que fazem parte do cotidiano da vida de crianças e adolescentes com deficiência intelectual.

O presente ensaio não objetivou esgotar o tema, uma vez que seria impossível para um artigo de pouco mais do que quinze páginas, apenas redirecionar a questão problema, trazendo um olhar subjetivo de um profissional que há sete anos vem se sensibilizando com a necessidade pessoal de meus alunos de natação e hidroginástica com deficiência. Muito embora, se tenha dado direcionamento a deficiência intelectual, retomaremos a discussão em futuros estudos, dando primazia as diferentes deficiências que fazem parte do meu cotidiano em uma grande instituição associativa de lazer desportivo, que tem um grande público de pessoas com algum tipo de deficiência.

De modo que, se buscou aqui primeiramente, recuperar alguns postulados e conceitos básicos referentes a questão da deficiência. Assim, primeiro, se fez uma contextualização histórica do desenvolvimento terminológico e em seguida uma interação reflexiva entre os conceitos básicos, a fim de fornecer uma base vinculativa e consistente para o estudo que se foi proposto investigar. Posteriormente, ao contexto histórico da inclusão se objetivou fornecer um foco racional para o desenvolvimento do ensaio, intercalando as discussões com os esportes aquáticos organizados, visto que estes e as escolas, tem o importante papel de incluir e adaptarem-se as distintas necessidades dos discentes e lazeristas.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade** - Fortaleza - Vol. VII - Nº 2 - p.479-500 - set/2007.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Especial. **Subsídios para formulação da política nacional de educação especial**. Brasília, 1993.

CIDADE, Ruth Eugênia Amarante; FREITAS, Patrícia Silvestre de. **Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Curitiba: UFPR, 2002.

FERREIRA, Francisco Renato Silva; IFDIREÓ, Miguel Melo; TEIXEIRA, Marlene Menezes de Souza; BITU, Vanessa de Carvalho Nilo; PINHEIRO, Tássia Lobato. Estratégias no Trabalho com Crianças e Adolescentes com Deficiências Através de Esportes Aquáticos Integrativos. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, outubro/2019, vol.13, n.47, p. 508-526.

_____. IFADIREÓ, Miguel Melo; BITU, Vanessa de Carvalho Nilo; ALENCAR, Yohana Maria Monteiro Augusto de. Considerações Pedagógicas de Educação Inclusiva no Ensino de Crianças com altas Habilidades/ Superdotadas. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, maio/2020, vol.14, n.50, p. 688-700.

GADIA, Carlos; ROTTA, Newra Tellechea. Aspectos clínicos do transtorno do espectro autista. p. 369-377. In: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESCO, Rudimar dos Santos (Org.). **Transtornos da Aprendizagem. Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

GARGHETTI, Francine Cristine; MEDEIROS, José Gonçalves; NUERNBERG, Adriano Henrique. Breve história da deficiência intelectual. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, 10, Julio, 2013, 101-116. Disponível em:
<http://www.revistareid.net/revista/n10/REID10art6.pdf>.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GREGUOL, Márcia. **Natação adaptada**: em busca do movimento com autonomia. Barueri: Manole, 2010.

GURGEL, Henrique. **Manual dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Ceará**. 1ª ed. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2009.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**. Guia Prático da Linguagem Sociológica.
Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

SOUZA, Celina. **Políticas Públicas**: uma revisão da literatura. Sociologias, Porto Alegre, ano
8, nº 16, jul/dez 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Atlas on Global Resources for Persons
with Intellectual Disabilities**. A right to health perspective, 2007. Disponível em:
www.who.org.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O(A) ESTUDANTE NEGRO(A) COM DEFICIÊNCIA NA UNIVERSIDADE: O QUE REVELAM AS PESQUISAS?

Lucas Rodrigues Gonçalves³⁰⁹
Rosane Santos Gueudeville³¹⁰
Maria Yonara Ferreira dos Santos³¹¹

RESUMO

O presente estudo busca investigar de que forma tem sido tratada a temática do(a) estudante negro(a) com deficiência na universidade, a partir de um levantamento de artigos científicos publicados no período de 2015 a 2020 na Scientific Electronic Library Online – SciELO. O método utilizado foi pesquisa bibliográfica com viés quantitativo. Para buscarmos esses artigos científicos utilizamos os seguintes indicadores de pesquisa: “estudante and negro and universidade”, “estudante and deficiência and universidade” e “estudante and negro and deficiência and universidade”.

Palavras-chave: Estudante negro(a) com deficiência; Investidas científicas; Universidade; Racismo; Acessibilidade.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho foi compreender de que forma os artigos científicos tem tratado as discussões sobre o acesso e a permanência dos(as) estudantes negros(as) com deficiência na universidade.

Para isso buscamos artigos científicos que trataram dessa temática na Scientific Electronic Library Online – SciELO.

309 Universidade Regional do Cariri – URCA, lucas.rodrigues@urca.br

310 Universidade Regional do Cariri – URCA, rosane.gueudeville@urca.br

311 Universidade Regional do Cariri – URCA, yonara.santos@urca.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Através dos resultados obtidos podemos chegar a algumas conclusões parciais, uma vez que nosso trabalho está em fase inicial de construção e de pesquisa.

Nesse contexto surge a questão norteadora para a discussão e continuidade da nossa pesquisa: Como tem sido tratada a questão da Inclusão do estudante negro com deficiência nos artigos científicos?

METODOLOGIA

Em um primeiro momento investigamos de forma quantitativa como foi tratada essa temática em artigos científicos. Fizemos um levantamento de artigos científicos no banco de dados da Scientific Electronic Library Online – SciELO publicados entre os anos de 2015 e 2020.

Para realizarmos essa pesquisa utilizamos os seguintes indicadores de pesquisa: “estudante and negro and universidade”, “estudante and deficiência and universidade” e “estudante and negro and deficiência and universidade”. Através dos resultados obtidos nessa busca, realizamos a leitura dos resumos dos artigos, a fim de saber se realmente atendia ao que procurávamos.

Com base no procedimento bibliográfico que segundo Gil (2007, p.44 *apud* GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.37) “[...] os exemplos mais característicos [...] são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem á análise das diversas posições a cerca de um problema”.

Nessa investigação tomamos uma abordagem quantitativa quando “[...] a pesquisa quantitativa recorre á linguagem matemática para descrever as cousas de um fenômeno[...]” (FONSECA, 2002, p.20 *apun* GERHARDIT, SILVEIRA, 2009, p.33).

Assim, nosso intuito foi saber quantos artigos constavam nesse banco de dados que discutissem a questão do(a) estudante negro(o) com deficiência na universidade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Ao pesquisarmos sobre o(a) estudante com deficiência na universidade, utilizamos o indicador de pesquisa “estudante and deficiência and universidade” e encontramos apenas dois artigos científicos. Um publicado no periódico *Psicologia Escolar e Educacional*, no ano de 2018, intitulado “Análise das condições de permanência do estudante com deficiência na Educação Superior”. O outro publicado no periódico *Psicologia: Ciência e Profissão*, em 2019, com o título “Estresse e Características Resilientes em Alunos com Deficiência e TFE na UFPA”.

Entretanto, quando pesquisamos sobre os(as) estudantes negros(as) na universidade e sobre os(as) estudantes negros(as) com deficiência na universidade, utilizando os indicadores de pesquisa “Estudante and negro and universidade” e “Estudante and negro and deficiência and Universidade”, não encontramos nenhum artigo publicado no período em estudo.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Nosso trabalho ainda está em fase inicial. Nesse momento realizamos as pesquisas apenas no banco de dados da SciELO. Por esse motivo, os resultados apresentados são parciais. Entretanto, podemos concluir que as investidas científicas presentes no banco de dados da SciELO sobre esse tema são mínimas, uma vez que encontramos apenas dois artigos quando pesquisamos especificamente sobre o(a) estudante com deficiência na universidade.

REFERÊNCIAS

ANACHE, Alexandra Ayach; CAVALCANTE, Lysa Duarte. Análise das condições de permanência do estudante com deficiência na Educação Superior. **Psicologia Escolar e Educacional**. Maringá, v. 22, p. 115-125, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?cript=sci_arttext&pid=S141385572018000400115&lang=pt. Acesso em: 01 out. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

PAGNES, Karina Soledade. SOFIATO, Cássia Geciauskas. **Estado de arte de pesquisa no Brasil sobre educação de surdos**. Revista, Educar em Revista, Curitiba, Brasil, editora UFRP, n.52,p.229-256, abr/jun, 2014.

PEREIRA, Rosamaria Reo et al. Estresse e Características Resilientes em Alunos com Deficiência e TFE na UFPA. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 39, p.1-16, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100114&lang=pt. Acesso em: 01 out. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**REFLEXÕES ACERCA DA INVISIBILIDADE DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS
SOBRE PESSOAS NEGRAS E COM DEFICIÊNCIA**

Maria Déborah Silva³¹²
Larissa Araújo Alves³¹³
Rosane Santos Gueudeville³¹⁴

RESUMO

A presente pesquisa objetivou realizar um estado da arte das produções científicas sobre pessoas negras e com deficiência, constantes nas dissertações e teses. Caracteriza-se como bibliográfica de carácter qualitativo, realizada através de um levantamento do ano de 2015 a 2020, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, no qual foram coletadas quatro teses e três dissertações, porém apenas duas delas estavam de acordo com o período estipulado. Como descritores foram utilizados: “pessoas com deficiência and produções científicas”, “pessoas negras and produções científicas” e “pesquisas de pessoas negras com deficiência”. Fundamenta-se em autores como Minayo (2002), Almeida (2019), Costas & Torres (2020), visando também fortalecer discussões que sinalizem a importância de uma sociedade inclusiva e antirracista.

Palavras-chave: Pessoas negras com deficiência; Inclusão; Produção científica; Racismo.

312 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA,
deborahsilva9991@gmail.com

313 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA,
larissaraoujarissa32@gmail.com

314 Professora da Universidade Regional do Cariri – URCA, Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, rosane.gueudeville@urca.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

O campo científico, lugar valorizado e disputado historicamente excluiu as pessoas negras e as com deficiência. E desse modo, objetivou-se fazer um estado da arte de pesquisas sobre pessoas negras com deficiência, afim de perceber os reflexos de uma sociedade escravocrata e capacitista e como isso repercute na invisibilidade desses sujeitos.

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo caracteriza-se como um estado da arte realizada com um levantamento entre os anos de 2015 a 2020, no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Constatando a invisibilidade dos temas e em sua interseccionalidade, sendo que dos sete trabalhos coletados, apenas dois atendiam o tempo estipulado.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Conhecimento e aprendizado desde cedo estão presente na vida humana e para tais, as pesquisas são fundamentais, abrem espaço para indagar e refletir o mundo, como advoga Minayo (2002, p.17) “É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”. Para Almeida (2019, p.20,21) com o positivismo o homem passou a ser um objeto científico analisado pelos seus determinismos biológicos, geográficos ou condições climáticas, tal ação resultou em atitudes racistas, como a suposição de que a cor da pele negra seria um sinal de pouca inteligência, nesse sentido estavam sujeitos a serem excluídos pelo padrão estabelecido.

A pesquisa de Silva (2015, p.211-213) analisou discursos étnico-raciais de quatro mestres (preto/as e/ou pardo/as). Contatando-se que há uma falta de informações públicas da

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

categoria cor/raça dos pesquisadores brasileiros que são importantes para monitorar a promoção da igualdade racial na ciência. Sendo o número de negros na pós-graduação, mestrado e doutorado reduzido. Urban (2016) analisou artigos de pessoas com deficiência sobre ações realizadas pelas IES, para acesso, permanência e participação das PCDs nesses espaços e constatou-se que, mesmo com tais ações, barreiras impossibilitam a inclusão. Nessa linha, Costas & Torres (2020, p.122) advogam que o número de pessoas com deficiência matriculadas em universidades é impreciso, quando se trata de acesso e conclusão de curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecendo o caráter jovem e inacabado da pesquisa, os estudos demonstraram um número pequeno de produções científicas sobre pessoas negras e com deficiência, e em sua interseccionalidade. Mesmo com o aumento desse público no ensino superior, seu número é impreciso quando trata-se de permanência. Barreiras sociais e educacionais são postas e repercutem em suas trajetórias acadêmicas. Sendo esse um problema histórico, medidas precisam ser tomadas afim de estabelecer a concretização de instituições e sociedade mais inclusivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

COSTAS, F. A. T, e TORRES, N. E. A articulação entre as categorias de gênero, deficiência e educação superior na produção científica brasileira. Rev. **Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. Criciúma, v.6.n.1, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

SILVA, Marcos Antonio Batista da. **Discussos étnicos-raciais proferidos por pesquisadores/as na pós-graduação: acesso, permanência, apoios e barreiras.** Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

URBAN, Ana Lídia Penteadó. **Um estudo de produções científicas: ingresso e permanência de universitários com deficiência.** Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” Faculdade de Ciência e Letras, São Paulo, 2016.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**SURDEZ, RACISMO E ACESSIBILIDADE:
O ESTADO DA ARTE NO BRASIL (2010-2020)**

Marla Vieira Moreira de Oliveira³¹⁵
Tatiane Patrícia Santos Nascimento³¹⁶

RESUMO

Este resumo apresenta uma pesquisa quantitativo-descritiva no Brasil tendo como temática a surdez, racismo e acessibilidade durante o período de 2010 a 2020. A busca realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) teve como Palavras-chave: surdez, surdo negro, raça/racismo e acessibilidade. O estudo objetivou mapear as produções científicas que se debruçaram sobre a tríade – surdez – racismo – acessibilidade. Destaca-se nesse intervalo a falta de produção que contemple essa temática. Conclui-se que é preciso produzir sobre acessibilidade interligando surdez a um recorte racial.

Palavras-chave: Surdez; Racismo; Acessibilidade; Estado da Arte.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade o preconceito sempre esteve presente na sociedade, pois desde os primórdios já se idealizava o normal e excluía o que não se enquadrava dentro do padrão esperado. Assim, fazem parte desses grupos às classes mais pobres, os negros, os índios, as pessoas com algum tipo de deficiência ou que possua algo que o torne diferente (FURTADO, 2012).

315 Departamento de Educação / Núcleo de Acessibilidade – Nuarc. Universidade Regional do Cariri – URCA, marla.vieira@urca.br

316 Departamento de Educação/Curso de Pedagogia. Bolsista PIBIC (URCA), Universidade Regional do Cariri – URCA, tatiane_santos01@outlook.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A relevância desse estudo consiste em mapear a produção acadêmica referente ao entrecruzamento das categorias surdez, raça/racismo e acessibilidade durante o período de 2010 a 2020. No campo da educação, por exemplo, trata-se de uma década importante, sobretudo, no que se refere à aprovação da Lei nº 12.711/2012 – Lei de Cotas com alteração Lei nº 13.409/2016 que inclui a reserva de vagas para as pessoas com deficiência. Ademais, foi aprovado a Lei Brasileira de Inclusão (LBI - Lei nº 13.146/2015) que versa sobre várias questões importantes que incidem na qualidade de vida da pessoa com deficiência, inclusive no acesso a uma educação inclusiva. (BRASIL, 2012, 2015, 2016).

Nesse contexto em que se encontra a pessoa com surdez negra percebe-se a necessidade do debate sobre a acessibilidade dentro de um cenário de “dupla diferença” (FURTADO, 2012). Surge então, a necessidade de compreender como esse “duplo preconceito” pode interseccionar com o debate da acessibilidade.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativo-descritiva que através de um levantamento realizado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) teve como Palavras-chave: surdez, surdo negro, raça/racismo e acessibilidade. A pesquisa descritiva, conforme Gil (2007) é uma análise complexa que procura descrever, classificar e interpretar o objeto estudado. Elas podem aprofundar-se para além da identificação de categorias, nesse caso, aproxima-se da pesquisa explicativa, buscando detalhar fatos e fenômenos. Em pesquisas que se aponta para nova visualização do objeto, aproxima-se da pesquisa exploratória.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os dados apresentados ancoram-se também no estudo realizado no ano de 2017 em que o objetivo era “[...] o recorte racial nos estudos da área da surdez” (MIRANDA, 2019, p. 1).

Também em consonância com essa pesquisa, identificou-se, no período de 2010 a 2020 que foram defendidas apenas 3 dissertações de mestrado na área de concentração em Educação, nas instituições a seguir: UnB, UFRGS e UEL, sendo respectivamente de Buzar (2012), Furtado (2012) e Vedoato (2015) que faziam referência apenas a surdez e raça. No entanto, quando na ferramenta de busca inter cruzou-se com a palavra-chave de pesquisa – acessibilidade, não foi identificado nenhuma produção acadêmica. De acordo com Miranda (2019), no caso de surdez e raça:

Este mapeamento demonstra sua importância por revelar a escassez de estudos que explorem o entrecruzamento de surdez e raça em um país cuja população negra, especificamente no grupo de pessoas com deficiência auditiva, conforme o último Censo do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), tem se revelado expressiva. Além disso, intenta divulgar tais estudos a fim de, quiçá, despertar interesse em uma área que pode ser promissora para mais explorações em pesquisas futuras (MIRANDA, 2019, p. 5).

Nesse sentido, no estudo em questão, apresenta essa lacuna nas produções (Teses e Dissertações) que entrecruzam surdez, racismo e acessibilidade. Tal fato projeta a necessidade desse interesse e também a identificação de quais os elementos contribuem esse cenário. Durante uma primeira aproximação com as 3 dissertações citadas acima, destaca-se uma delas, Furtado (2012), pois apresenta um sinalizador para essa questão da ausência do debate sobre acessibilidade agregando a pessoa surdo negra. Nesse estudo é apresentada uma categoria muito presente na cultura surda, a identidade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Por se tratar de uma forte influencia cultural e, sobretudo linguística esse debate se sobrepõe as reflexões que ressaltam a “dupla diferença” sendo descrito nesse estudo, a condição de ser negro como algo alternado. Ora sofrem o preconceito porque são surdos, em outro momento se sobressai a questão da raça. Então, essa questão pode contribuir para seccionar as reflexões sobre acessibilidade apenas quando o debate remete a estudos culturais sobre surdez.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O objetivo desse resumo foi apresentar as primeiras aproximações acerca da produção acadêmica que intercrossassem as categorias: surdez, surdo negro, raça/racismo e acessibilidade. Constatou-se através de buscas na plataforma - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) que a aproximação com a temática que trata da acessibilidade carece de estudos. Pesquisas que busquem um recorte racial sobre a surdez abrangendo a acessibilidade poderão contribuir para uma sociedade efetivamente inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. CASA CIVIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso: 18 ago. 2010.

_____. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. CASA CIVIL. Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113409.htm. Acesso em 15 ago. 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

_____. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. CASA CIVIL. Lei n° 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 2015. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 17 ago. 2020.

BUZAR, Francisco José Roma. **Interseccionalidade entre raça e surdez**: a situação de surdos (as) negros (as) em São Luís - MA. 2012. 155 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

FURTADO, Rita Simone Silveira. **Identidades e Diferenças em Narrativas de Surdos Negros**. IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa e Educação da Região Sul. Universidade de Caxias do Sul. Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1924/673>. Acesso em 16 ago. 2020.

_____. **Narrativas Identitárias e Educação**: os Surdos Negros na Contemporaneidade. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

MIRANDA, Viviane Marques. Surdez com recorte racial: estado da arte no Brasil de 2012-2017. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. **Revista Educação Especial** | v. 32 | 2019 - Santa Maria Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>. Acesso em 17 ago. 2020.

VEDOATO, Sandra Cristina Malzinoti. **Relações entre surdez, raça e gênero no processo de escolarização de alunos surdos do Paraná**. 2015. 66 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**Simpósio Temático 15 – Linguagem, Gênero e Educação:
perspectivas antirracistas, antiLGBTQIA+fóbicas e descolonizadores**

Coordenadores(as)

Prof. Dr. Marco Antonio Lima do Bonfim (MIHL/UECE; GEDIRG/UECE)

Andy Monroy Osorio (MIHL/UECE; GEDIRG/UECE)

Eric Silva dos Santos (MIHL/UECE; GEDIRG/UECE)

Rosane Lorena de Brito (MIHL/UECE; GEDIRG/UECE)

Luiz Felipe de Arruda Moura (UFPE)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A DECOLONIALIDADE DE RAÇA E GÊNERO DO SAMBA DE COCO “IRMÃS LOPES” DE ARCOVERDE-PE

Rubem Viana de Carvalho³¹⁷

RESUMO

A presente pesquisa visa analisar as possíveis contribuições do samba de coco Irmãs Lopes de Arcoverde-PE, para a decolonialidade de raça e gênero na atividade cultural, a partir da abordagem qualitativa. Para a análise dos dados, dispomos da Análise de Conteúdo Bardin (1977). Os resultados apontam o samba de coco enquanto lócus de uma nova geopolítica cultural, além da existência de práticas de resistências decoloniais.

Palavras-chave: Samba de coco. Samba de coco Irmãs Lopes. Decolonialidade.

INTRODUÇÃO

A história do **Samba de Coco Irmãs Lopes** se confunde com a história da cidade de Arcoverde no sertão de Pernambuco, pois deste antes da emancipação política da cidade, já existia o samba de coco da família Lopes. Esse grupo é conhecido por sua forte musicalidade e por articular enquanto origens a cultura africana e indígena da comunidade do xucuru. Sofre também as marcas da colonialidade do poder Quijano (2005), que se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo, os autores decoloniais formulam a colonialidade do saber, do ser, da natureza e de gênero e sexualidade Lugones (2011), a compreensão de como essas categorias marcam as identidades dos sujeitos racializados. Em contrapartida a decolonialidade de gênero e sexo produzida pelo pensamento feminista

317 Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA), E-mail:psirubemviana@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Latino-Americano tem produzido novas epistemologias em contraposição à margem colonial moderna, construindo novas formas de ser mulher.

Deste modo, o objetivo da pesquisa é o de: Analisar as contribuições do samba de coco Irmãs Lopes de Arcoverde-PE para a decolonialidade de raça e gênero na atividade cultural. Além disso, pautamos nossa pesquisa em uma abordagem qualitativa, que está delimitada enquanto campo ao Museu do Samba de Coco Ivo Lopes em Arcoverde-PE. A técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Os sujeitos foram a grande mestra Severina Lopes e Werner Lopes, neto e um dos compositores atuais. Na fase de tratamento dos dados utilizamos a Análise de Conteúdo, Bradin (1977), a partir dos procedimentos de pré análise, da categorização e inferência.

A HISTÓRIA DO SAMBA DE COCO DE ARCOVERDE E SEU MOVIMENTO DE DECOLONIALIDADE

O possível contexto em que surgiu o samba de coco de Arcoverde foi possivelmente em meados de 1916 por meio da estação de trens Great Western, que mantinha um depósito de cargas na cidade, a qual necessitava de um grande número de trabalhadores para carga e descarga de mercadorias. Segundo a família Lopes: *“Existem várias versões e histórias do coco, o coco de Arcoverde, foi criado por escravos que vieram de quilombos para trabalhar aqui em 1916, Pedro Gomes da Silva e Clara Maria da Conceição, quando chegaram aqui, não tinha nada, então, eles trouxeram essa pisada essa cantoria já na voz* (Entrevista com Severina Lopes). Destacamos na fala da família Lopes a característica da decolonialidade com a qual essas pessoas transformam a opressão do trabalho duro da colonialidade do poder e do ser em arte, arte para viver, para tornar a via suportável. Conforme o pensamento de Mignolo, (2003, 2011), a decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação, ou seja, supõe também construção e criação. Assim, descolonizar-se é liberar-

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

se das amarras coloniais que situam os/as sujeitos racializados como vítimas da opressões e explorações.

Atualmente o Samba de coco de Arcoverde é representado por três grupos principais que representam três famílias dos anos de 1930 que fomentaram o coco em de Arcoverde, entre estas, está, a família de Severina Lopes com o “Samba de Coco Irmãs Lopes” que surge nos anos 1980 e que hoje tem como única irmã viva a primeira mestra de coco mulher do Brasil. Em relação ao tempo em que a família Lopes ficou sem brincar o coco a pós a morte de Ivo Lopes foi afirmado que: *“O coco da família Lopes ficou parado por um tempo, pois só homens podiam ser mestres até o momento em que Severina Lopes assumiu o samba de Coco da família e quebrou com a hegemonia de que só homens podem ser mestres de coco”* (Entrevista com Wener Lopes). Nesse contexto em que as irmãs Lopes ficam inicialmente impossibilitadas de conduzir o coco por serem mulheres, é possível depreender tanto a colonialidade de gênero a partir do processo de redução ativa da capacidade dessas mulheres conduzirem sua cultura, a partir da classificação em não aptas por serem mulheres, como afirma Lugones (2011), mas por outro lado, mostra também a força de resistência decolonial da mulher afro-brasileira que enfrenta o patriarcado se colocando enquanto sujeito epistemológico de saber

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As descobertas nesse estudo nos mostram um movimento decolonial de enfrentamento a colonialidade de raça e de gênero. Desta forma, se refere a arte do samba de coco realizada por descendentes de ex-escravos e indígenas e a resistência de Severina Lopes a assumir o samba de coco de sua família com o título mestra do coco. A história outrora silenciada pela colonialidade e pelo patriarcado é feita pela força decolonial de figuras históricas como essas, que nos inspira a acreditar na mudança e na solidariedade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

LUGONES, María. **Hacia un feminismo descolonial**: La manzana de la discordia, Cali, vol. 6, n. 2, p. 105-119, jul-dez. 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SANTOS, B. S. Os conflitos urbanos no Recife: o caso do “Skylab”. **Revista crítica de Ciências Sociais**, nº 11, maio, p. 9-59. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1983.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

AÇÕES GOVERNAMENTAIS E REAÇÕES SOCIAIS À INVIABILIZAÇÃO DE ACESSO DE PESSOAS TRANS E NEGRAS À UNIVERSIDADE PÚBLICA

Bruno Alves de Sousa³¹⁸

RESUMO

O trabalho objetiva compreender ações governamentais nos últimos anos que tentaram inviabilizar acesso de pessoas trans ao ensino superior (graduação ou pós-graduação). Nossa hipótese é de que há uma antipolítica pública em curso somada a uma desfreirização, mas também uma transgressão (HOOKS, 2013) a tal processo nas margens do Estado (DAS, POOLE, 2004) com ocupações e cursinhos populares. Toma por base dois eventos: a intervenção do MEC em reitoria de universidade lusoafro pela anulação do vestibular com vagas para transgêneros e intersexuais em 2019; e a revogação da Portaria Normativa nº 13/2016 em 2020, que previa políticas afirmativas na pós-graduação. Far-se-á análise documental dos discursos de diversos atores (MEC, reitoria, procuradoria jurídica, programas de pós-graduação, ativistas) em mídias e atos oficiais.

Palavras-chave: pessoas trans; cotas; vestibular; pós-graduação; práticas estatais.

INTRODUÇÃO

Os anos iniciais da gestão presidencial de Jair Bolsonaro são marcados por turbulência na política brasileira. No âmbito da educação, a investida de uma agenda conservadora está em curso em meio à instabilidade. As constantes trocas ministeriais, as propostas polêmicas de perseguição ideológica, as nomeações de reitores não escolhidos pela comunidade

318 Mestrando em Antropologia (UFC-UNILAB), Bacharel em Direito(UFC), Especialista em Direito e Processo Constitucional, Pesquisador no Observatório Nacional da Política LGBT. Membro do Grupo de Estudos de Educação em Regime de Privação de Liberdade – GERRP Liberdade.
brunoalves.ufc@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

acadêmica e os cortes orçamentários atingindo universidades públicas e agências de fomento à pesquisa são alguns dos eventos que compõem esse cenário mais amplo de desmonte de políticas públicas (ou “antipolítica pública”, como Prof. Alcides Gussi se referiu em palestra).

Há, porém, um cenário singular de ataques contra grupos específicos: LGBT, pessoas negras e indígenas. O acesso à educação deles tem sido ameaçado no atual governo. Nesse sentido, o projeto Observatório Nacional da Política LGBT, coordenado pelo Prof. Marcelo Natividade (UFC), acompanhou as ações governamentais na educação e áreas correlatas, tendo como marco temporal a partir de 2016. O trabalho foi desenvolvido através de consulta a atos oficiais (em especial do Poder Executivo), mídias (notícias de jornais de grande circulação) e documentos e relatórios de organizações e movimentos sociais.

METODOLOGIA

Tomo por base dois eventos: a intervenção do MEC em reitoria de universidade lusoafro pela anulação do vestibular com vagas para transgêneros e intersexuais em 2019; e a revogação da Portaria Normativa nº 13/2016 em 2020, que previa políticas afirmativas na pós-graduação para pessoas negras, indígenas e com deficiência. Faço breve análise documental sobre os discursos de diversos atores (Ministério da Educação, reitorias, procuradorias jurídicas, programas de pós-graduação, ativistas) em mídias e atos oficiais.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Em 09 de julho de 2019, foi publicado o Edital nº 29/2019 da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira que previa a realização de vestibular para transgêneros (transexuais, travestis e não binárias) e intersexuais (UNILAB, 2019a).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Uma semana depois, o presidente Bolsonaro comunicou através do Twitter a intervenção do MEC para suspensão imediata do edital e sua anulação. A Procuradoria da UNILAB, através de parecer jurídico, alegou subversão da regra das cotas e eliminação de concorrência ao segregar integrantes das “categorias de gênero LGBT”.

PARECER n. 00081/2019/GAB/PFUNILAB/PGF/AGU

A técnica redacional manejada parece não deixar dúvidas de que **a seleção segrega todos os demais candidatos que não se enquadram nas categorias de gênero LGBT**. Sob a ótica dos princípios basilares da razoabilidade e da proporcionalidade (...). **Reservar 100% (cem por cento) das vagas** (120, frise-se) da ampla concorrência para alunos transexuais, travestis, pessoas não binárias e intersexuais é razoável? Desta feita, ao contemplar exclusivamente candidatos inseridos na categoria de alunos da comunidade LGBT, o **EDITAL Nº 29/2019 subverteu a regra das cotas**, distorcendo sua própria ratio essendi, à medida em que, ao tentar corrigir uma eventual desigualdade material, **acabou por instituir uma "isonomia às avessas"**, incorrendo em ofensa aos princípios da razoabilidade e proporcionalidade. O ato em verdade, **esvazia a concorrência entre os alunos, e tende a causar outras desigualdades** no decorrer do tempo. (UNILAB, 2019b)

De pronto houve reação à suspensão do certame. Uma ocupação universitária foi deflagrada por mais de um mês, evidenciando que a academia pode ir além da sala de aula. Educar para encarar a realidade e transgredir como prática de liberdade (HOOKS, 2013, p.273). Naquela ocasião o edital não foi restabelecido.

Evento diverso ocorreu em junho de 2020. No último ato à frente do MEC, Abraham Weintraub revogou a Portaria Normativa nº 13/2016, que previa políticas afirmativas para “negros (pretos e pardos), indígenas e pessoas com deficiência em seus programas de pós-graduação (Mestrado, Mestrado Profissional e Doutorado)” (BRASIL, 2016).

Após essa medida, as reações sociais foram consideráveis. Desde movimentos sociais que já organizavam suas experiências às margens do Estado (DAS, POOLE, 2004) com a profusão de cursinhos populares voltados para pessoas negras e trans. Até reação institucional de programas de pós-graduação que ainda não adotavam cotas e passaram a adotá-las após a medida. A Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) passou a ter o primeiro

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

programa com cotas para trans e travestis (10% das vagas). A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA) ratificaram a continuidade das cotas. Dias depois, o ministro interino tornou sem efeito a citada portaria.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Podem-se observar ações governamentais e reações sociais às tentativas de inviabilização de acesso de trans e negros à universidade pública por meio de políticas afirmativas. Aliás, “voltar atrás” tem sido muito comum nesse governo, quando acuado.

REFERÊNCIAS

BRASIL, 2016. Portaria Normativa MEC nº 13, de 11 de maio de 2016. Dispõe sobre a indução de Ações Afirmativas na Pós-Graduação, e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União. Publicado no DOU de 11 de maio de 2016.

BRASIL, 2020. Portaria Normativa MEC nº 545, de 16 de junho de 2020. Revoga a Portaria Normativa MEC nº 13, de 11 de maio de 2016. Brasília: Diário Oficial da União. Publicado no DOU de 18 de junho de 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. (Eds.). **Anthropology in the margins of the state**. Santa Fé: School of American Research Press, 2004.

UNILAB. 2019a. Edital nº 29/2019. [Processo seletivo específico para Pessoas Transgêneras e Intersexuais]. Redenção: 09 jul 2019.

UNILAB. 2019b. Procuradoria Federal junto à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Ementa: Direito Constitucional e Direito Educacional. Autonomia universitária e política de cotas e reserva de vagas em Instituição Federal de Ensino Superior. Parecer n. 00081/2019/GAB/PFUNILAB/PGF/AGU, de 15 de julho de 2019. Autor: Felipe Grangeiro de Carvalho.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

COLONIALIDADE DE PODER, DE SABER E DE SER: O EMPREENHIMENTO COLONIAL NA MARCAÇÃO DAS MASCULINIDADES DO SUL

Enilson Ferreira da Silva Júnior³¹⁹
Iris Marly Bezerra Leite³²⁰

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma revisão narrativa e tem como objeto problematizar acerca das produções dos modelos de masculinidade impostos pela matriz colonial ao contexto das nações colonizadas. A colonialidade apresenta a noção de que apesar do término das administrações Europeias nas Américas, África, Ásia e Oceania e a emergência dos Estados-nação não representam o fim da colonização e suas diferentes formas de imposição social. Quando as masculinidades são decolonizadas e vistas como construções sociais importadas, é possível mudar os estereótipos de gênero dominantes e aceitar novas possibilidades de masculinidades fora do padrão hegemônico, para além de um corpo eurocentrado.

Palavras-chave: Colonialidade; Masculinidades; Gênero.

INTRODUÇÃO

Gênero é um fenômeno ordenador do cotidiano e vai do pensamento à ação, desenvolve princípios culturais num viés relacional. Cerceia espaços simbólicos e estrutura as identidades dos indivíduos. Estimula padrões e modelos comportamentais a serem estritamente seguidos. (YOSHIDA e ANDRADE, 2016).

319 Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza, mestrando em Educação pela Universidade Regional do Cariri – URCA, enilsonpsi@gmail.com

320 Graduanda em Serviço Social pelo Centro Universitário Leão Sampaio – UNILEÃO, irismarlybezerraleite@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

O corpo pode ser considerado uma referência que escora, por força, a identidade. E supostamente o corpo é inequívoco; nutrimos a esperança que o corpo fomenta a identidade dos sujeitos, sem ambiguidades nem conflitos. Deduz-se que uma identidade de gênero, sexual ou étnica estejam vinculadas às “marcas biológicas”; o processo porém é muito mais confuso e essa dedução pode ser errônea. Os corpos são fabricados pela cultura, recebendo dela atribuições. Talvez pudéssemos nos questionar como determinadas características passaram a ser reconhecidas como marcas definidoras da identidade, questionar quais parâmetros estão sendo utilizados nesta cultura para atribuir valor ou desvalor a determinada categoria (LOURO, 2000).

Trazendo para o campo da perspectiva relacional de gênero, Louro (2000) aponta que todos os sujeitos devem questionar certos padrões socialmente arraigados e não simplesmente engoli-los sem uma tomada de consciência crítica. O que é ser homem? Quais processos (biológicos, sociais, culturais, simbólicos, linguísticos, religiosos e até geográficos) tornam um sujeito homem? Quando se começaram a classificação os gêneros de acordo com seus caracteres sexuais? Existe uma masculinidade universal ou ela se manifesta de forma plural e heterogênea? Deseja-se chamar a atenção para a necessidade de se historicizar as masculinidades e não percebê-las enquanto “essências” ou produtos da “natureza”:

O termo gênero aparece para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso opõe-se veementemente as justificativas biológicas como aquelas relacionadas à superioridade masculina. O gênero é uma forma de indicar as construções sociais em torno dos corpos – a elaboração estritamente social das ideias sobre os papéis para homens e mulheres. É uma forma de se referir às origens sociais das identidades subjetivas do homem e da mulher. Gênero é uma categoria social outorgada sobre um corpo sexuado, esse termo enfatiza a todo um sistema de relações que pode incluir sexo, mas que não é diretamente relacionada ao sexo e nem determina sexualidade (SCOTT, 1995).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma revisão narrativa e tem como objeto problematizar acerca das produções dos modelos de masculinidade impostos pela matriz colonial ao contexto das nações colonizadas. Para a interpretação, análise e redação dos dados coletados em pesquisa utiliza-se autores e autoras pós-estruturalistas.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O modelo de masculinidade hegemônica difundida na cultura aponta para uma masculinidade colonizada. A colonialidade como manutenção da estrutura de poder colonial, tem como principal pedra de esquina: a “racialização” e as formas racializadas das relações de produção; o “eurocentrismo”, como esquema de produção e controle social das subjetividades, dos corpos, das formas de ser e estar, a hegemonia do “Estado-nação” que como processo de internalização, após o colonialismo, é construído como periferia. Dessa forma, o empreendimento colonial permanece ativo e atuante, formando-se como colonialidade de poder, de saber e de ser (QUIJANO, 1992 apud SANTOS, 2018).

A hierarquização das relações Norte/Sul permanece produto do sistema capitalista e imperialista. A subalternização de outras epistemologias significa que estas não são formas relevantes de ser e estar no mundo, sendo estes “outros” saberes inexistentes e/ou invisibilizados. Os estudos decoloniais denunciam os abusos de poder/saber e a dominação de matriz epistêmica (MENESES, 2008).

A colonialidade apresenta a noção de que apesar do término das administrações Europeias nas Américas, África, Ásia e Oceania e a emergência dos Estados-nação não representam o fim da colonização e suas diferentes formas de imposição social. A continuidade do controle sobre povos periféricos e a estrutura colonial de coerção denomina-

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

se colonialidade, surge à necessidade de uma proposta teórico-política de insurgência: o decolonial (SANTOS, 2018).

Apesar da existência plural de experimentações do masculino, um modelo excêntrico se estabelece como parâmetro: A masculinidade hegemônica – gêneros do Norte (CONNEL, 2018, p. 25) - não se assumiu normal numa perspectiva estatística, possivelmente apenas uma minoria dos homens a desempenhe. O que não faz com que ela deixe de ser normativa. Ela promove uma forma de ser homem, ela exige que todos os outros homens se disponham em relação a ela legitimando-a ideologicamente e subordinando a nível global homens e mulheres (CONNEL; MESSERSCHMIDT , 2013).

Num pólo oposto se encontram as masculinidades periféricas – gêneros do Sul (CONNEL, 2018, p. 29). Identidades marginalizadas e excluídas, masculinidades estabelecidas dentro de um contexto de incapacidade, corpos laborais de homens da classe trabalhadora. O que faz pensar numa geografia das masculinidades divididas entre cone Norte e cone Sul (CONNEL; MESSERSCHMIDT , 2013).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Quando as masculinidades são decolonizadas e vistas como construções sociais importadas, é possível mudar os estereótipos de gênero dominantes e aceitar novas possibilidades de masculinidades fora do padrão hegemônico, para além de um corpo eurocentrado. Por isso, se faz necessário uma atitude crítica diante das perspectivas de gênero veiculadas na cultura e no cotidiano, desconsiderando suas verdades “essencialistas” e as compreendendo enquanto formações históricas. O gênero não é neutro em relação a forças políticas que controlam os povos e a cultura, ele é modelado segundo sua ação tecnológica da matriz.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

CONNEL, R. Gênero em termos reais. São Paulo: Ed. Nversos, 2018.

CONNEL, R; MESSERSCHMIDT, J. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Rev. Estud. Fem. vol.21 no.1 Florianópolis Jan./Abr. 2013.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 2008.

SANTOS, V. M. **Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência.** *Psicol. soc. (Online)* ; 30: e200112, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Rev Educação e Realidade*, 20(2):71-99, jul./dez. 1995.

YOSHIDA, V.C; ANDRADE, M.G. O cuidado à saúde na perspectiva de trabalhadores homens portadores de doenças crônicas. *Interface (Botucatu)* vol.20, n58 Botucatu Jul/Set. 2016.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCURSO-MITO: ENTRE O FAZER RIR E O FAZER MORRER

Cicero Weverton Nascimento da Silva³²¹

RESUMO

“Tem alguma placa ali fora: proibido a entrada de negros?”, respondeu o então Deputado Jair M. Bolsonaro a um jovem estudante durante evento. Após resposta a plateia reage com aplausos, riso e escárnio: “mito, mito, mito”, seguido de vários “cala a boca e me escuta” do Deputado para o estudante. O que analisamos é como o discurso-mito funciona como um dispositivo de fazer rir por meio da enunciação de um sujeito de poder, e que este fazer rir está atrelado ao fazer morrer dos movimentos sociais minoritários na sociedade contemporânea brasileira.

Palavras-chave: Análise de Discurso; riso; poder grotesco; política brasileira.

O PODER DO RISO

O riso é um elemento inerente ao ser humano, podemos rir e fazer outros rirem conosco. Entretanto, há uma questão sobre o fazer rir que gostaria de desenvolver neste ensaio analítico: é possível que o fazer rir, articulado com o racismo estrutural brasileiro e com formas autoritárias de poder, possa fazer morrer?

O elemento do riso, do escárnio, do fazer ridicularizar, está presente na obra de alguns autores, sobretudo filósofos, que viram no riso um poder ao mesmo tempo liberador e destrutivo, para o bem ou para o mal. Nietzsche em vários aforismos dispersos em sua obra,

321 Historiador, Mestrando em Letras pela Universidade Regional do Cariri – URCA; Estudante no grupo de pesquisa DISCULTI: Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e Identidade, da Universidade Regional do Cariri; Estudante no grupo de pesquisa NELICULT: Núcleo de Estudos em Literatura e Cultura, da Universidade Estadual do Piauí. weverton.ppgl@gmailcom

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

pensa o riso como arma contra toda a seriedade, contra toda a moral, para ele, em suma, o riso é liberador (ROSA, 2019).

Bakhtin, filósofo russo, em suas análises sobre a literatura romanesca do renascimento, percebe papel semelhante do riso em relação a sua potência destrutiva, diz que “o riso (em suas várias manifestações) se apresenta em sólida concrecência com a morte” (BAKHTIN, 2018, p. 177). Tomando o romance rabelesiano como exemplo, o autor diz que Rabelais oferece um tratamento estético grotesco que ridiculariza a relação séria e sagrada que a idade média manteve com a morte.

Mais contemporâneo Michel Foucault destaca o riso e o fazer rir de forma bastante diversa dos autores acima, ele percebe o riso como elemento político, ferramenta de fazer dominar, de manter relações de poderes entre sujeitos, pois este vê no fazer rir certo tipo de poder grotesco.

O DISCURSO-MITO COMO ELEMENTO GROTESCO DO PODER

Em *Os Anormais* (2001), Foucault tece considerações sobre como o grotesco é elemento inerente na história e mecânica política do oriente. De Nero a Mussolini é possível encontrar o poder grotesco, a “autoridade ridícula”, a “indignidade do poder”, logo, o que o filósofo busca é “identificar, analisar a tecnologia de poder que utiliza esses discursos e tenta fazê-los funcionar” (FOUCAULT, 2001, p. 16-18). É com base nesse referencial teórico-metodológico que iniciamos nossa análise.

A materialidade de nosso objeto de estudo foi retirada do *youtube*, trata-se de um recorte de vídeo onde é possível ver o deputado federal Jair M. Bolsonaro respondendo

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

perguntas de um jovem estudante em certo evento³²². O vídeo escolhido tem como título:
*Bolsonaro humilha jovem esquerdista e mita mais uma vez.*³²³

Antes de considerar o discurso de poder grotesco, chamo atenção para o período “mita mais uma vez” presente no título do vídeo. Tal período completa o anterior e dar sentido a frase completa, pois o ato de humilhar o “jovem esquerdista” passa pela fala, é por meio da enunciação que humilha que Bolsonaro torna-se mito. Assim, “mais uma vez” o deputado mita, humilha outro. É por esse motivo que escolho como título desse trabalho e até mesmo como conceito, a expressão “discurso-mito”, pois se refere há um axioma que envolve contexto político, discursivo, enunciativo, semântico, cômico, específicos que só podem ser relacionados ao humor não necessariamente de Bolsonaro, mas especialmente ao riso dos bolsonaristas.

Os primeiros 40 segundos do vídeo estudado são dedicados às perguntas do jovem estudante para o Deputado Jair M. Bolsonaro. Transcrevo aqui partes do diálogo entre o estudante anônimo e o Deputado Bolsonaro. Diz o estudante: *eu gostaria de saber por que você acha que há tão poucos negros nessa plateia, sendo que a população brasileira é majoritariamente negra?* A segunda pergunta versa a opinião do deputado em relação a sua imagem ser associada à Instituição envolvida com a chacina de candelária³²⁴. Para a primeira pergunta o então Deputado, olhando para a plateia, responde: *Por acaso tem alguma placa ali fora: proibido a entrada de negros?* E a plateia em coro responde com um sonoro *não!* Em seguida, Bolsonaro falando mais alto e apontando o dedo bem próximo ao rosto do jovem diz: *tu já fez a tua pergunta, agora tu cala a tua boca!* Após tais palavras, a plateia reage entre gargalhadas e gritos, sempre em coro, com *mito! Mito! Mito!*

O discurso funciona aqui como poder grotesco, como mito, como elemento de humilhação, não por que é enunciado para fazer rir, ele não é cômico desde o momento de sua

322 O evento ocorreu no Clube Oficial da PM em Vitória-ES no dia 01 de abril de 2016. Mais informações sobre o acontecimento em: <https://www.folhavoria.com.br/politica/noticia/04/2016/bate-boca-entre-bolsonaro-e-estudante-causa-tumulto-durante-palestra-em-vitoria>. Acesso em 01/11/2020.

323 As falas destacadas podem ser vistas no seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=rodZDtC4y0o>. Acesso em 01/11/2020.

324 É possível que o jovem estudante esteja falando da polícia militar, embora não a cite diretamente.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

enunciação, ele torna-se cômico no momento da recepção, ele faz rir, é engraçado um “jovem esquerdista” ser silenciado, humilhado “mais uma vez”. Ao responder a segunda pergunta um homem negro sai da plateia e se põe ao lado de Bolsonaro, ele rir um riso que produz efeito de verdade sarcástico, pois há sim negros na plateia, algo bem diferente do que o jovem diz, reforçando a ideia de que nenhuma placa proíbe a entrada de negros naquele lugar. Continuando seu discurso sob aplausos e gritos de *mito!* O Deputado indica que a culpa fora das vítimas que *cometiam crimes na região da candelária*. Ao longo do debate o tom da voz de Bolsonaro vai aumentando, manda o jovem calar a boca mais uma vez, aumentam também os aplausos, bem como o riso responsivo ao grotesco do poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos até aqui que o discurso-mito é o mesmo que humilhar, silenciar o diferente. Em poucas palavras, quando o discurso-mito é acionado, eventualmente o outro se torna objeto do riso, do escárnio; é humilhado “mais uma vez”. O fazer morrer é intrínseco nessa relação de poder, os filósofos que iniciam o texto pensaram o fazer destruir do riso, era um fazer morrer estético, contra a moral e a tradição. Foucault pensa o fazer morrer no campo do político, há sujeitos que são risíveis e matáveis, morrem pelo riso. O jovem ridicularizado morre sob o discurso-mito, assim como suas perguntas e causas risíveis.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2018.
- DIAS, Rosa. O riso na filosofia da criação de Nietzsche. **Revista enunciação**. Vol.4 - Nº1 - pp. 13-23, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**EXPERIMENTO ARTÍSTICO CORPOS BIXA-DOSS: VISIBILIZANDO
TRAJETÓRIAS LGBTQI+ NOS BLOCOS AFROS DE SALVADOR**

Anderson dos Santos Santana³²⁵
Jadiel Ferreira dos Santos³²⁶

RESUMO

Os estudos de ancestralidade nas pesquisas acadêmicas e nas metodologias artísticas e pedagógicas das aulas de danças afros e nos blocos afros consideram as subjetividades e identidades de gênero e sexualidade de corpos negros LGBTQI+? É sob essa problematização que nasce o experimento artístico Corpos Bixa-Doss, contemplado pelo edital PROEXT-PIBEXA/UFBA 2018 no qual os estudos continuaram em aprofundamento na Especialização em Estudos Contemporâneos em Dança do Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDANÇA/UFBA) no ano de 2019. A obra Corpos Bixa-Doss, tem como um dos seus objetivos criar processos de experimentações artísticas e metodológicas de performance em danças afro-brasileiras, tendo como mote central e objetivo, visibilizar as contribuições dos artistas LGBTQI+ negros nos blocos afros de Salvador e seu protagonismo na luta antirracismo e anti-homofobia.

Palavras-chave: blocos afros; dança; LGBTQI+; masculinidades negras.

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática surge da necessidade de debater a relação corpo e sociedade, corpos negros LGBTQI+ e arte na sociedade contemporânea, em particular, a relação das culturas/saberes dos povos colonizados que nos leva a reflexões que carregam questões éticas,

325 Mestrando em Dança e especialista em Estudos Contemporâneos em Dança PPGDANÇA/UFBA.

Licenciado em Dança – UFBA. E-mail: anderson.dance@outlook.com

326 Mestre em Dança PPGDANÇA/UFBA–Licenciado em Dança-UFAL. E-mail: jadiel.afrossou@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

discursivas e complexas, embrincadas com identidade, alteridade, poder, exclusão, território, e até mesmo aspectos étnicos, religiosas, culturais de gênero e sexualidades.

Nessa perspectiva, surge a ideia de quilombo *afroqueercentrado*, segundo Santos (2018) uma encruzilhada de epistemes artísticas negras gays.

Essa busca de respostas que ocorreram no processo de criação da performance **Corpos BiXa-Doss**, fizeram com que o encontro entre duas bixas, uma baiana e outra alagoana, levantassem a questão que direcionou a criação que é trazida como referência: Os estudos sobre ancestralidade nas pesquisas acadêmicas e nas metodologias artísticas e pedagógicas das aulas de danças afros e nos blocos afros, enquanto espaços de luta antirracista, consideram as subjetividades e identidades de gênero e sexualidade de corpos negros LGBT's?

METODOLOGIA

O trabalho foi dividido em quatro fases que se articulam entre si, tendo como base os estudos, vivências artísticas e pesquisas acadêmicas que serviram de inspiração para criação deste experimento. Neste sentido as ações desse experimento tiveram como aporte as perspectivas da pesquisa do mestre em dança Jadiel Ferreira (Dança Desobediente-PPGDANÇA/UFBA); de professores de dança Stilleto e Vogue, Coletivos LGBT's e Queer Afrobapho, Batekoo, núcleo de pesquisa em cultura e sexualidade – Cus, danças de blocos afros de bixas pretas de Salvador, entre outros coletivos buscando com isso, estudos mais específicos (artístico e metodológicos) para construção e escolhas de repertório de movimentos para a criação do experimento artístico, assim como sondagem por artistas que estivessem comprometidos e alinhados ao que este experimento se propõe a problematizar no campo da dança.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Por acreditar como nos sugere Santos (2017) que o ensino e criação artística em dança devem estar pautados nas pluralidades de dimensões sociais contemporâneas, considerando essas dimensões como as diversidades socioculturais, étnico-raciais, as de gêneros e sexuais presentes em nossa sociedade, e como a Dança é parte da sociedade, essas dimensões se tornam elementos delas. São parte das pessoas que dançam, aparecem nas questões que as danças apresentam. As novas configurações sociais de corpos e família têm fomentado árduos debates políticos ao reivindicar suas condições sociais, cívicas e de direitos humanos. Esses pleitos são princípios básicos constitucionais de dignidade para permanência e manutenção de sua sobrevivência e liberdade de expressão, inclusive a artística, no nosso caso, expressão de liberdade na Dança.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

A experiência aqui relatada nos levou a perceber que a presença de outras existências e subjetividades, sejam elas de gênero e sexualidade, de corpos em dissidências ou que fujam da lógica binária, não são levados em consideração e ou legitimados nestes espaços. É de conhecimento de todos que possuem alguma relação com os blocos afros, que à maioria dessas instituições possuem presença marcante e frequente de LGBTQI+, principalmente nos blocos Malê Debalê e Os Negões, por serem na atualidade os blocos que tradicionalmente promovem concursos de dança onde são escolhidos o **Negro Malê** e o **Negro Lindo** respectivamente, figuras que representarão a instituição inicialmente no carnaval e durante o ano em apresentações, shows e eventos em que se faça necessário. Em outros blocos afros, a exemplo do Ilê Aiyê, Muzenza, Okanbí, entre outros, percebemos também a presença desses corpos dissidentes apresentando-se como dançarinos, coreógrafos, dirigentes, figurinistas, aderecistas e preparadores de rainhas. Esses dados reforçam a compreensão da existência, historicidade e importância desses corpos dissidentes, contudo, apesar das funções de suma

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

importância que estes artistas ocupam nesses espaços, parece haver algum tipo de bloqueio e impedimento à presença dessas subjetividades e suas especificidades. Nesse âmbito, torna-se urgente que esse tipo de discussão seja ampliada e esteja no âmbito das questões que transitam entre tradição e contemporaneidade que atravessam os blocos afros e suas ações.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Jadiel Ferreira; RENGEL, Lenira Peral. **Pelo ensino de uma dança desobediente: reinventar o homo aestheticus em metáforas ativistas negras**. Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança. Natal: ANDA, 2017. p. 330-349.

SANTOS, Jadiel Ferreira. **ÒKÒTÒ: dança desobediente afrocentrada, caminhos para a formação em Dança no Ensino Superior sob os estudos das relações étnico-raciais brasileiras**. Salvador: 2018. 246 f.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS(ES) PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: PERSPECTIVAS PARA O CURRÍCULO DA FORMAÇÃO INICIAL

Najla Almeida Marques Pereira³²⁷
Maria Kellynia Farias Alves³²⁸

RESUMO

A educação, complexo social, reflete uma estrutura de contradições encontradas na universidade, na escola e nos espaços em que ela é desenvolvida, a partir dessa compreensão apresenta-se reflexões acerca da formação de professoras(es) no Brasil para as relações étnico-raciais, cuja discussão articula-se a questões históricas, políticas, econômicas e culturais. A pesquisa é do tipo qualitativa de cunho bibliográfico (GIL, 2002). As principais referências teóricas da pesquisa são Cavalleiro (2001), Munanga (2005), Gomes (2012), Vicentinni; Lugli (2009). Por fim, alguns avanços são percebidos, mas há desafios a enfrentar, principalmente nos processos de implementação da Lei 10.639/0333 e 11.645/08.

Palavras-chave: Formação de professoras(es); Relações étnico-raciais; Universidade.

A política não se situa no polo oposto ao de nossa vida. Desejemos ou não, ela permeia nossa existência, insinuando-se nos espaços mais íntimos. (Angela Davis)

INTRODUÇÃO

A educação como complexo social reflete uma estrutura de contradições encontradas na universidade, na escola e nos espaços em que ela é desenvolvida. Desde 2003, com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n. 9394/96) há a obrigatoriedade de

327 Universidade Estadual do Ceará – UECE, najlaalmeida.1@gmail.com

328 Universidade Federal do Ceará – UFC, kellynia_farias@yahoo.com.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a temática História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, a partir da promulgação da lei 10.639/03, sabendo disso a formação de professores(as) precisa estar atenta a essa demanda.

A discussão das relações étnico-raciais na formação de professores(as) articula-se a questões históricas, políticas, econômicas e culturais. Desde o marco regulatório para Relações étnico-raciais (Lei n. 10639/03) na educação, o Plano Nacional de Educação (2001/2010) (eixo VI) contribui com a discussão e encaminhamento da lei. Bem como, o empenho e luta do Movimento Negro vem impondo ao cenário iniciativas no campo social, político, educacional e científico. Portanto, nosso objetivo neste trabalho é apresentar reflexões acerca da formação de professoras(es) no Brasil para as relações étnico-raciais, principalmente na formação inicial com perspectivas para o currículo.

METODOLOGIA

Para tanto, nossa pesquisa de abordagem qualitativa de cunho bibliográfico (GIL, 2002) apoia-se em autores, tais como: Cavalleiro (2001), Munanga (2005), Gomes (2012), Vicentinni; Lugli (2009).

(RE)PENSAR O CURRÍCULO DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES(AS)

O comprometimento em debater as relações étnico-raciais na formação de professores(as) perpassa pelo comprometimento histórico, político, cultural e social com a formação do(a) professor(a), assim como devemos considerar os processos pelos quais foi institucionalizada a formação docente no Brasil (VICENTINNI; LUGLI, 2009). Por isso, a

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

partir de Angela Davis, reafirmamos a epígrafe disposta no início do texto como fundamental para nossa mobilização.

A efetivação das leis 10.639/03 e 11.649/08 é uma necessidade histórica, política e social que ganhou destaque a partir da mobilização do Movimento Negro (MN), em suas diversas articulações, grupos e ações, sendo imprescindível salientar que não podemos fazer uma análise ou menção geral dos vários e múltiplos movimentos sociais brasileiros, nem tampouco do MN, que é um movimento com uma trajetória histórica diversa e ramificada, portanto é necessário considerar sua constituição em complexidade (GOMES, 2012). No final do século XX, a denúncia apoiada pelo MN contra a falácia de uma democracia racial ganhou maior repercussão e engendrou alguns avanços legais nas décadas seguintes, inclusive na constituinte de 1988. A partir disso, outras importantes legislações voltadas para a formação de professores(as), foram repercutidas diante das demandas sociais. A saber: as DCN para Educação das Relações Étnico-raciais (DCNERER) que apontam caminhos possíveis quanto ao trato da temática na escola e que devem influenciar os currículos das licenciaturas. Bem como, a Resolução 02/2015 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que trata da formação inicial docente e destaca a relevância da questão das diversidades, implicando a revisão dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de Pedagogia.

Partindo dos aparatos legais vigentes, nossas ações devem voltar-se à efetivação destes nas escolas, nas universidades, na formação de professores(as) e nos diversos espaços educativos. Inclusive, considerando o contexto de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista, LGBTA+fóbica e racista é importante promover ações de combate e enfrentamento das opressões nos diversos espaços educativos, logo a universidade não pode isentar-se dessa luta, pelo contrário, é preciso reafirmar e defender as pautas antirracista, anticapitalista entre outras que caminham para o horizonte de uma educação emancipatória.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONCLUSÕES PARCIAIS

O cumprimento de um movimento regulatório exige formação adequada, logo o currículo deve ser estruturado numa perspectiva da diversidade étnico-racial existente em nosso país, bem como se comprometer com uma agenda antirracista. Portanto, “só a partir da formação de professores capacitados a criar, levantar possibilidades, inventar novas situações de aprendizagem em sala de aula, [...] poder-se-á desenvolver um processo escolar de educação consoante à realidade sócio-cultural brasileira” (MUNANGA, 2005, p. 79-80).

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro e educação:** ressignificando e politizando a raça. Educ. Soc. [online]. 2012, vol.33, n.120, pp.727-744.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola.** Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. 2000.

VICENTINNI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. **História da Profissão Docente no Brasil:** representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**O PROTAGONISMO FEMININO NA AGRICULTURA FAMILIAR NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO SÍTIO ARRUDA NA REGIÃO DO CARIRI
CEARENSE**

Nágila Batista Coelho³²⁹
Renata Macêdo Leite³³⁰

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise do papel da mulher na agricultura familiar na comunidade quilombola do sítio Arruda no município de Araripe-CE. O presente trabalho se dedica a análise da mulher negra-quilombola na agricultura familiar, ocupando um espaço culturalmente ocupado por homens, através desse protagonismo feminino dessas mulheres tem-se o enfrentamento ao racismo e machismo no âmbito rural, possibilitando o empoderamento dessas mulheres, bem como a garantia do seu sustento através do cultivo, produção e comercialização de hortaliças plantadas em seus quintais. O objetivo deste trabalho é mostrar como as mulheres do quilombo vêm transformando sua realidade através do trabalho agrícola, no uso de seus quintais e combatendo o racismo e machismo através do seu trabalho. A pesquisa foi realizada no ano de 2019, a metodologia utilizada foi bibliográfica e pesquisa de campo.

Palavras-chave: Protagonismo Feminino; Agricultura Familiar; Agricultoras.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca apresentar a importância do reconhecimento do trabalho das mulheres quilombolas da comunidade Sítio Arruda, no município do Araripe-CE, observando

329 Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri – UFCA, E-mail: nagilabatista334@gmail.com

330 Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri – UFCA, E-mail: renatapaiteamo@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

o trabalho feminino nas atividades de cultivo das hortaliças e o beneficiamento desses produtos para a comercialização, como tática para o fortalecimento da produção agrícola familiar e promovendo o empoderamento feminino. Sendo possível estabelecer uma cultura de fortalecimento da figura da mulher negra-quilombola através da agricultura familiar, contribuindo para a resistência e a independência financeira dessas mulheres, no combate ao preconceito cultural e racial dessa comunidade.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esse trabalho foi a pesquisa de campo descritiva, as visitas foram iniciadas em fevereiro de 2019 até janeiro de 2020, no Sítio Arruda no município do Araripe, participando dessa pesquisa um grupo de mulheres quilombolas que residem e trabalham na comunidade.

DISCUSSÃO

As atividades laborativas femininas, apesar de essenciais para a manutenção dos lares não recebiam o mesmo reconhecimento de quando eram realizadas por homens, sendo consideradas apenas uma ajuda, sendo esse um dos motivos para a desvalorização das atividades desenvolvidas pelas mulheres nas comunidades rurais. Segundo o autor (SALES, 2007, p.441):

Por não desenvolver todas as etapas do roçado, e por ser uma atividade liderada pelo homem adulto, esse trabalho é qualificado como ajuda, tanto no interior da família como nos sindicatos e órgãos públicos, o que inviabilizou durante muito tempo o reconhecimento das mulheres como trabalhadoras e, conseqüentemente, a garantia de seus direitos sociais.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Apesar da segregação existente no ambiente familiar, pautado pela divisão de tarefas e pela supervalorização de uma atividade em detrimento de outras, a mulher vem conseguindo romper, através do empoderamento e do reconhecimento da sua importância na gestão do lar e do protagonismo dessa gestão com o auxílio ou não de um parceiro.

O lugar dessas mulheres passou a ser visto como de fundamental importância no desenvolvimento das atividades, ela deixa de ser sombra do homem da casa e passa a seguir junto com ele, para que possam alcançar uma agricultura familiar integrativa e igualitária, conquistando espaço de liderança. E de acordo com (SILIPRANDI, 2009, p.117):

Mesmo quando desce ao nível de manejo dos agroecossistemas, onde necessariamente as mulheres teriam que aparecer (visto que estão ali, em toda as famílias camponesas, trabalhando na terra e transformando os ecossistemas), tanto a análise das atividades realizadas por elas, como a sua participação enquanto sujeito político, dificilmente são enfocadas.

O trabalho da mulher negra que rompe com os paradigmas machistas e racistas já estabelecidos e consegue sustentar a si e aos seus familiares com a renda da produção agrícola em sua própria residência proporcionando o empoderamento feminino.

RESULTADOS

O trabalho realizado na comunidade auxiliou no processo de empoderamento feminino das mulheres quilombolas, auxiliando-as no aperfeiçoamento de técnicas de produção agrícola e na ampliação de possibilidades e expansão desse trabalho, transformando a produção em seus próprios quintais em fonte de renda familiar.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
UNCA – UFGA – UFCE – GRUNEC – ALDEIAS



Fonte: Fotografias da própria autora em campo.

CONCLUSÃO

O protagonismo rural feminino, da mulher negra quilombola é uma realidade da referida comunidade, onde as mulheres produzem e conseguem utilizar e vender os insumos produzidos, ao passo que conseguem prover o seu sustento e o sustento dos seus familiares.

REFERÊNCIAS

SALES, C. V. Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.15, n.2, p. 437- 443, 2007.

SILIPRANDI, Emma Cademartori. Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009. 291f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**PEDAGOPRETA: MULHER-NEGRA-EDUCADORA
UMA ESCRIVÊNCIA ETNO PEDAGÓGICA**

Marília Farias Xavier³³¹

RESUMO

Este trabalho apresenta o conceito de *Pedagopreta* e aborda os processos de construção e formação a respeito do ser e tornar-se mulher-negra-educadora e de como esses atravessamentos colaboraram para a construção de uma etnopedagogia, ancorado na metodologia da escrivência e em referências que privilegiam o lugar da subjetividade, da afetividade e da cosmovisão africana, a partir da apresentação dessas vivências pretendemos colaborar para a construção de uma pedagogia afroreferenciada e de processos didáticos e metodológicos relacionados a educação de crianças e relações étnico-raciais na escola, além disso o desenvolvimento dessa pesquisa contribui para a implementação da lei 10.639/03 e para a formação de professoras e professores da educação básica.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Educação Afrocentrada. Relações étnico-raciais. Etno educação.

ETNOPEDAGOGIA: CRIANÇA, ESCOLA E RELAÇÕES RACIAIS

A implementação de processos etno pedagógicos e etnoeducacionais têm grande influência sob as relações e representações a respeito da afrodescendência, surge como um compromisso com uma nova escola que rompe com padrões impostos durante séculos, padrões esses que negam nossos saberes ancestrais e apagam a nossa memória, para isso é preciso atentar para como essa etno educação estará inserida no contexto escolar, a fim de evitar a reprodução de estereótipos acerca da população negra e a folclorização da ascendência africana.

331 Pedagoga, Artista e Militante Negra, pedagopreta@gmail.com. Orientadora: Stéphanie Campos Paiva Moreira.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Apesar de a escola vir desempenhando esse papel colonizador sobre a etno educação, funcionando como dispositivo para o poder hegemônico, a transformação da escola também é um grande e revolucionário aliado no movimento de reestruturação social e combate ao racismo bem como coloca Yeison Copete em sua discussão sobre etno educação:

“A escola também tem o seu lugar privilegiado como catalisador para as transformações sociais substantivas em torno de equidade, justiça e convivência pacífica.” (COPETE, 2016)

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para EVARISTO(2005): *“Escrever pode ser uma espécie de vingança [...] Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança”*. Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da experiência na Educação Infantil e Ensino Fundamental, ser Pedagopreta foi fruto dos caminhos por mim percorridos, o “Onã” na sabedoria Yorubá, os caminhos da educação, do movimento estudantil, do mergulho nas artes, na cultura popular, do renascimento no candomblé, estar me aproximando da ancestralidade africana em torno de mim fez com que eu desejasse também me encontrar enquanto mulher negra na pedagogia.

Para refletir e problematizar a construção e reconstrução de uma etno pedagogia, bem como as questões referentes a implementação das leis e diretrizes e construção de novos paradigmas teórico-metodológicos, utilizamos da metodologia da escrevivência e em referências que privilegiam o lugar da subjetividade, da afetividade e da cosmovisão africana, Sendo assim utilizo-me das palavras de Abdias do Nascimento para dizer que esse trabalho também está enraizado na minha história de vida e no meu cotidiano de mulher, professora e militante negra:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

“...não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considerar-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação do grupo étnico-Cultural a que pertença, interagindo o contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define.” (NASCIMENTO, 2002, p. 79)

MODUPÉ ONÃ: CAMINHAR E AGRADECER

Realizar esse trabalho foi descobrir que ser eu não estou sozinha, todas aquelas que dentro de suas práticas e pesquisas, estão questionando o modelo de educação vigente e estão preocupadas não só com o futuro das nossas crianças negras, mas com o futuro da nossa educação como um todo, Ser *Pedagopreta* é ser mulher-negra-educadora e permitir que todos esses atravessamentos estejam presentes em nossa prática, é lutar por uma sociedade mais justa, inclusiva, democrática e é utilizar a educação como ferramenta para isso.

REFERÊNCIAS

COPETE, Yeison Arcadio Meneses. “Etnoeducação afro-colombiana: Conceitos, obstáculos, patriarcalismo, e sexismo, no que diz respeito aos 20 anos da Lei Geral de Educação 115 de 1994”. Revista da História da Educação Latino-Americana. Vol 18. No. 27(2016):35-66.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. O Brasil na mira do pan-africanismo. 2ª ed. Salvador: BA, EDUFBA/CEAO, 2002.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**POR UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL: UMA ANÁLISE DE NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS DE DOCENTES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA
BASE EM PACAJUS-CE**

Alexandre Cezar Silva³³²

RESUMO

Objetivando Compreender aspectos de uma pedagogia decolonial por meio da análise de narrativas autobiográficas de docentes da Comunidade de Remanescentes Quilombolas da Base acerca de suas experiências raciais, o presente trabalho se baliza em um referencial composto por autores como Gomes (2017), Walsh (2013), Ferreira (2015) entre outros. Nossa metodologia, contou com a análise de narrativas autobiográficas, que demonstraram a aproximação dos saberes nascidos na luta das salas de aula.

Palavras-chave: Colonialidade do saber do ser e do poder; pedagogia decolonial; quilombo.

INTRODUÇÃO

Destacamos que o interesse pela temática aqui desenvolvida, se justifica, em primeiro lugar, por estar inserido no campo das ciências sociais, em que o negro quilombola ainda é estigmatizado, não tendo seu lugar de fala respeitado. Além disso como professor branco me alinho a uma educação antirracista. Foi possível o contato mais direto com os sujeitos da

332 Mestrando do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino – MAIE/UECE: 2019, graduado em Letras e Pedagogia; bacharel em Administração Pública. Atualmente compõe o quadro permanente de professores do município de Pacajus-CE. Universidade Estadual do Ceará, FAFIDAM/MAIE, E-mail: cazaralexandreocara@gmail.com. Orientadora Claudiana Nogueira Alencar, Universidade Estadual do Ceará, FAFIDAM/MAIE. Coorientador Marco Antonio Bonfim, Universidade Estadual do Ceará, FAFIDAM/MAIE.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Comunidade dos Remanescentes de Quilombolas da Base em Pacajus, os quais sempre demonstraram grande apreço pela escola, a saber, Escola de Ensino Fundamental Nely Gama.

Além disso, o interesse em analisar as autobiografias de docentes dar-se por acreditarmos existir pontos de reconfiguração de uma educação colonial para uma pedagogia decolonial. Complemento ainda à defesa do presente trabalho por meio de Alencar (2019) que indica a necessidade dar uma maior visibilidade ao microcosmo social do qual nosso objeto de estudo também se insere.

Em um segundo viés de justificativa, podemos destacar a luta pelo reconhecimento da comunidade enquanto composta por descendentes de quilombolas, uma luta justa e necessária que está para além do reconhecimento formal. O qual configura-se como uma necessidade para garantir a posse da terra e por conseguinte do território.

Ao longo de nossa trajetória nessa pesquisa, partiremos do construto da educação enquanto mecanismo colonial, visitaremos a história educacional, e a ação da colonialidade do saber, ser, e poder dentro da sociedade, reforçaremos a perspectiva de uma pedagogia decolonial e o quilombo enquanto lugar geopolítico de produção de saberes para assim chegarmos ao movimento negro com uma nova proposta de ensino, antirracista e por uma identidade negro-quilombola.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para concretizar esta pesquisa, trabalharemos com as abordagens sobre quilombo em Arruti (2003) e Moura (1992), com a tese de Sueli Carneiro (2005) e em Abdias do Nascimento (1980), o qual também abordagem o movimento negro e o quilombismo. Acreditamos que as pesquisas de Quijano (2002), (2005) e Mignolo (2006) e sua colonialidade do ser do poder e do saber, os fornecerão as bases para a construção de um contraponto frente aos trabalhos de Grosfoguel (2016) e Walsh (2013) os quais apresentam uma visão decolonial em curso.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Balizados nisso caminharemos para uma análise das narrativas autobiográficas a partir do trabalho de Ferreira (2015). Acreditamos ainda na relevância dos trabalhos de Gomes (2017) sobre os saberes nascidos na luta: saberes, identitários; saberes políticos e saberes corpóreos.

O saber identitário está ligado a recolocação da discussão de raça a partir da ruptura do próprio termo. Nesse sentido compreendemos que raça é ressignificado pelo movimento negro, não mais como uma concepção genética, mas raça como uma ação política, voltado para afirmar e para se opor a um racismo institucional e estrutural.

Além disso, o empoderamento do termo raça passa a configura-se como uma ação afirmativa que tem por objetivo tencionar a política, o Estado e a universidade, além de permitir conceituar o racismo a cultura e as questões negras e africanas (GOMES: 2017).

Com relação aos saberes político, é notável a expansão e politização de raça, tendo em vista que a poucos anos atrás a questão da desigualdade estava desligada da questão racial, nesse sentido coube ao movimento retirar as cortinas que ocultavam a questão da desigualdade, desse modo o movimento possibilitou problematizar questões da democracia.

Os saberes Corpóreos são os conhecimentos ligados a ideia de que uma estética negra passa a ser compreendida como parte do direito da cidadania e da vida, não se limitando a uma simples questão de vaidade, mas segundo Gomes (2012) a estética negra tende a remeter a ancestralidade. Ao mesmo tempo que tende a impulsiona afirmações e identidades coletivas das mais diversas, nesse sentido a juventude tem um papel fundamental da disseminação dos saberes estéticos corpóreos, que transitam e tencionam com outras estéticas e linguagens.

METODOLOGIA

Ao longo do ano de 2020, mesmo em meio a pandemia, foi realizada o levantamento do corpus de nossa pesquisa por meio de entrevistas com docentes negros e negras da

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

comunidade Quilombola da Base em Pacajus-CE. Balizamos nossa entrevista em perguntas abertas com vistas a obtenção de narrativas autobiográficas.

Para a análise de nosso trabalho foram utilizados os trabalhos de Ferreira (2015), em sua obra nos apresenta os principais pontos para a construção e uso da Teoria Racial Crítica em pesquisas de cunho autobiográfico, a mesma reforça que deste modo é possível evidenciar que o racismo se apresenta com gênero, classe, sexualidade, forma, religião etc. ou seja, se baliza em características europeias, as quais não são preponderantes na sociedade atual, mas trazem abertamente em seu cerne uma ideologia dominante e focado no dominador. A seguir apresentamos os pontos destacados por Ferreira (2015, p. 243) a intencionalidade de raça e racismo; o desafio da ideologia dominante; o compromisso com a justiça social; a perspectiva interdisciplinar, a centralidade do conhecimento experimental.

Ainda segundo a autora Ferreira (2015), ao abordarmos a questão da Teoria Racial do Conhecimento temos a possibilidade de reformularmos os conhecimentos historicamente estabelecidos, ou seja, caminhar em busca de um conhecimento novo que não, mas sustente um sistema estruturalmente racista/excludente, mas que busque um conhecimento descentralizado, ou seja, um saber nascido na luta.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao nos reencontrarmos com nós mesmos tendemos a elucidar os diversos significados presentes nas ações que desenvolvemos em nosso dia a dia, nesse sentido o percurso pessoal somado aos diversos relatos e percursos está tornando possível construir um construto teórico que demostre as relações sociais entre os indivíduos.

Estamos conseguindo atingir nosso objetivo ao passo que conseguimos: Problematizar as bases de uma educação assentada na colonialidade do saber, poder e ser; Discutir o quilombo como um lugar geopolítico de produção de saberes afrodiaspórico; estamos

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

analisando a emergência de práticas educativas negro-quilombolas na construção e manutenção dos saberes nascidos na luta.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Com base no exposto e consciente das dificuldades, inferimos que essa é uma pesquisa em plena construção seus resultados não se limitam aos descritos na redação acadêmica, mas indicam possíveis caminhos que tenham como foco o enfrentamento do preconceito e a ruptura a estrutura social posta que aponta para um lugar geopolítico de privilégio.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira. Por uma linguística que atravesse a rua. In. CORREA, Djane Antonucci; FRAGA, Letícia; COUTO, Ligia Paula; BRAGA, Lucimar Araujo (Orgs.) **O sujeito acadêmico: descolonização do conhecimento?** Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

ARRUTI, José Maurício. **O quilombo conceitual** - para uma sociologia do Artigo 68. (MIMEO), 2003.

CARNEIRO, Suely. **A construção do Outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento Racial Crítico Através de Narrativas Autobiográficas:** com atividades reflexivas. 1. ed. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. v. 1. 208p.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais: educação e descolonização dos currículos. In **Revista Currículo sem fronteiras**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012 Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>. Acesso em: 18 de julho de 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

_____. **O movimento negro educador.** Petrópolis: Vozes, 2017.

GROSGUÉL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 2016. p. 23-47.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: O hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In LANDER, E.(Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2006.

MOURA, Glória. Quilombos Contemporâneos no Brasil. In: CHAVES, Rita et al. **Brasil África:** como se o mar fosse mentira. São Paulo: Unesp, 2006.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo.** Petrópolis- RJ. Vozes. 1980.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Em: **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino- americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. Pp 227-278.

_____. **Colonialidade, poder, globalização e democracia.** *Novos Rumos*, Ano 17, n. 37, 2002.

WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniales:** prácticas insurgentes de resistir, (re) existir e (re) vivir. Quito: Catherine Walsh Editora, 2013. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2018/03/catherine-walsh-pedagogc3adas-decoloniales-volume-i.pdf>. Acesso em 02 de Julho de 2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

TRAJETÓRIA CAPILAR E EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO IDENTIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR

Angélica Aparecida de Souza³³³

RESUMO

Essa pesquisa destacará em seu desenvolvimento a formação de identidade negra a partir das trajetórias capilares de jovens negras/os estudantes do ensino médio, considerando o papel do cabelo na construção da identidade no ambiente escolar. Nessa perspectiva o espaço escolar é visualizado como um espaço de construção de conflitos sociais e identitários que são cada vez mais reforçados no ambiente de formação de valores. Com o auxílio de análises da pesquisa participante, as estratégias individuais e coletivas desses jovens negras/os na construção de suas identidades são interpretadas.

Palavras-chave: Identidade negra; Educação; Trajetória capilar.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa busco traçar a relação da construção da identidade negra no ambiente escolar, pautando os mecanismos de manipulação do cabelo crespo, as quais eu chamo de trajetórias capilares. Essa pesquisa em seu foco principal tem a relação da formação da identidade negra a partir das trajetórias capilares de jovens estudantes negras/os do ensino médio do Colégio Estadual Romulo Galvão³³⁴ (CERG), São Félix-Ba, onde considero o papel do cabelo na construção dessas identidades no espaço escolar. Na perspectiva de compreender a escola como espaço formador de uma identidade negra diversa e, tendo como enfoque as trajetórias capilares de jovens estudantes negras/os. Considerando que a identidade negra é

333 Cientista Social formada pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB; Especialista em Ensino de Sociologia – UFRB/CAPES; Pesquisadora do Coletivo Angela Davis – Grupo de Pesquisa Ativista em Raça, Gênero e Subalternidades – UFRB. angelicassouza01@gmail.com

334 Escola Pública Estadual - Ensino Médio localizada na cidade de São Félix-BA. O CERG é o único colégio de ensino médio público que existe na cidade de São Félix.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

uma construção que perpassa pela opinião do outro, o reconhecimento do outro sempre será um critério para a formação identitária de cada indivíduo, e é partindo desse contexto que a pesquisa se debruça para compreender a construção da identidade negra no ambiente escolar a partir de trajetórias capilares desses jovens.

PESQUISA PARTICIPANTE

A metodologia que emprego em minha pesquisa denominada pesquisa participante, que surge no contexto dos anos sessenta do século passado. Nessa época várias transformações estruturais e também na educação surgem nesse período, inclusive a pesquisa participante. Em contrapartida aos padrões tradicionais de pesquisa, tida como uma metodologia alternativa. A pesquisa participante está ligada ao surgimento de várias perspectivas de pesquisa nas Ciências Sociais, a partir da década de setenta do século passado, esse tipo de metodologia ganha espaços nos ambientes escolares. Os sujeitos da pesquisa participante são caracterizados como sujeitos de conhecimento, que contribuem com a construção do conhecimento no espaço de pesquisa e, não são tidos como sujeitos de pesquisa; buscando o envolvimento da comunidade estudada na análise de sua realidade.

O CABELO CRESPO E A IDENTIDADE NEGRA

O elemento da estética negra mais subordinada foi o cabelo crespo. A expressão “cabelo ruim” se tornou largamente difundida em nossa cultura, revelando uma desqualificação da estética negra. “Dentre as características fenotípicas dos negros, o cabelo é o que mais incomoda aos brancos e tem sido considerado o mais feio dentre os fenótipos negros” (FIGUEIREDO 2002, p. 05). O cabelo é denominado como um dos elementos mais visíveis e de grande destaque em nosso corpo, apresentando formas, crescimento e texturas variadas e uma diversidade de manipulação. Neste sentido, o cabelo crespo é ressignificado

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

como um elemento de identificação que compõe nossa negritude. Esses ícones de identidade tornam-se expressões simbólicas, elementos característicos da cultura negra no nosso país. As intervenções feitas no corpo e no cabelo ultrapassam as questões da vaidade e da estética, sendo considerada como um elemento fundamental na construção da identidade. Nossa ascendência africana nos deixou formas de perpetuar a cultura e resistência política. O espaço escolar é aqui considerado como parte do processo da construção de identidade negra, é analisada também como um dos espaços que interferem na construção de nossa identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de identificar essas trajetórias capilares e registrá-las é uma forma de demonstrar que no espaço escolar a identidade dos sujeitos é formada a partir de uma construção que varia constantemente. Analisando as formas e adaptações realizadas nos cabelos de jovens estudantes, observei suas trajetórias capilares analisando suas falas, seus desenhos e descrições dos cuidados com os cabelos. A estética negra nesse movimento se mostra como um instrumento de autoaceitação, resistência e empoderamento, uma estratégia utilizada para demonstrar que variados padrões são fornecidos e não necessariamente um segmento de padrão estabelecido socialmente. O cabelo como elemento das trajetórias de construção da identidade negra nos demonstra que os estudantes estão em um ciclo de aprendizagem onde a interação exerce um significado de socialização, onde a compreensão do mundo se dá a partir de suas experiências em tal meio.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Ângela. **Cabelo, Cabeleira, Cabeluda e Descabelada: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros**. In: XXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, outubro de 2002, Caxambu-MG.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

UNIVERSIDADE COMO AMBIENTE MULTICULTURAL E DE DEBATE LGBTQI+

Karla Skarllack Oliveira Farias³³⁵
Magna Liara de Mesquita³³⁶
Raviele Marques Araújo de Almeida³³⁷

RESUMO

A temática diversidade tem ganhado destaque, tanto nos espaços formais quanto nos espaços informais de educação. Aqui trataremos sobre o papel desempenhado pelas Universidades que, apesar da expectativa de constituição como lugar para (des)construção, podem desempenhar uma função excludente em decorrência do preconceito histórico gerado por valores conservadores que exaltam uma tendência de normatividade. Desse modo, pretendemos, no Simpósio Temático “Linguagem, Raça, Gênero e Educação: perspectivas antirracistas, antiLGBTQIA+fóbicas e descolonizadoras”, abordar a importância da universidade no trato sobre a diversidade, desvelando percepções de alunos de cursos na área da saúde quanto à incidência de situações discriminatórias nesse espaço que compõe uma das etapas da educação formal.

Palavras-chave: Diversidade; LGBTQI+fobia; Universidade.

INTRODUÇÃO

O que se sabe sobre a diversidade é que ela está posta desde os primórdios da humanidade, mas, o debate sobre tal assunto é ainda muito recente, “apenas a partir do final do século XX é que a sociedade se dá conta desta especificidade, declarando que os seres humanos não são iguais” (SANTOS, 2008, p. 6). Ou seja, é nesse período que a sociedade

335 Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, karla.skarllack@gmail.com

336 Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, mesquita.liara@gmail.com

337 Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, ravielyalmeida@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

torna mais claro que os seres humanos se diferem uns dos outros e de forma mais específica à sociedade fala sobre diversidade. E é na educação e especialmente na universidade nos dias atuais que se apresenta como responsável pelo amadurecimento da aceitação dessa diversidade humana.

A universidade que deveria ser local de contribuição para construção de consciência crítica, pautada no respeito à diversidade, muitas vezes tem seu norteamo diferente. É essencial que seja repensado o papel da universidade na formação do cidadão, pois é a universidade o local de papel fundamental no que se diz respeito à formação do indivíduo com compromisso de propiciar ações de efetivação de direitos sociais.

METODOLOGIA

A respeito do tema e consequência das dificuldades e o desconhecimento que o ambiente acadêmico enfrenta em referência a homoafetividade, esta pesquisa buscou desenvolver sua análise por meio de bibliografias, livros, artigos acadêmicos.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Por ser local de desconstrução, construção e, até mesmo, reafirmação do preconceito temos as universidades como campo propício de debate de afirmação ou não de estereótipos e conceitos preconcebidos. De acordo com Ribeiro (2010, p. 439):

A postura assumida é que a universidade integra o campo social da educação, entendida como instituição que auxilia na construção de cidadãos de forma dialógica com todos os outros campos sociais. No entanto, e aí reside a contradição, o entendimento de universidade, enquanto instância social educadora e integrada à sociedade, não é ponto pacífico, nem por parte da universidade e muito menos por parte da própria sociedade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Ou seja, a universidade é um campo de formação de profissionais, mas vai além, tem a função de transformar esses profissionais em cidadãos que, valorizem o ser humano em sua totalidade, sem distinção de seus valores, ou crenças pessoais e/ou culturais. E ainda cabendo à mesma criar cidadãos com perfil de profissional emancipado. Para tal é necessário à universidade proporcionar e ‘oportunizar debates, reflexões entre seus atores para que esses comecem a entender seus papéis na busca pela formação de um profissional emancipado’ (BLISSARI, 2009, p.3). Sendo, dessa forma, capazes de proporcionar transformação social de forma ampla e de caráter emancipatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homo afetividade vem ganhando destaque durante o decorrer da história, sendo assunto de debates e alvo de movimentos que visam à desconstrução de preconceitos e aceitação do amor em suas variadas formas. Apesar desse cenário, ainda existe um culto ao que faz parte da estratégia política de construção da normalidade sexual, e que de acordo com Borrillo (2010) tem suas bases na evocação constante de superioridade biológica e moral dos comportamentos heterossexuais.

Destarte, sendo o espaço acadêmico ambiente responsável pela formação de forma crítica é esperada que sua formação seja abrangente e traga em sua estrutura matérias que lidem com diversidade. Apesar do tema já ser discutido no ambiente acadêmico, é notório que há necessidade da inclusão de matérias curriculares obrigatórias que debatam o tema e ajudem a acabar com qualquer tipo de preconceito que ainda se faz presente em um ambiente onde a diversidade deve ser aceita em suas variadas formas.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

REFERÊNCIAS

BLISSARI, Silvia Regina Rosso. **Formação Docente:** Construção de uma Sociedade Crítica. IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. Florianópolis, 2009.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

RIBEIRO, Cláudio Rezende. **A universidade como disputa da reprodução social:** contribuição ao debate sobre os mestrados profissionais. RBPG, Brasília, v. 7, n. 14, p. 433 - 450, dezembro de 2010.

SANTOS, Ivone Aparecida. **Educação para a diversidade:** uma prática a ser construída na Educação Básica. Produção Didático Pedagógica: Caderno Temático, apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná. Cornélio; Procópio; Paraná, 2008, p. 40.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**Simpósio Temático 16 – África e Africanidades:
experiências, saberes e abordagens**

Coordenadores(as)

Prof. Dr. Itacir Marques da Luz (UNILAB)

Profª Drª Larissa Oliveira e Gabarra (UNILAB)

Prof. Dr. Pingrewaoga Bema Abdoul Hadi Savadogo (IEAf-UFPE)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**A REALIDADE SOCIOCULTURAL DO RACISMO EM ROMANCE DE PEPETELA:
ENTRE LEITURAS O OBJETO E MILITÂNCIA**

Gabriel Ambrósio³³⁸

RESUMO

O resumo tem o objetivo de refletir o meu olhar sobre o racismo representado no romance *A Geração da Utopia* de Pepetela (2004), como obra literária e estabeleço relação com as minhas leituras teóricas dos ensaios de Frantz Fanon (2008) a *Pele negra, máscaras brancas* e *Em defesa da revolução africana* (1980). Com a minha experiência na militância pan-africana e como pesquisador, venho repensando sobre e o objeto de estudo na perspectiva de testemunho e memória da realidade sociocultural, partindo do eu, o sujeito (Silva, 2010). Aliás, é repensar o meu lugar por meio da literatura angolana, africana e pensar a realidade global do racismo Moore (2020) em *Racismo e sociedade*. Partindo desde a minha imigração na diáspora, reflito a literatura e a sociedade que vivo. No entanto, trago relato de experiência como pesquisador violentado pela colonização e racismo.

Palavras-chave: Realidade Sociocultural; Racismo; Fanon; Pepetela; Militância.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é refletir sobre o racismo representado no romance de Pepetela (2004), *A Geração da utopia*, como um imaginário do testemunho e da memória. conforme apresenta Márcio Seligmann Silva (2010) no seu artigo *O local de testemunho*. Trazendo aqui, também, o pensamento Antonio Candido (2006) em *Literatura e sociedade*, entendemos como as manifestações da sociedade aparecem na arte literária e na vivência do autores, mas

338 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Bolsista CAPES. E-mail: ambrosionuni@gmail.com.
Orientador: Dr. Andre Rezende Benatti.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

também do leitor “Escrever é propiciar a manifestação alheia, em que a nossa imagem se revela a nós mesmos” (CANDIDO, 2006, p.79). O que se escreve em forma narrativa literária é uma representação de alguma memória histórica, vivida ou não pelo autor, mas que pode ser sentida pelo narrador e leitor. Se no romance, o autor usa personagens para ficcionalizar os reflexos e sentimentos socioculturais, o leitor se coloca para sentir através da linguagem e a tal representação de modo subjetivo.

Pensar e repensar a nossa imagem social é importante e também as minhas leituras teóricas de ensaios do Frantz Fanon (2008) em *Pele negra, máscaras brancas* e *Em defesa da revolução africana* (1980). Como a metodologia, começo descrevendo os relatos das experiências para além da minha infância, adolescência e principalmente quando comecei a iniciação científica em 2012 a 2014. Na pesquisa de iniciação científica, fui voluntário e trabalhei com Pepetela com *A Geração da utopia* e além de que usei como exemplo na monografia. Aliás, após terminar a licenciatura em letras e o meu vínculo com Núcleo de estudos afro-brasileiros (NEAB) da universidade onde me graduei e logo regresssei para ao país de origem. Só que neste regresso, eu sempre li literaturas e outros textos, juntando a militância em movimentos negros, culturais e pan-africanismo, mas exatamente no meu projeto de mestrado, que estou a trabalhar os ensaios de Fanon e a literatura de Pepetela da obra *A geração da utopia*.

Sendo esse autor que é Franz Fanon, conhecido nos estudos literários pós-coloniais e relatar a minha experiência da militância pan-africana, que há anos tenho como um compromisso em entender as nossas realidades ligadas ao povo preto no mundo. Esse povo que tem sido alvos das práticas racistas, que neste contexto começo em Angola, no Zaire onde nasci e cresci. Tal como na obra, os personagens Malongo, Vitor, Anibal e Sara sentiram o preconceito e rejeição então em Lisboa, assim como em Angola.

Diante de este fazer a pesquisa, tendo objeto de estudo a própria realidade, como sujeito com memória sociocultural vivida, ou seja, o testemunho “ como o vértice entre história e a memória” (SILVA, 2010, p. 6) e procurar conciliar a realidade sociocultural,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

partindo do eu sujeito, que trago vivências de um lugar e repensar por meio da literatura, o imaginário dentro do país que Angola, no continente africano. A literatura e o imaginário não se esgotam no que está escrito, a representação de personagens ou pelo que é lido e refletido.

Dentre vários contextos destaco apenas essas questões conforme Candido (2006) a literatura tem essa característica provindo dos leitores.

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2006, p. 77).

Sendo leitor mergulho na obra, adiantando que não sou qualquer leitor da literatura de Pepetela, mas sou também um militante que encontro essas decifrações social e culturalmente. Há outras obras que enquanto leitor artístico, pois constituem marcas no leitor e essa marca por mim, se relaciona com a militância.

A representação da leitura e seus reflexos interpretativos e mais a minha experiência com outros autores, que tratam questões ligadas ao racismo, à história, a sociologia, a linguagem. O pesquisador, intelectual e militante Carlos Moore (2020) em *Racismo e sociedade* como um câncer social, o racismo continua nas sociedades colonizadas como um verdadeiro reflexo que muitas vezes velado. Essa obra do Moore permite nos pensar o quão é a história das origens do racismo e sua extensão global. Pois ele desumaniza, discrimina a maior parte da sociedade angolana fragmentada, socioeconômica e sociopolítico e até mesmo histórico que veremos na frente, usando o autor angolano. Assim que em Angola, continua velado e normalizado inclusive sem muitos debates.

Mas pela história angolana e especificamente pela literatura criada pelo escritor, romancista Artur Pestana- Pepetela (2004) apresenta a questão do racismo em Portugal, como espaços compartilhados em seus personagens e também em Angola. Afirma Pepetela em A

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Geração da utopia entre várias temáticas representadas na obra [...] A sociedade continuava a ser racista, achar ridículo o amor dum negro por uma branca (PEPETELA, 2004, p.97). Aqui na citação, demonstra a representação quase toda a sociedade angoafricana³³⁹ assimilada que depois da invasão portuguesa e pelo colonialismo que durou séculos em Angola. Essa assimilação ensinou se que o padrão de beleza superior é a (mulher branca, os homens brancos) que supervaloriza a mestiçagem dentro a realidade sociocultural e histórica. Mas o próprio autor faz o inverso em lamentar através de personagens Elias, Malongo, Anibal e Sara. Dentro do romance, aparece à negação do preto namorando branco, e a história real, mostra o contrário, aliás, os brancos e brancas têm privilégio racial afirma também Moore (2020). Assim vejamos a que aclama o efeito de mestiçagem [...] A cor era escura e, no entanto, os cabelos negros eram quase lisos. Efeitos da mestiçagem. Os olhos eram outro mistério, pois por vezes eram castanhos claros. Por vezes, pareciam verdes, conforme o sol neles se refletia. (PEPETELA, 2004, p. 95). Essa mestiçagem é resultado dos primeiros estupros dos colonizadores portugueses às nossas ancestrais.

A herança de ‘mulatos’ que são os privilegiados até hoje, conforme o autor escreve mesmo que “Benguela era o berço das mais belas mestiças de Angola?” (PEPETELA, 2004, p.49). As questões da mestiçagem geravam o conflito durante a descolonização até a contemporaneidade, que dá evidência o racismo institucional como encontramos em *Racismo estrutural* de Silvio de Almeida (2018). Pois diante deste racismo institucional que garante privilégios aos ‘mestiços’ nas instituições angolanas que continuam a negar essa prática. Para quem lê e milita não há dúvida em compreender essa relação, mas a mesma questão muitas vezes, por força cultural da invisibilidade operando sem fim. Essa situação que relato quando posta por leigos sem militância, sem leituras desses olhares teóricos de juristas e estudiosos de direito que revelam o racismo passa sem compreensão. O racismo estrutural ou ‘colorismo’ é mais presente do que nunca no seio dos bancos, empresas nacionais e estrangeiras. Esses

339 Significa Angola dentro do continente, e eu me denomino de angoafricano. Esse termo já venho usando desde o ano 2011, nos meus escritos poéticos e da militância na diáspora, Brasil.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

relatos especificamente encontram-se na obra *A Geração da utopia* principalmente pela história dos partidos políticos no passado recente havia separação entre negros e brancos.

Para melhor compreender a lógica camuflada do racismo em Angola, como na afirmação da personagem Aníbal para Sara “O racismo dum lado provocou o racismo do outro. Hoje o branco nacionalista é olhado com desconfiança pelos nacionalistas negros. A cor a contar mais que as ideias, que os comportamentos. É triste, mas é uma realidade”. (PEPETELA, 2004, p. 106). No romance esse diálogo ocorre entre as personagens Malongo e a Sara que teve a criança no relacionamento dentro do romance. Apesar de sentimentos e desejo de integrar as filheiras do movimento nacionalista, a partir daí, esse lamento. Já que o contexto narrativo era lutar, não seria discriminada por ser filha de mãe branca e que estava apoiando a causa dos nacionalistas, aliás, o que se esperava é união para lutar contra os usurpadores e dominadores ora colonizadores. E noutra passagem destacamos

[...] Há aí uns grupos de negros que não querem nada com os mulatos. Não são muitos, mas existem. Dizem que a elite angolana é constituída, sobretudo por mulatos e esses não podem dominar. Que essa elite ajudou o colonialismo a implantar-se e aproveitou-se dele. (PEPETELA, 2004, p. 41).

Essa história representada aqui ainda tem reflexos no cotidiano angoafricano, pois a própria corrupção continua com alguns depósitos e investimentos em Portugal e muitos descendentes de portugueses herdaram fazendas. Ademais, complementando com o Candido (2006) em *Literatura e sociedade* demonstra como esse vínculo entre sociedade e a literatura. Como os autores e os leitores encaram arte literária é representado no contexto social angolano.

Dentro da sociedade e cultura em que o ensaísta, militante e político da intervenção que é Fanon (1980) em *Defesa da revolução africana* defende e demonstra no “racismo e cultura” em que o autor traz muitas reflexões sobre a sociedade colonizada e assimilada. Essa realidade racial em Angola e da diáspora, especificamente o Brasil, a assimilação conheço o

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

bem e vivo pragmaticamente. Pois estou no momento nesta diáspora e nela penso, convivo com vários episódios midiáticos e teóricos sobre o racismo. Os grupos que mais sofrem racismos sempre foram os nativos brasileiros, e principalmente os pretos, pretas africanas na diáspora “a constelação social, o conjunto cultural são profundamente remodelados pela existência do racismo” (FANON, 1980, p. 40). A remodelação profunda está na complexidade do sistema racista estrutural e estatal, sociocultural das sociedades. Pois o mesmo autor acrescenta que “racismo é uma chaga da humanidade” (FANON, 1980, p. 40). Os pretos no mundo sofrem por essa praga globalmente, aquilo que leio no romance é uma mera pista superficial. A cultura é racista, esse sistema racial inferioriza o povo preto no mundo e como resultado disso, Angola em quase todos os seus bancos públicos e privados³⁴⁰, tem muitos trabalhadores de balcão e ou gerentes têm os descendentes brancos ou mesmo portugueses.

A cultura herdada pela colonização desprivilegia os autóctones, ou aqueles com fenótipo preto. Quando narro da minha experiência como militante pan- africano, já tenho certo olhar social da minha origem e da história afro-brasileira, por exemplo, em que aprendo nos movimentos das mulheres negras, do movimento negro conforme a pesquisadora e professora Nilma Gomes (2009) no capítulo *Intelectuais negros e produção de conhecimento* enfatiza a importância desse movimento para “Análise e leitura crítica de alguém que vivencia na sua trajetória pessoal e coletiva, inclusive, nos meios acadêmicos” (GOMES, 2009, p. 422). Para a realidade local diaspórica, mas que me aproprio para imaginar o local da minha origem e as minhas diversas leituras. Sendo sujeito e militante, conforme Gomes (2009) tenho de reconhecer que ser pesquisador não apenas estudar outros objetos, mas sim os sujeitos semelhantes a mim e da minha história imaginária ancestral, das lutas enfrentadas no combate dos racistas que nos cercam. Assim com os personagens do romance *Malongo*, Anibal e Sara. Por exemplo, conforme a pesquisadora, acrescento “O sujeito que explicita o seu pertencimento a um grupo historicamente excluído do lugar de produtor da ciência e que carrega esse mesmo grupo na sua voz no seu corpo, na sua forma de ler, interpretar e produzir

340 No meu livro *Áfricas Ocultas* (2015) de Gabriel Ambrósio, ou melhor, Mavenda Nuni y África, já havia tratado em com mais ênfase.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

conhecimento”(GOMES, 2009,p. 431). Sou sujeito e produzo conhecimentos e tenho minhas formas de interpretar a literatura de Pepetela.

As evidencias encontradas mesmo que não sejam verdadeiras literariamente, mas a realidade é sociocultural e histórica, compreender ou avaliar os impactos de forma crítica são exercícios da militância.

- Sempre tive orgulho na minha raça, apesar de ser tão desprezada pelos outros. Desde miúdo eu tinha esse orgulho. Muitos não dariam tudo para serem brancos. E hoje são racistas em relação aos brancos. Nunca tive desses problemas, talvez pelo meio em que cresci, não sei. Mas neste momento digo maldita raça. Se ainda fosse inverno, podia esconder as mãos em luvas e a cara num cachecol e num capuz, mais uns óculos escuros. (...) Negro fazer clandestinidade na Europa, isso é realmente uma epopeia. (PEPETELA, 2004, p. 59).

O personagem desta fala é de Anibal, um jovem preto que era estudante em Lisboa, Portugal. Era também a metrópole dos colonizados pelo Portugal. A citação quem sofre é o preto que não se esconde. O personagem consciente da sua complexa situação em terras europeias. Durante a colonização em que se fortaleceu a assimilação, pelas viagens e educação colonial. A realidade entre os perseguidores racistas portugueses da polícia da (PIDE) e agora Angola descolonizada que passou a reproduzir muitas práticas entre os executivos empresariais, intelectuais e a distribuição da renda, o preto sempre abaixo de outra raça. Esses que separam os autóctones nas periferias, musseques de Angola, principalmente na capital Luanda. Na verdade, o ‘apartheid’ social e o ódio perante aos nativos angolanos. Moore (2020) em Racismo e sociedade, principalmente no capítulo IX deste livro, deixa claro a ideia

[...] do racismo corresponde a uma forma específica de ódio; um ódio peculiar dirigido especificamente contra toda parte da humanidade, identificada a partir do seu fenótipo . É o fenótipo dos povos denominados negros que suscita o ódio: um ódio profundo, extenso, duradouro, cujas raízes se perdem na memória esquecida da humanidade e que remetem a insolúveis conflitos longínquos. (MOORE, 2020, p. 228).

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Aliás, nossa sociedade sendo parte do continente preto, tem a maioria preta fenotipicamente. Os nossos conflitos não visíveis, mas basta sentir as desigualdades socioeconômicas, ambientais ou habitacionais. Essa ideia que Pepetela não se esclareceu no romance, por exemplo, mas aprendo com militância sobre o que Moore coloca do ódio contra os pretos da humanidade. Quando imagino em 2016 e 2017 em Luanda, porém no musseque ou periferia que jovens e adolescentes³⁴¹ usando alguns tipos de cremes para clarear a pele e os aconselhava-os, pois pela consciência e a experiência pan-africana não poderia suportar em silêncio, vendo aqueles jovens demonstrando inconscientemente o seu autoódio e da sua pele.

Na verdade, é um autentico veredito quando Fanon escreve

O racismo avoluma e desfigura o rosto da cultura que o pratica. A literatura, as artes plásticas, as canções para costureirinhas, os provérbios, os hábitos, os *patterns*, quer se proponham fazer-lhe o processo ou banalizá-lo, restituem o racismo (FANON, 1980, p. 41).

Em pleno século XXI ou nesta ‘pandemia do COVID-19’, o racismo mata, encarcera os jovens, mulheres negras, extermina pela violência das armas estatais e pela doença. A literatura, as artes plásticas e musicais, podem ser usada para o próprio enfrentamento do racismo e outras discriminações. Mas também pode reforçar a ideia racial superior. No caso que é interessante aparece no Fanon que é “a civilização, raça superior e inferior, bem como alienação e assimilação” (FANON, 1980, p. 42). Esses conceitos foram usados pelo invasor-colonizador, sua ciência, suas criações literárias e na epistemologia. E tem sido usado de forma inconsciente pelos Estados racistas e suas empresas. Ainda normalizam e escondem ou negam o seu espírito racista. O sujeito que relata a experiência entre a representação de contextos que em Geração da utopia e as obras do Fanon, faz me pensar e sentir o tão complexo e sofisticado racismo dentro da escrita literária. Ele não é facilmente compreendido, pois Pepetela, por exemplo, coloca os pretos como racistas que não queriam aceitar os

341 Isso aconteceu e vi. Eu falei que os cremes deixam marcas ruins na pele e ruim pela saúde que aquilo poderia provocar como um tipo de câncer da pele.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

mulatos, brancos nas filiações partidárias no caso de FNLA UPAN E UNITA³⁴². Segundo o romance, apenas o movimento popular da libertação de Angola (MPLA), que aceitava os mulatos. Não apenas pelo contexto histórico, contemporaneamente quem continua sofrendo discriminação?

A ideia da inferioridade de pretos estudada por Fanon (2008) em *Pele negra, máscaras brancas* que encontramos a inferiorização cultural linguística, em que o colonialista, eurocêntrico nas colônias, provocou assimilação e o desprezo das línguas africanas ou angolanas está presente [...] os professores vigiam de perto as crianças para a língua crioula não seja utilizada (FANON, 2008, p. 42). Isso é que vivi quando criança, essa opressão e violência simbólica³⁴³ numa escola no interior de Angola (Tomboko, então o município onde havia nascido).

Porque as línguas africanas ou nativas são proibidas nas escolas? Isso não coisa passada, mas sim, do presente sociocultural. Ou porque não são de origem europeia? E os colonizadores deixaram os seus representantes nos países ‘utópicas’ e reprodutores do racismo, preconceitos linguístico e étnico dos autóctones conforme Fanon (2008) a civilização branca europeia tem sido o desejo do colonizado, nela está à língua, a mulher desejada, bem como o embranquecimento da pele na juventude, por exemplo, por meio de cremes, sabonetes químicos que estas práticas que chamo de autoódio. Logo, esses carregam a pele negra e máscaras brancas o problema é sério “O racismo colonial não difere dos outros racismos” (FANON, 2008, p.87). É claro, esses herdaram o status de privilégios nas sociedades colonizadas, na África como um todo e em Angola especificamente. Quantos aos privilégios raciais, penso importante e trago de volta Moore (2020) enfatiza que o racismo garante privilégios a minoria e desprestigia a maioria assim ele escreveu:

342 Frente Nacional de Libertação de Angola – FNLA; União Nacional da Independência Total de Angola – UNITA e União de Povos Norte de Angola – UPAN, foram movimentos políticos históricos que descolonizaram e começaram a briga armada contra os portugueses nos 1950. Esses três movimentos aparecem no romance de Pepetela a Geração da utopia.

343 Cf. Áfricas Ocultas (2015) Mavenda Nuni y’Áfrika abordado com mais profundamente.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

[...] Os recursos vitais se definem em grande medida em termos de acesso: à educação, aos serviços públicos, aos serviços sociais, ao poder político, ao capital de financiamento, às oportunidades de emprego, as estruturas de lazer, e até ao direito de ser tratado equitativamente pelos tribunais de justiça e as forças incumbidas da manutenção da paz. O racismo veda o acesso a tudo isso, limitando para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros em função de seu fenótipo. (MOORE, 2020, p. 229).

Quando digo que os bancos têm o excesso de colorismo, essa tendência de imitar outros países com predominância fenotipicamente clara é o que narro quando os jovens que usam cremes para clarear que em Angola chama-se também de ‘paculamento’³⁴⁴, acredito que procuram indiretamente aproximar-se do fenótipo euro-caucasiano agindo, simbolicamente, atormentando-se intimamente a sua herança preta. E assim deixando de adquirir a consciência para somar no pan-africanismo e de combate antirracismo. São estes que discriminam a religiosidade ancestral, pois eles não se sentem pretos e carregam o imaginário da assimilação ‘máscaras brancas’ em corpos pretos; esses tipos odeiam a cultura e rituais africanos. Na militância aprendi que estes são os “*negropeus*”³⁴⁵ que alguns colegas, amigos da luta e reafirmação pan-africana criaram esse termo para denominar esses pretos/ pretas que não têm consciência e praticidade de cultura ancestral africana e diaspórica. Ou seja, aqueles que vivem de amnésia, não respeitam ancestralidade preta africana.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O escritor angolano tem consciência que os conflitos raciais existente são históricos, pensando o título da obra aqui referenciada, eu reconheço as complexidades socioculturais e sociopolíticas da Angola. O legado colonial e as ambiguidades que o sujeito que narra à

344 Paculamento deriva do verbo pacular criado na sociolinguagem angolana, e significa ato de clarear a pele.
Fonte autor.

345 Cf. <https://www.facebook.com/Afrocrata/posts/693461857467993/>. Acesso em 09 de Agosto de 2020. Esse termo havia lido em 2016 e Nasser Inglês um amigo que juntos criamos o movimento AFROCRACIA em Luanda, todos jovens angolanos e pan-africanos/pan-africanas.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

experiência local e as diversas leituras teóricas, ajudam a compreender o racismo normalizado na sociedade angolana contemporânea. Mas também em me situar na diáspora consigo entender através da literatura e vivência, continua inquieto perante o racismo que nos desumaniza como sujeitos. Portanto, esse recorte vai ser incorporado ao longo da pesquisa no mestrado. Ademais, compartilhar essa experiência como um sujeito leitor, militante pan-africano cheia de memórias de casos de racismo na diáspora faz todo sentido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é o racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 2006.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira, Salvador. EDUFBA, 2008.

_____. *Em Defesa da Revolução Africana*. Instituto nacional do livro e disco, Luanda, junho de 1980.

GOMES, Lino Nilma. *Intelectuais negros e produção do conhecimento: Algumas reflexões sobre a realidade brasileira*. In *Epistemologias do Sul*. orgs. Boaventura Sousa Santos e Maria Paula Meneses-(CES) editora Almedina, Coimbra, 2009.

MOORE, Carlos. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. 3ª edição- Belo Horizonte: Nandyala, 2020. Livro digital.

PEPETELA. Artur Pestana. *A Geração da Utopia*. Nzila, Luanda. 2004.

SILVA, Seligmann Marcio. *O local do testemunho*. In revista do programa de pós- Graduação em História. Florianópolis, V. 2, n. 1, p. 3-20, Jan/jun, 2010.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

AFROETNORELAÇÕES: TRIGONOMETRIA KAIROLÓGICA EM ESPAÇOS MANICOMIAIS

Edcarlos da Silva Costa³⁴⁶

RESUMO

Dentre os impactos causados pelos isolamentos sociais em tempos de pandemia e na busca de novas epistemes de diálogos e experiências de ensino-aprendizagem, focamos o espaço e o público dos Hospitais e Clínicas Psiquiátricas, que possuem uma vulnerabilidade maior ao COVID-19, devido ao uso contínuo (portanto cíclico) de medicamentos psicotrópicos. Este insight sobre os ciclos, períodos e frequências, nos possibilitou discutir a Afrocentricidade como método, tendo como objetivo principal evidenciar a Afro etnomatemática como mais uma forma ancestral de expressão da realidade e assim, através da transdisciplinaridade criar relações de cunho educacional, com as vivências cotidianas dos pacientes internos e suas próprias articulações, percepções mentais e psíquicas.

Palavras-chave: Afrocentricidade; Transdisciplinaridade; Afro etnomatemática.

INTRODUÇÃO

Diversas são as formas de isolamentos sociais vistas ao longo da História até a contemporaneidade, debruçamos neste momento nossos olhares para os variados tipos de confinamento em manicômios presentes até os dias de hoje. E dentre os impactos causados em tempos de pandemia e na busca de novas epistemes de diálogos e experiências de ensino-aprendizagem, focamos o espaço e o público dos Hospitais e Clínicas Psiquiátricas.

346 Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, costa.edcarlos@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

AFROCENTRICIDADE COMO MÉTODO

Diante de tal cenário vislumbramos identificar potencialidade de criar relações educacionais com as rotinas devido ao uso contínuo, portanto cíclico, de medicamentos, com as frequências com que as atividades eram desenvolvidas, além da percepção in loco das potencialidades de muitos jovens, sobretudo os de pouca idade, em estado de internação. Tais reflexões, nos possibilitou discutir a Afrocentricidade como método, tendo como objetivo principal evidenciar a Afro etnomatemática como mais uma forma ancestral de expressão da realidade e assim, através da transdisciplinaridade criar relações de cunho educacional, com as vivências cotidianas dos pacientes internos e suas próprias articulações, percepções mentais e psíquicas com a realidade vivenciadas por estes durante as metodologias educacionais desenvolvidas pelas clínicas. Segundo Rabaka (2009), ter a Afrocentricidade como orientação metodológica nos faz perceber que possuir o conhecimento da história e das culturas é indispensável para interpretação destes povos e seus remanescentes na diáspora.

ANÁLISE CONCLUSIVA DOS DADOS

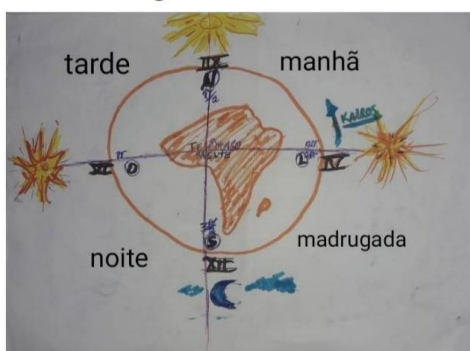
A leitura de livros e a arteterapia atividades desenvolvidas no espaço psicogeográfico da clínica manicomial de tratamento na localidade de Aracaju-SE, possibilitou vislumbrar, diagramar e correlacionar imagens, ciclos, com relações temporais cotidianas. Associamos as rotinas descritas com a interpretação da análise do helenista, Dónald Shuler, ao traduzir o livro Odisseia I Telemaquia – Homero, aborda sobre a Primeira Aurora e o amadurecimento e maturidade espiritual de Telêmaco, após o contato com Mentos. Por análise só há indícios de Telêmaco durante os primeiros momentos do nascer da aurora, ou seja, durante o dia. Desta forma foi possível criar uma analogia da leitura sugerida com relações com culturas ancestrais

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

africanas, inserindo tais referências no cotidiano da clínica como representado na figura abaixo, onde o Sol é a principal orientação temporal.



Afroetnotrigonometria 1

Pois RÁ é o Deus Sol do antigo Kemet, sendo também conhecido como “pai dos deuses” e o criador do Mundo, considerado também o protetor do Kemet (nome original do Egito).

A dinâmica desenvolvida, nos aponta para uma grande possibilidade de articulações do conhecimento podendo citar como exemplo a história, a geografia e o que Cunha Jr. (2006), chama de Afro etnomatemática, que surge no Brasil como agente impulsionador de práticas pedagógicas capazes de, possivelmente, trazer melhorias para o ensino-aprendizagem das ciências exatas em Instituições de Ensino (e outras) de maioria afrodescendente.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

CUNHA JUNIOR, H. **Afroetnomatemática, África e Afrodescendência**. Kulé-kulé: Visibilidades Negras. Maceió: Ed. EDUFAL, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **18/5 - Dia Nacional da Luta Antimanicomial**. Brasil, 2019. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/component/content/article?id=2971#:~:text=O%20Movimento%20Antimanicomial%20faz%20lembrar,de%20seu%20lugar%20de%20cidad%C3%A3os>. Acesso em: 13 de Ago. 2020.

RABAKA, Reiland. Teoria crítica Africana. In NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). **Afrocentricidade**: Uma abordagem Epistemológica Inovadora. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**CONSTRUINDO REDES AFETIVAS E TEÓRICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE O PROJETO MULHERES NEGRAS RESISTEM**

Joice da Silva Lima³⁴⁷
Ana Larisse Santos Barbosa³⁴⁸
Laise Teixeira de Matos³⁴⁹

RESUMO

Entendendo a questão racial como central em uma sociedade hierarquizada por raças e na construção de nossas subjetividades, decidimos falar sobre o projeto Mulheres Negras Resistem Ceará. Projeto de extensão construído de/com/para mulheres negras, que em sua terceira edição nesse cenário epidêmico aderiu ao formato online. O presente trabalho tem como objetivo visibilizar a movimentação coletiva de mulheres negras na formação político teórica destas. Para alcançar o que foi proposto realizaremos uma pesquisa de natureza qualitativa com abordagem descritiva. Dialogando com Hooks (2019), Kilomba (2019), e outras.

Palavras-chave: Racismo; pandemia; mulheres negras; extensão; epistemologia.

347 Graduanda no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. joyce8797@gmail.com

348 Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, e Mestranda em Sociologia pela UECE. larissesantosb@gmail.com

349 Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Todas são cursistas do Mulheres Negras Resistem Ceará. laisemattos23@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

Entendendo a questão racial como central na sociedade e para a construção de nossas subjetividades, decidimos falar sobre o projeto Mulheres Negras Resistem do Ceará (MNR-CE). Diante da negação da existência de negros no Ceará (RIOS, 2019), e a partir da união de professoras negras de universidades públicas surge em 2018 o referido projeto de extensão. Em parceria da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) com o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Afro brasilidade, Gênero e Família (NUAFRO). O projeto está em sua terceira edição em 2020, aderindo ao formato online pela primeira vez nesse contexto pandêmico, em que o isolamento social se fez necessário por questões sanitárias, a fim de diminuir a circulação do corona vírus.

O projeto nasce após o triste impacto do assassinato da vereadora Marielle Franco, visando incentivar o crescimento do nosso protagonismo feminino negro através de uma formação teórica, social e política. Pretendemos visibilizar a movimentação coletiva de mulheres negras na formação político teórica destas, que mesmo em meio a várias dificuldades impostas pelo contexto atual conseguiram seguir.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa com abordagem descritiva, com análise feita a partir de dados colhidos por meio de formulário online, resultando no relato de oito cursistas sobre a sua experiência na edição de 2020, que tem a sua particularidade de ser a única que ocorreu em formato virtual assim como o levantamento de dados, em razão do contexto pandêmico.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCUSSÃO E RESULTADOS

As experiências trocadas evidenciam que nossa proximidade vai para além das experiências de dor. Se ligam também por meio de uma ancestralidade, da beleza do sentimento de pertença e do afeto como conhecimento. O MNR-CE ancora seus aprendizados em redes de afeto, que se mostram também como uma estratégia de sobrevivência diante do sistema de opressões que circunda a vida de mulheres negras. Estarmos reunidas viabiliza o rompimento da síndrome da desistência e da morte que querem nos findar.

De forma breve, 60% das cursistas informaram que a modalidade virtual prejudica o processo formativo, mas que há uma grande potência em estarmos juntas, independente de ser no meio virtual ou não. Podemos ver isso através de alguns relatos, dentre os quais destacamos o de Michele (nome fictício), onde a mesma pontua que apesar do contexto de pandemia e das diversas demandas de saúde física e mental, “[...] o curso resistiu e contribuiu muito para que enfrentássemos esse período estando conectadas, infelizmente tivemos que nos adaptar a essa realidade.”

A frustração inicial que foi sentida logo ao saber de como a formação iria ocorrer foi aos poucos sendo substituído a cada encontro, dando lugar a potência criativa que somos quando estamos juntas, o comprometimento coletivo, e as trocas afetuosas entre cursistas e formadoras que motivou dia após dia a continuação desse projeto. Podemos confirmar tudo o que foi posto com o depoimento de uma das cursistas: “Com certeza gostaria de estar tendo essa troca pessoalmente, e acredito que poderia ser mais intensa e mais rica. Porém, o que já vem acontecendo é algo que ultrapassa os limites de uma tela. E com certeza até aqui eu já senti e aprendi muita coisa nos encontros virtuais.”

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, através dessa experiência com o Projeto, podemos relacionar as vivências com os ensinamentos de Hooks (2019) quando a mesma nos apresenta a teoria como um lugar de cura, de prática e construção coletiva, no qual costuramos linhas de conhecimentos, traçamos novos caminhos e tomamos posse do espaço da intelectualidade que nos fora negado. A partir dos relatos de experiências das cursistas do MNR-CE é possível sentir o romper dos silêncios impostos e uma construção coletiva de uma teorização de nossos saberes, nossas experiências, onde verbalizamos, nomeamos e enfrentamos nossas dores e lutas sendo uma construção teórica afetiva, prática e política.

Além disso, é extremamente necessário pontuar os entrelaçamentos entre conhecimento e poder racial trabalhados pela teórica Grada Kilomba (2019) e de como o aparelhamento colonial construiu e constrói mecanismos que a todo momento buscam desqualificar nossos conhecimentos e ter o controle de nossas vozes fazendo usos de categorizações semânticas que “possuem uma dimensão de poder que mantém posições hierárquicas” (KILOMBA, 2019, p. 52) e impõe a todo momento quem deve falar e ser escutado. Logo, a partir do MNR-CE estamos quebrando a estrutura da imposição de um silêncio que pesa e destrói, construindo lugares e ocupando esses a partir do protagonismo de mulheres negras que diz não à constante tentativa de controle de nossos corpos, aos interrompimentos e a definição dos lugares que acham que temos que ocupar.

REFERÊNCIAS

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora** / Bell Hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2. ed - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada, 1968. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano** /

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RIOS, Ariadne. **EXISTE NEGRA(O) SIM! A PRESENÇA NEGRA EM FORTALEZA-CE. In: SIM, O RACISMO EXISTE! REFLEXÕES, AÇÕES E INICIATIVAS PARA COMBATER O RACISMO E SEUS SIMULACROS** / Sarita Amaro, Evaldo Ribeiro Oliveira (organizadores). Editora: Nova Práxis Editorial, 2019 - Curitiba, p.245-263.

RODRIGUES, Vera. **MULHERES NEGRAS RESISTEM: PROTAGONISMO FEMININO, NEGRO E NORDESTINO.** Revista Humanidades e Inovação v.6, n.16 - 2019, p.35-43.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

MULHERISMO AFRICANA NA DIÁSPORA: UMA ANÁLISE IDEOLÓGICA DO PAN-AFRICANISMO NAS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS

Sabrina Maria Monte³⁵⁰
Maria Gabriela Vieira Leite³⁵¹
André Alcman Oliveira Damasceno³⁵²

RESUMO

A ideologia Pan-africanista surgiu na dos séculos XIX /XX com a intenção discursiva sobre a valorização da identidade negra, isto é, autores como desde W.E. Du Bois, Marcus Garvey e, mais tarde, Franz Fanon, defenderam politicamente os africanos e os afrodescendentes que se encontram no território americano e Europeu, em que, suas culturas e seus valores foram retraídos pela colonização. Devido ao aparecimento teórico, político e social que a ideologia nos proporcionou a analisar, pretendo associar as manifestações da Clenora Hudson como agregação ideológica do Pan-africanismo, tendo em vista o estudo do Mulherismo Afrekana como uma especulação de um conjunto de ideias que busca relacionar a diáspora africana como fenômeno de enfrentamento à supremacia branca. Com isso, a metodologia para a investigação será um levantamento bibliográfico de autores Pan-africanistas e do Mulherismo Afrekana junto à contextualização sociocultural das obras.

Palavras-chave: Pan-africanismo; Mulherismo Afrekana; Diáspora Africana.

350 Universidade Regional do Cariri – URCA, sabrinamonte148@gmail.com

351 Universidade Estadual do Ceará – UECE, mariagvleite@gmail.com

352 Orientador. Universidade Regional do Cariri – URCA, andrealcman@yahoo.com.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

A pesquisa propõe analisar o mulherismo africano enquanto uma nova vertente do Pan-africanismo. Dessa forma, para compreender os aspectos teóricos que dispuseram a analisar, será contextualizado a ideologia Pan-africanista.

O Pan-africanismo surgiu no século XIX, era apenas um movimento que buscava por igualdade e dignidade. A vista disso, o autor Du Bois, explanou acerca deste movimento, em que, acreditou que as reivindicações políticas estavam ligadas com uma nova teoria, pois, nas propostas de amenizar os impactos sociais era possível instigar a análise de conjuntura. Diante disso, as contribuições do coletivo pan-africano tornaram-se ideologia política, uma vez que, puderam explicar acerca das vivências.

Dessa forma, autores como Garvey (1922), Fanon (1968), e Khrumah (1975) contribuíram teoricamente na construção ideológica do pan-africanista, lembrando que, com concordâncias e discordâncias políticas, torna-se mutável. Devido as diversas colocações, surgiu no século XX duas correntes que compõem o Pan-africanismo, que seria, o nacionalismo defendido por Garvey e o socialismo que complementava as colocações de Du Bois, acrescentando o socialismo como um modo de vida de clãs africanos.

Contudo, surge as divergências ideológica dentro do pan-africanismo. Devido as contribuições e mutações, foi possível que, novos aspectos teóricos fossem analisados, como o mulherismo africano. A Clenora Hudson (1989, 1993), refletiu sobre as afrodescendentes e africanas em um contexto de prudência social, ou seja, quando surgiu a terceira onda do feminismo, intitulada como “feminismo negro”, a mesma indagou que as mulheres negras deveriam utilizar o pan-africanismo para refletir acerca das ações das mulheres pretas, pois o termo “feminismo” é de origem eurocêntrica.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

METODOLOGIA

Será realizado um levantamento bibliográfico das escritas de Clenora Hudson, tais como: "*Cultural and Agenda Conflicts in Academia: Critical Issues in Africana Women's Studies*," que mais tarde foi reimpresso como o segundo capítulo do *Africana Womanism: Reclaiming Ourselves (1993)*. (CARRUTHERS, 2020). Em suma, explicar acerca das contribuições dos autores Du Bois, Garvey, Khuman, para podermos identificar as correntes do Pan-africanismo, no mais, poderemos compreender em qual vertente se encaixa o mulherismo africano.

RESULTADOS

Com o surgimento do feminismo preto em meados de 70, Clenora Hudson (1989), indagou-se acerca da apropriação do termo "feminismo", em que, foi originada pelas mulheres brancas de classe média alta. A autora expôs a ideologia pan-africanista como uma teoria que as ativistas negras poderiam utilizar, ou seja, se quiseres discutir acerca da posição das mulheres, conceituaria a partir da ideologia pan-africanista.

Como isso surgiu o mulherismo africano, com menções ao pan-africanismo nacionalista. A vista disso, a autora sempre dispôs do continente africano como refugio para os africanos e afrodescendentes e que os questionamentos acerca da submissão das mulheres negras, poderiam ser discutidas entre os pretos.

Dessa forma, o mulherismo africano condiz com a ideologia pan-africanista, porém, com os levantamentos bibliográficos, as discussões mulher ista tornam-se uma ideologia, ou seja, contribui para o pan-africanismo. Porém, o questionamento é se o mulherismo está enquanto uma nova corrente do pan-africanismo.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Contudo, as contribuições de uma nova perspectiva ideológica dentro do Pan-africanismo, colabora para explanar as discussões da própria ideologia, já que, em todos os aspectos demonstram a valorização da cultura negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as contribuições teóricas para a ideologia política pan-africana, questionamentos acerca das categorias dos sujeitos é colocada em discussão para compreendermos as classificações sociais. Porém, parte de um entendimento, que os debates é uma forma de compreender a estrutura racista e sexista na contemporaneidade, por isso, as colocações teóricas auxiliam nas investigações das desigualdades sociais, uma vez que, o mulherismo africana, dispõem da posição da mulher na sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. **Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica.** África, São Paulo. v. 31-32, p. 135-155, 2011/2012.

CARRUTHERS, I. **Mulherismo Africana: Uma Visão Geral - Clenora HudsonWeems.** Texto disponível em: Acesso em 07 de junho de 2020.

NJERI, A. RIBEIRO, K. **MULHERISMO AFRICANA: práticas na diáspora brasileira.** Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/ago. 2019.

OYÈWÚMI, Oyèronké. **Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies.** Signs, Vol. 25, No. 4, Feminisms at a Millennium (Summer, 2000), pp. 1093-1098. Tradução para uso didático por Aline Matos da Rocha.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**O FIO E AS MISSANGAS: A LITERATURA AFRICANA DE MIA COUTO
EM SALA DE AULA**

Rafaelly Carneiro dos Santos Nogueira³⁵³
Josely Marcelino Ferreira³⁵⁴

RESUMO

O presente trabalho se propõe a discutir a valorização da cultura afrodescendente por meio da literatura, com foco no conto “O fio e as missangas” de Mia Couto. Consideramos o contexto histórico do autor como escritor, as possibilidades de intertextualidade entre as literaturas, africana e brasileira, e de diálogo entre a leitura literária, o conto, e de mundo, vivência e realidade dos alunos no sentido de conscientizar os estudantes de suas origens e da necessidade de lutar por equidade étnica e racial. Para a fundamentação teórica recorreu-se a Cavalcante (2003), Couto (2003), entre outros.

Palavras-chave: Literatura afrodescendente; Mia Couto; leituras.

INTRODUÇÃO

O livro “O fio das Missangas” do autor Moçambicano Mia Couto reúne 29 histórias curtas e ricas de lirismo poético com intensa ficcionalidade que em sua maioria penetram de forma sensível no universo feminino do contexto africano. Dentre os contos que compõem o livro, para este estudo escolhemos aquele que intitula a obra: “O fio e as Missangas”. Isso por

353 Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri – URCA, pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana, pela URCA, e em Gestão Escolar pela Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN, mestranda do Mestrado Profissional em Educação da URCA. rafaellycarneiro@gmail.com. Barbalha, Ceará, Brasil.

354 Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri – URCA, pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana, pela URCA. lyletras@hotmail.com. Barbalha. Ceará. Brasil.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

evidenciarmos em sua composição uma gama de elementos que possibilitam o trabalho com a literatura africana em sala de aula.

Considerando a literatura como disciplina imprescindível na inserção da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no ensino fundamental e médio, uma vez que a intertextualidade entre os tipos de literaturas e as formas de leitura atravessa a diversidade étnico-racial e permite o debate contra o pré-conceito e preconceito estabelecidos na sociedade acerca dos negros e de sua cultura.

O nosso objetivo é apresentar uma estratégia pedagógica simples que atenda efetivamente a vida social e curricular do aluno, viabilizando a ação docente dos professores de língua portuguesa. Propomos um diálogo com a obra “O fio das missangas” que vai desde a biografia do autor, em meio ao seu contexto de luta pela libertação de Moçambique, passando por suas características estilísticas na escrita até a introspecção de suas personagens.

A LEI 10.639/03 E A LITERATURA AFRICANA

Uma aprendizagem pautada na intertextualidade, produzida a partir da leitura de obras literárias constitui-se como ação transformadora da realidade e um direito humano (CANDIDO, 2004). Nesse caminho, a Lei 10.639/03, surge no Brasil para consolidar essas políticas educacionais e assegurar o estudo da história e cultura africana desmistificando estereótipos produzidos desde o seu descobrimento. Os alunos identificam-se com contextos étnico-raciais e percebem possibilidades de reescrever a história do povo negro. Ressignificando fazeres, padrões de comportamentos sociais e estéticos necessários ao reconhecimento e a igualdade racial.

Dessa forma, o trabalho com a literatura afrodescendente em sala de aula torna-se uma estratégia eficaz de minimizar a violência epistêmica discutida por Quijano (2005), onde a colonialidade do saber age de forma a manter a hegemonia eurocêntrica como perspectiva superior do conhecimento. Quando se propõe a realizar um estudo detalhado e interpretativo

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

dos elementos e fatos que estão intrínsecos e extrínsecos nas entrelinhas dos textos, os quais ao juntarem-se a criticidade leitora abrem espaço para o protagonismo social estudantil e de mudanças de realidades.

O CONTO “O FIO E AS MISSANGAS” NA SALA DE AULA

A escola deve firmar-se como o lugar da pluralidade, que apresenta à comunidade a consciência sobre a diversidade de nosso povo. Ao professor cabe lançar mão de todos os instrumentos possíveis para esse feito. A literatura pode ser usada como um desses instrumentos a serviço do reconhecimento identitário, da compreensão da história secreta de cada um, partindo da sua capacidade de provocar como que uma catarse em meio à ludicidade própria dessa arte.

Não é fácil despertar a leitura no contexto de um povo que ainda luta pela sobrevivência cotidiana e livros não são objetos de desejo ainda menos hoje com toda a tecnologia a disposição, a que somos expostos e julgamos necessária em nossas vidas para acompanhar as novidades e os tantos outros que nos cercam. Assim, a literatura é novamente instrumento precioso para esse desafio.

Nesse sentido, o trabalho com debates em sala de aula, decorrentes de leituras diversas, em ambientes diversos que considerem a pluralidade e os contextos dos alunos, apresenta-se como importante estratégia de desenvolvimento do senso crítico e perceptivo destes para a produção de mudanças sociais da realidade que envolve a população afrodescendente hoje no país.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A literatura africana em sala de aula torna-se instrumento para apropriação de palavras capazes de potencializar nossos alunos com os ecos que eles precisam produzir, a fim de transformar suas realidades, uma vez que, ao interpretar o produto criativo dessa literatura se enxerguem enquanto produtos de uma colonização de pensamento da qual precisam se libertar para encontrar um eu desejado por si, e não um reprodutor de identidade instituída pelo colonizador. A percepção de valorização de sua terra e das identidades culturais que formam os universos fantásticos e personagens produzidas por Mia Couto em “O fio e as missangas” é por nós compreendida como facilitadora do processo de reconhecimento identitário almejado em nosso trabalho de docência, a partir da consciente intervenção necessária à auto-afirmação positiva dos indivíduos pertencentes à realidade da escola pública do nosso país. O constante debate nos parece o melhor instrumento de efetivação das questões aqui propostas, plural e de modo consciente, será ele capaz de produzir a emancipação de pensamento dos nossos alunos, transformando-os em sujeitos agentes em suas realidades.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CAVALCANTE, Moema. *Com método e criatividade: aula de literatura*. In: SOUZA, Luana(org.). **Ensino de língua e Literatura: alternativas metodológicas**. Canoas: Editora da Ulbra, 2003.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Lei n.º 10.639. (2003). In *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003, p. 1.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O FORTALECIMENTO DA MÚSICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM SALA DE AULA

Edmilton Amaro da Hora Filho³⁵⁵
Irene Kessia das Mercês do Nascimento³⁵⁶

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência pedagógica sobre vivências do trabalho com músicas africanas e afro-brasileiras na Rede Municipal de Ensino de Jaboatão nos anos finais. O Projeto Batuque Puká aconteceu na Escola Municipal Albenice Maria da Silva ano de 2019 e o seu objetivo era desenvolver a musicalização junto aos alunos/as da escola buscando como resultado o interacionismo explorando as possibilidades educativas que são específicas da experiência na tradição de matriz afro.

Palavras-chave: Música Africana e Afro-Brasileira; Afrocentricidade; Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O projeto acolhe uma banda com o nome Paranã Puká, que vem ao longo dos anos disseminando a cultura da Região Metropolitana de Recife através de shows e apresentações culturais. A banda de música regional Paranã Puká tem forte influência dos ritmos culturais da região (coco, ciranda, maracatu, forró, embolada, etc.), sendo que o movimento manguê beat, movimento surgido na década de 90 tendo como maior expoente o cantor e compositor Chico Science, é a influência mais marcante da banda. O Projeto Batuque Puká teve como meta desenvolver oficinas de percussão dentro do espaço escolar e combater o Racismo.

355 Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, pretohora@hotmail.com

356 Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, irene_kessia@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

As ações do projeto tem como objetivo também combater o racismo, visando uma prática de valorização da cultura africana e afro-brasileira na Escola, para Almeida(2018), o racismo acontece como uma lógica “patológica” de cunho individual ou coletivo, no sentido individual ou coletivo o racismo segundo o autor separa as pessoas e as isola e oprime numa lógica patológica de separação.

METODOLOGIA

Metodologia é o caminho que percorremos durante todo o nosso processo de análise do Projeto Batuque Puká. O presente artigo desenvolve um relato de experiência e teve como instrumento da coleta de dados a análise do projeto. Os sujeitos da pesquisa são os envolvidos no processo de realização do projeto, bem como, alunos/as que participaram das atividades. O Campo de Pesquisa é a Escola Albenice Maria da Silva Jaboatão-PE.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar nos objetivos do projeto princípios da afrocentricidade encontramos os resultados seguintes: O Objetivo Geral do Projeto Batuque Puká foi justamente o de “desenvolver a musicalização junto aos alunos/as da escola buscando como resultado o interacionismo explorando as possibilidades educativas que são específicas da experiência na tradição de matriz afro.”

Aqui, no objetivo geral, consideramos a categoria *Localização* afrocentrada podemos incluir um posicionamento que esteja alicerçado nas experiências históricas desta etnia. Desta forma, ao problematizar costumes, valores, lutas e ensinamentos afro transmitidos a sociedade podemos considerar não apenas o olhar eurocêntrico, mas, ressaltar o olhar africano e valorizar todo o seu legado presente na cultura brasileira. Desta forma, compreendemos que:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Dentro do paradigma afrocentrado, localizar diz respeito à demarcação e destaca as referências africanas como centro. Em outros termos, na configuração de africanidades enquanto topológicas epistêmicas, isto é, partir de “lugares” africanos. O que se traduz no campo da educação através da ênfase no ponto de vista que situa os povos africanos e a população afrodescendente como agentes e não coadjuvantes. (NOGUEIRA,2010, p. 03-04)

Assim sendo, acreditamos que localizar experiências na tradição de matrizes afro podem despertar o empoderamento afro nos atores envolvidos no processo (os alunos/as e professores/as).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o foco desse estudo, que foi o de verificar os processos pedagógicos escolares como fortalecimento da afrocentricidade no combate ao racismo no ambiente escolar. Acreditamos que os esforços do projeto se aproximaram e se alinharam a uma proposta afrocentrada de educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento. 2018.

NOGUEIRA, Renato. Afrocentricidade e Educação: princípios gerais para um currículo afrocentrado. In: **Revista África e Africanidades**, v. III, p. 01-18, 2010.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O NEABI COMO ESPAÇO DIALÓGICO DAS QUESTÕES ÉTNICO RACIAIS NO IFCE CAMPUS JAGUARIBE

Viviane de Sousa Ferreira³⁵⁷
Cristiane Sousa da Silva³⁵⁸
Raquel Campos Nepomuceno de Oliveira³⁵⁹

RESUMO

Este trabalho retrata as ações desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFCE campus Jaguaribe. Neste trabalho, são descritas as ações e pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo, assim como seu funcionamento e composição de membros. O NEABI Jaguaribe surge como um espaço formativo e de efetivação da discussão e valorização das questões negras, tanto no interior da própria Instituição como para fora desta. Por meio de tais ações, percebe-se a importância da criação de estratégias e ações que permitam que a discussão racial seja pautada e respeitada, para que assim seja possível efetivamente a construção de uma sociedade diversa e antirracista.

Palavras-chave: Educação antirracista; Relações étnico-raciais; Transformação social.

INTRODUÇÃO

Segundo Gomes e Silva (2015), a cultura brasileira é indiscutivelmente resultado proveniente da colonização histórica de povos estrangeiros, mas sumariamente, da contribuição dos povos e culturas africanas e indígenas. Entretanto, tais culturas destes povos foram e ainda são normalmente e corriqueiramente marginalizadas, inferiorizadas, subalternizadas e estereotipadas, inclusive nos espaços escolares brasileiros e também no contexto social.

357 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, vivisousajbe@gmail.com

358 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, cristiane.silva@ifce.edu.br

359 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, raquel.campos@ifce.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Na tentativa de desfazer minimamente essa desvalorização histórica e cultural, diversas ações eram desempenhadas com o intuito de promover políticas públicas que reconhecessem e valorizassem a contribuição destes povos no processo de construção do País (GOMES & SILVA, 2015). Dessa forma, um marco e ganho do Movimento Negro bastante importante e crucial foi a criação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que objetivam instituir nos sistemas de ensino brasileiro a discussão e o conhecimento da história e cultura da população negra e indígena.

Nesta perspectiva, buscando contribuir para a efetivação das Leis anteriormente citadas e para a luta antirracista, o presente trabalho pretende apresentar as ações, projetos e pesquisas acadêmicas na temática racial realizados pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – Campus Jaguaribe.

METODOLOGIA

O NEABI Jaguaribe iniciou suas atividades no ano de 2017 e, atualmente conta com a participação de mais de 30 membros, contabilizando docentes, discentes, técnicos administrativos e comunidade externa.

Sob a perspectiva de estimular, nos espaços acadêmicos e sociais, a discussão da temática racial e da diversidade étnica e cultural, se desenvolveram ações e projetos que objetivaram auxiliar na construção de uma identidade e auto afirmação positiva para a população negra e indígena, nos mais diversos e distintos espaços nos quais estas populações estão inseridas. Dentre estas ações, foram realizadas: oficinas afro pedagógicas, minicursos, eventos na temática racial com produções científicas, palestras, projetos de extensão e pesquisas acadêmicas (PIBIC, PIBIC Jr., PIBITI) na temática racial.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

NEABI CAMPUS JAGUARIBE: AÇÕES, ARTICULAÇÕES E PROJETOS

Dentre as ações do NEABI IFCE Jaguaribe que discutem a temática racial, realizadas no ano de 2019, podem-se citar:

➤ **ENSINO**

- Encontro Pedagógico do Instituto Federal do Ceará, Campus Jaguaribe: Palestra com o Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior;
- Acompanhamento da implementação de história e cultura africana e afro-brasileira no currículo dos *campi* do IFCE.

➤ **PESQUISA**

- II Congresso de Pesquisadores/as Negros/as do Nordeste, João Pessoa-PB: Participação em evento com apresentação de trabalho científico, que ganhou prêmio de Menção Honrosa com o trabalho intitulado “Oficina de Turbantes na Educação para Relações Étnico-raciais: Relato de Experiência em uma Escola Pública de Jaguaribe-CE”;
- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – Descolonizando Saberes No Ensino De Ciências: Uma Análise Face Ao Livro Didático No Ensino Fundamental II;
- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI) – Afroteca: Uma Alternativa de Acesso e Visibilidade às Histórias e Contos Infantis Afro Brasileiros;
- X Congresso Internacional de Artefatos da Cultura Negra: Participação em evento com apresentação de trabalho científico;

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

- 5º Encontro Nacional de Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e grupos correlatos da Rede Federal de Educação Profissional Tecnológica (ENNEABI) | 1º Encontro de Coordenadores e Membros de NEAB's, NEABI's e grupos correlatos do estado de Alagoas: Participação em evento com apresentação de trabalhos científicos;
- 6º Encontro dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do IFCE, na cidade de Iguatu-CE.

➤ **EXTENSÃO**

- Projeto Identidade negra na cidade de Jaguaribe-CE: a educação no combate ao racismo.

➤ **PARCERIAS**

- Semana Pedagógica do Município de Jaguaribe-CE: Palestra;
- Centro Regional da Brazil Conference at Harvard & MIT – Edição Nordeste, Mossoró-RN: Participação em evento com palestras;
- Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão “O apagamento do negro na terra do sol: rumos da educação e cultura afro-brasileira no Ceará” - PARCERIA UNILAB.

Desse modo, o NEABI Jaguaribe vem realizando atividades e projetos que visam a fomentar o diálogo e a discussão racial, e assim, propor uma educação e diálogo antirracista. Tais atividades promovem a participação ativa e efetiva dos membros integrantes do Núcleo, possibilitando que estes possuam uma formação satisfatória e de qualidade no que se refere às questões étnico-raciais.

As articulações das ações do núcleo perpassam o espaço institucional, abrangendo as escolas e outros espaços sociais do município, possibilitando uma troca de conhecimentos

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

entre os envolvidos no que tange as relações étnico-raciais. Essa parceria permite que a construção de uma sociedade democrática, étnica, diversa e consciente, seja possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de incentivar e ampliar ações, o NEABI Jaguaribe tem sido propositivo e, juntamente com a comunidade escolar, tem buscado novas propostas, novos caminhos de inserção efetiva das temáticas relativas aos povos afro-brasileiro e indígena em todas as esferas da sociedade, das quais foram e ainda são excluídos, em função de valores culturais e práticas institucionais discriminatórias e sectaristas.

Portanto, faz-se urgentemente necessário que estes espaços viabilizem efetivamente caminhos e oportunidades para estas populações, que foram e ainda são socialmente e historicamente excluídas. Nessa perspectiva, é de suma importância que as diversas formas de violentação, sejam estas causadas pela omissão ou pelo silenciamento, sejam discutidas, corrigidas e represadas veementemente, e a educação se mostre como o caminho mais efetivo para a prevenção dessas diversas formas de violência.

REFERÊNCIAS

GOMES, V. A. R. & DA SILVA, R. L. **O NEABI como espaço dialógico das questões étnico-raciais no IFMA Campus São Luís - Maracaná.** IN: XII Congresso Nacional de Educação, 2015.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**REFLEXÕES SOBRE A TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA
NA BNCC DE GEOGRAFIA**

Raquel Almeida Mendes³⁶⁰
Alex Ratts³⁶¹

RESUMO

O presente trabalho visa identificar, por meio da Base Nacional Comum Curricular, as abordagens relacionadas a temática africana e afro-brasileira na área de Geografia. Para tanto, consideramos o viés dos estudos curriculares, estabelecendo uma leitura crítica das competências e habilidades da BNCC do ensino fundamental e médio, que se correlacionam com a temática em foco. Por meio da análise do documento, notamos que a questão africana e afro-brasileira se fazem presentes, todavia, de maneira desigual ao longo das etapas escolares. O teor da discussão também apresenta falhas e por vezes ocorre de maneira pouco aprofundada, não havendo avanços significativos no debate. O que se almeja é que o ensino de geografia africana seja efetivado nas escolas e universidades, possibilitando a desconstrução de estereótipos e concepções equivocadas.

Palavras-chave: África; Currículo; BNCC de Geografia.

360 Mestranda em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais – IESA da Universidade Federal de Goiás – UFG. almeidamendesraquel@gmail.com

361 Docente do Instituto de Estudos Socioambientais – IESA da Universidade Federal de Goiás – UFG. alex.ratts@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular é um documento do âmbito educacional brasileiro de grande relevância por determinar os conhecimentos e saberes essenciais aos discentes durante todas as etapas da educação básica, visando por meio desse documento basilar uma equiparação do processo formativo, assegurando direitos de aprendizagem e obtenção de competências a todos os educandos (BRASIL, 2018).

As especificidades desta análise permeiam o processo de identificação dos parâmetros dados pela BNCC em prol do ensino de África e africanidades na área das ciências humanas e em específico na etapa de Geografia do ensino fundamental e médio.

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho consiste em uma análise crítica do documento da BNCC na área de Geografia, com a finalidade de compreender quais as competências e habilidades que subsidiarão a discussão sobre África e africanidades na educação geográfica.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A construção da BNCC busca, em tese, estabelecer um processo educativo mais democrático e uma formação integral dos estudantes. Cabe ressaltar que a Base não se trata de um currículo único a ser implementado nas escolas de todo o território nacional, mas uma referência para a formulação dos currículos de cada unidade escolar que, além dos conhecimentos contemplados na BNCC, também se certificará de trazer diálogos com a sua cotidianidade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Considerando o aspecto da diferença e das questões africanas e afro-brasileiras na fase do Ensino fundamental, bem como objetos de conhecimento e habilidades, há maior concentração de discussões nas unidades “Sujeito e seu lugar no mundo” e “Conexões e escalas”. Sendo assim, as questões de identidade, pertencimento, interações espaciais e multiescalaridades da área de Geografia da BNCC, são os bojos principais do debate sobre a diferença no ensino fundamental.

Não se atendo a questões episódicas, como constatado nas demais séries do ensino fundamental, há na base curricular do 8º ano uma discussão substancial e variada sobre a perspectiva afro-brasileira, assim como diferentes habilidades e objetos do conhecimento em torno do debate sobre corporações, organismos internacionais, mundo do trabalho, representação cartográfica e aspectos internacionais que complexifica a leitura sobre África e age de acordo com o esperado para os estudantes dessa fase.

No tocante à BNCC do Ensino Médio, a premissa proposta é garantir a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, assim como atender as necessidades formativas para o exercício da cidadania, buscando acolher as juventudes e atender os interesses dos discentes.

Visando alcançar os objetivos elencados, alega-se a necessidade de repensar o excesso de componentes curriculares que podem confrontar as demandas juvenis contemporâneas. Dessa forma, os debates em torno dos fins e objetivos da reforma do ensino médio foram apontando o alinhamento da proposta a um modelo de educação voltada, principalmente, para satisfazer demandas econômicas neoliberais (FERRETI E SILVA, 2017).

É prevista que a aprendizagem de jovens, nessa etapa, ocorrerá a partir da articulação de componentes curriculares e problematização de categorias tais como Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética. Com vazão para amplas discussões, a reformulação curricular pode, possivelmente, gerar perdas na identidade de disciplinas tais como a Geografia e suas perspectivas próprias na leitura de categorias sociais.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O processo de diluição da Geografia na área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas também afeta as especificidades do ensino de geografia africana no ensino médio. Ao averiguar a BNCC na etapa do ensino médio, notamos poucas possibilidades, tanto nas competências, quanto nas habilidades, para o ensino africano ou afro-brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A BNCC de Geografia apresenta as discussões sobre geografia africana, em algumas etapas com mais eficácia que outras. Os impedimentos e resistências ainda existentes a estas abordagens, se dão de forma estrutural, e mudanças expressivas devem partir de uma ressignificação da práxis docente que ainda reproduz ideários eurocêntricos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília. 2018.

FERRETI, Celso João; SILVA, Mônica Ribeiro da. Reforma do Ensino Médio no contexto da Medida Provisória nº 746/2016: Estado, Currículo e disputas por hegemonia. **Educação e Sociedade**, v. 38, nº 139, p. 385-404, 2017.

GIROTTI, Eduardo Donizeti. Dos PCN's à BNCC: O ensino de Geografia sob o domínio neoliberal. **GEO UERJ**, v.1, p. 419-439, 2017.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

TAPETES PROVERBIAIS COMO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

José Ivonildo Araújo Terceiro³⁶²
Maria das Graças de Souza Teixeira³⁶³

RESUMO

O presente trabalho apresenta aspectos da cultura material africana com foco na coleção de tapetes proverbiais do Museu Afro Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, no intuito de analisar os elementos simbólicos que compõem as suas narrativas, identificando o tapete como veículo de comunicação de saberes.

Palavras-chave: Museu, Tapetes Proverbiais, Narrativa, Estudo Iconográfico.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho esforçar-se em apresentar aspectos da cultura material africana com foco na coleção de tapetes proverbiais do Museu Afro Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, no intuito de analisar os elementos simbólicos que compõem as suas narrativas, identificando o tapete como veículo de comunicação de saberes.

362 Mestrando PPGMuseu/UFBA, nildovisky@yahoo.com.br

363 Professora do Departamento de Museologia e PPGMuseu/UFBA. mgteixer@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

OBJETIVO

O presente trabalho tem por objetivo realizar análise de elementos simbólicos que compõem a narrativa de tapetes proverbiais a partir da coleção do Museu Afro Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, buscando compreender a sua mensagem enquanto provérbio.

METODOLOGIA

Este estudo será realizado através do levantamento bibliográfico, leitura dos documentos institucionais além da incursão em catálogos, e em sites de instituições museológicas que tenham em seus acervos esses objetos, para que possam subsidiar o estudo iconográfico e iconológico de elementos simbólicos.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os tapetes proverbiais são assim denominados na catalogação do Museu Afro Brasileiro (UFBA). Quanto a origem, são peças produzidas na cidade de Abomey no Benin, país localizado na costa leste africana, no território onde existiu o antigo reino do Daomé. Tais objetos de acordo com Paquette, 2012. p. 02, são conhecidos como “les appliqués du Bénin” ou “les appliqués d’Abommey” (apliques do Benin ou apliques do Abomey) e atualmente são também chamados de “pano de resumo”.

De acordo ainda com esse autor, na década de 1950 ocorreram as primeiras aparições desses produtos com o novo formato, os “panos de resumo”, essa informação nos leva a inferir que as peças em questão devem ter tido a sua feitura com a técnica mais facilitada para atender a demanda e influência da política e do mercado, bem como do comércio turístico. Os

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

tapetes proverbiais observados, foram adquiridos para serem incorporados ao acervo do museu, através de compra em 1974.

São peças em tecidos com apliques coloridos, o resultado destes apliques é um trabalho de sobreposição de figuras em tecido costuradas sobre outro tecido. Segundo a documentação estudada, o povo Fon que vivia na capital do Daomé, Abomey, é responsável pela criação desses objetos.

Até o momento têm sido feitas descrições dos tapetes da coleção do MAFRO/UFBA e de outras instituições museológicas, para posterior análise de seus elementos simbólicos. Todas as visitas aos objetos têm se dado de forma virtual, nos sites das mesmas por conta do impedimento de estar presencialmente nos locais em decorrência do contexto pandêmico o qual nos encontramos. Também já foram produzidos três artigos que serão utilizados ao longo do trabalho de dissertação.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Os tapetes são suportes de mensagens, comunicam através de uma narrativa subjetiva e complexa. Para que se entenda a dimensão da linguagem apresentada, é importante que se utilize da semântica como componente para a compreensão dos elementos contidos nas imagens, nestes fragmentos de uma cultura que nos arrebatou e surpreende a cada descoberta.

A informação e a significação, de acordo com Netto (1980 p.119) “nos estudos de Teoria da Informação costuma-se fazer uma distinção entre *informação* e *significação*”, onde a significação está para interpretação, dependente da subjetividade do indivíduo, enquanto a informação está para a quantidade de informações contidas. Neste contexto, observa-se que tais elementos possibilitam interpretações que se alinham a conteúdos intrínsecos a cada indivíduo que se posiciona diante dos citados objetos para a contemplação.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

NETTO, Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1980. e análise de imagem relacionando com texto, proposta como atividade.

PAQUETTE, Holly. Dahomey Appliqués and the Politics of Production. University of Rhode Island, hollye.paquette@gmail.com. 9-2012.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**TECNOLOGIA SOCIAL E O SISTEMA DE PRODUÇÃO DO NÚCLEO DE OSTRA
EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA**

Mariana Conceição³⁶⁴
Amália Nascimento do Sacramento Santos³⁶⁵

RESUMO

Objetiva-se descrever as dimensões e características inerentes ao processo de tecnologia social presentes em um Núcleo de produção de ostras de uma comunidade quilombola baiana. Trata-se de pesquisa descritiva, exploratória, com abordagem qualitativa, a partir do estudo de caso. Utilizou-se as técnicas de observação simples e entrevista narrativa. Participou da entrevista narrativa um líder do núcleo de ostra da comunidade. A coleta de dados ocorreu entre os meses agosto de 2016 a maio de 2017. Fez-se análise de conteúdo. Esse trabalho segue os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos. Observa-se que o Núcleo de produção estudado apresenta fortes e positivos aspectos de Tecnologias social, tendo fragilidade no tópico da sustentabilidade no que tange a cuidados com a saúde do trabalhador, revelando vulnerabilidades sociais da comunidade.

Palavras-chave: Tecnologia Social; Comunidade Quilombola; Ostreicultura; Economia Solidária.

364 Gestora em cooperativas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB;
marilins19@hotmail.com

365 Doutora em enfermagem, docente do Centro de Ciências da Saúde da UFRB, orientadora.
amaliasacramento@ufrb.edu.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

A Tecnologia Social está pautada nos princípios da relação social e participação nos processos decisórios. De acordo com Costa (2013), ela é uma forma de criar, desenvolver, implementar e administrar, orientada a resolver problemas sociais, ambientais e econômicos, gerando dinâmicas sociais, econômicas, de inclusão social e de desenvolvimento sustentável.

Essas tecnologias têm sido desenvolvidas em comunidades tradicionais, como as quilombolas, compreendidas como grupos étnicos raciais, que se diferem por possuírem formas próprias de organização social e para garantir sua reprodução sociocultural ocupam e usam seus territórios e seus recursos por intermédio de atividades de baixo impacto ambiental, além disso presumem ancestralidade negra relacionada com resistência à histórica opressão que sofreu e sofre (REGO, 2011). Nesse trabalho, objetiva-se descrever as dimensões e características inerentes ao processo de tecnologia social presentes em um Núcleo de produção de ostras de uma comunidade quilombola baiana.

METODOLOGIA

Optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, tipo estudo de caso. A pesquisa foi realizada na comunidade quilombola do Dendê pertencente ao distrito de Santiago do Iguape, Cachoeira-Bahia. A coleta de dados ocorreu entre os meses agosto de 2016 a maio de 2017, totalizando quatro visitas à comunidade. Utilizou-se a observação simples e a entrevista narrativa como técnicas de coletas de dados e como instrumento foi utilizado o diário de campo e um roteiro para a entrevista. Participou da entrevista narrativa um líder do núcleo de ostra da comunidade. Os dados empíricos passaram pela técnica de análise de conteúdo. Foram respeitados os princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vê-se que as técnicas, as práticas e a ferramenta do modo de produção utilizada na comunidade quilombola do Dendê se constituem como transformadoras e inovadoras, sendo Tecnologias Sociais (TS), pois a comunidade possui uma forma própria de organização, a mesma utiliza-se dos princípios da Economia Solidária (ES) e através da coletividade, participação e interação dos atores conseguiram se apropriar das novas técnicas de cultivos de ostra de forma autogerível.

Observou-se que características inerentes à tecnologia social, de acordo com Instituto de Tecnologia Social (2007), como diálogo de saberes, a participação e democracia nos processos, organização, sistematização, empoderamento, a sustentabilidade e aspectos da demanda social, bem como as dimensões, conhecimento, ciência, tecnologia e inovação; democracia, participação e cidadania; aspectos históricos e educacionais de construção da tecnologia e relevância social estão presentes no cotidiano do núcleo de produção de ostras.

A comunidade produz a “Festa da Ostra”, um evento social e cultural pautado na sustentabilidade, inclusão social e solidariedade, na qual utiliza uma moeda social “Sururu”, uma TS eficiente na promoção da inclusão social e desenvolvimento local. Frisa-se a saúde do ostreicultor, apesar da comunidade mobilizar atendimento profissional voluntário e uso de cuidados populares, a saúde é precarizada, principalmente pelo acesso a serviços e há vulnerabilidades pelo trabalho cansativo, sem Equipamentos de Proteção Individual e exposição a altas temperaturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que o Núcleo de produção de ostra da comunidade quilombola do Dendê apresenta fortes e positivos aspectos de Tecnologias social, tendo fragilidade no tópico da

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

sustentabilidade no que tange a cuidados com a saúde de trabalhadores, revelando vulnerabilidades sociais da comunidade.

REFERÊNCIAS

COSTA, Adriano Borges. **Tecnologia social e políticas públicas**. São Paulo: Instituto Pólis, N2013. 284 p.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL – ITS. **Conhecimento de Cidadania 1:**

Tecnologia social, São Paulo: ITS, 2007, 23p. Disponível em:

<https://www.itsbrasil.org.br/cadernos>. Acesso em 30 ago 2017.

REGO, Jussara Cristina Vasconcelos. Fortalecimento da Identidade Quilombola em Comunidades Costeiras do Baixo-Sul - BA. **Seminários Espaços Costeiros**, v. 1, 2011.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**Simpósio Temático 17 – Movimentos Sociais e Intersecção de Diferenças:
dinâmicas a partir dos marcadores de raça, gênero,
sexualidade, origem social e geração**

Coordenadores(as)

Prof^a Dr^a Stephanie Lima (UNICAMP)

Prof. Dr. Roberto Marques (URCA-PPGS/UECE)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**RACISMO POR OMISSÃO: RELATOS DA TRAJETÓRIA DE UMA MULHER
NEGRA CARIRIENSE NO PARTIDO DOS TRABALHADORES-PT**

Maria Raiane Felix Bezerra³⁶⁶
Maria Elaine de Carvalho Cruz³⁶⁷
Cicera Nunes³⁶⁸

RESUMO

Esse resumo é parte de uma pesquisa monográfica –em andamento- que se propõe a analisar as mulheres negras do Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC) que são filiadas aos partidos políticos de esquerda e centro esquerda, a exemplo do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e Partido dos Trabalhadores (PT), buscando compreender como essas mulheres negras dialogam sobre a temática de raça e gênero dentro do âmbito partidário. As leituras de Carneiro (2011), Hooks (2019) e González (2018) tem ancorado as principais reflexões desse estudo, como também, (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012) que me guia na entrevista narrativa com uma das interlocutoras que é filiada ao (PT), onde a mesma relatou suas experiências que se fazem importantes para o fomento do debate teórico prático dessa pesquisa.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Partidos Políticos; Cariri.

366 Estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri – URCA,
bezerra.m.r.f@gmail.com

367 Estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri – URCA,
elaine.carv92@gmail.com

368 Professora Dr^a adjunta do departamento de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA,
cicera.urca@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Essa pesquisa é parte de um trabalho monográfico que se propõe a compreender como mulheres negras atuantes e membras do Grupo de Valorização Negra do Cariri –GRUNEC– negociam os debates em torno de gênero e raça através dos seus atravessamentos com os partidos políticos que as mesmas fazem parte.

Esse estudo busca analisar a interação dessas mulheres com os movimentos sociais e os partidos políticos como o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Analisando pontos negociáveis no que se refere as manifestações do racismo e do machismo.

O GRUNEC foi fundado no ano de 2001 e em sua composição encontram-se pessoas negras e não negras que compreendem a relevância da luta antirracista. Hoje o grupo tem por volta de 40 membros e em sua maioria é composto por mulheres negras que inclusive, lideram a organização. A amplitude no que se refere as bandeiras levantadas pelo grupo é diversa e destaco uma delas aqui, como a Marcha Regional de Mulheres Negras que acontece anualmente desde o ano de 2015³⁶⁹.

Esse estudo está sendo realizado na cidade de Crato-CE, cidade onde levantes são recorrentes no que se refere aos movimentos sociais existentes que em sua maioria são liderados por mulheres negras, que é o exemplo do GRUNEC que articula e organiza artefatos que seja referente a luta do povo negro na região.

As colaboradoras da pesquisa são todas atuantes do –GRUNEC– e se encaixam naquilo que está sendo proposto, como fazer parte do movimento negro já mencionado, terem idade entre cinquenta ou superior a essa. Uma mulher é filiada ao PT e uma ao PSOL. O desenvolvimento dessa pesquisa se fortalece, sobretudo, nas leituras bibliográficas de obras produzidas por autores como: Almeida (2018); Carneiro (2003); Fernandes (2017) González;

369 Disponível em: <http://negronicolau.blogspot.com/2016/04/conheca-o-grupo-de-valorizacao-negra-do.html>.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

(2018); Hollanda (2020); Hooks (2019); Nascimento (2012); Soares (2009) que dão um suporte para compreensão de conceitos necessários à serem entendidos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesse estudo é a entrevista narrativa que se torna pertinente para o viés da investigação qualitativa, onde dará suporte e permissão para que a trajetória de vida das interlocutoras remeta ao contexto sócio histórico, fazendo com que seja possível compreender os sentidos das mudanças no que se entende por crenças e valores que vão ajudar na fomentação dada através das colaboradoras. O objetivo de se dirigir ao conteúdo das experiências subjetivas e objetivas/concretas, para aprofundamento de aspectos específicos, situando assim, a trajetória de vida das interlocutoras com o processo cruzado ao que essas mulheres estão situadas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012).

Esse método narrativo vem como forma discursiva que se enquadra em uma importante investigação dentro de campo, ao passo que essas mulheres possam contar e lembrar suas histórias e seus processos subjetivos e objetivos/concretos, relacionados a sua existência tanto no movimento de mulheres negras quanto nos partidos políticos. O uso dessa metodologia se aplica bem a essa pesquisa por seu caráter de conversa fluida que permite com que as entrevistadas se sintam seguras e confiantes (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Soares (2009) nos diz sobre os acontecimentos e inserções dos debates relacionados a gênero e raça dentro do PT. Os debates relacionados a raça e gênero são pensados em uma dimensão que é atravessada pela economia e pela cultura. Os dois denominadores (raça e gênero) perpassam tipos de discriminações que ora são semelhantes e ora não são, por conta

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

das suas interseccionalidades e as formas que questões raciais são tratadas e discutidas no Brasil (SOARES, 2009).

Através desse estudo desenvolvido por Soares (2009) estou conseguindo fazer algumas reflexões acerca do desenvolvimento em relação às falas das interlocutoras. Esse estudo que realizo para a pesquisa está em fase de análise das falas das interlocutoras e comentários.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Jack. Conheça o Grupo de Valorização Negra do Cariri – GRUNEC. Blog Negro Nicolau. Disponível em: <http://negronicolau.blogspot.com/2016/04/conheca-o-grupo-de-valorizacao-negra-do.html>. Acesso em 01 de set. 2020.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, v. 4, p. 90-113, 2002.

SOARES, Claudete Gomes. **Raça, classe e cidadania: a trajetória do debate racial no Partido dos Trabalhadores (1980-2003)** / Claudete Gomes Soares. - Campinas, SP: [s. n.], 2009.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CEARÁ NEGRO: ESCRITAS E APONTAMENTOS DO IMOPEC (1988-2015)

Pedro Igor Oliveira de Melo³⁷⁰
Antônio Carlos Dias de Oliveira³⁷¹
Cícero Joaquim dos Santos³⁷²

RESUMO

O estudo apresenta reflexões sobre as publicações do Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC), objetivando compreender as trajetórias e demandas das populações negras presentes nas publicações do IMOPEC. Desde sua criação, o instituto passou a desenvolver iniciativas de formação de públicos sobre os problemas sociais existentes no Ceará. O IMOPEC criou a Revista Propostas Alternativas e o Boletim Raízes. Nessas publicações, os negros e as negras cearenses são objetos de reflexões, apresentando suas trajetórias de lutas, demandas socioculturais, entre outras questões.

Palavras-chave: Ceará; Representações; Reflexões.

INTRODUÇÃO

O Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC) publicou, entre julho e setembro de 2002, o número 39 do Boletim Raízes. Nas vésperas do pleito eleitoral daquele ano, o IMOPEC lançou um reclame indagando, nas páginas iniciais do boletim, quais os projetos políticos voltados às demandas dos negros e das negras cearenses. “Com esse número de

370 Acadêmico do V Semestre do curso de História da Universidade Regional do Cariri – URCA,
pedroigoroliveirademelo@gmail.com

371 Acadêmico do VI Semestre do curso de História da Universidade Regional do Cariri – URCA,
carlosdyasoliver@gmail.com

372 Orientador: Professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri – URCA,
joaquimnaurca@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Raízes, o IMOPEC dá prosseguimento ao seu projeto de abrir espaço aos grupos sociais, povos e às etnias relegados ao esquecimento ou apagamento de nossa História. Dedicamos ao povo negro este número 39, que traz ao debate público questões como preconceito e invisibilidade, sem omitirmos a sua trajetória no Ceará” (IMOPEC, 2002, p. 1).

O referido periódico foi criado pelo IMOPEC, uma organização não governamental fundada na cidade de Fortaleza-CE, no ano 1988 (SANTOS, 2013). Em pleno processo de redemocratização, o IMOPEC surgiu como uma “voz denunciante”, como o instituto se autodeclarou (IMOPEC, 2015). Para publicizar suas produções, ele criou o Raízes como um jornal de acesso, com uma linguagem acessível para muitos públicos e que trazia em suas matérias informações e produções científicas comprometidas com uma política necessária para a superação das desigualdades sociais, pobreza e demais mazelas presentes no cotidiano do Ceará (SALES, 2018; SOARES, 2005).

O Boletim Raízes e a Revista Propostas Alternativas são as principais fontes da pesquisa. Em várias edições, os negros e as negras cearenses foram objetos de reflexões, apresentando suas trajetórias de lutas e demandas sociais nos processos de afirmação étnica, bem como seu cotidiano e práticas culturais, entre outras questões. Esta pesquisa é de suma importância para a compreensão da afrodescendência e das africanidades no Ceará do século XX e XXI. A difusão e os usos dos seus resultados em ações educativas se tornará uma ação voltada à construção de uma “nova consciência multicultural” (RIBARD, 2008).

METODOLOGIA

Esta pesquisa histórica fará uso das publicações do IMOPEC. Como já mencionado, desde o ano de 1992, o IMOPEC passou a produzir e publicizar a Revista Propostas Alternativas, o instituto publicou 17 números. Cada um deles apresenta em média cerca de seis artigos. Cada edição apresentou um tema a partir do qual os textos discorriam. Entre eles

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

há escritos sobre comunidades negras cearenses e o processo de afirmação étnica dos afrodescendentes (SOARES, 2013).

Além destas publicações, a pesquisa usará o Boletim Raízes como fonte. No período de atuação do IMOPEC foram publicadas 64 edições. Em cada número, o Raízes apresentava os resultados das ações desenvolvidas pelo Instituto, publicando informes, depoimentos dos integrantes do Curso à Distância e ações a serem desenvolvidas pelos mesmos. Algumas edições foram dedicadas às temáticas da afrodescendência e das africanidades. O estudo usará ainda a cartilha Comunidades Negras no Ceará, lançada em 1998 pelo IMOPEC.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os resultados esperados se estruturam em: produção de saberes históricos sobre a afrodescendência e as africanidades cearenses a partir das publicações do IMOPEC e colaboração na formação dos mestrados em ensino de história do ProfHistória da URCA, especialmente no que diz respeito à relação entre ensino de história, memória, afrodescendência e africanidades.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Por tantas considerações históricas, a pesquisa é de suma importância para o mundo acadêmico devido a compreensão de como as memórias e as práticas culturais da população negra cearense foram analisadas e difundidas nas publicações do Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC), no período circunscrito entre 1992 e 2015.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

INSTITUTO DA MEMÓRIA DO POVO CEARENSE (IMOPEC). **Boletim Raízes**. Fortaleza, ano 24, n.64, Jan./Jun.2015.

INSTITUTO DA MEMÓRIA DO POVO CEARENSE (IMOPEC). **Comunidades negras no Ceará**. Fortaleza: IMOPEC, 1998.

RIBARD, Franck. **África, Mãe negra do Brasil ou apontamentos para uma nova consciência multicultural**. In: RIOS, Kênia Sousa; FURTADO FILHO, João Ernani (Orgs.). *Emtempo: História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008, p. 201-215

SALES, Ana Cristina de. **O Instituto da Memória do Povo Cearense: uma ferramenta de combate?** Anais do XVII Congresso de História da Educação do Ceará. Fortaleza, v.1, 2018, pp. 221-229.

SANTOS, Joaquim dos et al. **Ensino de história para que(m)? O IMOPEC e a educação patrimonial no Ceará**. In: *Educação no século XXI: História*. v.25. Belo Horizonte: Poisson, 2019, pp.18-24.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **Necessidades de história: os usos da memória na construção da cidadania cultural**. Políticas Culturais em Revista, Salvador, UFBA, n. 6, pp. 54-70, 2013.

SOARES, Nádja Maria de Moraes. **Catálogo de publicações do IMOPEC**. Fortaleza: IMOPEC, 2005.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

DE DONA DE CASA À ATIVISTA: A ATUAÇÃO DE MÃES NA PROMOÇÃO DE DIREITOS HUMANOS NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO CEARENSE

Bruno Alves de Sousa³⁷³

RESUMO

O trabalho tem por objetivo dissertar brevemente sobre a atuação de coletivo cearense de mães que se organizaram pela reivindicação de direitos de seus filhos nos sistemas socioeducativo e prisional cearense. Nossa hipótese é de que a atuação dessas mães, em imensa maioria negras, é fundamental no acompanhamento das políticas públicas, na popularização da luta pelos direitos humanos. As relações com o Estado são marcadas por diálogos mas também enfrentamentos. A aproximação com o coletivo se deu em decorrência de pesquisa no sistema socioeducativo. Através da participação em eventos públicos (presenciais e virtuais) e de conversas com algumas mães, fazemos breve análise de como tal intervenção da família é validada pelo suporte constitucional, se organiza em redes e colabora para a luta dos direitos humanos, atravessada por gênero e raça.

Palavras-chave: mães; sistema socioeducativo; movimento social; direitos humanos.

INTRODUÇÃO

A figura das mães em famílias pobres e negras é central na gerência do ambiente doméstico e na socialização dos filhos, transmitindo-lhes valores morais do grupo social. Essas “famílias matrifocais” (ZALUAR, 1985) têm passado por transformações com o super encarceramento de jovens negros. Ao se depararem com um cotidiano violento de filhos

373 Mestrando em Antropologia (UFC-UNILAB), Bacharel em Direito(UFC), Especialista em Direito e Processo Constitucional, Pesquisador no Observatório Nacional da Política LGBT. Membro do Grupo de Estudos de Educação em Regime de Privação de Liberdade – GERRP Liberdade.
brunoalves.ufc@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

privados de liberdade, tais mães se lançam à esfera pública para reivindicar direitos humanos. Constroem novas redes de relações e reelaboram as próprias existências. Nesse sentido, em decorrência do colapso do sistema socioeducativo em 2015 no Ceará, foi fundado o Movimento Vozes de Mães e Familiares do Sistema Socioeducativo e Prisional do Ceará.

METODOLOGIA

A pesquisa se deu através da participação em eventos públicos (presenciais e virtuais) ao longo dos dois últimos anos. Nessas oportunidades, pude ter conversas com algumas mães integrantes do coletivo. Faço breve análise de como a organização de familiares em redes colabora para a efetivação dos direitos humanos e é atravessada por gênero e raça.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Conheci tal coletivo por ocasião da pesquisa do mestrado com LGBTs no sistema socioeducativo. Estava mapeando os sujeitos e conhecendo os discursos públicos. Já era mais familiarizado com o cenário LGBT, mas pouco conhecia acerca do sistema socioeducativo. Resolvi participar do Seminário Interinstitucional Brasil-Espanha de Socioeducação, Arte e Justiça Restaurativa em agosto de 2019. Naquele evento conheci algumas mães do referido coletivo. Àquela ocasião, pude conhecer inúmeros atores da socioeducação cearense, sendo do Estado ou dos movimentos sociais. Na oportunidade, reconheciam alguns avanços (maior abertura da gestão ao diálogo com as mães), mas criticavam o fracasso na ressocialização. Por vezes mencionavam o Estado como responsável por punir e matar seus filhos, fazendo lembrar a tríade Estado (masculino)/ mãe/ filho (VIANNA; LOWENKRON, 2017).

Finalmente em outubro de 2019, compareci ao Lançamento da Carta-Convite do V Encontro Nacional de Mães e Familiares de Vítimas do Terrorismo do Estado, a convite de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

uma das mães. Conheci outras delas e foi notória a maioria de mães negras. Rememoraram reuniões, promessas, denúncias relatadas nas visitas familiares e dores por filhos assassinados pelo Estado. Fotos, blusas e cartazes estampavam o auditório. As mães desempenham um protagonismo simbólico na “luta por justiça” pelos seus filhos (VIANNA; FARIAS, 2011).

Já em julho de 2020, no contexto da pandemia da COVID-19, foi organizado um evento virtual pelo Mecanismo de Prevenção e Combate à Tortura tendo como tema o sistema prisional e socioeducativo durante a crise sanitária. Uma mãe participante discursou uma impressionante constatação: “Pro sistema não tenho nome. Sou mãe do preso. (...) Deixei de ser dona de casa para ser ativista de direitos humanos”. Denunciou também ausência de videochamada em todos os centros socioeducativos e falhas na entrega de material de higiene.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A atuação de mães negras é essencial ao acompanhamento e à fiscalização da execução de políticas públicas para jovens privados de liberdade. Colaboram para a popularização dos direitos humanos e denunciam eventuais violações de garantias constitucionais por parte do Estado. Profundamente generificada, essa relação é marcada por diálogos e enfrentamentos cabendo-lhe o protagonismo na defesa de seus filhos.

REFERÊNCIAS

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Cadernos Pagu** (37), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2011.

VIANNA, Adriana; LOWENKRON, Laura.. O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens. **Cadernos Pagu** (51), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2017.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

IDENTIDADE ÉTICA E ESTÉTICA DAS MULHERES NEGRAS EM JUAZEIRO DO NORTE: NOVAS PERSPECTIVAS

Milena Luna Barros Oliveira³⁷⁴
Thiago de Abreu e Lima Florêncio³⁷⁵

RESUMO

A pesquisa presente neste trabalho movimenta aspectos pessoais e culturais das mulheres negras do cariri, mais especificamente na cidade de Juazeiro do Norte. O trabalho irá se desenvolver a partir de discussões sobre a transição capilar e a autoestima das mulheres negras, procurando estabelecer e evidenciar seu lugar social, sua posição delimitada nos espaços públicos, atentando a sua estética como um fator referente a essa condição. A relevância do trabalho será dar voz efetiva para as mulheres que se sentem à vontade, falar sobre suas histórias, suas motivações, quais os elementos envolvidos nas decisões sobre sua estética. A força do feminismo da mulher negra dentro da sociedade está ocupando lugar e modificando estruturas, se fazendo presente de forma resistente em diversos espaços, colocando em pauta desigualdades ainda presentes.

Palavras-chave: Mulher Negra; Transição Capilar; Estética.

INTRODUÇÃO

A escolha da pesquisa empoderamento das mulheres negras do cariri cearense: identidade étnica e estética para a pesquisa desse projeto, movimenta aspectos pessoais e culturais, com abrangências e significados diversos, inclusos nas variações do racismo dentro

374 Universidade Regional do Cariri – URCA, milenalunab Barros@gmail.com

375 Graduação, Bacharelado e Licenciatura, em História (2003) e Mestrado em História Social da Cultura (2007) e Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (2014) pela PUC-RIO. Pós-graduação *Latu Senu* em História da África e do Negro no Brasil (2005) pela Universidade Cândido Mendes.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

da sociedade e das suas demais ramificações ao longo do tempo, comprovando assim que suas raízes precisam ser cortadas da mesma maneira que foram construídas através do diálogo e outros tipos de interações, desafiando as estruturas sociais vigentes.

Os discursos e estudos que comprovam os fatores pertinentes, como o da baixa autoestima das jovens negras, que desde a sua infância são aparentemente subordinadas a seguirem os padrões estéticos impostos pela sociedade, que não fazem parte da sua condição biológica, implica assim no falho autorreconhecimento provocado para que as jovens tendam a aceitar algo ao qual foram coagidas a aderir, muitas vezes sem perceber que isso está acontecendo daquela forma e que pode lhe prejudicar e afetar de alguma forma, optando assim por um desejo de querer mudar sua aparência, e em consequência a isso, o alisamento do cabelo é uma opção pertinente, e uma das mais fáceis.

Pretendo nas referências bibliográficas trabalhar com autoras como Angela Davis, Amanda Braga, Nilma Lino Gomes, Rosangela Malachias, Silvio Almeida, Joice Berth, Neusa Santos Sousa, Djamila Ribeiro e outros, que trazem esse tipo de abordagem de maneira mais séria e abrangente, focando na importância de se ter uma literatura vasta e significativa. E usar sites como Geledés e artigos como ‘transição capilar: o cabelo como instrumento de política e libertação através da identidade e suas influências’, entre outros.

METODOLOGIA (OU OUTRO TÓPICO)

Nesse trabalho, podemos perceber a ênfase numa estrutura social formada e enraizada no racismo, colocando em foco a mulher negra sendo constantemente perpassada para as diferentes gerações, proponho que apresentemos o documentário Cores Pretas e o filme Kbelá, dirigidos respectivamente por Stella Tó Freitas e Yasmin Thayná, e com isso estabelecer conexões entre experiências vividas e as produções exibidas, conduzidas com perguntas prévias como:

- Com quantos anos você começou a alisar o cabelo?

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

- O que te motivou a fazer isso?
- Você se sentia/sente bem consigo mesmo com esse processo?
- Você sofria algum tipo de bullying/preconceito por causa do cabelo ou cor da pele?
(Na escola, em casa, trabalho)
- Se sim, ainda é um comportamento frequente de ser percebido, as pessoas ainda praticam muito na sua opinião?
- Como você acha que isso se tornou tão natural na nossa sociedade?

E através desses diálogos ter também outros possíveis tipos de interações tais como rodas de conversas, oficinas, debates ou eventos de pequeno porte, que possamos abordar o assunto de forma explícita e direta, discutindo essas questões procurando saber a efetividade dessas mudanças para o indivíduo consigo mesmo e nas suas redes de interações sociais.

Esses mesmos depoimentos serão as fontes da pesquisa, pois através deles irei formular a narrativa da pesquisa traçando os objetivos acadêmicos e sociais, contando as trajetórias de cada participante, suas influências e relevâncias, mesclando com elementos do filme, mostrando que sua identidade étnica e autoestima importam.

Obs.: As perguntas poderão ser alteradas no decorrer das conversas, e apresentarei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que a pesquisa ocorra nos conformes e as participantes estejam esclarecidas do que irá acontecer, apresentarei o mesmo termo a universidade com a finalidade de estabelecer ordem nas burocracias que podem aparecer.

DISCUSSÃO E RESULTADOS (OU OUTRO TÓPICO)

A indagação partiu de uma experiência vivida que envolve a transição capilar, a autoestima prejudicada através dessa mudança, da curiosidade de saber como as mulheres

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

negras começaram a aceitar suas madeixas na forma natural, pois nos últimos anos é visível uma crescente nas mulheres que se apoderaram da escolha dos seus fios naturais, com cunho objetivo de saber quais os fatores que provocaram as suas transições, as causas que as motivaram usar os produtos para alisamento e as circunstâncias que fizeram elas pararem esse tratamento, como está sendo ou foi o seu processo de transição.

A autoestima vai ser um fator além do cabelo, talvez a parte mais difícil de se encarar no espelho quando se faz a opção de negar o padrão dentro da sociedade, não só por que algumas pessoas vão te olhar e lhe taxar argumentos para que você volte a ação de alisar, ou até mesmo quase implorar para que você volte a usar aqueles produtos químicos que desconstroem sua identidade, mas pelo fato de ser uma decisão interna e apenas uma pessoa vai ser importante em todos esses julgamentos, você mesmo.

É esse julgamento que fará o indivíduo dar seus próximos passos, conduzir a posterior seus movimentos para mudar ou não algumas estruturas, raízes e culturas que foram adquiridas e agora serão modificadas, nesse espaço é perceptível o lugar de fala da mulher negra irá mudar, se impor, se adequar a si e ao seu comportamento na sociedade mediante a cada situação, suas falas não serão exagero, apenas um pedido de reconhecimento e respeito.

O retrato e recorte desse tema é para nos fazer refletir e repensar o lugar da mulher negra, os espaços que ela está ocupando, sua posição social, suas lutas e desafios para chegar nesse nível, partindo de narrativas feitas por elas mesmas de acordo com suas vivências, transparecendo sua realidade para a esfera acadêmica.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Com base nas informações que já foram postuladas a sustentação teórica da pesquisa constara com referências que contemplem o feminismo negro, a identidade da mulher negra com foco no cabelo e autoestima, o lugar de fala dessas mulheres junto dos seus depoimentos de luta e aceitação dentro da sociedade.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

O feminismo negro vai ser a base das perspectivas narrativas dessa pesquisa, reafirmando o lugar da mulher negra dentro das discussões sociais, para isso um melhor embasamento trarei alguns conceitos da Angela Davis, que é uma grande ativista do movimento negro nos Estados Unidos e também contribui para os estudos de gênero, no seu livro *mulheres, raça e classe*, nos mostra o processo histórico da mulher negra desde a escravidão, tendo um contexto abrangente para essa classe de um modo geral.

Já a questão de identidade com foco no cabelo e autoestima, será contemplado por Nilma Lino Gomes e Neusa Santos Sousa, que desdobram suas obras nessas questões específicas, mostrando a importância desses detalhes e sua importância para a conservação da memória histórica do povo negro.

O lugar de fala será abarcado por Djamila Ribeiro, onde a mesma discute na sua obra as posições sociais das mulheres negras na sua geografia social, trazendo na obra estatísticas, explicações e várias contemplações sobre o assunto acerca da discussão das dicotomias de etnia, gênero e poder, trazendo uma importante reflexão de privilégios.

Em continuidade ao processo de discussão na área irei buscar algumas explicações em outros autores tais como a Joice Berth, o Silvio Almeida e a Amanda Braga, que instruem respectivamente a entender os processos de empoderamento, racismo estrutural e a história da beleza negra no Brasil, contestando o espaço do negro e da mulher negra em diversas esferas diferentes, mas estabelecendo suas conexões.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018.

BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DAVIS, Angela Yvonne. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed.
São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RIBEIRO, Djamila O. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2017.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**Simpósio Temático 18 – Movimentos sociais e relações de
raça, gênero e sexualidade**

Coordenadores(as)

Danielle de Farias Tavares Ferreira (UFPE)

Rosana Meira Lima de Souza (UFPE)

Antônio Carlos de Oliveira Dias (URCA)

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**A HISTÓRIA DO DIREITO E AS CATEGORIAS GÊNERO, CLASSE E RAÇA:
INTEGRANDO TENSÕES, CONFLITOS E DISPUTAS**

Amanda Oliveira de Sousa³⁷⁶
Diana Melissa Ferreira Alves Diniz³⁷⁷

RESUMO

Objetiva-se demarcar a importância de que a produção historiográfica no Direito não caminhe desatada das categorias gênero, raça e classe. Trata-se de uma pesquisa jurídico sociológica e bibliográfica. Discute-se a indispensabilidade de que a investigação histórica de fenômenos atravesse a multiplicidade de opressões que definem as experiências dos sujeitos. Realça-se a necessidade de que a História do Direito seja produzida integrando tal perspectiva. Essa abordagem permite descortinar narrativas e sujeitos universais e firmar diálogos entre presente e passado.

Palavras-chave: História do Direito; conflitos sociais; gênero; raça; classe.

376 Mestranda em Direito pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Especialista em Direito Constitucional (URCA); oliveiraamanda482@gmail.com

377 Mestranda em Direito pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Especialista em Direito Penal e Criminologia (URCA). dinizmelissa_prof@outlook.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

Partindo da verificação da importância de que a investigação de fenômenos sob um prisma histórico inclua a multiplicidade de opressões que delimitam as vivências dos sujeitos alvo de análise, objetiva o presente estudo, desde uma focalização do campo jurídico, dimensionar essa importância dentro das pesquisas realizadas pela História do Direito. Pretende-se demonstrar que é indispensável a esse locus de produção do conhecimento a incorporação da imbricação entre as categorias gênero, raça e classe.

METODOLOGIA

O estudo, de natureza exploratória e de cunho jurídico sociológico, preocupou-se em levantar, através de uma pesquisa bibliográfica interdisciplinar, a literatura pertinente sobre o tema, promovendo o encontro do referencial teórico de autoras/es que discorrem sobre a história das mulheres, das relações de gênero e sobre interseccionalidade com o de autores/as da área da História do Direito.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Trabalhando com os diversos aspectos que contornam a recuperação da memória feminina e a historicização das relações de gênero, Scott (1995) e Perrot (1989) chamaram atenção para o fato que a história foi tradicionalmente produzida em torno do referencial de um ser humano masculino e homogêneo e que situar a presença de mulheres na história bem como questionar de que forma e por qual razão hierarquias de gênero foram e são construídas ao longo do tempo é uma tarefa urgente e que demanda atenção.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Para além dessa problematização, no entanto, cabe ressaltar que, mais do que falar na quebra do mito de um sujeito histórico masculino, é importante que essa lente de observação também integre a diversidade das experiências femininas, conforme posições de raça, classe, orientação sexual, etnia e outros marcadores, assim como sugere a leitura de Gonzalez (1984), Davis (2016) e Akotirene (2019).

A partir desses pressupostos, torna-se imperioso compreender que, na medida em que a História do Direito deve ultrapassar a pura descrição da gênese de fenômenos jurídicos e de textos normativos para envolver as tensões, conflitos e efeitos correlatos a esses fenômenos (HESPANHA, 2011; SUANZES-CARPEGNA, 2007), não há como conseguir alcançar esse objetivo inteiramente sem a devida imersão na pluralidade das identidades dos sujeitos que são incluídos e excluídos nesses processos.

É a partir daí que se observa que a História do Direito, assim como qualquer outro campo, não pode se furtar de incorporar os conflitos de gênero e as suas devidas intersecções com as categorias raça e classe. De posse desse olhar, ao investigar fenômenos jurídicos, pode-se questionar, dentre outras coisas: quais mecanismo de dominação e continuidade se expressam através de normas jurídicas? Como as mulheres têm seus direitos incorporados em legislações ao longo da história? A população feminina, negra e periférica esteve presente no processo de elaboração de leis e Constituições? Se esteve, em que medida seus interesses foram representados? E, se não esteve, a quem interessava essa ausência?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo, demonstrou-se que a invisibilização da mulher enquanto sujeito histórico exige que a complexidade das vivências femininas seja levada em conta nos estudos acadêmico-científicos sobre o tema. Para a História do Direito, essa percepção é indispensável para que se possa averiguar como a relação ente gênero, raça e classe interage com os processos de elaboração, interpretação e aplicação de normas. Trata-se, portanto, de uma

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

abordagem que precisa ser integrada ao universo jurídico, a fim de desconstruir narrativas neutras e promover conexões entre o ontem e o hoje.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, [s.l.], p. 223-244, 1984.

HESPANHA, Antonio Manuel. Questões de etiqueta jurídica: se, como e por que a história constitucional é uma história jurídica. *In*: CARVALHO, José Murilo de; CAMPOS, Adriana Pereira (Org.). **Perspectivas da cidadania no Brasil Império**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista brasileira de história**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Justificando, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99 jul./dez. 1995.

SUANZES-CARPEGNA, Joaquín Varela. Algunas reflexiones metodológicas sobre la Historia Constitucional. **Historia Constitucional**, [s.l.], n. 8, p. 245-259, 2007.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E O ESTEREÓTIPO DA MULHER NEGRA “QUE TUDO SUPORTA”

Natália Viana Nogueira³⁷⁸
Luysa Gabrielly Araújo Morais³⁷⁹
Janice Alves Trajano³⁸⁰

RESUMO

Violência obstétrica consiste na atuação desrespeitosa e danosa dos profissionais e instituições de saúde para com a mulher. Vítima que tem sua gravidez e principalmente seu processo de parturição interferido, gerando uma série de traumas e danos irreparáveis. Toda essa hostilização do corpo da mulher e do parto se demonstra ainda mais intensa quando se tem como vítima a mulher negra. O estereótipo construído a partir de uma herança racista perpetua a visão de que elas devem ser sucessíveis a qualquer dor sem qualquer questionamento.

Palavras-chave: violência obstétrica; mulher negra; racismo estrutural.

378 Bacharela em Direito pelo Centro Universitário Paraíso – UniFAP, pós-graduanda em docência do ensino superior. nataliavianaadv@gmail.com

379 Acadêmica de Medicina pelo Faculdade Integrada de Patos – UNIP. luysaaa@gmail.com

380 Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal do Cariri – URCA, e Professora da URCA. janicetrajano@live.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

Diz-se que violência obstétrica é a violência praticada contra a figura da mulher em âmbitos hospitalares no momento do parto (PULHEZ, 2013). Tal conceito não engloba todos os momentos e formas de violação e não delimita todos os ambientes possíveis de sua ocorrência. Todavia, tem-se tais parâmetros como iniciais em decorrência da ainda pouca produção científica sobre o tema.

Também define-se violência obstétrica como violência psicológica caracterizada por ironias, ameaças e coerções, e a violência física, por meio da manipulação e exposição desnecessária do corpo da mulher no momento do parto (WOLFF; WALDOW, 2008).

Ocorre não só no ambiente hospitalar e é praticada não apenas por profissionais da saúde. A situação toma maiores proporções no que diz respeito às mulheres negras, ante o discurso que elas são mulheres fortes e por isso tudo devem suportar sem hesitar (RAMOS, 2020).

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa revisional bibliográfica a partir de análise documental, textual e legislativa. Realizou-se o estudo da violência obstétrica em linhas gerais e especificamente no tocante às mulheres negras. Por fim, analisou-se a legislação a fim de verificar se existem previsões que cuidem de seu enfrentamento.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL

O Brasil é um dos países com maiores índices de violência obstétrica. O Poder Público pouco se debruça a respeito do problema. Não existe legislação específica em âmbito Federal. Alguns Estados e Municípios desenvolveram noções iniciais, mas insuficiente para enfrentar de modo direto tais práticas. A omissão permite a construção da ideia de que as violências sofridas no momento do parto são inerentes ao ato de engravidar.

A Lei do Acompanhante, apesar de não dispor de modo direto sobre o tema, causa efeitos reflexos no enfrentamento de tais violações pois, ao permitir que um acompanhante permaneça com a mulher durante o parto, certas práticas abusivas são questionadas.

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E A MULHER NEGRA

Aqui, o cenário se mostra ainda mais dramático. As raízes escravocratas recaem também no momento do parto. O estereótipo da mulher negra como capaz de suportar qualquer dor é rotineiramente afirmada no processo gestacional (JANSEN, 2019).

Tem-se aí manifestação do racismo estrutural e institucionalizado (ALMEIDA, 2019), pois a própria formação do profissional de saúde se dá sem inclusão do trabalho e desenvolvimento das práticas da saúde a partir do corpo da mulher negra.

O racismo ocorre também na prática da episiotomia (incisão efetuada na região do períneo para ampliar o canal de parto), sendo que mulheres negras sofrem menos esse tipo de corte em comparação às mulheres brancas, mas, quando sofrem, não recebem anestesia ou processo para amenizar os impactos e a dor (FLAESCHEN, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

A criação de políticas públicas que informem sobre esse tipo de violência é indispensável. Além disso, as políticas públicas devem trazer previsões e ações específicas destinadas às mulheres pretas, que são ainda mais vulneráveis em matéria de saúde como um todo.

Entretanto, a temática não é pauta de discussão no Governo Federal. Apenas alguns poucos Estados e Municípios tratam sobre o tema em suas legislações, ainda que de forma bem incipiente.

A formação acadêmica racista reflete na atuação do profissional. Por isso a formação dos profissionais é ponto transformador. Os corpos negros devem integrar a dinâmica de estudo, devendo-se entender a humanidade desses corpos como qualquer outro digno de respeito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

FLAESCHEN, Hara. **Mulheres negras sofrem mais violência obstétrica**. 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/8m-mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-obstetrica/45463/>. Acesso em: 29 set. 2020.

JANSEN, Mariana. **Violência Obstétrica: Por que devemos falar sobre?** 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/violencia-obstetrica/>. Acesso em: 28 set. 2020.

PULHEZ, Mariana Marques. **A “violência obstétrica” e as disputas em torno dos direitos sexuais e reprodutivos**. Seminário Internacional Fazendo Gênero, n. 10, Florianópolis, 2013.

RAMOS, Raphaela. **Racismo obstétrico: violência na gestação, parto e puerpério atinge mulheres negras de forma particular**. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/racismo-obstetrico-violencia-na-gestacao-parto-e-puerperio-atinge-mulheres-negras-de-forma-particular/>. Acesso em: 27 set. 2020.

WOLFF, Leila Regina and WALDOW, Vera Regina. **Violência consentida: mulheres em trabalho de parto e parto**. Saude soc. 2008, vol.17, n.3, p.138-151.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONTRASTE E COVID-19: AS IMPLICAÇÕES DA DESIGUALDADE NA SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA

Marcelo Soares Mota³⁸¹
Mikaely Pinheiro do Nascimento³⁸²
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho³⁸³

RESUMO

O hodierno estudo visa escrutinar os efeitos do COVID-19 na população negra, perfazendo pela análise do perfil social no âmbito brasileiro dos indivíduos acometidos pelo vírus e, por conseguinte, no mapa socioeconômico do número de mortos. A saúde pública, na perceptiva ampla, tende a ser mais precária nos setores mais pobres da população, suscitados por estratégias governamentais ínfimas ou até mesmo inexistente. Ademais, as pessoas que vivem em linha de pobreza e que não tem acesso ao saneamento básico e, portanto, aos direitos acentuados na Seguridade Social, são nítidos na população negra. Os métodos trabalhados nessa pesquisa, o método de abordagem será o dedutivo, o de procedimento será o histórico e o de pesquisa enfatiza primordialmente o bibliográfico. Por fim, a pesquisa salienta que o número de infectado e vítimas são negros.

Palavras-chave: Coronavírus, Desigualdade, Negro.

INTRODUÇÃO

Março de 2020, a primeira morte no Rio de Janeiro do COVID-19 é anunciada, tratava-se de uma senhora doméstica e preta. Os acontecimentos do coronavírus tornaram-se

381 Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: marcelosoaresmota1@gmail.com

382 Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: miikalmikaely@gmail.com

383 Professor de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: djamiro.acipreste@urca.br

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

desde o momento uma alavancá epidemiológica que inferi em todos, mas apenas algumas parcelas da sociedade sente o efeito letal e progressivo do vírus: a população negra e pobre.

As assimetrias do deficit sanitário acarreta disparidades nos contextos sociais que estão atrelados as condições econômicas, territoriais e raciais. A saúde pública, na perceptiva ampla, tende a ser mais precária nos setores mais pobres da população, suscitados por estratégias governamentais ínfimas ou até mesmo inexistente. Ademais, as pessoas que vivem em linha de pobreza e que não tem acesso ao saneamento básico e, portanto, aos direitos acentuados na Seguridade Social, são nítidos na população negra.

Portanto, findando no perfil das maiores vítimas do COVID-19 não apenas no impacto nas periferias brasileiras, mais também sobre a população quilombola, pessoas em situações de rua e a população privada de liberdade. O estudo, desse modo, tem como intuito analisar os efeitos do COVID-19 na população negra, perfazendo pela análise do perfil social no âmbito brasileiro dos indivíduos acometidos pelo vírus na relação com o mapa socioeconômico do número de mortos.

METODOLOGIA

Em relação aos métodos trabalhados nessa pesquisa, o método de abordagem será o dedutivo, salientando os feitos do COVID-19 na população negra do Brasil. O método de procedimento será utilizado primordialmente o histórico, visando enfatizar o processo de desigualdade atrelado ao aspecto racial. Ademais, em relação ao método de pesquisa, será enfatizado o bibliográfico, principalmente com os estudos de obras e artigos já publicados e pesquisas referentes ao COVID-19.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

DISCUSSÃO

Dados dos Sistema Único de Saúde (SUS), salienta. que até julho de 2020, o número de pardos e pretos mortos em virtude do coronavírus chegou a aproximadamente 60%, uma porcentagem alarmante que dependendo da região ainda pode ser maior. Desse modo, a região norte do país é a que concentra a maior porcentagem de vítimas pardas e pretas, extrapolando a porcentagem de 80%.

Outrossim, os menores dados encontram-se na região sul, concentrando apenas 11,8% do número de vítimas. Porcentagem equivalente ao número de habitantes considerados pretos ou pardos nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016. Nesse diapasão, a inferência dos dados salientam uma relação entre o número de infectados e a racial.

A perspectiva adentra também no meandro socioeconômico, conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) a letalidade do COVID-19 no Rio de Janeiro é maior nos bairros mais pobres, mesmo que o início do contágio tenha começado nas regiões mais ricas. Destarte, até o hodierno momento da pesquisa, não há dados da real extensão da letalidade nas populações em linha de pobreza na perspectiva geral, apenas em algumas regiões do país.

O local permeado pelas populações consideradas marginalizadas sob o aspecto de minorias pouco detentoras de poder, foi estruturado em relação aos fatores históricos. Ademais, o racismo estrutural adentra nesse momento ao enfatizar que a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece o racismo como um dos fatores sociais determinantes do processo de adoecimento e morte.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONCLUSÃO

Por fim, a pesquisa e os dados salientam que o número de infectados e vítimas fatais do COVID-19 são em maioria na população negra. Destarte, os efeitos da pandemia salientam que os dados infelizmente ainda serão progressivos. Apenas quando a pandemia acabar é que será efetivamente finalizado os dados em torno das vítimas pretos e pobres. Destarte, conforme salientado anteriormente, o processo de mortes parte de uma ineficácia estatal prolongada durante séculos em uma perpetuidade da desigualdade social e de uma incapacidade de combate efetivamente.

A pandemia demonstra que é primordial o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), em uma promoção integral da Saúde da População Negra. Destarte, a presença efetiva do Estado como garantidor e, portanto, como estruturador de uma qualidade de vida enfatizada no mínimo existencial é urgente. A manutenção de um padrão calcado no genocídio negro tomou contornos alarmantes que até o hodierno momento está sendo produzidas ínfimas atitudes de correção.

REFERÊNCIAS

CONEN – Coordenação Nacional de Entidades Negras. COVID-19: salvar vidas e garantir direitos da população negra. 2020, (mimeog).

INESC. Brasil com baixa imunidade. Balanço do Orçamento Geral da União 2019. 2020, p. 136. Disponível em <https://www.inesc.org.br/obrasilcombaixaimunidade/>.

MARTINS, Pedro. **População negra e COVID-19: desigualdades sociais e raciais ainda mais expostas**. Abrasco, 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/sistemas-de-saude/populacao-negra-e-COVID--19-desigualdades-sociais-e-raciais-ainda-mais-expostas/46338/>. Acesso em 02/05/2020.

MARIANO, Cynara Monteiro. Emenda constitucional 95/2016 e o teto dos gastos públicos:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Brasil de volta ao estado de exceção econômico e ao capitalismo do desastre. Revista de Investigações Constitucionais, v. 4, n. 1, p. 259-281, jan.- abr. 2017, Curitiba. Acesso em 28/03/2020.

MBEMBE, Achille. Temáticas. Necropolítica: biopoder, soberania, Estado de exceção, política da morte. **Arte & Ensaio**. Revista do PPGAV/EBA/ UFRJ, n. 32, dez, 2016, p. 123-151.

NITAHARA, Akemi. **Negros são maioria entre desocupados e trabalhadores informais no país**. Levantamento do IBGE reúne dados de diversas pesquisas. Rio de Janeiro: Agência Brasil, 2019. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/negros-sao-maioria-entre-desocupados-e-trabalhadores-informais-no-pais>. Acesso em 02/05/2020.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**DITADURA MILITAR E GÊNERO: O CARÁTER PARTICULAR DAS VIOLAÇÕES
SOFRIDAS POR MULHERES NO REGIME DE EXCEÇÃO BRASILEIRO**

Amanda Oliveira de Sousa³⁸⁴

RESUMO

Este estudo analisa as especificidades das violações sofridas por mulheres durante a Ditadura Militar. Trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica. Verifica-se o caráter particular dessas opressões, mostrando como sexismo e racismo eram apropriados por mecanismos de tortura. Debate-se o silenciamento que essas questões enfrentaram após a transição política e se discute como os padrões violentos desse passado recente se atualizaram no tempo. Confronta-se, com isso, a ideia de uma vítima universal da Ditadura e se revela que os padrões de repressão desse período ainda deixam lastros.

Palavras-chave: Ditadura Militar; repressão política; gênero.

384 Mestranda em Direito pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Especialista em Direito Constitucional (URCA); oliveiraamanda482@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

INTRODUÇÃO

Seguindo uma perspectiva interseccional, este trabalho analisa as especificidades das violações sofridas por mulheres durante a Ditadura Militar (1964-1985), essencialmente das militantes políticas que se envolveram com movimentos de oposição ao regime. Busca-se demonstrar que esse caráter particular possui como elemento característico uma violência de gênero que encobria os atos de tortura direcionados a mulheres, contornando uma perseguição ditatorial de recorte distinto.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado através do diálogo entre fontes bibliográficas e documentais, que além de possibilitarem a compilação da literatura pertinente ao tema, permitiram a extração e análise de depoimentos de militantes políticas torturadas. Dá-se ênfase, quanto a esse último aspecto, ao Relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), publicado em 2014, de onde alguns relatos foram destacados.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Em primeiro lugar, foi possível constatar a nítida conexão entre a participação política feminina em movimentos de oposição ao regime e a verificação de distintas experiências de perseguição, prisão ou morte, a depender do lugar ocupado por homens e mulheres nas hierarquias de gênero. Esse elo foi evidenciado em pesquisas como as de Teles (2014) e Colling (2015), mas também por relatos de presas políticas, presentes no relatório da CNV e em obras sobre o assunto.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

O relato de Isabel Fávero, presente no relatório, é um exemplo: “porque ser mulher e militante é um karma, a gente além de ser torturada física e psicologicamente, a mulher é vadia” (BRASIL, 2014, p. 400). E o de Maria Diva de Faria mostra que as vivências femininas também eram diferentes entre si, à medida que o gênero se encontrava com outros eixos de subordinação. A militante era alvo de torturas ao som de xingamentos como ““Ô negra feia. Isso aí devia estar é no fogão” (MERLINO; OJEDA, 2010, p. 57). Sugere-se o racismo como mais um elemento potencializador da violência sofrida por mulheres presas políticas. Não havia homogeneidade da perseguição quanto ao gênero e tampouco entre as mulheres.

Em que pese essa notória natureza diferenciada – e intensificada - das violações sofridas por mulheres, no período pós-ditadura houve uma expressiva dificuldade em visibilizá-las. O reconhecimento oficial da violência de gênero que encobriu os atos de perseguição só veio no relatório da CNV e ainda com lacunas. O relatório, em seu capítulo 10, não se aprofunda nas identidades das vítimas e não adota uma perspectiva interseccional na análise dos depoimentos, reforçando a falsa impressão de uma violência homogênea (BRASIL, 2014; CARVALHO, 2016; DUQUE, 2018).

Essas deficiências obstaculizam, dentre outros, a compreensão de que há paralelos entre a violência ditatorial desse período e a que persiste até hoje na vida de mulheres, inclusive das que atuam no âmbito político. Ambas têm base em uma violência de gênero estrutural enraizada na sociedade (ROESLER; SENRA, 2013) e são intensificadas de acordo com raça, classe, etnia, orientação sexual e outros elementos. Marielle Franco e as outras tantas “Marielles” que vivem no Brasil fornecem exemplos de que a violência contra mulheres no domínio público ainda persiste, até mesmo em sua face letal.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das observações e dos relatos apresentados, este estudo permitiu contestar uma falsa neutralidade que ainda permeia discussões sobre as perseguições políticas ocorridas durante a Ditadura. Ao assumirem posições de resistência política, mulheres sofreram uma violência ditatorial específica e variável a partir da presença outros marcadores além do gênero. Os padrões de violência de gênero desse período ainda deixam lastros no presente, mostrando que o debate sobre Ditadura e gênero não se encerrou em 1985.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório final, volume I**. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_1_digital.pdf. Acesso em: 05 jan. 2020.
- CARVALHO, Claudia Paiva. **Crimes sexuais e Justiça de Transição na América Latina: judicialização e arquivos**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2016.
- COLLING, Ana Maria. 50 anos da Ditadura no Brasil: questões feministas e de gênero. **OPSIS**, [s.l], v. 15, n. 2, p. 370-383, 2015.
- DUQUE, Ana Paula Del Vieira. **Gênero e Justiça de Transição no Brasil: a construção da figura da “vítima” no relatório final da Comissão Nacional da Verdade**. 2018. 136f.
- MELINDO, Tatiana; OJEDO, Igor (org..). **Direito à memória e à verdade: Luta, substantivo feminino**. São Paulo: Caros Amigos, 2010.
- ROESLER, Cláudia Rosane; SENRA, Laura Carneiro de Mello. Gênero e Justiça de Transição no Brasil. **Revista Jurídica da Presidência**, v. 15, n. 105, p. 35-67, fev./mar. 2013.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. O protagonismo de mulheres na luta contra a Ditadura Militar. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 2, n. 1, p. 9-18, jun. 2014.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

**ESCRavidÃO: O PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NA RESISTÊNCIA
FRENTE A ESTRUTURA SÓCIO JURÍDICA BRASILEIRA**

Francisca Alessandra da Silva Soares³⁸⁵
Camila Paula Pereira de Lima³⁸⁶

RESUMO

A violência racial é fato no Brasil desde o período colonial, agravando-se ao se tratar da mulher negra escravizada, posto que sofria violência dupla em razão de raça e gênero. O presente trabalho, por meio de uma abordagem qualitativa e revisão bibliográfica, trata das principais formas de resistência dessas mulheres contra as normas sociais e de direito, legitimadoras de tais práticas. Concluiu-se que as mulheres negras escravizadas resistiram por inúmeros meios e foram protagonistas na luta para sua emancipação, mesmo com um amparo jurídico à violência a qual eram submetidas.

Palavras-chave: Violência; Negras Escravizadas; Sistema Jurídico; Resistência.

385 Aluna de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA e membro do GEDHUF.
alefigueredo48@gmail.com. Orientador: Cristóvão Teixeira Rodrigues Silva. Professor do curso de Direito da URCA. Mestre em Ciências Jurídicas pela UFPB. Membro do GEDHUF. cristovao.teixeira@urca.br

386 Aluna de Direito da Universidade Regional do Cariri – URCA e membro do GEDHUF.
camilapereiralima16@gmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

INTRODUÇÃO

A escravidão no Brasil constituiu-se como um período de extrema exploração das pessoas traficadas da África, agravando-se ao se tratar da mulher negra escravizada, visto que esta foi submetida às múltiplas violências decorrentes tanto da questão racial, como também em razão de seu gênero. Este trabalho busca compreender a importância da luta e resistência das mulheres negras contra a escravidão e a estrutura sociojurídica brasileira, em busca de sua emancipação e igualdade de direitos. Buscou-se estabelecer uma compreensão de como se deu a resistência das negras escravizadas frente a dupla violência que sofriam, analisando qual foi o papel do sistema jurídico nesse processo.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi produzido por meio de uma abordagem dedutiva, pois parte-se da ideia de que as mulheres negras escravizadas sofriam dupla violência, em razão da raça e do gênero. Utiliza-se da pesquisa bibliográfica, buscando na literatura especializada produções referentes à mulher negra no período da escravidão do Brasil que discuta os conceitos de escravidão, protagonismo negro e resistência feminina, as quais servem para confirmar ou refutar a assertiva inicial da qual a pesquisa parte.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Além de submetidas ao trabalho forçado e aos castigos como os demais escravizados, as mulheres negras escravizadas sofriam ainda com abusos e violências que lhes eram infligidas em razão de seu gênero, dentre os quais abusos sexuais, a prostituição, violação à

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

maternidade e à preservação da família negra. Apesar de vivenciarem inúmeras crueldades, as mulheres negras buscavam por vários meios resistirem às opressões advindas da escravidão.

Conforme Marcelo Paixão e Flávio Gomes (2008, p. 951), uma das principais formas de preservarem sua família era a ameaça de cometerem infanticídio e suicídio em caso de vendas e transferências de seus filhos para outras províncias, uma vez que a sociedade via a mulher escravizada, dentre muitas funções, como uma reprodutora de mão de obra escrava, com isso os senhores temiam o prejuízo que teriam caso essas ameaças fossem executadas.

Segundo Valdenice Raimundo (2018, p. 81), estas mulheres encontraram no aborto outra forma de resistirem à violência da escravidão, evitando assim que seus filhos tivessem que viver a mesma exploração. Ademais não tinham poder algum sobre o seu próprio corpo e os senhores poderiam utilizar de suas escravizadas como melhor lhe fosse conveniente, sendo amparados pelas decisões judiciais da ordem jurídica brasileira. De acordo com Eunice Aparecida de Jesus Prudente (1988, p. 137):

(..) a interpretação dada no artigo 179 da Constituição Imperial era drástica. Este dispositivo assegurava os direitos individuais: vida, liberdade, segurança e também o direito à propriedade. Pois bem, justamente esta norma constitucional/liberal foi evocada perante o Tribunal Superior de Justiça, e em defesa de proprietários, que utilizavam suas escravas no meretrício. E, aquela Suprema Corte acolheu o "rufianismo" permitindo ao proprietário o livre uso de seus bens/escravos.

O interesse econômico dos senhores sempre prevalecia e esses poderiam exercer seu direito de propriedade de forma plena sobre essas mulheres. Por meio de uma resistência baseada, muitas vezes, nas brechas das relações sociais, as negras que trabalhavam na casa grande auxiliavam os demais escravizados nas fugas. O acesso à casa grande permitia colher informações e espionar os passos de seus senhores usando isso a seu favor e evitando que as vendas e transferências de criados indesejadas, viesse a ocorrer (PAIXÃO; GOMES, 2008, p. 951). Visto isso, a luta dessas mulheres contribuiu não só para sua emancipação, como também para o processo de libertação da comunidade negra como um todo.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a ordem jurídica, além da sociedade escravocrata, foi legitimadora dos abusos e violências sofridos pelas mulheres escravizadas. No entanto, essas mulheres não foram passivas frente à tamanha exploração, resistindo sempre por diversos meios que estavam ao seu alcance. Dessa forma, apesar dessa histórica violência racial, as mulheres negras sempre foram e são protagonistas na luta para sua emancipação e igualdade de direitos.

REFERÊNCIAS

PAIXÃO, M.; GOMES, F. Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 949-964, set./dez. 2008.

PRUDENTE, E. A. DE J. O negro na ordem jurídica brasileira. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, v. 83, p. 135-149, jan. 1988.

RAIMUNDO, Valdenice José. Resistência: O Caminho para o Enfrentamento às Diversas Formas de Violência que Impactaram a Vida das Mulheres Negras. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**, n. 243, p. 75-90, 2018.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

FONTES DE INFORMAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Alison Evangelista Duarte Sipaubá³⁸⁷

RESUMO

Este artigo aborda fontes de alguns teóricos acerca de grupos étnicos e raciais presentes em nosso território, a serem explorados e mais cultivados na educação básica, proporcionando um ensino e aprendizagem ainda mais qualitativo a respeito das relações étnico-raciais. Intelectuais que se dedicaram na luta pelos direitos e importância desses coletivos em nossa formação sócio-histórica-cultural. A discussão teórica baseou-se nas obras: O povo brasileiro, 1995, Pequeno manual antirracista, 2019, Outros sujeitos, outras pedagogias, 2014 e A integração do negro na sociedade de classes, 1964. Por fim, educar dentro e fora dos espaços escolares, autores e livros a respeito de grupos sociais, é um dos modos para cultivar a luta contra o preconceito e discriminação de povos considerados inferiores no Brasil.

Palavras-chave: cultura, educação, resistência, direitos.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que é a escola é uma das instituições, se não a principal para a formação do sujeito junto com o ciclo familiar, e a educação básica tem a sua parcela de contribuição na construção moral, intelectual e social da sociedade. Concebemos que a partir da criação dos

387 Universidade Federal do Cariri (UFCA). prof.alissond.filosofia@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

projetos de lei nº10. 639/2003 em que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e lei nº11. 645/2008 que acrescentar e submeter o ensino da história e cultura indígena, vem tendo um maior respeito aos grupos étnicos e sociais em nosso país, isso mostra que a educação pode mudar pessoas e que o conhecimento é essencial para nossas formações e ideologias, e a educação básica que segundo a LDB, em seu artigo 21 apresenta em três etapas: a educação infantil que compreende a creche a pré-escola, fundamental que são os anos iniciais e finais e ensino médio, é onde é cultivado nas crianças, jovens e adultos, práticas pedagógicas e saberes a respeito da nossa formação socio, histórico e cultural e de étnicas e povos que tem a sua contribuição em nossa construção que é os nativos, os africanos, europeus, asiáticos entre outros. Em referência a Edson Silva (2014), a lei nº 11.645/2008 faz parte,

De um conjunto de mudanças provocadas pelas mobilizações da chamada sociedade civil, os movimentos sociais. São conquistas pelo reconhecimento legal dos direitos específicos e diferenciados em anos recentes, quando observamos a organização sociopolítica no Brasil. Nas últimas décadas, portanto, em diversos cenários políticos, os movimentos sociais com diferentes atores Colonialidade e decolonialidade no ensino da História e Cultura Indígena conquistaram e ocuparam seus espaços reivindicando o reconhecimento e o respeito à sociodiversidade. (SILVA, 2014, p. 21-22).

Entendemos que as leis citadas e a lei que regulamenta o sistema educacional do Brasil e a da educação básica, lei de nº 9.394/1996, trouxeram uma outra visão e respeito a esses e tantos outros povos que foram, no decorrer da história da humanidade, considerados inferiores, hoje vemos esses grupos são representados em nossa sociedade, como vemos nas universidades, em cargos públicos e nas mídias, mesmo ainda sendo minoria e sofrendo preconceitos. Esses pequenos avanços são muito referentes a essa valorização que é dada no contexto educacional, e a escola pode como dever explorar ainda mais a partir do ensino e metodologias, práticas pedagógicas que favoreça o respeito as diversas coletividades que

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

contribuíram para nossa cultura, história e formação social, e as lutar constantemente contra qualquer tipo de preconceito e discriminação.

A partir da atenção dada aos diversos coletivos sociais na educação básica, muito(a)s autore(a)s ainda não são muito contextualizado(a)s na educação básica, e levar a pesquisa, o estudo de pensadores e pensadoras que relatam sobre os grupos étnico-raciais presentes em no Brasil é uma forma de valorizar ainda mais esses povos, a cultura, a identidade do povo brasileiro. Levar para a educação básica, estudiosos que contextualizam a realidade e as diversas lutas dessas numerosas coletividades é uma forma de prezar ainda mais essas massas que foram e ainda são desvalorizadas em nossa sociedade. Dinamizar o respeito, a igualdade entre todos os a gentes sociais e a diversidade cultural é papel da escola, da família e da sociedade no geral, e proporcionar para estudantes da educação básica dentro e fora da escola um ensino e aprendizagem que cultive o respeito aos grupos sociais é dever de todos, é lei.

Para o desenvolvimento do trabalho o debater de ideias baseou-se em intelectuais como Djamila Ribeiro, Florestan Fernandes, Darci Ribeiro, Miguel Arroyo, Paulo Freire entre outros mestres do saber, pesquisadores que são contextualizados no ensino superior, nos programas de pós-graduações, mas que na educação básica são poucos que são comentados e estudados, sendo personagens que tem grandes contribuições para uma educação das relações étnico-raciais, de grupos ainda hoje vistos como inferiores, por povos que aqui chegaram se considerando superiores. Proporcionar um ensino e aprendizagem que favoreça o cultivo de competências e habilidades que são fundamentais para os estudantes da educação básica sobre todas os coletivos presentes em nosso país de dimensões continental é uma maneira para cultivar e respeitar esses sujeitos, para quebrar as barreiras do desconhecimento que muitas vezes leva ao preconceito e discriminação a respeito desses coletivos. É mais uma prática para formarmos estudantes, conhecedores de nossa formação socio-histórico-cultural e que respeite toda e qualquer diversidade presente em nosso país e no mundo.

A primeira fase dessa proposta de trabalhar as fontes de informação/estudos sobre a educação étnico-racial na educação básica, foi realizada a partir dos planejamentos da área de

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

ciências humanas da E.E.M. Patativa do Assaré, localizado na zona rural de Assaré, no início do ano letivo de 2019, com leituras e estudos a respeito de alguns autores citados no trabalho, presencialmente e pelas plataformas digitais, onde foi priorizado em potencializar o intercâmbio de saberes e a troca de experiências, entre professores, discentes e toda comunidade escolar, onde valoriza ainda mais a abordagem interdisciplinar, o uso de múltiplos dados e a diversidade teórica e metodológica. Na pesquisa bibliográfica, foi realizado um levantamento de artigos, teses, dissertações, autores, livros e pesquisas que tratassem sobre a educação étnico-racial e os grupos sociais presentes em nossa região e país.

No segundo momento os estudos se concentraram na prática, em como realizar práticas pedagógicas de autores que relatam e defendem as questões e as relações étnico-raciais em nosso país com o público da educação básica. Apesar que no primeiro ano o foco maior foi no ensino médio, a proposta da pesquisa é focar toda a educação básica. Nessa fase foi pensado em quais conteúdos e disciplinas poderiam ser apresentados esses aprendizados e quais as datas e eventos que poderiam ser explorados na escola acerca das relações étnico-raciais e outros assuntos afins.

Na última fase do primeiro ano do projeto foi analisado todo o desenvolvimento, os objetivos e resultados, onde muitas questões positivas foram apontadas, mas, muito pode ser feito e refeito para qualificações ainda maiores no processo de ensino e aprendizagem de todos. Como consequência dos estudos teóricos dos professores e das práticas pedagógicas propostas pelos mesmos, a partir das ações, eventos, aulas e rodas de conversas e planejamentos, contemplese que para o primeiro ano dessa proposta, os objetivos foram muito relevantes, tanto para os professores que estiveram à frente da proposta do programa como para os mestres das demais áreas do saber que dentro da realidade de cada disciplina, tiveram grandes contribuições, passando a referente proposta a ser trabalhada com uma interdisciplinaridade ainda maior com todo o corpo docente. Para os estudantes, os resultados foram extraordinários em relação as competências e aprendizagens que são exigidas aos discentes nas provas externas, mas os principais aprendizados visto por partes dos estudantes

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

em referências aos estudos foram as exposições e discussões a respeito dos teóricos e das obras exploradas.

Trabalhar essas fontes de informações entre tantas outras há no universo da pesquisa, que retrata sobre essas inúmeras massas sociais, culturas, raças e etnias é uma prática que vai contribuir para a valorização dessas coletividades que sempre sofreram em nossa história e que merecem ser mais cultivadas, valorizadas, respeitadas, exploradas no campo do saber e representadas em todo o conjunto social como vem sendo, mas de passos lentos.

CONTEXTUANDO OS GRUPOS POPULARES ÉTNICO-RACIAIS JUNTO COM SUAS FONTES DE LUTAS E RESISTÊNCIAS

“Seu pensar é outro construído a partir das múltiplas opressões e das consequências sociais, políticas e de suas lutas, reações e resistências”. Arroyo. 2014. Pág. 15. Um dos grandes personagens entre outros que logo serão expostos neste escrito e que tem algo muito incomum com os demais intelectuais é o espanhol e cientista social Miguel Arroyo, que a partir de seus estudos defende a respeito de uma educação social que a partir de questionamentos as políticas públicas. Arroyo mais do que defender uma instrução comum ele exige o respeito aos direitos, a dignidade e a resistência à segregação aos outros sujeitos históricos, sociais e culturais que foram e continuam sendo vítimas, os grupos diferentes, povos, etnias, raças, segregados como inferiores porque diferentes.

Em referência à alguns grupos étnicos e raciais, temos também várias outras representações de lutas e resistências a partir dos movimentos sociais, como os dos povos e comunidades tradicionais de ciganos, de pescadores artesanais, quilombolas, MTST (Movimento dos trabalhadores sem-teto e sem-terra) e MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Esses grupos populares ou coletivo sociais como Arroyo denomina, vem ao logo dos anos alcançando conquistas, respeito e direitos, mesmo sofrendo preconceito,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

violência, desprezo e discriminação de pessoas que negam em reconhecer os direitos desses povos que são diferentes, por tanto fazer e sofrer por esse país, por esta nação.

Reparamos que mesmo havendo muito desrespeito, explorações e preconceitos aos coletivos sociais, hoje eles têm uma representatividade significativa, nesse grande universo de grupos populares, de etnias e de diversidade, mas, além de serem representados, esses povos buscam é por respeito, direitos e igualdades em um mundo tão desigual, violento e desrespeitoso.

DE PIONEIROS ANTES DO SÉCULO XV, PARA GENOCÍDIO NOS SÉCULOS SEGUINTE ATÉ AO DESRESPEITO A SUA HISTÓRIA, FORMAÇÃO, E CULTURA DO SÉCULO XXI

Diversos são os coletivos sociais que podem e devem ser expostos, e vários desses grupos tem suas referências no campo científico, intelectual, de lutas e conquistas. Um dos seres que foram pensados como inferiores na formação e na história do Brasil, terra essa que que se fosse para ter um dono esse seriam eles, os povos nativos, os índios do Brasil.

A costa atlântica, ao longo de séculos e milênios, foi percorrida e ocupada por inúmeros povos nativos, divididos em dezenas de grupos tribais, que de acordo com alguns estudiosos como Darcy Ribeiro, somavam na Terra de Vera Cruz, mais ou menos 1 milhão de índio, e no decorrer de tantos séculos, nunca estabeleceram uma paz estável com o invasor europeu, português, sempre teve que lutar, sempre teve que resistir na terra em que eles, os povos nativos que são pioneiros, também são os verdadeiros donos pode assim dizer, das terras que após a invasão lusitana veio a se demonizar de Brasil.

Perante do enfrentamento dos mundos, os pioneiros do território brasileiro se viam com o espanto, a chegada daquela gente, feia, fedida e infectada, que poderiam ter inúmeras características como pacíficas, ferozes ou até mesmo, generosas. “É certo que, depois do banho e da comida, melhoraram de aspectos e de modos”. Ribeiro. 1995. Pág. 42. Não sabiam

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

os índios, que aquela chegada de reais povos estranhos seria o início de sofrimento, lutas, extermínio, exploração e escravidão da primeira matriz sócio, histórico e cultural do Brasil.

As conquistas e vitórias que o invasor europeu teve diante a humilde e inocência figura das sociedades tribais se deram principalmente pela condição evolutiva, mas que mesmo sendo inferiores nas batalhas por terras, dignidade, exploração, respeito e liberdade, os nativos defenderam e ainda defendem ao longo de uma longa história de lutas, sofrimentos, percas e genocídio da sua população, a sua história, cultura e seus territórios que é direito dos povos nativos, cabe a todos nós também fazer parte nessa luta, na defesa dos povos indígenas e de seus direitos.

Com relação aos povos nativos da América e do Brasil vários são os estudiosos, principalmente no campo da antropologia e sociologia que buscaram aprofundar suas pesquisas, estudos, conhecer, defender e lutar a respeito da causa indígena, como, o pai da antropologia norte americana Franz Boas que viveu em meados do século XIX e a primeira metade do século XX. Boas que se especializou nos estudos em línguas e cultura nativa, que conheceu de perto a realidade e cultura indígena é sem dúvidas a grande referência para tantos outros historiadores, sociólogos, antropólogos, etc.

O escritor, antropólogo político brasileiro Darcy Ribeiro é outra figura ilustre entre várias outros que poderia ser mencionada a respeito do estudo de grupos étnicos, como os nativos. Entre algumas das obras destaque deste antropólogo uma merece destaque, a obra clássica para compreender o sentido de ser brasileiro, da nossa formação sócio-histórico-cultural “O povo brasileiro”, sem dúvidas é um dos intelectuais que tem como foco os nativos brasileiros, a defesa proteção com os índios, que a partir de seus ideais também de identidade latino-americana influencia e influenciou vários outros estudiosos latino-americanos.

Considerado como insignificante e inferiores pelos invasores europeus, passando pela escravidão e genocídio os povos indígenas como defende Gilberto Freyre, Darci Ribeiro e tantos outros pensadores, os nativos junto com outros grupos étnicos formam o que hoje é a história, cultura e sociedade brasileira. Darcy Ribeiro no livro “O povo brasileiro” comenta

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

sobre os nativos brasileiros e os negros africanos, expõe uma clara compreensão da história vivida: “nessas lutas, índios foram dizimados e negros foram chacinados aos milhões, sempre vencidos e integrados nos plantéis de escravos”.1995. Pág. 25. No passado e presente as classes sociais, inclusive as dominantes em nosso país, guardam, diante da população negra e indignavam atitude de desprezo, como se o mulato, o nativo, o negro e os demais coletivos sociais fossem culpados pelas consequências históricas, como características de cada raça e etnia e não pela opressão e escravidão.

Cada indivíduo deve analisar e perceber o índio que existe dentro de cada um, começando pela nossa árvore genealógica, reconhecer a importância, as suas inúmeras lutas de ontem e de hoje, defender a resistência desse grupo e tantos outros que são considerados irrelevantes, isso é dever não somente das representatividades destes grupos, mas de todos nós, porque somos todos iguais na diferença.

REFLEXO DE UM PASSADO OBSCURO NA REALIDADE DE UM POVO QUE HOJE É MAIORIA EM UM PAÍS MISCIGENADA E QUE AINDA É PRESENTE AS HERANÇAS DO SEU PASSADO: O NEGRO ONTEM E HOJE NO BRASIL

Mais um grupo social que segundo Miguel Arroyo “pensou como objeto natural em seu estado de natureza, considerados pré-humanos e inferior”. Pág. 40. É a sociedade alto declarada parda ou negra em nosso país. A respeito desses personagens que como tantos outros grupos étnicos, tem sua relevância para nossa construção sócio-histórico-cultural, e mesmo assim vemos que só a partir de muito sangue derramado, de lutas e movimentos sociais é que aos poucos a população negra vem tendo uma maior representatividade e respeito, mesmo ainda sendo presente em nosso país e no mundo o racismo estrutural, o estereótipo negro e a discriminação com a população negra citação do resumo do antirracismo. “A distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres dos

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

ricos. A ela se soma, porém, a discriminação que pesa sobre negros, mulatos e índios, sobretudo os primeiros. Darcy. 1995. Pág. 219.

O contexto histórico, cultura e social da população negra e das diversas etnias e raças é extensa e nessa longa jornada de lutas, resistências, conquistas e esperança de dias melhores. Vário(a)s são intelectuais se aprofundaram por inúmeras questões referente ao negro no Brasil, temáticas como: a travessia pelo atlântico, exploração e o trabalho escravo no Brasil, a realidade vivida no Brasil pelos negros africanos, o processo de miscigenação os processos de abolição da escravatura, a realidade do negro pós lei áurea e nos dias atuais, são alguns tópicos de análise, pesquisa, luta de vários estudiosos pela causa do negro brasileiro. Entre esses personagens destacamos, o historiador Givaldo, os escritores Luiz Gama (1830-1882) e Machado de Assis (1839-1908), Castro Alves (1847-1871), José do Patrocínio (1854-1905), Cruz e Souza (1862-1898), Manuel Querino (1851-1923), Lima Barreto (1881-1929), Mario de Andrade (1893-1945) e os intelectuais Abdias do Nascimento (1914-2011) e Guerreiro Ramos 1915-1982.

Diante dessas e outras personalidades que se dedicaram em retratar a respeito da história, cultura, as lutas e conquistas do povo africano e da população negra de nosso país, neste pequeno escrito será destacado alguns temas relevantes a figura dos africanos e afro-brasileiros, e dois outros intelectuais que se dedicaram junto com os já mencionado aos seus estudos sobre as causas raciais, foram o antropólogo Florestam Fernandes, o poeta do negro brasileiro Castro Alves e a escritora e feminista Djamila Ribeiro.

“Os negros do Brasil foram trazidos principalmente da costa ocidental africana”. 1995. Pág 113. A figura da população negra em nosso país teve um papel crucial por sua presença como massa trabalhadora é junto com a população indígena, produziu quase tudo que aqui se fez, inclusive para a formação social do povo que veio a se denominar de povo brasileiro.

A filósofa de Santos- SP, Djamila Tais R. dos Santos, vem nos últimos anos ganhando destaque principalmente nos seus escritos a respeito da luta por uma sociedade antirracista e pela luta feminista no brasil, sem dúvidas a escritora se tornou uma das principais vozes no

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

combate ao racismo, por uma justiça racial em nosso país, e diante das ideias expostas em seus livros, nós podemos afirmar que com conhecimento e coragem a luta contra a discriminação deve ser prioridade de todo(a)s nós, e o seu exemplo e ativismo fez e faz com que muitos sigam a diante no combate ao antirracismo no Brasil, que nesta luta a educação é uma das chaves principais para a formação, para o diálogo e debate contra o a desigualdade racial.

Algumas de suas grandes documentações são: Quem tem medo do feminismo negro (2018), Lugar de fala (2017) e Pequeno manual antirracista (2019), sobre essa última obra, uma das questões importantes que a filosofia retrata é a respeito do reconhecimento dos privilégios da branquitude, inclusive na questão do gênero que na maioria são homens que estão nos espaços de poder, fator este construído a partir do processo da escravidão e as consequências da lei áurea 1888.

Outra provocação que cabe mencioná-la trazida pela pensadora é a respeito da internalização que temos sobre o racismo que muitas vezes nos mesmos falamos que não somos racistas, mas infelizmente guardamos práticas racistas por isso que é importante para nossa formação e cultivo percebermos o racismo que é internalizado em nós e que está presente na escola, no ciclo familiar, na comunidade e em toda a sociedade. Sobre essa questão Audre Lorde declama: “É necessário matar o opressor que há em nós e isso não é feito apenas se dizendo antirracista: é preciso fazer cobrança”. Pág.15.

O antirracismo é uma luta de todos e todas têm que se trabalhado, debatido e como Audrer Lorde revela “... é preciso fazer cobrança”. Pág.15. Devemos abolir toda e qualquer discriminação e opressão, muitos outros grupos sociais oprimidos compartilham experiências de discriminação a respeito deste tema Silvio Almeida conclui dizendo: citação do livro manual antirracista.

A respeito desse tema Grada Kilomba expressa: “O racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele”. 2019. pág.14. No mesmo enfrentamento por direitos sociais, raciais e de gênero, a filósofa norte-americana Ângela

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

Davis também é outra feminista, junto com Djamila Ribeiro, símbolos da luta pelos direitos da população negra e no tratamento igualitário entre os gêneros.

Nessa mesma linha de pensamento, o sociólogo e político brasileiro, Florestan Fernandes (1920-1995), tem grande relevância nos estudos sobre os povos nativos, entre eles os Tupinambás e a desigualdade social e racial e o mito da democracia racial no Brasil. Algumas de suas obras foram: *Organização social dos Tupinambá*, 1949; *A etnologia e a sociologia no Brasil*, 1958; *Mudanças sociais no Brasil*, 1960; *A integração do negro na sociedade de classes*, 1964; *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*, 1968 e *Significado do Protesto Negro*, 1989.

Diante das obras mencionadas acima, o sociólogo Florestan Fernandes traz como um dos temas fundamentais em seus estudos sociológicos, compreender a situação do negro na sociedade brasileira e principalmente após o momento da abolição da escravatura. Em um dos seus escritos, *A integração do negro na sociedade de classes* (1964).

Fernandes vai nos apresentar que os inúmeros problemas e fenômenos que a população negra enfrenta desde 1888 até os dias atuais são justamente por causa das consequências que a lei áurea trouxe para esse grupo social. Ele nos apresenta os inúmeros impasses passado pela sociedade negra no Brasil, como a população negra poderá participar da nova fase da realidade brasileira sendo que, até o momento, eles proibidos de condições sociais positivas? Como se integra em uma sociedade livre sendo que só experimentaram a escravidão? Essas são algumas reflexões centrais levantadas por Florestan e que marcaram a realidade do negro no início do século XX e que hoje, vemos os reflexos que são bem antes da lei áurea, da escravidão.

É nesse quesito em que Florestan dialoga com o escritor pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) e busca desconstruir a ideia de mito da democracia racial de Freyre, onde Florestan Fernandes colocará que não existe harmonia equilíbrio entre os grupos raciais, mas sim existe uma marginalização da população negra que é a base para as desigualdades raciais encontradas em nosso país hoje. Embora que o branco seja o empregado e pobre, é o negro

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

que acaba amargar componente da discriminação racial, característica essa causada tanto pelos fenômenos ocorridos após a lei áurea de 1888 como pela herança maldita da escravidão. Diante dos fenômenos ainda presentes com a população negra no Brasil, Darci Ribeiro relata: “Entretanto, a luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi, ainda é, a conquista de um lugar e de papel legítimo na sociedade nacional”. 1995. Pág. 220.

Portanto essa marginalização tem uma causa histórica, social e política, que não é culpa de ninguém que explica a realidade atual. A obra de Florestan Fernandes tem seus limites, contudo ela é de extrema importância para que possamos compreender os conflitos, contrastes e contradições existentes no Brasil pré e pós abolição.

Perante ao que foi contextualizado sobre alguns grupos étnicos e raciais, temos também várias outras representações de lutas e resistências a partir dos movimentos sociais, como os dos povos e comunidades tradicionais de ciganos, de pescadores artesanais, quilombolas, MTST (Movimento dos trabalhadores sem-teto e sem-terra) e MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

METODOLOGIA

No presente trabalho a metodologia utilizada é a dedutiva de pesquisa bibliográfica, apesar que no primeiro ano de cultivo do trabalho e estudos, o foco inicialmente foi com as turmas de ensino médio, pelo fato da proposta ter iniciado com essa etapa da educação básica, pois, a pesquisa e os estudos ainda estão em andamento para ser realizada na educação infantil e fundamental anos iniciais e finais.

Segue o cronograma geral:

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

Quadro 1 – Cronograma geral

ETAPAS	DATAS
Planejamentos da área de ciências humanas, marcado especificamente de forma quinzenais, para pensar, debater e planejar as práticas, pesquisas e estudos para o projeto.	07 de fevereiro de 2019 a 12 de março de 2020
Elaboração do projeto de pesquisa e estudos.	04/04/2019
1ª Ação: O índio que mora dentro de mim. (Palestras de convidados, exploração da temática nas aulas, seminários, criação de jogos matemáticos, rodas de conversas, apresentações artísticas culturais e culminância do projeto)	07 a 18 de abril 2019
2ª Ação: A realidade do negro no Brasil: antes e depois da lei áurea. (Palestras de convidados, exploração da temática nas aulas, seminários e culminância do projeto)	03 a 18 maio de 2019
3ª Ação: Arroyo: o teórico da diversidade étnica racial da América latina. (Criação do primeiro grupo de estudo entre professores e discentes.	31 de maio a 30 de junho 2019
4ª Ação: Darcy Ribeiro e o seu legado. (Mais um grupo de estudos entre professores e discentes, no termino, realizações de seminário, apresentando o autor e a obra “O povo brasileiro”)	16 de agosto a 08 de outubro de 2019
5ª Ação: Vidas negras importam. (Exploração a respeito do mês da consciência negra nas salas de aulas, seminários, rodas de conversas, palestras com professores convidados e culminância dos trabalhos realizados)	31 de outubro a 25 de novembro de 2019
Planejamento de encerramento do ano letivo: análise das ações, estudos e resultados.	17 de dezembro de 2019
Início do ano letivo referente: planejamentos, estudos e propostas.	29 de janeiro 2020 até

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

	10 de fevereiro de 2020
Djamila Ribeiro: empoderamento, luta e resistência. (Grupo de estudo entre professores e alunos)	22 de fevereiro de 2020 a 20 de março 2020
Florestan Fernandes e o legado para a sociologia brasileira.	23 de fevereiro a 18 de março de 2020
Planejamentos, estudos, seminários, debates, lives e participação de eventos entre os professores do projeto, alunos envolvidos nos grupos de estudos e convidados a partir das plataformas digitais, diante o momento passado pelo mundo.	12 de abril até 03 de novembro de 2020

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, observamos que várias são as fontes de estudos para a educação étnica racial que são capazes de ser exploradas na educação básica, de estar presente na prática pedagógica dos professores, que a partir de planejamentos, formações continuadas e estudos, todos os docentes podem proporcionar aos nossos estudantes uma aprendizagem ainda mais qualitativa a respeito das coletividades existentes no Brasil, grupos esses que sabemos que vem conquistando seus espaços, com base na luta direitos e resistência, mas que ainda sofrem muito com os diversos tipos de preconceito e discriminação.

Combater as diversas formas de desigualdades além de conhecer a história e a cultura das etnias e raças presentes no Brasil é algo que essas fontes de informação, nos proporciona, e esses intelectuais entre tantos outros que descrevem a causa da educação étnica racial, podem e devem está presente em nossa sala de aula, nos eventos escolares e extraescolares,

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

favorecendo um ensino a aprendizagem para toda a comunidade ainda mais qualitativo, buscando aperfeiçoar as competências e habilidades exigidas na educação básica, além de formar uma consciência em todos, alunos e professores a respeito das relações étnicas e raciais em nosso país.

Portanto neste caso, observamos as propostas das ações para o combate as mais diversas formas de desigualdades e discriminações nesse espaço privilegiado, que insiste permanecer nos moldes do branqueamento e masculinizar esses espaços. Destacamos a importância desses projetos de pesquisas como um dos inúmeros compromissos que a universidade, enquanto espaço de produção do conhecimento e aprendizagem, possui para com a sociedade seja no contexto acadêmico ou fora dele.

REFERÊNCIAS

AIRES, Rosilene. **Elementos da cultura dos povos quilombolas no Brasil e no Ceará.** Formação continuada em Educação para as Relações Étnico-Raciais. Disponível em: <http://avaced.ced.ce.gov.br/tw/ced/ererm5u3c1.html#>. Acesso em 01.Out.2019.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias** / Miguel G Arroyo. 2. Ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 08 de 20 de Novembro de 2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.** Brasília: MEC/SECADI, 2012.52p.

BUARQUE, de Holanda, Sérgio. **Raízes do Brasil.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1973.

CEARÁ / SEDUC. **Secretaria de Educação Básica.** O Desafio da Educação no Ceará - Subsídios para Elaboração do Plano Estadual de Educação. Fortaleza, 1997-2007.

DARCY, Ribeiro, 1992-1997. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil** / Darcy Ribeiro. São Paulo / Companhia das letras. 1995.

FERNANDES. Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes,** São Paulo, Dominus Editora, 1965, 2 v.; 3ª ed., São Paulo, Ática, 1978, 2 v.; 3ª ed., São Paulo, Globo, em prensa.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

_____. *As classes sociais na América Latina*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 14ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1985.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Global, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

IFADIREÓ, Miguel Melo et al. **Educação Intercultural e suas Ambivalências com o Estranho: Um Estudo Sobre a Representação Social do Negro no Livro Didático**. Id on Line REVISTA MULTIDISCIPLINAR E DE PSICOLOGIA, v. 13, n. 43, p. 1081-1104, 2019.

MEC. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC 2003.

_____. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**. Brasília: Palácio do Planalto, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores - saberes da docência e identidade docente**. Revista da Faculdade de Educação, v.22, nº 02. São Paulo: USP, 1996, p.72-89.

RIBEIRO. Djamla. **O pequeno manual antirracista**. Companhia das letras 2019.

SILVA, Edson. **Ensino e Sociodiversidades indígenas: possibilidades, desafios e impasses a partir da Lei 11.645/2008**. In: Mneme-Revista de Humanidades, v. 15, n. 35, p. 21-37, 2014.

SOUZA, A. L. S. **Ensino Médio**. In: Ministério da Educação. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

THIESEN, J. S. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino aprendizagem**. In: Revista Brasileira de Educação. Volume 3. Número 39. set./dez. 2008.

VIANA, Larissa. **Democracia racial e cultura popular: debates em torno da pluralidade cultural**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (org.). Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil*

URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

**TEREZA DE BENGUELA: UMA LIDERANÇA FEMININA NEGRA
NA LUTA CONTRA A ESCRAVIDÃO**

Ana Karoline de Sousa Pereira Lima³⁸⁸
Leandro Fernandes Silva Clementino³⁸⁹

RESUMO

Considerando a pouca visibilidade que as mulheres quilombolas têm no estudo da história nacional, o presente trabalho busca fazer um reparo histórico a esse grupo, por meio da análise do papel de luta contra a escravidão exercido por Tereza de Benguela, líder por cerca de 20 anos do Quilombo de Quariterê, no Mato Grosso, no século XVIII. O estudo foi feito por meio de uma revisão bibliográfica e permitiu entender como a liderança feminina negra na luta contra a escravidão serve para empoderar as mulheres negras de hoje a ocuparem espaços de liderança.

Palavras-chave: Tereza de Benguela; Quilombo; Liderança Negra.

INTRODUÇÃO

Os Quilombos são pouco estudados. Mulheres quilombolas menos ainda. É pouca a visibilidade que lhes é dada na construção nacional, desde as escolas às universidades. Dessa observação, questiona-se como as mulheres quilombolas são negligenciadas e como foram invisibilizadas pela História. O resumo procura realizar um reparo histórico a esse grupo, que

388 Acadêmica de Direito da URCA e membro do GEDHUF – Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos Fundamentais. Bolsista do projeto de pesquisa "Análise das normas que regularizavam a escravização de pessoas negras no Brasil, nos períodos colonial e imperial", financiado pelo PIBIC/FUNCAP. karoldesouza2008@gmail.com. Orientador: Cristóvão Teixeira. Professor de Direito da URCA. Mestre em Ciências Jurídicas pela UFPB. Membro do GEDHUF. cristovao.teixeira@urca.br

389 Acadêmico de Direito da URCA e membro do GEDHUF – Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos Fundamentais. leandro_icsa@hotmail.com

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

foi extremamente violado e ocultado da identidade brasileira. Assume, também, a tarefa de analisar a construção das relações sociais no Brasil, quando suscita o debate acerca da temática quilombola por meio de Tereza de Benguela, a rainha do Quilombo de Quariterê. Busca, além disso, entender como uma liderança feminina negra do século XVIII pode servir de representatividade para as mulheres negras de hoje.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado a partir de uma abordagem dedutiva, pois parte de uma afirmação geral sobre a invisibilidade e a representatividade da mulher negra brasileira, e busca, na revisão bibliográfica, contando com o suporte de plataformas digitais, como Google Acadêmico e Scielo, informações sobre Tereza de Benguela, a rainha do quilombo de Quariterê, para verificar se há correspondência com a firmação inicial. A pesquisa é qualitativa, tendo em vista que objetiva a análise de fatos sociais, entendendo as suas conexões com o contexto histórico, político, jurídico e geográfico.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Não há um consenso, pelos estudiosos, quanto ao lugar de origem de Tereza de Benguela. Alguns apontam que ela seja africana, outros, brasileira. O que se sabe, ao certo, é que Tereza, após a morte de seu companheiro, José Piolho, o qual era líder do Quilombo de Quariterê, localizado no Mato Grosso, assumiu a liderança desse ponto de resistência à escravidão e ficou sobre o seu comando por aproximadamente 20 anos, de 1750 a 1770 (FABRINI, 2018). A rainha, como era chamada pelos quilombolas, instaurou uma espécie de parlamento, com a convocação de reuniões diárias para resolver assuntos relacionados à economia e à administração. Mesmo com toda essa singularidade e modernidade de governo e

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

*Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS*

de liderança em pleno século XVIII, Tereza foi e ainda é invisibilizada pela história (MOURA, 2004). Esse silenciamento histórico é fruto de uma academia tradicional, que funciona como um instrumento de perpetuação do domínio colonial branco sobre o negro, estando a serviço da elite branca e do que ela narra (CAMPELLO, 2018).

Ademais, as mulheres quilombolas são, costumeiramente, retratadas como coadjuvantes nos movimentos libertários, como personagens de importância secundária ou ínfima. Isso pode ser corroborado com as pesquisas sobre a temática quilombola, por exemplo, as quais endossam esse falso imaginário, tratando os homens como os verdadeiros líderes e os únicos merecedores de reconhecimento (MOURA, 2004). Trazer a força e o exemplo de Tereza para os dias atuais é caminho importante para o empoderamento das meninas negras. Por meio da análise de histórias como a desta liderança aqui retratada e da sua propagação, nas escolas públicas, nas academias e na comunidade, faz-se uma mobilização que vai de encontro ao “apagamento simbólico” que a História tradicional realiza, pois acende a representatividade capaz de impulsionar as mulheres negras a ocuparem espaços de poder e de tomada de decisões (FABRINI, 2018).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Diante do exposto, é possível visualizar que a história tradicional não faz um estudo adequado dos acontecimentos que envolvem a mulher negra, o que gera um desconhecimento sobre o papel dessas como sujeitos históricos ativos. Ademais, o estudo sobre Tereza de Benguela mostra que é possível encontrar atividades de liderança feminina negra já no Brasil Colônia, com práticas que só vieram a ser adotadas pelo Estado, ainda por nascer, anos depois. O conhecimento desses feitos pode servir de exemplo para as mulheres negras em posição de liderança, estimulando-as a ocuparem os espaços de tomada de decisões, representando, sobretudo, os interesses da mulher negra em situação de vulnerabilidade social.

XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra
*Contra a pandemia do racismo e pelo bem viver:
redes de lutas antirracistas no século XXI*
ISBN: 978-65-88329-15-3

Evento Virtual
De 21 de set. a 02 de out. de 2020
Cariri – Ceará – Brasil
URCA – UFCA – IFCE – GRUNEC – ALDEIAS

REFERÊNCIAS

CAMPELLO, André Barreto. **Manual Jurídico da Escravidão: Império do Brasil**. 1.^aed. Jundiaí: Paco, 2018.

FABRINI, P. A Marginalização das Mulheres Negras na História. In: Anais do X COPENE, 2018, Uberlândia. (Re)existência intelectual negra e ancestral, 2018. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1528322169_ARQUIVO_Marginalizacaodamulhernegranahistoria-PollyCOPENE.pdf. Acesso em: 12 out de 2020.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.